UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

DANILO COSTA NUNES ANDRADE LEITE

Cleantes de Assos, uma introdução
com tradução e notas

. Versão corrigida

São Paulo

2020

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

DANILO COSTA NUNES ANDRADE LEITE

**Cleantes de Assos, uma introdução
com tradução e notas**

Versão corrigida

Tese apresentada junto ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de doutor.

Área de concentração: Letras Clássicas

Orientador: Prof. Dr. Daniel Rossi Nunes Lopes

São Paulo

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

L533c Leite, Danilo Costa Nunes Andrade
 Cleantes de Assos, uma introdução com tradução e notas/
 Danilo C. N. A. Leite; orientador Daniel R. N. Lopes. – São Paulo, 2020
 333 f.

 Tese (Doutorado em Letras Clássicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras
Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Letras Clássicas.
Versão original

 1. Filosofia antiga. 2. Filosofia grega. 3. Estoicismo. 4. Estoicismo
antigo. Literatura clássica. I. Lopes, Daniel R. N., orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)**

Nome do (a) aluno (a): Danilo Costa Nunes Andrade Leite

Data da defesa: 23/04/2020

Nome do Prof. (a) orientador (a): Dr. Daniel Rossi Nunes Lopes

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 11/11/2020

(Assinatura do (a) orientador (a))

LEITE, D. C. N. A Cleantes de Assos, uma introdução com tradução e notas. Fevereiro de 2020, 333 p.Tese (Doutorado em Letras Clássicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento _____

Para Ernesto, Carolina, Elisete e Airton,
elementa quattuor mea.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à Capes e a Daniel Lopes, meu orientador. Sem a primeira esta pesquisa não teria sido executada. Sem uma orientação que acreditasse neste trabalho, insuflasse fôlego intelectual, rigor, tampouco haveria tese.

Agradeço ao grupo de estudos de filosofia antiga da FFLCH-USP, a todos os seus integrantes de hoje, de amanhã, de ontem e de dez anos atrás, quando comecei minha jornada de interessado em filosofia antiga. Sem tal grupo, promovido com um pensamento previdente, como algo de médio e longo prazos, tampouco dava este fruto. Sem ele os problemas, métodos recursos e o acervo de pensamento helênico e latino não existiriam para mim de maneira bem dimensionada. Agradeço a Marco Zingano, seu coordenador e meu orientador de mestrado, pesquisador inconsútil. Agradeço a todos os convidados que vi ali exporem, e foram muitos, e a Roberto Bolzani, helenista e filósofo excelente sempre, com quem pude contar em minhas bancas de mestrado.

Agradeço nominalmente aos integrantes da banca de qualificação desta tese: Sidney Calheiros de Lima e Paulo Ferreira. A meus professores de grego antigo e latim, Márcio Chaves e Marcelo Fernandes. A meus primeiros professores de grego antigo, Guilherme Algodoal e Júlio Rego, professor da UFBA e amigo. A meus primeiros alunos de grego antigo, na Universidade Federal do Sul da Bahia.

A Helena Maronna, a Flávia Vasconcelos, a Ticiano Lacerda, a Luiz Bruder, a Dionathan, a Daniel Vasquez, a L. Carolina Sanchez, a Fernando Gazoni, *bathytonos*. A meu supervisor de estágio PAES e exemplo de pesquisador, Marcos Pagoto-Euzébio. A Bruno Conte, filósofo agudo e amigo preciso. A Marihá Barbosa e Castro e Fabio Cairolli pelo(s) Pérsio(s).

Agradeço aos grupos de estudos organizados pelo Centro Areté, a seus gestores, a seus integrantes e nomeadamente a Vicente de Arruda Sampaio, helenista e filósofo rigoroso, exemplo de método e de intelectual, a Stylianos Tsirakis, que ajudou a reorganizar o campo de estudos de clássicas e de filosofia antiga no território paulistano e regional, com o Centro e a Editora Odysseus.

Agradeço à Rede de Macrouniversidades da América Latina, que conta com excelente bolsa de estudos, me permitindo permanecer exatos 100 dias no México, na Universidad Nacional Autónoma de México, junto a Ricardo Salles, referência principal

nestes estudos ainda iniciais sobre estoicismo antigo aqui apresentados. Salles supervisionou ali meu trabalho e fez o que pôde para ampará-lo, com orientações, comentários e direcionamento. Agradeço a todos os integrantes do grupo de estudos do IIF-UNAM, especialmente ao professor José Molina, que também fez comentários incorporados a este texto. ¡Viva México!

A Augusto di Benedetto, *a friend in need is(t) ein Freund in der Tat*, paradigmático. À Biblioteca Nacional de Nápoles, por guardar tão importante acervo e que me atendeu no pedido de cópia fotográfica do manuscrito Farnesino. Agradeço a amigos em outros continentes: Angel, Marie, Nam-Hee Kim, Guro, Javier.

Aos funcionários do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, especialmente. A Alex G. Long pela interlocução, a James Warren e Raphael Woolf pela generosidade; infelizmente o inverno em Albion não tem a melhor fama entre mães de recém-nascidos

Aos funcionários, professores e colegas do Programa de Pós-Graduação de Letras Clássicas, nomeadamente a Adriano Scatolin, José Lohner, Pablo Schwarcz, Daniel Kölligan, Marcos Macedo, Patrícia Schlichter, *teacher*, e aos membros da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, especialmente a Jacyntho Lins Brandão.

Ao grupo de Jampa, dos *Parva Naturalia*, Gabriel Geller Xavier, Tomás Troster, Constança Barahona, pela colaboração e compreensão e pelos ensinamentos semanais.

À Livraria “O Livreiro” em Porto Seguro, onde uma parte desta tese foi redigida.

À Universidade de São Paulo, *alma mater*.

A Carol e Ernesto Piatã, por todo o amor e paciência.

Na trincheira é mais difícil de ver a primavera.

Se não fosse por vocês dois não achava mais flor nem em roseira, e se não fosse por meu irmão Caio e Maíra e por Layla, Rodrigo, Samuca, Tiago Bessa, Tati e Rodrigo e Maria Luísa e Chiquinho, a meus sogros pela paciência, Sueli e Luiz. Dedico ainda a minhas outras irmãs e meus outros irmãos Carol Mennella e Fábio e o gigante Heitor, Marina, João, Vanessa Ortiz, Christian, Zé André Ribeiro, Márcio, Rodrigo Bastos e Inácio, Ramon, Flor, Teté e Luana, Bruno e Débora e Tiê, Paulo e Fran e Emília e Joãozito. A Daniel novamente, a Bianca e Iago.

A meus pais, Elisete e Airton, por semear.

τῶν καὶ ἐγὼ νῦν εἰμι, φυγὰς θεόθεν καὶ ἀλήτης,
νείκεϊ μαινομένῳ πίσυρος.
Empédocles (DK 115.60-1¹)

¹ “dentre eles também estou agora eu, fugitivo dos deuses e vagarilho,/ fiado na enfuriada Discórdia”

RESUMO

LEITE, D. C. N. A. Cleantes de Assos, uma introdução com tradução e notas. Fevereiro de 2020, 333 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Cleantes de Assos, segundo líder do Pórtico após a morte de seu fundador Zenão de Cítio, continuou a divulgar e desenvolver as teorias estoicas. Ainda que pouco do que produziu em vida tenha restado, sabe-se que se interessou por praticamente todas as disciplinas filosóficas estoicas. O *corpus* cleanteano deve ser utilizado para comprovar tais interesses. Ele é formado por citações diretas, indiretas, poemas, opiniões sobre suas posições, debates e argumentos, relatos resumidos e anedotas sobre sua vida e o alguns textos literários transmitidos integralmente. Os textos do filósofo que mais solicitam a atenção da literatura moderna são em primeiro lugar o “Hino a Zeus, bem como os relativos à origem dos elementos e aos ciclos cósmicos, ao conceito de οἰκείωσις, a teoria sobre o mal humano, seus comentários, correções e paráfrases de outros autores, sua retórica. O objetivo geral desta tese é a apresentação de uma visão abrangente deste filósofo. Para tanto é necessário estudar e rever o *corpus* mencionado, ampliando-o e traduzindo pela primeira vez em língua portuguesa.

Palavras-chave: filosofia helenística; estudos clássicos; estoicismo; Cleantes de Assos; Hino a Zeus

RESUMEN

LEITE, D. C. N. A. Cleantes de Asos, una introducción con traducción y notas. Febrero de 2020, 333 p. Tesis (Doctorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Cleantes de Asos, segundo líder de la Estoá tras la muerte de su fundador Zenón de Citio, ha continuado a divulgar e desarrollar las teorías estoicas. Aún que poco de lo que ha producido en vida permanezca, es posible determinar su interés por casi todas las disciplinas filosóficas estoicas. El *corpus* cleanteano debe ser utilizado para comprobar sus intereses, este se constituye de citas directas, indirectas, poemas, opiniones sobre sus posiciones, debates y razonamientos, reportes sumarios y anedoctas sobre su vida además del “Himno a Zeus”, transmitido integralmente. Sus contribuciones, todavía, que más demandan atención de la literatura académica se relacionan al origen de los elementos y a los ciclos cósmicos, al concepto de οἰκείωσις, a la teoría del origen del mal humano, así como sus comentarios, correcciones y parafrásis de otros autores y a la retórica. El reto de esta tesis es la presentación de una visión amplia de su pensamiento. Para tanto es necesario estudiar y revisar el *corpus* mencionado, traduciendo por primera vez al portugués.

Palabras clave: filosofía helenística; estudios clásicos; estoicismo; Cleantes de Asos; Himno a Zeus

ABSTRACT

LEITE, D. C. N. A. Cleanthes of Assos, an introduction with translation and notes. February 2020, 333 p. Thesis (Ph.D.) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Cleanthes of Assos, Stoa's second scholar after its founder death, kept developing and divulging the Zeno's theories. Although actual textual evidences of his intellectual activities are meager, he studied every Stoic discipline. And Cleanthean *corpus* provide with proof thereof. It is composed of direct, indirect citations, poems, his opinions, arguments, rationales, epitomized accounts and anecdotes about him and the "Hymn to Zeus", only Ancient Stoic text handed down in its entirety. Some of his contributions deserve more attention from modern scholarship, such as the cosmogony of elements and cosmic cycles, the concept of οἰκείωσις, the theodicy embedded in his "Hymn", his comments, corrections and paraphrasing of earlier authors, his rhetoric. The main aim of this Thesis is to exhibit a wide view of his thought. In order to do so it is necessary to assess the *corpus* aforementioned, translating it for the first time to the Portuguese.

Keywords: Hellenistic Philosophy; Classical Studies; Stoicism; Cleanthes of Assos; Hymn to Zeus

LISTA DE ABREVIACÕES, SIGLAS E ABREVIATURAS²

Obras e coletâneas modernas

Allen-Greenough	J. H. Allen; J. B. Greenough. <i>New Latin Grammar for Schools and Colleges</i> (College Classical Series). 1939 (1888).
Beekes	R. S. P. Beekes. <i>Etymological Dictionary of Greek</i> . 2 vols. 2010.
BS	M. D. Boeri; R. Salles (eds.). <i>Los filósofos estoicos: ontología, lógica, física y ética</i> . 2014.
CAH	F. W. Walbank et al. (eds.) <i>The Cambridge Ancient History</i> . 2.ed. 14 vols. 1970-2005.
Chantraine	P. Chantraine. <i>Dictionnaire étymologique de la langue grecque: histoire des mots</i> . 4 vols. 1968-1980.
CHCL	P. E. Easterling; B. M. Knox (eds.) <i>The Cambridge History of Classical Literature, Greek Literature</i> . 2 vols. 1985
CHHP	Keimpe Algra et al. (eds.) <i>The Cambridge History of Hellenistic Philosophy</i> . 1999.
DDG	H. Diels. <i>Doxographi Graeci</i> . 1879
Denniston	J. D. Denniston. <i>The Greek Particles</i> . 2.ed. 1954
DK	H. Diels.; W. Kranz (eds.). <i>Die Fragmente der Vorsokratiker</i> . 3 vols. 1903 (reimp. 1912).
FDS	K. Hülser (ed.). <i>Die Fragmente zur Dialektik der Stoiker</i> . 4 vols. 1987-1988.
Festa	N. Festa. (ed.) <i>I frammenti degli stoici antichi</i> . 2 vols. Bari: Laterza, 1932-1935.
Guthrie	W. K. C. Guthrie. <i>History of Greek Philosophy</i> . 6 vols. 1962–81.
KR	G. S. Kirk; J. E. Raven. (eds) <i>Os filósofos pré-socráticos</i> . Tradução de C.A.L. Fonseca et al. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.
Lewis-Short	C. T. Lewis; C. Short. <i>A Latin Dictionary</i> . Oxford: OUP, 1879.
LS	A. A. Long; D. N. Sedley (eds.) <i>The Hellenistic philosophers</i> . 2 vols. 1987.
LSJ	H. G. Liddell; R. Scott. <i>A Greek-English Lexicon</i> . Revised and augmented throughout by Sir Henry Stuart Jones with assistance of Roderick McKenzie. 1940.
OLD	P. G. W. Glare (ed.) <i>Oxford Latin Dictionary</i> . 2.ed. 2012.
Pearson	A. C. Pearson (ed.). <i>The fragments of Zeno and Cleanthes: with introduction and explanatory notes</i> . 1891.
Smyth	H. W. Smyth. <i>Greek Grammar</i> . 1956 (1920).
SSR	G. Giannantoni (ed.) <i>Socratis et Socraticorum Reliquiae</i> . 4 vols. 1990.
Straaten	M. van Straaten. <i>Panaetii Rhodii fragmenta</i> . 1952.

² Todas as abreviações de nomes de autores e obras antigas estão de acordo com OLD e LSJ; em relação a obras modernas e periódicos, usaram-se as abreviaturas sugeridas pelo *Année Philologique*. **Pequenas variações e propostas nossas** para as abreviações, **são marcadas com um asterisco**. Obras não citadas aqui não são abreviadas.

SVF	H. F. A. von Arnim. (ed.) <i>Stoicorum Veterum Fragmenta</i> . 4.vols 1905-1924.
Thom	J. C. Thom. <i>Cleanthes' Hymn to Zeus</i> . 2005.
Verbeke	G. Verbeke. <i>Kleanthes van Assos</i> . 1949.
Watanabe	A. T. Watanabe. <i>Cleanthes, fragments: Text and Commentary</i> . 1988.

Autores antigos e obras citadas na tese

Ach.Tat.	<i>Achilles Tatius</i> (Aquiles Tátio)
Intr. Arat.*	<i>Introductio in Aratum; Commentariorum in Aratum reliquiae</i>
Ael.	<i>Claudius Aelianus</i> (Cláudio Eliano)
NA	<i>De natura animalium</i>
Aët.	<i>Aëtius Doxographus</i> (Aécio doxógrafo)
Plac. (=DDG)	<i>Placita philosophorum</i> (= <i>Doxographi Graeci</i> , ed. Diels)
Alex.Aphr.	<i>Alexander Aphrodisiensis</i> (Alexandre de Afrodísia)
in Mete.	<i>in Aristotelis Meteorologicorum libros commentaria</i>
Anon.	<i>Anonymus</i> vel <i>Anonymi</i> (Anônimo ou Anônimos)
Certamen	<i>Certamen Homeri et Hesiodi</i> (in: <i>Homeri opera</i> , vol.5. ed. T. W. Allen)
Apollon.	<i>Apollonius Sophista</i> (Apolônio sofista)
Lex.	<i>Lexicon Homericum</i>
Arat.	<i>Aratus</i> (Arato). <i>Phaenomena</i>
Arist.	<i>Aristoteles</i> (Aristóteles)
APo.	<i>Analytica posteriora</i>
APr.	<i>Analytica priora</i>
EE	<i>Ethica eudemia</i>
EN	<i>Ethica nicomachea</i>
Met.	<i>Metaphysica</i>
Phys.	<i>Physica</i>
Po.	<i>Poetica</i>
Pol.	<i>Politica</i>
Rhet.*	<i>Rhetorica</i>
Ar.Did.*	<i>Arius Didymus</i> (Ário Dídimos)
De phil.sec.	<i>Liber de philosophorum sectis (epitome apud Stobaeum)</i>
Phys.fr.*	<i>Physica (fragmenta)</i>
Athen.*	<i>Atheneus Naucratis</i> (Ateneu de Naucratis)
Deipn.*	<i>Deipnosophistae</i>
August.	<i>Augustinus</i> (Santo Agostinho)
CD*	<i>De civitate dei</i>
Chalcid.	<i>Chalcidius</i> (Calcídio)
In Tim.	<i>In Platonis Timaeum commentario</i>

Cens.	<i>Censorinus</i> (Censorino)
DN	<i>De die natali</i>
Ps.-Cens.*	(Pseudo-Censorino)
Epit.disc.*	<i>Epitoma disciplinarum</i>
Cic.	<i>Marcus Tullius Cicero</i> (Marco Túlio Cícero)
Acad.pr.	<i>Academica priora</i>
De of.	<i>De officiis</i>
De or.	<i>De oratore</i>
Div.	<i>De divinatione</i>
Fat.	<i>De fato</i>
Fin.	<i>De finibus</i>
Luc.	<i>Lucullus vel Academica posteriora</i>
ND	<i>De natura deorum</i>
Orat.	<i>Orator</i>
PS	<i>Paradoxa stoicorum</i>
Tusc.	<i>Tusculanae disputationes</i>
Clem.Al.	<i>Clemens Alexandrinus</i> (Clemente de Alexandria)
Protr.	<i>Protrepticus</i>
Strom.	<i>Stromateis</i> (Miscelânea)
Corn.	<i>Cornutus</i> (Cornuto)
TGC	<i>Theologiae Graecae Compendium</i>
Dio	<i>Dio Chrysostomos</i> (Díon Crisóstomo)
Or.	<i>Orationes</i>
DL	<i>Diogenes Laertius</i> (Diógenes Laércio). <i>Vitae philosophorum</i>
Epict.	<i>Epicteti</i>
Diss.*	<i>Dissertationes</i>
Ench.	<i>Encheiridion</i>
Epiph.	<i>Epiphanius</i> (Epifânio)
Adv.haeres.	<i>Adversus haereses</i>
Eus.	<i>Eusebius Caesariensis</i> (Eusébio de Cesareia)
PE	<i>Praeparatio evangelica</i>
Eustat.*	<i>Eustathius Thessalonicensis</i> (Eustátio)
Com.Hom.II.*	<i>Commentarii ad Homeri Iliadem</i>
Gal.	<i>Claudius Galenus</i> (Cláudio Galeno)
PHP	<i>De placitis Hippocratis et Platonis</i>
Qual.incor.*	<i>Quod qualitates incorporea sint</i>
Adv.Jul.*	<i>Adversus ea quae a Juliano in Hippocratis aphorismos enuntiata sunt libellus</i>
Ps.-Gal.	(Pseudo-Galeno)
HP (=DDG)	<i>De Historia Philosophica</i> (=DDG)
DM	<i>Definitiones medicae</i>
Gem.*	<i>Geminus Rhodius</i> (Gemino)
Elem.astr.*	<i>Elementa astronomiae</i>
Harp.*	<i>Harpocratius</i> (Harpocrátio)

Lex.*	<i>Lexicon in decem oratores</i>
Herm.*	Hermias Philosophus (Hermias o filósofo)
Hieroc.	<i>Hierocles</i> (Hiérocles)
Elem.eth.	<i>Elementa ethica</i>
Lactant.	<i>Lactantius</i> (Lactâncio)
Div.inst.	<i>Divinae institutiones</i>
Luc.	<i>Lucretius</i> (Lucrecio)
RN	<i>De rerum natura</i>
Luci.*	<i>Lucianus</i> (Luciano)
Symp.	<i>Symposium</i>
Fug.	<i>Fugitivi</i>
Ps.-Luci.*	(Pseudo-Luciano)
Macrobi.	<i>Macrobi</i>
Macrobi.	<i>Macrobius</i> (Macróbio)
Sat.	<i>Saturnalia</i>
MPsel.*	<i>Michael Psellus</i> (Miguel Pselo)
OD*	<i>De omnifaria doctrina</i>
Min.Fel.	<i>Minutius Felix</i> (Minúcio Félix)
Oct.	<i>Octavius</i>
Nem.	<i>Nemesius</i> (Nemésio)
NH*	<i>De natura hominis</i>
Non.	<i>Nonnus</i> (Nono)
Ps.-Non.	(Pseudo-Nono)
Or.	<i>Orationes</i>
OH	<i>Orphici hymni</i> (Hinos órficos)
Olymp.	<i>Olympiodorus</i> (Olimpiodoro)
In Pl. Gorg.	<i>Commentaria in Platonis Gorgiam</i>
Ph.	<i>Philo Iudaeus</i> (Fílon de Alexandria)
Aet.*	<i>De aeternitate mundi</i>
Prov.*	<i>De providentia</i>
RDH*	<i>Quis rerum divinarum heres sit</i>
DI*	<i>Quod deus sit immutabilis</i>
Phld.	<i>Philodemus Gadarensis</i> (Filodemo de Gádara)
Mus.	<i>De musica</i>
Piet.	<i>De pietate</i>
Phil.hist.	<i>Philosophorum historia</i>
Rhet.	<i>De rhetorica</i>
Stoic.hist.	<i>Stoicorum historia</i>
Phot.	<i>Photius</i> (Fótio)
Lex.	<i>Lexicon</i>
Pl.	<i>Plato</i> (Platão)
Crat.	<i>Cratylus</i>
Leg.	<i>Leges</i>
Phdr.	<i>Phaedrus</i> (Fedro)

	Prot.	<i>Protagoras</i>
	Resp.	<i>Respublica</i>
	Theaet.	<i>Theaetetus</i>
	Tim.	<i>Timaeus</i>
Plu.		<i>Plutarchus</i> (Plutarco)
	Alc.	<i>Alcebiades</i>
	CN*	<i>De communibus notitiis adversus stoicos</i>
	De fac.	<i>De facie in orbe lunae</i>
	De Is. et Os.	<i>De Iside et Osiride</i>
	De Pyth. or.	<i>De Pythiae oraculis</i>
	De rect.rat.	<i>De recta ratione audiendi</i>
	De soll. an.	<i>De sollertia animalium</i>
	SR*	<i>De stoicorum repugnantibus</i>
	De vit. aer.	<i>De vitando aere alieno</i>
	Poet.aud.*	<i>Quomodo adolescens poetas audire debeat</i>
	Adul.*	<i>Quomodo adulator ab amico internoscatur</i>
	De exil.	<i>De exilio</i>
Ps.-Plut.		(Pseudo-Plutarco)
	De fluv.	<i>De fluviorum nominibus</i>
	Plac. (=DDG)	<i>Placita philosophorum</i> (= <i>Doxographi Graeci</i> , ed. Diels)
Porph		<i>Porphyrius</i> (Porfírio)
	VP*	<i>Vita Pythagorae</i>
Prob.		<i>Probus</i> (Probo)
	Vergil.Buc.	<i>Commentaria ad Vergili Bucolica</i>
Quint.		<i>Quintilianus</i> (Quintiliano)
	Inst.	<i>Institutio oratoria</i>
SE		<i>Sextus Empiricus</i> (Sexto Empírico)
	AM*	<i>Adversus mathematicos</i>
	PH*	<i>Pirrhoniae hypotyposes</i>
Sen.		<i>Seneca Iunior</i> (Sêneca)
	Ben.	<i>De beneficiis</i>
	Ep.	<i>Epistulae morales ad Lucilium</i>
	Tranq.	<i>De tranquillitate animi</i>
Stob.		<i>Joannes Stobaeus</i> (Estobeu)
	Ecl.	<i>Eclogae</i>
Strab.*		<i>Strabo</i> (Estrabão)
	Geo.	<i>Geographica</i>
Suid.		<i>Suidas Lexicographus</i> (Sudas). <i>Lexicon</i>
Syr.		<i>Syrianus</i> (Siriano)
	In Arist.Met.	<i>Commentaria in Aristotelis Metaphysica</i>
Them.		<i>Themistius</i> (Temístio)
	Or.	<i>Orationes</i>
Theod.		<i>Theodoretus</i> (Teodoreto)
	GAC*	<i>Graecarum affectionum curatio</i>
Theoph.		<i>Theophilus</i> (Teófilo)
	Ad Aut.	<i>Ad Autolycum</i>

Tert.		<i>Tertulianus</i> (Tertuliano)
	Apol.	<i>Apologeticus pro Christianis</i>
	DA	<i>De anima</i>
V.Max.		<i>Valerius Maximus</i> (Valério Máximo). <i>Facta et dicta memorabilia</i>
Varro		<i>M. Terentius Varro</i> (M. Terêncio Varrão)
	LL	<i>De lingua latina</i>

Outras notações relevantes

a.E.c.	antes da Era comum (= a.C.)
ale.	alemão
E.c.	Era comum (= d.C.)
esp.	espanhol/especialmente
fra.	francês
gre.	grego antigo
ing.	inglês
lat.	latim
lit.	literalmente
Ref.	Referência
sp.	<i>spuria</i> (texto espúrio)
transl.	transliterado

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
I. Uma nova visão de Cleantes nos estudos estoicos: premissas (α) (β) (γ)	5
II. Cleantes, uma introdução	11
III. Fragmento como problema metodológico e filosófico e exposição sobre a divisão dos fragmentos	22
<i>Adendo 1 à introdução: modelo de fragmento, aparato e comentário</i>	35
<i>Adendo 2 à introdução: fragmentos a serem incluídos na organização do texto</i>	37
CLEANTHIS FRAGMENTA.....	40
I.a. Vida, ditos, episódios e epigramas	41
<i>Anexo a 'I.a. Vida, ditos, episódios e epigramas'</i>	56
I.b. <i>Curriculum</i> filosófico e lista de obras.....	87
<i>Anexo a 'I.b. Curriculum filosófico e lista de obras'</i>	90
II. Dialética, φαντασία.....	96
<i>Anexo a 'II. Dialética, φαντασία'</i>	106
III. Retórica	114
IV. Ética	124
<i>Anexo a 'IV. Ética'</i>	146
V. Política e outros	153
VI. Física.....	158
<i>Anexo a 'VI. Física'</i>	189
VII. Teologia.....	195
<i>Anexo a 'VII. Teologia'</i>	218
VIII. Fragmentos espúrios.....	230
CONCLUSÃO	234
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	235
I. Edições de obras de autores antigos.....	235
II. Traduções e monografias sobre autores antigos.....	255
III. Bibliografia secundária	259
IV. Obras de referência e varia.....	269
APÊNDICES À TESE	274
I. Glossários.....	275

V. Correspondências: páginas e fragmentos de Cleantes em coletâneas modernas	294
ANEXO À TESE	311
I. Manuscrito Farnesino III D 15 recto et verso, <i>Hino a Zeus</i> (SVF 1.537).....	312

INTRODUÇÃO³

En somme, Cléanthe paraît avoir été un assez médiocre théoricien, mais un homme de méditation morale active, et cela s'accorde bien avec l'effusion religieuse qui transparaît dans l'Hymne à Zeus et dont M[onsieur] V[erbeke] souligne avec raison le caractère préchrétien⁴.

O julgamento de Croissant sobre Cleantes, emitido em 1951, parece resumir 3 preconceitos longevos a respeito do pensamento do filósofo de Assos de maneira lapidar. Segundo tal visão, como filósofo especulativo, é um autor menor, medíocre; sua atividade se volta, sobretudo, para preocupações de ordem moral; sua atitude e sua produção mostram sua religiosidade e, especialmente, sua efusividade religiosa⁵. É interessante notar que as primeiras duas afirmações *mutatis mutandis* foram por muito tempo aplicadas à filosofia do período helenístico como um todo⁶.

É possível aprimorar o juízo a respeito das duas primeiras afirmações, graças a mudanças promovidas pelo debate acadêmico contemporâneo. É recomendável, por outro lado, abandonar o terceiro juízo, se ele arriscar comprometer a interpretação dos escritos teológicos de Cleantes, ao inserir um elemento sem crítica e que implica indiretamente os dois primeiros⁷.

Muitos estudos se voltam ao estoicismo especificamente nos últimos anos⁸ e mostram a seriedade dos problemas especulativos enfrentados. Em relação ao engajamento ativo da filosofia no modo de vida e especialmente em questões morais, outros estudiosos mostram quão frutíferas podem ser tais investigações⁹. Não é mais

³ Sempre se indica o local preciso do texto original, conforme as edições do TLG basicamente, com a referência exata a todas as coletâneas já feitas de textos estoicos, cada uma com seu sistema de numeração reproduzido. Em vez de criar um novo sistema de classificação e numeração dos textos, esta tese sempre realça a passagem original e subsidiariamente busca tornar compatíveis todos os sistemas de referência. As abreviaturas utilizadas estão indicadas acima. CRIAR UMA NUMERAÇÃO PRÓPRIA?

⁴ Croissant, 1951, p.530.

⁵ Ainda é possível encontrar juízos pouco favoráveis ao filósofo do poço: “Dio refrains from explicitly naming Cleanthes, since his name might appear as an anticlimax after the ponderous introduction of τῶν πάντων φιλοσόφων τις.” (Georgantzoglou, 2003, p. 728).

⁶ Julgar de maneira tão categórica um conjunto de textos feito de pedaços de citações basicamente, depõe contra a cautela recomendada pela própria autora em sua resenha. Um exercício de prudência seria o de imaginar o *corpus* platônico ou ciceroniano reduzido a um estado semelhante, contendo menções indiretas e pequenas citações, reproduzindo passagens do “Fédon” e do “Timeu”, num caso, ou partes da tradução dos “Fenômenos” de Arato e das “Catilinárias”, no outro.

⁷ Em certo sentido, para os que se atem aos 3 preconceitos apontados, a alegada religiosidade de Cleantes exprime sua mediocridade teórica e sua concentração em temas morais.

⁸ Três grandes coletâneas de textos com comentários nos últimos 30 anos, LS (2 vols., 1987), FDS (4 vols., 1987-88), BS (2012) e um compêndio (CHHP, 1999), editado por Keimpe Algra (et al.). Todos os temas estão em revisão recente, da lógica à teologia, esp. cosmologia, destino, liberdade e compatibilismo (Bobzien, 1998, 2000; Salles, 2009; Espíndola, 2016; Ferreira, 2016).

⁹ Por exemplo, Pierre Hadot, 1981, 1992, 1995ab, 1998, 2001.

correto lamentar a falta de textos para debater ou dizer que nada se sabe a respeito da escola ou do próprio Cleantes e de seu pensamento. O debate sobre as escolas de pensamento nesse período se revela importante para avaliar o desenvolvimento da investigação filosófica e científica na Hélade e região até os períodos seguintes. Paralelamente, a unidade mínima para o estudo dos filósofos, das teses e argumentos helenísticos, os *fragmenta* e os *testimonia*, vem sendo refundada e rediscutida. A própria noção de fragmento ou testemunho filosófico, central nos estudos clássicos dos séculos anteriores, não é mais considerada algo autoevidente para o estudo da filosofia helenística.

O que redundará em um retorno às fontes, com a inclusão dos contextos de discussão e com o interesse renovado pelo pensamento antigo, mediterrâneo, helênico, helenístico, semítico, romano, imperial, religioso como um todo. São novos parâmetros para os estudos na área.

Cleantes especificamente conta com dois estudos monográficos diferentes e exaustivos no século passado, de Verbeke (1949) e de Watanabe (1988). Por outro lado, suas principais teses, argumentos e textos recebem tratamento próprio, seu “Hino a Zeus” se torna um texto estoico canônico para o comentário sobre teologia e teodiceia¹⁰, com obra monográfica dedicada a seu comentário filosófico e literário (THOM, 2005). Sua pequena prece a Zeus e ao Destino (SVF 1.527ab) também tem recebido atenção em estudos específicos¹¹. Seus argumentos sobre a prova da racionalidade divina e do propósito da providência são abordados por Meijer (2007). Suas contribuições para a teoria da conflagração e gênese dos elementos, sua maneira de absorver a religião tradicional e o pensamento herdado, e de se apropriar deles (*συνουκεῖν*¹²), estão em constante apreciação¹³.

As seguintes famílias de textos correspondem a pontos destacados do *corpus*, sua leitura não respeita necessariamente os limites entre as partes da filosofia:

- (1) Hino a Zeus como síntese de teologia, ética e retórica filosóficas¹⁴ (SVF 1.482, 486-487, 537-539);
- (2) o contato, independente de Zenão, entre Cleantes e o cinismo¹⁵;

¹⁰ Por exemplo, Zuntz, 1958; Dragona-Monachou, 1971; Meijer, 1983, 1986, 2007 (Appendix I); Thom, 1996, 1998, 2001ab, 2005; Asmis, 2007; Bremer, 2006-2007.

¹¹ Marcovich, 1959; Dalfen, 1971; Setaioli, 1979, 1991, 2002; Bobzien, 1998, p. 347 ss.

¹² Phld. Piet. 13.16-26 (= DDG 547b.15-25; Pearson C 54; SVF 1.539).

¹³ Goulet-Cazé, 2001, p. 163-172.

¹⁴ Adicione-se: Ad SVF Cl.vit.40, 49-50.

¹⁵ SVF 1.463a, Ad SVF Cl.vit.11, 15, 17, 20, 37.

- (3) a teoria do tónus inerente ao universo e à alma, aplicada à física e à definição da virtude (SVF 1.514, 525, 539, 563);
- (4) uma versão da teoria articulada sobre o funcionamento do universo estoico, abrangendo os ciclos entre conflagração e reordenação, sua manutenção e desenvolvimento pelo calor vital, e seu governo por uma parte governante;
- (5) um testemunho sobre a discussão do conceito de familiarização (οἰκείωσις) predatando a Crisipo;

Watanabe, em sua tese de doutoramento¹⁶, com um conjunto muito semelhante de fragmentos, sumariza as doutrinas originais de Cleantes. Sua lista é diferente, pois menciona as teses originais ou atestadas pela primeira vez associadas ao seu nome¹⁷:

- (W1) uma interpretação literal da definição zenoniana de φαντασία¹⁸, “τύπωσις ἐν ψυχῇ”¹⁹;
- (W2) uma posição conflitante com Crisipo sobre uma questão relativa à οἰκείωσις²⁰ (*conciliatio*);
- (W3) uma tese de que não é verdadeiro que toda verdade de uma proposição passada é necessária (οὐ πᾶν δὲ παρεληλυθὸς ἀληθὲς ἀναγκαῖόν ἐστι)²¹;
- (W4) a afirmação de que o discurso poético é superior ao discurso em prosa para exprimir a teoria das coisas divinas²²;
- (W5) uma primeira ocorrência do termo λεκτόν no *corpus* de textos do estoicismo antigo²³;
- (W6) definições para a noção de arte e de retórica²⁴;

¹⁶ Sob orientação de Miroslav Marcovich e defendida na University of Illinois at Urbana-Champaign, pretendia ampliar o corpus de fragmentos e testemunhos, atualizando os aparatos críticos conforme edições mais modernas e aprimorando sua coleção com comentários baseados na literatura recente, sem traduções. Cf. abaixo p.31.

¹⁷ Os itens discutidos por Watanabe entre as páginas 3 e 8 da Introdução foram rearranjados julgando-se assim lhes dar maior clareza. A interrelação entre os conceitos de τόπος e a reinterpretação do papel (físico e alegórico) do Sol como ο ἡγεμονικόν do universo de certo modo tornam de difícil distinção os pontos ‘W7.1’ e ‘W11.1’, ou ‘W8’ e ‘W9’.

¹⁸ SE. AM 7.227.1-241.9 (= Pearson Z 7a, C 3a; SVF 1.484a, 2.56a; LS 53F; FDS 259; Watanabe f 3(1); BS 7.10); SE. AM 7.372-374 (= Pearson C 3b; SVF 1.484b, 2.56b; Watanabe f 3(2)); SE. AM 8.400-406 (= Pearson C 3c; SVF 1.484c; Watanabe f 3(3)); SE. PH 2.70-71 (= Pearson C 3d; SVF 1.484d; Watanabe f 3(4)); Ph. RDH 181.1-182.1 (= Pearson C 4c), DI 41.1-44.1 (= Pearson C 4b); Ps.-Plut. Plac. 900b1-4 (= Pearson C 4a).

¹⁹ Watanabe, p. 3.

²⁰ Hieroc. Elem.eth. col.8 (= Watanabe f 4). Cf. p. 74 abaixo.

²¹ Epict. 2.19.1-4 (= Pearson C 8a; SVF 1.489a; Watanabe f 9(1), f 9(2), f 9(3)); Cic. Fat. 12.4-15.8 (= Pearson 8b; SVF 1.489b; LS 38E; FDS 826, 989; Watanabe f 9(4); BS 9.16).

²² Idem. Phld. Mus. 4.col.28.1-22 (= Pearson C 49; SVF 1.486; Watanabe f 5); Sen.Ep. 108.8-10 (= Pearson C 50; SVF 1.487; Watanabe f 6)

²³ Watanabe, p.4. Clem.Al. Strom. 8.9.25.1.1-33.9.7 (= Pearson C 7; SVF 1.488; LS 55C, 55D, 55I; FDS 763, 764; Watanabe f 8; BS 14.11).

- (W7) um conceito de τόπος claramente central pela primeira vez no âmbito da física estoica²⁵;
- (W7.1 ou W11.1) uma reinterpretação alegórica do Sol²⁶;
- (W7.2) a aplicação do conceito físico τόπος à ética²⁷;
- (W8) a nomeação de uma parte governante, central do universo como seu ἡγεμονικόν²⁸;
- (W9) um paralelismo entre o ser humano e o universo²⁹;
- (W9.1) o desenvolvimento da teoria do calor vital (*Wärmelehre*);
- (W10) a explicação para a existência da noção de deuses³⁰ na alma e uma prova da existência de deus;
- (W11) a reinterpretação alegórica e apropriação (συνοικείωσις) do panteão grego antigo dentro da física estoica³¹;
- (W12) um apelo *delirans* à identificação entre deus e a alma da natureza, razão, astros³²;
- (W13) uma teoria da intenção em Cleantes, embora não seja possível reconstruí-la completamente³³;
- (W14) um complemento, “τῇ φύσει”, à definição da finalidade (τέλος) da vida de Zenão, “ὁμολογουμένως ζῆν”³⁴;

Desde já é possível dizer que W1, W3, W5, W13-14, ainda que textos muito interessantes, são tratados em comentário aos próprios fragmentos ou em comentário geral em fim de seção. Os pontos W4, W6, W12 são criticados como pontos independentes na próxima seção. Nos demais pontos as duas listas concordam.

Para compreender quais são as condições para a exegese do pensamento cleanteano aqui, expõeM-se a seguir (I) os pressupostos vigentes e revisa o campo de estudos estoicos (e cleanteanos), com uma reinterpretação da lista acima.

²⁴ Watanabe, p. 4. Watanabe *f* 11-12.

²⁵ Plut. SR 1034c6-e1 (= Pearson C 76; SVF 1.200, 1.563, 3.258; LS 61C; Watanabe *f* 84; BS 26.17); Stob. Ecl. 1.1.12 “Hino a Zeus” (= Pearson C 48; SVF 1.537; LS 54I; Watanabe *f* 57; BS 17.2), v.11; Corn. TGC 62.23,64.17 (= Pearson C 62; SVF 1.514; Watanabe *f* 33); Stob. Ecl. 1.17.3.2,4.10 (= Pearson C 24; SVF 1.497; Watanabe *f* 18; BS 15.5)

²⁶ Watanabe: 6 (Watanabe *f* 23).

²⁷ Plut. SR 1034c6-e1. Cf. n.20

²⁸ Watanabe: 4-5. Eus. PE 15.15.7.1-3 (= Pearson C 28a; SVF 1.499a; Watanabe *f* 20(a¹)); DL 7.139 (= Pearson C 28c (p. 257); SVF 1.499c; Watanabe *f* 20 (a²)).

²⁹ Watanabe: 5 (Watanabe *f* 22).

³⁰ Watanabe: 6 (Watanabe *f* 49-50).

³¹ Watanabe: 6 (Watanabe *f* 59-64, 66-67).

³² Watanabe: 6-8 (Watanabe *f* 51A, 58). Cf. Watanabe *f* 57 (= SVF 1.537), v.1-2, 10, 12-13, 21, 24, 32 .

³³ Watanabe: 7 (Watanabe *f* 94, 99, 100, 102).

³⁴ Watanabe: 7-8, Stob. Ecl. 2.7.6a.1-11(= Pearson C 72a; SVF 1.552a; Watanabe *f* 73-74).

Em seguida (II) se volta para uma apresentação sumária do filósofo no estoicismo do séc. 3 a.E.c., e (III) aos limites do presente estudo, ou seja, dadas as condições dos documentos e edições disponíveis. Neste último ponto, são mencionados os novos textos incluídos na tese e demais pressupostos metodológicos para a redefinição do que seja um fragmento filosófico e testemunho.

I. Uma nova visão de Cleantes nos estudos estoicos: premissas (α) (β) (γ)

Graças aos autores já mencionados até aqui e a outros, uma nova visão sobre Cleantes é possível. (α) Primordial deve ser saber o que os argumentos e teses cleanteanos são, segundo o estado atual dos documentos, obras, manuscritos e edições disponíveis. Decisivo aqui é usar ao máximo as evidências textuais para expor suas teorias e argumentos, independente do julgamento sobre o que ele pensa pela primeira vez ou sobre o que ele funda ou varia em relação a Zenão, exceto quando os textos são efetivamente comprobatórios.

Tal postura aplica um pouco cautela ao estado dos textos disponíveis e às esperanças de corrigir teorias mal atribuídas a um filósofo ou outro, apesar de também enfraquecer qualquer afirmação categórica sobre o perfil geral de sua filosofia e, em última instância, sobre sua originalidade. Afinal, o fato de seu nome surgir associado a uma tese não necessariamente significa que somente ele a pensa, tampouco que o faz de maneira originária.

Por outro lado, se houver algum aspecto positivo disso, é o de se dedicar aos textos disponíveis e, da comparação entre eles, julgar o que é mais relevante filosoficamente, ou conforme a autossuficiência do texto ou pela coerência, ou pela harmonia com doutrinas de Zenão e de outros estoicos. Observando a lista de principais textos cleanteanos, criada por Watanabe, a primeira inclusão a ser feita, pensando nesta premissa, é a do “Hino a Zeus” (= SVF 1.537). O poema é mencionado muitas vezes para justificar outros itens da lista, mas não como um texto maior do estoicismo antigo e do estoicismo posterior (médio e romano), poema teológico mimetizando um hino religioso e realização de intertextualidade digna do virtuosismo erudito pelo qual o período helenístico é conhecido. As teses retórico-poéticas mencionadas no item ‘W4’ e ‘W6’ acima ganham mais sentido, pensando-se em um poema filosófico tratando da teodiceia

em diálogo explícito com a tradição da poesia narrativa, didática, religiosa e gnomológica³⁵.

(β) Em segundo lugar, não se subestima a associação filosófica entre Cleantes e Zenão, desde que examinada de maneira crítica. O germe da ortodoxia estoica que se consolida com Crisipo, a quem o filósofo de Assos também está associado, é resultado do trabalho, ainda que não exclusivo, desses três escolarcas estoicos. A relação de dependência com o fundador do estoicismo é ponto de acordo nas doxografias, sucessões, biografias e se reflete, por conseguinte, na própria *scholarship* moderna. A submissão do discípulo ao mestre se vê nas questões polêmicas entre os próprios estoicos, quando a tradição o posiciona a serviço da tese de seu professor, ainda que a autoria da tese fique comprometida.

Porém a afirmação dessa associação obviamente precisa de qualificações, pois pode se tratar de mera dependência intelectual, submissão passiva, e, portanto, aquele germe de ortodoxia se utilizaria de Cleantes apenas como instrumento³⁶, ou pode se tratar de genuína colaboração, caso em que a consolidação da ortodoxia depende de pesquisas, teses e argumentos do discípulo. Nesse *continuum* entre dois extremos os textos devem ser analisados³⁷. No ambiente do Pórtico há espaço para a discordância e polêmica entre o professor, o escolarca, e os discípulos, bem como entre os próprios discípulos. Aríston escreve um “Πρὸς Κλεάνθην” (“Contra Cleantes”)³⁸, exposição sobre divergências entre ambos, embora não haja necessariamente inimizade entre os dois pensadores, que compartilham os aprendizes e de certo modo trabalham juntos: “ἡσπάζετο Ἀρίστων Κλεάνθην καὶ τῶν ὁμιλητῶν ἐκοινώνει”³⁹. Crisipo nem sempre concorda com ele,

³⁵

³⁶ Essa visão é favorecida por um suposto diálogo entre Crisipo e Cleantes reportado por Diógenes Laércio (7.179), segundo o qual seu papel é fornecer doutrinas de Zenão para que seu aluno produza os argumentos demonstrativos: “ὅ [Κλεάνθη] καὶ πολλάκις ἔλεγε μόνῃς τῆς τῶν δογμάτων διδασκαλίας χρῆζειν, τὰς δ’ ἀποδείξεις αὐτὸς εὐρήσειν” (“A esse [Cleantes] dizia muitas vezes que lhe fornecesse somente o ensino das doutrinas, pois ele mesmo encontraria as demonstrações.”)

³⁷ A segunda premissa, *mutatis mutandis*, pode ser aplicada à análise da obra e pensamento de outros estoicos da geração de Cleantes, ainda que alguns sejam considerados heterodoxos, como Aríston, Herilo, ou fugitivos, como Dionísio. Segundo os títulos de suas obras, transmitidos por Diógenes Laércio por exemplo, o plano de pesquisa, de investigação e debate do Pórtico se torna mais palpável. Alguns títulos se repetem, muitos temas se sobrepõem e fica claro que muita atividade, com registro, ocorre, ainda que seja temerário inferir muito a respeito do conteúdo e dimensão dessas obras. Cf. DL 7.4 (lista de obras de Zenão), 7.36 (lista de obras de Perseu), 7.163 (obras de Aríston), 7.166 (Herilo), 7.167 (Dionísio transfuga), 7.174-175 (Cleantes), 7.178 (Esfero).

³⁸ DL 7.163.

³⁹ É Gomperz quem distingue os títulos “Πρὸς Κλεάνθην” e “Ἐπιστολῶν δ’ ” (“Quatro cartas”) (apud DL: 572, *apparatus ad loc.*); Ioppolo não une os dois títulos e interpreta a relação entre ambos em chave completamente positiva, baseada, sobretudo, no testemunho de Temístio (Or.21, 255a8-b3) (1980: 25-26, 40-41).

tampouco, e em dístico de sua autoria, lamenta sua condição exclusivamente em relação a Cleantes, “ἐγὼ δὲ τᾶλλα μακάριος πέφυκ' ἀνὴρ/ πλὴν εἰς Κλεάνθην· τοῦτο δ' οὐκ εὐδαιμονῶ”, embora também se arrependa das vezes em que dissente de seu mestre, “μετενόει μέντοι ὅποτε πρὸς αὐτὸν ἀποτείνοιτο”⁴⁰.

A submissão pode parecer exagerada por vezes, chegando ao ponto de abandonar o filósofo de Assos numa posição mais explicitamente problemática do que a de Zenão. O caso emblemático aqui é o do debate sobre a definição de φαντασία (presentação) como “τύπωσις ἐν ψυχῇ” (“impressão na alma”), em que alguns estudiosos preferem acreditar que a posição de Zenão fosse algo mais sofisticado do que Cleantes e algo menos do que Crisipo, sem que se saiba quais eram os argumentos do primeiro em sua defesa⁴¹. Mais adiante esse ponto será comentado novamente. O que importa neste momento é reconhecer e compreender um tipo de situação muito repetida de oposição entre Cleantes e Crisipo, causada pela preemência de defender ou esclarecer alguma tese e argumento zenoniano basicamente.

Esclarecer, complementar e comentar as teorias do mestre parecem ser atividades intelectuais constantes dentro do Pórtico. Basta constatar que, dentre os títulos de alguns escritos dos discípulos de primeira geração encontram-se um “Περὶ τῶν Ζήνωνος δογμάτων” de Aríston (“Sobre as doutrinas/decreta em Sêneca de Zenão”, DL 7.163); de Cleantes um “Περὶ τῆς Ζήνωνος φυσιολογίας δύο” (“Sobre a ciência da natureza de Zenão em dois livros”, DL 7.174). Se se incluírem os títulos da segunda geração de discípulos, Crisipo também é autor de obras de comentário e defesa dos escritos zenonianos, p.ex.: “Περὶ τῶν περαινόντων λόγων πρὸς Ζήνωνα α’” (“Sobre raciocínios conclusivos, a Zenão, um livro”, DL 7.195), “Τῶν πρὸς εἰσαγωγὴν τρόπων πρὸς Ζήνωνα α’ β’ γ’” (“Dos modos para a introdução, a Zenão, três livros”, DL 7.195).

Tais atividades devem servir a dois objetivos óbvios, primeiro o de educar e formar novos filósofos estoicos, segundo, o de embasar as investigações e debates dentro e fora da escola. Em ambos os casos é problemático modificar os ditos, os escritos e o estilo, ainda que truncado e idealizado, do próprio fundador da escola. Por um lado, faz-se necessário parafrasear e esclarecer, por outro lado, não se pode abandonar, sem criar novas questões, o ideal de βραχυλογία, o discurso breve, impactante e exato do filósofo

⁴⁰ As duas citações se encontram no mesmo parágrafo, DL 7.179 (“No entanto cada vez que dissentia dele se arrependia (...) ‘Eu nasci abençoado em todas as outras coisas/ Exceto em relação a Cleantes: nisso não sou feliz.’”). É um desafio saber exatamente como interpretar essa relação. É certo que, pela posição que ocupa na biografia e doxografia, ela é central.

⁴¹ Sandbach, 1971: 20, n. 20; Graeser, 1975: 30-39; Watanabe: 46.

de Cítio, o qual decerto influencia todos os discípulos. Os exemplos são muitos, veja-se alguns:

“Dizia que os discursos sem solecismos e bem arranjados eram como as moedas alexandrinas: belas ao olhar mas ainda que os valores estejam bem escritos nelas, não por isso são melhores. Os discursos que, ao contrário, por serem irregulares compara aos tetradracmas áticos, cunhados também com solecismos. Esses, no entanto, frequentemente pesavam mais do que as falas belamente escritas... A alguém dizendo que as falas dos filósofos lhe parecem pequenas, responde “dizes a verdade e, no entanto, é preciso que também suas sílabas sejam breves, se possível.”...A um rapazinho que palreava demais disse, ‘Tuas orelhas se desfizeram no refluxo da língua.’ ” (DL 7.18.3-9, 20.1-3, 21.1-2)

Tais traços discursivos obedeciam à injunção socrática e cínica ao laconismo⁴². Unia-se a isso ainda a preferência marcada pelo uso de gestos⁴³. Cícero sintetiza os principais traços da maneira pela qual os zenonianos se exprimem, embora não se aplique igualmente a todos eles⁴⁴:

Soma-se a isso o fato de apresentarem [sc. os estóicos] uma maneira de discursar que talvez seja precisa e é certamente aguda, mas que, para um orador, é árida, desusada, distante dos ouvidos do vulgo, obscura, vazia, seca e de tal natureza que de forma alguma é possível emprega-la quando fala ao vulgo. De fato, a crença dos estóicos nos bens e nos males é diferente da dos demais cidadãos ou, antes, povos, diferente é o seu conceito de honra, ignomínia, recompensa, castigo. Se isso é correto ou não, não cabe aqui dizer, mas, se seguíssemos essas idéias, jamais seríamos capazes de expor um caso por meio de nosso discurso. (De Orat., 3.66 – 67; trad. Scatolin modificada)

A forma de expressão privilegiada pela escola busca a precisão e pungência, tentando privilegiar a exposição da verdade e prescindir de meios psicagógicos. O resultado são obras distantes da forma comum de expressão (“*inusitatum, abhorrens ab auribus vulgi*”), que convidam à explicitação de pressupostos e à complementação de argumentos e teorias, por parte de seus seguidores.

O costume de estudar e discordar a respeito da interpretação correta de um dito ou escrito do filósofo fundador não é traço exclusivo do Pórtico certamente, ocorre ainda em outras escolas. Chama a atenção, no entanto, o fato de haver um cisma importante já na primeira geração de discípulos estoicos, com Aríston liderando um movimento reciniczante do estoicismo após a morte do pensador de Cítio. O desacordo não é

⁴² Pl. Prot. 342e5. Para ver como o estilo zenoniano influenciou a gerações seguintes, cf. Cic. PS pr.2.5-3.1; Top.55.1-8. A respeito da retórica estoica em geral, Moretti: “la retorica deve far leva sul solo λόγος ed essere, a sua volta, un mezzo per penetrare del λόγος.” (1995: 45 *et passim*).

⁴³ Cic.Orat. 113.

⁴⁴ O testemunho de Epicteto é impactante: “ἀλλὰ νῆ Δία οὐ παρακολουθῶ τῷ βουλήματι τῆς φύσεως. Τίς οὖν ἐξηγεῖται αὐτὸ; Λέγουσιν ὅτι Χρῦσιππος. ἔρχομαι καὶ ἐπιζητῶ τί λέγει οὗτος ὁ ἐξηγητὴς τῆς φύσεως. ἄρχομαι μὴ νοεῖν τί λέγει, ζητῶ τὸν ἐξηγούμενον· «ἶδε ἐπίσκεψαι, πῶς τοῦτο λέγεται, καθάπερ εἰ ῥωμαιστὶ»” (“Mas, por Zeus, não compreendo os planos da natureza. Quem, portanto, é capaz de me explicar? Me dizem que Crisipo. Vou e pesquise o que ele, o intérprete da natureza, disse. Começo a não entender o que ele diz e busco quem o interprete: “vê se examina o que está dito como se estivesse em latim”, Dis. 1.17.15 = SVF 2.29)

irrelevante, já que concerne precisamente o escopo do estudo e as disciplinas que o compunham, com razões alegadas bastante comprometedoras⁴⁵.

Com os elementos acima em mente e aceita a sugestão de Sedley⁴⁶, de que Zenão é mais um líder intelectual inspirador do que um professor sistemático, compreende-se melhor os compromissos que se assumem ao ensinar ou debater a filosofia de Zenão. Ademais, compreende-se melhor o modelo de escolarizado provavelmente mimetizado e emulado por Cleantes, o qual foi discípulo somente de Zenão, e talvez de Crates⁴⁷, até onde o *corpus* permite especular.

A evidência textual no *corpus* presente não é perfeitamente comprobatória, porém não é pouco reconhecer que, nos debates em que o segundo fundador da Estoá parece corrigir ou combater uma posição vaga e originariamente zenoniana, o nome de Cleantes surja para mediar, para efeitos de doxografia, um conflito entre os dois maiores fundadores da ortodoxia estoica; mencioná-lo em vez do próprio Zenão serve para evitar o conflito direto entre esse e Crisipo; isso demonstra a unidade simbólica da doutrina e garante certa reverência em relação ao primeiro fundador da escola⁴⁸. (β.1) Por isso se considera um uso do nome do filósofo de Assos apenas por deferência a seu mestre em alguns casos, pela razão exposta.

Para novamente resumir em uma expressão clara a segunda premissa, tratar de Cleantes é tratar de Zenão direta ou indiretamente, abordando-o nominalmente ou o núcleo de filósofos que o seguiram e os que o desafiaram. E, como se acaba de sugerir, em alguns casos de conflitos entre Zenão e Crisipo o contrário pode ser verdadeiro, e falar em Zenão é falar em Cleantes, como nome mediador.

O lugar do filósofo de Assos entre os dois grandes fundadores da escola poderia levar a dois tipos de estudo com resultados opostos, baseados nos dois extremos sugeridos acima. Ou Cleantes não produz nada de filosoficamente original e qualquer tese associada a seu nome, enquanto autor, deve ser atribuída corretamente a outro filósofo, ou é um pensador original e singular, a quem se deve a transmissão e expansão das

⁴⁵ Ariston critica o estudo da lógica e da física (SVF 1.351-357), o que corresponde a negar pertinência às pesquisas empreendidas por Cleantes, em física, cosmologia e teologia, e por Crisipo, ao reestruturar a ortodoxia zenoniana. Alinha-se com os cínicos nessa crítica geral (DL 6.103 = SVF 1.354). Dentro da ética, ele tampouco admitia a existência de indiferentes preferíveis, conceito cunhado por Zenão.

⁴⁶ “Zeno, by contrast [with Epicurus], seems to have been an inspirational rather than a systematic teacher, leaving vast areas of unclarity about his teachings for his successors to illuminate, and much virgin territory, including logic, for them to colonize.” (Sedley, 1989, p. 98). Cf. Long (in: Bryan et al. 2018), p. 244.

⁴⁷ Suid. ‘Κλεάνθης’ (kappa 1711).

⁴⁸ Long (in: Bryan et al. 2018), 242.

teorias estoicas, e que, como professor, é condição indispensável para a filosofia de Crisipo. No último caso, o resultado é colocá-lo em igualdade com seu mestre e seu discípulo como a terceira fonte da ortodoxia, com revisão completa dos fragmentos para decidir novamente quem está por trás das ideias ali contidas.

A solução de compromisso, igualmente problemática, evita os extremos acima, reforça a tendência a buscar, em vez de um sistema, algo de único e singular em seu pensamento e em um elemento menos palpável e mais questionável, como sua “atitude”, “interesse”, “comportamento”⁴⁹. Entretanto, tal solução não resolve nada e, ao tentar encaixar todos os elementos remanescentes em um quadro pré-determinado, compartilha mais premissas com a doxografia, biografia e as sucessões antigas do que gostaria.

A terceira premissa de estudo trata especificamente sobre o resultado de não se aplicar ‘α’ e ‘β’ corretamente. Ou seja, (γ) ele não precisa ser visto como um estoico mais inclinado à religião ou à teologia ou ao misticismo para que suas contribuições mais bem preservadas, a saber, aquelas relativas à teologia, façam mais sentido ou sejam resumidas de maneira acurada⁵⁰. Não há dúvida de que ele se interessa e medita muito sobre esses assuntos, no entanto, não deve decorrer diretamente daí que ele seja um filósofo mais voltado à teologia, muito menos que seja “místico” no sentido moderno da palavra⁵¹. Haveria pelo menos um sentido em que se pode chamar Cleantes de “místico”, considerando a origem religiosa da palavra⁵². O programa de reinterpretação do panteão tradicional helênico empreendido pelos estoicos não se voltava somente para as versões canônicas dos mitos (homéricas, hesiódicas):

ἐν δὲ τῷ δευτέρῳ] (scil. περὶ θεῶν Χρύσιππος) τὰ τ[ε] εἰς Ὀρφέα [καὶ Μ]ουσαῖον ἀναφε[ρόμ]ε[ν]α καὶ [τ]ὰ παρ' [Ο]μήρῳ καὶ Ἡσιόδ[ω] καὶ

⁴⁹ Não é um exercício vazio tratar do ἥθος de um filósofo no contexto da filosofia antiga, em que o debate sobre a filosofia como modo de vida é relevante. É um ponto de vista absolutamente válido no caso de Cleantes e precisa ser levado em consideração, dada a centralidade da sabedoria, da felicidade e da virtude no estoicismo (Leite, 2019, *passim*). Contudo, não está claro se é nesse contexto que o modo de vida, seu caráter (ἥθος) de filósofo vem sendo considerado ou se é com esse problema em mente que sua “atitude” (ἔξις) é reduzida à religiosidade.

⁵⁰ Amim, 1921, col. 568; Pohlenz, 1948, p. 108; Dörrie, 1970, col. 1706.

⁵¹ Isso embora Watanabe tente proteger esse anacronismo explícito introduzindo o adjetivo “delirans”, que Cícero aplicava a um dos textos de Cleantes, também citado fora do contexto. Outros filósofos e pensadores se viram entre alcunhas semelhantes, entre “religioso” e “filósofo”, como Pitágoras e Empédocles, casos muito mais comentados. O caso aqui é muito mais simples, não existe propriamente um problema do Cleantes histórico e nem um problema sobre sua concentração exclusivamente no tema religioso. Deixou textos próprios e sua trajetória formativa filosófica é relativamente bem comprovada, com apenas uma variação. Por outro lado, não liderou nenhum movimento religioso ou teológico, segundo os testemunhos e textos.

⁵² Μυστικός ou “connected with the mysteries” (LSJ s.v.), “místico; arcano; dei misteri; degl’iniziati” (Rocchi s.v.), “qui concerne les mystères” (Bailly s.v.)

Εὐρι[π]ίδῃ καὶ ποιηταῖς ἄλλοις, [ὥ]ς κα[ὶ] Κλεάνθῃς, [π]ειρᾶτα[ι
συν]οικειοῦ[ν] ταῖς δόξαις αὐτῶ[ν]⁵³. (Phld. Piet. 13.16-26 = DDG 547b.15-25)

As cosmogonias, cosmologias e os dogmas oriundos dos mistérios eleusinos, órficos e dos pitagóricos podem ter sido objeto de apropriação pelos estoicos. É uma hipótese a ser explorada⁵⁴. Todas as referências textuais aos mistérios podem, sem nenhuma perda filosófica, ser consideradas como mostra de seu conhecimento dos dos mistérios, eleusinos e órficos, bem como das figuras de linguagem usadas nesse contexto, religioso e extático.

Os escritos cleanteanos exibem em primeiro lugar o esforço virtuosístico de integrar e unir pensamento filosófico, racional, sistemático, ao repertório filosófico prévio, mas também ao acervo de crenças tradicionais, o que implicava tal conhecimento. E somente nesse sentido, salvo melhor juízo, Cleantes pode ser chamado de “místico”⁵⁵ ou de “religioso”. A lista acima pode ser retomada ponto a ponto, com tais pressupostos explicitados. Os pontos ‘W6’, ‘W12’ e ‘W13’ podem ser abordados em conjunto. Sobre sua atitude “delirans”, a revisão acima deve bastar para rever os juízos que diminuem a obra cleanteana em razão de sua religiosidade. ‘W12’ é, portanto, um modo de destacar a função que a retórica, incluindo as figuras usadas em âmbito religioso, tem na incitação à filosofia.

II. Cleantes, uma introdução

Primeiramente, os temas e disciplinas que não contam com fragmentos associados ao nome do filósofo explicitamente, em lógica, são os seguintes: uma teoria sobre as proposições, sobre gramática. Em relação à epistemologia estoica, não estão ligadas a seu nome explicitamente nem a teoria das faculdades do impulso, ou do assentimento e da apresentação, salvo o ponto sobre a metáfora do bloco de cera. A teoria das emoções,

⁵³ “em seu segundo livro ("Sobre os deuses" de Crisipo), tenta se apropriar em suas teorias da tradição que remete a Orfeu e Museu, bem como as correspondentes a Homero e Hesíodo e Eurípides e demais poetas, como faz Cleantes.” (= Pearson C 54; SVF 1.539)

⁵⁴ A proximidade entre o Hino Órfico a Héracles (OH 11) e a visão cleanteana do herói é sugestiva (Corn. TGC 62.23-64.17 = Pearson C 62; SVF 1.514).

⁵⁵ “Místico” equivale a “conhecedor dos mistérios”. O cortejo dos mistérios eleusinos fazia uma parada no Pórtico colorido, a *Stoa poikilē*.

salvo que se encontram em torno do coração (SVF 1.572), não está presente neste *corpus*⁵⁶.

Uma grande constelação de problemas suscitados pela teoria sobre os corpóreos, sua natureza, e os incorpóreos, uma ontologia, em uma palavra, tampouco consta neste *corpus*. Em relação à ética e política, alguns temas estão ausentes, por exemplo, os indiferentes preferíveis e não preferíveis, a definição do sábio. Seria interessante poder encontrar explicitamente seus argumentos em crítica ao intelectualismo moral, já que associa diretamente a teoria das virtudes à teoria do τόvoς (tensão)⁵⁷. Tampouco se encontra no *corpus* algo muito estruturado sobre o pensamento político, senão um argumento sobre a nobreza da cidade (SVF 1.587), um elogio à “República” de Diógenes (SVF 1.590), anedotas sobre sua postura neutra em relação a participar ou não da administração da coisa pública (SVF 1.588), sobre seu amor à pátria (Plut. SR 1033a1-11⁵⁸).

O que se pode esperar do sistema reconstruído de pensamento filosófico estoico segundo Cleantes de Assos? Como se indicou no início da introdução, muito. Retomando como guia os 5 pontos elencados no início da introdução⁵⁹:

(1) Sobre o governo e manutenção do universo são muito elucidadores textos como o “Hino a Zeus” (SVF 1.537). Como texto central do legado cleanteano, também oferece uma exemplo de articulação entre estoicismo e religião, com uso de propostas poéticas e retóricas específicas (SVF 1.482, 486-487, 538-539). A fusão entre a forma do hino religioso helênico, tripartite, em hexâmetros, em um poema filosófico curto, é inovadora. A estética literária do período helenístico, fundada em uma erudição materialmente nutrida pela volumosa reprodução e conservação de escritos nas primeiras bibliotecas reais, é caracterizada pela brevidade e a leveza, além de fusões e inovações⁶⁰.

⁵⁶ O tema aparece, contudo, na lista de suas obras: “Sobre a amizade”, “Sobre o amor”, “Sobre a inveja”, “Sobre a graça” (DL 7.174-175 = SVF 1.481). Há, entretanto, o fragmento SVF

⁵⁷ Em SVF 1.481 tem-se um título de obra polêmica contra Herilo, o estoico de sua geração que afirmava ser a finalidade da vida o viver de acordo com a ciência, o que deve representar a posição mais intelectualista dentro da Estoá de então.

⁵⁸ = Ad SVF Cl.vit.7.

⁵⁹ O quarto ponto, sobre o funcionamento do universo, é um pouco expandido no comentário de física (seção VI); e o quinto ponto, relativo ao conceito de familiarização (οἰκείωσις) é comentado na seção de ética.

⁶⁰ Hopkinson, 1988; Hutchinson, 1988; Toohey, 1996, p.1-19; CAH 7.1; Gutzwiller, 2007. Um exemplo de poema hexamétrico A fama do “Hino” não é comparável à do poema pedagógico em hexâmetros dactílicos de Arato, os “Phaenomena”, de matéria astrológica e etiológica. É provável que Arato tenha lido Cleantes ou vice-versa, já que a troca de mensagens e o envio de discípulos e colegas às cortes em Pela, na Macedônia, e em Alexandria, no Egito, é bem atestada (ad SVF Cl.vit.42, Ad SVF Cl.log.5-6). Em SVF 1.463a, abaixo, Diógenes transfuga imitava Arato.

Encontra nos poemas de Parmênides, Empédocles e provavelmente em algum poema pitagórico seus antecessores⁶¹. Em tal versão sintética da teologia estoica, o argumento do hino trata da responsabilidade divina pelo mal no universo, a teodiceia⁶². Esta é uma discussão que permite olhar um problema central para o estoicismo.

O universo é governado por Zeus, sem rivais, dominador de tudo com sua lei, com justiça, a quem o universo inteiro obedece voluntariamente⁶³. Seu governo é a razão (v.2) comum que perpassa todas as coisas, “κατευθύνεις κοινὸν λόγον, ὃς διὰ πάντων / φοιτᾷ” TRADUZIR (v.12-13), a razão sempiterna (v. 21), também a lei comum ignorada pelos maus (v. 24, 39). A linguagem cleanteana aqui oscila entre o uso técnico, estoico, dos conceitos e o uso religioso e mais comum das noções. Seu instrumento é o raio fogueiro (v.9-11), o que por hipálage pode ser lido como o fogo em uma de suas formas, o fulgor (SVF 1.511). O papel de deus é imanente ao universo, embora mimetize a linguagem corriqueira. A doutrina estoica ortodoxa afirma tal imanência, como mente providente e que perpassa tudo, com um centro de comando⁶⁴:

θεὸν δ' εἶναι ζῶον ἀθάνατον, λογικόν, τέλειον {ἢ νοερὸν} ἐν εὐδαιμονίᾳ, κακοῦ παντὸς ἀνεπίδεκτον, προνοητικὸν κόσμου τε καὶ τῶν ἐν κόσμῳ· μὴ εἶναι μέντοι ἀνθρωπόμορφον. εἶναι δὲ <αὐ>τὸν μὲν δημιουργὸν τῶν ὅλων καὶ ὥσπερ πατέρα πάντων, κοινῶς τε καὶ τὸ μέρος αὐτοῦ τὸ διήκον διὰ πάντων, ὃ πολλαῖς προσηγορίαις προσονομάζεται κατὰ τὰς δυνάμεις. (DL 7.147 = Ad SVF Cl.phys.theo.10)

Ou seja, do ponto de vista cosmológico, apresentado resumidamente na seção invocatória do hino, nada pode resistir ao domínio e aos planos divinos. Zeus realiza tudo em terra, céu e mar, “ἐπὶ χθονὶ (...) κατ' αἰθέριον θεῖον πόλον οὔτ' ἐνὶ πόντῳ” (v. 15-16). O epíteto inicial “πολύνουμε” (v.1) atrai todas as demais competências e atributos. Como explicar a existência do vício então, o único mal genuinamente a ser evitado? Se há algum mal no universo, ou ele é planejado por deus, ou não é um mal. O texto apenas mencionado exclui a primeira possibilidade, θεὸν δ' εἶναι (...) κακοῦ παντὸς ἀνεπίδεκτον, não é ele o artífice do mal. Do ponto de vista cosmológico não há mal, é a resposta restante⁶⁵.

⁶¹ Sua proximidade os “Versos dourados pitagóricos”, poema de caráter gnomológico e provavelmente utilizado no ensino de filosofia se mostra especialmente no argumento ético em ambos; ver comentário à seção VII.

⁶² Para o tratamento do problema: Long, 1968; LS 54, esp. v.1, p.332-333; Thom, 1998.

⁶³ Os seguintes epítetos indicam sua competência cosmológica: “παγκρατὲς αἰεὶ” (v.1), “φύσεως ἀρχηγέ”, “νόμου μέτα πάντα κυβερνῶν” (v.2), “σοὶ δὴ πᾶς ὅδε κόσμος/ πείθεται” (v.7-8), “ἐκὼν ὑπὸ σείῳ κρατεῖται” (v.8), “βασιλεὺς διὰ παντός” (v.14), “σὺ δίκης μέτα πάντα κυβερνᾷς” (v.35), que ecoa o v.2 formalmente, embora o termo ‘νόμος’ aqui seja sinônimo do aspecto normativo da razão.

⁶⁴ DL 7.139 = SVF 1.499c.

⁶⁵ Zuntz, 1958, p.298: “Kleanthes erkennt überhaupt nur das Sittlich-üble an.”

Dizer ademais que os pequenos males são benesses disfarçadas ou partes do bem maior, é negar sua existência. Contudo, o estoicismo contempla outras respostas para o problema da teodiceia, a saber: a implicação epistemológica e ontológica recíproca dos opostos, ou seja, para que o bem exista e seja conhecido como tal é necessário que seu oposto exista e seja reconhecido como tal⁶⁶; a segunda opção, muito comentada na literatura, é a dos concomitantes, como uma externalidade negativa de uma ação divina⁶⁷.

Não é o propósito desse breve comentário avaliar tais respostas, no entanto; de todo modo, para que o argumento central do hino faça sentido, é preciso compreender de que mal se trata. O que é o mal moral? Na seção central, que abrange os versos 7-31, citado parcialmente abaixo, se esclarece o que fazem os que são maus (κακοί):

(...) οὐδέ τι γίγνεται ἔργον ἐπὶ χθονὶ σοῦ δίχλα, δαῖμον,
οὔτε κατ' αἰθέριον θεῖον πόλον οὔτ' ἐνὶ πόντῳ,
πλὴν ὅποσα ῥέζουσι κακοὶ σφετέραισιν ἀνοίαις· (v.15-17)
(...) ὃν (λόγον) φεῦγοντες ἐῷσιν ὅσοι θνητῶν κακοὶ εἰσι,
δύσμοροι, οἳ τ' ἀγαθῶν μὲν ἀεὶ κτῆσιν ποθέοντες (v.22-23)
αὐτοὶ δ' αὐθ' ὀρμῶσιν ἄνοι κακὸν ἄλλος ἐπ' ἄλλο,
(...) οἱ μὲν ὑπὲρ δόξης σπουδῇν δυσέριστον ἔχοντες,
οἱ δ' ἐπὶ κερδοσύνας τετραμμένοι οὐδενὶ κόσμῳ,
ἄλλοι δ' εἰς ἄνεσιν καὶ σώματος ἡδέα ἔργα. (v.26-29)

(...) Nenhuma obra acontece sobre a terra sem ti, nume,
Nem na esfera celestial divina, nem no oceano,
Exceto as ações que os maus praticam por sua própria estupidez, (v.15-17)
(...) Dela (a razão) fugindo a abandonam, quantos são os maus entre os mortais,
Malfadados, eles almejam sempre a aquisição de bens, (v.22-23)
(...) Uns demonstrando um esforço beligerante por fama,
Outros convertidos empós do lucro sem qualquer ordem,
E os demais à indulgência e às atividades prazerosas do corpo (v.26-29)

Inwood pensa que o que os maus realizam ‘sem Zeus’ realizam ‘por sua própria estupidez’, as duas expressões destacadas seriam equivalentes⁶⁸. São equivalentes ainda a agir por sua própria estupidez e fugir e abandonar a razão⁶⁹. Ou seja, os maus são loucos e ignorantes em relação ao λόγος, governo divino e faculdade humana, ao almejarem a aquisição de bens: fama, dinheiro e prazer⁷⁰. Agir de acordo com a razão e a lei comum é, ao contrário, não buscar tais indiferentes como se fossem bens e, com a ajuda da

⁶⁶ SVF 2.1169-70 (= LS 54Q). LS (v.1, p.332) consideram que essa implicação seja de inspiração heracliteana. Não trato da sugestão de LS de que é possível Zeus não atentar a detalhes ou haver espíritos malignos (SVF 2.1178 = LS 54S), que não são contempladas no poema cleanteano e em nenhum ponto do *corpus*.

⁶⁷ SVF 2.1169-70, 1178 – cf. Pl.Tim.75.

⁶⁸ Inwood, 1985, p. 70-71; Thom, 1998, p. 51-55. A alternativa, incoerente decerto, seria conceder que os maus agissem sem serem determinados pelo governo divino.

⁶⁹ “εἶναι δ' ἀγνοίας τὰς κακίας” (SVF 3.265). A palavra ‘ἀνοία’ pode ser traduzida por ‘loucura’ também (LSJ s.v.).

⁷⁰ 3 classes de objetos que não só Cleantes vê com indiferença, como com repugnância (SVF 1.553, 559-562, 574).

divindade, que de certo modo coabita em cada um, proteger-se da inexperiência e dispersá-la da alma, receber o entendimento⁷¹ (v.33-34).

A solução do “Hino” é buscar expor, instruir e engajar o ouvinte. Os seres humanos receberam de Zeus algo que os distingue dos demais seres vivos e os aproxima do poder supremo⁷²: “λαχόντες / μοῦνοι, ὅσα ζῶει τε καὶ ἔρπει θνήτ' ἐπὶ γαῖαν” (v.4-5). Essa dádiva, a razão articulada, a capacidade de compreender e exprimir a ordem divina, faz com que eles possam permanentemente admirar e louvar a lei comum, que governa tudo (v. 2, 39). E não há nada melhor do que fazê-lo: “οὔτε βροτοῖς γέρας ἄλλο τι μεῖζον, / οὔτε θεοῖς, ἢ κοινὸν ἀεὶ νόμον ἐν δίκῃ ὑμνεῖν.”

Como uma composição em anel, o louvor a Zeus, à razão, à lei termina onde começa, na faculdade herdada de deus, que faz do ser humano o ser mais semelhante a ele. No centro do poema se encontra a principal ação da divindade, “συνήρμοκας” (v.20), único verbo perfeito e que exprime um resultado perenemente presente, enquanto o hino for cantado. A negação radical da existência do mal cosmológico e a exigência de cumprimento estrito da lei e de conformidade à razão coadunam com outras posições igualmente radicais de Cleantes: a insuscetibilidade de perda da virtude pelo sábio, a diferença completa entre o sábio e o não sábio (SVF 1.568-569); sua estratégia principal ao consolar, que nega o objeto da emoção como um mal (SVF 1.576-577); a coerência absoluta entre intenção e ação ao beneficiar alguém (SVF 1.578ab, 580-581).

It is all or nothing, since 'to act rightly' means always to act in accordance with orthos logos and one failure is sufficient to falsify 'the always'. Having no policy or not following the right one all the time are both alike instances of inconsistency with goodness, and hence bad⁷³.

(2) É possível, com a revisão dos fragmentos pertencentes ao conjunto, sugerir que Cleantes passou à posteridade também associado ao cinismo antigo⁷⁴. Dentre as quatro biografias disponíveis⁷⁵, de Diógenes, de Filodemo, de Hesíquio e da Suda, somente três são legíveis em relação a sua formação filosófica; em duas das três vidas restantes, Cleantes é discípulo de Crates. No caso de Hesíquio, por exemplo, é discípulo somente de Crates e sua alcunha de “segundo Héracles”, preservada também no relato de Diógenes, ganha um sentido muito diferente: “Cleantes, o discípulo de Crates, se tornou tão amante do labor (*philóponos*), que também passou a ser denominado ‘segundo

⁷¹ ‘Inexperiência’ e ‘entendimento’ que podem ser lidos como ‘ignorância’ e ‘conhecimento’.

⁷² Para não entrar aqui na discussão difícil sobre como reconstruir e ler o verso 4, adota-se a postura de Meijer (2007, p. 212): “however it is to be interpreted, the privilege of articulated sound must be implied or emerge in the text.”

⁷³ Long, 1968, p. 343.

⁷⁴ O comentário é baseado em Goulet-Cazé, 2001. Ver também Dudley, 1937; Waerdt, 1994.

⁷⁵ SVF 1.463ab, 468, 471-473, 477, Ad SVF Cl.vit.11e 20.

Héracles””. Aqui ele é discípulo exclusivamente de Crates e toda a seção inicial de sua vida, ao narrar anedotas semelhantes às já conhecidas, o faz de outro ponto de vista. O que é dito por Zenão ao elogiar seu esforço, Cleantes o faz sozinho.

Cleantes é chamado textualmente de cínico por Pseudo-Nono⁷⁶, “Κλεάνθης εἷς ἦν καὶ αὐτὸς τῶν Κυνικῶν φιλοσόφων”, enquanto Basílio o associa a Diógenes, junto com Zenão, na pobreza⁷⁷. Fronto elogia indiretamente o pálio rude do sábio, atributo proverbial dos filósofos cínicos⁷⁸, atribuindo-o a Cleantes e Zenão, nessa ordem. Outro atributo é o cajado, pouco a pouco identificado à clava de Héracles⁷⁹, herói do cinismo por excelência⁸⁰.

Elogios à sua pobreza diretamente, ou a ela representada pelo poço donde tira água, também abundam⁸¹. Sua repugnância ao prazer também são documentados em texto (SVF 1.556). Sua concepção crítica do prazer o exclui sistematicamente, em prol de uma busca do treinamento nos labores e sofrimentos, que novamente pode ser lido como filo-cínica. A vontade de enfrentar os labores, um dos aspectos do conceito de ascese cínica, central para o movimento cínico, se encontra distribuído muito escassamente nos textos (SVF 1.563b). É sugestivo ler como uma recomendação ao esforço e ao labor o seguinte seu dito: “τότε μὲν ἔργον ἡσκεῖτο, νῦν δὲ λόγος.”⁸² Dionísio trânsfuga escreve uma obra sobre a ascese (DL 7.167). Isso mostra que o problema do treinamento com fim moral está no horizonte da primeira geração de discípulos de Zenão. Junto aos livros escritos sobre sistemas de educação, sobretudo os que analisam a região de Esparta, o debate sobre o intelectualismo das virtudes e a tensão com ensinamento cínicos devem ter produzido muita polêmica.

De todo modo, a aproximação do modo de vida cínico também pode ser a chave para entender por que suportava ser ridicularizado em público, no teatro, entre os colegas. É verdade que não restam exemplos de outro aspecto importante da ascese cínica, a *parrhēsia*. Sua definição da virtude é tributária de uma discussão sobre intelectualismo que tem raízes não só em Platão, como também no cinismo antigo. O renome como

⁷⁶ Ad SVF Cl.vit. 15.

⁷⁷ Ad SVF Cl.vit. 17.

⁷⁸ P.ex. DL 6.6, 13, 22, 87; uma referência a Crates puxando Zenão pelo manto (DL 7.25); talvez a anedota do vento que descobre Cleantes seja uma referência a sua pobreza, à simplicidade de sua vestimenta e a seu esforço em ignorar a vergonha, demonstrando sua indiferença em relação à opinião alheia (DL 7.169).

⁷⁹ Voss, 1967, p.124-125.

⁸⁰ DL 6.3, 18, 71, 104-105 (aqui justamente da obra chamada “Héracles” de Antístenes saem dois pontos de doutrina comuns entre estoicismo e cinismo antigo, o último deles correspondente a uma doutrina cleanteana da insuscetibilidade de perda da virtude pelo sábio, SVF 1.568-569).

⁸¹ Ad SVF Cl.vit. 26, 27, 46.

⁸² “outrora exercitavam-se em obras, e agora em discursos” (SVF 1.608)

cínico, no entanto, se estabeleceu em uma parte menos volumosa dos textos que o mencionaram.

(3) a teoria do tônus inerente ao universo e à alma, aplicada à física e à definição da virtude (SVF 1.514, 525, 539, 563). A pesquisa em teologia e física, por outro lado, também servia para absorver todo panteão helênico, a mitologia associada em suas versões, dentro de um sistema de pensamento, numa prática de apropriação (συνοικείωσις).

Um dos conceitos mais notáveis cunhados pelo filósofo é o de τόνος. Por meio dele a coesão é mantida e o funcionamento do universo é explicado, pois ele perpassa e unifica tudo com uma determinada tensão, como um tendão; por outro lado, ele possui um movimento constante, uma oscilação que serve à comunicação e interação entre as partes, as periferias do sistema e seu centro. Os usos que esse conceito tem para Crisipo são reveladores (SVF 2.146). Dois elementos chamam a atenção nos principais textos cleanteanos sobre tal conceito: a explícita inspiração na ética cínica ao aplicar tal conceito a sua teoria das virtudes, como uma tensão na alma expressa em uma determinada força (ἰσχὺς) e poderio (κράτος):

Cleantes, em seus "Comentários sobre a ciência da natureza", dizendo que "o tônus é um golpe (*plêgê*) de fogo, e se for suficiente na alma para perfazer as coisas que a tangem, é chamado de 'força' e 'poder'". Afirma textualmente "esta força e o poderio, quando surgem em situações conspícuas de perseverança, é auto-controle (*enkrateia*). Quando nascem em situações de resistência, coragem, em situações tratando de valores, justiça. Quando surgem em situações tratando do que se deve escolher e repelir, temperança." (SVF 1.563a)

Assim essas virtudes (...), eles dizem que são completas a respeito da vida e que são estruturadas por teoremas; outras decorrem dessas, sem serem ainda artes, outras são certas capacidades, que resultam do treinamento (*ek tēs askēseōs*), por exemplo a saúde da alma e a sanidade e sua força (*iskhyn*) e a beleza. (...) E tal como a força do corpo é a tensão suficiente nos tendões, assim também a força da alma é a tensão suficiente no discernir e no agir ou não agir. (SVF 1.563b)

A definição do τόνος (tônus, tensão) como um golpe de fogo é específica de Cleantes. Ao destacar o caso específico da tensão na alma, convida a pensar no caso geral, que seria macrocósmico. Se este raciocínio é correto, então é clara a justificativa para que o pensador assio afirme não haver diferença entre a virtude humana e a divina: “οἱ φάσκοντες εἶναι τὴν αὐτὴν ἀρετὴν καὶ ἀλήθειαν ἀνδρὸς καὶ θεοῦ⁸³” (“eles asseveram ser a mesma virtude e verdade do homem e de deus”, SVF 1.564a).

⁸³ Cf. SVF 1.564bc.

Outro aspecto interessante do texto é o vocabulário associando tónus, golpe de fogo, força na alma. A interpretação e apropriação alegórica da figura de Héracles para representar o conceito (SVF 1.514):

Ἡρακλῆς δ' ἐστὶν ὁ ἐν τοῖς ὅλοις τόνοσ, καθ' ὃν ἡ φύσις ἰσχυρὰ καὶ κραταιὰ ἐστὶν, ἀνίκητος καὶ ἀπεριγένητος οὐσα, μεταδοτικὸς ἰσχύος καὶ τοῖς κατὰ μέρος καὶ ἀλκῆς ὑπάρχων. (...) καὶ τοξότης δ' ἂν ὁ θεὸς παρεισάγοιτο κατὰ τὸ πανταχοῦ διῴκνεισθαι καὶ κατὰ τὸ ἔντονόν τι ἔχειν καὶ τὴν τῶν βελῶν φοράν.⁸⁴ Corn. TGC 62.23-64.17

Sobre o primeiro ponto, sabe-se que Antístenes escreveu obras chamadas “Héracles, o maior, ou sobre a força” e “Héracles ou sobre a prudência ou a força”, que provavelmente já tratavam de uma interpretação alegórica do mito, utilizado para simbolizar a noção ética de força e princípio da vontade, a capacidade anímica e corpórea para vencer os trabalhos e perseverar na virtude. Muito interessante para efeito de comparação é a expressão de Antístenes a respeito da virtude: ela é suficiente para a felicidade, nada lhe falta exceto a força (*iskhuós*) socrática (“αὐτάρκη δὲ τὴν ἀρετὴν πρὸς εὐδαιμονίαν, μηδενὸς προσδεομένην ὅτι μὴ Σωκρατικῆς ἰσχύος”, DL 6.11). Sem dúvida a assimilação da figura mítica de Héracles extrapola o projeto cínico, que enfoca a ética em primeiro lugar e dispensa o estudo da física. Uma forma de explicar a extrapolação cleanteana é voltar-se para o orfismo antigo e o pitagorismo e investigar o papel que Héracles cumpre dentro dessa religião (OH 12) e daquela escola de pensamento⁸⁵, onde ele também é um herói.

A exposição do conceito alegorizado de tónus, por meio do mito de Héracles, está alinhado com a teoria física estoica, que afirma a presença de um princípio ativo, coesivo e motor, em cada um dos corpos e no universo como um todo. Uma visão desse procedimento aplicado ao panteão é bem sintetizada por Diógenes Laércio (7.147):

θεὸν δ' εἶναι ζῶον ἀθάνατον (...) ὥσπερ πατέρα πάντων, κοινῶς τε καὶ τὸ μέρος αὐτοῦ τὸ διῆκον διὰ πάντων, ὃ πολλαῖς προσηγορίαις προσονομάζεται κατὰ τὰς δυνάμεις. Δία μὲν γάρ φασι δι' ὃν τὰ πάντα, καὶ Ζῆνα καλοῦσι παρ' ὅσον τοῦ ζῆν αἰτιός ἐστιν ἢ διὰ τοῦ ζῆν κεχώρηκεν, Ἀθηνᾶν δὲ κατὰ τὴν εἰς αἰθέρα διάτασιν τοῦ ἡγεμονικοῦ αὐτοῦ, Ἥραν δὲ κατὰ τὴν εἰς ἅερα, καὶ Ἥφαιστον κατὰ τὴν εἰς τὸ τεχνικὸν πῦρ⁸⁶

⁸⁴ Héracles é o tónus nas coisas por inteiro, conforme o qual a natureza é forte e poderosa, sendo ela invencível e imbatível, por ele possuir a capacidade de dotá-la de força e vigor até as suas partes.(...) E o próprio deus seria apresentado como arqueiro tanto por atravessar todos os lugares como por lhe ser própria uma tensão do arco e a carga dos disparos. (= Pearson C 62; SVF 1.514)

⁸⁵ REFERÊNCIAS SOBRE HINOS ÓRFICOS EHÉRACLES WEST light from the gentiles

⁸⁶ “deus é um ser vivo imortal (...) como um pai de tudo, tanto em geral como em sua parte que é permeadora através de tudo, a qual é denominada com muitos nomes conforme seus poderes. Dizem-no ‘Día’ (‘Zeus’ no caso acusativo) pois por sua causa (di’òn) tudo (vem a ser) e o chamam de ‘Zêna’ (forma alternativa para Zeus no caso acusativo) na medida em que é causa da vida (toû zên aitiós estin) ou por ter morada em cada ser vivo. Dizem-no ‘Atena’ conforme a extensão de sua parte governante (hêgemonikón) que chega ao éter, ‘Hera’ conforme sua extensão por todo o ar, e ‘Hefesto’ conforme sua extensão até o fogo artífice (tò tekhnikòn pyr),”(= Ad SVF Cl.phys.4)

O resumo acima não é identificado como obra de um único estoico. No “Hino a Zeus” pode-se ler os versos 12-14 como um uso da figura etimológica apresentada acima⁸⁷. No contexto da escola, portanto, não é de se admirar que Apolo, enquanto Sol, se torne o porta-tocha⁸⁸ e o plectro do universo⁸⁹, em um caso ele provê a luz e o calor, em outro caso ele comanda a harmonia de tudo.

Epítetos locais e tradicionais também foram utilizados para criar a interpretação integradora entre pensamento filosófico estoico e cosmologia helênica. Os casos mais relevantes são as alcunhas de Atlas ‘ὀλοοφρόνος’ (‘sagaz’), lido com espírito rude como ‘o que pensa em tudo’ ou ‘providência’⁹⁰, de Zeus ‘ἄνα Δωδωναῖε’ (‘Rei dodoneu’), como o que distribui os bens ou que exala da terra⁹¹.

Uma última questão a considerar é a interação do filósofo com pensadores de seu tempo. Sabe-se que Cleantes redigiu uma obra contra Herilo (SVF 1.481), um colega que defendia ser o conhecimento a finalidade da vida (DL 7.164-166). Sua interação com o pensamento dos demais estoicos e simpatizantes da escola de sua geração surge episodicamente no *corpus* em tom anedótico, como o caso de Dionísio de Heracleia, um tirano, ou Antígono, rei da Macedônia. Nos textos antigos, no entanto, suas posições são constantemente contrastadas com as teses de Crisipo, sem dúvida o maior interlocutores estoicos de Cleantes, depois de Zenão. A polêmica com seu principal discípulo e refundador da Estoá ocorre em ética, em epistemologia, em cosmologia, em lógica, como os fragmentos mostram.

Aríston, no entanto, embora não apareça em posição de polemista nos fragmentos deste *corpus*, certamente tinha com ele pontos de desacordo. Dispensava o estudo tanto da natureza, quanto da lógica: um por estar além do entendimento humano, o outro por enredar o pensamento em coisas frágeis e sem fruto. Sua atividade aparentemente lhe rendeu fama como bom orador (DL 7.160 = SVF 1.351), tendo fundado brevemente uma escola própria e compartilhando seus discípulos com Cleantes⁹². O ponto mais relevante de discordância entre Aríston e Cleantes é o da utilidade dos preceitos (SVF 1.359, 582), questão discutida longamente na carta 94 de Sêneca. Cleantes considera que os preceitos

⁸⁷ “κατευθύνεις κοινὸν λόγον, ὃς διὰ πάντων/ φοιτᾷ” e “βασιλεὺς διὰ παντός”, em ambos os casos o uso da preposição ‘διὰ’ esclarece o governo divino como causa e presença em todo o universo.

⁸⁸ Epiph. Adv.haeres. 3.508.25-28 (= Pearson C 53; SVF 1.538)

⁸⁹ Clem. Strom. 5.8.48.1-2, Plut. De Pyth. or. 402a8-b1 (= Pearson C 31; SVF 1.502ab)

⁹⁰ SVF 1.549abc

⁹¹ “ὥς τὸν ἐκ τῆς γῆς ἀναθυμιάμενον ἀέρα διὰ τὴν ἀνάδοσιν ἀναδωδωναῖον ὄντα” (“assim o ar exalado da terra por causa da distribuição é ‘anadodoneu’ ”, SVF 1.535a). Os pontos ‘4’ e ‘5’ foram tratados brevemente em comentário às seções VI e IV respectivamente.

⁹² Them. Or. 21, 255a8-b3 (= Watanabe t 41; Ad SVF Cl.vit.41).

podem ser úteis, desde que acompanhados de bases fortes de doutrina. Segundo Aríston, ela deve ser eliminada, porque a doutrina filosófica deve ser mais simples e definida do que os preceitos.

Em relação ao debate com as demais escolas atenienses contemporâneas, as referências nominais mais frequentes são a Arcesilau⁹³, basicamente em anedotas ligadas a sua tolerância à zombaria em público. Pistas mais robustas se encontram na lista de obras do pensador (SVF 1.481) e nas obras suas mencionadas em outros fragmentos. Aí se encontram livros contra Aristarco, pensador pitagórico, que provavelmente tratavam de estudos sobre ontologia, teologia e física. Provavelmente é polêmico também seu tratado sobre os átomos e sobre o prazer, nesse caso se voltando contra Demócrito ainda, contudo certamente contra Epicuro e os cirenaicos.

Sua censura ao prazer como fim da vida é recorrente e pode ser lida tanto como preceito quanto como doutrina: 1.552b, 1.553ab, 1.556, 1.574; em um sentido serve de orientação moral aos seus seguidores, em outro sentido seria um pedaço de crítica a ser lido conjuntamente com a teoria propriamente sobre a finalidade da vida, a felicidade e a virtude. Epicteto expõe a querela entre Diodoro Crono (SVF 1.489a), um dialético de Megara, e Crisipo e Cleantes. Contra a posição de Diodoro provavelmente Cleantes escreveu um “Sobre os possíveis” e “Sobre o argumento do senhor”. Sabe-se que seu pensamento sobre o tema não encontrou muitos seguidores ou pelo menos foi transmitido sem os argumentos de apoio.

Outras obras suas devem remeter a tratados mais conhecidos modernamente, como sua “Poética”, “Retórica”, que combinadas com fragmentos a respeito de poesia, mostram a consciência cleanteana dos desafios impostos pelo Platão maduro à retórica e à poética como formas de arte. Verbeke em sua monografia sobre o filósofo dedica sua parte central para expor a influência aristotélica, especialmente o tratado sobre filosofia, conhecido por fragmentos⁹⁴:

Pois de maneira geral, naquelas coisas em que há uma melhor, há também algo que é o melhor. Tendo em vista então que há entre os seres um é melhor do que o outro, logo há algo que é o melhor, o qual seria o divino. (Arist. De philosophia, fr. 16 Ross)

Tal tratado é crucial para entender a origem provável de um dos argumentos completos mais bem documentados de Cleantes, citado aqui em parte:

Cleantes assim raciocinava: se existe uma natureza superior à natureza, deveria haver uma natureza excelente; se existe uma alma superior à alma, deveria haver uma alma excelente (...) esses raciocínios não procedem por natureza ao

⁹³ SVF 1.470, 1.471, 1.602, 1.605.

⁹⁴ Verbeke, p.186; Meijer, 2007, p. 55-65.

infinito. Portanto, assim como a natureza não pode aumentar, pelo critério de superioridade, até o infinito, nem o pode a alma, tampouco o animal. Entretanto de fato um animal é superior a outro, por exemplo o cavalo à tartaruga, e o touro ao asno e o leão ao touro. (...) O ser humano se eleva e predomina sobre quase todos os animais terrestres seja pelas disposições corporais seja pelas anímicas. (...) O animal perfeito e excelente seria superior ao homem e abundaria em todas as virtudes e não albergando nenhum dos vícios. Mas isso não diferirá de deus. Há, portanto, deus. (SVF 1.529a)

Sem dúvida dois dos filósofos mais estudados por Cleantes são Heráclito e Pitágoras. A respeito de Heráclito, sabe-se que escreveu uma obra de interpretação do filósofo efésio, em 4 livros. Sua influência é profunda no estoicismo, que de seu pensamento cosmológico se apropria, modificando-o⁹⁵. Encontram-se pistas da influência de Pitágoras em posições muito precisas de Cleantes: “Pitágoras, Anaxágoras, Platão, Xenócrates, Cleantes acreditavam que a mente penetrasse de fora para dentro.” (SVF 1.523);

Os discípulos de Pitágoras (dizem) que o universo é esférico conforme a figura dos quatro elementos. Somente o fogo mais elevado é cônico. (...) Cleantes é o único dos estóicos para quem o fogo era cônico. (SVF 1.498)

E ainda nos fragmentos, possivelmente espúrios, 1.593ab, onde se discute sobre as origens e o pai de Pitágoras. Os “Versos dourados pitagóricos”⁹⁶, cuja datação é de difícil decisão, certamente dialogam com o poema estóico, em dois níveis, o da matéria e o das escolhas formais (dicção, estrutura de composição em anel, fim psicagógico). A matéria de ambos é consoante, sobretudo, nas seções éticas do “Versos dourados”⁹⁷.

Sobre a influência e o estudo de sua obra durante o período do estoicismo romano, republicano e imperial, adota-se aqui a posição de Gould (1970). Em sua monografia sobre a filosofia de Crisipo, sugere que a obra de Crisipo não eclipsou imediatamente o estudo atento das obras de seus predecessores⁹⁸. Até bem avançado no século 1 E.c., nas obras de estoicos importantes como Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio, as doutrinas da escola estão associadas ainda fortemente a Zenão e a Cleantes, vistos como modelos de vida a serem seguidos⁹⁹. Isso indica, portanto, que os escritos de ambos ainda eram estudados pelos que se consideravam estoicos.

Tal afirmação é particularmente verdadeira no que tange o ramo ético dos estudos filosóficos romanos; mais verdadeira ainda para os pensadores que consideram importante a coerência entre o pensamento e a vida do filósofo, como Epicteto e Sêneca.

⁹⁵ Long, 2001, p. 35-57. Ver discussão abaixo em comentário à seção VII.

⁹⁶ Este breve comentário se baseia primeiramente na discussão feita por Johan C. Thom em sua edição dos “Carmina aurea” (1994).

⁹⁷ Para o comentário de interlocução e apropriação de Heráclito e “Versos dourados pitagóricos”, v. abaixo o comentário à seção VII.

⁹⁸ Esp. p. 7-17.

⁹⁹ Gould utiliza como critério o número de citações de cada um dos estoicos antigos nas obras do romanos.

A filosofia como um modo de vida austero, refletido e desapaixonado encontra eco na produção estoica dos primeiros séculos E.c. É um equívoco, entretanto, reduzir a interpretação do filósofo de Assos a um modelo de vida a ser copiado. Os fragmentos retirados de Sêneca¹⁰⁰ e Epicteto¹⁰¹ mostram a influência de suas teses sobre poética e retórica, sobre psicologia e o funcionamento da parte governante da alma, sobre o conceito de benefício e de juramento. Ou seja, em temas de doutrina e em temas de preceitos¹⁰².

III. Fragmento como problema metodológico e filosófico e exposição sobre a divisão dos fragmentos

Dois pontos devem ser inquietantes e, metodologicamente, subjazem o resultado apresentado por esta pesquisa: (1) o que é um ‘fragmento filosófico’ como recurso para os estudos clássicos? (2) E como as coletâneas, e esta tese, utilizam tal recurso?

Dado o número de autores antigos estudados e citados nesta tese, são aqui dedicadas algumas palavras sobre o que é uma coletânea de fragmentos filosóficos, como ela se organiza aqui e por que a noção de coletânea contemporânea de fragmentos de textos antigos deve ser vista de modo crítico¹⁰³.

(1) O que é um fragmento filosófico?

Embora a resposta não seja unívoca, existem algumas (1.1) distinções úteis para os efeitos desta tese, que auxiliam na (1.2) compreensão do que é um fragmento filosófico.

Deve-se distinguir entre (1.1.1) manuscrito antigo ou medieval, (1.1.2) edição moderna ou contemporânea, (1.1.3) coletâneas contemporâneas de excertos e citações retirados de edições modernas e contemporâneas. (1.1.1) Um manuscrito antigo ou medieval é necessariamente feito à mão e à tinta, com uso do alfabeto grego antigo ou latino ou de notações e abreviaturas. A base material varia ao longo dos séculos entre o

¹⁰⁰ SVF 1.466ab, 1.487, 1.525, 1.527b, 1.578ab, 1.579, 1.580, 1.582, 1.588; Ad SVF Cl.vit.30, 33, 34.

¹⁰¹ SVF 1.489a, 1.527acdef, 1.619.

¹⁰² O caso de Marco Aurélio é interessante, sobretudo pela ausência de menções a Cleantes, uma única menção a Crisipo, contudo não pode ser analisada neste momento.

¹⁰³ O que está abordado nesta subseção se deve ao manual de Paul Maas (1960); ver também Starr (1987), Sedley (1989), M. Heath (2002), M. West (DATA DO ORIGINAL trad. portuguesa de 2002), Dorandi (1997), CHHP (1999), esp. o capítulo 1 de J. Mansfeld, bem como o livro editado por J. Bryan, R Wardy e J. Warren (2018), esp. o capítulo 12 de A. A. Long sobre os estoicos.

pergaminho e o papiro, assim como seu formato, entre os rolos de pedaços de folhas coladas e o formato semelhante ao do livro, com folhas ou pedaços de folhas dobrados. (1.1.1a) Essas obras podem consistir em textos originais, caso em que o autor redige de próprio punho o documento ou ele o dita, tendo a sua disposição um secretário ou associado intelectual para escrevê-lo. E esse é o caso de um documento autógrafo. Erros podem ocorrer já aqui QUANDO MAL COPIADOS. Infelizmente, não existe nenhum documento disponível hoje que se trate de um autógrafo.

Os textos podem consistir em cópias de originais, em traduções ou em comentários a alguma obra (lido no autógrafo ou em cópia), ou em glosas, correções, escólios, que podem interferir mais ou menos na apresentação do documento comentado, se forem interlineares, marginais, se rasurarem o documento com o fito de o corrigir, melhorar, modificar, etc. (1.1.1b) Alguns gêneros literários antigos surgidos nesse período são importantes para a história da filosofia, especialmente no caso de escolas de pensamento e filósofos, cujas obras não foram preservadas integralmente: doxografias, biografias, literatura sobre αἰρέσεις (*haireseis*, seitas, escolas), sobre sucessões de líderes de escolas filosóficas (*diadochai*), coleções de máximas, apotegmas, anedotas, histórias exemplares e resumos, introduções¹⁰⁴.

O processo de escrita varia muito; determinar quantas pessoas dominam a arte de ler e de escrever é especulativo. Alguns autores preferem ler trechos em pequenos grupos antes de lhe dar forma final; outros podem adotar outro procedimento. Pedaços ou versões circulam em grupos pequenos, em geral de amigos e seguidores; nesse ponto os autores recebem os primeiros comentários e reações, depois podem realizar modificações e recomeçar o processo de circulação¹⁰⁵.

Todos os tipos de documento mencionados anteriormente são objeto potencial de cópia ou tradução manuscrita e, portanto, todos eles são suscetíveis ao erro, lapso e corrupção do copista e do tradutor. O erro na cópia, a corrupção do texto e a perda são recorrentes entre uma cópia e outra. Eles podem ocorrer por razões mais ou menos graves, sendo a mais grave fonte de problemas a falha na compreensão do copista em relação ao texto lido.

¹⁰⁴ CHHP, p.16-17.

¹⁰⁵ Sua base material pode ser mais precária, tabuletas de rascunho, pedaços de pergaminho e papiro reutilizado. Em estado não publicado, o rascunho é chamado de ὑπομνηματικόν; somente um autor antigo nesta tese teria deixado obras em tal estado de elaboração: “Als hypomnematika sind zumindest zwei herkulanensische Papyri zu betrachten: P.Herc. 1674 und 1506 (Philodem Rhetorica 2 und 3)” (Dorandi, 1997: 4). ‘Publicar’, na Antiguidade e no período histórico seguinte, é pouco mais do que entregar uma versão que o autor considere revisada ao público. A reescrita pode ocorrer e versões diferentes e igualmente públicas podem conviver.

Em todos os casos, todos esses manuscritos são o acervo de documentos à disposição do estudioso. Em relação ao período helenístico, datável *grosso modo* entre 323 a.E.c. (morte de Alexandre o Grande) e 31 a.E.c. (Batalha de *Actium*), muitas obras se perderam. Dorandi afirma que, no caso das escolas filosóficas, as obras fundadoras passaram a ser guardadas para uso exclusivo dos estudantes e professores, sem necessidade de realizar muitas cópias. Paradoxalmente, o que deveria ter conservado os escritos intactos contribuiu para sua destruição, quando as escolas migraram ou acabaram¹⁰⁶.

O número de documentos antigos e medievais herdados é bastante estável, alterado por descobertas arqueológicas ou por novas técnicas de leitura de documentos antigos. Pode-se considerar o conjunto de base como fixo na prática.

(1.1.2) Uma edição moderna ou contemporânea é uma reconstrução de uma determinada obra, que tem uma preocupação básica, a de publicar um documento livre de erros, a partir de uma concepção, metodologicamente segura ainda que hipotética, do que é o texto. (1.1.2a) O horizonte para tal reconstrução possível, o ponto de chegada ideal para o editor, se chama ‘arquétipo’, texto a partir do qual todas as cópias e citações teriam surgido. O problema da edição não é restabelecer o texto autógrafo, senão o arquétipo.

Nessa tarefa ela depende da história da recepção de uma determinada obra, ou seja, do volume de cópias, citações, menções e traduções disponíveis e do estado material em que tal conjunto se encontra. A história da recepção de um texto pode ser estudada pela quantidade e qualidade das cópias, traduções, menções a um autor, obra sua e partes de seu texto citadas direta ou indiretamente. No primeiro caso, quem cita usa as palavras do próprio escritor citado, no segundo caso, parafraseia.

O volume de cópias está condicionado pela permanência e criação de instituições (bibliotecas, escolas, depois mosteiros, universidades) responsáveis desde a Antiguidade pela transmissão, estudo, discussão e interpretação do acervo. O volume depende da importância dada a um autor, obra ou trecho de documento ao longo dos séculos. O estado material desse acervo, no entanto, não depende somente das cópias e citações, depende também da natureza do material usado para realizá-la, do tipo de pergaminho, papiro, papel, da qualidade da técnica de escrita e da tinta. Um acidente pode destruir uma biblioteca; uma decisão política pode descontinuar a atividade de ensino e

¹⁰⁶ idem, p.12.

potencialmente abandonar à própria sorte um conjunto de manuscritos. Muitos escritos se perdem pelo descuido e por falhas de conservação e proteção.

Um dos trabalhos do editor e da edição é comparar todos os documentos e restaurar um texto que considere mais próximo desse documento ideal, sem que se saiba precisamente quão próximo é o arquétipo do autógrafo. Trata-se apenas do melhor texto possível diante de todas as cópias, traduções e citações disponíveis. (1.1.2b) A soma de todas as obras editadas assim, classificadas por autor ou por gênero, etc., se chama ‘corpus’, como o *corpus* homérico, *corpus* aristotélico, *corpus* platônico, patrístico, épico, bizantino etc.

(1.1.3) As coletâneas contemporâneas de textos tem origem em primeiro lugar na carência de textos para certos autores e períodos da Antiguidade, como o helenístico. Estóicos, epicuristas, pirrônicos, mas também cínicos, megáricos, pressocráticos se beneficiam dessa proposta de reorganização sistemática e rigorosa do acervo disponível. (1.1.3a) Trata-se de um gênero de trabalho acadêmico moderno, típico do campo dos estudos clássicos e de filosofia antiga. Quando se fala em “*corpus* cleanteano” é necessário ter em mente o número de etapas que o documento atravessou e de intervenções que sofreu por copistas, editores e compiladores. O *corpus* cleanteano o é em sentido derivado. Autores sem obras próprias disponíveis de certo modo coabitam e se constituem nos *corpora* de obras alheias.

Para distinguir entre as citações segundo confiabilidade, surgiu a *Quellenforschung*. Busca com os métodos filológicos e de crítica textual elaborados no séc. 19 e 20, que a partir do estudo rigoroso das citações e paráfrases feitas em doxografias, biografias, histórias, cronologias e sucessões antigas, reconhecer a fonte e a forma originais das citações e paráfrases¹⁰⁷. As coletâneas contemporânea adotam um critério ou uma combinação deles para escolher o que pretendem coletar: autor, tema, período histórico, gênero literários, etc. (1.1.3b) Compiladores se baseiam nos *corpora* pré-existentes para reproduzir porções de texto, que se chamam ‘fragmentos’ (nos sentidos ‘1.2.2’ e ‘1.2.3’ abaixo):

Usener in his edition of the remains of Epicurus, followed by his pupil Diels (...) introduced a useful distinction between (1) verbatim quotations and (2) what (regardless of the genre involved) they called ‘testimonia’, or secondary evidence. Today such testimonia (again regardless of the genre involved) are often treated as reliable ‘fragments’ in those cases where a name or name-label is added in the source. To a certain extent, this may be justifiable as a salutary reaction to the vagaries of the *Quelleforschung* which tended to trace back sections on derivative sources to primary sources on speculative grounds. The

¹⁰⁷ CHHP, p.26-28.

attribution of particular tenets or doctrines to, say, Cleanthes or Posidonius is from a historical point of view less suspect than one to e.g. Zeno, because Zeno, as founder of the school, may serve as a *nom de plumme* for the Stoics in general.(...) Modern collections of ‘fragments’ of individual philosophers, or of philosophers belonging to a particular school or brought together under a specific denomination, are to be used with caution.¹⁰⁸

Para Mansfeld, uma coletânea deve ser uma base de dados que remeta aos textos originais. O que se tentou fazer nesta tese, atendendo a tal injunção, foi preservar ao máximo o sistema de referências originário, ou seja, destacar o autor e texto originais de onde cada fragmento saiu. Como preocupação adicional, as escolhas de cada coletânea contemporânea foram mostradas diretamente no texto citado.

Resta considerar, todavia, o estado em que se encontram os documentos antigos. Alguns textos foram transmitidos precariamente. Eles são, enquanto documentos, fragmentos. Portanto, além das explicações anteriores sobre o gênero acadêmico moderno que pensa em critérios para selecionar e recortar textos antigos, destaca-se um significado radical de fragmento.

(1.2.1) O primeiro sentido da noção de ‘fragmento filosófico’ remete a um documento em péssimo estado de conservação, lacunoso, quase ilegível, o qual, por causa do trabalho de edição, é sabido tratar-se de um documento importante para a história da filosofia e, apesar do trabalho de edição, não pode ser reconstituído sem muita especulação e conjectura. O foco aqui está em documentos muito precários. Menciono o caso, porque ele é em geral ignorado. Aplicar o tipo de leitura que recorta documento, por si mesmo fragmentário, é frágil, mas indispensável.

O segundo e terceiro sentidos para a noção de ‘fragmento filosófico’ são casos extremos de outro gradiente.

A escala parte (1.2.2) de autores e obras que apenas coletam informações (biográficas, doxográficas e filosóficas), às vezes de modo desarticulado e sumário. Uma obra desse tipo pode dar testemunho de um entendimento mais profundo a respeito de um dos autores que compila.

Essa escala termina em (1.2.3) filósofos e autores de obras profundamente interessados em filosofia, experientes nos temas tratados e capazes de reproduzir os argumentos, embora nem sempre o façam. Há de se levar em conta igualmente que o mesmo autor pode não dominar todas as teses e pontos de um determinado assunto.

Embora esses tipos não dispensem a etapa de edição, esses autores deixaram livros, capítulos, trechos completos. A distinção entre o segundo e o terceiro tipo está

¹⁰⁸ CHHP, p.26-27

relacionada ao uso que os autores citados fazem das doutrinas e dos argumentos filosóficos: com mais ou menos domínio e interesse pelas teses estudadas.

Esses dois tipos extremos, que respondem pela ampla maioria dos textos coletados por von Arnim e traduzidos aqui, não são documentos radicalmente fragmentários (sentido ‘1.2.1’ acima). Portanto decidir como cortar e extrair citações de seu contexto imediato é uma escolha do editor. Como von Arnim diz com suas próprias palavras, ele decidiu atribuir a Zenão e Cleantes o que as fontes mesmas lhes atribuem nominalmente: “[a] Zenão e a Cleantes atribuí, por outro lado, tudo o que segundos as próprias fontes se lhes refere expressamente¹⁰⁹”.

Um fragmento filosófico pode significar *grosso modo* três coisas distintas: tudo de filosófico que pode ser extraído de uma documento fragmentário; uma informação sobre um filósofo ou uma doutrina, mais ou menos articulada, saída de uma obra não necessariamente de filosofia; uma citação retirada de uma obra filosófica. Coletar os três tipos de texto é coletar fragmentos em algum sentido. Comentá-los exige as precauções apontadas até aqui.

Em relação à segunda pergunta (2), um primeiro esclarecimento é o de que na presente tese não se distingue entre testemunhos e fragmentos, entre citações e menções indiretas e citações *verbatim*. Essa distinção, pensada por Usener em sua edição dos textos de Epicuro¹¹⁰, embora válida, por vezes hierarquiza e separa, levadas às últimas consequências, as porções de texto que devem ser estudadas em conjunto. O critério de classificação dos textos aqui é temático: vida e ditos de e sobre Cleantes; lógica; ética; física.

Todas as seções acima são suscetíveis de comentário filosófico, como se vê adiante, ainda que ‘vida e ditos’ não seja também uma disciplina filosófica, como as demais seções.

(2.1) O *corpus* cleanteano é limitado triplamente: por um lado, (2.1a) materialmente pelo número de documentos disponíveis, como explicado acima. (2.1b) É limitado outrossim pelas escolhas metodológicas feitas em relação à coletânea: como citar? O que citar? Qual período histórico abranger? Por último, (2.1c) a classificação dos textos disponíveis pelo critério de autoria, o que, no caso do estoicismo antigo, é problemático por si só. O nome de Zenão pode ser usado para demonstrar filiação

¹⁰⁹ SVF 1.Praefatio, p. III.

¹¹⁰ 1887.

filosófica, mais do que autoria. E sabe-se que ele deixou lacunas em seus ensinamentos¹¹¹.

O primeiro limite mencionado é material: o acervo de escritos herdados é relativamente estável. Aceito o conjunto de textos antigos disponíveis tal como está, resta perguntar-se sobre o que buscar nesse conjunto (doutrinas, sucessões, argumentos, anedotas) e sobre como extrair trechos dos textos antigos (por autor, por assunto, por fonte etc.).

É, portanto, em relação ao segundo e terceiro limites, ambos metodológicos, que o debate a respeito do pensamento de Cleantes pode se dar. Trata-se de discutir até que ponto algumas doutrinas eram comuns entre os estóicos, e até que ponto a própria noção de autoria é válida no contexto das escolas filosóficas no período helenístico.

(2.2) Baseando-se estritamente no conjunto coletado por von Arnim, é muito difícil compreender o sistema de pensamento especificamente cleanteano somente com a leitura de seus próprios fragmentos, embora seu *corpus*¹¹² não seja pequeno e conte com textos muito importantes. É necessário o conhecimento, pelo menos, das teses e argumentos de Zenão – seu mentor – e de Crisipo, seu discípulo. Isso porque os fragmentos que o mencionam nominalmente não tratam de alguns dos temas estóicos.

O critério utilizado por Hans von Arnim, por exemplo, para classificar o material estóico segundo a autoria é claro e funciona para organizar os textos conforme os autores sejam citados e, em presença de um texto relatando uma doutrina ortodoxa estóica pós-Crisipo, basicamente remeter a Crisipo aquilo que não for atribuído a outro autor estóico posterior. Por ser um divisor de águas na maneira como se vem estudando o estoicismo antigo, vale a pena citá-lo *in verbis*: CITAR O LATIM?

E assim esbocei com este trabalho, na medida das minhas possibilidades, uma imagem completa e acurada da filosofia de Crisipo. A Zenão e a Cleantes atribuí, por outro lado, somente o que segundo nas próprias fontes se lhes refere expressamente. Eis, portanto, o resultado: podemos expor a forma da doutrina estóica vigente durante o período dos imperadores romanos com os testemunhos os mais numerosos, e ela mesma depende inteiramente da autoridade de Crisipo. O que Zenão e Cleantes ensinaram pode ser assim extraído de tal modo, que o pensamento nominalmente associado a cada um possa ser comparado diligentemente à filosofia de Crisipo, à de Posidônio, à dos socráticos e acadêmicos anteriores a Zenão.¹¹³

A consequência desse critério é clara: todos os fragmentos selecionados por ele (e reproduzidos aqui) se referem indubitável e explicitamente ao filósofo e relatam opiniões

¹¹¹ Sedley, 1989, p.98.

¹¹² No caso de Cleantes, seu *corpus* corresponde basicamente ao conjunto de fragmentos abrangidos entre SVF 1.463 e 1.619, adicionando-se fragmentos coletados por Pearson, por Watanabe e por esta tese.

¹¹³ SVF 1.Praefatio, p. III-IV. (TRAD. NOSSA)

suas. Nessa coletânea de textos o critério de autoria é tratado sistematicamente e exaustivamente, portanto. Entretanto, surte efeitos indesejados também: repetição de fragmentos, quando o texto cita o nome de mais de um estoico); a necessidade de separar doutrinas estoicas gerais, identificadas como crisipeanas, das doutrinas específicas. São escolhas justificadas pelo critério adotado de autoria. Junte-se a isso o fato de os textos serem repetidos, quando von Arnim julga que eles se referem ao mesmo tempo a dois tópicos distintos. Isso acontece muito no caso de Cleantes, em que os fragmentos sobre sua vida e caráter são repetidos depois em rubricas como ‘*Varia*’ e ‘*Cleanthis Apophthegmata*’¹¹⁴.

Trata-se de uma coletânea cuja leitura é fundamental e obrigatória, no entanto, está carregada de repetições e dificilmente fornece os pontos de doutrina unânimes entre os estoicos. Isso mostra como a escolha de recortar e extrair um texto, por si só, pode alterar a visão que o leitor terá do filósofo estudado. Ao invés de conservar as listas de *n* filósofos ligados a uma determinada ideia, von Arnim repete o texto *n* vezes mencionando somente um dos filósofos a cada vez. Logo, um conceito que deveria ser considerado unânime ou muito aceito dependerá da leitura do autor original ou de uma capacidade de memorização excepcional do leitor. Caso contrário, o efeito será apenas o de empobrecer drasticamente o original¹¹⁵.

Assim, ainda que a tese tenha se comprometido de partida com essa premissa metodológica de von Arnim, busca-se na medida do possível tratá-la de maneira crítica.

(2.3) Depois da obra de von Arnim, deve-se dedicar um breve comentário ao primeiro estudo monográfico longo e exaustivo sobre Cleantes no séc. 20, de Gérard Verbeke¹¹⁶. Em sua obra, dividida em 7 capítulos abordando história da filosofia no séc. 3 a.E.c., vida de Cleantes, teoria do conhecimento, do universo, da alma, da divindade, da sabedoria, com um apêndice sobre o “Hino a Zeus”. Seu estudo lança mão de todas as teses comuns ao estoicismo antigo, sem focar a revisão dos fragmentos coletados em SVF 1.463-619. O autor não pretende renovar o *corpus* ou modificar a dimensão dos fragmentos; os textos são abordados em seu contexto, dentro de um comentário e apresentação, por vezes são apenas mencionados em nota de rodapé. Desse modo, os

¹¹⁴ Por exemplo o fragmento SVF 1.463a, repetido parcialmente em 1.597a e 1.599.

¹¹⁵ Por exemplo SVF 1.493. Esse fragmento, tal como foi editado por von Arnim, menciona apenas Cleantes.

¹¹⁶ Mohnike, 1814 (estudo monográfico); Wachsmuth, 1874-1875 (estudo de Zenão e Cleantes); Pearson, 1891 (Zenão e Cleantes); Poppelreuter, 1891 (Zenão e Cleantes); Arnim, 1921; Festa, 1932, com seu comentário embutido entre os fragmentos estoicos. Dois anos depois da publicação de Verbeke, Meerwaldt (1951-1952), comentando escolhas de edição de SVF.

problemas práticos de SVF são evitados, e a coletânea funciona apenas como um sistema de referência, não como paradigma.

Enquanto obra de interpretação filosófica, deve-se dar destaque à tese de Verbeke, segundo a qual Cleantes exarceba uma tendência dualista dentro do monismo corporealista estoico. Para comprovar sua tese, (2.3.1) o autor expõe a maneira como o pensador de Assos lidou com uma teoria da alma herdada do Platão maduro e do jovem Aristóteles. (2.3.2) Ele também expõe a tensão no interior da teoria das emoções do estoicismo antigo, causada pela unidade absoluta da alma e por um intelectualismo em relação às emoções. A tal tese Cleantes responde, secundado por Posidônio, admitindo a existência de mais de um aspecto na alma, o λογικόν *versus* o θυμητικόν et ἐπιθυμητικόν¹¹⁷. Seria uma hipótese de resposta estoica menos intelectualista para a teoria da motivação.

Infelizmente, a única prova de tal divergência cleanteana depende de uma afirmação de Posidônio, trazida em contexto polêmico por Galeno, pensador de inclinações platônicas.

(2.3.1) Em relação ao primeiro ponto, um dos maiores méritos de Verbeke é o de aproximar a teoria da alma cleanteana do diálogo aristotélico, Περὶ Φιλοσοφίας, para exibir suas aproximações e oposições. Cleantes seria responsável por uma primeira espiritualização do πνεῦμα, sem lhe retirar sua corporeidade. Nesse caso, sua evidência se baseia em uma observação feita por Aécio (Plac. 4.5.11) a respeito da origem da mente: “Πυθαγόρας, Αναξαγόρας, Πλάτων, Ξενοκράτης, Κλεάνθης θύραθεν εἰσκρίνεσθαι τὸν νοῦν¹¹⁸”.

(2.4) Outras edições de fragmentos são mais conscientes dos problemas de SVF citados acima. Elas criam alternativas para contextualizar o leitor e para evitar omissões prejudiciais e repetições.

Anthony Long e David Sedley (LS), em seu *The Hellenistic Philosophers*, optam por explicar de onde sai cada citação, aumentar os fragmentos para incluir o contexto e os passos completos de um argumento. Obviamente o fato de essa coletânea não estar dividida por autores estóicos, senão pela noção mais geral de ‘escolas filosóficas

¹¹⁷ Gal. PHP 5.6.32.1-40.1 (=Pearson C 84; SVF 1.570; LS 65I; BS 25.19), 8.1.14.9-15.1 (= Pearson C 85; SVF 1.571).

¹¹⁸ “Pitágoras, Anaxágoras, Platão, Xenócrates, Cleantes acreditavam que a mente penetrasse de fora para dentro” (= Pearson C 37; SVF 1.523; Watanabe f 42). Especificamente a respeito dessa tese sua, o autor precisa enfrentar a posição de F. Nuyens (1939) sobre o desenvolvimento da teoria da alma na obra do Estagirita. Para demonstrar a relação entre o Estagirita e o Assio, o autor precisa alegar a existência de uma etapa materialista no começo do desenvolvimento da psicologia aristotélica, o que afronta claramente a visão de Nuyens

helenísticas’, leva a uma compilação que é menos específica. Essa desvantagem é compensada pela inclusão do contexto de citação em muitos textos. O material está dividido por seções e capítulos correspondendo a diferentes assuntos, de modo a criar famílias de textos e comentários específicos.

Os estudos elaborados por ambos ao fim de cada capítulo relaciona o conteúdo entre si, destacando os debates internos à escola e entre escolas. Ali outros autores e obras são mencionados. Numa edição que contem as principais escolas helenísticas, a comparação entre doutrinas e argumentos é muito facilitada.

Tal organização do material e dos comentários se tornou a prática corrente e é adotada aqui.

(2.5) No entanto, Albert Tohru Watanabe, em sua tese de doutoramento de 1988, sob direção de Miroslav Marcovich, embora lance mão da coletânea de Long e Sedley, não adota deles a forma de organização do material. Na segunda obra monográfica sobre Cleantes no séc. 20, tampouco se oferece tradução para o inglês do material novo coletado, o que possivelmente diminuiu o impacto do trabalho. Reproduz o aparato crítico de todos os textos citados.

Em uma introdução de 8 páginas bastante objetiva elenca seus novos textos, menciona os 14 pontos citados no começo desta introdução, que resumiriam as principais contribuições de Cleantes. São 56 novos textos em relação aos abarcados pela coletânea de von Arnim, sendo 18 novos fragmentos e 38 novos testemunhos. E aqui está uma marca deste trabalho, que mantem a proposta feita por Usener ao distinguir citações diretas de outros textos (*testimonia*)¹¹⁹. No caso de Watanabe, contudo, *fragmenta* são praticamente os textos tratando diretamente de filosofia, segundo seu julgamento. E *testimonia* correspondem aos textos tratando da vida, ditos de e sobre Cleantes, o que apenas é mais uma prova de que Mansfeld acerta ao acusar as “veleidades da *Quellenforschung* (investigação de fontes antigas)” (CHHP, p.27). É muito sintomático dessa decisão sua o fato de não haver comentário sobre vida, ditos de e sobre Cleantes e rol de obras; tudo é reproduzido em sequência, em grego e latim, com aparato, sem comentário.

A segunda escolha de Watanabe determinante para a apresentação de sua tese é a de realizar seus comentários individualmente em cada um dos fragmentos. Os comentários oscilam entre filosofia e filologia, em geral cobrindo bem ambos os campos

¹¹⁹ Marcovich trabalha de mesmo modo em sua edição de Heráclito, por exemplo (1967).

e informando em notas como as leituras devem continuar a partir dali. A minúcia com que cada família de fragmentos é anotada pode distrair um pouco em relação ao conjunto do *corpus*. E a apresentação do texto, limitada tecnicamente pelos meios e pelas exigências a que o documento acadêmico deve se submeter, certamente não ajuda. É um excelente recurso para o estudo de Cleantes.

Uma nova numeração para os fragmentos é criada, diferente da numeração de von Arnim, Nicola Festa, Long & Sedley. Não há índices, remissivos, de nomes, a numeração SVF não é indicada sempre.

(2.6) A coletânea de Marcelo Boeri e Ricardo Salles – *Los filósofos estóicos* – também segue os passos de Long e Sedley, no sentido de ampliar as citações, fornecendo um aparato textual e comentários sobre contexto. Seus capítulos estão organizados igualmente segundo famílias de textos e de comentários. As vantagens começam no fato de se tratar de uma obra totalmente voltada para o estoicismo. Boeri e Salles utilizam melhor a ideia de ‘fragmento’ (no último sentido abordado acima) em sua coletânea: capítulos inteiros de autores (filósofos) antigos e medievais são citados, comentados e traduzidos. Essa escolha de edição na prática lida com ‘textos filosóficos’, ou seja, textos completos. O exemplo arquetípico da influência do recorte sobre o ponto filosófico é a comparação entre o fragmento SVF 1.488 e BS 14.11 (ambos reproduzidos abaixo)¹²⁰: de um lado, uma única linha, que é um detalhe dentro do capítulo de Clemente de Alexandria; de outro lado, uma das mais completas exposições sobre a teoria das causas estóica.

Os textos são extraídos das edições mais modernas, com aparato atualizado. Essa edição é uma ferramenta indispensável para o estudo e um modelo de coleção de textos. Embora o propósito desta coletânea não seja ser exaustiva do ponto de vista dos autores estóicos, é certamente exaustiva em termos dos tópicos abordados pela escola e em termos de levantamento e estudo de bibliografia secundária.

Com a permissão da banca, apresento brevemente o resultado deste doutorado em forma de relato. A linguagem é, portanto, mais direta.

¹²⁰ p. 93

Temo que os modelos que tentei seguir eram muito diferentes entre si e não pude tentar compreender a lógica de cada um deles sem comprometer muito tempo.

Esta tese não deixa de ser apenas mais uma coletânea de fragmentos filosóficos. Com esses modelos em mente, a presente pesquisa aborda o segundo líder do estoicismo. Seu maior propósito é introduzir, compilar, traduzir e comentar pela primeira vez em português seus ditos, fragmentos a seu respeito. Como impacto disso, espera-se criar mais uma ferramenta para o debate acadêmico. É relevante o trabalho, portanto, porque ajuda a estabelecer em bases mais firmes o debate no Brasil sobre o estoicismo antigo e o estoicismo médio e romano. Sendo um estudo de todos os fragmentos unicamente de Cleantes, visa sintetizar um novo retrato de seu pensamento.

Abaixo os textos cleanteanos são redistribuídos de acordo com uma ordem das disciplinas reproduzida em Diógenes Laércio (7.41) e, presumivelmente, preferida pelo próprio filósofo: “ὁ δὲ Κλεάνθης ἔξ μέρη φησί, διαλεκτικόν, ῥητορικόν, ἠθικόν, πολιτικόν, φυσικόν, θεολογικόν.”¹²¹

Ou seja, os fragmentos abaixo estão divididos em (I.ab) vida, ditos, anedotas, currículo da filosofia e lista de obras, (II) dialética, (III) retórica, (IV) ética, (V) política, (VI) física, (VII) teologia e (VIII) textos espúrios, atribuídos erradamente. São 9 as seções temáticas, 9 as seções de comentário. Tal sequência modifica a ordem dos fragmentos de SVF.

Um objetivo buscado e somente parcialmente atingido é o de consolidar o sistema de referências a Cleantes, ou seja, criar uma ferramenta que mostre o encaixe entre todas as coletâneas, monografias que contenham textos cleanteano. Tal tentativa custou muito do tempo de pesquisa e de organização dos textos, embora tenha sido muito frutífera para demonstrar os problemas da noção de ‘fragmento’ na prática da edição de texto filosófico. A banca recebe em mãos uma compilação que, primeiro, explicita todas as referências feitas em SVF; em segundo, amplia os fragmentos de SVF, de acordo com as coletâneas LS, FDS, BS. Até este ponto todas as coletâneas estão devidamente encaixadas e o sistema de referência consolidado.

SVF possui cerca de 220 passagens sobre Cleantes e seu pensamento. Elas estão todas aqui, muitas delas ampliadas, todas traduzidas. São ao todo 77 novos fragmentos adicionados a SVF, todos devidamente traduzidos. Ainda que cerca de metade desses textos correspondam a referências anedóticas e retóricas a Cleantes. Abaixo (‘Adendo 2’)

¹²¹ “Cleantes, por sua vez, dizia serem seis partes: dialética, retórica, ética, política, física, teológica.” (=SVF 1.482). Foi sugestão da banca de qualificação acatada aqui.

está a lista de mais 27 fragmentos que não entraram a tempo na organização desta tese. São, portanto, 297 textos compondo este *corpus*, com os 27 em que o nome do filósofo aparece citado, a serem traduzidos e organizados.

Pela dificuldade de obter a edição de Wachsmuth, anterior à SVF, e a a monografia neerlandesa de Verbeke, a contribuição de ambos nesta compilação é reduzida. Mais difícil ainda foi obter a monografia de doutorado, crucial para o presente estudo, de Watanabe, com uma numeração nova, sem qualquer índice remissivo ou consolidação. Citações longas em grego e latim são incorporadas como comentário aos fragmentos.

Ainda que Watanabe siga o caminho de Marcovich em sua empreitada, o que é um método decerto louvável, contudo, o fato de não se ter um volume de escritos, comentários e traduções confiáveis sobre todos os textos de Cleantes, fazem com que aquele texto pareça por vezes uma sequência de fragmentos em latim e grego sem articulação clara. É também provável que sua contagem de novos fragmentos (56 segundo ele, 38 testemunhos e 18 fragmentos) esteja errada.

A tentativa inicial de consolidar os sistemas de referência, a partir do uso da tese de Watanabe, fica mais frágil e consome muito tempo. O resultado entregue ainda carece de muito aprimoramento, no que tange os comentários filosóficos e os aparatos, que não estão disponíveis no banco de dados do TLG.

Cada fragmento traz aparato, se relevante para a reconstrução do ponto apresentado no texto. Pequenos comentários abaixo da tradução contextualizam, resumem e indicam pontos de intertextualidade literária e filosófica. Após as referências bibliográficas, foram elaborados apêndices que devem auxiliar no uso desta tese: 2 glossários curtos, 1 tabela de correspondências entre os fragmentos e os autores antigos, organizada a partir dos autores.

Em anexo se apresenta a reprodução fotográfica de alta qualidade do Manuscrito Farnesino III D 15 recto et verso, Hino a Zeus (SVF 1.537), única cópia do poema, preservada na Biblioteca Nacional de Nápoles.

Sobre a tese entregue após o período regular de revisão, gostaria de agradecer ao Prof. Edelcio Gonçalves de Souza e aos demais serviços responsáveis pela documentação e recepção desta tese. Devido à quarentena e às circunstâncias carregadas pela pandemia, a revisão não está completa. Somente a tradução dos fragmentos do ‘Adendo 2’ está terminada. Pediria ao eventual leitor que tolere e use com prudência um texto em que a revisão ortográfica não foi concluída, pela complexidade da formatação do texto.

Adendo 1 à introdução: modelo de fragmento, aparato e comentário

Abaixo está um modelo de como os fragmentos estão dispostos e como abordamos cada aspecto dos textos: aparato filológico, tradução, comentário de intertextualidade e comentário geral. Este modelo está inspirado em LS e BS com uma modificação: não se apresentam de forma separada os textos originais e suas respectivas traduções.

Autor. Texto. Capítulo. Parágrafo. Linha(s) “título pelo qual o fragmento é conhecido, quando houver”

Aqui estará o resumo da referência a outras coletâneas (na coluna à direita se indica o ponto preciso em que cada coletânea reproduz o fragmento) – DDG; Pearson C/Z 0; SVF 0; LS 0A; Watanabe f/t 0; FDS 0; BS 0.0

<p>Abaixo da referência, o texto original dos fragmentos. Cada uma das coletâneas recorta e extrai os textos segundo seus critérios. A intenção é reproduzir cada coletânea de acordo com o próprio sistema de numeração, em vez de criar um enésimo sistema de numeração e citação.</p> <p>São seis as coletâneas e obras referenciadas aqui:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) <i>The fragments of Zeno and Cleanthes</i> (1891) editados por A. C. Pearson. Seus fragmentos são indicados pelos símbolos seguintes: °°texto°°; por ° na lateral do fragmento, acompanhado da letra inicial do filósofo estudado, ‘C’ para ‘Cleantes’ e ‘Z’ para ‘Zenão’; 2) <i>Stoicorum Veterum Fragmenta</i> (1903-24) editados por Hans von Arnim em 4 volumes. Seus fragmentos são indicados por pares de barras inclinadas simétricas: //texto\\; na lateral o sinal ‘/’ introduz a abreviatura tradicional ‘SVF’ e sua numeração; 3) <i>The Hellenistic Philosophers</i> (1987-89) editados por Anthony A. Long e David Sedley em dois volumes. Seus fragmentos são indicados por pares de colchetes: [[texto]]; na lateral a abreviatura tradicional ‘LS’, acompanhada da numeração empregada por eles, está isolada também por colchetes; 4) <i>Fragmente zur Dialektik der Stoiker</i> (1987-88) editados por K. Hülser em 4 volumes. Seus fragmentos são indicados por pares de vírgulas: „texto,„; na lateral a abreviatura tradicional ‘FDS’, acompanhada da numeração empregada por eles, está precedida de uma vírgula; 5) Os textos retirados da tese de doutorado de Albert T. Watanabe (<i>Cleanthes, fragments: Text and Commentary</i>. University of Illinois at Urbana-Champaign, Illinois, 1988), serão indicados assim ‘W texto W’; na lateral seus textos (<i>testimonia</i> e <i>fragmenta</i>) e sua numeração serão precedidos por ^w t (<i>testimonium</i>) ou ^w f (<i>fragmentum</i>). 6) <i>Los filósofos estoicos</i> (2014) editados por Marcelo Boeri e Ricardo Salles. Seus fragmentos são indicados por pares de chaves: {{texto}}; na lateral a abreviatura tradicional ‘BS’, acompanhada da numeração empregada por eles, está isolada também por chaves; <p>A indicação das edições mais antigas precede à das mais recentes. Sempre que possível e conveniente, opta-se pelos textos mais longos.</p> <p>Demais símbolos são: aspas curvas duplas “ ” para citações dentro dos fragmentos, títulos de obras citadas tanto em grego antigo como na tradução; parênteses () para inserir verbos elípticos ou observações importantes para a compreensão do fragmento. Os colchetes simples – [] – servem para indicar o que, segundo os editores, seriam lacunas no original, eventualmente preenchidas com suas sugestões¹²². As aspas curvas simples – ‘ ’ – servem para palavras mencionadas como objeto de análise. As aspas angulares simples – < > – servem para indicar uma palavra em grego ou latim adicionada pelo editor sem que haja uma lacuna em discussão.</p>	<p>° C 0</p> <p>/SVF 0.0</p> <p>[LS 0A]</p> <p>,FDS 0</p> <p>^w t 0</p> <p>{BS 0.0}</p>
---	---

Aparato

1 Nesta seção são mencionadas variantes de leitura relevantes para o debate filológico a respeito do fragmento em estudo, sobretudo **quando houver um conflito de leitura entre edições**. A leitura adotada estará de acordo com a edição da obra indicada no cabeçalho do fragmento e referida na bibliografia. Com um **número arábico** se indica a linha do texto a que o aparato se aplica, separando por **dois-pontos** ‘:’ as diferentes leituras dos diferentes manuscritos e por **barras verticais** ‘|’ separam-se aparatos diferentes para uma mesma linha. **Iniciais maiúsculas** no aparato indicam o manuscrito correspondente.

122 Colchetes simples são preenchidos com pontos de acordo com o tamanho da lacuna estimada pelo editor.

Tradução

<p><i>Nesta seção o fragmento é traduzido. Com os mesmos sinais de pontuação convencionados acima, indico como traduzi os fragmentos.</i></p>	<p>° C 0 / SVF 0.0 [LS 0A] ,FDS 0 w t 0 {BS 0.0}</p>
---	--

Comentário

- a. [contexto da citação] *Esta seção está dedicada aos comentários pontuais de **intertextualidade**. Pretendo também apontar temas a serem desenvolvidos nos comentários de fim de seção. Com a letra 'a' se comenta o contexto de onde saiu a citação; com a letra 'b', mencionam-se os outros fragmentos de Cleantes que devem ser lidos em conjunto com o texto em comentário; a letra 'c' serve para indicar passagens textuais de outros autores estoicos, outros filósofos, que devem ser lidos em conjunto com o fragmento; 'd' indica a intertextualidade em geral e comentários sobre vocabulário.*
- b. [textos de Cleantes a serem lidos em conjunto]
- c. [textos filosóficos a serem lidos em conjunto com o texto comentado]
- d. [intertextualidade e outros comentários]

Anexo à seção: novos fragmentos

Após uma breve justificativa para a inclusão de fragmentos, reproduzem-se os novos textos em sequência. Cada novo fragmento é adicionado à seção correspondente com numeração própria:

Vida e obra Ad SVF Cleanthis vitam (n) em citações como Ad SVF Cl.vit.n

Dialética e Retórica Ad SVF Cleanthis logicam(n) - Ad SVF Cl.log.n

Física Ad SVF Cleanthis physicam(n) - Ad SVF Cl.phys.n

Teologia Ad SVF Cleanthis physicam et theologiam(n) –Ad SVFCl.phys.theo.n

Comentário de fim de seção e subseção

Aqui são feitos os comentários relacionando vários fragmentos entre si, entre seções e entre filósofos.

Adendo 2 à introdução: fragmentos a serem incluídos na organização do texto

Os seguintes fragmentos, ausentes de SVF, não puderam ser organizados a tempo¹²³:

1. DL 1.15: “Εἰς δὲ Χρύσιππον οὕτω καταλήγει Σωκράτους Ἀντισθένης, οὗ Διογένης ὁ κύων, οὗ Κράτης ὁ Θηβαῖος, οὗ Ζήνων ὁ Κιτιεύς, οὗ Κλεάνθης, οὗ Χρύσιππος.” (“Até Crisipo a sucessão se deu assim: Antístenes sucedeu Sócrates, Diógenes o cão o sucedeu, Crates veio então, o tebano, a quem Zenão sucedeu, depois Cleantes, depois Crisipo.”) (= Ad SVF Cl.vit.1, já no corpus)

2. Anthologia Graeca, 11, epigramma 28: “ΑΡΓΕΝΤΑΡΙΟΥ - Πέντε θανών κείση κατέχων πόδας, οὐδὲ τὰ τερπνὰ/ ζῶῃς οὐδ' αὐγὰς ὄψεαι ἡελίου· / ὥστε λαβὼν Βάκχου ζωρὸν δέπας ἔλκε γεγηθώς, / Κίγκιε, καλλίστην ἀγκὰς ἔχων ἄλοχον./ εἰ δέ σοι ἀθανάτου σοφίης νόος, ἴσθι, Κλεάνθης/ καὶ Ζήνων Αἰδὴν τὸν βαθὺν ὡς ἔμολον.” (“DE ARGENTÁRIO – deitarás morrendo a segurar cinco pés, e nem a parte contente/ da vida nem dos raios do Sol verás;/ a fim de pegar o cálice sem mescla de Baco toma-o jubiloso/, Cincio, tendo nos braços a mais bela das concubinas. / Se, porém, a ti coube o entendimento da sabedoria imortal, sê como Cleantes/ e Zenão tendo partido ao profundo Hades.”)

3. Plut. De exil. 605b3-7 “εἰ τὴν Στωικὴν, Ζήνων Κιτιεύς, Κλεάνθης Ἄσσιος, Χρύσιππος Σολεὺς, Διογένης Βαβυλώνιος, Αντίπατρος Ταρσεύς, ὁ δ' Ἀθηναῖος Ἀρχέδημος εἰς τὴν Πάρθων μεταστάς ἐν Βαβυλῶνι Στωικὴν διαδοχὴν ἀπέλυε.” (a passagem discute filósofos e escolas que precisaram mudar de cidade e se exilar)

4. Athen. Deipn. (epitome) (Ed. Peppink, Leiden: Brill, 1937-39), 2.1.141.1: “... ὥς φησι Κλεάνθης ὁ Κυζικηνός...” (a passagem provavelmente se refere a Neantes de Cízico, copiada porque é o escritor com quem Cleantes é mais confundido, v. SVF 1.592-596)

5. Gal. PHP 2.8.48: “εἰ δέ γε ἔπειτα Κλεάνθης καὶ Χρύσιππος καὶ Ζήνωνι τρέφεσθαι μὲν ἐξ αἵματος φήσαντι τὴν ψυχὴν, οὐσίαν δ' αὐτῆς ὑπάρχειν τὸ πνεῦμα, πῶς ἔτι ταῦτόν ἐστι τὸ τρέφον τε καὶ κινεῖν εἴπερ τρέφει μὲν τὸ αἷμα κινεῖ δὲ τὸ πνεῦμα;” (sobre a unidade da alma como o que se nutre e o que se move, enquanto se alimenta de sangue e movimenta o *pneûma*) (= SVF 1.521, já no corpus)

6. Gal. PHP 3.5.45.1 46.6: “ἀλλὰ τοῦτο μὲν καὶ παρ' αὐτῶν ὁμολογούμενον λαμβάνεται τῶν Στωϊκῶν· οὐ μόνον γὰρ Χρύσιππος, ἀλλὰ καὶ Κλεάνθης καὶ Ζήνων ἐτόμως αὐτὰ τιθέασιν· ἐκεῖνο δ' ἐπισκέπτεσθαι χρὴ μόνον ἐν ᾧ τὴν πᾶσαν ἀμφισβήτησιν εἶναι συμβέβηκεν, εἰ καὶ τὸ λογιζόμενόν ἐστιν ἐνταῦθα.” (passagem iniciando nova investigação sobre ponto de discordância; Crisipo, Cleantes e Zenão concordam que as emoções se dão em torno do coração) (= SVF 1.572, já no corpus)

7. Aelius Herodianus et Pseudo-Herodianus. Fragmentum grammaticum quod incipit a vocibus ζητοῦμεν καὶ τὴν τοῦ Ἄρης [Sp.] (e cod. Barocc. 76) in: CRAMES, J. A. (ed.) *Anecdota Graeca e codd. manuscriptis bibliothecarum Oxoniensium*, v. 3. Oxford: Oxford University Press, 1836 (repr. 1963) 245.9-10: “τὸ μέντοι Εὐφράτου παραλογῆται, καὶ τὸ Κλεάνθους” (análise morfológica do caso genitivo do nome)

8. Ps.-Gal. HP 3.27-3.31: “οὗ <Διογένης> γέγονε ζηλωτῆς προσομοιωθεὶς κατὰ τὰ ἐπιτηδεύματα. τούτου δὲ <Ζήνων> ὁ Κιτιεὺς ἀκήκοεν, ὃς τὴν Στωικὴν φιλοσοφίαν ἐξεῦρεν. οὗ μετελήφει τῶν λόγων <Κλεάνθης>. καὶ τούτου <Χρύσιππος> ἀκροώμενος τὴν ὁμοίαν ἀγωγὴν μετελήλυθε.” (sobre sucess~ Ao filosófica)

9. Musônio Rufo. *Dissertationum a Lucio digestarum reliquiae*, 1.53-64: “ἢ οὐ τοιοῦτος παῖς ἐκεῖνος ὁ Λάκων, ὃς Κλεάνθην τὸν φιλόσοφον ἠρώτησεν, εἰ ἀγαθὸν ὁ πόνος ἐστίν; οὕτω γὰρ ἐκεῖνος φαίνεται φύσει πεφυκῶς καλῶς καὶ τεθραμμένος εὖ πρὸς ἀρετὴν, ὥστε ἐγγύτερον εἶναι νομίζειν τὸν πόνον τῆς τάγαθοῦ φύσεως ἢ τῆς τοῦ κακοῦ· ὃς γε ὡς ὁμολογουμένου τοῦ μὴ κακὸν ὑπάρχειν αὐτόν, εἰ ἀγαθὸν τυγχάνει ὦν, ἐπυνθάνετο. ὅθεν καὶ ὁ Κλεάνθης ἀγασθεὶς τοῦ παιδὸς εἶπεν ἄρα πρὸς αὐτόν·

¹²³ De acordo com busca feitas tanto no TLG (‘Κλεάνθ-’) quanto no PHL (‘Cleanth-’). Foram incluídos somente referências ao filósofo de Assos, excluindo-se homônimos: Cleantes de Tarso, Cleantes de Corinto. Os fragmentos de Helânico (ed. Jacoby), dois ao todo, são recortados de fragmentos cleanteanos: 1a.4.T26.6-7 (= SVF 1.489a); 1a.4f.5c.2-3 (= SVF 1.592)

αἵματος εἰς ἀγαθοῖο, φίλον τέκος, οἷ' ἀγορεύεις.
πῶς οὖν ὁ τοιοῦτος οὐ ῥαδίως ἐπέσθη ἂν μήτε πενίαν μήτε θάνατον δεδιέναι μήτ' ἄλλο μηδὲν τῶν δοκούντων φοβερῶν, μηδ' αὖ διώκειν πλοῦτον ἢ ζωὴν ἢ ἡδονήν;" (sobre o labor ser um bem; anedota do rapaz que lhe pergunta se o labor é um bem)

10. Anthologia graeca, 5, epigramma 134: "ΠΟΣΕΙΔΙΠΠΟΥ - Κεκροπί, ῥαῖνε, λάγυνε, πολὺδροσον ἱκμάδα Βάκχου./ ῥαῖνε, δροσιζέσθω συμβολικὴ πρόποσις./ σιγάσθω Ζήνων ὁ σοφὸς κύκνος ἃ τε Κλεάνθους/ μουσα· μέλοι δ' ἡμῖν ὁ γλυκύπικρος Ἔρως." ("DE POSIDIPO ...que cale Zenão, o sábio cisne, seus dizeres e Cleantes sua musa...")

11. Eriph. Adv.haer. 1.183.12-184.3: "Καὶ Στωϊκοὶ μὲν φρονοῦσι περὶ θεότητος τοῦτο· φάσκουσιν εἶναι νοῦν τὸν θεὸν ἢ παντὸς τοῦ ὁρωμένου κύτους, οὐρανοῦ δὲ φημι καὶ γῆς καὶ τῶν ἄλλων, ὥς ἐν σώματι ψυχῇ. μερίζουσι δὲ οἱ αὐτοὶ τὴν μίαν θεότητα εἰς πολλὰς μερικὰς οὐσίας, εἰς ἥλιον καὶ σελήνην καὶ ἄστρα, εἰς ψυχὴν καὶ ἀέρα καὶ τὰ ἄλλα· μεταγισμούς τε ψυχῶν * καὶ μετενσωματώσεις ἀπὸ σώματος εἰς σῶμα, καθαιρομένων <ψυχῶν ἀπὸ> σωμάτων ἢ δ' αὖ πάλιν εἰσδουουσὶν καὶ ἀνάπαλιν γεννωμένων, διὰ πολλῆς αὐτῶν πλάνης ταύτην τὴν ἀσέβειαν παρυφαίνοντες. μέρος δὲ θεοῦ καὶ ἀθάνατον τὴν ψυχὴν ἡγοῦνται. ἔσχον δὲ Ζήνωνα ἀρχηγὸν τῆς Στοᾶς, περὶ οὗ πολὺς θρυλεῖται λόγος. οἱ μὲν γὰρ αὐτὸν ἔφασαν **Κλεάνθου** < > **τινὸς * τοῦ ἀπὸ Τύρου** ὁρμωμένου, ἄλλοι δὲ φάσκουσιν αὐτὸν Κιτιέα τῆς Κύπρου νησιώτην, ἐν Ῥώμῃ δὲ βεβιωκέναι χρόνον, ὕστερον δὲ ἐν Ἀθήναις προστησάμενον· τοῦτο δὲ δόγμα ἐν τῇ Στοᾷ οὕτω καλουμένη, τινὲς δὲ φασὶ δύο Ζήνωνας εἶναι, τὸν τε Ἑλεάτην καὶ τὸν προειρημένον· ὅμως οἱ ἀμφοτέρω ἴσως ἐδογματίσαν, εἰ καὶ δύο εἶεν." (sumário de doutrinas físicas e cosmológicas estoicas)

12. Gregorius Nazianzenus. Or. 7.20.5.1: "Οὐ καλλωπιεῖται τοῖς Πλάτωνος καὶ Ἀριστοτέλους καὶ Πύρρωνος καὶ Δημοκρίτοις δὴ τισὶ καὶ Ἡρακλείτοις καὶ Ἀναξαγόραις, Κλεάνθαις τε καὶ Ἐπικούροις, καὶ οὐκ οἶδ' οἷστισι τῶν ἐκ τῆς σεμνῆς Στοᾶς καὶ Ἀκαδημίας· ἀλλ' οὐδὲ φροντίσει ὅπως διαλύσῃ τούτων τὰς πιθανότητας." (sobre nem embelezar e nem tentar dissolver a persuasividade dos filósofos)

13. Orígenes. *Contra Celsum*, 2.12.25-31: "Ἀλλὰ καὶ ὁ Χρύσιππος πολλαχοῦ τῶν συγγραμμάτων αὐτοῦ φαίνεται καθαπτόμενος Κλεάνθους, καινοτομῶν παρὰ τὰ ἐκείνῳ δεδομένα, γενομένων αὐτοῦ διδασκάλου ἔτι νέου καὶ ἀρχὰς ἔχοντος φιλοσοφίας. Καίτοι γε Ἀριστοτέλης [μὲν εἴκοσιν ἔτεσι λέγεται πεφοιτηκέναι Πλάτωνι, οὐκ ὀλίγον δὲ χρόνον καὶ ὁ Χρύσιππος παρὰ τῷ Κλεάνθει πεποιησθαι τὰς διατριβάς;" (Crisipo por vezes se apega aos escritos de Cleantes de novo; ele esteve junto a Cleantes por muito tempo)

14. Himerius. *Declamationes et orationes*. In: COLONNA, A. (ed.) *Himerii declamationes et orationes cum deperditarum fragmentis*. Rome: Polygraphica, 1951, 48.265-273: "πρεσβεύει μὲν οὖν τὴν Πλάτωνος καὶ Ἀριστοτέλους δόξαν καὶ ἐπὶ ταῖς τούτων φιλοσοφίαις ἐσπούδακεν· ἐπῆει δὲ καὶ τὰ τούτων συγγράμματα. οἶδεν ὅσα **περὶ τὴν στοᾶν ἐφιλοσόφησαν Ζήνωνες τε καὶ Κλεάνθαι**, ἔτι δὲ Χρύσιπποι τε καὶ ὅσοι τὴν ἄλογον πρᾶξιν λόγῳ κοσμήσαντες, ἐξ ἑτέρας εἰς ἑτέραν τὴν ἑαυτῶν φιλοσοφίαν μετεκόσμησαν. οἶδε δὲ καὶ τὰς κοινὰς Ἐπικούρου τε καὶ Δημοκρίτου δόξας καὶ ὃν τρόπον ἐκείνοι περὶ τῆς φύσεως ἐφαντάσθησαν." – é necessário checar o contexto maior dessa passagem.

15. Simplicius. *Commentarius in Epicteti enchiridion*. In: DÜBNER, F. (ed.) *Theophrasti characteres*. Paris: Didot, 1842, 137.11-38: "Ἐπειδὴ τοὺς κατὰ διέξοδον ἡμῖν παραδοθέντας παιδευτικούς λόγους συνηρημένως τινὲς τῶν παλαιότερων παραδεδώκασι, συμβουλεύει πρόχειρα ἔχειν ἐκείνα πανταχοῦ· ὥς ἅμα μὲν εὐμνημόνευτα, ἅμα δὲ τῇ μαρτυρίᾳ τῶν κλεινῶν ἀνδρῶν, καὶ τῶν εὐστόχως ἀποφανθέντων, βεβαιοῦντα ἡμῶν τὴν ἐπὶ τοῖς παρηρημένοις πεποιθήσιν. Τὸ μὲν οὖν πρῶτον, Κλεάνθους ἐστὶ τοῦ Στωϊκοῦ, τοῦ ἀπὸ τῆς Ἀσσοῦ· ὃς μαθητὴς μὲν ἐγένετο Ζήνωνος, διδάσκαλος δὲ Χρυσίππου. Τούτου καὶ ἀνδριάντα θαυμαστὸν ἐν αὐτῇ τῇ Ἀσσοῦ ἐθεασάμην, δόγματι τῆς Ῥωμαίων συγκλήτου πρὸς τιμὴν τοῦ ἀνδρὸς ἀνατεθέντα. Εὐχεται δὲ οὗτος ἐν τοῖς ἱαμβείοις τούτοις, ἄγεσθαι ὑπὸ θεοῦ, καὶ τῆς ἀπ' αὐτοῦ διὰ πάντων ἐν τάξει φοιτώσης αἰτίας ποιητικῆς τε καὶ κινητικῆς· ἦν Πεπρωμένην καὶ Εἰμαρμένην ἐκάλει· ἐπαγγελλόμενος, ἄκνος καὶ ἐκὼν ἔψεσθαι. Ἄν γὰρ ἀντιτείνω, φησὶ, μόνον ὅτι κακὸς ἔσομαι, καὶ οἰμώζων καὶ στένων ἀκολουθήσω. Ἀνάγκη γὰρ ἀκολουθεῖν τὸ ἀσθενέστερον τῷ ἰσχυροτέρῳ, καὶ τὸ αἰτιατὸν τῷ αἰτίῳ. Τοῦτο δὲ καὶ αὐτὸς ὁ Ἐπίκτητος ἐνεδειξάτο διὰ τοῦ κεφαλαίου, ἐν ᾧ ἔλεγε, Μὴ ζῆτει τὰ γινόμενα γίνεσθαι ὥς θέλεις, ἀλλὰ θέλε τὰ γινόμενα ὥς γίνεται, καὶ εὐροήσεις. Συνεκτικὸν δὲ ἐστὶ τοῦτο πάσης εὐαγωγίας, τὸ συντάττειν ἑαυτὸν τοῖς ὅλοις, καὶ θέλειν ὅλον εἶναι μετ' ἐκείνων, ἀλλὰ μὴ ἑαυτὸν ἀπὸ τοῦ ὅλου ἀποσπᾶντα, καὶ εἰς μικρὸν καὶ οὐδὲν περιγράφοντα, ἀντιτείνειν τοῖς ὅλοις, καὶ βούλεσθαι καὶ τὰ ὅλα τῷ οὕτως εὐτελεῖ μέρει ἀκολουθεῖν." (Simplicio analisa o pequeno hino a Zeus e ao destino que Epicteto cita textualmente em seu Encheiridion – cf. SVF 1.527a)

16. Phot. Bibliotheca (Codex 167, Bekker), p.114a17-b6: “Ἀγείρει δὲ ταύτας ἀπὸ μὲν φιλοσόφων, ἀπὸ τε Αἰσχίνου τοῦ Σωκρατικοῦ... Καρνεάδου, Κλεάνθους, Καλλιμάχου...” (lista de filósofos)

17. Phot. Bibliotheca, p.167.114b28-115a5: “Ποιηταὶ δὲ... Ἴων, Κλεάνθης, Κλεαίνετος, Καλλιμάχος...” (lista de nomes de poetas)

18. Scholia In Aristophanem, Scholia in equites (scholia vetera et recentiora Triclinii). In: JONES, D. M.; WILSON, N. G. (ed.) *Prolegomena de comoedia. Scholia in Acharnenses, Equites, Nubes*. Groningen: Wolters-Noordhoff, 1969, Scholia in Aristophanem 1.2. Argumentum-dramatis personae-scholion sch eq, section-verse 84c1-8: “ἱστορία ὅπως ἀπέθανε Θεμιστοκλῆς. Θεμιστοκλῆς ὁ καταναυμαχήσας ἐν τῇ περὶ Σαλαμίνα ναυμαχίᾳ Ξέρξην καὶ τοὺς σὺν αὐτῷ βαρβάρους, ψευδῶς ἐπὶ προδοσίᾳ διαβληθεὶς ὑπ’ Ἀθηναίων φυγὼν πρὸς Ἀρταξέρξην τὸν Ξέρξου παῖδα καὶ διδάξας αὐτὸν ὅπως ἔσωσε τὸν πατέρα αὐτοῦ Ξέρξην μὴ συγχωρήσας τοῖς Ἑλλήσι διαλῦσαι τὰ ἐπὶ Σηστοῦ καὶ Ἀβύδου διαζεύγματα οὕτως ἐτιμήθη παρ’ αὐτοῦ μεγαλοπρεπῶς, ὥς καὶ τρεῖς πόλεις λαβεῖν, Μαγνησίαν μὲν εἰς σῖτον, Λάμψακον δὲ εἰς οἶνον, Μυοῦντα δὲ εἰς ὄψα· ὥς δὲ Κλεάνθης φησί, καὶ Περκώτην εἰς στρωμνὴν καὶ τὴν Παλαίσκησιν εἰς στολήν.” (história sobre como morreu Temístocles)

19. Quint. Inst. 12.1.18.1-19.1: “Quod si defuit his uiris summa uirtus, sic quaerentibus an oratores fuerint respondebo quo modo Stoici, si interrogentur an sapiens Zenon, an Cleanthes, an Chrysippus ipse, respondeant, magnos quidem illos ac uenerabiles, non tamen id quod natura hominis summum habet consecutos.”

20. Cic. ND 3.5.8-18: “ego vero eas defendam semper semperque defendi, nec me ex ea opinione, quam a maioribus accepi de cultu deorum immortalium, ullius umquam oratio aut docti aut indocti movebit. sed cum de religione agitur, Ti. Coruncanium P. Scipionem P. Scaevolam pontifices maximos, non Zenonem aut Cleanthen aut Chrysippum sequor, habeoque C. Laelium augurem eundemque sapientem quem potius audiam dicentem de religione in illa oratione nobili quam quemquam principem Stoicorum.”

21. Cic. ND 3.16.7-18.1: “De praesensione diximus. De perturbationibus caelestibus et maritimis et terrenis non possumus dicere cum ea fiant non esse multos qui illa metuant et a dis immortalibus fieri existunt; sed non id quaeritur, sintne aliqui qui deos esse putent: di utrum sint necne sint quaeritur. Nam reliquae causae quas Cleanthes adfert, quarum una est de commodorum quae capimus copia, altera de temporum ordine caelique constantia, tum tractantur a nobis, cum disputabimus de providentia deorum, de qua plurima a te Balbe dicta sunt;” (trecho que continua imediatamente após)

22. Eus. PE 15.31.1

23. Eus. PE 15.47.1

24. Eustat. Ad Odysseam 1.52

25. Phld. Mus. (Pap.424, ed. Kemke, p.57), fr.2a

26. Phld. Stoic.hist. col.10-29: “Κλεάν(θης) Φαινίου | Ἄσσιος, ὁ καὶ τ(ήν) ς(χ)ολήν | παραλαβὼν· Διονύσιος Θεοφάν(τ)ου, κα(θ)άπερ | Ἀντίγονος ἔγραψεν, Ἡρακλεώτης, ὁ Μεταθέμελνος· Ἀρίστων Μιλτιάδο(υ) | Χῖος, ὁ τὴν ἀδιαφορία(ν) | τέλος ἀποφηνάμενος, | (ἐ)ν δὲ τοῖς ἄλλοις ἀκο(λουθε)ῖν οἰόμενος τῷ | (καθ)ηγητῇ col. XI 2. Ζήνων Σιδώ(νιος ὁ καὶ) | λεγόμενος ὕ..... | ὥς καὶ Χρύ(σιππος αὐ) | τὸν ἐν (τῷ περὶ τοῦ διαλε) | ληθό(τ)ος..... | πτειν col. XII. Ἀθηνόδωρος (Σολεύς, ..| Ἐκαταῖος Σπινθ(άρου ἁ) | πέ- δω(κεν).” (faltam algumas colunas a serem traduzidas; corresponderia ao capítulo sobre Cleantes no livro de Filodemo)

27. Aelius Herodianus. Περὶ Ὀδυσσειακῆς προσωδίας 3.2.130.10-13: “<ὀλοόφρονος> Κλεάνθης δασύνει τοῦ περὶ τῶν ὄλων φρονούντος ἴδιον οὕτως νοήσας. ἄμεινον δὲ ψιλοῦντας ἀκούειν τοῦ τὰ ὀλέθρια καὶ δεινὰ φρονήσαντος· εἷς γὰρ τῶν Τιτάνων ὁ Ἄτλας ἱστορεῖται. Η.”

28. ~~Dio. Orat.~~ 30.2 (incluído no *corpus* de Watanabe e aqui como Ad Cleanthis vitam (31))

29. Phld. De pietate col. 6.16-26 (= SVF 1.539)

CLEANTHIS FRAGMENTA

Detalhe da página de *L. Annaei Senecae philosophi Opera, quae exstant omnia, a Iusto Lipsio emendata, et scholiis illustrata*. Gravura de Theodoor Galle a partir de um desenho de Peter Paul Rubens. Primeira edição de 1605, (repr.1615).

I.a. Vida, ditos, episódios e epigramas

1. DL 7.14

Pearson C 112; SVF 1.4, 1.589; Watanabe t 8(2)

§14 ἐξέκλινε δέ, φησί, καὶ τὸ πολυδημῶδες, ὥς ἐπ' ἄκρου καθίζεσθαι τοῦ βάθρου, κερδαίνοντα τὸ γοῦν ἕτερον μέρος τῆς ἐνοχλήσεως. οὐ μὴν οὐδὲ μετὰ πλειόνων δύο ἢ τριῶν περιεπάτει. °° // ₩ ἐνίστε δὲ καὶ χαλκὸν ° C 112 / SVF 1.589 |5|καθὰ φησι Κλεάνθης ἐν τῷ “Περὶ χαλκοῦ”. ₩ \\ °° πλειόνων τε ° t 8(2) περιστάντων αὐτόν, δείξας ἐν τῇ Στοᾷ κατ' ἄκρου τὸ ξύλινον περιφερὲς τοῦ βωμοῦ ἔφη, ‘τοῦτό ποτε ἐν μέσῳ ἔκειτο, διὰ δὲ τὸ ἐμποδίζειν ἰδίᾳ ἐτέθη· καὶ ὑμεῖς οὖν ἐκ τοῦ μέσου βαστάσαντες αὐτοὺς ἦττον ἡμῖν ἐνοχλήσετε.’

Aparato

5 καθὰ—χαλκοῦ om. Φ ‘titulum (Περὶ χαλκοῦ) integrum esse vix crediderim’ C. Wachsmuth, Comm. I de Zen. Cit. et Cleanthe Assio (1874) 19 : Περὶ χάριτος Casaub. (ad 7.175): Π. χρόνου Menag. : Π. χρεῖων Wachsmuth

Tradução

§14 E Cleantes diz que Zenão rejeitava grandes aglomerações, a ponto de se sentar em uma das pontas dos bancos, ressaltando-se por todos os meios da outra parte do incômodo. Com efeito não perambulava com mais do que duas ou três pessoas. °° // ₩ Às vezes cobrava uma colaboração em cobre dos circunstantes, de modo que, temendo dar, não incomodassem, segundo diz Cleantes em seu “Sobre o bronze”; ₩ \\ °° cercado por muitos presentes no pórtico indicando a ponta da cerca de madeira do altar dizia: “Outrora ele se postava no meio de todos, mas por que atrapalhava colocaram-no à parte; vós também, portanto, se vos dirigísseis alhures menos nos incomodaríeis.

Comentário:

- Essa passagem se encontra no longo capítulo sobre Zenão no sétimo livro da obra de Diógenes.
- Cleantes, segundo Diógenes, menciona em seu livro “Sobre o bronze” a forma como Zenão organiza os grupos de estudos; não existe um correspondente exato na lista de suas obras (SVF 1.481) para essa obra mencionada aqui;
- Cleantes sobre outras escolas filosóficas: SVF 1.481 e 1.606.

2. DL 7.166.18-167.5; 7.167.16-173

Pearson C Apophthegmata 1a, 2a, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 13, 14, 17b, 21; SVF 1.463a, 1.597a, 1.598, 1.599, 1.600, 1.602, 1.603, 1.605, 1.606, 1.609, 1.610, 1.611b, 1.613; Watanabe t 1

ΔΙΟΝΥΣΙΟΣ

§166 Διονύσιος δ' ὁ Μεταθέμενος τέλος εἶπε τὴν ἡδονὴν διὰ περιστάσιν ὀφθαλμίας· ἀλγήσας γὰρ ἐπιπόνως ὥκνησεν εἰπεῖν τὸν πόνον ἀδιάφορον.

Ἦν δὲ παῖς μὲν Θεοφάντου, πόλεως δ' Ἡρακλείας. ἤκουσε δέ, καθὰ φησι Διοκλῆς, πρῶτον μὲν Ἡρακλείδου τοῦ πολίτου, ἔπειτ' Ἀλεξίνου καὶ Μενεδήμου, τελευταῖον δὲ Ζήνωνος. Καὶ κατ' ἀρχὰς μὲν φιλογράμματος ὢν παντοδαποῖς ἐπεχείρει ποιήμασιν, ἔπειτα δὲ καὶ Ἄρατον ἀπεδέχετο, ζηλῶν αὐτόν. ἀποστὰς δὲ τοῦ Ζήνωνος πρὸς τοὺς Κυρηναῖκους ἀπετράπη καὶ εἰς τε τὰ χαμαιτυπεῖα εἰσῆει καὶ τᾶλλ' ἀπαρακαλύπτως ἡδυνάθει. βιοὺς δὲ πρὸς τὰ ὀγδοήκοντ' ἀσιτία κατέστρεψε.

(...)

Καὶ οὗτοι (sc. Ἀρίστων, Ἡρίλλος, Διονύσιος δ' ὁ Μεταθέμενος) μὲν οἱ διενεχθέντες. διεδέξατο δὲ τὸν Ζήωνα Κλεάνθης, περὶ οὗ λεκτέον.

// **W §168** Κλεάνθης Φανίου Ἄσσιος. οὗτος πρῶτον ἦν πύκτης, ὥς φησιν Ἀντισθένης ἐν “Διαδοχαῖς”. ἀφικόμενος δὲ εἰς Ἀθήνας τέτταρας ἔχων δραχμάς, καθά φασί τινες, καὶ Ζήνωνι παραβαλὼν ἐφιλοσόφησε γενναιότατα καὶ ἐπὶ τῶν αὐτῶν ἔμεινε δογμάτων. διεβοήθη δὲ ἐπὶ **|5|**φιλοπονία, ὅς γε πένης ὢν ἄγαν ὥρμησε μισθοφορεῖν· καὶ νύκτωρ μὲν ἐν τοῖς κήποις ἦντλει, μεθ’ ἡμέραν δὲ ἐν τοῖς λόγοις ἐγυμνάζετο· ὅθεν καὶ Φρεάντλης ἐκλήθη. φασὶ δὲ αὐτὸν καὶ εἰς δικαστήριον ἀχθῆναι, λόγους δώσοντα πόθεν ἐς τοσοῦτον εὐέκτης ὢν διαζῆ· ἔπειτα ἀποφυγεῖν, τὸν τε κηπουρὸν μάρτυρα παρασχόντα παρ’ ὃν ἦντλει, καὶ τὴν ἀλφριτόπωλιν, **|10|**παρ’ ἧ τὰ ἄλφριτα ἔπεττεν. **§169** ἀποδεξαμένους δὲ αὐτὸν τοὺς Ἀρεοπαγίτας ψηφίσασθαι δέκα μνᾶς δοθῆναι, Ζήνωνα δὲ κωλύσαι λαβεῖν. φασὶ δὲ καὶ Ἀντίγονον αὐτῷ τρισχιλίας δοῦναι. ἡγούμενόν τε τῶν ἐφήβων ἐπὶ τινα θέαν ὑπὸ ἀνέμου παραγυμνωθῆναι καὶ ὀφθῆναι ἀχίτωνα· ἐφ’ ᾧ κρότῳ τιμηθῆναι ὑπὸ Ἀθηναίων, καθά φησι Δημήτριος ὁ Μάγνης ἐν **|15|**“τοῖς Ὀμωνύμοις”. ἐθαυμάσθη οὖν δὴ καὶ διὰ τόδε. °° // φασὶ δὲ καὶ Ἀντίγονον αὐτοῦ πυθέσθαι ὄντα ἀκροατήν, διὰ τί ἀντλεῖ· τὸν δ’ εἶπεῖν, ‘ἀντλῶ γὰρ μόνον; τί δ’, οὐχὶ σκάπτω; τί δ’, οὐκ ἄρδω καὶ πάντα ποιῶ φιλοσοφίας ἕνεκα;’ καὶ γὰρ ὁ Ζήνων αὐτὸν συνεγύμναζεν εἰς τοῦτο καὶ ἐκέλευεν ὀβολὸν φέρειν ἀποφορᾶς. °° **|| §170** °° καὶ ποτε ἀθροισθὲν τὸ **|20|**κέρμα ἐκόμισεν εἰς μέσον τῶν γνωρίμων καὶ φησι, ‘Κλεάνθης μὲν καὶ ἄλλον Κλεάνθην δύναται’ ἂν τρέφειν, εἰ βούλοιο· οἱ δὲ ἔχοντες ὅθεν τρέφονται παρ’ ἐτέρων ἐπιζητοῦσι τὰ ἐπιτήδεια, καίπερ ἀνειμένως φιλοσοφοῦντες.’ ὅθεν δὴ καὶ δεῦτερος Ἡρακλῆς ὁ Κλεάνθης ἐκαλεῖτο. °° ἦν δὲ πονικὸς μὲν, ἀφύσικος δὲ καὶ βραδὺς ὑπερβαλλόντως· διὸ καὶ Τίμων **|25|**περὶ αὐτοῦ φησιν οὕτως·

τίς δ’ οὗτος κτίλος ὥς ἐπιπωλεῖται στίχας ἀνδρῶν;

μωλύτης ἐπέων λίθος Ἄσσιος, ὄλμος ἄτολμος.

°° // καὶ σκωπτόμενος δ’ ὑπὸ τῶν συμμαθητῶν ἠνείχετο καὶ ὄνος ἀκούων προσεδέχετο, λέγων αὐτὸς μόνος δύνασθαι βαστάζειν τὸ Ζήνωνος **|30|**φορτίον. **||** °° °° **|| §171** καὶ ποτε ὀνειδιζόμενος ὡς δειλός, ‘διὰ τοῦτ’, εἶπεν, ‘ὀλίγα ἁμαρτάνω.’ **||** °° °° // προκρίνων δὲ τὸν ἑαυτοῦ βίον τοῦ τῶν πλουσίων ἔλεγεν, ἐν ᾧ σφαιρίζουσιν ἐκεῖνοι, <αὐτὸς> τὴν ἄκαρπον ἐργάζεσθαι σκάπτων. **||** °° °° // πολλάκις δὲ καὶ ἑαυτῷ ἐπέπληττεν· ὢν ἀκούσας Ἀρίστων, ‘τίνι,’ ἔφη, ‘ἐπιπλήττεις;’ καὶ ὃς γελάσας, ‘πρεσβύτη,’ **|35|**φησί, ‘πολιὰς μὲν ἔχοντι, νοῦν δὲ μή.’ **||** °° °° // εἰπόντος δὲ τινος Ἀρκεσίλαον μὴ ποιεῖν τὰ δέοντα, ‘παῦσαι,’ ἔφη, ‘καὶ μὴ ψέγε· εἰ γὰρ καὶ λόγῳ τὸ καθῆκον ἀναιρεῖ, τοῖς γοῦν ἔργοις αὐτὸ τιθεῖ.’ καὶ ὁ Ἀρκεσίλαος, ‘οὐ κολακεύομαι,’ φησί. πρὸς ὃν ὁ Κλεάνθης, ‘ναί,’ ἔφη, ‘σὲ κολακεύω φάμενος ἄλλα μὲν λέγειν, ἕτερα δὲ ποιεῖν.’ **||** °° °° **|| §172** ἐρομένου τινὸς τί **|40|**ὑποτίθεσαι τῷ υἱῷ, ‘τὸ ἐκ τῆς Ἡλέκτρας,’ ἔφη,

σῖγα σῖγα λεπτὸν ἵχνος. **||** °°

°° // Λάκωνός τινος εἰπόντος ὅτι ὁ πόνος ἀγαθόν, διαχυθεὶς φησιν·

αἷματός εἰς ἀγαθοῖο, φίλον τέκος. **||** °°

°° // φησὶ δ’ ὁ Ἐκάτων ἐν “ταῖς Χρείαις”, εὐμόρφου μεираκίου εἰπόντος, **|45|**‘εἰ ὁ εἰς τὴν γαστέρα τύπτων γαστρίζει, καὶ ὁ εἰς τοὺς μηρούς τύπτων μηρίζει,’ ἔφη, ‘σὺ μὲν τοὺς διαμηρισμοὺς ἔχε, μεираκίον· αἱ δ’ ἀνάλογοι φωναὶ τὰ ἀνάλογα οὐ πάντως σημαίνουσι πράγματα.’ **||** °° °° // μεираκίῳ ποτὲ

° C Ap 1a
/ SVF 1.597a

° C Ap 2a

° C Ap 4
/ SVF 1.599

° C Ap 5
/ SVF 1.600
° C Ap 3
/ SVF 1.598

° C Ap 7
/ SVF 1.602

° C Ap 9
/ SVF 1.605

° C Ap 14
/ SVF 1.610

° C Ap 17b
/ SVF 1.611b

° C Ap 21
/ SVF 1.613

° C Ap 13
/ SVF 1.609

διαλεγόμενος ἐπύθετο εἰ αἰσθάνεται· τοῦ δ' ἐπινεύσαντος, ‘διὰ τί οὖν,’ °C Ap 8
εἶπεν, ‘ἐγὼ οὐκ αἰσθάνομαι ὅτι αἰσθάνη;’ \\\° °// §173 Σωσιθέου τοῦ /SVF 1.603
|50|ποιητοῦ ἐν θεάτρῳ εἰπόντος πρὸς αὐτὸν παρόντα

οὗς ἡ Κλεάνθους μωρία βοηλατεῖ,
ἔμεινεν ἐπὶ ταυτοῦ σχήματος· ἐφ’ ᾧ ἀγασθέντες οἱ ἄκροαταὶ τῷ μὲν
ἐκρότησαν, τὸν δὲ Σωσίθεον ἐξέβαλον. μεταγινώσκοντα δ’ αὐτὸν ἐπὶ τῇ
λοιδορίᾳ προσήκατο, εἰπὼν ἄτοπον εἶναι τὸν μὲν Διόνυσον καὶ τὸν °C Ap10
|55|Ἡρακλέα φλυαρουμένους ὑπὸ τῶν ποιητῶν μὴ ὀργίζεσθαι, αὐτὸν δ’ ἐπὶ /SVF 1.606
τῇ τυχούσῃ βλασφημίᾳ δυσχεραίνειν. \\\° °// ἔλεγε δὲ καὶ τοὺς ἐκ τοῦ
περιπάτου ὁμοίον τι πάσχειν ταῖς λύραις, αἱ καλῶς φθεγξάμεναι αὐτῶν οὐκ
ἀκούουσι. \\\° °//

Aparato

6 λόγοις BFP⁴: πόνοις P¹(Q)

Tradução

DIONÍSIO

Dionísio, o trânsfuga, diz que o fim (*télos*) é o prazer por uma condição causada por uma oftalmia; dado que sentia aquele sofrimento de modo excruciante (*epipónōs*) hesitou em dizer que o labor (*pónon*) é indiferente.

Era filho de Teofanto, da cidade de Heracleia. Segundo disse Diocles, foi seguidor primeiro de seu concidadão Heraclides, depois de Alexino e Menedemo, finalmente de Zenão. E de início sendo amante das letras tentava compor vários tipos de obras, depois também seguiu Arato, emulando-o. Revoltando-se com Zenão se afastou voltando-se para os cirenaicos e adentrou os lupanares e gozou dos demais prazeres indisfarçadamente. Tendo vivido cerca de oitenta anos acabou-se por falta de alimento.

(...)

E esses (Aríston, Hérilo, Dionísio trânsfuga) são os que se transviaram. A Zenão sucedeu Cleantes, sobre o qual se há de falar.

CLEANTES

//§168 Cleantes, filho de Fanias, era de Assos. Como diz Antístenes em seu “Sucessões de filósofos”, ele primeiramente era pugilista, tendo chegado a Atenas com quatro dracmas, como dizem alguns, e confiando-as a Zenão começou a se fazer filósofo da maneira mais nobre e permaneceu dentro da doutrina dele. Ficou famoso por seu amor ao esforço, e sendo extremamente pobre começou a vender seu trabalho: à noite carregava água nos jardins, durante o dia se exercitava nas razões; por isso teve a alcunha também de “*Phreantles*” (“Poceiro”). Dizem também que foi conduzido ao tribunal para dar explicações sobre como sustentava uma disposição tão boa, e que então foi liberado ao trazer como testemunha o jardineiro, junto a quem carregava água, e a vendedora de farinha, junto a quem preparava o grão. §169 Após aceitarem o que alegava, os jurados (*Areopagitas*) votaram em favor de lhe dar dez minas, porém Zenão o proibiu de pegá-las. Dizem ainda que Antígono lhe dera três mil dracmas. Levando os rapazes a um espetáculo público por uma lufada de vento foi despido e visto sem a túnica: foi agraciado com aplausos pelos atenienses conforme diz Demétrio de Magnésia em seu “Homônimos”. Foi admirado, portanto, também por causa do seguinte; °° // dizem que Antígono, um dos ouvintes presentes, lhe perguntou por que ele carregava água; ao que ele disse: “e eu somente carrego a água? E por acaso não cavo? E por acaso não rego e faço tudo por amor à sabedoria?” Com efeito, Zenão o treinava para isso e o mandava trazer um óbolo em pagamento. \\\ °° §170 °° Então coletou as moedas e as juntou no meio dos seus interlocutores e disse: “Cleantes poderia manter outro Cleantes, se quisesse; os que tem de onde tirar o sustento, buscam em outros prover-se do necessário, ainda que filosofem sossegadamente.” Por isso também Cleantes era chamado de “segundo Héracles”. °° Embora de fato fosse muito esforçado, era exageradamente não natural e lento; por esse motivo Tímon dizia o seguinte a seu respeito:

Quem é este cordeiro que assim passa entre as fileiras de homens?

Fogo lento para as palavras, amigo, vindo de Assos, almofariz amolecido

°° // e suportava ser zombado por seus colegas e ao ser tratado por burro anuiu, dizendo que somente ele era capaz de carregar a carga de Zenão. \\ °° °° // §171 E quando censurado como tímido dizia "por causa disso me equívoco pouco" \\ °° °° // Preferindo sua própria vida à dos ricos, dizia que enquanto aqueles brincam de bola, cavando ele lavra a terra dura e sem fruto. \\ °° °° // E várias vezes se repreendia; Aríston escutando-o disse "a quem repreendes?" E ele rindo retorquia "a um velho que tem cãs, mas ainda não tem juízo." \\ °° °° // Quando alguém disse que Arcesilau não fazia o que era devido disse "Para! E não o censures. Se de fato ele suprime a incumbência com palavras, pelo menos com seus atos ele a recoloca." Ao que Arcesilau retorque: "isso não me lisonjeia". E Cleantes se voltou a ele e disse "sim, te lisonjeio, afirmando que dizes certas coisas, mas fazes outras." \\ °° // §172 Alguém lhe perguntou o que era preciso recomendar ao próprio filho, ele respondeu "o verso de Electra:

'Silêncio silêncio... lesto o passo'" \\ °°

°° // A um certo Lacedemônio dizendo que o labor é um bem, rejubilando disse:

"És de bom sangue, caro menino" \\ °°

°° // Hecateu diz em seu "Máximas", a um rapaz formoso afirmando "se quem bate na gorja regorgita, e quem bate nas coxas recoxita" ele diz "tu tens transcoxizações, rapaz. Palavras com sons análogos não significam em todos os casos coisas análogas." \\ °° °° // Conversando com um rapaz certa vez perguntou-lhe se percebia, e quando ele anuiu disse "por quê então eu não percebo que percebes?" \\ °° °° // §173 Quando Cleantes estava presente no teatro, Sosíteu, o poeta, declamou

a loucura de Cleantes os guia com aboios

Ele se manteve sem alterar a figura. Os ouvintes, admirando-o por isso, aplaudiram e expulsaram Sosíteu. Cleantes o recebeu quando ele se arrependeu do abuso, dizia não ter sentido ele mesmo se destemperar pela maledicência ocorrida, quando tanto Dioniso quanto Hércules ridicularizados pelos poetas não se enraivecem. \\ °° °° // Dizia que os peripatéticos eram afetados do mesmo modo que as liras, as quais embora capazes de emitir um belo som, não escutam a si mesmas. \\ °°

Comentário

d. (1.7) Phreantles significa "o que tira água do poço" e rima perfeitamente com o nome do filósofo, bastando substituir as duas primeiras letras; (1.26-27) epigrama em hexâmetros dactílicos de Timón; 30 neste ponto terminam dois fragmentos (SVF 1.463a e 1.599); (1.33-35) "ἐπέπληττεν", cf. Versos dourados pitagóricos (Carmina aurea), v.40-44, esp. v. 44 "δειλὰ μὲν ἐκπρήξας ἐπιπλήσσει, χρηστὰ δὲ τέρπει."; (1.41-42) Cf. Estobeu 2.31.125.65 (SVF 1.611a); digna de nota é apenas a mudança proposta para a tradução de 'ἀφύσικος' (1.463a). Não é possível ver Cleantes como uma pessoa 'desinteressada pela filosofia da natureza', ou 'antinatural', ou seja, neste contexto, uma pessoa 'estúpida', 'burra'. Se os fragmentos apoiados em sua lentidão de aprendizagem, de estilo e de aula forem lidos em conjunto, é possível sugerir que o termo aqui seja simplesmente o oposto do estilo 'φυσικός', ou seja, empolado, prolixo, complexo, ou grave e pausado. Contra tal interpretação está o fato de não haver nenhuma passagem com tal sentido em grego antigo.

3. DL 7.174

Pearson C Apophthegmata 6, 16; SVF 1.463b, 1.601, 1.616; Watanabe t 1

°° // \\ §174 πρὸς δὲ τὸν μονήρη καὶ ἑαυτῷ λαλοῦντα, 'οὐ φαύλω,' ἔφη, 'ἀνθρώπῳ λαλεῖς.' \\ °° °° // ὀνειδίσαντος αὐτῷ τινος εἰς τὸ γῆρας, 'κἀγώ,' ἔφη, 'ἀπιέναι βούλομαι· ὅταν δὲ πανταχόθεν ἑμαυτὸν ὑγιαίνοντα περὶνοῶ καὶ γράφοντα καὶ ἀναγινώσκοντα, πάλιν μένω.' \\ °° // τοῦτόν φασιν εἰς [5] ὁστρακα καὶ βοῶν ὁμοπλάτας γράφειν ἅπερ ἦκουε παρὰ τοῦ Ζήνωνος, ἀπορίᾳ κερμάτων ὥστε ὀνήσασθαι χαρτία. τοιοῦτος δὲ ὢν ἐξίσχυσε, πολλῶν καὶ ἄλλων ὄντων ἀξιολόγων Ζήνωνος μαθητῶν, αὐτὸς διαδέξασθαι τὴν σχολήν. \\ °°

° C Ap 4
/ SVF 1.599
° C Ap 5
/ SVF 1.600
° C Ap 3
/ SVF 1.598
° C Ap 7
/ SVF 1.602
° C Ap 9
/ SVF 1.605
° C Ap 14
/ SVF 1.610

° C Ap7b
/ SVF 1.611b
° C Ap 21
/ SVF 1.613
° C Ap 13
/ SVF 1.609
° C Ap 8
/ SVF 1.603

° C Ap 10
/ SVF 1.606

° t 1
° C Ap16
/ SVF 1.616
° C Ap6
/ SVF 1.601
/ SVF1.463b

Tradução

°° // \\ §174 A alguém solitário que palavra consigo mesmo disse "não palras com um homem trivial." \\ °° °° // A alguém que lhe censurou a velhice, disse "eu quero ir embora; mas cada vez que pondero sobre minha saúde, que é boa em todos os sentidos, minha capacidade de escrever e palestrar, decido de novo permanecer." \\ °° // Diziam que ele escrevia em fragmentos de potes e omoplatas de bois as coisas que escutava junto a

° t 1
° C Ap 16
/ SVF 1.616
° C Ap 6
/ SVF 1.601
/ SVF1.463b

Zenão, por não recursos para adquirir folhas de papiro. E justamente ele, dentre muitos outros notáveis aprendizes de Zenão, conseguiu sucedê-lo na direção da escola. ¶¶

4. Plut. De rect.rat. 47e1-f3

SVF 1.464; Watanabe *t* 9(1)

¶Πᾶσαν οὖν ἀπωσάμενοι τὴν τοσαύτην βλακείαν καὶ ἀλαζονείαν καὶ πρὸς ^{w t 9(1)}
τὸ μαθεῖν ἰόντες καὶ περὶ τὸ λαβεῖν τῇ διανοίᾳ τὸ χρησίμως λεγόμενον
ὄντες, ὑπομένωμεν τοὺς τῶν εὐφυῶν δοκούντων γέλωτας, // ὥσπερ ὁ / SVF 1.464
Κλεάνθης καὶ ὁ Ξενοκράτης βραδύτεροι δοκοῦντες εἶναι τῶν
συσχολαστῶν οὐκ ἀπεδίδρασκον ἐκ τοῦ μανθάνειν οὐδ' ἀπέκαμνον, ἀλλὰ
φθάνοντες εἰς ἑαυτοὺς ἔπαιζον, ἀγγείοις τε βραχυστόμοις καὶ πινακίσι
χαλκαῖς ἀπεικάζοντες, ὥς μόλις μὲν παραδεχόμενοι τοὺς λόγους, ἀσφαλῶς
δὲ καίβεβαίως τηροῦντες. ¶ οὐ γὰρ μόνον, ὥς φησι Φωκυλίδης,
“πόλλ' ἀπατηθῆναι διζήμενον ἔμμεναι ἐσθλόν”,
ἀλλὰ καὶ γελασθῆναι δεῖ πολλὰ καὶ ἀδοξῆσαι, καὶ σκώμματα καὶ
ωμολοχίας ἀναδεξάμενον ὥσασθαι παντὶ τῷ θυμῷ καὶ καταθλῆσαι τὴν
ἀμαθίαν.

Tradução

¶Livrando-nos, portanto, de tal frouxidão e impostura toda, e nos direcionando ao ^{w t 9(1)}
aprendizado, e nos interessando pela manutenção no pensamento daquilo de proveitoso
que nos é dito, aturemos as risadas dos que parecem mais bem dotados. // Assim como / SVF 1.464
Cleantes e Xenócrates, parecendo ser mais lentos que os colegas de estudo, não desistiam
de aprender e nem se cansavam, e adiantando-se aos demais, contudo, zombavam de si
mesmos, comparando-se a jarras de boca estreita e a tabuletas de cobre, porque com
esforço recebiam as lições, mas as guardavam segura e firmemente. ¶ Pois não somente,
como disse Focílides,
“errar investigando muitos assuntos é nobre”,
Como também é preciso ser ridicularizado muitas vezes e desprezado, e, sendo alvo de
pilhérias e macaquices, debelar com toda bravura e pôr abaixo a ignorância.

5. Plut. De vit. aer. 830c14-d6

Pearson C Apophthegma 1b; SVF 1.465, 1.597b

°° // Κλεάνθη δ' ὁ βασιλεὺς Ἀντίγονος ἡρώτα διὰ χρόνου θεασάμενος ἐν ° C Apoph 1b
ταῖς Ἀθήναις “ἀλεῖς ἔτι, Κλέανθες;” “ἀλῶ,” φησὶν, “ὦ βασιλεῦ· ὁ ποιῶ / SVF 1.597b
ἔνεκα τοῦ Ζήνωνος μὴ ἀποστῆναι μηδὲ φιλοσοφίας.” ¶°° // ὅσον τὸ / SVF 1.465
φρόνημα τ'ἀνδρός, ἀπὸ τοῦ μύλου καὶ τῆς μάκτρας πεττούση χειρὶ καὶ
ἀλούση γράφειν περὶ θεῶν καὶ σελήνης καὶ ἄστρον καὶ ἡλίου.¶ ἡμῖν δὲ
δουλικὰ δοκεῖ ταῦτ' ἔργα.

Tradução

°° // O rei Antígono perguntou a Cleantes, por havê-lo longamente observado em Atenas ° C Apoph 1b
"ainda móis grãos?". Ele respondeu "Môo, caro rei, faço isso com vistas a não me afastar / SVF 1.597b
nem de Zenão nem da filosofia." ¶°° // Tal é o pensamento desse homen, a partir do / SVF 1.465
moinho e da masseira, com mão que fermenta e sova, escrever sobre os deuses e a lua e os
astros e o Sol. ¶ Parece-nos algo digno de escravos essas ações.

6. Sen. Ep. 44.3

Pearson C Apophthegma 1e; SVF 1.466a; Watanabe t 10(1)

¶Nec reicit quemquam philosophia nec eligit: omnibus lucet. Patricius
Socrates non fuit; °° // Cleanthes aquam traxit et rigando horto locavit
manus;¶\\ °° Platonem non accepit nobilem philosophia sed fecit: quid est
quare desperes his te posse fieri parem?

^w t 10(1)
^o CApoph 1e
/SVF 1.466a

Tradução

¶E a filosofia não rejeita nem escolhe quem quer que seja: ela brilha para todos. Sócrates
não era de família nobre. °° // Cleanthes trabalhou carregando água e alugava sua mão-de-
obra como regador de jardins.¶\\ °° A filosofia não acolheu Platão como um notável, mas
o tornou notável. O que há? Por que tu perdes a esperança de poder vir a ser alguém igual
a eles?

^w t 10(1)
^o CApoph 1e
/SVF 1.466a

7. Sen. Ep. 6.5.4-6.8

SVF 1.466b; Watanabe t 8(1)

Plus tamen tibi et viva vox et convictus quam oratio proderit; in rem
praesentem venias oportet, primum quia homines amplius oculis quam
auribus credunt, deinde quia longum iter est per praecepta, breve et efficax
per exempla. // ¶Zenonem Cleanthes non expressisset, si tantummodo
[5]audisset: vitae eius interfuit, secreta perspexit, observavit illum, an ex
formula sua viveret. ¶\\ Platon et Aristoteles et omnis in diversum itura
sapientium turba plus ex moribus quam ex verbis Socratis traxit;
Metrodorum et Hermarchum et Polyaeum magnos viros non schola
Epicuri sed contubernium fecit. Nec in hoc te accerso tantum, ut proficias,
[10]sed ut prosis; plurimum enim alter alteri conferemus.

^w t 8(1)
/SVF 1.466b

Tradução

Mais do que um discurso, a ti será mais útil tanto ouvir a voz, quanto fruir da intimidade.
É necessário que venhas ver como as coisas se passam, primeiro porque os homens dão
mais crédito aos olhos do que aos ouvidos, depois porque o caminho por meio de
preceitos é longo, sendo breve e eficaz por meio de exemplos. // ¶Cleanthes não
conseguiria representar uma imagem fiel de Zenão, se apenas o ouvisse; esteve em seu
convívio, examinou a intimidade do mestre, observou se ele vivia de acordo com sua
própria concepção de vida. ¶\\ Platão e Aristóteles e toda a turba de sábios que os haveria
de seguir por diversos caminhos ELES VÃO EM CAMINHOS DIVERSAS-
DIVERGENTES NÃO SEGUEM PLATÃO E ARISTÓTELES extraiu mais coisas com o
modo de vida de Sócrates do que de suas palavras. A Metrodoro, Hemarco e Polieno não
foi a escola de Epicuro que os fez grandes homens, senão a camaradagem. E não te
conclamo a isso tanto para que te beneficies, senão para que beneficies. Pois seremos
muito úteis um ao outro.

^w t 8(1)
/SVF 1.466b

8. Quint. Inst. 12.7.9

SVF 1.467; Watanabe t 12

at si res familiaris amplius aliquid ad usus necessarios exiget, secundum
omnium sapientium leges patietur sibi gratiam referri, // cum et Socrati
collatum sit ad victum et Zenon, Cleanthes, Chrysippus mercedes a
discipulis acceptaverint. \\

/SVF 1.467

Tradução

E se a administração doméstica necessita de algo mais para usos imprescindíveis, segundo as regras de todos os sábios será permitido tomar para si uma ajuda, // uma vez que até a Sócrates se tenha oferecido uma refeição, Zenão, Cleantes e Crisipo também aceitaram recompensas de seus discípulos. \

9. Phld. Stoic.Hist. col. 19

SVF 1.468; Watanabe *t* 2

W

/ SVF 1.468

// “νου[...]α[.....] οὐκ ἐ-
κόμισας, ἔφη, τὸ προσ-
ταχθέν” καὶ προσελ[θ]νὼν
διελέχθη καὶ τῇ κατό-
πιν, ἕως παρέσ[χεν ἀπο-
φέρειν· καὶ τὸ ὄ[λον] εἶτα
ἀποδοὺς ἐκέλε[υσεν τοῖς]
γονεῦσι ἐκπέμψαι. [Δι-
ὸ καὶ τινες τοῦτον [οὐκ
ὄντα πλούσιον ὥς [φι-
[λ]άργυρον ἐμέμφ[ον]
τὸ μηδ[.] \W

Aparato

2 αὐτὸν φέρειν Arnim

Tradução

// ...disse "não providenciaste o combinado", e coisas semelhantes lhe foram ditas no dia seguinte até que conseguiu pagar o combinado. Então após entregar, lhe o montante todo, (Cleantes) mandou enviá-lo de volta a seus pais. É por isso que – sem ser rico – alguns o censuravam como avarento. \

10. Phld. Stoic.Hist. col. 20

SVF 1.473; Watanabe *t* 2

// ..]ροιτ[....] τὸν ὁμο[ει]δῆ μν.[.....].ον
[εἰ]ρηται μ[ἐ]ν καὶ Ζή-
[ν]ωνι περὶ τῶν τ[οι]
[ο]ύτων καὶ γέγ[.] [
]εν καὶ Ζή[νων]
[τ]εῖα δ' εὐφημ[.]ν[
]πρὸς τοὺς π[ρο]γεν[ες
τ]έρους τῶν [φι]λοσό[φ]
ων· καὶ τιν[ω]ν χαρισ-
αμένων [α]ρε[.]π[.] \

/ SVF 1.473

Aparato

1 ὁμο[ει]δῆ Comparetti | λόγ]ον interpunxit Traversa

Tradução

// ... o similar... se dizia também que Zenão (escreveu) a respeito das mesmas coisas e / SVF 1.473

que... ditos elegantes a respeito dos filósofos precedentes: e dentre seus favoritos... \\\

11. Phld. Stoic.Hist. col. 24

SVF 1.472; Watanabe *t* 2

//... καὶ διὰ τ[οῦτ]ο πλείοσιν ὁμιλῶν. / SVF1.472
ὥς δέ τις εἰρηκῶς ἀνηγγέλη·
“τοῦτ' ἦν
ὁ Κλεάνθης, ὥσπερ εἰ τὰς σπονδὰς
ἐκάστῳ μικρὸν ἀπαρχόμενος,
πλατῦναι δὲ τὸν λόγον
οὐδέ ποτ' ἐθέλων
ἢ οὐ [δυ]νάμενος”,
ἐπεὶ παρατ[υ]γχάν-
οντ' εἶδεν αὐτόν, εἰπὼν τι πρὸς τὸ πρῶτ[ο]ν τε
[θέ]ν, [5]συμ[.][.][.] \\\

Aparato

2 ὥσπεροι P : ὥσπερ εἰ Comparetti : ὥς περὶ Arnim

Tradução

// e por isso relacionando, se com muitos. Quando lhe informaram que alguém declarara: / SVF1.472
“Cleantes é assim,
como quem guia as libações
aspergindo um pouquinho de cada vez,
sem nunca ampliar o discurso
ou sem ser capaz de fazê-lo”,
e já que o viu presente, falando algo em relação ao primeiro ponto propôs...\\

12. Phld. Stoic.Hist. col. 26

SVF 1.476a; Watanabe *t* 2

// ..[...]. σὰν. ἔτυχεν δ' αὖ / SVF 1.476a
τῷ μ[ικρὸ]ν πρὸ τῆς τε
λευτῆς ἐξάνθημα γε
νόμενον περὶ τὸ χεῖλος
ὃ τοῖς ἰατροῖς ἐδόκει κα
κόηθες εἶναι[ι..] δι[.
βουν τό τ' ἄσχημον
ρεῖν. διονυ[σ
ρὸν εἶναι τῇ
λεῖν· συνήθει[ς
γνωρίμους [
πε]ρὶ τῶν κ[\\\

Aparato

1-2 Comparetti

Tradução

// ... ocorreu-lhe, já perto da morte, um pequeno eritema surgido em torno do lábio. Os / SVF 1.476a
médicos eram da opinião de que fosse maligno... [suportar] a moléstia indecente, a
Dionísio [disse] ser... Reuniu seus conhecidos... \\\

13. Phld. Stoic.Hist. col. 27

SVF 1.476b; Watanabe *t* 2

// ζητεῖν, μήποτ' οὐκ ἄ
ξιον αὐτοῦ, φιλόζω[ι]ον
δ' ἢ ταπεινόν”. καὶ ταῦτ' εἰ
πῶν καὶ μείνας εὐδαί
μων..]υκα[.]ως ἐξε
.].υ[....]ν[. \\
Aparato
2 αὐτοῦ Buecheler* 4 sq. Comparetti 9-11 Comparetti 9 'toU ~ftv Vogliano

/SVF 1.476b

Tradução

// (de não) procurar jamais alguém que não lhe fosse igual em valor, apegado à vida ou mesquinho”. E dizendo isso e mantendo,se sereno... \\
/SVF 1.476b

14. Phld. Stoic.Hist. col. 28

SVF 1.477a; Watanabe *t* 2

συσε[.....]νενο
κοπτ[.....] ἔξω-
θεν οὐκ ε[.....]εχεσ-
θαι τοὺς [.....]ερους
τῶν σχ[
.σ δωδε[κ
μνημο[
νομου[//
δ' οὐ μικρ[ὸν τοῦ βίου
ἀπηλλάγη [ἐπ' ἄρχοντος Ἰ-
άσονος \\\ ε[.]νταδ[
υδ[.]δ[....]αυτ[.
Aparato
9-11 Comparetti 9 τοῦ ζῆν Vogliano

/SVF1.477a

Tradução

... // não pouco... afastou-se da vida durante o arcontado de Jasão. \\
/SVF1.477a

15. Phld. Stoic.Hist. col. 29

SVF 1.477b; Watanabe *t* 2

// Κλε|άνθην ἐπ' ἄρχον[το]ς
Ἀριστοφάνους καὶ
τὴν σχολὴν δια[κατ]α
σχεῖν ἐπ' ἔτη τριάκ[ο]ν
τα καὶ [δύ]ο. \\
Aparato
9-11 Comparetti 9 τοῦ ζῆν Vogliano

/SVF1.477b

Tradução

// Cleantes nasceu durante o arcontado de Aristófanes e manteve-se na direção da escola durante trinta e dois anos. \\
/SVF 1.477b

16. Stob. Ecl. 3.17.28

SVF 1.469; Watanabe *t* 11

//^W Αἰλιανοῦ ἐκ “τῆς συμμίκτου ἱστορίας”. ^{oo} Χρύσιππος ὁ Σολεὺς ^o *CApoph* 2c
ἐποιεῖτο τὸν βίον ἐκ πάνυ ὀλίγων, Κλεάνθης δὲ καὶ ἀπὸ ἐλαττόνων. ^W\\^{oo} / SVF 1.469
^w *t* 11

Tradução

//^W Da “História Variada” de Eliano: ^{oo} Crisipo de Sólis levava sua vida com realmente ^o *CApoph* 2c
muito pouco, Cleantes então, com menos ainda. ^W\\^{oo} /SVF 1.469
^w *t* 11

17. Plut. Adul. 55c6-9

SVF 1.470; Watanabe *t* 13

// ^W καὶ Βάτωνι τὴν σχολὴν ἀπεῖπεν Ἀρκεσίλαος, ὅτε πρὸς Κλεάνθην /SVF 1.470
στῖχον ἐποίησεν ἐν κωμῳδίᾳ, πείσαντος δὲ τὸν Κλεάνθην καὶ ^w *t* 13
μεταμελομένου διηλλάγη. ^W\\

Tradução

//^W E Arquesilau reprovou a brincadeira de Bátor, quando ele compôs um verso contra /SVF 1.470
Cleantes em uma comédia, após Bátor persuadir Cleantes, se arrependendo do que fizera, ^w *t* 13
reconciliou-se com Arcesilau. ^W\\

Comentário

a. Plutarco neste ponto do tratado dá exemplos de verdadeiros amigos que não se furtam a ministrar um remédio doloroso a um amigo para ajudá-lo a melhorar, desde que isso não destrua a amizade, o que é resumido no período seguinte (55c9-d1): δεῖ γὰρ ὠφελοῦντα λυπεῖν τὸν φίλον, οὐ δεῖ δὲ λυποῦντα τὴν φιλίαν ἀναιρεῖν, ἀλλ' ὥς φαρμάκῳ τῷ δάκνοντι χρῆσθαι, σφάζοντι καὶ φυλάττοντι τὸ θεραπευόμενον.

b. Esse texto, segundo Arnim (ad loc.) deve ser lido com SVF 1.471, que em sua reconstrução faz referência ao retorno de Baton à escola (sc. Academia); outros textos de críticas e vitupérios contra o filósofo e de sua reação estão em SVF 1.463

18. Cic. Luc. 73.6

SVF 1.480; Watanabe *t* 28

//^W Quis hunc philosophum (scil. Democritum) non anteponit Cleanthi, /SVF 1.480
Chrysippo, reliquis inferioris aetatis? qui mihi cum illo collati quintae ^w *t* 28
classis videntur. ^W\\

Tradução

//^W Quem não prefere esse filósofo (Demócrito) a Cleanthes, Crisipo, e os demais de /SVF 1.480
tempos mais recentes? Esses que a meu ver são de quinta categoria comparados a ele. ^w *t* 28
^W\\

19. Cic. Tusc. 2.60.7-61.1

Pearson C Apophthegma 11; SVF 1.607; Watanabe *t* 15

^{oo} // ^W e quibus (scil. philosophis) homo sane levis, Heracleotes Dionysius, ^o *C Apoph* 11
cum a Zenone fortis esse didicisset, a dolore deductus est. nam cum ex /SVF 1.607
renibus laboraret, ipso in eiulatu clamitabat falsa esse illa, quae antea de ^w *t* 15
dolore ipse sensisset. quem cum Cleanthes condiscipulus rogaret, quoniam
[5]ratio eum de sententia deduxisset, respondit: “quia si, cum tantum operae

philosophiae dedissem, dolorem tamen ferre non possem, satis esset argumenti malum esse dolorem. plurimos autem annos in philosophia consumpsi nec ferre possum: malum est igitur dolor.” tum Cleanthem, cum pede terram percussisset, versum ex “Epigonis” ferunt dixisse:

[10] Audisne haec, Amphiaraë, sub terram abdite?

Zenonem significabat a quo illum degenerare dolebat. $\mathbb{W} \setminus \circ \circ$

Aparato

2 deductus coni. Bentley : deductus GKRVH 5 si coni. Madvig | quicum GKRVH : quia cum ς 6 tantulum operae coni. Pohlenz : tanto opere GKRVH (operam V^{rec}) : tantum operae ς 11 amphiare GKRVH

Tradução

// $\mathbb{W}$ entre aqueles (filósofos) havia um homem realmente débil, Dionísio de Heracleia, $\circ$ C Apoph11 embora tenha aprendido de Zenão a ser resistente, a dor o desensinou. Pois quando sofreu /SVF 1.607 dores nos rins, no momento mesmo que entre lamentos gritava que eram falsas as $\text{w } t 15$ convicções que ele próprio tinha anteriormente. Quando Cleantes, seu colega de estudos, lhe perguntou, por qual razão ele fora demovido de sua convicção, respondeu: "porque se eu não pudesse suportar a dor, depois que houvesse me dedicado tanto à filosofia, isso seria suficiente como argumento de que a dor é um mal. Consumi vários anos em estudos de filosofia, porém não posso suportar a dor: logo a dor é um mal." Então dizem que Cleantes, enquanto batia os pés na terra, teria declamado o verso dos "Epígonos":

“Estás a ouvi-lo, Anfiarau, sob a terra encerrado?”

Referia-se a Zenão, de quem Dionísio havia se afastado e por isso sofria. $\mathbb{W} \setminus$

20. Stob. Ecl. 2.2.16.2

Pearson C Apophthegma 12; SVF 1.608; Watanabe t 23

$\mathbb{W}$ Κλεάνθους

$\circ \circ$ // Κλεάνθης ἐρωτώμενος διὰ τί παρὰ τοῖς ἀρχαίοις οὐ πολλῶν $\text{w } t 23$ φιλοσοφούντων ὁμῶς πλείους διέλαμψαν ἢ νῦν “ὅτι, εἶπε, τότε μὲν ἔργον $\circ$ C Apoph12 ἤσκεῖτο, νῦν δὲ λόγος.” $\mathbb{W} \setminus \circ \circ$ /SVF 1.608

Tradução

$\mathbb{W}$ De Cleantes

$\circ \circ$ // Cleantes perguntado por que causa não muitos dos que filosofaram de modo $\text{w } t 23$ semelhante entre os antigos se destacassem em relação aos de agora, disse "porque outrora $\circ$ C Ap12 exercitavam-se (*ēskeito*) em obras, e agora em discursos." $\mathbb{W} \setminus \circ \circ$ /SVF 1.608

Comentário

Ver Estobeu Ecl. 2. 2. 16.

21. Stob. Ecl. 2.31.125.68

Pearson C Apophthegma 17a; SVF 1.611a; Watanabe t 25

$\circ \circ$ // $\mathbb{W}$ ἢ οὐ τοιοῦτος παῖς ἐκεῖνος ὁ Λάκων, ὃς Κλεάνθην τὸν φιλόσοφον $\circ$ C Ap7a ἠρώτησεν, εἰ ἀγαθὸν ὁ πόνος ἐστίν; οὕτω γὰρ ἐκεῖνος φαίνεται φύσει /SVF 1.611^a πεφυκῶς καλῶς καὶ τεθραμμένος εὖ πρὸς ἀρετὴν, ὥστε ἔγγιον εἶναι $\text{w } t 25$ νομίζειν τὸν πόνον τῆς ἀγαθοῦ φύσεως ἢ τῆς τοῦ κακοῦ· ὃς γε ὡς [5] ὁμολογουμένου τοῦ μὴ κακὸν ὑπάρχειν αὐτόν, εἰ ἀγαθὸν τυγχάνει ὦν ἐπυνθάνετο. ὅθεν καὶ ὁ Κλεάνθης ἀγασθεὶς τοῦ παιδὸς εἶπεν ἄρα πρὸς αὐτόν

“αἵματος εἷς ἀγαθοῖο, φίλον τέκος, οἷ' ἀγορεύεις.” $\mathbb{W} \setminus \circ \circ$

Tradução

°° // ¶ Ou não foi este rapaz espartano aquele que perguntou ao filósofo Cleantes se o labor é um bem? Pois ele era manifestamente dotado tão belamente por natureza e bem criado para a virtude, que considerava que o labor estava mais próximo do bem da natureza do que do mal. E como aquele concordava que o labor não é um mal, indagava se ele é um bem. Por isso, Cleantes cheio de admiração pelo rapaz lhe declarou então:

"és de bom sangue, caro menino, pela maneira como falas" ¶ \\ °°

Comentário

b. Ver ainda DL 7.172 (= SVF 1.611b)

d. O verso "αἵματος εἰς ἀγαθοῖο, φίλον τέκος, οἷ' ἀγορεύεις." foi retirado de Hom. Od. 4.611.

° C Ap7a
/SVF 1.611a
* t 25

22. Stob. Ecl. 2.31.61.1-64.2

Pearson C Apophthegma 19; SVF 1.517b, 1.612; Watanabe t 24

Διογένους.

Ὅταν ἄλλου τινὸς φροντίζης, τότε ἀμελεῖς σαυτοῦ.

Πλάτων παρεκελεύετο τοῖς μαθηταῖς τρία ταῦτα ἔχειν· ἐπὶ μὲν τῆς γνώμης σωφροσύνην, ἐπὶ δὲ τῆς γλώττης σιγὴν, ἐπὶ δὲ τῶν ὀφθαλμῶν αἰδῶ.

[5]°° //¶ Κλεάνθης ἐταίρου ἀπιέναι μέλλοντος καὶ ἐρωτῶντος πῶς ἂν ἦκιστα ἀμαρτάνοι, εἶπεν· "εἰ παρ' ἑκάστα ὧν πράττοις δοκοίης με παρεῖναι".¶ \\ °°

// Ὁ αὐτὸς ἔφη τοὺς ἀπαιδεύτους μόνῃ τῇ μορφῇ τῶν θηρίων διαφέρειν. \\ /SVF 1.517b

Aparato

5 πράττεις δοκοίης ἐμὲ Arnim : πράττοις δοκοίης με Wachsmuth et Hense

° C Ap 19
/ SVF 1.612
* t 24

Tradução

De Diógenes.

Quando te preocupares com outrem, então descuidarás de ti mesmo.

Platão prescrevia a seus aprendizes a conservar estas três coisas: sobre a mente a moderação, sobre a língua o silêncio, sobre os olhos o pudor.

°° // ¶ Cleantes, a um colega prestes a se afastar e perguntando como se equivocaria o mínimo possível, diz: "se em cada ação que praticasses parecesses estar junto a mim" ¶ \\ °°

// Ele mesmo disse que os ignorantes diferem das bestas somente pelo aspecto. \\ /SVF 1.517b

Comentário

a. Fragmento retirado de uma passagem tratando de aforismos (Diógenes) e preceitos de ensino por filósofos renomados (Platão, Cleantes); na sequência dois fragmentos de Demócrito são apresentados (frs. 133 e 236 Mullach) e Metrodoro. Existe certo acordo no conjunto sobre a necessidade de abandonar e reformar hábitos comuns.

b. Texto idêntico ao apresentado acima aparece em Stob. Ecl. 3.4.89.1-2 (SVF 1.517a), em passagem tratando de equívocos ao buscar a finalidade da vida (felicidade, conhecimento, bens últimos). Lá, além do cínico Bión e do megárico Estilpo, professor de Zenão, Cleantes é antecedido por Diógenes de Sinope ("τοὺς ἀνθρώπους... τὰ δὲ πρὸς τὸ εὖ ζῆν οὐ πορίζεσθαι", 85.1-3) e Aristóteles ("τοὺς τὰ ἐναργῇ πράγματα πειρωμένους δεικνύναι ὅμοιον ἔφη ποιεῖν τοῖς διὰ λύχνου τὸν ἥλιον φιλοτιμουμένοις δεικνύναι.", 86.1-4); aqui, a citação de Cleantes compõe um conjunto com Diógenes, Platão e Demócrito sobre a importância de buscar o aprendizado e sobre o que buscar aprender. Ver também SVF 1.515ab e 1.516, sobre a alma dos animais em geral; sobre a necessidade de acompanhar e ser acompanhado, literal e figurativamente, pelo mestre, ver SVF 1.466b, 1.597b, onde em resposta a Antígono diz "ἀλλῶ... ὃ βασιλεῦ· ὁ ποιῶ ἔνεκα τοῦ Ζήνωνος μὴ ἀποστῆναι μηδὲ φιλοσοφίας."

c. Ver fr. 236 Mullach de Demócrito ("Τὰ μὲν καλὰ ἔργματα τοῖσι πόνοισι ἢ μάθησις ἐξεργάζεται, τὰ δ' αἰσχροῦ ἄνευ πόνων αὐτόματα <ἢ ἀμαθίᾳ> καρποῦται")

° C Ap9
/ SVF 1.612
* t 24

23. Plut. Alc. 6.2.1, 194b-c

Pearson C 108; SVF 1.614; Watanabe t 21

¶Ο δὲ Σωκράτους ἔρως πολλοὺς ἔχων καὶ μεγάλους ἀνταγωνιστὰς πῇ μὲν ἐκράτει τοῦ Ἀλκιβιάδου, δι' εὐφυΐαν ἀπτομένων τῶν λόγων αὐτοῦ καὶ τὴν καρδίαν στρεφόντων καὶ δάκρυα ἐκχεόντων, ἔστι δ' ὅτε καὶ τοῖς κόλαξι πολλὰς ἡδονὰς ὑποβάλλουσιν ἐνδιδούς ἑαυτόν, ἀπωλίσθανε τοῦ Σωκράτους καὶ δραπετεῦον ἀτεχνῶς ἐκυνηγεῖτο, πρὸς μόνον ἐκεῖνον ἔχων

* t 21

τὸ αἰδεῖσθαι καὶ τὸ φοβεῖσθαι, τῶν δ' ἄλλων ὑπεροπῶν. °° // Ὁ μὲν οὖν Κλεάνθης ἔλεγε τὸν ἐρώμενον ὑφ' ἑαυτοῦ μὲν ἐκ τῶν ὧτων κρατεῖσθαι, τοῖς δ' ἀντερασταῖς πολλὰς λαβὰς παρέχειν ἀθίκτους ἑαυτῷ, τὴν γαστέρα λέγων καὶ τὰ αἰδοῖα καὶ τὸν λαιμόν. ᾤ°° ° C 108 / SVF 1.614

Tradução

¶O amor de Sócrates, tendo muitos e grandes rivais, por vezes dominava Alcebiades. Seus discursos tocavam uma bondade natural e mexiam com seu coração, até vertendo lágrimas. Mas outras vezes, porém, se entregava aos seus adúladores, que lhe acenavam com muitos prazeres e escapava à intimidade com Sócrates. Fugindo desregradamente era caçado por Sócrates, somente a ele respeitando e temendo, enquanto desprezava os demais. °° // Portanto Cleantes dizia que controlava seu amado pelas orelhas, enquanto deixava aos demais rivais muitas partes suas intocadas, mencionando o trato digestivo, as vergonhas e a garganta. \ \ °° ° C 108 / SVF 1.614

24. Stob. Ecl. 3.33.8.2

Pearson C Apophthegma 15; SVF 1.615; Watanabe t 26

¶Κλεάνθους °° // σιωπῶντος τοῦ Κλεάνθους, ἐπεὶ τις ἔφη “τί σιγᾷς; καὶ μὴν ἡδὺ τοῖς φίλοις ὁμιλεῖν,” “ἡδύ, ἔφη, ἀλλ' ὅσῳ ἥδιον, τοσῶδε μᾶλλον αὐτοῦ τοῖς φίλοις παραχωρητέον.” ᾤ°° ° C Ap 15 / SVF 1.615

Tradução

¶ De Cleantes °° // Uma vez, silente Cleantes, alguém lhe disse: "por que te calas? Não é prazeroso entreter-se com os amigos?". Ele lhe respondeu: "É prazeroso, porém quanto mais prazeroso, tanto mais se deve ceder a vez aos amigos." ᾤ°° ° C Ap 15 / SVF 1.615

25. Anon. Scholia in Iliadem (scholia vetera) (= D scholia) 3.64.8-10

Pearson C 63; SVF 1.544; Watanabe f 65

°° // ¶ Κλεάνθης δὲ ἐν Λέσβῳ οὕτω τιμᾶσθαι χρυσῆν Ἀφροδίτην. ᾤ°° ° C 63 / SVF 1.544 ° f 65

Tradução

°° // ¶ Cleantes esteve em Lesbos, a fim de honrar a estátua de Afrodite dourada. ᾤ°° ° C 63 / SVF 1.544 ° f 65

Comentário

b. Segundo Pearson “Cleanthes tried to explain the currency of the epithet χρυσή by the existence of a gilded statue of Aphrodite at Lesbos” (ad loc.)

d. ver Ilias 3.64 “μή μοι δῶρ' ἐρατὰ πρόφερε χρυσῆς Ἀφροδίτης· ”.

26. DL 7.176

Pearson C Apophthegma 22a; SVF 1.474; Watanabe t 1

¶ °° // §176 καὶ τελευτᾷ τοῦτον τὸν τρόπον· διώδησεν αὐτῷ τὸ οὖλον· ἀπαγορευσάντων δὲ τῶν ἱατρῶν, δύο ἡμέρας ἀπέσχετο τροφῆς. καὶ πῶς ἔσχε καλῶς ὥστε τοὺς ἱατροὺς αὐτῷ πάντα τὰ συνήθη συγχωρεῖν· τὸν δὲ μὴ ἀνασχέσθαι, ἀλλ' εἰπόντα ἡδὴ αὐτῷ προοδοποιεῖσθαι καὶ τὰς λοιπὰς °° t 1 ° C Ap 22a / SVF 1.474

§5|ἀποσχόμενον τελευτῆσαι °° ταῦτὰ Ζήνωνι, καθά φασί τινες, [π'] ἔτη
βιώσαντα καὶ ἀκούσαντα ἔτη ἐννεακαίδεκα. \\
ἐπαίξαμεν δὴ καὶ ἡμεῖς πρὸς αὐτὸν οὕτως·
αἰνῶ Κλεάνθην, ἀλλὰ μᾶλλον Αἰδὴν·
ιδῶν γὰρ αὐτὸν πρέσβυν οὐκ ἠνέσχετο
|10|[τὸ] μὴ οὐ τὸ λοιπὸν ἄνεσιν ἐν φθιτοῖς ἔχειν
τοσοῦτον ἀντλήσαντα τοῦ βίου χρόνον.ῥ

Aparato

5-6 π' (= ὀγδοήκοντα) FP⁴s.l.: om. BP¹, del. Arnim. Vid. T. Dorandi, *Philologus* 134 (1990) 161–2
ἀκούσαντα ζήνωνος Z (Frob.), falso θ' καὶ ι' B: θ' καὶ δεκα (sic: ras. supra ι et ε) P: ἐννέα καὶ δέκα F

Tradução

ῥ °° // §176 E findou – Cleantes – dessa maneira. A gengiva se lhe inchou gravemente; por restrição médica, absteve-se da alimentação dois dias. E se portava tão bem, que os médicos lhe permitiram o regime usual; ele não consentia, dizendo, entretanto, estar já pronto seu caminho e recusando as restantes (refeições) até falecer °° com a mesma idade que tinha Zenão, segundo dizem alguns, tendo vivido (oitenta) e escutado, o por dezenove. \\

Nós também lhe compusemos o seguinte:

louvo a Cleantes, porém mais a Hades,
pois vendo-o idoso não suportou
|10| que no pós-vida descansasse,
E o fez continuar carregando água ῥ

Comentário

a. o epigrama de Diógenes encerra a seção do livro 7 sobre Cleantes, embora não seja a última referência ao filósofo.
b. esse epigrama, não incluído na coletânea de Arnim, faz parte da fortuna literária de Cleantes como personagem para a posteridade. Ver SVF 1.463a (Tímon), 1.603 (Sositeu), SVF 1.470-1 (Baton), *Anthologia Graeca* 11.28 (Posídipo), Pérsio (Sat. 5. 62-72), Ausônio (Prof. 15, v.1-14), Juvenal (Sat. 2.1-7), Gregorius Nazyanzenus (*Carmina moralia*, col.700, v.12-14), Luciano de Samósata (Symp. 30.1-32.9; Fug. 31.5-13).

27. Ps.-Luci. Macrob. 19.6-20.1

Pearson C *Apophthegma* 22b; SVF 1.475; Watanabe *t* 16(1)

§19 Ζήνων δὲ ὁ τῆς Στωϊκῆς φιλοσοφίας ἀρχηγὸς ὀκτὼ καὶ ἐνενήκοντα: ὅν φασιν εἰσερχόμενον εἰς τὴν ἐκκλησίαν καὶ προσπταίσαντα ἀναφθέγξασθαι, Τί με βοᾷς; καὶ ὑποστρέψαντα οἴκαδε καὶ ἀποσχόμενον τροφῆς τελευτῆσαι τὸν βίον. °° // Κλεάνθης δὲ ὁ Ζήνωνος μαθητῆς καὶ διάδοχος ἐννέα καὶ |5|ἐνενήκοντα: οὗτος γεγονὼς ἔτη φῦμα ἔσχεν ἐπὶ τοῦ χεῖλους καὶ ἀποκαρτερῶν ἐπελθόντων αὐτῷ παρ' ἐταίρων τινῶν γραμμάτων προσενεγκάμενος τροφήν καὶ πράξας περὶ ὧν ἡξίουσιν οἱ φίλοι, ἀποσχόμενος αὐθις τροφῆς ἐξέλιπε τὸν βίον. \\ °°

°CApoph22b
/SVF 1.475

Tradução

§19 Zenão, o líder da filosofia estóica, viveu noventa e oito anos; dizem que ele, ao se dirigir a uma reunião, e após tropeçar em voz alta clamou: “por que me chamam?” E dando meia volta, rumou para sua casa, e recusando alimentação, pôs fim à sua vida. °° // Cleantes foi discípulo e sucessor de Zenão, com noventa e nove anos teve um tumor nos lábios e começou a definhar, alguns companheiros de estudos visitaram-no, recebeu alimento e fez os amigos refletirem sobre o assunto; então novamente se absteve da comida e deixou a vida. \\ °°

°CApoph22b
/SVF 1.475

28. Gal. Qual.incor. 4.467.8

SVF 1.478; Watanabe t 17

// οὐ φημι δεῖν ἐν καὶ ταὐτὸν εἶναι νομίζειν τὸ ἔχον τῷ ἐχομένῳ· οὔτε γὰρ Κλεάνθης ἦν φῦμα, ἐπεὶ συμβεβήκει τοῦτ' αὐτῷ κατὰ τὸ νόσημα, οὔτε Χρυσίππος ἔτι δ' Ἐπίκουρος στραγγουρία, ἐπειδὴ ἐκ τούτου τοῦ πάθους αὐτοῖς συνέβη καταστρέφειν τὸν βίον. οὐκ οὐδὲ πληγὴ τοῦ ἀέρος ἀήρ [5]ἐστίν //

/SVF1.478

Tradução

// Digo não ser preciso pensar que o que possui e o que é possuído são uma única e mesma coisa: pois Cleantes não era um tumor, quando isso ocorreu por conta da enfermidade, nem Crisipo ou Epicuro a estrangúria, quando por causa dessa doença sua vida foi arruinada. Com efeito uma lufada de ar não é o ar //

/SVF 1.478

29. Strab. Geo. 13.1.57.1-22

SVF 1.479; Watanabe t 4(a¹)

Ἔστι δὲ ἡ Ἄσσος ἐρυμνὴ καὶ εὐτειχὴς, ἀπὸ θαλάττης καὶ τοῦ λιμένος ὀρθίαν καὶ μακρὰν ἀνάβασιν ἔχουσα, ὥστ' ἐπ' αὐτῆς οἰκείως εἰρῆσθαι δοκεῖ τὸ τοῦ Στρατονίκου τοῦ κιθαριστοῦ “Ἄσσον ἴθι, ὥς κεν θᾶσσον ὀλέθρου πείραθ' ἴκηαι.” ὁ δὲ λιμὴν χώματι κατεσκευάσται μεγάλῳ. //ᾤκισεν δὲ τὴν Κλεάνθης, ὁ Στωϊκὸς φιλόσοφος, ὁ διαδεξάμενος τὴν Ζήνωνος τοῦ Κιτιέως σχολήν, καταλιπὼν δὲ Χρυσίππῳ τῷ Σολεῖ.ᾤκισεν δὲ καὶ Ἀριστοτέλῃ διέτριψε διὰ τὴν πρὸς Ἑρμείαν τὸν τύραννον κηδεῖαν. ἦν δὲ Ἑρμείας εὐνοῦχος, τραπεζίτου τινὸς οἰκέτης· γενόμενος δ' Ἀθήνησιν ἠκροάσατο καὶ Πλάτωνος καὶ Ἀριστοτέλους· ἐπανελθὼν δὲ τῷ δεσπότῃ συνετυράννησε, πρῶτον ἐπιθεμένῳ τοῖς περὶ Ἀταρνέα καὶ Ἄσσον χωρίοις· ἔπειτα διεδέξατο ἐκεῖνον καὶ μετεπέμψατο τὸν τε Ἀριστοτέλην καὶ Ξενοκράτην καὶ ἐπεμελήθη αὐτῶν, τῷ δ' Ἀριστοτέλει καὶ θυγατέρα ἀδελφοῦ συνώκισε. Μένων δ' ὁ Ῥόδιος ὑπηρετῶν τότε τοῖς Πέρσiais καὶ στρατηγῶν, προσποιησάμενος φιλίαν καλεῖ πρὸς ἑαυτὸν ξενίας τε ἅμα καὶ πραγμάτων προσποιητῶν χάριν, συλλαβὼν δ' ἀνέπεμψεν ὥς τὸν βασιλέα, κάκεῖ κρεμασθεὶς ἀπώλετο· οἱ φιλόσοφοι δ' ἐσώθησαν φεύγοντες τὰ χωρία ἃ οἱ Πέρσαι κατέσχον.

/SVF1.479
w t 4(a¹)

Tradução

A ilha de Assos é naturalmente guarnecida e fortificada, tendo uma subida longa e direta a partir do mar e do porto, resultando bem a propósito o dito do citarista Estratonico a seu respeito: “para que chegues mais rápido aos confins da morte, basta chegar a Assos”, seu porto foi construído com um grande dique. // ᾤκισεν Dali era Cleantes, o filósofo estoico, que sucedeu Zenão de Cício na direção da escola, deixando-a depois a Crisipo de Solis.ᾤκισεν Ali também Aristóteles passou algum tempo por causa de sua ligação com o imperador Hermias. Esse era um eunuco, servo doméstico de certo banqueiro. Hermias veio a Atenas e foi discípulo tanto de Platão quanto de Aristóteles e após retornar passou a governar junto com seu mestre, que previamente ocupara a região de Atarnes e Assos. Depois de sucedê-lo no governo, mandou buscar Aristóteles e Xenócrates e os recebeu aos seus cuidados, inclusive oferecendo a Aristóteles a filha de um irmão em matrimônio. No entanto Memnon, de Rodes, que naquele momento servia aos persas como general, após estabelecer uma falsa amizade e convidar o imperador, invocando a hospitalidade, a pretexto de falsos negócios, capturando-o enviou ao rei persa. Ali ele morreu enforcado. Os filósofos se salvaram fugindo da região, que os persas submeteram.

/SVF 1.479
w t 4(a¹)

Comentário

c. Em DL 5.3-11, passagem que confirma a estadia de Aristóteles no reino de Hermias e a ligação entre o filósofo e monarca, que estadia teria ocorrido entre 348 e 345 a.E.c., quando a ilha volta a submeter-se à ordem persa - Cf. Diod.Sic.16.52, onde o responsável por entregar Hermias é Mentor e não Memnon.

30. Stob. Ecl. 3.7.54.2

Pearson C Apophthegma 22c; SVF 1.604; Watanabe *l* 16(2)

°° // Κλεάνθης ὑπὸ γλώττης ἔλκουσ αὐτῷ γενομένου τὴν τροφὴν οὐκ ἐδύνατο παραπέμπειν· ὥς δὲ ῥᾶον ἔσχε καὶ ὁ ἰατρὸς αὐτῷ τροφὴν προσήγαγεν “σὺ δέ με, ἔφη, βούλει ἤδη τὸ πλεον τῆς ὁδοῦ κατανύσαντα ἀναστρέφειν, εἴτα πάλιν ἐξ ὑπαρχῆς τὴν αὐτὴν ἔρχεσθαι,” καὶ ἐξῆλθεν τοῦ βίου. \ \ °° ° C Apoph22c /SVF1.604

Tradução

°° // Cleantes, depois de lhe surgir sob a língua um chaga, não pôde engolir o alimento. Quando estava melhor o médico permitiu-lhe alimentar-se. Ele dizia "mas tu queres estender,me o caminho já terminado e me fazer caminhá-lo do princípio de novo?" E assim partiu da vida. \ \ °° ° C Apoph22c /SVF 1.604

Fragments adicionados a ‘I.a. Vida, ditos, episódios e epigramas’

Dos fragmentos adicionados neste ponto do *corpus*, praticamente todos citam nominalmente o filósofo em estudo aqui e não foram incluídos em SVF somente porque não foram analisados a tempo pelo editor.

A respeito da estrofe que comenta a obra de Heráclito, Deichgräber¹²⁴ defende que o epigrama (Ad SVF Cl.vit.(6) = DL 9.15-16 abaixo) seria estóico em razão de seu conteúdo e dentre os estoicos elege Cleantes como seu autor. Trata-se de um epigrama anônimo sobre a obra de Heráclito. Baseado no juízo estético a respeito do poema e na importância que o estoicismo dava ao pré-socrático, Deichgräber julga de sua autoria.

Nesse contexto, este epigrama calharia tanto como introdução, quanto fechamento de uma obra de interpretação de Heráclito. Segundo ele, o epigrama seria de Cleantes pelas seguintes razões: (1) sabe-se que ele produziu uma obra de explicação de Heráclito em quatro livros¹²⁵; (2) sabe-se que – dentre os estóicos antigos – o mais afeito à forma de expressão métrica era reconhecidamente Cleantes. Embora seja tentador concordar com o estudioso, é preciso lembrar que não existe no *corpus* cleanteano outro exemplo de poesia sem um conteúdo preceitual ou doutrinal explícito, o que por si só não constitui prova contra a hipótese de Deichgräber.

¹²⁴ 1938: 28-30

¹²⁵ DL 7.174 (= SVF 1.481).

31. DL 1.13-15

Watanabe *t* 5(4); ad SVF Cleanthis vitam (SVF 1.463-482) et varia (1.589-619) (1)

φιλοσοφίας δὲ δύο γεγόνασιν ἀρχαί, ἥ τε ἀπὸ Ἀναξίμανδρου καὶ ἡ ἀπὸ Πυθαγόρου... Θαλοῦ μὲν γὰρ Ἀναξίμανδρος, οὗ Ἀναξίμενης, οὗ Ἀναξαγόρας, οὗ Ἀρχέλαος, οὗ Σωκράτης ὁ τὴν ἠθικὴν εἰσαγαγών· οὗ οἱ τε ἄλλοι Σωκρατικοὶ καὶ Πλάτων ὁ τὴν ἀρχαίαν Ἀκαδημίαν συστησάμενος ... εἰς δὲ Χρύσιππον οὕτω καταλήγει· ᾧ Σωκράτους Ἀντισθένης, οὗ Διογένης ὁ Κύων, οὗ Κράτης ὁ Θηβαῖος, οὗ Ζήνων ὁ Κιτιεύς, οὗ Κλεάνθης, οὗ Χρύσιππος. ᾧ

^w *t* 5(4)

Tradução

Houve dois princípios da filosofia, um a partir de Anaximandro e outro a partir de Pitágoras... e de Tales Anaximandro (herdou), e desse a Anaxímenes, então a Anaxágoras, donde Arquelaus, de quem Sócrates (herdou a filosofia), sendo o introdutor da ética; desse vieram os demais socráticos e Platão, o qual estabeleceu a Antiga Academia... até Crisipo o legado filosófico se deu deste modo: ᾧ Antístenes herdou de Sócrates, de quem Diógenes o Cão foi discípulo, daí a Crates o tebano, então Zenão de Cítio, donde Cleantes, de quem Crisipo herdou. ᾧ

^w *t* 5(4)

Comentário

a. essa passagem expõe uma tese, vigente a partir do período helenístico, sobre como se deu o surgimento da filosofia, a partir de duas origens, duas famílias de pensadores e duas listas de sucessões entre mestres e discípulos: uma origem jônica com Tales, uma origem itálica com Pitágoras. Trata-se de uma tentativa de reconstrução da história da filosofia e dos filósofos. Sócrates é um elo importante na lista jônica.

32. DL 7.17.6-9

SVF 1.286; Watanabe *t* 8(3); ad SVF Cleanthis vitam¹²⁶ (2)

ᾧ ἐρωτικῶς δὲ διακείμενος [Ζήνων] Χρεμωνίδου, παρακαθίζόντων αὐτοῦ τε καὶ Κλεάνθους, ἀνέστη· θαυμάζοντος δὲ τοῦ Κλεάνθους ἔφη, “καὶ τῶν ἱατρῶν ἀκούω τῶν ἀγαθῶν, κράτιστον εἶναι φάρμακον πρὸς τὰ φλεγμαίνοντα ἡσυχίαν.” ᾧ

^w *t* 8(3)

Tradução

ᾧ[Zenão] estava apaixonado por Cremonides, certa vez em que esse se sentou junto a ele e a Cleantes, se levantou, a Cleantes espantado disse: “também escuto as recomendações dos bons médicos, o remédio mais poderoso para as inflamações é a tranquilidade”.ᾧ

^w *t* 8(3)

33. DL 7.36.1-38.1

Watanabe *t* 6(1), *t* 20(1); ad SVF Cleanthis vitam (3)

ᾧ §36 Μαθηταὶ δὲ Ζήνωνος πολλοὶ μὲν... [Περσαῖος Δημητρίου Κιτιεύς,] Ἀρίστων Μιλτιάδου Χῖος, ὁ τὴν ἀδιαφορίαν εἰσηγησάμενος. Ἡρίλλος Καρχηδόνιος, ὁ τὴν ἐπιστήμην τέλος εἰπών. Διονύσιος ὁ μεταθέμενος εἰς τὴν ἡδονήν· διὰ γὰρ σφοδρὰν ὀφθαλμίαν ὤκνησεν ἔτι λέγειν τὸν πόνον

^w *t* 6(1)

¹²⁶ ‘Ad Cleanthis vitam’ = ‘Ad Cleanthis vitam (SVF 1.463-482) et varia (1.589-619)’. Os novos fragmentos incorporados recebem numeração sequencial. ‘Ad Cleanthis vitam (2)’, por exemplo, nos comentários abaixo, serão referidos como ‘Ad SVF Cl.vit.(2)’

ἀδιάφορον· οὗτος ἦν Ἡρακλεώτης. Σφαῖρος Βοσποριανός· Κλεάνθης Φανίου Ἀσσιος, ὁ διαδεξάμενος τὴν σχολήν· ὃν καὶ ἀφωμοίου ταῖς σκληροκήροις δέλτοις, αἱ μολὶς μὲν γράφονται, διατηροῦσι δὲ τὰ γραφέντα. § 38 διήκουσε δ' ὁ Σφαῖρος καὶ Κλεάνθους μετὰ τὴν Ζήνωνος τελευτήν· καὶ λέξομεν § 38 περὶ αὐτοῦ ἐν τῷ Περὶ Κλεάνθους. §

^w t 20(1)

Tradução

§ 36 Muitos foram os discípulos de Zenão... [Perseu de Cítio filho de Demétrio,] Aríston, filho de Miltiádes, de Quios, o qual introduziu o conceito de indiferença. Herilo de Cartago, que afirmava ser o conhecimento a finalidade da vida. Dionísio o trânsfuga convertido ao prazer (sc. ao epicurismo), por causa de uma oftalmia severa se recusou ainda a dizer que o sofrimento era indiferente; ele era de Heracleia. Esfero era do Bósforo. Cleantes, filho de Fanias, de Assos, ele foi o sucessor na escola. Comparavam-no às tabuletas de cera dura, nas quais com dificuldade se escreve, porém que conservam o que foi escrito. § Esfero foi discípulo de Cleantes depois da morte de Zenão; sobre ele falaremos no capítulo sobre Cleantes. §

^w t 6(1)

^w t 20(1)

Comentário

b. “ἐν τῷ Περὶ Κλεάνθους” é obviamente uma referência ao capítulo que abrange os parágrafos 7.168-176.

34. DL 7.177.1-2; 7.179.1; 7.182.5-9

SVF 2.1; Watanabe t 20(2)(3)(4); Ad SVF Cleanthis vitam (4)

ΣΦΑΙΡΟΣ

§ 177 Τούτου (Κλεάνθους), καθάπερ προειρήκαμεν, ἤκουσε μετὰ Ζήνωνα καὶ Σφαῖρος ὁ Βοσποριανός § (...)

^w t 20(2)

ΧΡΥΣΙΠΠΟΣ

§ 179 Χρύσιππος Ἀπολλωνίου Σολεύς, ἡ Ταρσεὺς ὡς Ἀλέξανδρος ἐν Διαδοχαῖς, μαθητὴς Κλεάνθους. οὗτος πρότερον μὲν δόλιχον ἤσκει, ἔπειτα ἀκούσας Ζήνωνος ἡ Κλεάνθους, ὡς Διοκλῆς καὶ οἱ πλείους, ἔτι τε ζῶντος ἀπέστη αὐτοῦ καὶ οὐχ ὁ τυχὼν ἐγένετο κατὰ φιλοσοφίαν· ἀνὴρ εὐφυῆς καὶ [5] ὁξύτατος ἐν παντὶ μέρει οὕτως ὥστε καὶ ἐν τοῖς πλείστοις διηνέχθη πρὸς Ζήνωνα, ἀλλὰ καὶ πρὸς Κλεάνθην, ᾧ καὶ πολλάκις ἔλεγε μόνῃς τῆς τῶν δογμάτων διδασκαλίας χρῆζειν, τὰς δ' ἀποδείξεις αὐτὸς εὐρήσειν. μετενόει μέντοι ὁπότε πρὸς αὐτὸν ἀποτείνοντο, ὥστε συνεχῆς προφέρεσθαι ταῦτα.

^w t 20(3)

ἐγὼ δὲ τὰλλα μακάριος πέφυκ' ἀνὴρ [10] πλὴν εἰς Κλεάνθη· τοῦτο δ' οὐκ εὐδαιμονῶ. § (...)

§ 182.5 § πρὸς δὲ τὸν κατεξανιστάμενον Κλεάνθους διαλεκτικὸν καὶ προτείνοντα αὐτῷ σοφίσματα, “πέπαυσο,” εἶπε, “παρέλκων τὸν πρεσβύτερον ἀπὸ τῶν πραγματικωτέρων, ἡμῖν δὲ τὰ τοιαῦτα πρότεινε τοῖς νέοις.” § (...)

^w t 20(4)

§ 185.6 § Πτολεμαίου τε πρὸς Κλεάνθην ἐπιστεῖλαντος ἡ αὐτὸν ἐλθεῖν ἡ πέμψαι τινά, Σφαῖρος μὲν ἀπῆλθε, Χρύσιππος δὲ περιεῖδε. §

Aparato

Ante 1 tit. χρύσιππος FΦ: om. B vacuum relinquens 1 Ἀπολλωνίδου Sudae χ 568 codices praeter F

2 δόλιχον Huebn.: δολιχόν BPF

5 πλείστοις BP1Fpc: παιστοῖς P⁴ (ai in ras.) ἀλλὰ om. Φ πρὸς om. F πρὸς αὐτὸν Φ

7 καὶ om. Φ

8 ὥστε—ταῦτα om. Φ
 8 συνεχῶς P φέρεσθαι F
 9 τᾶλλα BF: τᾶλλα ΦP⁴: τὰ ἄλλα P¹
 10 Κλεάνθην Dorandi

Tradução

ESFERO

§177 Segundo o que já deixamos registrado antes, após Zenão Esfero de Bósforo foi ouvinte dele (Cleantes) § (...)

CRISIPO

§179 Crisipo, filho de Apolônio, de Sólis, ou de Tarso, segundo Alexandro em “Sucessões”, foi um discípulo de Cleantes. Antes ele treinava para corridas de fundo, então começou a estudar junto a Zenão ou Cleantes, como diz Diocles e a maioria. Enquanto Cleantes ainda vivia afastava-se dele sem deixar de freqüentá-lo, e não se tornou um qualquer em filosofia; era um homem bem dotado e acutíssimo em todas as partes (da filosofia), tanto que diferiu em grande parte não só de Zenão, como também de Cleantes. A esse dizia muitas vezes que lhe fornecesse somente o ensino das doutrinas, pois ele mesmo encontraria as demonstrações. No entanto cada vez que dissentia dele se arrependia de modo a continuamente pronunciar o seguinte:

Eu nasci abençoado em todas as outras coisas

Exceto em relação a Cleantes: nisso não sou feliz. § (...)

§182.5 § A um dialético que lutava com Cleantes propondo-lhe sofismas, (Crisipo) disse: “Para de arrastar os mais velhos para longe de seus afazeres mais úteis! Propõe-nos, aos mais novos, tais coisas.” § (...)

§ 189.6 § Ptolomeu enviou uma carta a Cleantes para que ele mesmo fosse (a Alexandria) ou que enviasse alguém, Esfero partiu, enquanto Crisipo recusou. §

35. DL 7.163

Ad SVF Cleanthis vitam (5)

§ 163... βιβλία δὲ αὐτοῦ (Ἀρίστωνος) φέρεται τάδε· (...)

Πρὸς Κλεάνθην

Ἐπιστολῶν δ’

Aparato

2 Κλεάνθη B: -ην PF

2-3 Πρὸς Κλεάνθην Gomperz (1888) et SVF et Dorandi (2013) : Πρὸς Κλεάνθην ἐπιστολῶν δ’ Ioppolo (1980)

Tradução

§ 163 Atribuem-lhe (a Aríston) os seguintes livros: (...)

Contra Cleantes

4 Cartas

Comentário

a. passagem retirada do capítulo sobre vida e pensamento de Aríston, é o filósofo estoico responsável por uma revisão das teorias da escola sob um viés cinicizante, o que implica em reduzir o escopo da filosofia à ética.

b. não restou qualquer citação diretamente extraída dessa obra; é possível supor que o objeto de discordância trata-se da definição de filosofia e de suas disciplinas, já que Aríston desprezava o estudo da lógica e da física (p.ex. DL 7.160). Levando-se em conta a relevância da porção física e teológica no *corpus* cleanteano, à qual se pode associar alguns textos sobre retórica poética, vê-se que a oposição intelectual entre ambos é importante e crucial para definição da ortodoxia estoica entre o segundo e terceiro quartéis do século 3 a.E.c.; ver, no entanto, Them. Or. 21, 255a8-b3 (=Watanabe t 41; Ad SVF Cl.vit.41), em que uma

d. Para enfatizar a aliança ou amizade entre Aríston e Cleantes, sugerida pelo fragmento de Temístio (ver ‘b’ *in fine*), Ioppolo (1980, p.23-25) prefere ler o título de ambas as obras como referindo-se a 4 cartas a Cleantes; a lista de livros em DL 7.163 traz nada menos do que 3 títulos de obras polêmicas anteriores a esse (Πρὸς τοὺς ῥήτορας, Πρὸς τὰς Ἀλεξίνου ἀντιγραφάς, Πρὸς τοὺς διαλεκτικούς γ’), por isso se prefere aqui a leitura de Gomperz, Arnim e Dorandi. É

provável que a rivalidade intelectual entre ambos fosse a tônica da relação, mais do que alguma oposição pessoal, embora não existam fragmentos comprovantes; a mesma conclusão pode se aplicar à relação entre Cleanthes e Crisipo.

36. DL 9.15.1-11; 9.16.10-13

Anthologia Palatina 9.540; Watanabe *t* 45; ad SVF Cleanthis vitam (6)

Δημήτριος δέ φησιν ἐν τοῖς Ὀμωνύμοις καὶ Ἀθηναίων αὐτὸν ὑπερφρονῆσαι, δόξαν ἔχοντα παμπλείστην, καταφρονούμενόν τε ὑπὸ τῶν Ἐφεσίων μᾶλλον τὰ οἰκεῖα. μέμνηται αὐτοῦ καὶ ὁ Φαληρεὺς Δημήτριος ἐν τῇ Σωκράτους ἀπολογία. ᾠπλείστοί τέ εἰσιν ὅσοι ἐξήγηνται αὐτοῦ τὸ σύγγραμμα· καὶ γὰρ Ἀντισθένης καὶ Ἡρακλείδης ὁ Ποντικὸς Κλεάνθης τε [ὁ ποντικὸς] καὶ Σφαῖρος ὁ Στωικός, πρὸς δὲ Πausanίας ὁ κληθεὶς Ἡρακλειτιστής, Νικομήδης τε καὶ Διονύσιος· τῶν δὲ γραμματικῶν Διόδωτος, ὃς οὗ φησι περὶ φύσεως εἶναι τὸ σύγγραμμα ἀλλὰ περὶ πολιτείας, τὰ δὲ περὶ φύσεως ἐν παραδείγματι εἶδει κεῖσθαι.

(...)

μὴ ταχὺς Ἡρακλείτου ἐπ' ὀμφαλὸν εἴλεε βύβλον
τοῦφεσίου· μάλα τοι δύσβατος ἀτραπιτός.
ὄρφη καὶ σκότος ἐστὶν ἀλάμπτεον· ἦν δέ σε μύστης
εἰσαγάγη, φανεροῦ λαμπρότερ' ἡελίου.

Αparato

1 εἴλεε Stadtmueller : εἶ, BPFΦh, Pal. | βύβλον BPF : βί- Φh, Pal. 192 | τοῦφεσίου Pal. : τοῦ ἐφ- BPFΦh | ἀτραπιτός PF, Pal.: ἀταρπι, Φh

3 ἦν PF

4 φανεροῦ BPF: φαεινοῦ Φh: φανεροῖ Lapini 113 | λαμπρότερ' B: -προτέρη P1(Q): -πρότεροι F: -πρότερον Φh

Tradução

Demétrio diz em seu livro “Homens homônimos” que ele também tinha os atenienses em pouca conta, embora tivesse entre eles uma fama abundante, e foi desdenhado pelos efésios mas preferia sua própria casa. Foi lembrado por Demétrio de Falero em sua “Apologia de Sócrates”. Muitos são os que interpretaram seu escrito, incluindo-se então Antístenes e Heraclides de Ponto e Cleanthes [de Ponto] e Esfero, o estoico, além de Pausânias, chamado de heraclitista, bem como Nicomedes e Dionísio; dentre os gramáticos Diodoto. Ele afirma que o escrito não trata da natureza, senão de governo, e propõe que a parte sobre natureza seja uma espécie de ilustração.

(...)

não pegues apressado no rolo do livro de Heráclito,
o Efésio. Atenção: é deveras um caminho árduo e sem volta!
Uma escuridão há e obscuridade sem luz. Porém se um iniciado
Aí te introduzir, é mais brilhante do que a face do Sol.

37. Plut. SR 1033a1-11

SVF 1.26; Watanabe *t* 29(4)ABC; ad SVF Cleanthis vitam (7)

Πρῶτον ἀξιῶ τὴν τῶν δογμάτων ὁμολογίαν ἐν τοῖς βίοις θεωρεῖσθαι· δεῖ γὰρ οὐχ οὕτως τὸν ῥήτορα κατ'Αἰσχίνην (III 16) τὸ αὐτὸ φθέγγεσθαι καὶ τὸν νόμον ὥς τὸν βίον τοῦ φιλοσόφου τῷ λόγῳ σύμφωνον εἶναι. ὁ γὰρ λόγος τοῦ φιλοσόφου νόμος αὐθαίρετος καὶ ἰδιός ἐστιν, εἴ γε δὴ μὴ παιδιὰν καὶ εὐρησιλογίαν ἔνεκα δόξης ἀλλ' ἔργον ἄξιον σπουδῆς τῆς μεγίστης, ὥσπερ ἐστίν, ἡγοῦνται φιλοσοφίαν.

ᾠ Ἐπεὶ τοίνυν πολλὰ μὲν ὥς ἐν ὀλίγοις αὐτῷ Ζήνωνι πολλὰ δὲ Κλεάνθει

πλεῖστα δὲ Χρυσίππῳ γεγραμμένα τυγχάνει περὶ πολιτείας καὶ τοῦ ἄρχεσθαι καὶ ἄρχειν καὶ δικάζειν καὶ ῥητορεύειν, ἐν δὲ τοῖς βίοις οὐδενὸς ἔστιν εὐρεῖν οὐ στρατηγίαν οὐ νομοθεσίαν οὐ πάροδον εἰς βουλὴν οὐ συνηγορίαν ἐπὶ δικαστῶν οὐ στρατείαν ὑπὲρ πατρίδος οὐ πρεσβείαν οὐκ ἐπίδοσιν, ἀλλ' ἐπὶ ξένης ὥσπερ τινὸς λωτοῦ γευσάμενοι σχολῆς τὸν πάντα βίον οὐ βραχὺν ἀλλὰ παμμήκη γενόμενον διήγαγον ἐν λόγοις καὶ βιβλίοις καὶ περιπάτοις, οὐκ ἄδηλον ὅτι τοῖς ὑφ' ἐτέρων γραφομένοις καὶ λεγομένοις μᾶλλον ἢ τοῖς ὑφ' αὐτῶν ὁμολογουμένως ἔζησαν, ἦν Ἐπίκουρος ἡσυχίαν ἐπαινεῖ καὶ Ἰερώνυμος, ἐν ταύτῃ τὸ παράπαν καταβιώσαντες. ᾧ αὐτὸς γοῦν Χρυσίππος ἐν τῷ τετάρτῳ περὶ Βίων οὐδὲν οἶται τὸν σχολαστικὸν βίον τοῦ ἡδονικοῦ διαφέρειν· αὐτὰς δὲ παραθήσομαι τὰς λέξεις· 'ὅσοι δ' ὑπολαμβάνουσι φιλοσόφους ἐπιβάλλειν μάλιστα τὸν σχολαστικὸν βίον, ἀπ' ἀρχῆς τί μοι δοκοῦσι διαμαρτάνειν, ὑπονοοῦντες διαγωγῆς τινος ἕνεκεν δεῖν τοῦτο ποιεῖν ἢ ἄλλου τινὸς τοῦτῳ παραπλησίῳ καὶ τὸν ὅλον βίον οὕτω πῶς διελκύσαι· τοῦτο δ' ἐστίν, ἂν σαφῶς θεωρηθῇ, ἡδέως· οὐ γὰρ δεῖ λανθάνειν τὴν ὑπόνοιαν αὐτῶν, πολλῶν μὲν σαφῶς τοῦτο λεγόντων οὐκ ὀλίγων δ' ἀδηλότερον.' ᾧ τίς οὖν μᾶλλον ἐν τῷ σχολαστικῷ βίῳ τοῦτῳ κατεγήρασεν ἢ Χρυσίππος καὶ Κλεάνθης καὶ Διογένης καὶ Ζήνων καὶ Ἀντίπατρος, οἳ γε καὶ τὰς αὐτῶν κατέλιπον πατρίδας, οὐδὲν ἐγκαλοῦντες ἀλλ' ὅπως καθ' ἡσυχίαν ἐν τῷ Ὁιδεῖφ καὶ ἐπὶ Ζωστῆρος σχολάζοντες καὶ φιλολογοῦντες διάγωσιν; ᾧ Ἀριστοκρέων γοῦν ὁ Χρυσίππου μαθητῆς καὶ οἰκεῖος εἰκόνα χαλκῇν ἀναστηλώσας ἐπέγραψε τόδε τὸ ἐλεγεῖον

^{w t 29(4)B}

† 'τὸν νέον Χρυσίππον Ἀριστοκρέων ἀνέθηκε,
τῶν Ἀκαδημαϊκῶν στραγγαλίδων κοπίδα.'

τοῦτ' οὖν ὁ Χρυσίππος, ὁ γέρων, ὁ φιλόσοφος, ὁ τὸν βασιλικὸν καὶ πολιτικὸν ἐπαινῶν βίον, τὸν δὲ σχολαστικὸν οὐδὲν οἰόμενος τοῦ ἡδονικοῦ διαφέρειν. ὅσοι γε μὴν ἄλλοι πολιτεία προσίασιν, ἔτι μᾶλλον ἐναντιοῦνται τοῖς αὐτῶν δόγμασι· καὶ γὰρ ἄρχουσι καὶ δικάζουσι καὶ συμβουλεύουσι καὶ νομοθετοῦσι καὶ κολάζουσι καὶ τιμῶσιν, ὡς πόλεων μὲν οὐσῶν ἐν αἷς πολιτεύονται, βουλευτῶν δὲ καὶ δικαστῶν ἀεὶ τῶν λαγχανόντων, στρατηγῶν δὲ τῶν χειροτονουμένων, νόμων δὲ τῶν Κλεισθένους καὶ Λυκούργου καὶ Σόλωνος, οὓς φαύλους καὶ ἀνοήτους γεγενῆσθαι λέγουσιν. ὥστε καὶ πολιτευόμενοι μάχονται.

^{w t 29(4)C}

ᾧ Καὶ μὴν Ἀντίπατρος ἐν τῷ περὶ τῆς Κλεάνθους καὶ Χρυσίππου διαφορᾶς ἱστορήκεν, ὅτι Ζήνων καὶ Κλεάνθης οὐκ ἠθέλησαν Ἀθηναῖοι γενέσθαι, μὴ δόξωσι τὰς αὐτῶν πατρίδας ἀδικεῖν. ᾧ ὅτι μὲν, εἰ καλῶς οὗτοι, Χρυσίππος οὐκ ὀρθῶς ἐποίησεν ἐγγραφεῖς εἰς τὴν πολιτείαν, παρείσθω· πολλὴν δὲ μάχην καὶ παράλογον ἔχει τὸ τὰ σώματα καὶ τοὺς βίους οὕτω μακρὰν ἀποξενώσαντας τὰ ὀνόματα ταῖς πατρίσι τηρεῖν, ὥσπερ εἴ τις τὴν γαμετὴν ἀπολιπὼν, ἐτέρα δὲ συζῶν καὶ συναναπαυόμενος καὶ παιδοποιούμενος ἐξ ἐτέρας, μὴ συγγράφοιτο γάμον, ὅπως ἀδικεῖν μὴ δοκῇ τὴν προτέραν.

Tradução

Considero primário observar a coerência das doutrinas no modo de vida dos filósofos, pois, como diz Ésquines, não é tão necessário ao orador adequar o que ele pronuncia com a lei quanto à vida do filósofo ser concordante com seu pensamento. O pensamento do filósofo, com efeito, é uma lei autoimposta e privada, se é que consideram de fato a filosofia uma obra digna do maior empenho de todos, tal como ela é, e não uma brincadeira e exercício argumentativo sofístico a fim de obter fama.

ᾧ Levando-se em conta que ocorre de haverem escrito muitas coisas, ainda que em poucas obras, por Zenão, muitas por Cleantes e muitíssimas por Crisipo sobre o Estado e

^{w t 29(4)A}

sobre o ser governado e o governar e o jurisdicionar e o discursar em público, não há de se descobrir na vida de qualquer deles nem a atividade de liderança militar, nem legislativa, nem participação em assembleia, nem advocacia perante júris, nem serviço militar no interesse da pátria, nem embaixada, nem donativo ao erário. Eles, no entanto, levaram toda a vida, que não foi breve senão longa, em estudo no estrangeiro, tal como se houvessem ingerido uma flor de lótus, em debates e livros e andanças filosóficas. Não há dúvida de que viveram de acordo mais com os escritos e ditos de outros do que com os feitos por eles mesmos, passando a vida completamente naquele estado de tranquilidade louvado por Epicuro e Hierônimo. ¶ Crisipo mesmo, ademais, no quarto livro de seu “Sobre a vida” que acredita não diferenciar-se em nada a vida de estudos da prazerosa. Apresentarei suas próprias palavras: “os que assumem que a vida de estudo corresponde mais aos filósofos me parecem se equivocar em uma coisa desde o princípio, ao suporem que se deva fazê-lo com vistas a um entretenimento ou outra coisa vizinha disso e arrastar-se assim pela vida toda. Isso é viver por um prazer, se algo com clareza se observa. Com efeito não se deve ignorar essa suposição deles, muitos dos quais o dizem de modo explícito, mas não poucos o fazem de maneira mais dúbia.” ¶ Quem, portanto, envelheceu mais nesse modo de vida de estudo do que Crisipo e Cleantes e Diógenes e Zenão e Antípatro, os quais abandonaram suas pátrias, sem nenhuma reclamação, senão com o fim de se entreterem estudando e debatendo escritos no Odeon e sobre o Zoster em tranquilidade? ¶ Aristocreon, ademais, o discípulo e parente de Crisipo, após lhe erigir uma imagem brônzea gravou-o com o seguinte dístico elegíaco:

† “este novo Crisipo, Aristocreon lhe dedicou,
dos acadêmicos nós intrincados o cortador”

Tal foi Crisipo então, o velho, o filósofo, o que elogiava a vida de reis e políticos, que não acreditava diferir em nada a vida de estudo da vida de prazer. De fato, os outros estoicos que ingressam no governo se opõem ainda mais aos dogmas da escola, pois também governam e julgam e aconselham e legislam e punem e honram as cidades, nas quais exercem essas atividades, como o que são, e conselheiros e juízes que são sempre sorteados, e os generais que são eleitos, as leis de Clístenes e Licurgo e Sólon, que eles afirmam serem vis e tolos. E assim também os que participam da política se contradizem. ¶ E com efeito Antípatro, no livro que aborda a diferença entre Cleantes e Crisipo registrou que Zenão e Cleantes não quiseram se tornar atenienses, pois não pretendiam cometer uma injustiça contra suas pátrias. ¶ E também registrou que Crisipo – se os outros dois estavam certos – não fez bem ao peticionar à cidade para se tornar cidadão ateniense. Deixemos isso de lado. É um conflito lógico e um paralogismo trazer seus corpos e vidas tão longe entre estrangeiros e conservar os nomes de suas pátrias. É como se um marido abandonando sua esposa, coabitando com outra e dormindo e tendo filhos com outra, não quisesse assumir o matrimônio, para não parecer cometer uma injustiça contra a primeira.

38. V.Max. 8.7(ext).11.1-10

Watanabe *t* 10(2); ad SVF Cleanthis vitam (8)

¶ Te quoque, Cleanthe, tam laboriose haurientem et tam pertinaciter tradentem sapientiam numen ipsius industriae suspexit, cum adulescentem quaestu extrahendae aquae nocturno tempore inopiam tuam sustentantem, diurno Chrysippi praeceptis percipiendis uacantem, eundemque ad undecentesimum annum adtenta cura erudientem auditores tuos uideret: duplici enim labore unius saeculi spatium occupasti, incertum reddendo discipulusne an praeceptor esses laudabilior. ¶

Tradução

¶ A ti também, Cleanthes, tão laborioso no haurir a água e tão tenaz no transmitir a sabedoria, a própria deusa Indústria olhou com admiração. Desde jovem ocupado em extrair a água durante a noite para sustentar tua pobreza, durante o dia vertendo os preceitos a serem recebidos por Crisipo, até o nonagésimo nono ano ela te veria em pessoa instruindo teus ouvintes com cuidado minucioso. Tu ocupaste com um duplo trabalho o

intervalo de um século, deixando incerto se tu serias mais louvado como discípulo ou como mestre.¶

39. Cens. DN 15.3

Watanabe *t* 19; ad SVF Cleanthis vitam (9)

¶Non pauci etiam per animi spiritum molestiis corporis superatis limitem ^{w t 19} istum (scil. octogensimum et unum annum) transgressi sunt, ut Carneades, a quo tertia academia est, quae dicitur nova, qui ad annum nonagensimum, vel Cleanthes, qui uno minus centum explevit.¶

Tradução

¶Não foram poucos que, pela vitalidade, também e vencidas as moléstias do corpo, ^{w t 19} ultrapassaram este limite de oitenta e um anos, como Carnéades, a quem se deve a terceira Academia, dita “nova”, que viveu até o nonagésimo ano, ou Cleantes, cuja vida atingiu cem anos menos um.¶

40. Suid. ‘Δέλτος’ (Adler, delta 202)

Watanabe *t* 9(2); ad SVF Cleanthis vitam (10)

Δέλτος: πινακίδιον, τιτλάριον, σχεδάριον. ¶Ζήνων ὁ Κιτιεὺς Κλεάνθην τὸν ^{w t 9(2)} αὐτοῦ διάδοχον ἀφωμοίου ταῖς σκληροκήροις δέλτοις, αἱ μολίς μὲν γράφονται, διατηροῦσι δὲ τὰ γραφέντα.¶

Tradução

Tabuleta: pranchinha, inscrição, rascunho. ¶Zenão de Cítio equiparava Cleantes, seu ^{w t 9(2)} próprio sucessor, às tabuletas de cera dura, nas quais com dificuldade se escreve, porém que conservam o que foi escrito.¶

41. Suid. ‘Κλεάνθης’ (Adler, kappa 1711)

Watanabe *t* 3; ad SVF Cleanthis vitam (11)

¶Κλεάνθης, ὁ Κάσσιος χρηματίσας, Φανίου, Ἄσσιος, μαθητὴς Κράτητος, ^{w t 3} εἶτα Ζήνωνος, οὗ καὶ διάδοχος γέγονε: διδάσκαλος δὲ τοῦ φιλοσόφου Χρυσίππου, τοῦ Σολέως, καὶ Ἀντιγόνου τοῦ βασιλέως. οὗτος πρότερον ἦν πύκτης, ἐλθὼν δὲ εἰς Ἀθήνας ἠράσθη φιλοσοφίας καὶ τοσοῦτον γέγονε [5]φιλόπονος, ὥς καὶ δεύτερος Ἡρακλῆς κληθῆναι. μὴ ἔχων γὰρ ὄθεν τραφεῖη, τὰς μὲν νύκτας ἤντλει ὕδωρ μισθῷ καὶ μεθ' ἡμέραν τοῖς μαθήμασι καὶ τοῖς βιβλίοις ἐσχόλαζεν: ὅθεν ἐπωνομάσθη καὶ Φρεάντλης. ἔγραψε δὲ πᾶνυ πολλά.¶

Tradução

¶Cleantes, conhecido como Cássio, filho de Fânias e originário de Assos, foi discípulo de ^{w t 3} Crates e depois de Zenão, do qual também se tornou sucessor, e foi mentor do filósofo Crisipo de Solis e do rei Antígono. Antes era boxeador, e vindo a Atenas se tornou amante da filosofia, e foi tão amante dos labores, que também era chamado de “segundo Hércules”. Isso porque, não tendo de onde se sustentar, carregava água à noite em troca de salário e durante o dia se ocupava com os ensinamentos e os livros, donde recebeu o apelido “Phreantles” (“Poceiro”). Escreveu muitas obras.¶

Comentário

1-8 somente duas passagens associam Cleantes explicitamente ao cinismo: esse verbete dedicado a sua biografia e a história de Pseudo-Nono abaixo (Ps.-Non. Orat. 4, historia 35 = Ad vitam Cleanthis (15)); ver também abaixo Bas.Caes. Ep. 4 (= Ad vitam Cleanthis (17))

42. Suid. ‘Φρεάντλης’ (Adler, phi 696)

Watanabe *t* 10(7); ad SVF Cleanthis vitam (12)

‘Φρεάντλης’ ᾠούτως ἐκαλεῖτο Κλεάνθης ὁ φιλόσοφος: μὴ ἔχων γὰρ ὄθεν τραπεΐη, τὰς μὲν νύκτας ἦντλει ὕδωρ μισθῶ, μεθ’ ἡμέραν δὲ τοῖς βιβλίοις ἐσχόλαζε.^W ^w *t* 10(7)

Tradução

‘Phreantles’, ᾠo filósofo Cleantes era chamado dessa maneira: pois não tinha de onde tirar seu sustento e carregava água à noite em troca de salário, enquanto estudava os livros durante o dia.^W ^w *t* 10(7)

43. Suid. ‘Χρύσιππος’ (Adler, khi 568)

Watanabe *t* 20(6); ad SVF Cleanthis vitam (13)

ᾠΧρύσιππος, Ἀπολλωνίδου, Σολεὺς ἢ Ταρσεύς, φιλόσοφος, μαθητὴς Κλεάνθους, καθηγησάμενος τῆς Στωϊκῆς σχολῆς μετὰ Κλεάνθην.^W καὶ τελευτήσας ο’ καὶ τριῶν ἐτῶν, ὑπὸ τοῦ πιεῖν ἄκρατον καὶ ἰλιγγιάσαι: κατὰ δὲ ἄλλους ὑπὸ γέλωτος ἀπείρου: ἐπὶ ρμγ’ ὀλυμπιάδος. συντέταχε δὲ βιβλία πλεῖον ἢ ψ’ φιλόσοφά τε καὶ ἱστορικὰ καὶ γραμματικά. ^w *t* 20(6)

Tradução

ᾠCrisipo, filho de Apolonides, de Sólis ou Tarso, filósofo, aluno de Cleantes, líder da escola estoica depois de Cleantes.^W E faleceu aos setenta e três anos, devido a uma bebedeira descontrolada e desmaio; segundo outros devido a um acesso de riso sem fim, durante a 143ª Olimpíada. Ele escreveu mais de 700 livros de filosofia, história e gramática. ^w *t* 20(6)

44. Pers. Sat. 5. 62-72

Ad SVF Cleanthis vitam (14)

(...)

at te [sc. Cornutum] nocturnis iuuat inpallescere chartis;
cultor enim iuuenum purgatas inseris aures
fruge Cleanthea. petite hinc, puerique senesque,
finem animo certum miserisque uiatica canis.
[5]'cras hoc fiet.' idem cras fiat. 'quid? quasi magnum
nempe diem donas!' sed cum lux altera uenit,
iam cras hesternum consumpsimus; ecce aliud cras
egerit hos annos et semper paulum erit ultra.
nam quamuis prope te, quamuis temone sub uno
[10]uertentem sese frustra sectabere canthum,
cum rota posterior curras et in axe secundo.
Libertate opus est.

Tradução

(...)

E a ti [Cornuto] entre papiros noturnos agrada empalideder;
Pois, cultivador de jovens, semeias com o fruto de Cleantes
As orelhas purgadas. Procurai aqui, crianças e velhos,
O fim certo para a mente e o viático das miseráveis cãs.
“Que se faça amanhã!” e amanhã a mesma coisa. “Que há,
É demais me dares um dia?” Quando, porém, vem a outra luz,
E amanhã já consumimos o de ontem. Eis: outro amanhã
Haverá desperdiçado os anos e sempre haverá um pouquinho mais.
Porque, embora perto de ti, embora sob um timão único,
Em vão perseguirás a roda que gira em torno de si,
Quando, roda posterior, corres no segundo eixo.
É necessário liberdade.

Comentário

a. Pérsio censura a poesia erudita, prolixa, que precisa evocar muitas referências em vão, assim como a vida sem autoexame (v.1-61), enquanto lhe basta rememorar os ensinamentos de Cornuto, seu professor, para compor seu poema (Bruno, 1980, p. 147-169).

45. Ps.-Non. Or.4.hist.35

Ad SVF Cleanthis vitam (15)

Τριακοστὴ πέμπτη ἐστὶν ἱστορία ἡ κατὰ τὸ φρέαρ Κλεάνθους. ἔστι δὲ αὕτη.

Κλεάνθης εἷς ἦν καὶ αὐτὸς τῶν Κυνικῶν φιλοσόφων. οὗτος ἔν τινι φρέατι ἑαυτὸν στήσας, ἠρύετο ὕδωρ τοῖς παριοῦσι, καὶ διδοὺς πιεῖν, ἐλάμβανε παρ' αὐτῶν ἄρτον καὶ ἥσθιεν. θαυμάζεται δὲ παρὰ τῶν φιλοσόφων καὶ οὗτος ὥς καρτερικός.

Tradução

Historia trinta e cinco, a do poço de Cleantes. Ela é esta:

Cleantes mesmo também era um dos filósofos cínicos. Ele após se levantar em um poço, hauria água aos transeuntes, dando-lhes de beber, pegava um pedaço de pão deles e comia. Ele também é admirado entre os filósofos como resistente.

Comentário

c. somente duas passagens associam Cleantes explicitamente ao cinismo: essa história de Pseudo-Nono e o verbete da Suda dedicado a sua biografia acima (Suda: ‘Κλεάνθης’ (Adler, kappa 1711) = Ad vitam Cleanthis (11)); ver também abaixo Bas.Caes. Ep. 4 (= Ad vitam Cleanthis (17))

46. Aus. Prof. 15, v.1-14

Watanabe *t* 43; ad SVF Cleanthis vitam (16)

Facete, comis, animo iuvenali senex,
cui felle nullo, melle multo mens madens
aevum per omne nil amarum miscuit,
medella nostri, Nepotiane, pectoris,
|5|tam seniorum quam iocorum particeps,

taciturne, Amyclas qui silendo viceris:
 te fabulante non Ulixes linqueret,
 liquit canentes qui melodas virgines:
 ꝥprobe et pudice, parce, frugi, abstemie,
 |10|facunde, nulli rhetorum cedens stilo
 et disputator ad Cleanthen Stoicum: ꝥ
 Scaurum Probumque corde callens intimo
 et Epirote Cineas memor magis:
 sodalis et convictor, hospes iugiter:

^w t 43

Tradução

Fino, afável, um velho com um ânimo juvenil
 A que muito mel, nenhum fel a mente entumescendo
 Em toda parte na vida mescla, nada amargo,
 Remédio do nosso peito, Nepotiano,
 Partícipe tanto do sério como do jocoso,
 Poderás vencer, calado, a Amiclas em silêncio;
 A ti narrando Ulisses não largaria,
 Ele que abandonou as melodiosas Sirenas cantando;
 ꝥCom probro e pudico, parco, frugal, abstinência,
 Facundo estilo, não cedendo o lugar a nenhum orador,
 E um debatedor para Cleantes, o estoico;ꝥ
 Calejado de saber Escauro e Probo no imo peito
 E de mais memória do que Cineas de Épiro;
 Sócio e companheiro, hóspede continuamente

^w t 43

47. Bas.Caes. Ep. 4

Watanabe t 10(4); ad SVF Cleanthis vitam (17)

ΟΛΥΜΠΙΩ

Οἷα ποιεῖς, ὃ θαυμάσιε, τὴν φίλην ἡμῖν πενίαν καὶ φιλοσοφίας τροφὸν τῆς
 ἐσχατιᾶς ἀπελαύνων; Οἶμαι γὰρ ἂν σε καὶ ἐξούλης γραφὴν ὑπ' αὐτῆς
 φεύγειν, εἴ τις αὐτῇ προσγένεοιτο λόγος, ὅτι τούτῳ μὲν συνοικεῖν εἰλόμην
 ἐγώ, νῦν μὲν τὸν Ζήνωνα ἐπαινοῦντι, ὃς ναυαγίῳ πάντα ἀποβαλὼν οὐδὲν
 [5]ἀγεννὲς ἐφθέγγετο, ἀλλ'· «Εὖγε, εἶπεν, ὃ Τύχη, συνελαύνεις ἡμᾶς εἰς τὸ
 τριβώνιον»· ꝥ νῦν δὲ τὸν Κλεάνθη, μισθῷ ὕδωρ τοῦ φρέατος ἀπαντλῶντα,
 ὅθεν αὐτός τε διέζη καὶ τοῖς διδασκάλοις μισθοὺς ὑπετέλει. ꝥ Τὸν δὲ
 Διογένη οὐδὲ ἐπαύσατό ποτε θαυμάζων, τοῖς παρὰ τῆς φύσεως μόνοις
 ἀρκεῖσθαι φιλοτιμούμενον, ὥς καὶ τὸ κισσύβιον ἀπορρῖψαι, ἐπειδὴ περ
 [10]παρὰ παιδὸς ἐδιδάχθη κοίλαις ταῖς χερσὶν ἐγκύπτων πίνειν.

^w t 10(4)

Tradução

A OLÍMPIO

O que fazes, admirado amigo, expulsando nossa amiga, a Pobreza, aia da filosofia última?
 Pois creio que terias de escapar de uma ação dela por despejo, se lhe fosse concedida a
 fala, que assim diria “eu que decidi viver com esse homem, que louva Zenão, o qual uma
 vez perdendo tudo em um naufrágio não pronunciou nada vil, disse, contudo ‘bem feito,
 Fortuna, me conscreves ao manto’. ꝥ Ele também louva Cleantes, que por salário extraía
 água do poço, do que ele tanto viveu quanto pode pagar o salário aos professores. ꝥ E

^w t 10(4)

nunca interrompeu sua admiração por Diógenes, que se orgulhava em bastar-se com somente as coisas da natureza, que também se livrou de sua cumbuca logo depois de ter aprendido com um menino a beber usando o côncavo das mãos.

Comentário

c. Este é um dos textos que associam Zenão e Cleantes à pobreza e ao cinismo; ver também acima Suda: 'Κλεάνθης' (Adler, kappa 1711) (= Ad vitam Cleanthis (11)) e Ps.-Non. Or. 4, historia 35 (= Ad vitam Cleanthis (15))

48. Georg.Sync. Ecl.chron. 333.10

Watanabe *t* 6(3); ad SVF Cleanthis vitam (18)

ᾤζήνωνα Στωϊκὸν θανόντα Κλεάνθης μαθητῆς διεδέξατο.

^w *t* 6(3)

Tradução

ᾤZenão, o estoico, ao morrer foi sucedido por Cleantes, seu discípulo.

^w *t* 6(3)

49. Juv. Sat. 2.1-7

Watanabe *t* 34; ad SVF Cleanthis vitam (19)

ᾤVltra Sauromatas fugere hinc libet et glaciale
Oceanum, quotiens aliquid de moribus audent
qui Curios simulant et Bacchanalia uiuunt.
indocti primum, quamquam plena omnia gypso
[5]Chrysippi inuenias; nam perfectissimus horum,
si quis Aristotelen similem uel Pittacon emit
et iubet archetypos pluteum seruare Cleanthas.
frontis nulla fides; quis enim non uicus abundat
tristibus obscenis? castigas turpia, cum sis
[10]inter Socraticos notissima fossa cinaedos?

^w *t* 34

Tradução

ᾤAlém do Sauromatas, para ali fugir praza e para o glacial
Oceano, toda vez que ousem tocar em um tema de moral,
Os que imitam os Curii, no entanto, vivendo como bacanaís.
Primeiramente são ignorantes, ainda que encontres estátuas
De Crisipo a encher-lhes as coisas; pois o melhor dentre eles
É quem comprar uma imitação de Aristóteles ou Pítaco
E mandar sua prateleira conservar uns bustos de Cleantes.
Não se deve fiar em rostos, ora que viela neles não abunda
Obscenamente tristes? Repreendes coisas torpes, se és
A mais notável baixeza entre sodomitas socráticos?

^w *t* 34

50. Hesych. 7.583-605

Ad SVF Cleanthis vitam (20)

Κλεάνθης ὁ μαθητῆς Κράτητος τοσοῦτον γέγονε φιλόπονος, ὥς καὶ
δεύτερος Ἡρακλῆς προσαγορευθῆναι· μὴ ἔχων γὰρ ὄθεν τραφεῖη, τὰς μὲν
νύκτας ἦντλει ὕδωρ μισθοῦ, μεθ' ἡμέραν δὲ τοῖς μαθήμασιν ἐσχόλαζεν,
ὄθεν ἐπωνομάσθη Φρεάντλης. Οὗτος τὸ ἀπὸ τοῦ κόπου αὐτοῦ συναχθὲν

κέρμα εἰς μέσον ποτὲ ἀγαγὼν τῶν γνωρίμων, ἔφη· «Κλεάνθης μὲν καὶ ἄλλον Κλεάνθην δύναιτ' ἂν τρέφειν, εἰ βούλοιτο· οἱ δὲ ἔχοντες ὅθεν τρέφονται, παρ' ἐτέρων ἐπιζητοῦσι τὰ ἐπιτήδεια, καίπερ ἀνειμένως φιλοσοφοῦντες.» Εἰπόντος τινός, Ἀρκεσίλαον μὴ ποιεῖν τὰ δέοντα, «Παῦσαι, ἔφη, καὶ μὴ ψέγε, εἰ γὰρ καὶ λόγῳ τὸ καθῆκον ἀναιρεῖ, τοῖς γοῦν ἔργοις αὐτὸ τιθεῖ.» Καὶ ὁ Ἀρκεσίλαος, «Οὐ κολακεύομαι,» φησί· πρὸς δὲ Κλεάνθης, «Ναί [σε] κολακεύω, φησί, φάμενος ἄλλα μὲν λέγειν, ἕτερα δὲ ποιεῖν.» Ἐρωτῶντός τινος, τί ὑποθήσεται τῷ υἱῷ, ἔφη· «Τὸ τῆς Ἥλέκτρας,

Σῖγα, σῖγα, λευκὸν (l. λεπτὸν) ἵχνος ...»

Σωσίθεον τὸν ποιητὴν ὑβρίσαντα αὐτὸν, καὶ μετανοήσαντα προσήκατο, εἰπὼν ἄτοπον εἶναι, τὸν μὲν Διόνυσον καὶ τὸν Ἡρακλέα φλυαρουμένους ὑπὸ τῶν ποιητῶν μὴ ὀργίζεσθαι, αὐτὸν δ' ἐπὶ τῇ τυχούσῃ βλασφημίᾳ δυσχεραίνειν.

Tradução

Cleantes, o discípulo de Crates, se tornou tão amante do labor (*philóponos*), que também passou a ser denominado “segundo Hércules”. Não tendo de onde tirar seu sustento, à noite era pago para carregar água de poços, durante o dia estudava com seus colegas, donde ter sido alcunhado como “Poceiro” (*Phreantlēs*). Ele juntou um monte de moedas ganhas em seu emprego, levando-as depois para o meio de seus interlocutores e disse: “Cleantes poderia manter outro Cleantes, se quisesse; os que tem de onde tirar o sustento, buscam em outros prover-se do necessário, ainda que filosofem sossegadamente.” Quando alguém disse que Arcesilau não fazia o que era devido disse “Para! E não o censures. Se de fato ele suprime a incumbência com palavras, pelo menos com seus atos ele a recoloca.” Ao que Arcesilau retorque: “Isso não me lisonjeia”. E Cleantes voltou-se-lhe e disse “sim, te lisonjeio, afirmando que dizes certas coisas, mas fazes outras.” Alguém lhe perguntou o que era preciso recomendar ao filho, disse: “O verso de Electra:

‘Silêncio, silêncio... branco (lesto) o passo...’”

Sositeu, o poeta, o desrespeitou e ele após mudar de ideia relevou, dizendo ser absurdo se destemperar pela maledicência ocorrida, quando Dioniso e Hércules, ridicularizados pelo poeta, não se enraivecem.”

51. Estefano de Bizâncio. *Ethnica* (epitome), s.v. Ἀσσός (p. 136.5-137.2)

Watanabe *t* 4a²; ad SVF Cleanthis vitam (21)

Ἀσσός, πόλις Λυδίας πλησίον Ἀτάρνης ἐφ' ὑψηλοῦ καὶ ὀξέος καὶ δυσανόδου τόπου, πρὸς ὃν Στρατόνικος κιθαριστὴς ἔλεγε παίζων “Ἀσσὸν ἴθ', ὥς κεν θᾶσσον ὀλέθρου πείραθ' ἴκηαι.” δευτέρα πόλις Αἰολίδος κατὰ τὸν Ἑλλήσποντον ἢ Κεκρόπειον. Ἀλέξανδρος δ' ὁ Κορνήλιος ἐν τῷ περὶ τῶν παρ' Ἀλκμᾶνι τοπικῶς ἱστορημένων Μιτυληναίων ἄποικον ἐν τῇ Μυσίᾳ φησὶν Ἀσσόν, ὅπου ὁ σαρκοφάγος γίνεται λίθος. ἔστι καὶ λειμῶν ἐν τῷ Κιλβιανῷ πεδίῳ τῆς Λυδίας περὶ τὸν Καῦστριον ποταμόν. ᾧ ἔστι καὶ ^{w t 4a²} ἕτερα πόλις ἐν Ἠπείρῳ μικρά. ἐκ δὲ τῆς Ἀσσοῦ Κλεάνθης ἦν ὁ στωικὸς φιλόσοφος, διάδοχος τῆς σχολῆς Ζήνωνος τοῦ Κιτιέως, ἦν καταλέλοιπε Χρυσίππῳ. ᾧ τὸ ἐθνικὸν Ἀσσιος ὡς Ῥώσιος, καὶ Ἀσσεύς.

Tradução

Assos, cidade da Lídia perto de Atarnes sobre um lugar alto, escarpado e fora do caminho, a respeito do qual o citarista Estratônico falou brincando “para que chegues mais rápido aos confins da morte, basta chegar a Assos”. Há uma segunda cidade da Eólia no Helesponto ou Cecropio. Alexandre Cornélio em sua obra de “Sobre testemunhos locais

dos Mitilenos junto a Alcmán” diz haver uma Assos na Mísia, de onde vem o calcário. Existe também um prado na planície cilbiana da Lídia em torno do rio Caustrio. ῾ Existe uma outra cidade pequena em terra firme. De Assos era o filósofo estoico Cleantes, sucessor da direção da escola de Zenão de Cítio, a qual ele deixou aos cuidados de Crisipo. ῾ O gentílico é Assio, como Rósio, e Asseu. w t 4a²

52. Clem.Al. Strom. 6.7.57.2.2-3.3

Watanabe t 7(1); ad SVF Cleanthis vitam (22)

῾ ἡ φιλαυτία δὲ καὶ ἡ οἷσις αὐτῷ γῆ ἐστὶ καὶ πλάνη. εἰ δὲ τοῦτο, ἐκ μαθήσεως ἡ γνῶσις καὶ ἡ ἐπιστήμη. μαθήσεως δ' οὕσης ζητεῖν ἀνάγκη τὸν διδάσκαλον. Κλεάνθης μὲν γὰρ Ζήνωνα ἐπιγράφεται καὶ Θεόφραστος Ἀριστοτέλη Μητροδώρος τε Ἐπίκουρον καὶ Πλάτων Σωκράτην. ῾ w t 7(2)

Tradução

῾ O amor de si e a opinião superestimada de si são terra e erro. Se for assim, a ciência e o conhecimento advem do aprendizado. Havendo aprendizado é necessário buscar o professor. Cleantes se inscreveu junto a Zenão e Teofrasto a Aristóteles, Metrodoro junto a Epicuro e Platão a Sócrates. ῾ w t 7(2)

Comentário

a. Clemente nesta passagem trata do amor à própria opinião como empecilho à verdade.

53. Clem.Al. Strom. 6.18.167.2.1-3.1

Watanabe t 7(2); ad SVF Cleanthis vitam (23)

῾[οἱ φιλόσοφοι τοῖς Ἑλλησι] μόνοις καὶ οὐδὲ τούτοις ἅπασιν ἤρεσαν, ἀλλὰ Πλάτωνι μὲν Σωκράτης καὶ Ξενοκράτει Πλάτων, Ἀριστοτέλης δὲ Θεοφράστῳ καὶ Κλεάνθει Ζήνων, οἱ τοὺς ἰδίους μόνον αἰρετιστὰς ἔπεισαν. ῾ w t 7(2)

Tradução

῾[Aos filósofos ensinar] apetecia somente [aos gregos] e nem mesmo a todos eles, senão que Sócrates ensinou a Platão, Aristóteles a Teofrasto e Zenão a Cleantes, os quais sozinhos persuadiram seus próprios partidários. ῾ w t 7(2)

54. Ael. NA 4.45.18-23

Watanabe t 7(3); ad SVF Cleanthis vitam (24)

῾Ὅμηρος μὲν οὖν φησιν ὡς ἀγαθὸν καὶ παῖδα καταφθιμένοιο λιπέσθαι· ἔοικε δὲ ἡ φύσις δεικνύναι ὅτι καὶ φίλον ἑαυτῷ τιμωρὸν καταλιπεῖν, ὃ φίλε Ὅμηρε, κέρδος ἐστίν. οἷόν τι καὶ περὶ Ζήωνος καὶ Κλεάνθους νοοῦμεν, εἰ τι ἀκούομεν. ῾ w t 7(3)

Tradução

῾E Homero, portanto, disse:

E quão bom é o menino deixado pelo já decrépito

Parece que a natureza demonstra que também guardar consigo um amigo tutelar é um ganho, caro Homero. Pensamos em tal coisa também no que tange a Zenão e Cleantes, se alguma coisa entendemos. ῾ w t 7(3)

55. Gnomologium Vaticanum 369

Watanabe *t* 8(4); ad SVF Cleanthis vitam (25)

Ἐκλεάνθης ὁ Στωϊκὸς φιλόσοφος εἶπε μῶλωπας ἔχειν ἐν τῇ ψυχῇ τὰς ὑπὸ Ζήνωνος νουθεσίας. ^{w t 8(4)}

Tradução

ἘCleantes, o filósofo estoico, dizia ter as admoestações de Zenão como hematomas na alma. ^{w t 8(4)}

56. Epict. Diss. 3.26.23.1-24.2

Watanabe *t* 10(3); Ad SVF Cleanthis vitam (26)

τοῦτο φοβῆ, μὴ οὐ δύνη ζῆν ἀρρώστου βίον, ἐπ<ε>ί τοι τὸν τῶν ὑγιαίνοντων μάθε, πῶς οἱ δοῦλοι ζῶσιν, πῶς οἱ ἐργάται, πῶς οἱ γνησίως φιλοσοφοῦντες, πῶς Σωκράτης ἔζησεν, ἐκεῖνος μὲν καὶ μετὰ γυναικὸς καὶ παίδων, πῶς Διογένης, πῶς Κλεάνθης ἅμα σχολάζων καὶ ἀντλῶν. ἄ ταῦτα ἂν θέλῃς ἔχειν, ἔξεις πανταχοῦ καὶ ζήσεις θαρρῶν. ^{w t 10(3)}

Tradução

Isso te amedronta que não consigas viver sequer a vida de um fraco, ora pois aprende com aquela de pessoas saudáveis de que maneira os escravos vivem, de que maneira os trabalhadores, como os que genuinamente filosofam, como Sócrates viveu, ele que também tinha esposa e filhos, como viveu Diógenes, como Cleantes viveu estudando e carregando água. Se quiseres ter isso, as terás absolutamente e viverás confiante. ^{w t 10(3)}

57. Gregorius Nazyanzenus. Or.4, col.35.596.23-597.7

Watanabe *t* 10(5); ad SVF Cleanthis vitam (27)

Ἐπαινεῖς τινα καὶ τῶν οὐ πολὺ πρὸ ἡμῶν, ὅτι πανημέριος ἐστὼς τῷ ἡλίῳ προσήύξατο· ἴσως αὐτὸν τηρήσας καὶ προσγειότερον, ἵνα καὶ συνέλῃ τὴν εὐχὴν, δομένῳ συγκαταλύσας· καὶ τὴν ἐν Ποτιδαίᾳ στάσιν, τὴν ἐν χειμερίῳ τῇ ὥρᾳ, πάννυχον τῇ θεωρίᾳ προσφιλοπονήσαντος, ὥστε μὴδὲ ἐπαισθάνεσθαι τοῦ κρύους διὰ τὴν ἔκστασιν· ἢ καὶ τὴν Ὀμήρου φιλομάθειαν περὶ τὸ Ἀρκαδικὸν ζήτημα, καὶ τὴν Ἀριστοτέλους φιλοσοφίαν καὶ προσεδρίαν ἐπὶ ταῖς τοῦ Εὐρίπου μεταβολαῖς, ὑφ' ὧν τεθνήκασιν· καὶ τὸ Κλεάνθους φρέαρ, καὶ τὸν Ἀναξαγόρου ἱμάντα, καὶ τὴν Ἡράκλειτον κατήφειαν. ^{w t 10(5)}

Tradução

Elogias alguém também dentre os que viveram não muito antes de nós, porque passou um dia inteiro em pé a rezar ao Sol; talvez o tivesse vigiado até estar mais perto da terra, para abreviar sua prece, terminando-a ao crepúsculo. E elogia ao que guardou a posição por uma noite toda em Potideia, durante uma estação de inverno, em contemplação tão inclinado a amar labores, que nem percebeu o frio cortante por causa de seu enleio. Ou elogia o desejo de aprender de Homero sobre o problema arcádio, e a filosofia de Aristóteles e sua atenção às mudanças de corrente do Euripo, por isso ambos morreram. E elogia o poço de Cleantes, e a manta de Anaxagoras, e o desalento heracliteano. ^{w t 10(5)}

58. Gregorius Nazyanzenus. Carmina moralia, col.700, v.12-14

Watanabe ^w t 10(6); ad Cleanthis vitam (28)

Ἡ δ' ἐγκράτεια μαρτυρεῖ τὸ ἔνθεον.

Καλὸν Κλεάνθους τὸ φρέαρ, καὶ Σωκράτους

Τὸ ζῆν πενιχρῶς· ἄλλα δ' ὡς ἀσχήμονα!

^w t 10(5)

Tradução

Ἡ autocontrole testemunha a inspiração divina.

Belo é o poço de Cleantes, e de Sócrates

O viver com pobreza. Ἡ Quão indecorosas são as demais coisas!

^w t 10(5)

59. Lactant. Epitome Divinarum institutionum 34

Watanabe t 18; ad Cleanthis vitam (29)

Ἡ an illi fortiores magis sunt probandi, qui ut mortem contempsisse
discerentur, voluntariam necem sibi intulerunt, Zeno Empedocles
Chrysippus Cleanthes Democritus et hos imitatus Cato, nec scierunt
homicidii crimine teneri secundum ius legemque divinam eum qui se
interfecerit? Ἡ

^w t 18

Aparato

I ut Pf : et T

Tradução

Ἡ especialmente se não são mais dignos de aprovação aqueles que teriam ensinado a
desdenhar a morte, introduziram a morte voluntária por si mesmos, Zenão, Empédocles,
Crisipo, Cleantes, Demócrito, os que foram imitados por Catão, não reconheceram que,
segundo o direito e a lei divina quem se matasse seria condenado pelo crime de
homicídio? Ἡ

^w t 18

Comentário

b. Ver Lactant. DI 3.18.5 (=Ad SVF Cl.phys.(3)) ; o paralelo textual entre os “sibi ipsi manus intulerunt” lá e
“voluntariam necem sibi intulerunt” aqui ajuda a esclarecer quais almas eternas os filósofos mencionados aqui está a
introduzir no céu.

60. Sen. De otio, 6.5

Watanabe t 29(3); ad Cleanthis vitam (30)

Nos certe sumus qui dicimus et Zenonem et Chrysippum maiora egisse
quam si duxissent exercitus, gessissent honores, leges tulissent; quas non
uni ciuitati, sed toti humano generi tulerunt. Quid est ergo quare tale otium
non conueniat uiro bono, per quod futura saecula ordinet nec apud paucos
contionetur sed apud omnis omnium gentium homines, quique sunt quique
erunt? Ἡ Ad summam, quaero an ex praeceptis suis uixerint Cleanthes et
Chrysippus et Zenon. Non dubie respondebis sic illos uixisse
quemadmodum dixerant esse uiuendum: atqui nemo illorum rem publicam
administrauit. 'Non fuit' inquis 'illis aut ea fortuna aut ea dignitas quae
admitti ad publicarum rerum tractationem solet.' Sed idem nihilominus non
segnem egere uitam: inuenerunt quemadmodum plus quies ipsorum
hominibus prodesset quam aliorum discursus et sudor. Ergo nihilominus hi
multum egisse uisi sunt, quamuis nihil publice agerent. Ἡ

^w t 29(3)

Tradução

Somos nós certamente dos que dizemos que tanto Zenão como Crisipo não realizaram coisas mais grandiosas do que se conduzissem exércitos, acumulassem honrarias, implementassem leis, as quais não implementariam para uma única cidade, senão que para todo o gênero humano. Por que então um tal ócio não conviria ao homem bom, por meio do que regulamentar os séculos futuros, e não se reuniria com uns poucos, senão com todos os seres humanos de todos os povos, tanto os que são quanto os que serão? ^{w t 29(3)} ¶ Em suma, investigo se tanto Cleantes, como Crisipo e Zenão viveram segundo seus próprios preceitos. Sem dúvida responderás que eles terão vivido do modo como disseram que se deve viver. E, no entanto, nenhum deles administrou a coisa pública. Respondeste que “não lhes foi dada essa fortuna ou essa dignidade, que costuma ser recebida na condução da coisa pública.” Não obstante, todavia, não levaram uma vida inativa, encontraram o modo pelo qual seu repouso mais frutífero aos seres humanos do que a correria e o suor dos outros. Logo em nada menos eles pareceram realizar muitas coisas, ainda que não interferissem nos negócios públicos. ¶

61. Dio. Or. 47.1.8-4.1

Watanabe t 29(5); ad Cleanthis vitam (31)

ἡμεῖς δὲ πολὺν ἤδη χρόνον σμικρὰ καὶ ἄδοξα πράττομεν· καὶ τοῦτο ἴσως ἀναγκαῖον ἐστίν. ¶ ὥς ἐγὼ πρότερον μὲν ἐθαύμαζον τῶν φιλοσόφων τοὺς καταλιπόντας μὲν τὰς αὐτῶν πατρίδας οὐδενὸς ἀναγκάζοντος, παρ' ἄλλοις δὲ ζῆν ἐλομένους, καὶ ταῦτα ἀποφαινομένους αὐτοὺς ὅτι δεῖ τὴν πατρίδα τιμᾶν καὶ περὶ πλείστου ποιεῖσθαι καὶ ὅτι πράττειν τὰ κοινὰ καὶ πολιτεύεσθαι τῷ ἀνθρώπῳ κατὰ φύσιν ἐστίν. λέγω δὲ τὸν Ζήνωνα, τὸν Χρύσιππον, τὸν Κλεάνθη, ὃν οὐδεὶς οἶκοι ἔμεινε ταῦτα λεγόντων. οὐκ ἄρα ἐφρόνουν ἃ ἔλεγον; πάντων μάλιστα, ὥς ἐμοὶ δοκοῦσιν. ἀλλὰ καλὸν μὲν ἡγοῦντο καὶ τῷ ὄντι μακάριον καὶ πρέπον ἀνδράσι σοφοῖς [τὸ] πρᾶγμα τῆς ἑαυτοῦ ¶ πόλεως ἐπιμέλειαν· τὰς δὲ ἐνούσας δυσκολίας καὶ τὰς χαλεπότητας ὑφεωρῶντο καὶ τῶν μὲν ἄγνοιαν, τῶν δὲ φθόνον, τῶν δὲ ἀγνωμοσύνην, εἰ μὴ τις σοφὸς ὢν ἅμα δύναιτο τὴν τοῦ Ἡρακλέους ἔχριν ἰσχὺν καὶ δύναμιν· ^{w t 29(5)}

Tradução

E nós fazemos durante um tempo já longo coisas pequenas e sem importância; e talvez é necessário isso. ¶ Quanto eu admirava antes, dentre os filósofos, os que abandonavam suas pátrias sem necessidade de nada, escolhendo viver junto a outras gentes, e lhes demonstrando essas coisas, que é preciso honrar a pátria e tê-la em alta conta, que tanto praticar as ações comuns quanto participar dos assuntos públicos é conforme a natureza para o ser humano. Falo de Zenão, de Crisipo, de Cleantes, dos quais, falando essas coisas, nenhum permaneceu em sua casa. Será que não refletiam sobre o que falavam? Com certeza sim, dentre todos, como a mim parece. Acreditavam, no entanto, ser algo belo e realmente alegre e conveniente aos homens sábios o cuidado do negócio de sua própria ¶ cidade. Eles suspeitavam dos descontentamentos inerentes e as dificuldades e a ignorância delas, as invejas e os desentendimentos que despertavam, pois se alguém é sábio, deveria ser capaz ao mesmo tempo de ter a força e a capacidade de Hércules. ^{w t 29(5)}

Comentário

d. Lido conforme a edição feita por Watanabe, o último período não faria sentido, terminando em “τῆς ἑαυτοῦ”, em que τῆς não tem um referido substantivo feminino claro.

62. Phld. Rhet. F20 (v.2, p.110), col.18 (v.2, p. 223), col.23 (v.2, p.228)

Watanabe t 30ABC; ad Cleanthis vitam (32)

ῥ F20

ῥ t 30A

{μάρτυρας δὲ παρέξει, διότι ἦσαν ἀ-}
γαθοὶ πολιτικοὶ [καὶ πρὸ
τοῦ Πλάτωνα καὶ Ἀρι[στο-
τέ]λην συντάξα[σθ]αι [πο-
λι]τικάς, εἰ μὴθὲν ἔτ[ερον,
ο]ὔς Ὅμηρος εἰσήγαγεν,
καὶ] τὴν φιλοσοφί[α]ν δὲ
τις] πρὸς τούτους λέγων
οὐκ οὔσαν ἐπιστήμην
πα]ραστήσει· καὶ γὰρ πρὸ
τοῦ] Ζήνωνα καὶ Κλεάν-
θη]ν καὶ Σωκράτην καὶ Ἀ-
ριστοτέλην σπαρῆν[αι
καλ]οὶ κάγαθοί [τι]νες [ἦ
σαν]. κατὰ δὲ δοτοὺς
... ο πολυμηχανο .
..... ευδεληκαιτας ῥ
(...)

ῥ t 30B

ῥ col.18

τον· πῶς οὐκ ἐ[πῆλθε]ν ἀ[ν]-
τῶ[ι] ταῦτα γρ[άφοντ]ι καὶ τὸ
π[ρὸ] τούτων π[ρ]ὸς αὐτὸν ἐν-
θ[υ]μ[η]θῆναι; τί δὴποτε οὔ-
τε Σωκ[ρά]τ[η]ς ὁ γινώ[σκων
ἓνα πρ]ὸς ἓνα συλλ[ύειν] ἔοι-
κεν ἱκα]νὸς ἔ[να πρὸς πλήθη
οὐτ' Ἀντ]ισθέ[νης οὔτε Ζή-
νων οὔ]τε Κ[λεάν]θης οὔτε
Χρύσι]ππος οὔτ[ε ἄλλος τις
τοιαύ]τας προκο[πὰς πεποιη]-
μενοι; ῥ
(...)

ῥ t 30C

ῥ col.23

. κα [Ζή-
νων]ος καὶ Κλε[άνθους καὶ
Χρ]υσίππου καὶ τῶν τ[οιού-
τ[ω]ν ἀπάντων, ἀλλ' ἀγα[θῶν
προσεδρεῦειν [πρέπει, οὐ
τοῖς Διογένους [λόγοις; ῥ

Tradução

ῥ F20 fornecerá os testemunhos de que havia bons políticos também antes de Platão e Aristóteles sistematizarem a política, se não por outra razão, (porque) Homero os liderou, e de que a filosofia, apesar do que eles dizem, não é uma ciência se apresentará prova, pois também antes de Zenão e Cleantes e Sócrates e Aristóteles resfolegarem havia quem fosse bom e virtuoso.

(...)

ῥ col.18 como então não lhe veio à mente, escrevendo tais coisas, considerá-lo para o mesmo objeto também antes disso? Por que então nem Sócrates, que parece

ῥ t 30A

ῥ t 30B

suficientemente saber conciliar uma pessoa a outra, não uma pessoa a uma multidão, nem Antístenes, nem Zenão, nem Cleantes, nem Crisipo e nem qualquer outro deles fez-se capaz de tais progressos? ¶

(...)

¶ col.23 (nem) com Zenão e Cleantes e Crisipo e todos os tais (estoicos), senão que convem estudar atentamente com os bons, não pelos discursos de Diógenes ¶.

^w t 30C

63. Sen. Ep. 33.4.1-4; 7.3-9.3

Watanabe t 31; ad Cleanthis vitam (33)

¶ Iam puta nos velle singulares sententias ex turba separare: cui illas adsignabimus? Zenoni an Cleanthi an Chrysippo an Panaetio an Posidonio? Non sumus sub rege: sibi quisque se vindicat. (...) Certi profectus viro captare flosculos turpe est et fulcire se notissimis ac paucissimis vocibus et memoria stare: sibi iam innitatur. Dicat ista, non teneat; turpe est enim seni aut prospicienti senectutem ex commentario sapere. 'Hoc Zenon dixit': tu quid? 'Hoc Cleanthes': tu quid? ¶ Quousque sub alio moveris? impera et dic quod memoriae tradatur, aliquid et de tuo profer. Omnes itaque istos, numquam auctores, semper interpretes, sub aliena umbra latentes, nihil existimo habere generosi, numquam ausos aliquando facere quod diu didicerant. ¶ Memoriam in alienis exercuerunt; aliud autem est meminisse, aliud scire. Meminisse est rem commissam memoriae custodire; at contra scire est et sua facere quaeque nec ad exemplar pendere et totiens respicere ad magistrum. 'Hoc dixit Zenon, hoc Cleanthes.' Aliquid inter te intersit et librum. Quousque discas? ¶

^w t 31

^w t 31

Tradução

¶ Ora considera que nós queremos separar as máximas singulares de todo o conjunto, a quem as atribuiremos? A Zenão ou a Cleantes, a Crisipo, a Panécio ou a Posidônio? Não estamos submetidos a um rei, cada um que reivindique seu direito para si. (...) É torpe ao homem já crescido colher florzinhas e se apoiar em pouquíssimos ditos e os mais corriqueiros e baseando-se na memória, que ele se empertigue por si mesmo já. Que ele diga máximas próprias, não que as retenha. É certamente torpe ao velho ou ao que se aproxima da velhice saber as coisas a partir de um conjunto de notas. "Isto disse Zenão", e tu o que dizes? "Isto disse Cleanthes", e tu, o quê? ¶ Até que ponto trilharás passos alheios? Assume o controle e diz algo digno de se portar na memória, traz à tona também alguma coisa de teu. Todos estes, portanto, nunca são autores, sempre interpretes, escodendo-se sob a sombra alheia, não acredito que tenham nada de excelente, nunca ousaram em algum momento fazer o que aprenderam por tanto tempo. ¶ Exercitaram sua memória no que é alheio; e uma coisa é recordar, outra é saber. Recordar é custodiar uma coisa confiada à memória; e ao contrário saber é tanto fazer seu tudo o que não depende de um modelo, quanto não se voltar a todo momento a um mestre. "Isto disse Zenão, isto Cleanthes." Algo deve haver entre tu e um livro que os diferencie. Até quando somente aprendes? ¶

^w t 31

^w t 31

64. Sen. Ep. 64.9-10

Watanabe t 32; ad Cleanthis vitam (34)

Multum egerunt qui ante nos fuerunt, sed non peregerunt. Suspiciendi tamen sunt et ritu deorum colendi. Quidni ego magnorum virorum et imagines habeam incitamenta animi et natales celebrem? quidni ego illos honoris causa semper appellem? ¶ Quam venerationem praeceptoribus

^w t 32

meis debeo, eandem illis praeceptoribus generis humani, a quibus tanti boni initia fluxerunt. Si consulem videro aut praetorem, omnia quibus honor haberi honori solet faciam: equo desiliam, caput adaperiam, semita cedam. Quid ergo? Marcum Catonem utrumque et Laelium Sapiensem et Socraten cum Platone et Zenonem Cleanthenque in animum meum sine dignatione summa recipiam? Ego vero illos veneror et tantis nominibus semper adsurgo. ¶ Vale.

Tradução

Muito realizaram os que vieram antes de nós, porém não o terminaram. Devem ser admirados, no entanto, e cultuados com o rito dos deuses. Por que eu não teria as imagens dos grandes homens como um incitamento para a alma e não celebraria seus aniversários? E por que eu não os evocaria sempre por causa de sua honra? ¶ A veneração que devo aos meus preceptores é a mesma que devo a aqueles preceptores do gênero humano, a partir dos quais os inícios de tamanho bem fluíram. Quando vir um cônsul ou um pretor, farei tudo pelo que se só honrar quem detem um cargo oficial, descerei do cavalo, deixarei a cabeça descoberta, cederei o passo. E então, receberei qualquer um dos Marcos Catão e Lélcio o sábio e Sócrates com Platão e Zenão e Cleantes em minha alma sem a suma dignidade? Eu realmente os venero e por nomes tão importantes sempre me levanto. ¶ Salve.

65. Flavius Josephus. Contra Apionem (= de Judaeorum vetustate), 2.135.1-3

Watanabe t 35; ad SVF Cleanthis vitam (35)

¶ Ἀλλὰ θαυμαστοὺς ἄνδρας οὐ παρεσχίκαμεν οἷον τεχνῶν τινῶν εὐρετὰς ἢ σοφίᾳ διαφέροντας. Καὶ καταριθμεῖ Σωκράτην καὶ Ζήνωνα καὶ Κλεάνθηνα καὶ τοιοῦτους τινάς. ¶

Tradução

¶ Não exibimos, contudo, os homens admiráveis como inventores de algumas artes mais do que como distinguindo-se pela sabedoria. E juntam-se à lista Sócrates e Zenão e Cleantes e outros como eles. ¶

Comentário

b. o texto reproduzido acima é idêntico ao de Apíon Grammatico (Fragmenta, 2.12 = Ad SVF Cl.vit.(43)) abaixo

66. Epict. Diss. 3.23.32

Watanabe t 36; ad SVF Cleanthis vitam (36)

¶ εἴτα τούτου ἔνεκα ἀποδημήσωσιν ἄνθρωποι νεώτεροι καὶ τοὺς γονεῖς τοὺς αὐτῶν ἀπολίπωσιν καὶ τοὺς φίλους καὶ τοὺς συγγενεῖς καὶ τὸ κτησίδιον, ἵνα σοι ‘οὐᾶ’ φῶσιν ἐπιφωνήματα λέγοντι; τοῦτο Σωκράτης ἐποίει, τοῦτο Ζήνων, τοῦτο Κλεάνθης; ¶

Aparato

1 ἀποδημήσωσιν : ἀποδημήσουσιν Sb

2 ἀπολίπωσιν Corais : ἀπολείπουσιν S : ἀπολείψουσιν Wolf

3 φῶσιν s : φάσιν S

Tradução

¶ depois com vistas nisso os homens mais novos se afastaram de casa e abandonaram seus genitores e amigos e os parentes e o torrãozinho natal, para te dizerem um “uau!” ao falares algum chistezinho espertalhão? Foi isso o que Sócrates fazia, isso o que Zenão fazia, Cleantes também? ¶

67. Fronto. Ad Marcum Antoninum (De eloquentia), 2.14.1

Watanabe *t* 37; Ad SVF Cleanthis vitam (37)

W Fac te, Caesar, ad sapientiam Cleanthis aut Zenonis posse pertingere, ^w *t* 37
ingratiis tamen tibi purpureum pallium erit sumendum, non pallium soloci
lana. Purpureo * * * W

Aparato

1 Zenonis m² : Xenonis m¹

3 A 399 legi nequit praeter marg

in margine manuscr. m² (a) non ubique rationem rectam sapientiae et usus vitae necessarium congruere, ut imperatori si philosophetur, ingratiis etiam purpureum erit pallium sumendum, cum philosophus habeat consucudum. (b) Cleanthes aqua de puteo extrahenda victum quaerebat; tibi saepe numero curandum in theatro crocum longe adque alte exprimatur.

Tradução

W Faze-te, César, poder alcançar a sabedoria de Cleantes ou de Zenão, todavia, deverás ^w *t* 37
assumir para ti o pália das ingratidões purpúreo, não o pália do rude em lâ. Em púrpura
***W

68. Luci. Symp. 30.1-32.9

Watanabe *t* 38; Ad SVF Cleanthis vitam (38)

W 'Ο Κλεόδημος δὲ καὶ πάλαι τινὸς ἀφορμῆς δεόμενος – ἐβούλετο γὰρ ^w *t* 38
συμπλακῆναι τοῖς Στωϊκοῖς καὶ διερρήγνυτο οὐκ ἔχων ἀρχὴν εὖλογον –
τότε οὖν τὸ ἐνδόσιμον παρασχούσης τῆς ἐπιστολῆς, Τοιαῦτα, ἔφη,
ἐξεργάζεται ὁ καλὸς Χρύσιππος καὶ Ζήνων ὁ θαυμαστὸς καὶ Κλεάνθης,
ῥημάτια δύστηνα καὶ ἐρωτήσεις μόνον καὶ σχήματα φιλοσόφων, τὰ δ' ἄλλα
Ἑτοιμοκλεῖς οἱ πλεῖστοι. W καὶ αἱ ἐπιστολαὶ ὁρᾶτε ὅπως πρεσβυτικάι, καὶ
τὸ τελευταῖον Οἰνεὺς μὲν Ἀρισταίνετος, Ἑτοιμοκλῆς δὲ Ἄρτεμις.
Ἡράκλεις, εὖφημα πάντα καὶ ἐορτῇ πρέποντα.

Νῆ Δί', εἶπεν ὁ Ἑρμῶν ὑπερκατακείμενος· ἀκηκόει γάρ, οἶμαι, ὕν τινα
ἐσκευάσθαι Ἀρισταίνετῳ ἐς τὸ δεῖπνον, ὥστε οὐκ ἄκαιρον ὤφειτο μεμνησθαι
τοῦ Καλυδωνίου. ἀλλὰ πρὸς τῆς Ἑστίας, ὦ Ἀρισταίνετε, πέμπε ὡς τάχιστα
τῶν ἀπαρχῶν, μὴ καὶ φθάσῃ ὁ πρεσβύτης ὑπὸ λιμοῦ ὥσπερ ὁ Μελέαγρος
ἀπομαρανθεῖς, καίτοι οὐδὲν ἂν πάθοι δεινόν· ἀδιάφορα γὰρ ὁ Χρύσιππος
τὰ τοιαῦτα ἡγεῖτο εἶναι.

Χρυσίππου γὰρ μέμνησθε ὑμεῖς, ἔφη ὁ Ζηνόθεμις ἐπεγείρας ἑαυτὸν καὶ
φθεγξάμενος παμμέγεθες, ἢ ἀφ' ἑνὸς ἀνδρὸς οὐκ ἐννόμως φιλοσοφοῦντος,
Ἑτοιμοκλέους τοῦ γόητος, μετρεῖτε τὸν Κλεάνθην καὶ Ζήωνα, σοφοὺς
ἄνδρας; τίνες δὴ καὶ ὄντες ὑμεῖς ἐρεῖτε ταῦτα;

Tradução

W Cleodemo há muito tempo carecia de uma ocasião, pois queria se engalfinhar com os ^w *t* 38
estoicos e começava a estourar por não encontrar um começo bem feito, então o pretexto
foi fornecido pela carta. Ele disse: “Tais são as coisas que o belo Crisipo alcança, o
admirável Zenão e Cleantes, frasezinhas sem força e perguntas somente e figuras de
filósofos, no mais a maioria é um Hetemocles. W E observai as cartas como são de idosos e
por fim Aristeneto é Eneo e Hetemocles é Ártemis. Por Héracles, que tudo soa bem e
convem a uma festa.”

Disse Hérmon reclinado mais acima: “Por Zeus sim! Creio que ouviram dizer que
Aristeneto preparava um javali para o jantar, de modo que não julgou ser inoportuno se
lembrar do calidônio. Mas por Héstia, Aristeneto, envia o mais rápido possível as
oferendas, para que o velho de fome não chegue antes e pereça, assim como Meleagro.

Ainda assim nada sofreria de terrível, pois Crisipo considerou que tais coisas eram indiferentes.

“Pois mencionais a Crisipo?” disse Zenótemis, levantando-se e dando muitas vozes, “ou a partir um único homem que não filosofa de maneira ordeira, Hetemocles o charlatão, medos Cleantes e Zenão, homens sábios? E de fato quem sois vós para dizer isso?”

69. Luci. Fug. 31.5-13

Watanabe *t* 39; Ad SVF Cleanthis vitam (39)

W{ΔΕΣΠΙΟΤΗΣ Α}

^w *t* 39

Ἔχω σε, ὦ Κάνθαρε. νῦν σιωπᾷς; φέρ' ἴδωμεν ἅτινά σοι ἡ πήρα ἔχει, θέρμους ἴσως ἢ ἄρτου τρύφος. οὐ μὰ Δί', ἀλλὰ ζώνην χρυσίου.

{ΗΡΑΚΛΗΣ}

Μὴ θαυμάσης· Κυνικός γὰρ ἔφασκεν εἶναι τὸ πρόσθεν ἐπὶ τῆς Ἑλλάδος, ἐνταῦθα δὲ Χρυσίππειος ἀκριβῶς ἐστίν. τοιγαροῦν Κλεάνθην οὐκ εἰς μακρὰν αὐτὸν ὄψει· κρεμήσεται γὰρ ἀπὸ τοῦ πάγωνος οὕτω μισρὸς ὢν. W

Aparato

4 Ἡράκλῃς recc : Ἀπόλλων Β 5 κυνικός Γ^aΒ γυναικός Γ 6 Χρυσίππειος ΓΒ

Tradução

W{AMO 1}

^w *t* 39

Te peguei, Escaravelho. Agora te calas? Vem aqui, vejamos o que tua bolsa tem, talvez tremoços ou um pedaço de bolo. Por Zeus, não é nada disso, é uma cinta com ouro.

{HÉRACLES}

Não te surpreendas, pois antes dizia ser um cínico na Grécia, enquanto agora é precisamente um crisipeu (i.e. estoico). Já já verás Cleantes em pessoa por isso mesmo; pois ele se pendurará pela barba, tão canalha ele é. W

Comentário

d. A comicidade da passagem é causada pela associação entre um crisipeu (χρυσ-ίππειος ou cavalo de ouro) como um portador de ouro e um crisipeu no sentido de seguido de Crisipo, ou seja, um estoico.

70. Them. Or. 4, 60b5-c7

Watanabe *t* 40; Ad SVF Cleanthis vitam (40)

Wόσοι δὲ ὁπαδοί τε ἐκείνων καὶ τὰ ἔργα αὐτῶν οὐκ ἐξαρκεῖ ἑαυτοῖς πρὸς διαμονήν, τούτους βιάζεται θνητοὺς ὄντας ἀθανάτους ποιεῖν ἢ βασιλέως προμήθεια, πολλοὺς μὲν Ὀμήρου ὑποφήτας καὶ νεωκόρους, πολλοὺς δὲ Ἡσιόδου θεραπευτάς, Χρυσίππον τε αὐτὸν ἤδη καὶ Ζήνωνα καὶ Κλεάνθην, χορούς τε ὅλους ἐκ Λυκείου καὶ Ἀκαδημίας, ἐν βραχεῖ τε εἰπεῖν στίφος ἀνάρριθμον ἀρχαίας σοφίας, οὐ κοινῆς οὐδὲ ἐν μέσῳ κυλινδουμένης, ἀλλὰ σπανίου τε καὶ ἀποθέτου, ἀμένητόν τε ἤδη καὶ ἐξίτηλον, ἐν τῷ χρόνῳ ἐν σκότῳ κατορωρυγμένον, κινεῖ καὶ ἐγείρει ὥσπερ ἐξ Ἰδίου, καὶ τοιαῦτα ἕτερα ὑμῖν καὶ ἀμείνω ἀγάλματα ἀνίστησι τῶν Μουσῶν. W

^w *t* 40

Tradução

W os seguidores e as obras daqueles não lhes são suficientes para sua permanência, a previsão do rei é forçada a fazer deles, que são mortais, imortais, muitos se tornam intérpretes de Homero e sacristãos, muitos se tornam servidores de Hesíodo, como já o próprio Crisipo e Zenão e Cleantes, e o coral inteiro oriundo do Liceu e da Academia se torna em breve uma linha cerrada a falar sem medida da sabedoria antiga, não da que é comum nem da que revolve em torno da boa medida, senão da que é rara e secreta, algo frágil e evanescente, enterrado por um período no escuro, e que move e levanta como se oriunda do Hades, e tais outras também vos põem em riste as melhores estátuas das

^w *t* 40

71. Them. Or. 21, 255a8-b3

Watanabe t 41; Ad Cleanthis vitam (41)

῾ ἐκφανέντος δὲ ἐν φιλοσοφίᾳ καὶ ἐκλάμπαντος τοῦ ἀληθοῦς ἀναιμωτὶ ῾ t 41
 πάντες ἀπολαύουσιν οἱ συλλαβόμενοι τοῦ ἔργου. Διὰ τοῦτο ἡσπάζετο
 Ἀρίστων Κλεάνθην καὶ τῶν ὁμιλητῶν ἐκοινώνει, διὰ τοῦτο Κράντορα
 Κράτης, διὰ τοῦτο Σπεύσιππος ἐκ Χαλκηδόνος μετεπέμπετο Ξενοκράτην.῾

Tradução

῾ E de quem é brilhante em filosofia e esplende pela verdade, sem derramar sangue, todos ῾ t 41
 os reunidos tiram proveito de seu trabalho. Por causa disso Aríston amava Cleanthes e
 mantinham em comum os discípulos, por isso Crates amava Crantor, por isso Espeusipo
 mandou trazer Xenócrates da Calcedônia. ῾

Comentário

b. ver, no entanto, DL 7.163 (= Ad SVF Cl.vit.3); Ariston teria escrito uma obra “Contra Cleanthes”.

72. Them. Or. 32, 358a8-d6

Watanabe t 42; Ad Cleanthis vitam (42)

῾ τῷ τοι οὐδὲ ὀφλισκάνουσι γέλωτα, οἷον ὥφλε ποτε Ἀντιγόνῳ Περσαῖος ὁ ῾ t 42
 Κιτιεύς· Ἀντιγόνῳ γὰρ τῷ βασιλεῖ συνδιητᾶτο Περσαῖος ὁ τοῦ Ζήνωνος
 ἐταῖρος. ἀκούων δὲ αὐτοῦ συνεχῶς ἐξογκουμένου τε καὶ θρυλοῦντος θαμὰ
 τὰ κομψὰ δὴ ταῦτα τῆς ποικίλης νεανιεύματα, ὅτι ὁ σοφὸς ὑπὸ τῆς τύχης
 ἀήττητός ἐστι καὶ ἀδούλωτος καὶ ἀκέραιος καὶ ἀπαθής, πᾶσαν ἐπεχείρησεν
 ἔργῳ ἐλέγξει τὴν τούτου ἀλαζονείαν. ποιεῖται δὲ τινὰς ἥκειν ἐμπόρους ἀπὸ
 Κύπρου τε καὶ Φοινίκης, ἃ χρὴ λέγειν ἐπὶ τοῦ Περσαίου προεκδιδάξας.
 κᾶπειτα ἀνηρώτα πυνθανόμενος πρῶτον μὲν περὶ τῶν νεῶν καὶ τοῦ
 ναυτικοῦ καὶ τῶν ἐν Κύπρῳ στρατιωτῶν καὶ ὅσα δὴ βασιλικά ἐρωτήματα·
 ἔπειτα ἀτρέμα δὴ κατιῶν τῷ λόγῳ, καὶ ὅπως ἔχει καὶ τῷ Περσαίῳ τὰ οἴκοι
 τὰ ἐν Κιτίῳ. ὥς δὲ τοῦ Περσαίου ἀκούσαντες οἱ ἔμποροι οὗτοι
 σκυθρωπάσαντες εὐθὺς κατέβαλον τὰς κεφαλὰς καὶ δῆλοι ἦσαν οὐ χρηστὰ
 ἀποκρινόμενοι, ἀπέρρει τε ἡ θρασύτης ἅπαντα τοῦ ἀνδρός, καὶ ἐπειδὴ
 ἐγκειμένου τε καὶ ἐκλιπαροῦντος ἀπεκρίναντο μόλις οἱ ἔμποροι δῆθεν
 ἐξηνδραποδίσθαι μὲν οἱ τὴν γυναῖκα εἰς ἀγρὸν βαδίζουσιν σὺν ταῖς ἄβραις
 ὑπὸ δὴ τινῶν ληστῶν Αἰγυπτίων, ἀπεσφάχθαι δὲ τὸν ἀγαπητὸν νεανίσκον,
 καὶ τὰ χρήματα δὲ ἔρρειν καὶ τὰ ἀνδράποδα, τοῦντεῦθεν δὲ φροῦδος μὲν
 τῷ Περσαίῳ ὁ Ζήνων, φροῦδος δὲ ὁ Κλεάνθης· ἤλεγξε δὲ ἡ φύσις τὰ
 λογάρια, ὅτι τῷ ὄντι λογάρια ἦν κενὰ καὶ ἀσθενῆ καὶ οὐ μαρτυρούμενα
 ὑπὸ τῶν πραγμάτων. ῾

Tradução

῾ por isso prestem atenção, não se exponham ao ridículo, como se expôs Perseu de Cítio ῾ t 42
 ao riso de Antígono; pois Perseu, o companheiro de Zenão, coabitou com Antígono, o rei.
 Escutava dele constantemente relatos exagerados e repetitivos sobre suas sutilezas
 frequentes, certamente essas são as glórias vãs do (Pórtico) Colorido (*tês Poikíles*). Ouviu-
 o dizer que o sábio não é submetido nem escravizado nem maculado nem sofre por
 reviravoltas da fortuna, e tentou com um feito refutar toda a sua impostura. Fingiu de fato
 que alguns mercadores chegassem de Chipre e da Fenícia, sobre o que é preciso falar, para
 explicar direito o que se passou no período em que Perseu lá esteve. Então ele os ouviu
 conforme lhes perguntava primeiro sobre as novas dos navios e dos soldados em Chipre e

tantas outras perguntas, decerto dignas de um rei. Em seguida em temas mais amenos decorrendo a conversa, as coisas eram tais que perguntou sobre o que se passavam em casa, em Cítio. Depois que os ditos mercadores escutaram a Perseu contritos, deixaram logo cair suas cabeças e era manifesto que não respondiam a sério, mas toda a tranquilidade do homem se esvaiu. E, visto que ele estava enredado e inquiria seriamente, os mercadores mal responderam que até onde sabiam alguns piratas do Egito entraram em sua terra e fizeram de sua mulher escrava junto com sua ama favorita, degolaram seu servo mais querido e puseram a perder sua riqueza e seus cativos. Em consequência disso Zenão se afastou de Perseu, Cleantes também se afastou. A natureza refutou as falas, porque na realidade as falas são vazias e sem vigor e não são confirmadas pelos fatos. ^W

Comentário

- a. o texto de Temístio apresenta uma anedota sobre Perseu enganado por Antígono reportada por Diógenes Laércio (DL 7.36);
- b. Cleantes tem suas próprias anedotas com o rei macedônico, v. SVF 463a, 597ab, Ad SVF Cl.vit.1;
- d. Antígono era rei da Macedônia, em Pela.

73. Apíon Grammaticus. Fragmenta, 2.12

Ad Cleanthis vitam (43)

Ἀλλὰ θαυμαστοὺς ἄνδρας οὐ παρεσχέκαμεν, οἷον τεχνῶν τινων εὐρετὰς, ^{W t 41}
ἢ σοφία διαφέροντας. Καὶ καταριθμεῖ Σωκράτην καὶ Ζήνωνα καὶ
Κλεάνθην καὶ τοιούτους τινάς· εἶτα, τὸ θαυμασιώτατον τῶν εἰρημένων,
αὐτὸς ἑαυτὸν προστίθησι, καὶ μακαρίζει τὴν Ἀλεξάνδρειαν, ὅτι τοιοῦτον
ἔχει πολίτην.

Tradução

Não exibimos, contudo, os homens admiráveis como inventores de algumas artes mais do ^{W t 41}
que como distinguindo-se pela sabedoria. E conta-se dentre eles Sócrates e Zenão e
Cleantes e tantos quais eles; ademais, o que é mais admirável de todos os mencionados,
impõe-se a si próprio e alegra sua Alexandria, porque tem é seu cidadão.

Comentário

- b. o fragmento reproduzido acima contém texto idêntico ao citado acima Flavio Josefo (Contra Apionem, 2.135.1-3 = Ad SVF Cl.vit.35) acima

74. Cic. Cato maior vel de senectute, 23.1-8

Watanabe t 14; ad Cleanthis vitam (44)

^W num igitur hunc (Sophoclem), num Homerum Hesiodum Simonidem ^{W t 14}
Stesichorum, num quos ante dixi, Isocraten Gorgian, num philosophorum
principes, Pythagoram Democritum, num Platonem, num Xenocraten, num
postea Zenonem Cleanthem aut eum quem vos etiam vidistis Romae,
Diogenem Stoicum, coegit in suis studiis obmutescere senectus? an in
omnibus his studiorum agitatio vitae aequalis fuit?^W

Tradução

^WPor acaso, portanto, a velhice obrigou a esse (Sófocles), a Homero, Hesíodo, Simônides, ^{W t 14}
Estesícoro, a silenciarem seus estudos? Por acaso o fez aos que disse anteriormente,
Isócrates, Górgias, aos príncipes dentre os filósofos, Pitágoras, Demócrito, a Platão,
Xenócrates? Por acaso depois o fez a Zenão, Cleantes ou àqueles que vistes ainda em
Roma, Diógenes o estoico? Ou para todos eles a agitação dos estudos foi constante na
vida?^W

75. Cic. Tusc. 5.107.10-12

Ad Cleanthis vitam (45)

Iam vero exilium, si rerum naturam, non ignominiam nominis quaerimus, quantum tandem a perpetua peregrinatione differt? in qua aetates suas philosophi nobilissimi consumpserunt, Xenocrates Crantor Arcesilas Lacydes Aristoteles Theophrastus Zeno Cleanthes Chrysippus Antipater Carneades Clitomachus Philo Antiochus Panaetius Posidonius, innumerabiles alii, qui semel egressi numquam domum reverterunt. 'at enim sine ignominia'. an potest exilium ignominia adficere sapientem?

Tradução

Agora, no entanto, se pesquisamos o exílio, a natureza do tema, e não a ignomínia do nome, quão distante afinal está da moradia permanente no estrangeiro? Nela os filósofos mais nobres consumiram suas vidas, Xenócrates, Crantor, Arcesilau, Lacides, Aristóteles, Teofrasto, Zenão, Cleantes, Crisipo, Antípatro, Carnéades, Clitomaco, Fílon, Antíoco, Panécio, Posidônio e outros sem conta, que semelhantemente partiram de suas casas e nunca retornaram. “Sem ignomínia, contudo”. Será que o exílio pode trazer ignomínia ao sábio?

76. Ael. Fragmenta 1.1-2

Ad Cleanthis vitam (46)

Χρύσιππος ὁ Σολεὺς ἐποιεῖτο τὸν βίον ἐκ πάνυ ὀλίγων, Κλεάνθης δὲ καὶ ἀπὸ ἐλαττόνων.

Tradução

Crisipo de Sólis fez a vida com absolutamente pouco, e Cleantes com ainda menos.

Ad Cleanthis vitam (47)

Clem.Al. Strom. 1.14.62.1-64.1 (= SVF 1.593b)

~~ἡ φιλοσοφία τοίνυν μετὰ τοὺς προειρημένους ἄνδρας τρεῖς γεγονόσι διαδοχαὶ ἐπόνυμοι τῶν τόπων περὶ οὓς διέτριψαν, Ἰταλικὴ μὲν ἢ ἀπὸ Πυθαγόρου, Ἰωνικὴ δὲ ἢ ἀπὸ Θαλοῦ, Ἑλεατικὴ δὲ ἢ ἀπὸ Ξενοφάνους. (...) Ἀναξίμανδρος δὲ Πραξιάδου Μιλήσιος Θαλὴν διαδέχεται, τοῦτον δὲ Ἀναξίμενης Εὐρυστράτου Μιλήσιος, μεθ' ὃν Ἀναξαγόρας Ἡγησιβούλου Κλαζομένιος. οὗτος μετήγαγεν ἀπὸ τῆς Ἰωνίας Ἀθήνας· τὴν διατριβὴν τοῦτον διαδέχεται Ἀρχέλαος, οὗ Σωκράτης διήκουσεν. (...) Σωκράτους δὲ ἀκούσας Ἀντισθένης μὲν ἐκύνισε, Πλάτων δὲ εἰς τὴν Ἀκαδημίαν ἀνεχώρησε. παρὰ Πλάτωνι Ἀριστοτέλης φιλοσοφῆσας μετελθὼν εἰς τὸ Αὐκεῖον κτίζει τὴν Περιπατητικὴν αἵρεσιν. τοῦτον διαδέχεται Θεόφραστος, ὃν Στράτων, ὃν Λύκων, εἶτα Κριτόλαος, εἶτα Διόδωρος. Σπεῦσιππος δὲ Πλάτωνα διαδέχεται, τοῦτον δὲ Ξενοκράτης, ὃν Πολέμων. Πολέμωνος δὲ ἀκουσται Κράτης τε καὶ Κράντωρ, εἰς οὓς ἢ ἀπὸ Πλάτωνος κατέληξεν ἀρχαία Ἀκαδημία. Κράντωρ δὲ μετέσχευ Ἀρκεσίλαος, ἀφ' οὗ μέχρι Ἡγησίου ἦν ἡ Ἀκαδημία ἡ μέση. εἶτα Καρνεάδης διαδέχεται Ἡγησίον· καὶ οἱ ἐφεξῆς Κράτητος δὲ Ζήνων ὁ Κιτιεὺς ὁ τῆς Στωϊκῆς ἄρξας αἰρέσεως γίνεται μαθητῆς. τοῦτον διαδέχεται Κλεάνθης, ὃν~~

Χρύσιππος καὶ οἱ μετ' αὐτόν. ᾤ

Tradução

~~ᾤ Três linhas sucessórias, no entanto, surgiram com os homens mencionados anteriormente, batizadas de acordo com o lugar onde desenvolveram sua atividade. A linha itálica advem de Pitágoras, a jônica advem de Tales, a eleática advem de Xenófanes. (...) Anaximandro, filho de Praxíades, era milésio e sucedeu a Tales, a ele Anaxímenes sucedeu, filho de Eurístrato, de Mileto, depois veio Anaxágoras de Clazomene, filho de Hegesíbulo. Ele transferiu suas atividades da Jônia para Atenas. Foi sucedido por Arquelaus, com o qual Sócrates aprendeu. (...) Antístenes após aprender de Sócrates se tornou cínico, e Platão acolheu seus ensinamentos na Academia. Junto a Platão Aristóteles filosofou indo depois para o Liceu, onde fundou a escola peripatética. A ele sucedeu Teofrasto, que passou a direção da escola a Estrato, depois veio Lico, então Critolau, depois Diodoro. Espeusipo sucedeu Platão, depois veio Xenócrates, depois Polemo. Crates e Crantor escutaram no, neles acabou a Academia antiga oriunda de Platão. Arcesilau acompanhou Crantor, a partir dele (Arcesilau) até Hegesino floresceu a Academia média. Depois Carnéades sucedeu Hegesino e também (houve) os que seguiram. Zenão de Cítio, que foi iniciador da escola estoica, se tornou discípulo de Crates. Cleantes o sucedeu, Crisipo sucedeu a esse, e houve os depois dele. ᾤ~~

77. Eus. PE 15.13.6.1-9.3

Watanabe t 5 (3); Ad Cleanthis vitam (48)

ᾤΤοσαῦτα ὁ Ἀττικός. παρῆν δὲ καὶ τούτων ἔτι πλείω ἐκ τῆς δηλωθείσης ^{w t 5(3)} παραθέσθαι τοῦ ἀνδρὸς γραφῆς· πλὴν ἀλλὰ τοῖς ἐκτεθεῖσιν ἀρκεσθέντες μεταβησόμεθα καὶ ἐπὶ τὴν τῶν Στωϊκῶν αἵρεσιν. Σωκράτους τοίνυν (...) Κράτητος δὲ ἐγένετο Ζήνων ὁ Κιτιεύς, ὁ τῆς τῶν Στωϊκῶν φιλοσόφων αἵρέσεως καταστάς ἀρχηγός. Ζήνων δὲ Κλεάνθης διεδέξατο, Κλεάνθην δὲ Χρύσιππος, τοῦτον δὲ Ζήνων ἕτερος καὶ οἱ καθεξῆς. ᾤ

Tradução

~~ᾤ E tais coisas escreveu Ático. Poderia ter citado de seu escrito publicado ainda mais do que isso, exceto que, dando-nos por satisfeitos com o que foi exposto, devemos mudar de assunto e tratar da escola estoica. De Sócrates, todavia (...) Zenão de Cítio descende de Crates, o qual se estabeleceu como líder da escola estoica. Cleantes sucedeu Zenão, a Cleantes sucedeu Crisipo, esse foi sucedido por outro Zenão e assim por diante. ᾤ~~ ^{w t 5(3)}

Comentário

Neste comentário, 4 questões serão apresentadas: (a) a maneira como Diógenes Laércio compõe seu capítulo sobre Cleantes, especialmente o que ficou fora de sua exposição sobre o filósofo de Assos; (b) a duração de sua vida; (c) fragmentos que

reproduzem seu caráter; (d) uma sugestão filosófica a partir da interpretação dos fragmentos em ‘c’.

Diógenes Laércio¹²⁷ (a) é um dos dois autores, ao lado de Filodemo de Gádara¹²⁸, que trata mais longamente de sua vida. Diógenes é um compilador, escritor eclético, Filodemo é um filósofo epicurista, o qual compôs também uma obra sobre a história do estoicismo que teria um capítulo sobre Cleantes ainda mais rico do que o correspondente na obra do primeiro¹²⁹

Preliminarmente, merece reflexão a relação intrincada entre a biografia, a doxografia e os demais subgêneros (narrativas históricas, de sucessões líderes filosóficos), em que são classificadas as obras de alguns dos autores mencionados acima. Essa relação é intrincada porque o texto não pode ser segmentado sem que algo do texto como um todo se perca. Também é complicada porque em algumas obras funciona a premissa, por vezes não declarada, de que existe um nexos mais forte entre vida e obra. Ou seja, existe a tentativa de correlacionar pensamento e ação de um modo intrínseco e não somente como se um fosse ilustração do outro.

Não é simples, portanto, isolar as passagens biográficas daquelas doxográficas, históricas etc. O esforço, porém, de identificar esses subgêneros pode ser frutífero, sobretudo do ponto de vista da crítica textual e de estilo, que permitem apontar as articulações e desarticulações de um texto. Esses resultados são importantes no caso de alguns autores, como Estobeu e Diógenes Laércio, que estavam condensando e reorganizando um material enorme a partir de fontes que – por sua vez – eram elas mesmas secundárias (compilações, sumários, biografias etc.).

Detendo-se neste momento sobre a obra de Diógenes, seu livro sobre o estoicismo é de consulta mais simples, quando comparado a Estobeu por exemplo. A qualidade do que ele reproduz não é constante, seu esforço enciclopédico busca abarcar muitas escolas e pensadores em um espaço bastante condensado e incompleto, se comparado a Estobeu novamente. O resultado deu margem para que fosse tratado com desprezo e acusado pelos filólogos do século XIX e por Hegel de diletante, charlatão, antiquário, barroco e

¹²⁷ Viveu provavelmente no séc. 3 E.c.

¹²⁸ Séc. 1 a.E.c.

¹²⁹ Dorandi, “Introduzione” (in: Phld. Stoic.Hist.) p.13.

pouco interessado em filosofia¹³⁰. Mais neutro seria encará-lo como um “vulgarizador do saber filosófico”, parafraseando Le Goff citado por Gigante¹³¹.

Hoje é possível compreender melhor o livro legado por ele. Ainda que nele o aspecto doxográfico esteja submetido ao biográfico, trata-se de uma obra útil para a filosofia. Gigante resume do seguinte modo os traços da obra: (1) interação entre biografia e filosofia, com marcas constantes e variáveis; (2) a função da exposição de uma vida é informar e exortar; (3) a vida filosófica em sentido laerciano possui um valor por si mesmo como gênero literário; (4) uma vida deve sugerir a unidade entre o homem, sua história e seu pensamento; (5) a exposição de uma vida deve ser global e suficiente; (6) embora não seja filosófica, pode ser utilizada para fins filosóficos¹³².

É sabido que ele se remetia a uma tradição e relaborava esse material a partir de fichas, resumos, citações, o que confere um aspecto às vezes desarticulado, abrupto e repetitivo ou inconcluso aos capítulos. Mejer deduziu que essas marcas decorriam das dificuldades de se consultar constantemente os rolos de papiros e dada a variedade de assuntos abordados.

No plano do livro as vidas dos filósofos possuem, portanto, um valor próprio (pontos ‘2’, ‘3’ e ‘4’), formativo e exemplar, e suas opiniões constam para apoiar a função exortativa. Especificamente sobre o sétimo livro – sobre o estoicismo – Jaap Mansfeld expõe três fatores revelariam a opinião de Diógenes sobre o estoicismo como uma escola descendente do cinismo¹³³. Um desses fatores seria genuinamente filosófico, um histórico e um formal: formalmente sua opinião se revela pela sequência criada entre cínicos¹³⁴ (livro 6) e estóicos (livro 7), além de ele posicionar as respectivas doxografias o mais próximo possível, após as vidas dos filósofos cínicos e logo após a vida de Zenão. O fator histórico remete à sucessão de mestres e discípulos reproduzida por ele, segundo a qual Zenão seria apenas um discípulo dos cínicos, basicamente de Crates. Filosoficamente haveria uma razão forte para associar a ética e a política de ambas as escolas, e aí se incluem três fragmentos de Cleantes (SVF 1.567; 1.568; 1.552b)

Tal como o veem Gigante e Mansfeld, é inevitável admitir que, para enxergar tal valor na exposição de vidas, ele estudou atentamente a história da filosofia. Ainda que ele

¹³⁰ Gigante, 1986, p. 10-19.

¹³¹ Idem, 100: “Allora: Diogene storico? biografo? dossografo? Forse potremmo dire, parafrasando una definizione di Le Goff, che Diogene è un vulgarizzatore del sapere filosofico o meglio del sapere umano”

¹³² Ibidem, 16-18.

¹³³ 1986, passim.

¹³⁴ Mansfeld explica ademais que a apresentação dos cínicos estaria postergada, do livro 2 onde estão Sócrates e os socráticos ditos “menores”, para o livro 6.

seja um colecionador de antiguidades, ainda que procure dar leveza à exposição com homônimos, piadas e epigramas. Um dos interesses em reler com cuidado é poder reinterpretar a autoria de certas doutrinas apresentadas por ele. Nos casos em que não há um autor estóico específico designado e levando em conta textos expressamente atribuídos a Cleantes¹³⁵, em alguns casos, novas passagens do sétimo livro poderiam ser incorporadas ao *corpus*.

De todo modo, Cleantes não é exceção à incompletude apontada acima. Foram negligenciados por Diógenes Laércio: (a.i) o hino a Zeus (SVF 1.537) e o pequeno poema a Zeus e ao destino (SVF 1.527); (a.ii) seu poema sobre o bem (SVF 1.557); (a.iii) sua teoria sobre a adequação entre formas de composição literária e o assunto a ser tratado (SVF 1.486,487); (a.iv) sua teoria da conflagração, reordenação do universo e cosmogonia (SVF 1.497); (a.v) sua teoria sobre o fogo, o calor vital e universal (SVF 1.501; 504; 513); (a.vi) sua prova da corporeidade da alma, o argumento da semelhança corpórea e anímica entre pais e filhos e da transmissão recíproca de afetos entre corpo e alma (SVF 1.518); (a.vi) sua exposição das causas de uma noção natural dos deuses na alma (SVF 1.528)

Hoje é seguro afirmar que sem os pontos ‘a.i’ e ‘a.iv-v’ pelo menos é muito difícil expor o pensamento cleanteano de modo a lhe dar um caráter distinto dos demais.

(b) Para estimar o tempo de vida de Cleantes existem cinco autores e seis fragmentos principais: quatro presentes no *corpus* de von Arnim (1.474, 1.475, 1.477a-b); outros dois – de Valério Máximo e Censorino – são reproduzidos no anexo acima. Segundo Filodemo (1.477a-b), Cleantes teria nascido durante o arcontado de Aristófanes e falecido durante o de Jasão, permanecendo na direção da escola por 32 anos. Isso resultaria em uma vida que teria durado entre cerca de 331/330 e 231/230 ou 230/229 antes de nossa era¹³⁶, ou seja, entre 101 e 99 anos. Dirigiu a escola por 32 anos, portanto entre cerca de 263/262 até sua morte. Segundo Diógenes Laércio (1.474), ele teria sido discípulo de Zenão por 19 anos e vivido tanto quanto ele¹³⁷.

O fragmento não precisa o momento de seu nascimento ou morte de maneira direta ou indireta. Nesse caso, se for aceito o nascimento durante o arcontado de Aristófanes, sua vida se estenderia de 331/330 a 351/350; se for aceito o falecimento durante o arcontado de Jasão, então ela iria de 301/300 a 231/230 ou 230/229.

¹³⁵ Ver discussão à p. 14,15.

¹³⁶ Meritt, 1977, p. 169, 177.

¹³⁷ Oitenta anos, segundo a lição dos manuscritos da família FP⁴ (informação omitida nos da família BP¹),

Segundo o testemunho em SVF 1.475, de Pseudo-Luciano, ele teria vivido 99 anos. Segundo Censorino e Valério, 99 anos. Resumidamente haveria duas posições a respeito da duração de sua vida: 99 anos, segundo Filodemo, Valério, Censorino, Pseudo-Luciano; 80 anos, conforme Diógenes Laércio. A primeira posição estaria plenamente de acordo com as informações fornecidas por Filodemo e é a que se tem adotado na literatura.

Os relatos sobre a duração da vida de Zenão podem oferecer parâmetro aqui: Diógenes¹³⁸ relata duas versões sobre a duração de sua vida: 98 anos segundo fonte não identificada e 72 anos segundo Perseu, na mesma passagem. Pseudo-Luciano igualmente lhe atribui 98 anos¹³⁹ (SVF 1.36; 1.475). Filodemo novamente é o mais preciso e, segundo ele, Zenão viveu 101 anos (1.36a), com sua morte datada durante o arcontado de Arrenides (262/261)¹⁴⁰. As versões divergem aqui, com basicamente dois grupos de opiniões: 98/101 anos *versus* 72. Se as informações fornecidas por Filodemo são aceitas, podem-se excluir os testemunhos de Diógenes e o de Perseu para a duração da vida do discípulo e do mestre respectivamente¹⁴¹.

A respeito do tempo como aluno e professor, os testemunhos são menos abundantes. Enquanto Filodemo afirma ter Cleantes coordenado os trabalhos no Pórtico por 32 anos, Diógenes informa haver sido discípulo por 19 anos. Não é necessário, todavia, pressupor que esses anos de aprendizado sejam também os últimos 19 de vida de Zenão¹⁴². O resumo de sua cronologia seria então:

331/330 – nascimento em Assos

331-262 – formação filosófica (duração de 19 anos)

262/261 – morte de Zenão e início do escolarcado de Cleantes

231/230 (ou 230/229) – morte em Atenas

(c) A respeito do *êthos* do filósofo, é notável a tendência a caracterizá-lo de maneira excepcional em relação a outras pessoas, particularmente no que tange seu amor ao esforço e resistência ao sofrimento. Um mesmo fragmento pode realçar mais de uma qualidade sua. Desses traços destacam-se: (c.i) pobreza e dedicação ao estudo e ao

¹³⁸ “ὁκτὼ γὰρ πρὸς τοῖς ἐνεήκοντα βιοῦς ἔτη κατέστρεψεν, ἄνοσος καὶ ὑγίης διατελέσας. Περσαῖος δὲ φησιν ἐν ταῖς Ἡθικαῖς σχολαῖς δύο καὶ ἑβδομήκοντα ἐτῶν τελευτῆσαι αὐτόν, ἐλθεῖν δ' Ἀθήνας δύο καὶ εἴκοσιν ἐτῶν· ὁ δ' Ἀπολλώνιος φησιν ἀφηγήσασθαι τῆς σχολῆς αὐτὸν ἔτη δυοῖν δέοντα ἐξήκοντα.” (DL 7.28). A passagem continua narrando a morte voluntária de Zenão. Cf. Suid. ‘Αὔεις’ (Adler, alpha 4420).

¹³⁹ Ps.-Luc.Macr. 19.1.

¹⁴⁰ Meritt, 1977, p. 174. Segundo Filodemo, Zenão teria 62 anos durante o arcontado de Clearco (301/300) – idem, 171 – e, portanto, teria atingido a idade de 101 anos. Presumivelmente teria nascido em 363/362.

¹⁴¹ O problema de aceitar uma duração tão longa para a vida de Zenão seria colocá-lo como contemporâneo de Pirro, mas também de Aristóteles, tendo vivido ao mesmo tempo que Platão, embora em cidades distintas. Zenão seria mais velho que Epicuro cerca de vinte anos. Nada disso concorda com os demais testemunhos antigos.

¹⁴² Thom, 2005, p.2-3; Arnim, RE 11.1, 1921: ‘Kleanthes (2)’, 558,559.

trabalho (1.463a,b; 1.465, 1.466a, 1.467, 1.468, 1.469, 1.477b, 1.589, 1.597a,b, 1.598, 1.601, 1.602, 1.608, 1.609, 1.611a,b, texto ‘5’ do anexo acima); (c.ii) desejo quase proverbial de permanecer junto a Zenão e ao estoicismo (1.463a, 1.466b, 1.614, 1.597a,b, texto ‘2’ do anexo acima); (c.iii) lentidão, gravidade, respeito às instituições (1.463a, 1.464, 1.468, 1.472, 1.544, 1.603, 1.605, 1.606, 1.607, 1.608, 1.610, 1.611a, 1.612, 1.615, 1.616); (c.iv) tolerância ao vitupério e zombaria (1.464, 1.470, 1.599, 1.600, 1.603); (c.v) suicídio ou morte exemplar (1.474, 1.475, 1.476ab, 1.477a, 1.478, 1.604).

(d) É possível, no entanto, ler fragmentos especificamente biográficos, anedóticos e apotegmáticos de Cleantes em chave mais ampla, dentro de um debate sobre a filosofia como modo de vida, por exemplo. Para além das informações muito importantes que eles fornecem, é possível reconstruir as funções exortativa e formativa que contêm. Se os relatos de vida de filósofos deveriam servir a uma finalidade exortativa e formativa, então os fragmentos – classificados *grosso modo* acima – podem ser interpretados dentro do marco estóico. Os pontos ‘c.i’, ‘c.iv’ e ‘c.v’ expõe de modo exemplar a relação entre um filósofo estóico e cinco classes de coisas indiferentes: riqueza, fama, prazer (e dor), doença e morte.

Outra maneira de interpretar tais pontos seria analisar o modo de vida cleanteano sob o crivo do cinismo. Para fundamentar tal interpretação é útil relembrar textos biográficos e anedóticos que afirmam que Cleantes foi discípulo diretamente de Crates¹⁴³. A aproximação entre cinismo e estoicismo, feita já pela organização dos livros de Diógenes Laércio, não deve ser negligenciada em nenhum sentido.

Em relação ao ponto ‘c.ii’, sua fidelidade e lealdade ao pensamento de Zenão são praticamente proverbiais, ou seja, são exploradas como um lugar comum a seu respeito. Esse lugar comum tem vários aspectos: o serviço a Zenão; o desejo de não se afastar do mestre (ou da filosofia); a capacidade de conservar seus ensinamentos. Outra imagem que se consolida com o passar dos séculos é a do bom professor, professor dedicado, sobretudo, como figura oposta à pompa, ao luxo e à hipocrisia. É o que se pode observar nas sátiras de Juvenal e Pérsio acima e no poema de Ausônio e de Gregório Nazianzeno¹⁴⁴.

¹⁴³ Suid. ‘Κλεάνθης’ (Adler, kappa 1711) (=Watanabe *l.* 3; Ad SVF Cl.vit. 11); Hesych. 7.583-605 (=Ad SVF Cl.vit.20); Cf. Leite, 2019.

¹⁴⁴ Ad SVF Cl.vit.14, 16, 19, 28.

I.b. Curriculum filosófico e lista de obras

78. DL 7.39-41

Pearson C 1; SVF 1.45; 1.46; 1.482; 2.37; 2.38; 2.41; Watanabe f 1; BS 1.2

// // {{ §39 τριμερῇ φασιν εἶναι τὸν κατὰ φιλοσοφίαν λόγον· εἶναι γὰρ / SVF 1.45
αὐτοῦ τὸ μὲν τι φυσικόν, τὸ δὲ ἠθικόν, τὸ δὲ λογικόν. οὕτω δὲ πρῶτος / SVF 2.37
διεῖλε Ζήνων ὁ Κιτιεὺς ἐν τῷ “Περὶ λόγου” \ \ καὶ Χρύσιππος ἐν τῇ α’ / BS 1.2
“Περὶ λόγου” καὶ ἐν τῇ πρώτῃ τῶν “Φυσικῶν” καὶ Ἀπολλόδωρος ὁ
[5] Ἐφηλος ἐν τῷ πρώτῳ “τῶν Εἰς τὰ δόγματα εἰσαγωγῶν” καὶ Εὐδρομος
ἐν “τῇ Ἠθικῇ στοιχειώσει” καὶ Διογένης ὁ Βαβυλώνιος καὶ Ποσειδώνιος.
ταῦτα δὲ τὰ μέρη ὁ μὲν Ἀπολλόδωρος τόπους καλεῖ, ὁ δὲ Χρύσιππος καὶ
Εὐδρομος εἶδη, ἄλλοι γένη. \ \ §40 εἰκάζουσι δὲ ζῶν τὴν φιλοσοφίαν, / SVF 2.38
ὅστοις μὲν καὶ νεύροις τὸ λογικὸν προσομοιοῦντες, τοῖς δὲ
[10] σαρκωδεστέροις τὸ ἠθικόν, τῇ δὲ ψυχῇ τὸ φυσικόν. ἡ πάλιν ὥ· τὰ μὲν
γὰρ ἔξω εἶναι τὸ λογικόν, τὰ δὲ μετὰ ταῦτα τὸ ἠθικόν, τὰ δ’ ἐσωτάτω τὸ
φυσικόν. ἡ ἄγρῳ παμφόρῳ· τὸν μὲν περιβεβλημένον φραγμὸν τὸ λογικόν,
τὸν δὲ καρπὸν τὸ ἠθικόν, τὴν δὲ γῆν ἢ τὰ δένδρα τὸ φυσικόν. ἡ πόλει
καλῶς τετειχισμένη καὶ κατὰ λόγον διοικουμένη. \ \
[15] // καὶ οὐθὲν μέρος τοῦ ἑτέρου προκεκρίσθαι, καθάτινες αὐτῶν φασιν, / SVF 2.41
ἀλλὰ μεμίσθαι αὐτά· καὶ τὴν παράδοσιν μικτὴν ἐποιοῦν. \ \ // ἄλλοι δὲ / SVF 1.46
πρῶτον μὲν τὸ λογικὸν τάττουσι, δεύτερον δὲ τὸ φυσικόν, καὶ τρίτον τὸ / w f 1
ἠθικόν· ὧν ἐστὶ Ζήνων ἐν τῷ “Περὶ λόγου” \ \ καὶ Χρύσιππος καὶ
Ἀρχέδημος καὶ Εὐδρομος.
[20] §41 ὁ μὲν γὰρ Πτολεμαῖος Διογένης ἀπὸ τῶν ἠθικῶν ἄρχεται, ὁ δ’
Ἀπολλόδωρος δεύτερα τὰ ἠθικά, Παναίτιος δὲ καὶ Ποσειδώνιος ἀπὸ τῶν
φυσικῶν ἄρχονται, καθάτι φησι Φανίας ὁ Ποσειδωνίου γνώριμος ἐν τῷ
πρώτῳ τῶν Ποσειδωνιέων σχολῶν. °° // ὁ δὲ Κλεάνθης ἐξ ἑξήκοντα φησί,
°C 1 / SVF 1.482
διαλεκτικόν, ῥητορικόν, ἠθικόν, πολιτικόν, φυσικόν, θεολογικόν. \ \ °°
[25] ἄλλοι δὲ οὐ τοῦ λόγου ταῦτα μέρη φασίν, ἀλλ’ αὐτῆς <τῆς>
φιλοσοφίας, ὡς Ζήνων ὁ Ταρσεύς. ἡ τὸ δὲ λογικὸν μέρος φασὶν ἔνιοι εἰς
δύο διαιρεῖσθαι ἐπιστήμας, εἰς ῥητορικὴν καὶ εἰς διαλεκτικὴν. τινὲς δὲ καὶ
εἰς τὸ ὀρικὸν εἶδος, <καὶ> τὸ περὶ κανόνων καὶ κριτηρίων· ἔνιοι δὲ τὸ
ὀρικὸν περιαιροῦσι. }}

Tradução

// // {{ §39 Eles dizem que o discurso filosófico é tripartite, pois uma parte dele é relativa à física, / SVF 1.45
uma relativa à ética e a outra à lógica. Zenão de Cício foi o primeiro que o dividiu assim em “Sobre / SVF 2.37
o λόγος” e Crisipo no primeiro livro de “Sobre o λόγος”, e no primeiro livro dos “Tratados de / BS 1.2
Física”. Apolodoro de Efeso também o diz, no primeiro livro de “Introdução às doutrinas” e
Eudromo em “A ética elementar”, Diógenes da Babilônia e Posidônio.
A essas partes Apolodoro chama de “lugares”, ao passo que Crisipo e Eudromo chamam de
“espécies”, outros de “gêneros”. // §40 Eles comparam a filosofia a um animal, considerando a / SVF 2.38
lógica semelhante a ossos e tendões, a ética semelhante às carnes e a física à alma. Ou ainda ao ovo,
pois a parte externa é a lógica, a quem vem em seguida a ética, e a mais interna a física. Ou a
comparam a um campo fértil: enquanto a cerca em volta é a lógica, o fruto é a ética e a terra ou a
árvore a física. Ou a comparam a uma cidade bem fortificada e governada conforme a razão. \ \
// Contudo, nenhuma parte pode ser completamente distinguida da outra, como alguns deles dizem,
elas estão mescladas, e eles fazem a transmissão dela como um conjunto. \ \ // Alguns colocam a / SVF 2.41
lógica em primeiro lugar, a física em segundo e em terceiro a ética – dentre eles está Zenão em / SVF 1.46
“Sobre o λόγος” \ \, Crisipo, Arquedemo e Eudromo. / w f 1
§41 Diógenes Ptolemeu inicia a partir das doutrinas éticas, Apolodoro considera o relativo à ética
em segundo, ao passo que Panécio e Posidônio iniciam a partir da física, segundo diz Fânias, o
pupilo de Posidônio, no primeiro livro de “As lições posidonianas”. °° // Cleantes, por sua vez, dizia
serem seis partes: dialética, retórica, ética, política, física, teológica. \ \ °° Outros dizem que elas não
são partes do discurso, mas da própria filosofia, como Zenão de Tarso. ἡ Alguns dizem que a parte

lógica se divide em duas, em retórica e dialética. Outros a subdividem ainda em duas outras espécies, sobre as definições e sobre os cânones e critérios. Alguns rejeitam a parte sobre as definições. }}

Comentário

b. SVF 1.482 pode ser lido como parte de um debate sobre as partes de filosofia apresentadas por Cleantes, se elas seriam uma sequência ou apenas uma enumeração, ver a esse respeito os textos de SVF 1.538 e Ad SVF Cl.vit.49-50 e os respectivos comentários. – Cf. Watanabe, p.40-42; BS, p. 13-20.

79. DL 7.174-175

SVF 1.481; Watanabe *t* 44

// ₩ §174 βιβλία δὲ κάλλιστα καταλέλοιπεν, ἃ ἐστὶ τάδε·

/ SVF 1.481

^w *t* 44

Περὶ χρόνου,

Περὶ τῆς Ζήνωνος φυσιολογίας δύο,

Τῶν Ἡρακλείτου ἐξηγήσεις, τέσσαρα,

|5| Περὶ αἰσθήσεως,

Περὶ τέχνης,

Πρὸς Δημόκριτον,

Πρὸς Ἀρίσταρχον,

Πρὸς Ἡρίλλον,

|10| Περὶ ὁρμῆς δύο,

§175 Ἀρχαιολογία,

Περὶ θεῶν,

Περὶ γιγάντων,

Περὶ ὕμεναίου,

|15| Περὶ τοῦ ποιητοῦ,

Περὶ τοῦ καθήκοντος τρία,

Περὶ εὐβουλίας,

Περὶ χάριτος,

Προτρεπτικός,

|20| Περὶ ἀρετῶν,

Περὶ εὐφυΐας,

Περὶ Γοργίππου,

Περὶ φθονερίας,

Περὶ ἔρωτος,

|25| Περὶ ἐλευθερίας,

Ἑρωτικὴ τέχνη,

Περὶ τιμῆς,

Περὶ δόξης,

Πολιτικός,

|30| Περὶ βουλῆς,

Περὶ νόμων,

Περὶ τοῦ δικάζειν,

Περὶ ἀγωγῆς,

Περὶ τοῦ λόγου τρία,

|35| Περὶ τέλους,

Περὶ καλῶν,

Περὶ πράξεων,

Περὶ ἐπιστήμης,

Περὶ βασιλείας,

|40| Περὶ φιλίας,

Περὶ συμποσίου,
 Περὶ τοῦ ὅτι ἡ αὐτὴ ἀρετὴ ἀνδρὸς καὶ γυναικός,
 Περὶ τοῦ τὸν σοφὸν σοφιστεύειν,
 Περὶ χρειῶν,
 |45| Διατριβῶν δύο,
 Περὶ ἡδονῆς,
 Περὶ ἰδίων,
 Περὶ τῶν ἀπόρων,
 Περὶ διαλεκτικῆς,
 |50| Περὶ τρόπων,
 Περὶ κατηγορημάτων,
 ταῦτα αὐτῷ τὰ βιβλία. ᾤ\\

Aparato

9 ἥριλλον F: ἥ, P: ἥριαλον B

21-22 Περὶ εὐφυνίας πρὸς Γόργιππον unus tit. Croenert, Kol. u. Men. 81

24-25 om. B

Tradução

//ᾤ§174 Legou-nos obras belíssimas. São elas:

Sobre o tempo

Dois livros sobre a ciência da natureza de Zenão

Quatro livros de explicações dos ditos de Heráclito

Sobre a sensação

Sobre a técnica

Contra Demócrito

Contra Aristarco

Contra Erilo

Dois livros sobre o impulso

§175 Estudos sobre a antiguidade

Sobre os deuses

Sobre os gigantes

Sobre a boda

Sobre o poeta

Três livros sobre a ação incumbente

Sobre a deliberação

Sobre a graça

Protréptico

Sobre as virtudes

Sobre a boa disposição natural

Sobre Gorgipo

Sobre a inveja

Sobre o amor

Sobre a liberdade

Arte amatória

Sobre a honra

Sobre a opinião

Político

Sobre o conselho

Sobre as leis

Sobre o proferir sentença

Sobre a educação espartana

Três livros sobre a razão

Sobre a finalidade da vida

Sobre as coisas belas

Sobre a ação

Sobre a ciência

Sobre o reino

Sobre a amizade

Sobre o banquete

Sobre a virtude do homem e da mulher ser a mesma

Sobre o sábio agindo como sofista

/SVF 1.481

^w t 44

Sobre as máximas
 Dois livros de diatribes
 Sobre o prazer
 Sobre as qualidades particulares
 Sobre a falta de recursos
 Sobre a dialética
 Sobre os modos
 Sobre os predicados
 Esses são seus livros.¶¶

Comentário

b. para a lista completa de remissões aos fragmentos do *corpus*, ver o comentário a esta seção (abaixo);
 c. “Περὶ τοῦ ὅτι ἡ αὐτὴ ἀρετὴ ἀνδρὸς καὶ γυναικός”, sobre a igualdade entre a virtude do homem e da mulher, deve tratar de tema já abordado por Antístenes (DL 6.12);
 d. ‘δικάζειν’ – cf. LSJ s.v.; ‘ἀγωγή’ (“sobre a educação espartana”) – cf. LSJ s.v.; “Περὶ τοῦ τὸν σοφὸν σοφιστεύειν”, aqui a melhor sugestão sobre o que é agir como sofista é de A. G. Long (2018), que o interpreta como o sábio que trabalha como professor.

Fragmentos adicionados a ‘I.b. Curriculum filosófico e lista de obras’

No caso de DL 7.84, o critério restritivo de von Arnim deveria ter abarcado este fragmento, que menciona o filósofo explicitamente. O texto oferece uma razão para associar a dupla Zenão-Cleantes, “são mais antigos”. No que tange a divisão da filosofia, “propuseram uma distinção mais simples”. Como se aludiu na introdução, a associação entre ambos é um fato.

Tal colaboração se traduz na anedota sobre o desejo do discípulo de permanecer a lado de seu mestre e dele não se afastar¹⁴⁵. Como tais dividiam o tema de modo mais simples, ainda que Cleantes mesmo já subdividisse as três disciplinas básicas, lógica, ética e física, em seis: dialética, retórica, ética, política, física e teologia (SVF 1.482).

A única razão para manter toda a seção ‘I.b’ separada da anterior é o fato de ela tratar de assunto preciso: uma lista constando a produção bibliográfica de Cleantes e sua maneira de articular as disciplinas partes da filosofia. Não se trata de vida e anedota, mas de um pensamento sobre como pensar a articulação de seu projeto filosófico e, segundo a lista de obras em DL 7.174-175, como ele o realizou.

80. DL 7.84

SVF 1.178; Watanabe *f* 72; Ad SVF Cleanthis vitam (49)

§84 ¶ τὸ δὲ ἠθικὸν μέρος τῆς φιλοσοφίας διαιροῦσιν εἰς τε τὸν περὶ ὁρμῆς καὶ εἰς τὸν περὶ ἀγαθῶν καὶ κακῶν τόπον καὶ εἰς τὸν περὶ παθῶν καὶ περὶ ἀρετῆς καὶ περὶ τέλους περὶ τε τῆς πρώτης ἀξίας καὶ τῶν πράξεων καὶ περὶ τῶν καθηκόντων προτροπῶν τε καὶ ἀποτροπῶν. οὕτω δ’ ὑποδιαίρουσιν οἱ |5| περὶ Χρῦσιππον καὶ Ἀρχέδημον καὶ Ζήνωνα τὸν Ταρσέα καὶ

¹⁴⁵ SVF 1.597ab.

Ἀπολλόδωρον καὶ Διογένη καὶ Ἀντίπατρον καὶ Ποσειδώνιον· ὁ μὲν γὰρ Κιτιεὺς Ζήνων καὶ ὁ Κλεάνθης, ὡς ἂν ἀρχαιότεροι, ἀφελέστερον περὶ τῶν πραγμάτων διέλαβον. οὗτοι δὲ διεῖλον καὶ τὸν λογικὸν καὶ τὸν φυσικόν. §

Aparato

6 (καί¹)—533 (ποσειδόνιον sic) suppl. F^{2mg} | διογένη comp. BP : -ην F

7 ὁ om. F ἂν om. F | ἀφελέστερονBPF¹ : ἀσφαλέστερον in mg F²

Tradução

§84 § A parte ética da filosofia, eles a repartem em um tópico sobre o impulso, um sobre os bens e os males, um sobre as emoções (*pathôn*), um sobre a virtude, um sobre a finalidade, um sobre valor primário e ações, um sobre as ações incumbentes, exortações e dissuasões. Assim a subdividiam aqueles que seguiam Crisipo, Arquedemo, Zenão de Tarso, Apolodoro, Diógenes, Antípatro e Posidônio. Zenão de Cítio e Cleantes, como são mais antigos, propuseram uma distinção menos sofisticada. Eles, por outro lado, subdividiram também tanto a lógica como a física. § ^{wf72}

81. SE. AM 7.22

SVF 2.44; ad Cleanthis vitam (50)

οἱ δὲ ἀπὸ τῆς Στοᾶς καὶ αὐτοὶ ἄρχειν μὲν φασι τὰ λογικά, δευτερεύειν δὲ τὰ ἠθικά· τελευταῖα δὲ τετάχθαι τὰ φυσικά. πρῶτον γὰρ δεῖν κατησφαλίσθαι τὸν νοῦν εἰς δυσέκκρουστον τῶν παραδιδομένων φυλακὴν· ὀχυρωτικὸν δὲ εἶναι τῆς διανοίας τὸν διαλεκτικὸν τρόπον· δεύτερον δὲ ὑπογράφειν τὴν ἠθικὴν θεωρίαν πρὸς βελτίωσιν τῶν ἡθῶν· ἀκίνδυνος γὰρ ἡ παραδοχὴ ταύτης ἐπὶ προϋποκειμένη τῇ λογικῇ δυνάμει· τελευταίαν δὲ ἐπάγειν τὴν φυσικὴν θεωρίαν· θειότερα γὰρ ἐστὶ καὶ βαθυτέρας δεῖται τῆς ἐπιστάσεως.

Tradução

Em relação aos oriundos do Pórtico, eles também dizem começar pelos temas de lógica, e os de ética estão em segundo; por último na ordem eles postaram a física. Isso, pois é preciso, primeiramente, que a mente esteja guardada na custódia inabalável dos princípios que lhe foram transmitidos; a arte dialética é o que serve para a fortalecer a inteligência. Em segundo lugar a teoria ética que grava o caminho para o melhoramento do caráter, pois é menos arriscada a transmissão dela sobre uma capacidade lógica subjazendo previamente. Por último, se traz a teoria física, pois ela é a mais divina (*theiotéra*) e demanda de atenção mais profunda.

Comentário

b. ver também DL 7.41 “ὁ δὲ Κλεάνθης ἔξ μέρη φησί, διαλεκτικόν, ῥητορικόν, ἠθικόν, πολιτικόν, φυσικόν, θεολογικόν.” (“Cleantes, por sua vez, dizia serem seis partes: dialética, retórica, ética, política, física, teológica.” = SVF 1.482); por outro lado, em chave retórica religiosa, a iniciação aos segredos do universo é comparada a uma iniciação no rituais dos mistérios (eleusinos, órficos), em Epiph. Adv.haeres. 3.508.25-28 (= SVF 1.538)

Comentário

O comentário a esta seção se divide do seguinte modo: (a) uma listagem e análise de obras cleanteanas cujos títulos são mencionados no *corpus*; (b) o significado do currículo filosófico, segundo Cleantes.

(a) A lista de obras é a seguinte, segundo o *corpus*, em ordem alfabética:

1. Ars rhetorica/Τέχνη ῥητορική	SVF 1.491, 492	Arte retórica
2. Ἀρχαιολογία,	SVF 1.481	Estudos da antiguidade
3. Διατριβῶν δύο	SVF 1.481	Diatribes (2 livros)
4. Ἑρωτική τέχνη	SVF 1.481 (cf. 1.585)	Arte amatória
5. Ἡρακλείτου ἐξηγήσεις, τέσσαρα	SVF 1.481 (cf. 1.519)	Explicações sobre Heráclito (4 livros)
6. Θεομαχίας (sp.)	SVF 1.594	Batalha dos deuses
7. Περὶ ἀγωγῆς,	SVF 1.481	Sobre a educação espartana
8. Περὶ αἰσθήσεως	SVF 1.481 (cf. 1.544a-d)	Sobre a sensação
9. Περὶ ἀρετῶν	SVF 1.481 (cf. 1.564-569)	Sobre as virtudes
10. Περὶ βασιλείας	SVF 1.481	Sobre o reino
11. Περὶ βουλῆς	SVF 1.481	Sobre o conselho
12. Περὶ γιγάντων	SVF 1.481	Sobre os gigantes
13. Περὶ Γοργίπου	SVF 1.481	Sobre Gorgipo
14. Περὶ διαλεκτικῆς	SVF 1.481 (cf. 1.488)	Sobre a dialética
15. Περὶ δόξης	SVF 1.481 (cf. 1.559-560)	Sobre a opinião
16. Περὶ Δυνατῶν	SVF 1.489a	Sobre os possíveis
17. Περὶ ἐλευθερίας	SVF 1.481	Sobre a liberdade
18. Περὶ ἐπιστήμης	SVF 1.481	Sobre a ciência
19. Περὶ ἔρωτος,	SVF 1.481	Sobre o amor
20. Περὶ εὐβουλίας	SVF 1.481	Sobre a boa deliberação
21. Περὶ εὐφυΐας,	SVF 1.481	Sobre a boa disposição natural
22. Περὶ ἡδονῆς	SVF 1.481 (cf. 1.530, 552, 558)	Sobre o prazer
23. Περὶ θεῶν	SVF 1.481, 543c	Sobre os deuses
24. Περὶ ιδίων	SVF 1.481	Sobre as qualidades particulares
25. Περὶ καλῶν,	SVF 1.481	Sobre as coisas belas
26. Περὶ κατηγορημάτων	SVF 1.481, 488	Sobre os predicados
27. Περὶ μεταλήψεως	SVF 1.591ab	Sobre uso conotativo de palavras
28. Περὶ νόμων	SVF 1.481	Sobre as leis
29. Περὶ ὁρμῆς δύο	SVF 1.481	Sobre o impulso (2 livros)
(sp.) Περὶ ὄρων	SVF 1.596	(sp.) Sobre os montes
30. Περὶ πράξεων	SVF 1.481	Sobre as ações
31. Περὶ στήλης vel στολῆς ¹⁴⁶	SVF 1.590	Sobre a lápide (ou paramento)
32. Περὶ συμποσίου	SVF 1.481	Sobre o banquete
33. Περὶ τέλους	SVF 1.481, 552-556	Sobre a finalidade da vida
34. Περὶ τέχνης,	SVF 1.481, 490	Sobre a técnica
35. Περὶ τῆς Ζήνωνος φυσιολογίας δύο,	SVF 1.481	Sobre a ciência da natureza de Zenão (2 livros)
36. Περὶ τιμῆς	SVF 1.481	Sobre a honra
37. Περὶ τοῦ δικάζειν,	SVF 1.481	Sobre o proferir sentença
38. Περὶ τοῦ καθήκοντος τρία	SVF 1.481	Sobre a ação incumbente (3 livros)
39. Περὶ τοῦ Κυριεύοντος	SVF 1.489a	Sobre o argumento do senhor
40. Περὶ τοῦ λόγου τρία	SVF 1.481	Sobre a razão (3 livros)
41. Περὶ τοῦ ὅτι ἡ αὐτὴ ἀρετὴ ἀνδρὸς καὶ γυναικός	SVF 1.481	Sobre a virtude do homem e da mulher ser a mesma
42. Περὶ τοῦ ποιητοῦ,	SVF 1.481 (cf. 1.526, 535, 549, 592)	Sobre o poeta
43. Περὶ τοῦ τὸν σοφὸν σοφιστεύειν	SVF 1.481	Sobre o sábio agindo como sofista
44. Περὶ τρόπων	SVF 1.481, 501a, 505	Sobre as variações do Sol
45. Περὶ τῶν ἀπόρων	SVF 1.481	Sobre falta de recursos
46. Περὶ τῶν ἀτόμων (= Πρὸς Δημόκριτον?)	SVF 1.481, 493	Sobre os átomos (= Contra Demócrito?)
47. Περὶ ὑμεναίου	SVF 1.481	Sobre a boda
48. Περὶ φθονερίας	SVF 1.481	Sobre a inveja
49. Περὶ φιλίας,	SVF 1.481	Sobre a amizade
50. Περὶ χαλκοῦ	SVF 1.589	Sobre o bronze

¹⁴⁶ Mansfeld, 1986, p.349; Watanabe, 1988.

51.Περὶ χάριτος	SVF 1.481 (cf. 1.578-580)	Sobre a graça
52.Περὶ χρειῶν	SVF 1.481	Sobre as máximas
53.Περὶ χρόνου	SVF 1.481	Sobre o tempo
54.Ποιήμα περὶ τοῦ θεοῦ	SVF 1.557b (cf. 1.537)	Poema sobre deus
55.Ποιητική	SVF 1.559	Poética
56.Πολιτικός	SVF 1.481 (cf. 1.587-588, 590)	Político
57.Πρὸς Ἀρίσταρχον,	SVF 1.481 (cf. 1.500)	Contra Aristarco
58.Πρὸς Δημόκριτον (=Περὶ τῶν ἀτόμων?)	SVF 1.481, 1.493	Contra Demócrito (= Sobre os átomos?)
59.Πρὸς Ἡρίλλον	SVF 1.481	Contra Herilo
60.Προτρεπτικός	SVF 1.481, 1.567	Protréptico
61.Τὰ μυθικὰ vel Μυθικός (sp.)	SVF 1.545, 1.593a(sp.)	Livro das lentas
62.Ὑπομνήματα Φυσικά	SVF 1.563	Comentários sobre a ciência da natureza

Tem-se aqui um guia da produção intelectual de Cleantes¹⁴⁷.

O conjunto de obras cleanteanas mencionadas pelo título demonstra a variedade de seus interesses. Uma primeira grande divisão em relação aos títulos das obras que aparecem no *corpus*, diz respeito ao rigor conceitual, sendo mais ou menos técnicos. Escritos provavelmente menos técnicos ou mais exortativos, retóricos e poéticos são o “Protréptico”, “Diatribes¹⁴⁸”, “Poema sobre deus”. O último título é provavelmente uma referência ao “Hino a Zeus”, ainda que no contexto introduza outro famoso poema, sobre o que o bem.

Uma menção rápida cabe aos escritos de difícil classificação, julgando somente pelo título: “Batalha dos deuses”, “Sobre os gigantes”, “Sobre a lápide”, “Sobre o banquete”, “Arte amatória”, “Sobre o bronze”. “Sobre a falta de recursos” trata dos que passam alguma dificuldade (ἄπορος), o que pode se referir tanto a uma exortação bastante cleanteana quanto a uma análise sobre argumentos aporéticos.

Todos os ramos da filosofia estão cobertos pelas demais obras. Obras gerais e específicas sobre temas de lógica: um tratado sobre retórica, sobre dialética e um sobre poética. Enquadram-se nessa categoria, na medida em que tratam provavelmente de teoria do conhecimento, uma obra sobre a ciência, outra sobre a arte, sobre a sensação, outra sobre a opinião. Em relação aos temas específicos de lógica antiga: um escrito sobre predicados, outro sobre o argumento do senhor formulado por Diodoro Crono¹⁴⁹, outro sobre o uso conotativo de palavras, sobre as máximas, sobre o proferir sentença judicial (δικαζέειν), tratando talvez da audiência dos discursos de gênero retórico forense.

Uma lista de obras que provavelmente constituíam estudos de literatura e de poesia, dentro da retórica, importantes para o projeto de recepção estoica da cultura

¹⁴⁷ O apêndice a SVF 1.463-619 tem alguns títulos a menos: Ποιήμα περὶ τοῦ θεοῦ; Ποιητική; Τὰ μυθικὰ (provavelmente espúrio); Περὶ Δυνατῶν.

¹⁴⁸ Diatribes são um gênero literário-filosófico utilizado tanto por filósofos cínicos como estoicos.

¹⁴⁹ No mesmo fragmento (SVF 1.489a) se sugere que Cleantes tenha escrito uma obra sobre os possíveis também, embora ambas as obras possam ser uma única.

helência: “Sobre o poeta”, “Estudos da antiguidade” (*Arkhaiologia*), “Livro das lendas”. Pela natureza do assunto, certamente tais estudos influenciaram formulações cleanteanas sobre física e teologia, sobretudo, no que tange as etimologias de nomes e de epítetos (SVF 1.540-547).

Em relação à ética, a lista abarca temas corriqueiros para os estoicos: finalidade da vida, virtudes, ação incumbente, impulso, prazer, coisas belas, ações, deliberação, escritos sobre emoções específicas (amor, amizade, inveja, graça), sobre a liberdade, bodas, sobre o sábio agindo como sofista. Um tema comum ao Antístenes e Cleantes é o da igualdade entre a virtude do homem e da mulher (DL 6.12). Aqui se poderia incluir o escrito contra Herilo, provavelmente tratando de sua definição da finalidade como a vida conforme a ciência (DL 7.164-166) e provavelmente debatendo questões ligadas ao intelectualismo ético, herdado parcialmente de um Sócrates platônico.

Obras políticas também constam na lista, uma chamada justamente “Político”, outra “Sobre o reino”, bem como obras específicas “Sobre a honra”, devendo tratar de honrarias e o exercício de uma magistratura, “Sobre as leis”, “Sobre o conselho”, “Sobre Gorgípo”¹⁵⁰. Aqui pode ser incluída a obra sobre o sistema de educação espartano.

Outros escritos polêmicos se encaixam melhor na categoria de obras sobre física e teologia, como a obra contra Demócrito e contra Aristarco; o primeiro escrito deve tratar do atomismo e por isso é identificado com outro escrito – “Sobre os átomos” – enquanto o segundo polemizava, provavelmente com o pensador pitagórico que propunha a tese heliocêntrica. A acusação de impiedade de Cleantes contra Aristarco (SVF 1.500) deve fazer parte dessa obra.

Muitos títulos se referem à física e teologia, “Sobre o tempo”, “Comentários sobre a ciência da natureza”, “Explicações sobre Heráclito”, “Sobre a ciência da natureza de Zenão”, “Sobre a razão”, “Sobre os deuses”, “Sobre as qualidades particulares”, “Sobre a boa disposição natural”, uma obra sobre as variações do Sol (τρόπος) está nesta parte da filosofia.

Ainda que o conteúdo desses escritos esteja inacessível para os leitores modernos, alguns fragmentos de texto devem remeter a passagens específicas das obras, conforme indicado na lista acima.

¹⁵⁰ Um diarca espartócida, filho de Sátiro I, que reinou ao lado de seu irmão Leuco no reino do Bósforo cerca de 100 anos antes da atividade intelectual de Cleantes (389-349 a.E.c.); era detestado em Atenas (Polieno, Estratagemas 55.1; Kinzl, ???, p.145)

(b) 3 textos devem ser analisados aqui e propõe divisões da filosofia diferentes, embora dialoguem entre si: DL 7.40-41 (= SVF 1.482); Ad SVF Cl.vit.49-50. Cleantes vê a articulação interna da filosofia em 6 partes: dialética, retórica, ética, política, física e teológica. A questão levantada na literatura sobre tal divisão é se ela corresponde a uma enumeração ou a uma sequência. A leitura sistemática dos três textos mostra que (b.i) Cleantes faz uma divisão mais simples da filosofia, em três, contudo, com subdivisão da lógica e da física; (b.ii) segundo outra tradição ele a divide em 6 partes, o que implica não em subdivisão propriamente; (b.iii) alguns pensadores estoicos mencionam uma razão para que a física seja estudada por último, a saber, porque ela é mais divina e exige mais atenção¹⁵¹.

No caso específico de Cleantes, aquela ordem pode ser lida como uma sequência, ainda que isso contrarie outros filósofos estoicos, como o próprio Zenão e Crisipo (DL 7.40-41). Essa possibilidade existe, portanto, e é baseada no dito de Crisipo citado por Plutarco *in verbis* (SVF 2.42):

Ὁ Χρύσιππος οἶεται δεῖν τῶν λογικῶν πρῶτον ἀκροᾶσθαι τοὺς νέους, δεύτερον δὲ τῶν ἡθικῶν, μετὰ δὲ ταῦτα τῶν φυσικῶν, ὡσαύτως δὲ τοῦτοις τὸν περὶ θεῶν λόγον ἔσχατον παραλαμβάνειν. “(...) τῶν δὲ φυσικῶν ἔσχατος εἶναι ὁ περὶ τῶν θεῶν λόγος, διὸ καὶ τελετὰς ἡγόρευσαν τὰς τοῦτου παραδόσεις.” (Plut. SR 1035a)

O fato de que se chamasse o aprendizado da teoria teológica estoica de “iniciação” (τελετή), não deve por si só confirmar que aquela enumeração cleanteana seja uma sequência. E se assim o for, pode se tratar de mais uma instância de uso da linguagem religiosa, extática, com fim meramente hiperbólico.

¹⁵¹ A física é mais divina no sentido duplo, seu assunto envolve a investigação dos deuses por definição no caso estoico, e seu estudo envolve mais a investigação dos deuses do que o estudo da ética ou da lógica.

II. Dialéctica, φαντασία

82. Epict. Diss. 1.17.10.3-12.1

Pearson C 2; SVF 1.48, 1.483, 2.51; Watanabe f 2

ῥ “καὶ τὰ λογικὰ ἄκαρπὰ ἐστὶ.” καὶ περὶ τούτου μὲν ὀψόμεθα. εἰ δ' οὖν καὶ τοῦτο δοίη τις, °° // ἐκεῖνο ἀπαρκεῖ ὅτι τῶν ἄλλων ἐστὶ διακριτικὰ καὶ ἐπισκεπτικὰ καί, ὥς ἂν τις εἴποι, μετρητικὰ καὶ στατικά. τίς λέγει ταῦτα; μόνος Χρύσιππος καὶ Ζήνων καὶ Κλεάνθης; °° Ἀντισθένης δ' οὐ λέγει; ῥ \\ καὶ τίς ἐστὶν ὁ γεγραφὼς ὅτι ‘ἀρχὴ παιδεύσεως ἡ τῶν ὀνομάτων ἐπίσκεψις’; Σωκράτης δ' οὐ λέγει; καὶ περὶ τίνος γράφει Ξενοφῶν, ὅτι ἦρχετο ἀπὸ τῆς τῶν ὀνομάτων ἐπισκέψεως, τί σημαίνει ἕκαστον;

° f 2
° C 2
/SVF 1.483

Αparato

3. στατικά : τακτικά 4 μόνος : μόνως : μὼν ὡς Schenkel : μὼν οὐ Elter

Tradução

ῥ “os temas de lógica são infrutíferos.” A respeito disso veremos. E se realmente alguém o conceder, °° // isto basta: que ela seja capaz de distinguir e examinar as demais coisas, e, como alguém diria, capaz de medir e pesar. Quem diz essas coisas? Somente Crisipo e Zenão e Cleantes? °° Antístenes por acaso não diz isso? ῥ \\ E quem então é o escritor disto “o princípio da educação é a investigação dos nomes”? Sócrates por acaso não o diz? E a respeito de quem escreve Xenofonte ao dizer que ele iniciou suas investigações a partir dos nomes e a partir do que cada um deles significa?

° f 2
° C 2
/SVF 1.483

Comentário

b. a sugestão de que a lógica, em parte, remete à investigação de nomes pode ser atestada no *corpus* cleanteano, v. também SVF 1.485 abaixo; para exemplos de análise de formas de formação de nomes, SVF 1.591ab, para análise de nomes e epítetos divinos, SVF 1.535ab, 540-547.

83. Epict. Diss. 2.19.1-4

Pearson C 8a; SVF 1.489a; Watanabe f 9(1), f 9(2), f 9(3)

°° // ῥ ὁ κυριεύων λόγος ἀπὸ τοιούτων τινῶν ἀφορμῶν ἠρωτῆσθαι φαίνεται· κοινῆς γὰρ οὔσης μάχης τοῖς τρισὶ τούτοις πρὸς ἄλληλα, τῷ [τὸ] ‘πάν παρεληλυθὸς ἀληθὲς ἀναγκαῖον εἶναι,’ καὶ τῷ ‘δυνατῷ ἀδύνατον μὴ ἀκολουθεῖν,’ καὶ τῷ ‘[μὴ] δυνατόν εἶναι ὃ οὐτ’ ἔστιν ἀληθὲς οὐτ’ ἔσται.’ [5] συνιδὼν τὴν μάχην ταύτην ὁ Διόδωρος τῇ τῶν πρώτων δυοῖν πιθανότητι συνεχρήσατο πρὸς παράστασιν τοῦ ‘μηδὲν εἶναι δυνατόν ὃ οὐτ’ ἔστιν ἀληθὲς οὐτ’ ἔσται.’ λοιπὸν ὁ μὲν τις ταῦτα τηρήσει τῶν δυοῖν ὅτι ‘ἔστι τέ τι δυνατόν, ὃ οὐτ’ ἔστιν ἀληθὲς οὐτ’ ἔσται.’ καὶ “δυνατῷ ἀδύνατον οὐκ ἀκολουθεῖ” οὐ ‘πάν δὲ παρεληλυθὸς ἀληθὲς ἀναγκαῖον ἐστὶ.’ καθάπερ οἱ [10] περὶ Κλεάνθην φέρεσθαι δοκοῦσιν, οἷς ἐπὶ πολὺ συνηγόρησεν Ἀντίπατρος. οἱ δὲ τᾶλλα δύο, ὅτι “δυνατόν τ’ ἐστὶν ὃ οὐτ’ ἔστιν ἀληθὲς οὐτ’ ἔσται.” καὶ ‘πάν παρεληλυθὸς ἀληθὲς ἀναγκαῖον ἐστὶν.’ ‘δυνατῷ δ’ ἀδύνατον ἀκολουθεῖ.’ τὰ τρία δ’ ἐκεῖνα τηρῆσαι ἀμήχανον, διὰ τὸ κοινὴν εἶναι αὐτῶν μάχην. ῥ \\ °°

° C 8a
/SVF 1.489a
° f 9 (1)

ῥ Ἄν οὖν τίς μου πύθεται ‘σὺ δὲ ποῖα αὐτῶν τηρεῖς;’ ἀποκρινοῦμαι πρὸς αὐτὸν ὅτι οὐκ οἶδα· παρείληφα δ᾽ ἱστορίαν τοιαύτην, ὅτι Διόδωρος μὲν ἐκεῖνα ἐτήρει, οἱ δὲ περὶ Πανθοίδην οἶμαι καὶ Κλεάνθην τὰ ἄλλα, οἱ δὲ περὶ Χρύσιππον τὰ ἄλλα. ῥ ‘σὺ οὖν τί;’ οὐδὲ γέγονα πρὸς τοῦτω, τῷ βασανίσαι τὴν ἐμαυτοῦ φαντασίαν καὶ συγκρίναι τὰ λεγόμενα καὶ δόγμα τι ἐμαυτοῦ ποιήσασθαι κατὰ τὸν τόπον. διὰ τοῦτο οὐδὲν διαφέρω τοῦ

° f 9 (2)

γραμματικοῦ. ‘τίς ἦν ὁ τοῦ Ἑκτορος πατήρ;’ ‘Πρίαμος.’ ‘τίνες ἀδελφοί;’ ‘Ἀλέξανδρος καὶ Διόφοβος.’ ‘μήτηρ δ’ αὐτῶν τίς;’ ‘Ἑκάβη. παρείληφα ταύτην τὴν ἱστορίαν.’ ‘παρὰ τίνος;’ ‘παρ’ Ὀμήρου. γράφει δὲ περὶ τῶν αὐτῶν δοκῶ καὶ Ἑλλάνικος καὶ εἴ τις ἄλλος τοιοῦτος.’ κἀγὼ περὶ τοῦ Κυριεύοντος τί ἄλλο ἔχω ἀνωτέρω; ᾧ ἄλλ’ ἂν ᾧ κενός, μάλιστα ἐπὶ συμποσίῳ καταπλήσσομαι τοὺς παρόντας ἐξαριθμούμενος τοὺς γεγραφότας. ‘γέγραφεν δὲ καὶ Χρύσιππος θαυμαστῶς ἐν τῷ πρώτῳ περὶ Δυνατῶν. καὶ Κλεάνθης δ’ ἰδίᾳ γέγραφεν περὶ τούτου καὶ Ἀρχέδημος. ᾧ γέγραφεν δὲ καὶ Ἀντίπατρος, οὐ μόνον δ’ ἐν τοῖς περὶ Δυνατῶν, ἀλλὰ καὶ κατ’ ἰδίαν ἐν τοῖς περὶ τοῦ Κυριεύοντος. οὐκ ἀνέγνωκας τὴν σύνταξιν;’ ‘οὐκ ἀνέγνωκα.’ ‘ἀνάγνωθι.’ καὶ τί ὠφελήσεται; φλυαρότερος ἔσται καὶ ἀκαιρότερος ἢ νῦν ἔστιν. σοὶ γὰρ τί ἄλλο προσγέγονεν ἀναγνόντι; ποῖον δόγμα πεποιῆσαι κατὰ τὸν τόπον; ἀλλ’ ἐρεῖς ἡμῖν Ἑλένην καὶ Πρίαμον καὶ τὴν τῆς Καλυπτοῦς νῆσον τὴν οὔτε γενομένην οὔτ’ ἐσομένην. Καὶ ἐνταῦθα μὲν οὐδὲν μέγα τῆς ἱστορίας κρατεῖν, ἴδιον δὲ δόγμα μηδὲν πεποιῆσθαι. ἐπὶ τῶν ἠθικῶν δὲ πάσχομεν αὐτὸ πολὺ μᾶλλον ἢ ἐπὶ τούτων. ‘εἰπέ μοι περὶ ἀγαθῶν καὶ κακῶν.’ ἄκουε·

Ἰλιόθεν με φέρων ἄνεμος Κικόνεσσι πέλασσεν.
τῶν ὄντων τὰ μὲν ἔστιν ἀγαθὰ, τὰ δὲ κακὰ, τὰ δ’ ἀδιάφορα. ἀγαθὰ μὲν οὖν αἰ ἀρεταὶ καὶ τὰ μετέχοντα αὐτῶν, κακὰ δὲ κακίαι καὶ τὰ μετέχοντα κακίας, ἀδιάφορα δὲ τὰ μεταξὺ τούτων, πλοῦτος, υἰγία, ζωὴ, θάνατος, ἡδονή, πόνος.’
Ἰόθεν οἶδας;’ ‘Ἑλλάνικος λέγει ἐν τοῖς Αἰγυπτιακοῖς. τί γὰρ διαφέρει τοῦτο εἰπεῖν ἢ ὅτι Διογένης ἐν τῇ Ἠθικῇ ἢ Χρύσιππος ἢ Κλεάνθης; βεβασάνικας οὖν τι αὐτῶν καὶ δόγμα σεαυτοῦ πεποιῆσαι; δείκνυε πῶς εἴωθας ἐν πλοίῳ χειμάζεσθαι.

Tradução

°° // ᾧ O argumento do senhor parece indagar partindo das bases seguintes. Tendo em vista que o conflito é comum entre estas três proposições reciprocamente, entre ‘toda proposição verdadeira sobre o passado é necessária’, ‘a proposição impossível não se segue de uma possível’ e ‘há um possível o qual nem é nem será verdadeiro’. Diodoro, enxergando esse conflito, utilizou-se da plausibilidade das duas primeiras para a comprovação de que ‘nada que nem é nem será verdadeiro é possível’. De resto, outrem poderá sustentar estas duas: ‘há algo possível, que nem é verdadeiro nem o será’, e ‘o impossível não se segue do possível’; contudo, não que ‘todo evento passado é necessariamente verdadeiro’, tal como os que seguem Cleantes parecem afirmar, com os quais na maior parte Antípatro concordou. Outros sustentarão as duas restantes, que ‘há algo possível, que nem é e nem será verdadeiro’, e ‘todo passado verdadeiro é necessário’, mas nesse caso ‘um impossível se segue do possível’. Porém sustentar aqueles três é impraticável, porque há um conflito comum entre eles. ᾧ\°°

ᾧSe alguém me pergunta: e tu a quais duas te atens? Respondo-lhe que não sei; recebi, no entanto, tal informação, de que Diodoro sustentava aquelas; os do círculo de Pantoides creio e de Cleantes, outras, e os seguidores de Crisipo, outras ainda. ᾧ “E tu, então, quais?” Não nasci para isso, para pôr à prova minha própria apresentação e comparar o que se disse e produzir minha própria doutrina sobre este tema. Por isso em nada me distingo do gramático. “Quem era o pai de Heitor?”, “Priamo”, “Quem eram seus irmãos?” “Alexandro e Déifobo.” “A mãe deles, quem?” “Hécuba. Recebi tal informação.” “De quem?” “De Homero. E também me parece que Helânico escreve sobre esses assuntos também e ainda há outro como ele.” E eu sobre o argumento do senhor, que mais tenho a dizer além disso? ᾧSe eu for pretensioso, surpreenderei os presentes, sobretudo, num banquete, listando os que deixaram algo escrito a respeito disso: “Crisipo também escreveu em seu primeiro livro “Sobre o possível” e Cleantes escreveu particularmente sobre isso e Arquedemo. ᾧ E também Antípatro escreveu, não só nos livros de seu ‘Sobre

° C 8a
/SVF 1.489a
ᾧf 9 (1)

ᾧf 9 (2)

ᾧf 9 (3)

o possível', senão também e sobre pontos específicos nos livros 'Sobre o argumento do senhor'. Nunca leste o tratado?" "Nunca o li." "Pois, lê." E em que isso o auxiliará? Será ainda mais charlatão e inconveniente do que é agora. A ti então o que a leitura te trouxe a mais? Qual doutrina criaste sobre o tema? Não nos falarás, contudo, de Helena e Priamo e da ilha de Calipso, que não existiu nem existirá. E aí nada é mais importante do que a história, sem haver criado nenhum dogma próprio. Sobre os temas de ética padecemos disso muito mais do que sobre estes temas. "Fala-me sobre o bem e o mal." "Escuta:

'Saindo de Ílion me levando o vento me avizinhou dos cícones.'

Do que existe, umas coisas são boas, umas são más, outras são indiferentes. Boas, portanto, são as virtudes e o que participar delas. Más são os vícios e o que participar deles; indiferentes são as coisas entre ambas: riqueza, saúde, vida, morte, prazer, sofrimento (*pónos*)." "De onde o sabes?" "Helânico diz em seu 'Egipcíacos'" No que, então, faz diferença dizê-lo ou que Diógenes em sua 'Ética' ou Crisipo ou Cleantes? Puseste à prova, portanto, alguma coisa disso e um dogma teu produziste? Mostra como costumes enfrentar a tempestade no barco.

Comentário

a. existe um resumo sobre o debate de Diodoro Crono, contexto em que o nome de Cleantes surge como parte relevante na discussão; as três citações nominais ao filósofo ocorrem num contexto de crítica à erudição vazia.

b. SVF 1.489ab formam um grupo com os únicos testemunhos sobre a posição de Cleantes sobre o argumento do senhor, criado por Diodoro Crono; Cleantes pareceria fazer uma distinção entre a inalterabilidade de eventos passados e a verdade de proposições feitas no passado sobre eventos futuros – cf. Watanabe, p.54-57; Sedley, 1977.

84. Cic. Fat. 12.4-15.8

Pearson 8b; SVF 1.489b; LS 38E; FDS 826, 989; Watanabe f9(4); BS 9.16

[[12.4 Vigila, Chrysippe, ne tuam causam, in qua tibi cum Diodoro, [LS 38E]
valente dialectico, magna luctatio est, deseras. Si enim est verum, quod ita
conectitur: 'Si quis oriente Canicula natus est, in mari non morietur', illud
quoque verum est: 'Si Fabius oriente Canicula natus est, Fabius in mari non
morietur.' Pugnant igitur haec inter se, Fabium oriente Canicula natum
esse, et Fabium in mari moriturum; et quoniam certum in Fabio ponitur,
natum esse eum Canicula oriente, haec quoque pugnant, et esse Fabium, et
in mari esse moriturum. Ergo haec quoque coniunctio est ex repugnantibus:
'Et est Fabius, et in mari Fabius morietur', quod, ut propositum est, ne fieri
quidem potest. Ergo illud: 'Morietur in mari Fabius' ex eo genere est, quod
fieri non potest. „ Omne ergo, quod falsum dicitur in futuro, id fieri non
13.1 potest. At hoc, Chrysippe, minime vis, maximeque tibi de hoc ipso
cum Diodoro certamen est. Ille enim id solum fieri posse dicit, quod aut sit
verum aut futurum sit verum, et, quicquid futurum sit, id dicit fieri necesse
esse et, quicquid non sit futurum, id negat fieri posse. Tu, et quae non sint
futura, posse fieri dicis, ut frangi hanc gemmam, etiamsi id numquam
futurum sit, neque necesse fuisse Cypselum regnare Corinthi, quamquam
id millensimo ante anno Apollinis oraculo editum esset. At si ista
conprobabis divina praedicta, et, quae falsa in futuris dicentur, in iis
habebis, ut ea fieri non possint [ut si dicatur Africanum Karthagine
potiturum], et, si vere dicatur de futuro, idque ita futurum sit, dicas esse
necessarium; 14.1 quae est tota Diodori vobis inimica sententia „ {{ Etenim [BS 9.16]
si illud vere conectitur: 'Si oriente Canicula natus es, in mari non moriere',
primumque quod est in conexo: 'Natus es oriente Canicula', necessarium
est °° // W „, omnia enim vera in praeteritis necessaria sunt, ut Chrysippo
placet, dissentienti a magistro Cleanthe, quia sunt immutabilia nec in
falsum e vero praeterita possunt convertere. „ W\ °° si igitur, quod primum
in conexo est, necessarium est, fit etiam, quod consequitur, necessarium.

,FDS 989

° C 8b
/SVF 1.489b
w f9(4)
,FDS 826

Quamquam hoc Chrysippo non videtur valere in omnibus; sed tamen, si naturalis est causa, cur in mari Fabius non moriatur, in mari Fabius mori non potest. „

15.1 Hoc loco Chrysippus aestuans falli sperat Chaldaeos ceterosque divinos, neque eos usuros esse coniunctionibus, ut ita sua percepta pronuntient: 'Si quis natus est oriente Canicula, is in mari non morietur', sed potius ita dicant: 'Non et natus est quis oriente Canicula, et is in mari morietur.' }} O licentiam iocularem! ne ipse incidat in Diodorum, docet Chaldaeos, quo pacto eos exponere percepta oporteat.]]

Tradução

[12.4 Estejas atento, Crisipo, para que não abandones tua própria causa, pela qual estás em grande liça tu e Diodoro, o valoroso dialético. Pois se for verdade que assim se conectam duas proposições – ‘se alguém nasceu enquanto Sírio estava subindo, não morrerá no mar’ – então é verdade também que ‘se Fábio nasceu enquanto Sírio estava subindo, então Fábio não morrerá no mar’. Portanto, as seguintes estão em conflito ente si: ‘Fábio nasceu enquanto Sírio estava subindo’ e ‘Fábio há de morrer no mar’. E tendo em vista que sobre Fábio é certo afirmar que ele nasceu enquanto Sírio subia, também estão em conflito que ‘Fábio existe’ e que ‘ele há de morrer no mar’. Logo, a conjunção ‘Fábio existe e Fábio morrerá no mar’ é feita entre incompatíveis, porque não pode ocorrer de fato tal como está proposta. Por isso ‘Fábio morrerá no mar’ pertence à classe do que não pode ocorrer (ou seja, do impossível). „ Logo tudo o que for afirmado com falsidade sobre o futuro não pode 13.1 ocorrer. Porém isso, Crisipo, é o que menos queres, e tua disputa com Diodoro versa precisamente sobre esse mesmo ponto. Pois ele diz ser possível somente o que ou é verdadeiro ou será verdadeiro, e o que será verdadeiro no futuro é necessário; e o que não será é impossível. Tu dizes que também o que não será no futuro é possível: por exemplo, que esta jóia será estilhaçada, ainda que isso nunca ocorra no futuro. E dizes ainda que não teria sido necessário a Cipselo reinar em Corinto, embora o oráculo de Apolo o previsse mil anos antes. Mas se estiveres de acordo com estas predições divinas, também sustentarias que outras, falsas e ditas sobre o futuro, estariam na classe do que não poderia ocorrer, de tal modo que caso seja [dito que Cipião Africano tomará Cartago, e,] caso seja verdadeiro sobre o futuro e isso ocorra assim no futuro, hás de dizer que é necessário. 14.1 Este é precisamente o pensamento de Diodoro, inconciliável com o vosso. „ {{ Pois se é uma condicional verdadeira ‘se nasceste enquanto Sírio estava subindo, no mar não morrerás’, e o antecedente nesta condicional ‘nasceste enquanto Sírio estava subindo’ é necessário °° // ℥ „ (pois todas as coisas verdadeiras no pretérito são necessárias, conforme a opinião de Crisipo, dissentindo de seu mestre Cleantes, porque elas são imutáveis e não podem converter o verdadeiro em falso) „ ℥ \\ °° se é necessário o antecedente da condicional, então a consequência também é necessária. Embora isso não seja considerado válido por Crisipo em todos os casos, contudo, se houver uma causa natural para que Fábio não morra no mar, é impossível Fábio morrer no mar. „

15.1 Neste ponto Crisipo, agitado, espera que os caldeus e outros adivinhos sejam enganados, para que não utilizem no futuro os conectivos de modo a pronunciar suas sentenças assim: ‘se alguém nasceu enquanto Sírio estava subindo, ele não morrerá no mar’; que o digam antes assim: ‘não ambos: nasceu alguém enquanto Sírio estava subindo e ele no mar morrerá.’ }} Ora essa – que descomedimento engraçado! – para não recair ele próprio no que ensinava Diodoro, ensina aos caldeus como lhes convem expor suas sentenças]]

85. Epict. Diss. 4.1.173.3-174.1

Pearson C 107; SVF 1.619; Watanabe t 22

ῥκαὶ αἰσθήσει °° // παράδοξα μὲν ἴσως φασὶν οἱ φιλόσοφοι, καθάπερ καὶ ὁ Κλεάνθης ἔλεγεν, οὐ μὴν παράλογα. ℥ \\ °°

° t 22
° C 107
/SVF1.619

Tradução

W e com com a sensação de que °°// os filósofos pronunciavam paradoxos talvez, tais quais dizia Cleantes também, mas nunca paralogismos. W\°°

° t 22
° C 107
/SVF 1.619

86. Olymp. In Pl. Gorg. 12.1.9-10

Pearson C 5a; SVF 1.490a; Watanabe f 11(a¹)

W εισὶ γὰρ λόγοι κατασκευάζοντες ὅτι τέχνη ἐστὶν καὶ εἰσιν οἱ ἀνασκευάζοντες. οἱ μὲν οὖν κατασκευάζοντές εἰσιν οὗτοι· δεῖ τοὺς τῆς τέχνης ὄρους εἰπεῖν, καὶ εἰ ἀρμόζουσιν ἐπὶ τῆς ῥητορικῆς δῆλον ὅτι τέχνη ἐστίν. °° // Κλεάνθης τοίνυν λέγει ὅτι τέχνη ἐστὶν ἕξις ὁδῶ πάντα ἀνύουσα. \ \ °° ἀτελὴς δ' ἐστὶν οὗτος ὁ ὅρος, καὶ γὰρ ἡ φύσις ἕξις τίς ἐστὶν ὁδῶ πάντα ποιοῦσα· ὅθεν ὁ Χρύσιππος προσθεὶς τὸ ‘μετὰ φαντασιῶν’ εἶπεν ὅτι ‘τέχνη ἐστὶν ἕξις ὁδῶ προϊοῦσα μετὰ φαντασιῶν’. W

° f 11(a¹)

° C 5a
/SVF 1.490a

Tradução

W existem proposições que estabelecem que ela é arte e existem aquelas que demolem tal afirmação. Em relação então às que estabelecem, são essas; é preciso dizer as definições de arte, e se estiverem em harmonia com a retórica, é evidente que ela é uma arte. °°//Cleantes, portanto, diz que arte é a disposição para proceder a todas as coisas com método. \ \ °° Essa definição, porém é incompleta, pois a natureza também é uma certa disposição para realizar todas as coisas com método; donde Crisipo, que adiciona o ‘com apresentações’, dizer que ‘arte é uma disposição (*héksis*) para proceder metódica com apresentações’ W

° f 11(a¹)

° C 5a
/SVF 1.490a

Comentário

b. o grupo SVF 1.490ab trata da definição cleanteana de arte, muito afim à definição de natureza de Zenão (Cic. ND 2.57 = 1.171) – cf. Watanabe, p. 58-60;

87. Quint. Inst. 2.17.41

Pearson C 5b; SVF 1.490b; Watanabe f 11(a²)

WConfirmatur autem esse artem earn (rhetorice) breviter. °° // nam sive, ut Cleanthes voluit, ars est potestas viam, id est ordinem efficiens, \ \ °° esse certe viam atque ordinem in bene dicendo nemo dubitaverit, sive ille ab omnibus fere probatus finis observatur, artem constare ex perceptionibus consentientibus et coexercitatis ad finem utilem vitae, iam ostendimus nihil non horum in rhetorice inesse. W

° f 11(a²)

° C 5b
/SVF 1.490b

Tradução

W Deve-se confirmar rapidamente, no entanto, ela (a retórica) é uma arte. °° // Com efeito, como Cleantes quis, a arte é a capacidade de estabelecer um caminho, ou seja a que produz um processo organizado, \ \ °° ninguém duvidará que é certamente um caminho e um processo organizado para discursar bem, se, por outro lado, se se observa a definição aprovada por praticamente todos, de que uma arte consiste em percepções concordantes e que atuam em sinergia para um fim útil à vida, podemos mostrar já que esses pontos são inerentes à retórica.. W

° f 11(a²)

° C 5b
/SVF 1.490b

88. SE. AM 7.227.1-241.9

§227... // „, { { ἀπολειπομένης δ' ἔτι τῆς Στωικῆς δόξης παρακειμένως καὶ περὶ ταύτης λέγωμεν. κριτήριον τοίνυν φασὶν ἀληθείας εἶναι οἱ ἄνδρες οὗτοι τὴν καταληπτικὴν φαντασίαν. ταύτην δ' εἰσόμεθα πρότερον γνόντες, τί ποτέ ἐστι κατ' αὐτοὺς ἡ φαντασία καὶ τίνες ἐπ' εἶδους §228 ταύτης |5|διαφοραί. // °° ∞ φαντασία οὖν ἐστι κατ' αὐτοὺς τύπωσις ἐν ψυχῇ. °° °°περὶ ἧς εὐθὺς καὶ διέστησαν· Κλεάνθης μὲν γὰρ ἤκουσε τὴν τύπωσιν κατὰ εἰσοχὴν τε καὶ ἐξοχὴν, ὥσπερ καὶ <τὴν> διὰ τῶν δακτυλίων γινομένην §229 τοῦ κηροῦ τύπωσιν °° \ , Χρύσιππος δὲ ἄτοπον ἡγεῖτο τὸ τοιοῦτον. πρῶτον μὲν γάρ, φησί, δεῖσει τῆς διανοίας ὑφ' ἑν ποτε τρίγωνόν |10|τι καὶ τετράγωνον φαντασιουμένης τὸ αὐτὸ σῶμα κατὰ τὸν αὐτὸν χρόνον διαφέροντα ἔχειν περὶ αὐτῷ σχήματα ἅμα τε τρίγωνον καὶ τετράγωνον γίνεσθαι ἢ καὶ περιφερές, ὅπερ ἐστὶν ἄτοπον· εἴτα, πολλῶν ἅμα φαντασιῶν ὑφισταμένων ἐν ἡμῖν, παμπληθεῖς καὶ τοὺς σχηματισμοὺς ἔξειν τὴν §230 ψυχὴν, ὃ τοῦ προτέρου χειρόν ἐστιν. αὐτὸς οὖν τὴν |15|τύπωσιν εἰρησθαι ὑπὸ τοῦ Ζήνωνος ὑπενόει ἀντὶ τῆς ἑτεροιώσεως, ὥστ' εἶναι τοιοῦτον τὸν λόγον “φαντασία ἐστὶν ἑτεροίωσις ψυχῆς”, μηκέτι ἀτόπου ὄντος <τοῦ> τὸ αὐτὸ σῶμα, ὑφ' ἑν [κατὰ τὸν αὐτὸν χρόνον] πολλῶν περὶ ἡμᾶς συνισταμένων φαντασιῶν, παμπληθεῖς §231 ἀναδέχεσθαι ἑτεροιώσεις· ὥσπερ γὰρ ὁ ἀήρ, ὅταν ἅμα πολλοὶ φωνῶσιν, |20|ἀμυθῆτους ὑπὸ ἑν καὶ διαφορούσας ἀναδεχόμενος πληγὰς εὐθὺς πολλὰς ἴσχει καὶ τὰς ἑτεροιώσεις, οὕτω καὶ τὸ ἡγεμονικὸν ποικίλως φαντασιούμενον ἀνάλογόν τι τούτῳ §232 πείσεται. ∞ \ ἄλλοι δὲ οὐδὲ τὸν κατὰ διόρθωσιν ἐκείνου ἐξενεχθέντα ὅρον ὀρθῶς ἔχειν φασίν. εἰ μὲν γὰρ ἔστι τις φαντασία, αὕτη τύπωσις καὶ ἑτεροίωσις τῆς ψυχῆς καθέστηκεν· εἰ |25|δὲ τις ἐστὶ τύπωσις τῆς ψυχῆς, ἐκείνη οὐ πάντως ἐστὶ φαντασία. καὶ γὰρ προσπταίσματος γενομένου περὶ τὸν δάκτυλον ἢ κνησμοῦ περὶ τὴν χεῖρα συμβάντος τύπωσις μὲν καὶ ἑτεροίωσις τῆς ψυχῆς ἀποτελεῖται, οὐχὶ δὲ καὶ φαντασία, ἐπεὶ περ οὐδὲ περὶ τῷ τυχόντι μέρει τῆς ψυχῆς γίνεσθαι ταύτην συμβέβηκεν, ἀλλὰ περὶ τῇ διανοίᾳ μόνον καὶ τῷ §233 ἡγεμονικῷ. |30|πρὸς οὓς ἀπαντῶντες οἱ ἀπὸ τῆς Στοᾶς συνεμφαίνεσθαι φασὶ τῇ τυπώσει τῆς ψυχῆς τὸ ὡς ἂν ἐν ψυχῇ, ὥστε εἶναι τὸ πλήρες τοιοῦτον “φαντασία ἐστὶ τύπωσις ἐν ψυχῇ ὡς ἂν ἐν ψυχῇ”. καθὰ γὰρ ἡ ἐφηλότης λέγεται λευκότης ἐν ὀφθαλμῷ συνεμφαινόντων ἡμῶν τὸ ὡς ἐν ὀφθαλμῷ, τουτέστι τὸ κατὰ ποιὸν μέρος τοῦ ὀφθαλμοῦ, τὴν λευκότητα εἶναι, ἵνα μὴ |35|πάντες ἄνθρωποι ἐφηλότητα ἔχωμεν ὡς ἂν πάντες ἐκ φύσεως ἔχοντες λευκότητα ἐν ὀφθαλμῷ, οὕτως ὅταν λέγωμεν τὴν φαντασίαν τύπωσιν ἐν ψυχῇ, συνεμφαίνομεν καὶ τὸ περὶ ποιὸν μέρος γίνεσθαι τῆς ψυχῆς τὴν τύπωσιν, τουτέστι τὸ ἡγεμονικόν, ὥστε ἐξαπλούμενον γίνεσθαι τὸν ὅρον τοιοῦτον “φαντασία §234 ἐστὶν ἑτεροίωσις ἐν ἡγεμονικῷ”. } } [[ἄλλοι δὲ |40|ἀπὸ τῆς αὐτῆς ὀρμώμενοι δυνάμει γλαφυρότερον ἀπελογήσαντο. φασὶ γὰρ ψυχὴν λέγεσθαι διχῶς, τό τε συνέχον τὴν ὅλην σύγκρισιν καὶ κατ' ἰδίαν τὸ ἡγεμονικόν. ὅταν γὰρ εἴπωμεν συνεστάναι τὸν ἄνθρωπον ἐκ ψυχῆς καὶ σώματος, ἢ τὸν θάνατον εἶναι χωρισμὸν ψυχῆς ἀπὸ σώματος, ἰδίως καλοῦμεν §235 τὸ ἡγεμονικόν.]] (...) §236 διόπερ καὶ ὅταν λέγῃ ὁ Ζήνων φαντασίαν εἶναι τύπωσιν ἐν ψυχῇ, ἀκουστέον ψυχὴν οὐ τὴν ὅλην ἀλλὰ τὸ μόριον αὐτῆς, ἵνα ἢ τὸ λεγόμενον οὕτως ἔχον “φαντασία ἐστὶν ἑτεροίωσις περὶ τὸ §237 ἡγεμονικόν”. ἀλλὰ κἂν οὕτως ἔχῃ, φασὶ τινες, πάλιν ἡμάρτηται. καὶ γὰρ ἡ ὀρμὴ καὶ ἡ συγκατάθεσις καὶ ἡ κατάληψις

/SVF 2.56a
,FDS 259
{BS 7.10}°Z 7a
/SVF 1.484a
°f 3(1)
°C 3^a

{LS 53F}

ἐτεροιώσεις μὲν εἰσι τοῦ ἡγεμονικοῦ, διαφέρουσι δὲ τῆς φαντασίας· ἡ μὲν γὰρ πεῖσις τις ἦν ἡμετέρα καὶ διάθεσις, αὗται δὲ πολὺ μᾶλλον [ἢ ὅρμαι] ἐνέργειαι τινες ἡμῶν ὑπῆρχον. μοχθηρὸς ἄρα ἐστὶν <ὁ> ὅρος πολλοῖς καὶ §238 διαφόροις πράγμασιν ἐφαρμοζόμενος· καὶ ὃν τρόπον ὁ τὸν ἄνθρωπον ὀρισάμενος καὶ εἰπὼν ὅτι ἄνθρωπός ἐστι ζῷον λογικόν, οὐχ ὑγιῶς τὴν ἔννοιαν τοῦ ἀνθρώπου ὑπέγραψε διὰ τὸ καὶ τὸν θεὸν ζῷον εἶναι λογικόν, οὕτω καὶ ὁ τὴν φαντασίαν ἀποφηνάμενος ἐτεροιώσιν ἡγεμονικοῦ διέπεσεν· οὐ μᾶλλον γὰρ ταύτης ἢ ἐκάστης τῶν κατηριθμημένων §239 κινήσεων ἐστὶν ἀπόδοσις. τοιαύτης δ' οὔσης καὶ τῆσδε τῆς ἐνστάσεως πάλιν ἐπὶ τὰς συνεμφάσεις οἱ Στωικοὶ ἀνατρέχουσι, λέγοντες τῷ ὄρω δεῖν τῆς φαντασίας συνακοῦειν τὸ κατὰ πεῖσιν· ὥς γὰρ ὁ λέγων τὸν ἔρωτα ἐπιβολὴν εἶναι φιλοποιίας συνεμφαίνει τὸ νέων ὥραίων, καὶ εἰ μὴ κατὰ τὸ ῥητὸν τοῦτο ἐκφέρῃ (οὐθεὶς γὰρ γερόντων καὶ ἀκμῆς ὥραν μὴ ἐχόντων ἐρᾷ), οὕτως ὅταν λέγωμεν, φασί, τὴν φαντασίαν ἐτεροιώσιν ἡγεμονικοῦ, συνεμφαίνομεν τὸ κατὰ πεῖσιν ἀλλὰ μὴ τὸ κατὰ ἐνέργειαν γίνεσθαι τὴν ἐτεροιώσιν. §240 δοκοῦσι δὲ μὴδ' οὕτως ἐκπεφυγέναι τὸ ἔγκλημα· ὅτε γὰρ τρέφεται τὸ ἡγεμονικὸν καὶ νῆ Δία γε αὖξεται, ἐτεροιοῦται μὲν κατὰ πεῖσιν, οὐκ ἔστι δὲ ἡ τοιαύτη ἐτεροιώσις αὐτοῦ, καίπερ κατὰ πεῖσιν οὔσα καὶ διάθεσις, φαντασία, ἐκτὸς εἰ μὴ τι πάλιν λέγοιεν ἰδίωμα πείσεως εἶναι τὴν φαντασίαν, ὅπερ διενήνοχε τῶν τοιούτων §241 διαθέσεων, ἢ ἐκεῖνόν γε, ἐπεὶ ἡ φαντασία γίνεται ἥτοι τῶν ἐκτὸς ἢ τῶν ἐν ἡμῖν παθῶν (ὃ δὲ κυριώτερον διάκενος ἐλκυσμὸς παρ' αὐτοῖς καλεῖται), πάντως ἐν τῷ λόγῳ τῆς φαντασίας συνεμφαίνεσθαι τὸ τὴν πεῖσιν γίνεσθαι ἥτοι κατὰ τὴν ἐκτὸς προσβολὴν ἢ κατὰ τὰ ἐν ἡμῖν πάθη, ὅπερ οὐκέτ' ἔστιν ἐπὶ τῆς κατὰ τὰς αὐξήσεις ἢ θρέψεις ἐτεροιώσεως συνεξακοῦειν. Ἀλλ' ἡ μὲν φαντασία κατὰ τοὺς ἀπὸ τῆς Στοᾶς οὕτω δυσαπόδοτός ἐστι· „

Tradução

§227 ... // „, {{ Resta ainda a doutrina dos estóicos a ser tratada. Tratemos dela agora. Pois bem, esses sujeitos dizem ser critério da verdade a apresentação cognitiva (*tên katalêptikên phantasia*). A essa conheceremos primeiramente sabendo o que, segundo eles, é a apresentação e quais são suas diferenças no §228 caso das espécies. // °° § Sendo assim a apresentação é uma impressão (*týpôsis*) na alma °°, segundo eles. °° A respeito dela eles diferiam. Pois Cleantes entendeu essa impressão sentido de um alto e baixo relevo, tal como a marca deixada na cera §229 por meio dos sinetes °° \\ , mas Crisipo considerou essa tese absurda. Primeiro porque – ele diz – isso exigirá da mente (*diánoia*) em um dado momento, sob a representação de um triângulo qualquer e de um quadrado, que seu corpo possua ao mesmo tempo figuras diferentes, concomitantemente surgindo um triângulo, um quadrado ou ainda um círculo, o que é absurdo. Ademais, dado que muitas apresentações subsistem ao mesmo tempo em nós, a alma deverá possuir uma quantia enorme §230 de figuras – o que é ainda pior do que o caso anterior. Ele, portanto, supunha que Zenão, ao tratar dessa impressão na alma, quisesse falar de uma alteração, de tal modo que a definição seria esta: “a apresentação é uma alteração da alma”. E se isso ocorresse num mesmo corpo, não mais seria absurdo. O corpo Ele é ao mesmo tempo impressionado por uma das muitas figuras subsistentes em nós, comportando uma §231 quantia enorme de alterações. Pois tal como o ar, quando muitas vozes produzem sons conjuntamente, recebe diretamente um número incontável de sopros variados e diferentes e retém essas alterações, também a parte governante (*hegemonikón*) sofrerá a ação variegada de uma impressão de modo análogo §232 a esse. § \\ Outros dizem que tampouco está correta a definição expressa por Crisipo após sua modificação. Pois se a impressão é algo, a própria marca e a alteração da alma ficam estabelecidas. Se, porém, há alguma impressão (*týpôsis*) na alma, não necessariamente ela é uma apresentação. Basta pensar que em caso de um encontrão com os dedos dos pés ou de uma coceira nas mãos tanto uma marca como uma alteração na alma se perfazem, sem que haja uma apresentação (*phantasia*). Sendo assim, ela não ocorre em qualquer parte da alma, onde por acaso se dê a impressão

/SVF 2.56a
 .FDS 259
 {BS 7.10}
 °Z 7a
 /SVF 1.484a
 °f 3(1)
 °C 3a

ou alteração, senão somente na região da mente, ou seja, §233 na parte governante (*hêgemonikón*). Contra seus adversários os estoícos afirmavam que com “marca na alma” deve-se indicar “enquanto esteja na alma”, de modo que a definição inteira é esta: “apresentação é a impressão na alma, enquanto ela esteja na alma”. Pois assim como ‘pingüécua’¹⁵² é dita ‘brancura nos olhos’, nós fazemos patente o ‘enquanto esteja no olho’, isto é ‘uma parte mais específica do olho’ – em que há a brancura. Para que não se diga que todos nós, seres humanos, temos pingüécua, conquanto todos nós temos por natureza uma brancura no olho. De modo semelhante, quando dizemos ser a apresentação uma impressão na alma, deixamos claro também a parte qualificada da alma em que se dá essa impressão, qual seja, a dominante (*hêgemonikón*). Desse modo, surge a seguinte definição desenvolvida: “apresentação §234 é uma alteração na parte governante (*hêgemonikón*)”. } } [[Outros estoícos, inspirados pela mesma faculdade, seguem seu raciocínio vago, pois defenderam que a alma tem dois significados: ela é tanto aquilo que mantém coeso todo o composto, como especificamente a parte governante (*hêgemonikón*). Assim, quando dizemos que o homem é constituído de alma e corpo, ou que a morte é a separação da alma em relação ao corpo, nos referimos especificamente §235 à parte governante (*hêgemonikón*)]] (...) §236 é exatamente por isso que, quando Zenão diz ser a apresentação uma impressão na alma, deve-se entender ‘alma’ não como um todo, porém como uma porção dela, para que pelo dito seja entendido assim: “apresentação é uma alteração na região da parte §237 dominante (*hêgemonikón*)”. Porém, se ele for entendido assim, alguns dizem que novamente se incorre em erro. Pois tanto o impulso (*hormê*), quanto o assentimento (*synkatáthesis*) e a cognição (*katalêpsis*) são alterações da parte governante (*hêgemonikón*), embora sejam diferentes da apresentação. Porque, enquanto esta é uma passividade em nós e uma disposição, aquelas são antes formas de atividade em nós. Por essa razão a definição é ruim e §238 visto que se aplica a muitas coisas distintas. E quem define ‘ser humano’ daquela maneira, dizendo que “ser humano é animal racional”, não descreveu de modo são o conceito de ser humano, porque ‘deus’ também é “animal racional”. Do mesmo modo quem declarou que a impressão é “alteração da parte governante (*hêgemonikón*)” se equivocou, dado que esta explicação não corresponde mais à última §239 do que a cada um dos movimentos enumerados antes. A objeção sendo essa, os estoícos novamente recorriam às suas “implicações”, dizendo ser preciso entender na definição de apresentação que ela é “relativa a uma passividade”. Pois assim como quem diz que o amor é “a tentativa de ganhar o afeto” subentende “de jovens na flor da idade”, ainda que isto não esteja expresso palavra por palavra, já que ninguém ama os velhos e os que perderam o viço da juventude, do mesmo modo – eles dizem – quando dissermos que “a apresentação é alteração da parte governante (*hêgemonikón*)”, deveremos subentender “relativa a uma passividade”, e não que a alteração é gerada “relativa a uma atividade”. §240 Mas eles não parecem conseguir escapar da acusação, pois quando a parte governante (*hêgemonikón*) é alimentada e, na verdade, aumentada, também é alterada de maneira passiva. Mas tal alteração não é uma apresentação, embora seja “relativa a uma passividade” e uma disposição. A não ser que, retomando o argumento, dissessem que a apresentação é uma forma especial de passividade, a qual é completamente diferente das demais §241 disposições, ou ainda dissessem o seguinte: já que a apresentação surge ou de coisas externas ou das paixões em nós – as quais são chamadas por eles mais propriamente de “atração vazia” – em todos os casos no arrazoado sobre a apresentação, está implicado que “a passividade” é relativa ou ao impacto de algo externo ou às nossas paixões. Esta implicação não pode ser subentendida no caso do aumento e da alimentação.

[LS 53F]

Tão difícil de explicar é o conceito da apresentação, conforme a doutrina dos estoícos. ..

Comentário

d. optou-se aqui pelo termo muito pouco usado em português ‘apresentação’ para tradução da palavra ‘φαντασία’, justamente pela raridade de seu uso e por destacar a presença de um estado de coisas para o sujeito; em relação à raiz ‘cogn-’ (cognição, cognoscível, cognoscitivo) é utilizada para traduzir os vocábulos relacionados a ‘κατάληψις’, preferida a outras raízes, como a relacionada a ‘apreender’ ou ‘compreender’, porque os substantivos derivados dessas famílias (‘apreensão’ e ‘compreensão’) tem usos muito disseminado em português. ‘Cognição’ é uma palavra de uso raro comparativamente e reservada a contextos de epistemologia e psicologia.

152 ‘Pingüécua’ não é a tradução para ‘ἡ ἐφελότης’ (um ponto branco na esclera); contudo, como a pingüécua se trata de uma enfermidade que causa uma nódoa branca amarelada sobre o olho, adotamos como um substituto.

89. SE. AM 7.372-374

Pearson C 3b; SVF 1.484b, 2.56b; Watanabe *f* 3(2)

§372... °° // ῥ εἰ γὰρ τύπως ἐστὶν ἐν ψυχῇ ἢ φαντασία, ἥτοι κατ' ἐξοχὴν καὶ εἰσοχὴν τύπως ἐστὶν, ὥς οἱ περὶ τὸν Κλεάνθην νομίζουσιν, ἢ κατὰ ψιλὴν ἑτεροίωσιν γίνεται \\ °° καθάπερ οἱ περὶ τὸν Χρύσιππον §373 ἐδόξασαν. καὶ εἰ μὲν κατ' ἐξοχὴν καὶ εἰσοχὴν ὑφίσταται, ταῦτα |5|ἀκολουθήσει τὰ ἄτοπα ἅπερ φασὶν οἱ περὶ τὸν Χρύσιππον. εἰ γὰρ κηροῦ τρόπον τυποῦται ἡ ψυχὴ φανταστικῶς πάσχουσα, ἀεὶ τὸ ἔσχατον κίνημα ἐπισκοπήσει τῇ προτέρᾳ φαντασίᾳ, ὥσπερ καὶ ὁ τῆς δευτέρας σφραγίδος τύπος ἐξαλειπτικός ἐστὶ τοῦ προτέρου. ἀλλ' εἰ τοῦτο, ἀναιρεῖται μὲν μνήμη, θησαυρισμὸς οὕσα φαντασιῶν, ἀναιρεῖται δὲ πᾶσα τέχνη· σύστημα |10|γὰρ ἦν καὶ ἄθροισμα καταλήψεων, πλείονας δὲ φαντασίας καὶ διαφοροὺς οὐ δυνατόν ὑποστῆναι περὶ τὸ ἡγεμονικόν, ἄλλοτε ἄλλων νοουμένων τῶν περὶ αὐτὸ τύπων. οὐ τοίνυν ἡ κυρίως νοουμένη §374 τύπως ἐστὶ φαντασία. ῥ

Aparato

4 ταῦτα Kayser dubit.

°C 3b
/SVF 1.484b
°f 3(2)

Tradução

§372... °° // ῥ Pois se a apresentação é uma impressão na alma, ou bem é algo no sentido de um alto e baixo relevo, como os discípulos de Cleantes pensam, ou no sentido de uma mera alteração que surge \\ °°, conforme a opinião dos que seguiam §373 Crisipo. E se ela subsiste no sentido de alto e baixo relevo, disso se seguirá as consequências absurdas a respeito das quais os discípulos de Crisipo falam. Pois se a alma é marcada ao modo da cera, sofrendo a ação da apresentação, o movimento mais recente sempre obliterará a apresentação anterior, do mesmo modo que a marca do segundo sinete oblitera o primeiro. Mas se isso for assim, a lembrança – que é o acervo das apresentações – é destruída. Também é destruída toda arte (*tékhnê*), pois ela devia ser o sistema e a coleção de cognições. Tampouco a maior parte das diferentes apresentações é capaz de subsistir no *hêgemonikón*, uma vez que essas marcas concebidas nele se produzem em momentos distintos. Logo – concebida rigorosamente – a ‘impressão’ não é ‘apresentação’ (*ou... hê... týpôsis esti phantasia*). ῥ

°C 3b
/SVF 1.484b
°f 3(2)

90. SE. AM 8.400-406

Pearson C 3c; SVF 1.484c; Watanabe *f* 3(3)

§400 ῥ Ὅτι δὲ οὐκ ἔστιν ἀποδείξεως φαντασία κατὰ τοὺς Στωικούς, δείκνυται πρῶτον μὲν ἐκ τοῦ κοινότερον παρ' αὐτοῖς διαπεφωνῆσθαι τὸ τί ποτ' ἔστιν ἡ φαντασία· μέχρι γὰρ τοῦ τύπων αὐτὴν λέγειν ἐν ἡγεμονικῷ συμφωνήσαντες περὶ αὐτῆς διαφέρονται τῆς τυπώσεως, °° // Κλεάνθους |5|μὲν κυρίως ἀκούοντος τὴν μετὰ εἰσοχῆς καὶ ἐξοχῆς νοουμένην, \\ °° Χρυσίππου δὲ §401 καταχρηστικώτερον ἀντὶ τῆς ἀλλοιώσεως. ῥ εἰ δὲ καὶ κατ' ἐκείνους αὐτοὺς ἡ τύπων μέχρι τοῦ νῦν οὐχ ὁμολογεῖται, ἀνάγκη καὶ τὴν φαντασίαν ἄχρι δεῦρο διαφωνουμένην ἐν ἐποχῇ φυλάσσεσθαι §402 καὶ τὴν ἐξηρημένην αὐτῆς ἀπόδειξιν. εἴτα δεδόσθω καὶ εἶναι τὴν |10|φαντασίαν ὁποῖαν ποτὲ θέλουσιν, εἴτε κυρίως τύπων τὴν μετὰ εἰσοχῆς καὶ ἐξοχῆς εἴτε ἑτεροίωσιν· ἀλλὰ τὸ πῶς αὕτη γίνεται τῆς ἀποδείξεως τῶν ἀπορωτάτων. δῆλον γὰρ ὅτι τὸ μὲν φανταστὸν ὀφείλει ποιεῖν, τὸ δὲ φαντασιούμενον ἡγεμονικὸν πάσχειν, ἐκεῖνο μὲν ἵνα τυπώσῃ, τοῦτο δ' ἵνα τυπωθῇ· ἄλλως γὰρ οὐκ εἰκὸς συμβαίνειν φαντασίαν. §403 τὸ

°f 3(3)

°C 3c
/SVF 1.484c

[15] μὲν οὖν ἡγεμονικὸν τάχα συγχωρήσει τις δύνασθαι πάσχειν, καίπερ ἀσυγχώρητον ὄν· τὴν δὲ ἀπόδειξιν πῶς εἰκὸς ἐστὶ ποιεῖν; ἤτοι γὰρ σῶμα κατ' αὐτοὺς ἐστὶν ἢ §404 ἀσώματον. σῶμα μὲν οὖν οὐκ ἔστιν, ἐξ ἀσωμάτων γὰρ λεκτῶν συνέστηκεν· εἰ δὲ ἀσώματον, ἐπεὶ τὰ ἀσώματα κατ' αὐτοὺς οὔτε ποιεῖν τι πέφυκεν οὔτε πάσχειν, καὶ ἡ ἀπόδειξις ἀσώματος [20] οὔσα οὐδὲν δυνήσεται ποιεῖν, μηδὲν δὲ ποιούσα οὐδὲ τυπώσει τὸ ἡγεμονικόν, μὴ τυποῦσα δὲ §405 αὐτὸ οὐδὲ φαντασίαν αὐτῆς ποιήσει περὶ αὐτῷ, εἰ δὲ τοῦτο, οὐδὲ καταληπτικὴν φαντασίαν. μὴ οὔσης δὲ αὐτῆς περὶ τῷ ἡγεμονικῷ καταληπτικῆς φαντασίας, οὐδὲ §406 κατάληψις αὐτῆς γενήσεται. κατὰ τὰς τῶν Στωικῶν ἄρα τεχνολογίας ἀκατάληπτός ἐστὶν ἢ [25] ἀπόδειξις.

Aparato

Watanabe, 1988, p.44

Tradução

§400 ¶ A prova de que não existe apresentação da demonstração (*apodeikseôs phantasía*), segundo os estóicos, se mostra primeiro pelo dissenso comum entre eles relativo ao que é a apresentação. Pois enquanto concordam no dizer que ela é uma impressão na parte governante (*hêgemonikón*), diferem a respeito dessa impressão mesma. °°// Cleantes entendia, como sentido principal, que a impressão mental ocorria com e não depois da apresentação. \\ °° Crisipo, por outro lado, §401 em um uso mais frouxo entendia que “impressão” estava no lugar de “alteração”. ¶ Se de fato, segundo eles mesmos, não há acordo sobre essa impressão até o presente momento, é necessário que tanto a apresentação, até aqui sob dissenso, seja defendida suspendendo o juízo, §402 quanto a demonstração que depende dela. Conceda-se então que exista a apresentação tal como eles a quiserem: ou bem o sentido principal é ‘impressão com um alto e baixo relevo’ ou bem é ‘alteração’. Porém uma das maiores dificuldades mais insondável é o modo como ela se torna demonstrativa. Pois é evidente que o objeto que causa a apresentação (*phantastòn*) tem de agir, enquanto a parte governante (*hêgemonikón*) tem de sofrer a ação, um a fim de marcar, outro a fim de ser marcado. Pois não parece plausível que ocorra uma apresentação de outro modo. §403 Portanto, alguém há de admitir que a parte governante (*hêgemonikón*) possa ser passiva, ainda que isso seja inadmissível: mas como é plausível que a demonstração seja ativa? Porque, segundo eles, ela é ou corpórea ou incorpórea. Ora, não é corpórea, pois é constituída de dizíveis incorpóreos. Se, porém, ela é incorpórea, levando-se em conta que, segundo eles, os incorpóreos não são capazes nem de agir nem de sofrer ação, então tampouco a demonstração, sendo incorpórea, poderá praticar alguma ação. E não praticando nenhuma ação, não marcará a parte governante (*hêgemonikón*); sem marcá-lo, tampouco produzirá ativamente uma apresentação nela. E se for assim, tampouco produzirá uma apresentação cognitiva (*katalêptikên phantasían*). Não sendo ela na parte governante (*hêgemonikón*) uma apresentação cognitiva, tampouco dela surgirá a cognição. Logo, segundo as regras lógicas dos estóicos, a demonstração é incognoscível.

° f 3(3)

°C 3c
/SVF 1.484c

91. SE. PH 2.70-71

Pearson C 3d; SVF 1.484d; Watanabe f 3(4)

§70 Ἴδωμεν οὖν ἐξῆς περὶ τοῦ κριτηρίου καθ' ὃ κρίνεσθαι λέγουσι τὰ πράγματα. πρῶτον τοίνυν ἐκεῖνο ἔστιν εἰπεῖν περὶ αὐτοῦ, ὅτι (...) ἀνεπινόητός ἐστιν ἡ φαντασία. ¶ λέγουσι γὰρ φαντασίαν εἶναι τύπωσιν ἐν ἡγεμονικῷ. °° // ἐπεὶ οὖν ἡ ψυχὴ καὶ τὸ ἡγεμονικὸν πνεῦμά ἐστιν ἢ [5] λεπτομερέστερόν τι πνεύματος, ὥς φασιν, οὐ δυνήσεται τις τύπωσιν ἐπινοεῖν ἐν αὐτῷ οὔτε κατ' εἰσοχὴν καὶ ἐξοχὴν, ὥς ἐπὶ τῶν σφραγίδων ὀρώμεν, οὔτε κατὰ τὴν τερατολογουμένην ἑτεροιωτικὴν. ¶ \\ °° οὐ γὰρ ἂν μνήμην τοσούτων ἀναδέξαιτο θεωρημάτων ὅσα συνίστησι τέχνην, ἐν ταῖς

° f 3(4)

°C 3d
/SVF 1.484d

ἐπιγινόμεναις §71 ἑτεροιώσεσι τῶν προϋποκειμένων ἀπαλειφομένων. εἰ [10]μέντοι καὶ ἐπινοηθῆναι δύναίτο ἢ φαντασία, ἀκατάληπτος ἔσται· ἐπεὶ γὰρ πάθος ἐστὶν ἡγεμονικοῦ, τὸ δὲ ἡγεμονικὸν οὐ καταλαμβάνεται, ὥς ἐδείξαμεν, οὐδὲ τὸ πάθος αὐτοῦ καταληψόμεθα. εἴτα εἰ καὶ δοίημεν, ὅτι καταλαμβάνεται ἢ φαντασία, οὐ δύναται κρίνεσθαι [καὶ] κατ' αὐτὴν τὰ πράγματα·

Aparato

6 κατὰ del. v. Arnim

Tradução

§70 Vejamos a seguir, então, os argumentos a respeito do critério, segundo o qual dizem que as coisas são julgadas. Primeiramente, pode-se dizer isto sobre ele, que (...) a apresentação (*phantasia*) não é concebível. ¶ Pois dizem que a apresentação é uma impressão na parte governante (*hêgemonikón*). °° // Uma vez que a alma e a parte governante (*hêgemonikón*) são um sopro ou algo mais sutil que um sopro, como dizem, não será possível que alguém conceba que nela a impressão se imprima em alto e baixo relevo, como no caso dos selos, nem conceba a teratológica marca alteradora. ¶ °° Pois a memória não poderia receber todas as observações que constituem uma arte, uma vez que, com as alterações §71 subsequentes, as subsistentes previamente se obliterariam. Se, no entanto, se pudesse conceber essa apresentação, ela será incognoscível (*akatálēptos*). Pois, levando-se em conta que é uma afecção da parte governante (*hêgemonikón*), e a parte governante (*hêgemonikón*) não é capaz para a cognição, como pudemos mostrar, tampouco faremos a cognição de sua afecção. Ademais, ainda que concedêssemos que a apresentação pode ser cognoscível, não se pode julgar as coisas de acordo com ela.

^wf 3(4)

°C 3d

/SVF 1.484d

Fragmentos adicionados a 'II. Dialética, φαντασία'

Pearson justifica a inclusão destes fragmentos pela evidência textual oferecida nos textos que se acaba de reproduzir¹⁵³: haveria razão para reputar a Cleantes o desenvolvimento da metáfora do bloco de cera no âmbito da teoria das impressões estóica. O critério restritivo de von Arnim o impede de incluir o texto aqui.

Como se observou anteriormente, a associação de Cleantes ao bloco de cera se tornou tão proverbial que passou a identificar o próprio filósofo, basta pensar no verbete Δέλτος (Δ 202) da Suda, em que Zenão compara o próprio discípulo a uma tabuleta de cera. A noção de carimbo na cera está presente já na escolha da palavra 'τύπωσις'¹⁵⁴ e a metáfora não pode ser reputada cleanteana de qualquer modo, porque Platão e Demócrito já haviam associado a percepção à impressão¹⁵⁵.

O fragmento de Cícero abaixo menciona nominalmente o filósofo Assio de forma quase incidental, como adversário intelectual de Crisipo, no contexto específico de interpretação de juízos hipotéticos.

¹⁵³ 1891, ad loc.

¹⁵⁴ Beekes s.v.; Chantraine s.v.; Rocci s.v.; LSJ s.v.; Bailly s.v.

¹⁵⁵ v. abaixo o comentário.

92. Ps.-Plut. Plac. 900b1-4

Aët. Plac. 4.11.1; DDG 400a4-8; Pearson C 4a; ad SVF Cleanthis logicam (1)

°° Οἱ Στωικοὶ φασιν· ὅταν γεννηθῇ ὁ ἄνθρωπος, ἔχει τὸ ἡγεμονικὸν μέρος τῆς ψυχῆς ὥσπερ χαρτίον εὐεργὸν εἰς ἀπογραφὴν. εἰς τοῦτο μίαν ἐκάστην τῶν ἐννοιῶν ἐναπογράφεται. °° ° C 4a

Tradução

°° Os estóicos dizem que quando o ser humano é engendrado, possui a parte governante (*hêgemonikón*) na alma tal como um papiro preparado para receber um registro. Nele cada um dos conceitos se registra. °° ° C 4a

93. Ph. DI 41.1-44.1

Pearson C 4b; ad SVF Cleanthis logicam (2)

ψυχὴν δὲ φύσεως τρισὶ διαλλάττουσαν ὁ ποιῶν ἐποίει, αἰσθήσει, φαντασίᾳ, ὀρμῇ· τὰ μὲν γὰρ φυτὰ ἀόρμητα, ἀφάνταστα, αἰσθήσεως ἀμέτοχα, τῶν δὲ ζώων ἕκαστον ἀθρόον μετέχει τῶν εἰρημένων. αἰσθησις μὲν οὖν, ὡς αὐτό που δηλοῖ τοῦνομα, εἰσθεσίς τις οὖσα τὰ φανέντα ἐπείσφerei τῷ νῷ· τοῦτω γάρ, ἐπειδὴ μέγιστόν ἐστι ταμεῖον καὶ πανδεχές, πάνθ' ὅσα δι' ὀράσεως καὶ ἀκοῆς καὶ τῶν ἄλλων αἰσθητικῶν ὀργάνων ἐντίθεται καὶ ἐναποθησαυρίζεται. °° φαντασία δὲ ἐστὶ τύπωσις ἐν ψυχῇ· ὧν γὰρ εἰσήγαγεν ἐκάστη τῶν αἰσθήσεων, ὥσπερ δακτύλιός τις ἢ σφραγὶς ἐναπεμάξατο τὸν οἰκεῖον χαρακτῆρα· κηρῷ δὲ εἰκοῶς ὁ νοῦς °° τὸ ἐκμαγεῖον δεξάμενος ἄκρως παρ' ἐαυτῷ φυλάττει, μέχρις ἂν ἡ ἀντίπαλος μνήμη τὸν τύπον λεάνασα λήθῃ ἀμυδρὸν ἐργάσῃται ἢ παντελῶς ἀφανίσῃ. τὸ δὲ φανέν καὶ τυπῶσαν τοτὲ μὲν οἰκεῖως τοτὲ δὲ ὡς ἑτέρως διέθηκε τὴν ψυχὴν. ° C 4b

Tradução

O criador fez com que a alma (*psykhén*) se diferenciase da natureza (*phýseōs*) por três atributos, pela sensação, pela apresentação, pelo impulso, pois por um lado os vegetais são sem impulso, sem apresentação (*aphántasta*), não participam da sensação, ao passo que cada um dos animais como um todo participam das faculdades mencionadas. A sensação é, portanto, assim como o próprio nome evidenciaria de certo modo, um colocar adentro (*eísthesís*), que pela mente traz para seu interior o que nos aparece. Por isso então, já que nossa faculdade é a maior e toda receptiva, tudo o que se põe pela visão e audição e demais órgãos sensíveis, também é guardado em nosso acervo. °° A apresentação (*phantasia*) é uma impressão na alma. Cada um dos sentidos a introduz, tal como um anel com um sinete ou um carimbo reproduz o selo familiar. A mente é semelhante à cera °° ao receber o molde, ela o conserva perfeitamente em si, até a memória antagonista (sc. sucessiva) produzir de modo turvo o esquecimento que esboroa a impressão ou a fizer desaparecer completamente. O que aparece e o que marca às vezes se trata como adequado, às vezes como estranho à alma. ° C 4b

Comentário

b. natureza no início do fragmento deve ser entendido dentro da *scala naturae* estoica, como um dos graus de organização e funcionamento do *pneûma* nos entes individuais, ver também a respeito SVF 1.499c;

d. a análise de Fílon a respeito da faculdade da sensação se baseia em um certo paralelo entre as formações αἰσθησις e εἰς-θεσίς, que somente se justifica pela teoria da sensação como inscrição, registro.

94. Ph. RDH 181.1-182.1

°° καὶ γὰρ ἡ ψυχὴ, τὸ κήρινον, ὥς εἶπέ τις τῶν ἀρχαίων, °° ἐκμαγεῖον, ° C 4c
 σκληρὰ μὲν οὕσα καὶ ἀντίτυπος ἀπωθεῖ καὶ ἀποσεῖται τοὺς
 ἐπιφερομένους χαρακτηῖρας καὶ ἀσχημάτιστος ἐξ ἀνάγκης διαμένει,
 πειθήνιος δ' ὑπάρχουσα καὶ μετρίως ὑπείκουσα βαθεῖς τοὺς τύπους δέχεται
 καὶ ἀναμαζαμένη τὰς σφραγίδας ἄκρως διαφυλάττει τὰ ἐνσημανθέντα
 ἀνεξάλειπτα εἶδη.

Tradução

°° E a alma é uma porção de cera, como um dos antigos disse: °° por um lado, enquanto
 estiver dura e refratária, repele e rejeita as gravações aplicadas e necessariamente se
 mantém sem qualquer figura; por outro lado, quando se torna dócil e complacente na
 medida, recebe as marcas profundas, e reproduzindo os selos, ela preserva perfeitamente
 as formas não-obliteráveis simbolizadas. ° C 4c

95. Cic. Luc. 142.1-144.1

Watanabe f 10; ad SVF 1.483-492 (4)

Venio enim iam ad tertiam partem philosophiae. Aliud iudicium
 Protagorae est qui putet id cuique verum esse quod cuique videatur, aliud
 Cyrenaicorum, qui praeter permotiones intumas nihil putant esse iudicii,
 aliud Epicuri, qui omne iudicium in sensibus et in rerum notitiis et in
 voluptate constituit; Plato autem omne iudicium veritatis veritatemque
 ipsam abductam ab opinionibus et a sensibus cogitationis ipsius et mentis
 esse voluit. num quid horum probat noster Antiochus? ille vero ne
 maiorum quidem suorum. ubi enim [et] Xenocraten sequitur, cuius libri
 sunt de ratione loquendi multi et multum probati, aut ipsum Aristotelem,
 quo profecto nihil est acutius nihil politius; a Chrysippo pedem nusquam.
 Qui ergo Academici appellamur (an abutimur gloria nominis?) aut cur
 cogimur eos sequi qui inter se dissident? In hoc ipso quod in elementis
 dialectici docent, quo modo iudicare oporteat verum falsumne sit si quid ita
 conexum est ut hoc “si dies est lucet”, quanta contentio est: aliter Diodoro,
 aliter Philoni, Chrysippo aliter placet. ¶ Quid cum Cleanthe doctore suo
 quam multis rebus Chrysippus dissidet; quid duo vel principes
 dialecticorum Antipater et Archidemus spinosissimi homines nonne multis
 in rebus dissentiunt?¶ w f 10

Tradução

Chego então já à terceira parte da filosofia. Um tipo de critério é o de Protágoras, que
 considera que a cada um é verdadeiro o que assim lhe pareça, outro é dos cirenaicos, que
 consideram que não há um critério senão emoções íntimas, outro é o de Epicuro, que
 fundamenta todo critério de julgamento nos sentidos e nas noções das coisa e no prazer.
 Platão, por sua vez, quis que todo critério de verdade e a verdade mesma, afastada da
 opinião e dos sentidos, seja do pensamento mesmo e da mente. Por acaso dentre esses
 nosso Antíoco aprova algo? Nada, e ele nem sequer aprova algo de seus antecessores.
 Onde, então, segue Xenócrates, cujos livros sobre lógica são muitos e muito aprovados, ou
 o próprio Aristóteles, no que tange o avanço nada é mais agudo e refinado? Nunca se
 distancia um pé de Crisipo. Por que então somos chamados de acadêmicos (ou estamos
 abusando da glória desse nome) ou por que razão tentam nos fazer seguir os que
 dissentem entre si? Até nisto que são os elementos ensinados pelos dialéticos, o modo
 como cabe julgar o que seja verdadeiro e falso, se o juízo está conectado como o “se é dia,
 então há luz”. Quanta disputa há! De um jeito pensa Diodoro (Crono), de um jeito Fílon,

de outro Crisipo. ¶ Quanto dissente Crisipo de seu professor Cleantes em muitos assuntos? Ora quanto dois dos principais dialéticos, Antípatro e Arquedemos, homens dos mais obscuros, não dissentem em muitos assuntos? ¶

Comentário

a. Passagem que começa a tratar da lógica pelo tema dos juízos, das apresentações e das impressões. Na passagem seguinte Antíoco de Áscalon pede que Zenão defina a apresentação, ao que ele responde com um de seus símiles gestuais (“et hoc quidem Zeno gestu conficiebat. nam cum extensis digitis adversam manum ostenderat, “visum” inquebat “huius modi est”; dein cum paulum digitos contraxerat, “adsensus huius modi”; tum cum plane compresserat pugnumque fecerat, comprehensionem illam esse dicebat, qua ex similitudine etiam nomen ei rei, quod ante non fuerat, κατάληψιν imposuit; cum autem laevam manum admoverat et illum pugnum arte vehementerque compresserat, scientiam talem esse dicebat, cuius compotem nisi sapientem esse neminem.”), 145.2-12)

96. Athen. Deipn. 8.50.31-39

SVF 1.624; Ad SVF Cleanthis logicam (5)

οὐκ ἀχαρίτως δὲ καὶ Σφαῖρον τὸν συσχολάσαντα μὲν Χρυσίπῳ παρὰ Κλεάνθει, μετάπεμπτον δὲ γενόμενον εἰς Ἀλεξάνδρειαν ὑπὸ τοῦ βασιλέως Πτολεμαίου, κηρίων ποτὲ ἐν τῷ δείπνῳ παρατεθεισῶν ὀρνίθων ἐκτείναντα τὰς χεῖρας ἐπισχεθῆναι ὑπὸ τοῦ βασιλέως, ὡς ψεύδει συγκατατιθέμενον. τὸν δ' εὐστόχως ἀποφήνασθαι εἰπόντα οὐ τοῦτω συγκατατίθεσθαι ὅτι εἰσὶν ὄρνεις, ἀλλ' ὅτι εὐλογόν ἐστι ταύτας ὄρνεις εἶναι. Διαφέρειν δὲ τὴν καταληπτικὴν φαντασίαν τοῦ εὐλόγου

Tradução

E não deixa de ser engraçado o que ocorreu a Esfero, o companheiro de estudos de Crisipo junto a Cleantes. Sendo chamado a Alexandria pelo rei Ptolomeu, um vez no jantar lhe serviram aves de cera, estendendo suas mãos em direção a elas foi interrompido pelo rei, por estar assentindo a algo falso. Certeiramente replicou-lhe que não assentia ao fato de que fossem pássaros, senão ao de que era razoável que fossem pássaros. Deve-se distinguir a apresentação cognitiva do razoável (*Diaphérein dè tèn katalēptikēn phantasia tōū eulógou*).

97. Suid. ‘Εὐλογον ἀξίωμα’ (Adler, epsilon 3569)

Ad SVF Cleanthis logicam (6)

Εὐλογον ἀξίωμα: τὸ πλείονας ἀφορμὰς ἔχον εἰς τὸ ἀληθὲς εἶναι· οἶον, βιώσομαι αὔριον. λόγου ποτὲ γενομένου πρὸς Κλεάνθην τὸν φιλόσοφον καὶ Πτολεμαῖον τὸν βασιλέα περὶ τοῦ δοξάσειν τὸν σοφόν, καὶ τινος εἰπόντος ὡς οὐ δοξάσει, βουλόμενος ὁ βασιλεὺς ἐλέγξει αὐτόν, κηρίνας ῥοὰς ἐκέλευσε παρατεθῆναι. τοῦ δὲ σοφοῦ ἀπατηθέντος ἀνεβόησεν ὁ βασιλεὺς ψευδεῖ συγκατατεθεῖσθαι αὐτὸν φαντασίᾳ. πρὸς ὃν ὁ σοφὸς εὐστόχως ἀπεκρίνατο, εἰπὼν οὕτω συγκατατεθεῖσθαι, οὐχ ὅτι ῥοαὶ εἰσιν, ἀλλ' ὅτι εὐλογόν ἐστι ῥοὰς αὐτὰς εἶναι· διαφέρειν δὲ τὴν καταληπτικὴν φαντασίαν τοῦ εὐλόγου.

Tradução

Proposição razoável, o que tem mais tendência a estar dirigido à verdade, por exemplo, “estarei vivo amanhã”. Uma conversa ocorreu entre Cleantes, o filósofo, e Ptolomeu, o rei, sobre a forma de opinar do sábio. Alguém afirmou que “ele não saberá opinar”, o rei quis testá-lo, mandou que lhe colocassem romãs de cera à sua frente. Como o sábio se enganou, o rei gritou que ele dera assentimento a uma apresentação falsa (*pseudeî... phantasíai*), ao que o sábio lhe respondeu certamente, dizendo que dera seu assentimento não ao fato de que fossem romãs, senão ao fato de que fosse razoável serem elas romãs. São diferentes a apresentação cognitiva do que é razoável.

Comentário

Neste comentário se apresentam brevemente apenas dois problemas importantes para o conjunto dos textos de dialética remetendo a Cleantes: (a) sobre a definição zenoniana de apresentação e a polêmica entre Crisipo e seu mestre tratando de como interpretar tal definição¹⁵⁶; (b) sobre a definição de possibilidade de Diodoro Crono e a posição cleanteana no argumento do senhor.

(a) Qualquer tentativa de tratar da contribuição cleanteana, se se pode assim chamar, para a tese estoica maior sobre as apresentações¹⁵⁷, depende da polêmica sobre a função que esse conceito deveria cumprir no sistema estoico. Sua função é precisamente garantir a possibilidade de conhecimento verdadeiro a partir dos sentidos.

O conceito de φαντασία (apresentação) é central, portanto, em duas disciplinas diferentes, na teoria psicológica, parte da física, bem como na epistemologia, parte da lógica. No primeiro caso, como ocorre em outros casos no estoicismo, a palavra nomeia tanto a faculdade da alma, equivalente à sensação em outras teorias, quanto os eventos psicofísicos que lhe correspondem, os quais são o acesso à realidade e aos fatos, e a partir dos quais conceitos e princípios são cunhados¹⁵⁸. No segundo caso, dentre os tipos de φαντασία, existe uma delas, a φαντασία καταληπτική (apresentação cognitiva), que também serviria na teoria estoica do conhecimento como critério de verdade. A apresentação, portanto, se origina basicamente nos sentidos causada por um fato exterior à alma, característica dos animais, e tem uma estrutura plenamente racional-proposicional, característica desenvolvida nos seres humanos maduros¹⁵⁹.

Para analisar o problema da φαντασία (apresentação) como impressão na alma e a polêmica que envolve o nome dos três fundadores do estoicismo antigo, é preciso perguntar-se primeiramente se, dentre os três, Cleantes apresenta uma teoria própria ou um desenvolvimento original para a definição zenoniana? Em seguida, até que ponto a

¹⁵⁶ Para uma discussão mais ampla sobre o tema, v. BS, p.123-131, 153-162. Muitos temas relativos à apresentação não podem ser debatidos aqui.

¹⁵⁷ Por exemplo em SE. AM 7.227.1-241.9 (= Pearson Z 7a, C 3a; SVF 1.484a, 2.56a; LS 53F; FDS 259; Watanabe f 3(1); BS 7.10)

¹⁵⁸ CHHP: 560-584.

¹⁵⁹ CHHP, p. 572-584.

noção da alma como bloco de cera serve para explicar um evento psicofísico segundo o estoicismo? Por último, qual é a relação entre a definição de apresentação e a teoria da apresentação cognitiva?

Cleantes, ao interpretar o *definiens*, refere-se ao sentido de τύπωσις como ‘marca impressa’: “γὰρ ἤκουσε τὴν τύπωσιν κατὰ εἰσοχὴν τε καὶ ἐξοχὴν, ὥσπερ καὶ τὴν διὰ τῶν δακτυλίων γινομένην τοῦ κηροῦ τύπωσιν”¹⁶⁰. Sua contribuição se encerra com eleição de um dos significados corriqueiros da palavra, a impressão feita por baixo e alto relevo, como ocorre na selagem de cartas com o carimbo na cera e ainda na cunhagem de moedas ou na moldagem de uma figura¹⁶¹.

Em seguida, até que ponto a noção da alma como bloco de cera serve para explicar um evento psicofísico segundo o estoicismo?

O próprio *definiens* zenoniano de φαντασία (τύπωσις ἐν ψυχῇ) está implicado na definição de φαντασία καταληπτική, por isso não se pode modificar a teoria geral da apresentação sem transformar a doutrina da apresentação cognitiva. A noção de impressão, de marca, de cunhagem, de registro produzido pela interação entre dois corpos se estende para a discussão da apresentação cognitiva. Sua origem remonta a Platão e a Demócrito¹⁶², embora no caso de Demócrito a ideia de impressão não seja metafórica.

Não é simples dispensar a ideia de que a sensação e percepção são um tipo de contato entre os órgãos dos sentidos e coisas. Uma mudança na definição geral acarreta mudanças relevantes. Provavelmente Cleantes deva ser creditado pela insistência em manter a discussão nesses termos, mais do que por interpretar literalmente a metáfora¹⁶³.

Duas são as exigências básicas para que uma apresentação seja considerada καταληπτική¹⁶⁴: primeiro, que ela surja a partir do existente e, segundo, que seja carimbada (*enapesphragisménē*) e modelada (*enapomemagménē*) conforme o existente mesmo. A essas duas, provavelmente por força do debate com Arcesilau, se junta uma terceira exigência, de que ela não surgisse a partir do não existente.

¹⁶⁰ SE. AM 7.228-229 (=Pearson Z 7a, C 3a; SVF 1.484a, 2.56a; LS 53F; FDS 259; Watanabe *f* 3(1); BS 7.10)

¹⁶¹ Τύπωσις é um substantivo verbal derivado em última instância de um sentido de τύπος. Cf. LSJ s.v.; Bailly s.v.; Rocci s.v.; Beekes s.v.; Chantraine s.v.

¹⁶² Pl.Theat.191c8-192c6; Arist. Mem. 450a27-b5; Theophr. De sensu 50-53 (= DK 135), sobre a teoria da visão democritiana. Para uma análise de Platão, Ackrill, 1966; Modrak, 1981.

¹⁶³ Watanabe, p.45-46; Sandbach, 1970, p.20, n.20, onde indiretamente considera Cleantes “simple-minded”. Manter tais referências, obviamente preserva claramente as linhagens da teoria estoica de modo transparente. Ademais, nenhum comentário pode levar completamente a sério a possibilidade de interpretar, no âmbito da física e psicologia estoicas, a alma literalmente como um bloco de cera.

¹⁶⁴ DL 7.46; SE. PH 2.4. Em resumo, esses textos exigem que a φαντασία καταληπτική seja (i) ἀπὸ ὑπάρχοντος, (ii) κατ' αὐτὸ τὸ ὑπάρχον ἐναπεςφραγισμένη καὶ ἐναπομεμαγμένη, (iii) οἷα οὐκ ἂν γένοιτο ἀπὸ μὴ ὑπάρχοντος

Na mesma passagem do texto de Sexto, Crisipo considera absurda tal coisa – Χρύσιππος δὲ ἄτοπον ἡγεῖτο τὸ τοιοῦτον – e a sequência expõe uma série de objeções contra o modelo da φαντασία-τύψεις-ἐν-ψυχῇ como um um todo, não contra a interpretação cleanteana especificamente. A sequência de textos reproduzidos acima, no conjunto dos fragmentos SVF 1.484a-d, ao qual se adicionam os fragmentos Ad SVF Cl.log.1-6, tratam do tema das apresentações, da apresentação cognitiva como critério de verdade. Para resumir em uma palavra, Crisipo busca refutar a teoria da apresentação, o que implica em substituir todo o modelo baseado no contato por um modelo baseado na alteração da parte governante da alma.

(b) O problema propriamente filosófico aqui concerne a definição de necessidade e possibilidade, levando-se em conta a validade de uma determinada proposição em qualquer ponto no tempo, passado, presente e futuro. Diodoro Crono, associado à sucessão de Euclides de Mégara, embora seja mais bem caracterizado como “filósofo dialético”¹⁶⁵, viveu provavelmente uma geração antes de Zenão de Cítio e foi seu professor. Um dos problemas de lógica formulados por tais filósofos dialéticos concerne a lógica modal e a definição das modalidades, ou seja, da possibilidade e da necessidade. Diodoro define o possível como o que ou é ou será verdadeiro (μηδὲν εἶναι δυνατόν, ὃ οὔτ' ἔστιν ἀληθὲς οὔτ' ἔσται).

Para provar seu ponto ele introduz um argumento, o qual nomeia como “o argumento do senhor”¹⁶⁶, baseado em três proposições que não podem ser todas verdadeiras concomitantemente:

- i. πᾶν παρεληλυθὸς ἀληθὲς ἀναγκαῖον εἶναι (toda proposição verdadeira sobre o passado é necessária)
- ii. δυνατόν ἀδύνατον μὴ ἀκολουθεῖν (uma proposição impossível não se segue de uma possível)
- iii. [μὴ] δυνατόν εἶναι ὃ οὔτ' ἔστιν ἀληθὲς οὔτ' ἔσται (há um possível o qual nem é nem será verdadeiro)

A combinação de ‘i+ii’ contradiz ‘iii’, pois se toda a verdade sobre o passado é necessária e se todos os pontos no tempo tem a mesma natureza, premissa elíptica nesta primeira combinação, então tudo ocorre por necessidade. Como, nesse caso, o necessário não dá origem ao não possível (proposição ii é válida), então não pode haver um evento possível que nem é e nem será verdade (a proposição iii é inválida). Seria um tipo de determinismo duro.

¹⁶⁵ Sedley, 1977, p. 74-89.

¹⁶⁶ Sedley explica em nota a maneira como normalmente Diodoro nomeava seus argumentos, conforme o exemplo utilizado; o “argumento do senhor” provavelmente tratava de alguém destinado a reinar (1977, p. 115 n.132).

A combinação de ‘i+iii’ contradiz ‘ii’. Neste caso, se a verdade sobre o passado é necessária e se, porém, subsistem possibilidades não verdadeiras nem agora nem no futuro, ou seja, não realizadas (agora a proposição iii que é válida), então o não possível se segue do possível (a proposição ii é inválida). Ou seja se a rede causal necessária continua produzindo possibilidades não realizadas, embora elas nunca ocorram, são não possíveis que seguem possíveis.

A combinação de ‘ii+iii’ contradiz ‘i’. Segundo Cleantes toda a verdade sobre passado é necessária não é uma proposição verdadeira (οὐ πᾶν δὲ παρεληλυθὸς ἀληθὲς ἀναγκαῖόν ἐστι)¹⁶⁷, se opondo a Diodoro Crono e a Crisipo¹⁶⁸. Neste caso, se o não possível não segue o possível e se existe um possível que nem é nem será verdadeiro, então não é válido dizer que a verdade sobre o passado é necessária.

Ou seja, todos os eventos verdadeiros do passado não ocorrem por necessidade e existem possíveis que nunca serão verdadeiros. Dizer quais consequências tal posição tem para o sistema de pensamento cleanteano, é algo especulativo. Pensando em SVF 1.551, essa distinção entre necessidade e possibilidade pode corresponder à diferença entre providência e destino:

Mas para alguns o que é causado sob o comando da providência, também advem por força do destino, sem que, todavia, o que ocorra por força do destino seja causado pela providência, como opina Cleantes¹⁶⁹.

Thom sugere que o uso do aspectos verbais em ambos os hinos de Cleantes revelam uma tensão entre um resultado já real e a sequência de eventos que efetivamente está a ocorrer:

Cosmic order and harmony is and always has been Zeus’ plan, but it is not something that is already complete (...) the perfect may (...) be connected with the distinction Cleanthes elsewhere between God’s providence and fate: cosmic harmony is the goal of his providential plan, but it is not identical with the factual sequence of events (2005, p.109)

Assim, o par συνήμοκας-γίγνεσθαι (v.20-21), do “Hino a Zeus”, e o par ἄγου-εἰμὶ διατεταγμένος, do pequeno hino, seriam resolvidos por uma distinção, exclusivamente cleanteana, entre destino e providência.

¹⁶⁷ Epict. 2.19.1-4 (= Pearson C 8a; SVF 1.489a; Watanabe *f* 9(1), *f* 9(2), *f* 9(3)); Cic. Fat. 12.4-15.8 (= Pearson 8b; SVF 1.489b; LS 38E; FDS 826, 989; Watanabe *f* 9(4); BS 9.16).

¹⁶⁸ Watanabe: 4.

¹⁶⁹ Chalcid. In Tim. 144 (=Pearson C 18;., 2.933; LS 54U).

III. Retórica

98. Quint. Inst. 2.15.34

Pearson C 9; SVF 1.491; Watanabe f 12(1)

¶Rhetoricen autem quidam eandem civilitatem esse iudicaverunt, Cicero scientiae civilis partem vocat (civilis autem scientia idem quod sapientia est), quidam eandem philosophiam, quorum est Isocrates. °° // huic eius substantiae maxime conveniet finitio “rhetoricen esse bene dicendi scientiam.” nam et orationis omnes virtutes semel complectitur, et protinus etiam mores oratoris, cum bene dicere non possit nisi bonus. idem valet Chrysippi finis ille ductus a Cleanthe “scientia recte dicendi.” ¶\ °°

°f 12(1)

° C 9

/SVF 1.491

Tradução

¶ Certos pensadores julgaram, por sua vez, que a retórica era a política mesma, Cícero a chama de parte da ciência política, a ciência da cidadania, no entanto, é igual à sabedoria, certas pessoas disseram que era a filosofia mesma, Isócrates está entre eles. °° // à substância dela calha ao máximo a seguinte definição “retórica é a ciência do discursar bem”. Pois com essa definição se compreende em primeiro lugar tanto as virtudes todas do discurso, como em seguida também o caráter do orador, já que não pode discursar bem senão o homem bom. Igualmente vale aquela definição de Crisipo retirada de Cleantes: “conhecimento para discursar com retidão.” ¶\ °°

°f 12(1)

° C 9

/SVF 1.491

99. Cic. Fin. 4.7

SVF 1.492; Watanabe f 12(2)

¶Totum genus hoc Zeno et qui ab eo sunt aut non potuerunt <tueri> aut noluerunt, certe reliquerunt. // quamquam scripsit artem rhetoricam Cleanthes, Chrysippus etiam, sed sic, ut, si quis obmutescere concupierit, nihil aliud legere debeat. ¶\ itaque vides, quo modo loquantur. nova verba fingunt, deserunt usitata.

°f 12(2)

/SVF 1.492

Tradução

Zenão, e os que o seguiram, não conseguiram ou não quiseram cobrir este campo de estudos todo, deixaram-no de lado decerto. // Embora Cleantes tenha escrito uma “Arte retórica”, e também Crisipo, mas seu teor é tal que, se alguém desejar manter-se mudo, não deverá ler outra coisa. ¶\ Basta que vejas o modo pelo qual se exprimem. Eles cunham novas palavras, abandonam as usuais.

°f 12(2)

/SVF 1.492

100. Varro. LL 5.9.1-4

SVF 1.485

°° // quod si summum gradum non attigero, tamen secundum praeteribo, quod non solum ad lucernam Aristophanis sed etiam ad Cleanthis lucubravi. ¶\ °°

° C 10

/SVF 1.485

Tradução

°° // E se não atingir o patamar supremo, todavia deixarei para trás o segundo melhor, porque trabalhei de noite até tarde não somente à luz das obras de Aristófanes, mas também de Cleantes. ¶\ °°

° C 10

/SVF 1.485

Comentário

a. a passagem reproduzida se insere em contexto em que Varrão distingue quatro graus de análise das palavras, sendo o último (*summum gradum*) o da sabedoria, enquanto o terceiro é o da filosofia.
d. Varrão menciona Aristóфанes de Bizâncio, lexicógrafo, intérprete de Homero, introduziu a acentuação, criou notação editorial, apresentava textos em versos em cola, metros (colometria). Foi o quarto diretor da Biblioteca de Alexandria. Cf. CHCL 1, p.541-621.

101. Phld. Mus. 4.col.28.1-22

Pearson C 49; SVF 1.486; Watanabe *f* 5

°° // ῥ ει μ[ῆ τῶι π]αρά Κλεάν[θ]ει λέ-
γειν [ῖσ]α θελήσουσιν, ὅς φησιν
ἀ]μείνο[νά] τε εἶναι τὰ ποιητικὰ
καὶ μ[ουσ]ικὰ παραδείγματα
καὶ τοῦ [λόγ]ου τοῦ τῆς φιλοσο-
φίας ἱκανῶς μὲν ἐξαγ[γ]έλ-
λειν δυναμένου τὰ θεῖα καὶ
ἀ[ν]θ[ρ]ώ[πινα], μὴ ἔχοντος δὲ
ψειλοῦ τῶν θείων μεγεθῶν
λέξεις οἰκείας, τὰ μέτρα καὶ
τὰ μέλη καὶ τοὺς ῥυθμοὺς
ὥς μάλιστα προσικνεῖσθαι
πρὸς τὴν ἀλήθειαν τῆς τῶν
θεῶν θ[ε]ωρίας, \ \ °° οὗ καταγελα-
στότερον οὐ ῥάδιον εὐρεῖν. ῥ
“οὔτε γὰρ μὲν οὐ-
κ ὠφελο[ῦ]σιν, ὅταν δὲ μελω-
δηθῶσι[ν], ἐξ ἀμ[φ]οτέρ[ρ]ων ἢ
παρόρ[μη]σις [γί]νεται: καὶ γὰρ
ὑπὸ διανο[η]μάτων αὐτῶν
γίνετ’ οὐδ[ὲ] μετρία, μετὰ δὲ
τῶν μελῶν, μ[ε]ρίζων.

° C 49
/SVF 1.486
^w *f* 5

Tradução

°° // ῥ ... se eles não quiserem dizer coisas semelhantes às ditas por Cleantes, o qual afirma que os modelos das formas poéticas, ou seja, as inspiradas pelas musas (*kai mousiká*) são melhores. São melhores do que a prosa da filosofia, que é capaz de transmitir suficientemente os assuntos divinos e humanos, mas não possui, por ser despojada, as expressões apropriadas para a dimensão das coisas divinas, os versos metrificadas, as melodias e os ritmos, que chegam o mais próximo da verdade da contemplação das coisas divinas; \ \ °° não é fácil achar uma declaração mais ridícula do que essa. ῥ Isso não quer dizer, com efeito, que as intelecções não auxiliem, porém quando são postas em melodia, a partir de ambas advém o estímulo: pois pelos pensamentos mesmos advém um estímulo sem medida, ao passo que, associados à melodia, ele será ainda maior.

° C 49
/SVF 1.486
^w *f* 5

Comentário

b. ver também SVF 1.487.
d. no ‘Index philosophorum’ somente Cleantes é mencionado

102. Sen. Ep. 108.8-10

Facile est auditorem concitare ad cupidinem recti; omnibus enim natura fundamenta dedit semenque virtutum. Omnes ad omnia ista nati sumus: cum inritator accessit, tunc illa animi bona veluti sopita excitantur. Non vides quemadmodum theatra consonent quotiens aliqua dicta sunt quae publice adgnoscamus et consensu vera esse testamur?

° C 50
/SVF 1.487

Desunt inopiae multa, avaritiae omnia.

In nullum avarus bonus est, in se pessimus.

Ad hos versus ille sordidissimus plaudit et vitiis suis fieri convicium gaudet: quanto magis hoc iudicas evenire cum a philosopho ista dicuntur, cum salutaribus praeceptis versus inseruntur, efficacius eadem illa demissuri in animum inperitorum? °° // Nam, ut dicebat Cleanthes, quemadmodum spiritus noster clariorem sonum reddit, cum illum tuba, per longi canalis angustias tractum, patientiore novissimo exitu effudit; sic sensus nostros clariores carminis arta necessitas efficit. \ \ °° Eadem negligentius audiuntur minusque percutiunt quamdiu soluta oratione dicuntur: ubi accessere numeri et egregium sensum adstrinxere certi pedes, eadem illa sententia velut lacerto excussiore torquetur.

Tradução

É fácil concitar a audiência ao desejo do correto, com efeito, a todos a natureza deu os fundamentos e a semente das virtudes. Todos nascemos para estas coisas todas: depois que o estímulo se aproximou, então essas boas tendências da alma, como que adormecidas, são despertadas. Não vêes o modo como tantas vezes os expectadores nos teatros concordam com alguns ditos, que publicamente reconhecemos e por consenso atestamos como sendo verdadeiros?

° C 50
/SVF 1.487

Carece a pobreza de muito, a avareza, de tudo.

Para ninguém o ávaro é bom, para si é péssimo.

O mais sórdido dos sórdidos aplaude esses versos e rejubila na vaia aos seus próprios vícios; quão mais julgas que isso ocorra quando estas coisas são ditas por um filósofo, quando entre preceitos salutareis se inserem versos, que as hão de imprimir de maneira mais eficaz na mente dos ignorantes? °°// pois, como dizia Cleanthes, tal como nosso sopro produz um som mais nítido, quando, atravessada a extensão espremida da tuba, se espalha pela saída mais ampla que fica na extremidade, assim também a articulação exigente do poema torna nossos sentidos mais precisos. \ \ °° As mesmas coisas são ouvidas de maneira mais negligente e repercutem menos enquanto estão ditas em prosa (*soluta oratione*), quando se houver ajuntado o ritmo e os metros definidos tiverem amarrado uma sentença egrégia, aquela mesma máxima é como que brandida por um braço mais robusto.

Comentário

b. ver também SVF 1.486, 1.566

103. Plut. Poet.aud. 33c2-d2

Pearson C 111; SVF 1.562a

°° // ὅθεν οὐδ' αἱ παραδιορθώσεις φαύλως ἔχουσιν, αἷς καὶ Κλεάνθης ἐχρήσατο καὶ Ἀντισθένης· ὁ μὲν εὖ μάλα τοὺς Ἀθηναίους ἰδὼν θορυβήσαντας ἐν τῷ θεάτρῳ

° C 111
/SVF 1.562a

τί δ' αἰσχρὸν εἰ μὴ τοῖσι χρωμένοις δοκεῖ;

παραβάλλον εὐθὺς

αἰσχρὸν τό γ' αἰσχρὸν, κἂν δοκῇ κἂν μὴ δοκῇ,

ὁ δὲ Κλεάνθης περὶ τοῦ πλούτου

φίλοις τε δοῦναι σῶμά τ' εἰς νόσους πεσὼν
 δαπάναισι σῶσαι,
 μεταγράφων οὕτω·
 πόρναις τε δοῦναι σῶμά τ' εἰς νόσους πεσὼν
 δαπάναις ἐπιτρίψαι. \ \ °°

Tradução

°° // donde as correções marginais não serem ruins, tanto Cleantes as utilizou quanto ° C 111
 Antístenes; este, ao ver que os atenienses haviam aclamado efusivamente no teatro o verso /SVF 1.562a

“O que é vil se para quem age assim não se veja?”

Ele imediatamente intercambiou por

“O que é decerto vil é vil, vejam ou não o vejam.”

e Cleantes sobre a riqueza:

"dar o corpo aos amigos, e caindo enfermo,
 resgatá-lo com as riquezas"

transcrevendo, o assim:

"dar o corpo às prostitutas, e caindo enfermo,
 despender-lo com as riquezas" \ \ °°

Comentário

b. SVF 1.562ab formam um conjunto de intervenções estoicas em obras dramáticas com o fito de demonstrar um ponto de doutrina.

c. “φίλοις τε δοῦναι σῶμά τ' εἰς νόσους πεσὼν/ δαπάναισι σῶσαι” (l. 4-5) são a citação dos versos 428-9 de “Electra” de Eurípides

104. Dio. Or. 7.102.2-8

SVF 1.562b

// ἐπεὶ καὶ αὐτοῖς τούτοις τοῖς ἔπεσιν (scil. Eur. El. 428) ἀντείρηκε τῶν /SVF 1.562b
 πάνυ φιλοσόφων τις, ὃν οὐδεὶς, ἐμοὶ δοκεῖν, φαίη ἂν ποτε φιλονικοῦντα
 τούτοις τε ἀντειρηκέσθαι καὶ τοῖς ὑπὸ Σοφοκλέους εἰς τὸν πλοῦτον
 εἰρημένους, ἐκείνοις μὲν ἐπ' ὀλίγον, τοῖς δὲ τοῦ Σοφοκλέους ἐπὶ πλεόν, οὐ
 μήν, ὥσπερ νῦν ἡμεῖς, διὰ μακρῶν, ἅτε οὐ παραχρῆμα κατὰ πολλὴν
 ἐξουσίαν διεξιὼν, ἀλλ' ἐν βίβλοις γράφων. \ \

Aparato

5 παραχρῆμα Arnim : πρὸς τὸ χρῆμα Georgantzoglou lectionem mss. retinuit (2003)

Tradução

// Quando um famoso dentre os filósofos também retorquia com essas mesmas palavras /SVF 1.562b
 (scil. Eur. El. 428), um que ninguém , é minha opinião , mostraria então como amante de
 querelas por retorquir assim aos ditos de Sófocles contra a riqueza. Sobre aquelas palavras
 retorquia com brevidade, sobre essas de Sófocles longamente. Não como agora nós
 fazemos, examinando amplamente, sem precipitação com muita comodidade perquirindo,
 escrevendo em seus livros, todavia. \ \

Comentário

a. Dion discute a superioridade da pobreza em relação à riqueza (mencionar os fr. de Cleantes a respeito)
 SVF erroneamente indica a seção 103 da carta 7.

b. SVF 1.562ab formam um conjunto de intervenções estoicas em obras dramáticas com o fito de demonstrar um ponto de doutrina.

c. Díon se refere aos versos de Sófocles, da peça “Aleadae”¹⁷⁰

¹⁷⁰ Fr.88:

τὰ χρήματ' ἀνθρώποισιν εὕρισκει φίλους
 αὐτὸς δὲ τιμάς, εἴτα τῆς ὑπερτάτης
 τυραννίδος θακοῦσιν ἀγχίστην ἔδραν.
 ἔπειτα δ' οὐδεὶς ἐχθρὸς οὔτε φύεται
 πρὸς χρήμαθ' οἳ τε φύντες ἀρνοῦνται στυγεῖν.
 δεινὸς γὰρ ἔρπειν πλοῦτος ἐξ τε τὰ βατα

105. Athen. Deipn. 11.32.8-10

Pearson C 11a; SVF 1.591a; Watanabe f 13(a)

°° // ῥ Κλεάνθης δὲ ὁ φιλόσοφος ἐν τῷ “Περὶ Μεταλήψεως” ἀπὸ τῶν κατασκευασάντων φησὶν ὀνομασθῆναι τὴν τε Θηρίκλειον κύλικα καὶ τὴν Δεινιάδα. ῥ \\ °°

° C 11a
/SVF 1.591a
° f 13(a)

Tradução

°° // ῥ Cleantes, o filósofo, em seu "Sobre o uso conotativo das palavras ", após estabelecer um conjunto de argumentos, diz que por isso um tipo de cálice se chama 'tericleion' e 'dinias'. ῥ \\ °°

° C 11a
/SVF 1.591a
° f 13(a)

106. Athen. Deipn. 11.41.30-36

Pearson C 11b; SVF 1.591b; Watanabe f 13(b)

°° // ῥ Κλεάνθης δ' ἐν τῷ “περὶ μεταλήψεως” συγγράμματί φησι “τὰ τοίνυν εὐρήματα καὶ ὅσα τοιαῦτα, ἔτι κατάλοιπά ἐστι, οἷον Θηρίκλειος, Δεινιάς, Ἰφικρατίς· ταῦτα γὰρ πρότερον συνιστόρει τοὺς εὐρόντας, φαίνεται δ' ἔτι καὶ νῦν. εἰ δὲ μὴ ποιεῖ τοῦτο, μεταβεβληκὸς ἂν εἴη μικρὸν τοῦνομα. ἀλλά, καθάπερ εἴρηται, οὐκ ἔστιν πιστεῦσαι τῷ τυχόντι.” ῥ \\ °°

° C 11b
/SVF 1.591b
° f 13(b)

Tradução

°° // ῥ Cleantes, em seu tratado "Sobre derivação de palavras" diz "além das invenções e objetos similares ainda há os restantes, por exemplo o *tericleion*, o *dinias* e o *ificratis*. Pois, de início, esses objetos confessam quem são seus inventores, aspecto aparente ainda hoje. E se não é assim, então seria por uma pequena modificação no nome do inventor. Mas, conforme exposto, não se deve confiar no acaso" ῥ \\ °°

° C 11b
/SVF 1.591b
° f 13(b)

107. Apollon. Lex. 114.24-26

Pearson C 66; SVF 1.526; Watanabe f 45

°° // ῥ ‘Μῶλυ’ φυτὸν ἀλεξιφάρμακον. οἱ μὲν γὰρ γλωσσογράφοι τὸ ἄκεσμα καὶ οἷον τὸ ἔλκυσμα τῶν φαρμάκων· Κλεάνθης δὲ ὁ φιλόσοφος ἀλληγορικῶς φησι δηλοῦσθαι τὸν λόγον, δι' οὗ μολύονται αἱ ὀρμαὶ καὶ τὰ πάθη. ῥ \\ °°

° C 66
/SVF 1.526
° f 45

Tradução

°° // ῥ ‘Μῶλυ’ é uma planta antídoto. Os glossógrafos dizem que ele é o remédio e como tal o princípio ativo das drogas; Cleantes, o filósofo, diz que a passagem onde se encontra a palavra ‘mōly’ deve ser explicada alegoricamente, porque ela suaviza os impulsos e as emoções. ῥ \\ °°

° C 66
/SVF 1.526
° f 45

Comentário

καὶ ἵπρὸς τὰ βατά†, χῶπόθεν πένης ἀνὴρ
οὐδ' ἐντυχὼν δύναται' ἂν ὦν ἐρᾷ τυχεῖν.
καὶ γὰρ δυσειδὲς σῶμα καὶ δυσώνυμον
γλώσση σοφὸν τίθησιν εὐμορφόν τ' ἰδεῖν.
μόνῳ δὲ χαίρειν κἀν νόσων ξυνουσία
πάρεστιν αὐτῷ κάπικρύπτεσθαι κακά

b. A principal questão aqui é a interpretação alegórica oferecida por Cleantes para a ação da erva ‘moly’ na Odisseia, que teria suavizado os impulsos e as emoções, papel correspondente ao do discurso articulado e conforme a razão no estoicismo (PROTOPAPAS-MARNELLI, 2003, p. 193); ver também Phld. Mus. 4.col.28.1-22 (= SVF 1.486) e SVF 1.487. Segundo Watanabe, outro ponto de debate sobre tal fragmento diz respeito à identificação de tal planta, dividindo-se basicamente entre os que creem tratar-se de uma planta lendária e os que creem ser possível saber o que ela seria. Teofrasto teria sido o primeiro a tentar reconhecê-la. Haveria três plantas candidatas: *Allium* sp., *Allium peganum harmala* e *Withania somnifera* (Plin. H N 21.105.180); um último ponto de secundário é sobre a ocorrência, ou não, da palavra ἀλληγορία e ἀλληγορικῶς com o sentido que se conhece posteriormente dentro do pensamento cleanteano e antes de Filodemo e Cícero; acompanha-se Watanabe neste ponto, pela razões apresentadas em nota (W. Rhys Roberts apud Watanabe, 132, n.124); v. Watanabe, 129-132.

d. Referência ao episódio em que Hermes leva a Odisseu a droga que o liberará do encanto de Circe; Cf. Od.10.291-306, esp. 291-292 “οὐ γὰρ ἐάσει / φάρμακον ἐσθλόν, ὃ τοι δώσω”

Comentário

A primeira questão em análise, demanda de repassar brevemente (a) a definição de arte retórica, depois (b.i) analisar o propósito da expressão literária em teoria e termina (b.ii) com análise breve de aspectos literários das obras presentes no *corpus*;

(a) Arte, segundo Cleantes, é “τέχνη ἐστὶν ἕξις ὁδῶ πάντα ἀνύουσα”¹⁷¹. Está de pleno acordo com a definição zenoniana de arte, segundo quem é “τέχνη ἐστὶν ἕξις ὁδοποιητική”¹⁷². e da natureza (φύσιν εἶναι πῦρ τεχνικόν, ὁδῶ βαδίζον εἰς γένεσιν¹⁷³) e, por outro lado, pelas definições de arte aristotélicas, ταὐτὸν ἂν εἴη τέχνη καὶ ἕξις μετὰ λόγου ἀληθοῦς ποιητική¹⁷⁴. Está claro que a identificação entre arte e natureza, como fogo artífice, não é acidental e sobrepõe a organização do universal (a natureza) à do particular. Esse é um ponto pela adição feita por Cleantes à definição de finalidade da vida¹⁷⁵. Outras definições de Zenão e Crisipo buscam desfazer tal sobreposição¹⁷⁶, rementendo a um sistema de apresentações que sustentam a arte e a um proósito.

¹⁷¹ “arte é a disposição para proceder a todas as coisas com método” Olymp. In Pl. Gorg. 12.1.9-10 (=Pearson C 5a; SVF 1.490a). Ver também Quint. Inst. 2.17.41: “nam sive, ut Cleanthes voluit, ars est potestas viam, id est ordinem efficiens.” (“pois, como Cleantes quis, a arte é a capacidade de estabelecer um caminho, ou seja a que produz um processo organizado.” = Pearson C 5b; SVF 1.490b). Watanabe, p. 58-60.

¹⁷² Schol. ad Dionys. Thracis Gramm. ap. Bekk. Anecd. p. 663, 16. (= SVF 1.72)

¹⁷³ DL 7.156 (= SVF 1.171, 2.774). Ver também Aët. Plac. (Stobaei excerpta) 306.1 (= SVF 2.1027); Athenagoras. Legatio sive Supplicatio pro Christianis 6.4.4 ; Clem.Al. Strom.5.14.100.4; Eus. PE 7.11.13.5, 13.13.24, 14.16.9; Ps.-Gal. DM 19. 371.4 (= SVF 2.1133); Ps.-Plut. Plac. (874d-911c) 881f 8;

¹⁷⁴ EN 1140a9-10

¹⁷⁵ Stob. Ecl. 2.7.6a.1-11(= Pearson C 72a; SVF 1.552a; Watanabe f 73-74). Watanabe considera um mote cleanteano essa busca de analogia entre o microcosmo e o macrocosmo (ad loc.).

¹⁷⁶ Por exemplo Olymp. In Pl. Gorg. 53-54: “Ζήνων δέ φησιν ὅτι τέχνη ἐστὶ σύστημα ἐκ καταλήψεων συγγεγυμνασμένων πρὸς τι τέλος εὐχρηστον τῶν ἐν τῷ βίῳ” (= SVF 1.73a).

A definição de retórica e do bom orador, “bene dicendi scientiam... bene dicere non possit nisi bonus”¹⁷⁷, não exibem explicitamente. Também se sugere assim consciência da arte aristotélica e do desafio socrático-platônico à pertinência da retórica, pois ambos os filósofos estabelecem parâmetros morais e epistemológicos para a arte do discurso¹⁷⁸, *bene dicere non possit nisi bonus*¹⁷⁹, pois somente o homem virtuoso pode conhecer a arte do discurso. E o virtuoso no caso estoico é o sábio, que sem dúvida é um filósofo (SVF 1.491).

Ao igualar o bom orador ao homem bom, ou seja ao virtuoso e ao sábio em última instância, Cleantes ajuda a fortalecer o cartáter sistemático da doutrina estoica. Por um lado, cria o ponto de contato entre sua retórica e a ética estoica, disciplina donde sai a teoria da virtude e da sabedoria e que estabelece a finalidade da vida filosófica. Sua retórica não tem um plano e definição casuais que pretendem delegar o problema da arte para o debate ético, senão uma posição explícita sobre o que é a verdadeira retórica, moralmente orientada. Uma vez admitida a orientação filosófica da empreitada, então o uso dos recursos de expressão necessariamente se submeterá à causa e à finalidade corretas. Tal maneira de discutir o tema não é invulnerável, primeiro, porque traz para o âmbito de um debate sobre a oratória os problemas que surgem em outro âmbito. Com efeito, se somente o virtuoso, ou seja o sábio, pode ser orador, como atingir tal estado? O progresso moral é possível e como ele se dá no domínio da retórica?

Ao amarrar o orador ideal ao homem ideal, o Pórtico talvez dificulte demais a tarefa de praticar tal arte e de julgar a competência oratória. E não é por outra razão que Cícero julgava de modo tão negativo os escritos estoicos neste ramo da filosofia: “quis obmutescere concupierit, nihil aliud legere debeat”¹⁸⁰.

(b.i) A questão da retórica para Cleantes e do uso que faz dos recursos de expressão verbal tem continuidade em duas vertentes, primeiro no problema da matéria e do propósito das formas literárias; segundo, na análise detida de seus escritos para compreender como ele sua retórica e poética se realizam. Dois textos são de menção obrigatória¹⁸¹, Phld. Mus. 4.col.28.1-22¹⁸² e Sêneca (Epist. 108.8-10). O primeiro deles

¹⁷⁷ Quint. Inst. 2.15.34 (=Pearson C 9; SVF 1.491).

¹⁷⁸ Phdr. 266b 3-5; Rhet.1355a36-38.

¹⁷⁹ Quint. Inst. 2.15.34 (=Pearson C 9; SVF 1.491)

¹⁸⁰ “se alguém desejar manter-se mudo, não deverá ler outra coisa”, Cic. Fin. 4.7 (= SVF 1.492). Cícero também reconhece a contribuição estoica para a retórica, ao reconhecerem uma virtude retórica (De orat. 3.65).

¹⁸¹ São poucos os textos tratando explicitamente da retórica em Cleantes: Quint. Inst. 2.15.34 (= Pearson C 9; SVF 1.491; Watanabe *f* 12(1)); Cic. Fin. 4.7 (= SVF 1.492); Varro. LL 5.9.1-4 SVF 1.485

afirma o seguinte de maneira esquemática: os modelos fornecidos pelas formas artísticas são melhores do que os da forma despojada da prosa filosófica; os modelos fornecidos pelas formas artísticas contem certos recursos, os versos metrificados, as melodias e os ritmos; tais recursos são apropriados para a contemplação das coisas divinas; as intelectões acompanhadas por tais recursos causam o estímulo reforçado.

É uma avaliação explicitamente positiva dos meios empregados pelas formas literárias, o verso, o ritmo, a melodia, e oratórias, a *sententia*, desde que voltados para a matéria adequada e com o fim correto. Os modelos inspirados pelas musas, no entanto, são melhores do que ela, se a matéria é a divina, pois seu meio é tanto exposição de pensamento quanto melodia, ritmo e metro, que unidos causam um estímulo (παρόρμησις) maior com o propósito de alcançar a verdade da contemplação dos assuntos divinos, πρὸς τὴν ἀλήθειαν τῆς τῶν θεῶν θεωρίας¹⁸³. A avaliação é positiva, contudo, o texto de Filodemo não faz Cleantes excluir a prosa filosófica como meio adequado, suficiente.

Discutível é se, para Cleantes, a prosa filosófica é capaz de expor assuntos divinos e humanos (ικανῶς ... ἐξαγγέλλειν... τὰ θεῖα καὶ ἀνθρώπινα), ao passo que somente o modelo das musas alcança a verdade sobre o que é divino¹⁸⁴.

Da maneira como Filodemo expõe, seria afim à teologia uma expressão mais solene, que estimule pelo pensamento nela contido e pelas propriedades poética. Por quê? Uma maneira de justificar essa posição seria a recepção, dentro da doutrina estoica, de toda a religiosidade expressa na tradição religiosa hínica e da épica, como maneira de mitigar a conhecida tensão entre monoteísmo, filosoficamente fundamentado, e politeísmo tradicional.

Outra maneira de defender a solenidade da teologia, não completamente independente da primeira, é recorrer à ordem das disciplinas filosóficas implícita em Cleantes e exposta em uma das obras de Crisipo¹⁸⁵. Das doutrinas física a última, mais elevada é a teológica, comparada a iniciação aos rituais dos mistérios religiosos (dionisíacos, órficos, pitagóricos). O caráter psicagógico, já por si comum aos escritos religiosos, p.ex. proverbiais e sapienciais, também comum à literatura gnômica ou didática, deve servir como exortação ao estudo e à religiosidade. Com a direção moral

¹⁸² Pearson C 49; SVF 1.486; Watanabe f 5.

¹⁸³ Phld. Mus. 4.col.28.1-22 (=Pearson C 49; SVF 1.486; Watanabe f 5).

¹⁸⁴ “τοῦ [λόγ]ου τοῦ τῆς φιλοσοφίας ικανῶς μὲν ἐξαγγ[γ]έλλειν δυναμένου τὰ θεῖα καὶ | ἀ[ν]θ[ρ]ώ[π]ιν[α]”

¹⁸⁵ DL 7.40-41 + SVF 2.42

correta, a expressão metrificada é capaz de uma exposição reforçada da verdade humana e divina, i.e. o cerne da sabedoria.

A citação de Filodemo sugere que o estímulo reforçado também gera algum afeto. No entanto, não se deve considerar que o objetivo é gerar uma emoção ou paixão comum. A carta 108 de Sêneca diz algo sobre variação de dicção e uso de figuras ao compor um texto em prosa. Ao fazê-lo, contudo, Sêneca também diz algo a respeito da composição verbal tipicamente metrificada. Sêneca remete ao argumento cleanteano que correlaciona a clareza do som causada pela estrutura de uma tuba produzido por nosso sopro à clareza de sentido produzida pela articulação exigente do poema. Não se trata somente de amplificar o som e o sentido de uma palavra, intensificá-lo, senão de modificá-lo. O filósofo provavelmente está se referindo ao fato de o mero sopro, por causa da estrutura do trompete, e da técnica do trompetista, se tornar uma nota musical nítida, portanto, deixa de ser indiferente ou comum ao ouvido e para o ouvinte, ganhando as propriedades de uma nota musical articulada capaz de impactar individualmente e de estabelecer uma relação com outras notas.

Do mesmo modo, uma noção (*sensus*), por causa das rigorosas regras impostas ao poema, e da arte do poeta, deixa de ser indeterminado e se torna preciso, e também parece assumir as propriedades de articulação e impacto sobre o ouvinte. A chave para compreender o que justifica o uso desse recurso é dupla: o esforço do poeta ou de quem se utiliza da poesia e o estímulo que a poesia é capaz de criar.

Pode soar paradoxal dizer que uma noção exposta em um poema se torne mais precisa do que por meios alternativos, ou seja pela prosa, porém no contexto de discussão de epístola 108, o verso não substitui a prosa, ele deve estimular as tendências naturais à virtude com uma verdade veiculada por uma expressão artística, o que garante seu efeito psicagógico (*efficit*)¹⁸⁶. A princípio, qualquer matéria pode ganhar um efeito necessário para estimular a audição e o discernimento alheio; por outro lado, a variação de ritmo e dicção são a lição a ser retirada de Sêneca, e não a exposição contínua de filosofia por versos, o que nem ele mesmo tentou. Para Cleantes, a prosa filosófica é sem dúvida capaz de expor assuntos divinos e humanos (ἰκανῶς ... ἐξαγγέλλειν... τὰ θεῖα καὶ ἀνθρώπινα)

Em nenhum caso se pode esquecer a definição de retórica do próprio filósofo, dada acima, que serviria como garantia de que somente existe um fim para a arte retórica:

¹⁸⁶ Tais tendências são como pés ou metros iâmbos pela metade (SVF 1.566)

aquele correspondente ao do homem bom, o sábio, ou seja, a virtude, a sabedoria, conhecimento das coisas humanas e divinas. (b.ii) No corpus de textos literários de Cleantes, há uma variedade notável de formas e de recursos: tem-se o uso de descrições moralizantes (ἐκφορᾶσις)¹⁸⁷, máximas, poemas em metros variados, hinos um curto e um mais longo.

Os fragmentos também estão marcados por hipérboles e alegorias religiosas, que não devem escamotear o propósito psicagógico, sem dúvida, mas também protréptico e moralizante:

Cleantes (...) dizia que os deuses eram figuras místicas (*mystikà*) e apelações sagradas, e declarava que o Sol era o porta-tocha ritual, dizia que o universo é um ritual religioso secreto (*mystérion*) e os devotos dos deuses são os iniciados. (SVF 1.538)

(...) muitos se tornam intérpretes de Homero e sacristãos, muitos se tornam servidores de Hesíodo, como já o próprio Crisipo e Zenão e Cleantes, e o coral inteiro oriundo do Liceu e da Academia se torna em breve uma linha cerrada a falar sem medida da sabedoria antiga, não da que é comum nem da que revolve em torno da boa medida, senão da que é rara e secreta, algo frágil e evanescente, enterrado por um período no escuro, e que move e levanta como se oriunda do Hades, e tais outras também vos põem em riste as melhores estátuas das Musas. (Ad SVF Cl.vit.40)

Em relação aos oriundos do Pórtico, eles também dizem começar pelos temas de lógica, e os de ética estão em segundo; por último na ordem eles postaram a física. (...) Por último, se traz a teoria física, pois ela é a mais divina (*theiotéra*) e demanda de atenção mais profunda. (Ad SVF Cl.vit.50)

Cleantes não aparece desacompanhado no segundo texto. São três exemplos que expõem o uso do vocabulário religioso para promover um certo temo e distanciamento, ao mesmo tempo em que reforça o senso de comunidade (secreta) e de adesão. O uso de figuras de símiles de origem religiosa, e especialmente os oriundos dos mistérios, podem ser vistos com esse propósito solene em mente: a filosofia. O uso da expressão ritmada e metrificada vem coadjuvar o estudo de um objeto solene: “não há recompensa maior para os humanos, /Nem para os deuses, do que sempre a lei comum com justiça hinear” (SVF 1.537, v.38-39).

¹⁸⁷ SVF 1.553ab

IV. Ética

108. Phld. Stoic.Hist. col.22

SVF 1.471

//... [ἐ]πιτρέπειν χρῆ[σθ]αι· διαλέξασθαι δὲ [καὶ] πρὸς Ἀ[ρ]κεσίλαν καὶ /SVF1.471
π[λ]εῖστον μέρος εὐημ[ε]ρίας ἔ[ν]ειναι <εἰπεῖν>, σκοπεῖν [τὰ] κ[α]θ'
αὐτόν. καὶ συν[ε]ιπὸν[τι] δὲ Ἀρκεσίλα τὴν γνώ[μ]ην ὑποδείξει καὶ μη[δ]ὲν
ἀμφοτέρους [μηδὲ] περὶ τὸν Σωσίθεον πολυπρα[γ]μονεῖν. ἦν δὲ ἐκεῖνοις \\
Aparato

1 δὲ [π]ρὸς Croenert : δε[ῖν] π[ρὸς] Comparetti 2 εἶναι <εἰπεῖν> Gallo | σκοπεῖν [τινα] τὰ Arnim 9 τοῦς
Comparetti

Tradução

// ... para que pudesse voltar a frequentar a escola; Cleantes conversou com Arcesilau e /SVF1.471
disse “a parte mais importante do bem-estar reside toda nisto: focar as coisas de acordo
consigo”. E estando de acordo Arcesilau, Cleantes apresentou sua opinião e nenhum dos
dois se intrometeu no relativo a Sositeu. Havia para eles... \\
Comentário

c. “σκοπεῖν τὰ καθ' αὐτόν” é uma locução interessante e não foi encontrado comentário específico sobre seu
significado.

109. Stob. Ecl. 2.7.6a.1-11

Ar.Did. De phil.sec. 69.col.1.20; Pearson C 72a; SVF 1.552a; Watanabe f 73(a³)

⚭ Τὸ δὲ τέλος ὁ μὲν Ζήνων οὕτως ἀπέδωκε· “τὸ ὁμολογουμένως ζῆν”. ^{w 73(a³)}
τοῦτο δ' ἐστὶ καθ' ἓνα λόγον καὶ σύμφωνον ζῆν, ὥς τῶν μαχομένως ζώντων
κακοδαιμονούντων. Οἱ δὲ μετὰ τοῦτον προσδιαρθροῦντες οὕτως ἐξέφερον
“ὁμολογουμένως τῇ φύσει ζῆν” ὑπολαβόντες ἔλαττον εἶναι κατηγορήμα τὸ
ὑπὸ τοῦ Ζήνωνος ῥηθέν. ^{o C 72a} // Κλεάνθης γὰρ πρῶτος διαδεξάμενος αὐτοῦ
τὴν αἵρεσιν προσέθηκε ‘τῇ φύσει’ καὶ οὕτως ἀπέδωκε· ‘τέλος ἐστὶ τὸ
ὁμολογουμένως τῇ φύσει ζῆν’. \\
^{o C 72a} // Ὅπερ ὁ Χρύσιππος σαφέστερον
βουλόμενος ποιῆσαι, ἐξήνεγκε τὸν τρόπον τοῦτον· “ζῆν κατ' ἐμπειρίαν τῶν
φύσει συμβαινόντων”. ^{/SVF1.552a} ⚭

Tradução

⚭ Zenão da seguinte maneira estabeleceu a finalidade da vida: “o viver de acordo”. Ou ^{w 73(a³)}
seja, em uma palavra, viver em consonância, porque os que vivem em peleja são infelizes
(*kakodaimonoúntôn*). Os que depois dele quiseram detalhar a definição, explicitaram-na
do seguinte modo: “viver de acordo com a natureza” supondo ser demasiado pequeno o
predicado (*katêgórêma*) declarado por Zenão. ^{o C 72a} // Cleantes, o primeiro a sucedê-lo na
escola, adicionou o ‘com a natureza’ e deste modo a explicava: a finalidade é o viver de
acordo com a natureza. \\
^{o C 72a} // O mesmo esforço que Crisipo, desejando ser mais claro, fez.
Explicitou-o deste modo: “viver conforme a experiência das coisas que acontecem por
natureza”. ^{/SVF1.552a} ⚭

110. DL 7.87-89

[[§ 87 διόπερ πρώτος // ὁ Ζήνων ἐν τῷ “Περὶ ἀνθρώπου φύσεως” /SVF 1.552b
τέλος εἶπε τὸ ὁμολογουμένως τῇ φύσει ζῆν· ὅπερ ἐστὶ κατ’ ἀρετὴν ζῆν· /LS 63C
ἄγει γὰρ πρὸς ταύτην ἡμᾶς ἡ φύσις· ὁμοίως δὲ καὶ Κλεάνθης ἐν τῷ “Περὶ
ἡδονῆς” \\ καὶ Ποσειδώνιος καὶ Ἑκάτων ἐν τοῖς “Περὶ τελῶν”. § 87 /f73(a²)
[5] // πάλιν δ’ ἴσον ἐστὶ τὸ κατ’ ἀρετὴν ζῆν τῷ κατ’ ἐμπειρίαν τῶν φύσει /BS 23.1
συμβαινόντων ζῆν, ὥς φησι Χρύσιππος ἐν τῷ πρώτῳ Περὶ τελῶν· μέρος
γὰρ εἰσιν αἱ ἡμέτεραι φύσεις τῆς τοῦ ὅλου. § 88 διόπερ τέλος γίνεται τὸ
ἀκολουθῶς τῇ φύσει ζῆν, ὅπερ ἐστὶ κατὰ τε τὴν αὐτοῦ καὶ κατὰ τὴν τῶν
ὄλων, οὐδὲν ἐνεργοῦντας ὧν ἀπαγορεύειν εἴωθεν ὁ νόμος ὁ κοινός, ὅσπερ
[10] ἐστὶν ὁ ὀρθὸς λόγος, διὰ πάντων ἐρχόμενος, ὁ αὐτὸς ὧν τῷ Δί,
καθηγεμόνι τούτῳ τῆς τῶν ὄντων διοικήσεως ὄντι. εἶναι δ’ αὐτὸ τοῦτο τὴν
τοῦ εὐδαίμονος ἀρετὴν καὶ εὐροίαν βίου, ὅταν πάντα πράττηται κατὰ τὴν
συμφωνίαν τοῦ παρ’ ἐκάστῳ δαίμονος πρὸς τὴν τοῦ ὅλου διοικητοῦ
βούλησιν. \\ ὁ μὲν οὖν Διογένης τέλος φησὶ ῥητῶς τὸ εὐλογιστεῖν ἐν τῇ /LS 59J
τῶν [15] κατὰ φύσιν ἐκλογῇ. // [[Ἀρχέδημος δὲ τὸ πάντα τὰ καθήκοντα /SVF
ἐπιτελοῦντα ζῆν.]] \\ 3.ArchT.19
§ 89 ° // § 89 φύσιν δὲ Χρύσιππος μὲν ἐξακούει, ἣ ἀκολουθῶς δεῖ ζῆν, τὴν ° C 73.1
τε κοινὴν καὶ ἰδίως τὴν ἀνθρωπίνην· \\ ὁ δὲ Κλεάνθης τὴν κοινὴν μόνην /SVF 1.555
ἐκδέχεται φύσιν, ἣ ἀκολουθεῖν δεῖ, οὐκέτι δὲ καὶ τὴν ἐπὶ μέρος. }} § 89 /SVF 3.4b
° f74

Tradução

[[§ 87 é por isso que // Zenão em seu “Sobre a natureza humana”, que o fim é o viver /SVF 1.552b
em de acordo com a natureza. O que significa precisamente viver conforme a virtude; pois /LS 63C
a natureza nos conduz em sua direção; Cleantes em seu livro “Sobre o prazer” também se ° f73(a²)
exprime de mesmo modo \\ assim como Posidônio e Hecátion em seus livros “Sobre o /BS 23.1
fim”. § 87
// Dito de outro modo o viver conforme a virtude é igual a viver conforme a experiência /SVF 3.4a
das coisas que acontecem por natureza, como Crisipo diz no primeiro livro de seu “Sobre
os fins”, pois nossas naturezas são parte da (natureza) do universo. § 88 É por isso que o
fim vem a ser o viver seguindo a natureza, ou seja conforme a natureza particular e
conforme aquela universal, nada realizando do que só ser proibido pela lei comum, ou
seja é a reta razão perpassando tudo. Ela é igual a Zeus, o qual é o responsável pela
administração do que existe. Isso é o mesmo que a virtude do (homem) feliz e um bom
fluir da vida, quando tudo seja feito em sintonia com o nume que está junto de cada um e
em prol da vontade do administrador do todo. \\ Diógenes, portanto, afirma ser o fim o
raciocinar bem ao selecionar as coisas conforme a natureza. // [[Arquedemo diz, por outro /LS 59J
lado, que é o viver realizando plenamente todas as incumbências.]] \\ /SVF 3.Arc19
§ 89 ° // § 89 Crisipo então entende 'natureza', segundo a qual é preciso viver, tanto a ° C 73.1
comum como especificamente a humana; \\ Cleantes, por outro lado, aceita só a natureza /SVF 1.555
comum, a qual é preciso seguir, sem se referir também à natureza particular. }} § 89 /SVF 3.4b
° f74

Comentário

d. o fragmento Pearson C 73.1 continua em SVF 1.555

111. Stob. Ecl. 2.7.6e.1-18

¹⁸⁸ LS (v. 2: 361) “**59 Proper functions** (...) **J** Diogenes Laertius 7.88 (SVF 3 Archedemus **20**, part)” (sic)
– grifo nosso

// [[Τέλος δέ φασι εἶναι τὸ εὐδαιμονεῖν, οὗ ἕνεκα πάντα πράττεται, αὐτὸ δὲ πράττεται μὲν οὐδενὸς δὲ ἕνεκα· τοῦτο δὲ ὑπάρχειν ἐν τῷ κατ' ἀρετὴν ζῆν, ἐν τῷ ὁμολογουμένως ζῆν, ἔτι, ταυτοῦ ὄντος, ἐν τῷ κατὰ φύσιν ζῆν. Τὴν δὲ εὐδαιμονίαν ὁ Ζήνων ὠρίσατο τὸν τρόπον τοῦτον· °° // “εὐδαιμονία [5]δ' ἐστὶν εὐροία βίου”. κέχρηται δὲ καὶ Κλεάνθης τῷ ὄρω τούτῳ ἐν τοῖς ἑαυτοῦ συγγράμμασι καὶ ὁ Χρύσιππος καὶ οἱ ἀπὸ τούτων πάντες, τὴν εὐδαιμονίαν εἶναι λέγοντες οὐχ ἑτέραν τοῦ εὐδαίμονος βίου, καίτοι γε λέγοντες τὴν μὲν εὐδαιμονίαν σκοπὸν ἐκκεῖσθαι, τέλος δ' εἶναι τὸ τυχεῖν τῆς εὐδαιμονίας, ὅπερ ταυτὸν εἶναι τῷ εὐδαιμονεῖν.]] \ \ °° Δῆλον οὖν ἐκ [10]τούτων, ὅτι ἰσοδυναμεῖ ‘τὸ κατὰ φύσιν ζῆν’ καὶ ‘τὸ καλῶς ζῆν’ καὶ ‘τὸ εὖ ζῆν’ καὶ πάλιν ‘τὸ καλὸν κάγαθόν’ καὶ ‘ἡ ἀρετὴ καὶ τὸ μέτοχον ἀρετῆς’· καὶ ὅτι πᾶν ἀγαθὸν καλόν, ὁμοίως δὲ καὶ πᾶν αἰσχρὸν κακόν· δι' ὃ καὶ τὸ Στωικὸν τέλος ἴσον δύνασθαι τῷ κατ' ἀρετὴν βίῳ. \ \

/ SVF 3.16
[LS 63A]

° C 74a
/SVF 1.554a

Tradução

// [[Eles dizem que a finalidade (da vida) é ser feliz (*eudaimoeîn*). Tudo o mais é feito tendo, a em vista, ao passo que ela não é feita tendo em vista outra coisa: ela está no viver segundo a virtude, no viver de acordo, e ainda – o que é a mesma coisa –, no viver segundo a natureza. Zenão definiu a felicidade (*eudaimonía*) do seguinte modo: °° // “a felicidade é bom fluir da vida”. Cleantes também fez uso dessa definição em seus próprios livros e Crisipo e todos o que os seguiram, falando que a felicidade não é outra coisa senão a vida feliz, e declarando colocar a felicidade como foco, bem como ser o fim o encontrar a felicidade, o que é exatamente a mesma coisa que ‘ser feliz’.]] \ \ °° A partir disso é evidente, portanto, que ‘viver conforme a natureza’ é equivalente a ‘viver corretamente’ e a ‘viver bem’. E por outro lado se equivalem o ‘belo e bom’ (*τὸ καλὸν κάγαθόν*) e a ‘virtude e o que participa da virtude’. Porque tudo o que é bom é correto, do mesmo modo que tudo o que é vicioso é mal; por isso também a finalidade (da vida) estoica (é) igual a ser capaz para a vida segundo a virtude. \ \

/ SVF 3.16
[LS 63A]

° C 74a
/SVF 1.554a

112. SE. AM 11.30.9-11

Pearson C 74b; SVF 1.554b

°° // εὐδαιμονία δέ ἐστιν, ὥς οἱ τε περὶ τὸν Ζήνονα καὶ Κλεάνθην καὶ Χρύσιππον ἀπέδοσαν, εὐροία βίου. \ \ °°

° C 74b
/SVF 1.554b

Tradução

°° // como dizem os que seguem Zenão, Cleantes e Crisipo, a felicidade é um bom fluir da vida (*eúroia bíou*) \ \ °°

° C 74b
/SVF 1.554b

113. Cic. Fin. 2.69.3-15

Pearson C 90; SVF 1.553a

°° // pudebit te illius tabulae, quam Cleanthes sane commode verbis depingere solebat. iubebat eos, qui audiebant, secum ipsos cogitare pictam in tabula Voluptatem, pulcherrimo vestitu et ornatu regali in solio sedentem; praesto esse Virtutes ut ancillulas, quae nihil aliud agerent, nullum suum officium ducerent, nisi ut Voluptati ministrarent et eam tantum ad aurem admonerent, si modo id pictura intellegi posset, ut

° C 90a
/SVF 1.553a

caveret, ne quid faceret imprudens, quod offenderet animos hominum, aut quicquam, e quo oreretur aliquis dolor. “nos quidem Virtutes sic natae sumus, ut tibi serviremus; aliud negotii nihil habemus.” \ \ °°

Tradução

°° // Envergonhar-te-ás do quadro, aquele que Cleantes muito comodamente soía traçar em palavras? Mandava os que o ouviam imaginar um quadro consigo mesmos, em que o Prazer estivesse pintado, com vestes lindíssimas e adereços dignos de um rei, sentado em um trono. À sua disposição havia as virtudes, como empregadinhas, as quais nada fariam, nenhuma de suas incumbências cumpririam, senão para acudirem o Prazer e para aconselharem, no à orelha, se de fato a pintura pode ser entendida, de modo que ele estivesse atento para não fazer algo imprudente, porque feriria as almas dos homens, ou qualquer coisa que desse origem a alguma dor. “Nós, virtudes, nascemos para te servir. Nenhuma outra ocupação nos interessa” \ \ °°

° C 90a
/SVF 1.553a

114. August. CD 5.20

Pearson C 90b; SVF 1.553b

°° // Solent philosophi, qui finem boni humani in ipsa virtute constituunt, ad ingerendum pudorem quibusdam philosophis, qui virtutes quidem probant, sed eas voluptatis corporalis fine metiuntur et illam per se ipsam putant adpetendam, istas propter ipsam, tabulam quandam verbis pingere, ubi voluptas in sella regali quasi delicata quaedam regina considat, eique virtutes famulae subiciantur, observantes eius nutum, ut faciant quod illa imperaverit; quae prudentiae iubeat, ut vigilanter inquirat, quo modo voluptas regnet et salva sit; iustitiae iubeat, ut praestet beneficia, quae potest, ad comparandas amicitias corporalibus commodis necessarias, <et> nulli faciat iniuriam, ne offensis legibus voluptas vivere secura non possit; fortitudini iubeat, ut si dolor corpori acciderit, qui non compellat in mortem, teneat dominam suam, id est voluptatem, fortiter in animi cogitatione, ut per pristinorum deliciarum suarum recordationem mitiget praesentis doloris aculeos; temperantiae iubeat, ut tantum capiat alimentorum et si qua delectant, ne per immoderationem noxium aliquid valetudinem turbet et voluptas, quam etiam in corporis sanitate Epicurei maximam ponunt, graviter offendatur. ita virtutes cum tota suae gloria dignitatis tanquam imperiosae cuidam et inhonestae mulierculae servient voluptati; nihil hac pictura dicunt esse ignominiosius et deformius et quod minus ferre bonorum possit aspectus; et verum dicunt. \ \ °°

° C 90b
/SVF 1.553b

Tradução

°° // Alguns filósofos [estóicos] estabelecem como fim para o ser humano excelente a virtude mesma. Eles costumam pintar com palavras um quadro para impingir alguma vergonha a outros filósofos. Esses decerto aprovam as virtudes, mas as comparam ao fim (medido) segundo os prazeres corporais, ao passo que os primeiros consideram que deve ser buscado por si mesmo, e os últimos (os prazeres) como consequência dele. Nesse quadro, onde o prazer está sentado em um trono real como se fosse um rei de certo modo refinado, e as virtudes se lhe submetem como fâmulas, servindo-o ao menor sinal, para que façam o que ele ordenar. Ele manda a prudência investigar diligentemente por qual modo o prazer deve reinar e estar a salvo. À justiça manda que conceda os benefícios que pode, para tratar igualmente amizades. Isso para evitar que o prazer não possa viver sem se preocupar, caso as regras sejam quebradas. À coragem manda – caso uma dor que não seja mortal recaia sobre o corpo – que mantenha corajosamente seu amor em mente, ou seja o prazer. Desse modo, pela lembrança de suas antigas delícias, ela diminui os efeitos

° C 90b
/SVF 1.553b

da pungência da dor presente. À temperança ele manda pegar a quantidade certa de cada alimento, ainda que lhe seja um deleite, para evitar que – pela imoderação – algum efeito deletério turbe sua integridade e o prazer seja gravemente comprometido. Os epicuristas o instituem como o valor máximo para a sanidade do corpo. Assim as virtudes, com toda glória de sua dignidade, servem ao prazer como a um rapazinho de certo modo imperioso e desonesto. Eles dizem que nada é mais ignominioso e deformado do que essa pintura e (nada) pode ser menos aturado pelo olhar dos homens bons; e dizem a verdade. \\ °°

Comentário

b. 1553b e a são um conjunto de passagens indicando a recusa a crítica cleanteana ao prazer como finalidade governando a vida, nesse sentido os textos disponíveis se subdividem entre a recusa exemplar do próprio filósofo ao prazer e o elogio do labor (SVF 1.463a, 1.600, 1.611ab), e tentativas de persuadir, em que alguma figura é utilizada ou em que a argumentação completa não está exposta (SVF 1.553ab, 1.556, 1.574).

c. Ambos os textos, SVF 1.553ab, podem ser considerados de duas maneiras, primeiramente, no contexto das ecfrases estoicas¹⁸⁹ com finalidade moralizante e protreptica (SVF 1.24, 2.1074), em segundo lugar, dentro do conjunto de textos que visam a crítica ao prazer como um bem.

d. É o único caso em que von Arnim desrespeita o próprio princípio e cita por extenso um fragmento por afinidade meramente da ecfrase transmitida, que claramente remete a Cícero.

115. Stob. Ecl. 3.6.66

Pearson C 89; SVF 1.556, Watanabe f 77

°° // ὦ Κλεάνθης ἔλεγεν, εἰ τέλος ἐστὶν ἡ ἡδονή, πρὸς κακοῦ τοῖς ἀνθρώποις τὴν φρόνησιν δεδόσθαι. ὦ \\ °°
° C 89
/SVF 1.556
w f 77

Tradução

°° // ὦ Cleantes dizia: se o fim é o prazer, a prudência (*phrónēsin*) foi legada aos homens para seu mal. ὦ \\ °°
° C 89
/SVF 1.556
w f 77

Comentário

b. SVF 1.556 pode ser lido com o conjunto SVF 1.553ab

c. O fragmento deve ser lido em oposição às escolas de pensamento que estabeleciam o prazer como a finalidade da vida, nomeadamente os cirenaicos, por exemplo em DL 2.86.7-87.9 (“δύο πάθη ὑφίσταντο, πόνον καὶ ἡδονήν, τὴν μὲν λείαν κίνησιν, τὴν ἡδονήν, τὸν δὲ πόνον τραχεῖαν κίνησιν... ἡδονὴν μέντοι τὴν τοῦ σώματος, ἣν καὶ τέλος εἶναι ... τέλος μὲν γὰρ εἶναι τὴν κατὰ μέρος ἡδονήν, εὐδαιμονίαν δὲ τὸ ἐκ τῶν μερικῶν ἡδονῶν σύστημα”) e epicuristas (“τὴν ἡδονὴν ἀρχὴν καὶ τέλος λέγομεν εἶναι τοῦ μακαρίως ζῆν”, Ep.Men. 128.11-12; “Ὅταν οὖν λέγωμεν ἡδονὴν τέλος ὑπάρχειν, οὐ τὰς τῶν ἀσώτων ἡδονὰς καὶ τὰς ἐν ἀπολαύσει κειμένας λέγομεν...” idem 133.8-9)

d. É de se notar que a palavra φρόνησις em certos textos estoicos é utilizada para definir as demais virtudes cardeais, como gênero, de certo modo se igualando a σοφία (Plut. SR 1034c6-e1 = SVF 1.200, 1.563a), sabedoria, virtude mais elevada no sistema estoico. Um exemplo dessa identificação está na Suda, embora sem a identificação clara de uma escola (‘Ἀρετή’, alpha 3830¹⁹⁰); deve-se considerar aqui este significado mais forte, o que torna mais aguda a oposição aos epicuristas.

116. Clem. Prot. 6.72. 2.11

Pearson C 75a, C 101b; SVF 1.557a, 1.560b; Festa 4; LS 60Q

°° // Κλεάνθης δὲ ὁ Ἀσσεύς, ὁ ἀπὸ τῆς Στοᾶς φιλόσοφος, ὃς οὐ θεογονίαν ποιητικὴν, θεολογίαν δὲ ἀληθινὴν ἐνδείκνυται, οὐκ ἀπεκρύψατο τοῦ θεοῦ περί ὅτι περ εἶχεν φρονῶν·
[[τὰγαθὸν ἐρωτᾷς μ' οἶον ἔστ'; ἄκουε δὴ·
τεταγμένον, δίκαιον, ὅσιον, εὐσεβές,
κρατοῦν ἑαυτοῦ, χρήσιμον, καλόν, δέον,
αὐστηρόν, αὐθέκαστον, αἰεὶ συμφέρον,
[LS 60Q]

¹⁸⁹ Brancacci, 2015, p. 421-440.

¹⁹⁰ “οἱ δὲ περὶ Ποσειδώνιον δ', οἱ δὲ πλείονας, οἱ δὲ μίαν, τὴν φρόνησιν”

ἄφοβον, ἄλυπον, λυσιτελές, ἀνώδυνον,
 ὠφέλιμον, εὐάρεστον, ἀσφαλές, φίλον,
 ἔντιμον, εὐχάριστον, ὁμολογούμενον,
 εὐκλές, ἄτυφον, ἐπιμελές, πρᾶον, σφοδρόν,
 χρονιζόμενον, ἄμεμπτον, αἰεὶ διαμένον.]] \ \ °°
 °°// Ἀνελεύθερος πᾶς ὅστις εἰς δόξαν βλέπει,
 ὥς δὴ παρ' ἐκείνης τευξόμενος καλοῦ τινος. \ \ °°
 Ἐνταῦθα δὴ σαφῶς, οἶμαι, διδάσκει ὁποῖός ἐστιν ὁ θεός, καὶ ὥς ἡ δόξα ἢ
 κοινὴ καὶ ἡ συνήθεια τοὺς ἐπομένους αὐταῖν, ἀλλὰ μὴ τὸν θεὸν
 ἐπιζητοῦντας, ἐξανδραποδίζεσθον.

° C 101b
 /SVF 1.560b

Tradução

°° // Cleantes de Assos, o filósofo da Estoá, o qual não expôs uma teogonia poética, mas a
 teologia verdadeira, ante deus desvelou as razões por que ser prudente: ° C 75
 /SVF 1.557a
 [[o bem, me perguntas, o que é? Ouve atento:
 prescrito, justo, piedoso, religioso,
 dominado por si, útil, belo, devido,
 austero, franco, sempre vantajoso,
 destemido, indolor, proveitoso, anódino,
 benéfico, agradável, firme, amigo,
 honroso, agradecido, concordante,
 glorioso, modesto, extremoso, calmo, robusto,
 tempestivo, inocente, sempre permanente.]] \ \ °°
 °°// é não-livre todo aquele que mira a fama,
 como se junto dela se atingisse algum bem. \ \ °°
 Parece-me, decerto, que a partir daí ensina claramente como deus é e que, sem
 perscrutarem a deus, a opinião comum e o costume fazem escravos dos que seguem a
 ambas.

° C 101b
 /SVF 1.560b

Comentário

d. Nove trítmetros iâmbicos, compostos por vinte e nove adjetivos do bem, ligados de maneira assindética (Thom, 2005: 121-2). Cf. Stob.Ecl.2.7.5a (= SVF 3.70)

117. Clem. Strom. 5.14.110.2.1-111.1.4

Pearson C 75b, C 101a; SVF 1.557b, 1.560a; Watanabe f 81(a¹)

°° // Κλεάνθους τε τοῦ Στωϊκοῦ ἔν τινι ποιήματι περὶ τοῦ θεοῦ ταῦτα ° C 75b
 γεγραφότος: /SVF 1.557b
 τὰγαθὸν ἐρωτᾷς με οἷόν ἐστ'; ἄκουε δὴ·
 τεταγμένον, δίκαιον, ὅσιον, εὐσεβές,
 κρατοῦν ἑαυτοῦ, χρήσιμον, καλόν, δέον,
 αὐστηρόν, αὐθέκαστον, ἀεὶ συμφέρον,
 ἄφοβον, ἄλυπον, λυσιτελές, ἀνώδυνον,
 ὠφέλιμον, εὐάρεστον, ὁμολογούμενον,
 εὐκλές, ἄτυφον, ἐπιμελές, πρᾶον, σφοδρόν,
 χρονιζόμενον, ἄμεμπτον, αἰεὶ διαμένον. \ \ °°
 °° // ᾯ ὁ δὲ αὐτὸς κατὰ τὸ σιωπώμενον τὴν τῶν πολλῶν διαβάλλων
 εἰδωλολατρίαν ἐπιφέρει:
 ἀνελεύθερος πᾶς ὅστις εἰς δόξαν βλέπει,
 ὥς δὴ παρ' ἐκείνης τευξόμενος καλοῦ τινος. ᾯ \ \ °°
 ° C 101a
 /SVF 1.560a
 ° f 81(a¹)

Tradução

°° // Cleantes, o estoico, foi o escritor destas coisas em um poema sobre deus:
o bem, me perguntas, o que é? Ouve atento:
prescrito, justo, piedoso, religioso,
dominado por si, útil, belo, devido,
austero, franco, sempre vantajoso,
destemido, indolor, proveitoso, anódino,
benéfico, agradável, concordante,
glorioso, modesto, extremoso, calmo, robusto,
tempestivo, inocente, sempre permanente.

° C 75
/SVF 1.557b

°° // Ξ ele mesmo tacitamente afirma, condenando a idolatria da maioria:
é não-livre todo aquele que mira a fama,
como se junto dela se atingisse algum bem. Ξ \\ °°

° C 101a
/SVF 1.560a
° f 81(a')

Comentário

b. Ecoa os versos quase perfeitamente de SVF 1.557a, omitindo o grupo de adjetivos ἀσφαλές, φίλον, ἔντιμον, de modo que ὁμολογούμενον segue diretamente εὐάρεστον.

118. Eus. PE. 13.13.37.-38.4

Pearson C 75c, C 101b; SVF 1.557c, 1.560b; Watanabe f 78(a³), f 81(a³)

°° // Κλεάνθους τε τοῦ Στωϊκοῦ ἔν τινι ποιήματι περὶ τοῦ θεοῦ ταῦτα
γεγραφότος ἄκουε·

° C 75c
/SVF 1.557c

τάγαθὸν ἐρωτᾷς μ[ε] οἷόν ἐστ'; ἄκουε δὴ·
τεταγμένον, δίκαιον, ὅσιον, εὐσεβές,
κρατοῦν ἑαυτοῦ, χρήσιμον, καλόν, δέον,
αὐστηρόν, αὐθέκαστον, ἀεὶ συμφέρον,
ἄφοβον, ἄλυπον, λυσιτελές, ἀνώδυνον,
ὠφέλιμον, εὐάρεστον, ἀσφαλές, φίλον,
ἔντιμον, ὁμολογούμενον,
εὐκλεές, ἄτυφον, ἐπιμελές, πρᾶον, σφοδρόν,
χρονιζόμενον, ἄμεμπτον, ἀεὶ διαμένον. \\

°° // ὁ δὲ αὐτὸς κατὰ τὸ σιωπώμενον τὴν τῶν πολλῶν διαβάλλων
εἰδωλολατρίαν ἐπιφέρει·

° C 101c
/SVF 1.560c

ἀνελεύθερος πᾶς ὅστις εἰς δόξαν βλέπει,
ὥς δὴ παρ' ἐκείνης τευζόμενός τινος καλοῦ. \\ °°

Tradução

°° // Cleantes, o estoico, foi o escritor destas coisas em um poema sobre deus:
o bem, me perguntas, o que é? Ouve atento:
prescrito, justo, piedoso, religioso,
dominado por si, útil, belo, devido,
austero, franco, sempre vantajoso,
destemido, indolor, proveitoso, anódino,
benéfico, agradável, firme, amigo,
honroso, concordante,
glorioso, modesto, extremoso, calmo, robusto,
tempestivo, inocente, sempre permanente.

° C 75c
/SVF 1.557c

°° // ele mesmo tacitamente afirma, condenando a idolatria da maioria:
é não-livre todo aquele que mira a fama,
como se junto dela se atingisse algum bem. \\ °°

° C 101c
/SVF 1.560c

Comentário

b. A diferença entre SVF 560a-c está nos versos 6-7 do poema;

119. Clem. Strom. 2.22.131.3-4

Pearson C 77a; SVF 1.558a

°° // διὸ καὶ Κλεάνθης ἐν τῷ δευτέρῳ “Περὶ ἡδονῆς” τὸν Σωκράτην φησὶ παρ' ἑκάστα διδάσκειν, ὥς ὁ αὐτὸς δίκαιός τε καὶ εὐδαίμων ἀνὴρ, καὶ τῷ πρώτῳ διελόντι τὸ δίκαιον ἀπὸ τοῦ συμφέροντος καταρᾶσθαι, ὥς ἀσεβὲς τι πρᾶγμα δεδρακότι· ἀσεβεῖς γὰρ τῷ ὄντι οἱ τὸ συμφέρον ἀπὸ τοῦ δικαίου τοῦ κατὰ νόμον χωρίζοντες. \\ °°

° C 77a
/SVF 1.558a

Tradução

°° // É por isso também Cleantes no segundo livro de seu "Sobre o prazer" afirma que Sócrates em cada coisa ensina, que o homem justo e feliz são o mesmo sujeito, e execrou o primeiro a separar o justo do vantajoso, por ter empreendido um feito ímpio, pois as pessoas ímpias são as que separam o útil do justo, no sentido de conforme à lei. \\ °°

° C 77
/SVF 1.558a

Comentário

b. A obra “Sobre o prazer” é mencionada em SVF 1.481.

d. Toma-se a expressão 'τοῦ κατὰ νόμον' como explicação de 'τοῦ δικαίου'.

120. Cic. Of. 3.11.4-12.1

Pearson C 77b; SVF 1.558b

Nam, sive honestum solum bonum est, ut Stoicis placet, sive, quod honestum est, id ita summum bonum est, quemadmodum Peripateticis vestris videtur, ut omnia ex altera parte collocata vix minimi momenti instar habeant, dubitandum non est quin numquam possit utilitas cum honestate contendere.

° C 77b
/SVF 1.558b

°° // Itaque accepimus Socratem execrari solitum eos, qui primum haec natura cohaerentia opinione distraxissent. Cui quidem ita sunt Stoici assensi, ut et, quicquid honestum esset, id utile esse censerent, nec utile quicquam, quod non honestum. \\ °°

Tradução

Por isso se somente a virtude é o bem, como apetece aos estoicos, ou se, como aos vossos peripatéticos parece, a virtude é um bem em grau tão mais elevado, que todas as demais coisas postas no outro lado da balança dificilmente tenham qualquer valor, não se deve duvidar de que nunca a utilidade possa entrar em conflito com a excelência moral.

° C 77b
/SVF 1.558b

°° // Então ouvimos falar do hábito de Sócrates de execrar aqueles que pela primeira vez com sua opinião teriam dividido essa coerência por natureza. Os estoicos assentiram igualmente ao que ele pensava, de modo a afirmarem ser útil o que quer que seja moralmente excelente, e não ser útil o que não for moralmente excelente. \\ °°

121. Cic. Leg. 1.33.10-16

Pearson C 77c; SVF 1.558c

°° // Quibus enim ratio a natura data est, isdem etiam recta ratio data est; ergo et lex, quae est recta ratio in iubendo et uetando; si lex, ius quoque; et omnibus ratio. Ius igitur datum est omnibus, recteque Socrates execrari eum solebat qui primus utilitatem a iure seiunxisset; \\ °°

° C 77c
/SVF 1.558c

Tradução

°° // Com efeito, a razão é dada pela natureza àqueles a quem, todavia, é dada a reta razão; logo também é dada a lei, a qual é a reta razão no perseguir e evitar; se há lei, há direito; e

° C 77c
/SVF 1.558c

a todos se dá a razão. O direito, portanto, é dado a todos e Sócrates costumava execrar corretamente aquele que pela primeira vez teria repartido a utilidade do direito. \ \ °°

122. Clem. Strom. 5.3.17.6

Pearson C 100; SVF 1.559

°° // καὶ ἡ Κλεάνθους δὲ τοῦ Στωικοῦ φιλοσόφου “Ποιητικὴ” ὧδέ πως τὰ °C 100
ὅμοια γράφει /SVF 1.559
μὴ πρὸς δόξαν ὄρα, ἐθέλων σοφὸς αἶψα γενέσθαι,
μηδὲ φοβοῦ πολλῶν ἄκριτον καὶ ἀναιδέα βάζιν·
οὐ γὰρ πλῆθος ἔχει συνετὴν κρίσιν, οὔτε δικαίαν
οὔτε καλήν, ὀλίγοις δὲ παρ' ἀνδράσι τοῦτο κεν εὗροις. \ \ °°

Tradução

°° // E na "Poética" de Cleantes, o filósofo estóico, coisas semelhantes nesse sentido se °C 100
escreve: /SVF 1.559
“Não olhes a fama, querendo tornar-se logo sábio,
não temas o rumor dos muitos, sem critério e pudor:
pois a massa não possui juízo inteligente, nem justo
nem belo, só poderias encontrá-lo em poucos homens” \ \ °°

123. Anon. Corpus paroemiographorum Graecorum 2.757.6-7 (Mantissa 1.85)

Pearson C 102; SVF 1.561; Watanabe f 82

°° // ᾤ κακῶς ἀκούειν κρεῖσσον ἢ λέγειν κακῶς. ᾤ \ \ °° °C 102
/SVF 1.561
w f 82

Tradução

°° // ᾤ ouvir mal é melhor que falar mal. ᾤ \ \ °° °C 102
/SVF 1.561
w f 82

124. Plut. SR 1034c6-e1

Pearson C 76a; SVF 1.200, 1.563a, 3.258; LS 61C; Watanabe f 84; BS 26.17

// [[{ { 1034c6 Ἀρετὰς ὁ Ζήνων ἀπολείπει πλείονας κατὰ διαφοράς, ὥσπερ /SVF 1.200
ὁ Πλάτων, οἷον φρόνησιν ἀνδρείαν σωφροσύνην δικαιοσύνην, ὡς [LS 61C]
ἀχωρίστους μὲν οὔσας ἐτέρας δὲ καὶ διαφερούσας ἀλλήλων. πάλιν δ' {BS 26.17}
ὀριζόμενος αὐτῶν ἐκάστην τὴν μὲν ἀνδρείαν φησὶν εἶναι φρόνησιν ἐν
[5] ὑπομενετέοις τὴν δὲ σωφροσύνην φρόνησιν ἐν αἰρετέοις τὴν δὲ
δικαιοσύνην φρόνησιν ἐν ἀπονεμητέοις, ὡς μίαν οὔσαν ἀρετὴν ταῖς δὲ
πρὸς τὰ πράγματα σχέσεσι κατὰ 1034d1 τὰς ἐνεργείας διαφέρειν /SVF 3.258
δοκοῦσαν. \ \ // οὐ μόνον δ' ὁ Ζήνων περὶ ταῦτα φαίνεται αὐτῷ μαχόμενος,
ἀλλὰ καὶ Χρύσιππος Ἀρίστωνι μὲν ἐγκαλῶν ὅτι μιᾶς ἀρετῆς σχέσεις ἔλεγε
[10] τὰς ἄλλας εἶναι, Ζήνωνι δὲ συνηγορῶν οὕτως ὀριζομένῳ τῶν ἀρετῶν
ἐκάστην. \ \ °° // ᾤ ὁ δὲ Κλεάνθης ἐν “Υπομνήμασι Φυσικοῖς” εἰπὼν ὅτι °C 76a
“πληγὴ πυρὸς ὁ τόνος ἐστὶ, κἂν ἱκανὸς ἐν τῇ ψυχῇ γένηται πρὸς τὸ /SVF 1.563a
ἐπιτελεῖν τὰ ἐπιβάλλοντα, ἰσχυρὸς καλεῖται καὶ κράτος,” ἐπιφέρει κατὰ λέξιν, w f 84

“ἡ δ' ἰσχὺς αὕτη καὶ τὸ κράτος, ὅταν μὲν ἐν τοῖς φανέουσιν ἐμμενετέοις
[15]ἐγγένηται, ἐγκράτειά ἐστιν· ὅταν δ' ἐν τοῖς ὑπομενετέοις, ἀνδρεία· περὶ
τὰς ἀξίας δὲ δικαιοσύνη· 1034e1 περὶ τὰς αἰρέσεις καὶ ἐκκλίσεις
σωφροσύνη.” } } ☿]] \ \ °°

Aparato

5 ἐνεργητέοις τὴν δὲ δικαιοσύνην φρόνησιν ἐν ἀπονεμητέοις Westman : ἐν ὑπομενετέοις τὴν
δὲ σωφροσύνην φρόνησιν ἐν αἰρετέοις τὴν δὲ δικαιοσύνην φρόνησιν ἐν ἀπονεμητέοις
Bernardakis

Tradução

// [[{ { 1034c6 Zenão, tal como Platão, legou (ao estoicismo) várias virtudes segundo as
diferenças, como prudência, coragem, temperança e justiça. Elas são inseparáveis, ainda
que reciprocamente diferenciáveis. Em outro momento definindo cada uma delas afirma
que a coragem é prudência no que deve ser suportado, a temperança é a prudência no que
deve ser escolhido, a justiça é a prudência no que deve ser distribuído. Assim a virtude é
única, porém parecendo diferir segundo as atividades, diante das condições concretas. \ \
Não somente Zenão parece contradizer-se nesses assuntos, mas também Crisipo, o qual
culpava Ariston por dizer que as outras virtudes eram estados de uma única virtude,
enquanto concordava com Zenão do mesmo modo definindo cada uma das virtudes. \ \
°° // ☿ Cleantes , em seus "Comentários sobre a ciência da natureza" , dizendo que "o
tônus é um golpe (*plēgē*) de fogo, e se for suficiente na alma para perfazer as coisas que a
tangen, é chamado de 'força' e 'poder'". Afirma textualmente "esta força e o poder,
quando surgem em situações conspícuas de perseverança, é auto-controle (*enkrateia*).
Quando surgem em situações de resistência, coragem, em situações tratando de valores,
justiça. 1034e1 Quando surgem em situações tratando do que se deve escolher e repelir,
temperança." } } ☿]] \ \ °°

/SVF 1.200
[LS 61C]
{BS 26.17}

/SVF 3.258

° C 76a
/SVF 1.563a

° f 84

Comentário

b. ver também SVF 1.514 para a interpretação do mito de Héracles como alegoria do tônus universal; SVF 1.502-503
oferecem uma teoria sobre o papel do Sol na harmonia e afinação da tensão do universo.

125. Stob. Ecl. 2.7.5b4

Pearson C 76b; SVF 1.563b

Ταύτας μὲν οὖν τὰς ῥηθείσας ἀρετὰς τελείας εἶναι λέγουσι περὶ τὸν βίον
καὶ συνεστηκέναι ἐκ θεωρημάτων· ἄλλας δὲ ἐπιγίνεσθαι ταύταις, οὐκ ἔτι
τέχνας οὐσας, ἀλλὰ δυνάμεις τινάς, ἐκ τῆς ἀσκήσεως περιγιγνομένης, οἶον
τὴν ὑγίειαν τῆς ψυχῆς καὶ τὴν ἀρτιότητα καὶ τὴν ἰσχὺν αὐτῆς καὶ τὸ
κάλλος. Ὡς περ γὰρ τὴν τοῦ σώματος ὑγίειαν εὐκρασίαν εἶναι τῶν ἐν τῷ
σώματι θερμῶν καὶ ψυχρῶν καὶ ξηρῶν καὶ ὑγρῶν, οὕτω καὶ τὴν τῆς ψυχῆς
<ὑγίειαν> εὐκρασίαν εἶναι τῶν ἐν τῇ ψυχῇ δογμάτων. °° // Καὶ ὁμοίως
ὥς περ ἰσχὺς τοῦ σώματος τόνοτος ἐστὶν ἱκανὸς ἐν νεύροις, οὕτω καὶ ἡ τῆς
ψυχῆς <ἰσχὺς> τόνοτος ἐστὶν ἱκανὸς ἐν τῷ κρίνειν καὶ πράττειν ἢ μή. \ \ °°
Ὡς περ τε τὸ κάλλος τοῦ σώματος ἐστὶ συμμετρία τῶν μελῶν καθεστώτων
αὐτῷ πρὸς ἄλληλά τε καὶ πρὸς τὸ ὅλον, οὕτω καὶ τὸ τῆς ψυχῆς <κάλλος>
ἐστὶ συμμετρία τοῦ λόγου καὶ τῶν μερῶν αὐτοῦ πρὸς <τὸ> ὅλον τε αὐτῆς
καὶ πρὸς ἄλληλα.

° C 76b
/SVF 1.563b

Tradução

Assim essas virtudes que foram abordadas, eles dizem que são completas a respeito da
vida e que são estruturadas por teoremas; outras decorrem dessas, sem serem ainda artes,
outras são certas capacidades, que resultam do treinamento (*ek tēs askēseōs*), por exemplo
a saúde da alma e a sanidade e sua força (*iskhyn*) e a beleza. Então tal como a saúde do
corpo é uma mistura equilibrada no corpo dos calores e friezas e securas e umidades,
assim também a saúde da alma é uma mistura equilibrada das doutrinas na alma. °° // E
tal como a força do corpo é a tensão suficiente nos tendões, assim também a força da alma

° C 76b
/SVF 1.563b

é a tensão suficiente no discernir e no agir ou não agir. \ \ °° Tal como a beleza do corpo é uma simetria da composição dos membros por si reciprocamente, bem como em relação ao todo, do mesmo modo também a beleza da alma é uma simetria da razão e de suas partes em relação ao todo dela e reciprocamente.

126. Tem. Orat. 2.27c6-10

Pearson C 83a; SVF 1.564a

°° // εἰ δὲ αὖ φήσκει τις κολακεῖαν εἶναι τῷ Πυθίῳ παραβάλλειν τὸν βασιλέα, Χρύσιππος μὲν ὑμῖν καὶ Κλεάνθης οὐ συγχωρήσει καὶ ὅλον ἔθνος φιλοσοφίας [ἤ] ὁ ἐκ τῆς ποικίλης χορός, οἱ φάσκοντες εἶναι τὴν αὐτὴν ἀρετὴν καὶ ἀλήθειαν ἀνδρὸς καὶ θεοῦ. \ \ °° ° C 83a /SVF 1.564a

Tradução

°° // Se, de novo, alguém dissesse ser uma lisonja comparar ao Apolo Pítico o rei, Crisipo e Cleantes e toda a nação de filósofos, [ou] o coro dos que frequentam as colunas coloridas, não concordaria convosco. Eles asseveram ser a mesma virtude e verdade do homem e de deus. \ \ °° ° C 83a /SVF 1.564a

127. Proclo. In Platonis Timaeum commentaria 1.351.12-14

Pearson C 83b; SVF 1.564b

°° // οἱ δὲ ἀπὸ τῆς Στοᾶς καὶ τὴν αὐτὴν ἀρετὴν εἶναι θεῶν καὶ ἀνθρώπων εἰρήκασι, πολλοῦ δέοντες τῆς τοῦ Πλάτωνος ὁσιότητος εἶναι ζηλωταὶ καὶ τῆς Σωκρατικῆς μετριότητος. \ \ °° ° C 83b /SVF 1.564b

Tradução

°° // Os que fazem parte da Estoá também declararam que a virtude de deuses e homens é a mesma, são em muito carentes da piedade de Platão e emuladores da moderação socrática. \ \ °° ° C 83b /SVF 1.564b

128. Cic. Leg. 1.24.9-25.14

Pearson C 83c; SVF 1.564c

Ex quo uere uel agnatio nobis cum caelestibus uel genus uel stirps appellari potest. Itaque ex tot generibus nullum est animal praeter hominem quod habeat notitiam aliquam dei, ipsisque in hominibus nulla gens est neque tam mansueta neque tam fera, quae non, etiamsi ignoret qualem haberi deum deceat, tamen habendum sciat.

Ex quo efficitur illud, ut is agnoscat deum, qui, unde ortus sit, quasi recordetur <ac> cognoscat. °° // Iam uero uirtus eadem in homine ac deo est, neque alio ullo in gen<ere> praeterea. \ \ °° Est autem uirtus nihil aliud, nisi perfecta et ad summum perducta natura: est igitur homini cum deo similitudo. Quod cum ita sit, quae tandem esse potest proprior certiorue cognatio? Itaque ad hominum commoditates et usus tantam rerum ubertatem natura largita est, ut ea, quae gignuntur, donata consulto nobis, non fortuito nata uideantur, nec solum ea quae frugibus atque bacis terrae fetu profunduntur, sed etiam pecudes, qu<om> perspicuum sit <plerasque> esse ad usum hominum, partim ad fructum, partim ad uescendum, procreatas. ° C 83c /SVF 1.564c

Tradução

Disso se pode verdadeiramente nomear ou uma relação para nós com os deuses ou uma comunhão de gênero ou de estirpe. Assim de tantos gêneros nenhum animal há, exceto o homem, que tenha uma noção de deus, e entre os homens mesmos nenhum povo há, seja dócil ou seja selvagem, que não saiba, no entanto, que deva ter um deus, ainda que ignore qual deus é adequado cultuar.

Disso se produz o fato de que, quando alguém reconhece a deus, ele como que se recorda e o entende completamente qual é sua origem. °° // Ora porém a virtude é a mesma no homem e em deus, e não existe em nenhuma outra espécie. \\ °° Ademais a virtude não é outra coisa, senão a natureza perfeita e conduzida ao seu ponto mais elevado, é, portanto, para o homem a semelhança com deus. E a ser isso dessa maneira, qual parentesco mais próximo e mais certo pode haver?

° C 83c
/SVF 1.564c

129. Stob. Ecl. 2.7.5b8.1-5

Ar.Did. De phil.sec. 66.col.2.15; Pearson C 82; SVF 1.566; LS 61L; Watanabe f 87; BS 26.11

// ₩ {{ ἀρετῆς δὲ καὶ κακίας οὐδὲν εἶναι μεταξύ. °° [[πάντας γὰρ ἀνθρώπους ἀφορμὰς ἔχειν ἐκ φύσεως πρὸς ἀρετὴν, καὶ οἶονεὶ τὸν τῶν ἡμιαμβείων λόγον ἔχειν, κατὰ Κλεάνθην·]] ὅθεν ἀτελεῖς μὲν ὄντας εἶναι φαύλους, τελειωθέντας δὲ σπουδαίους. }} ₩ \\ °°

/SVF 1.566
{BS 26.11}
° C 82
* f 87
[LS 61L]

Aparato

2 τὸν Zeller : τὸ FP

3 ἡμιαμβείων Wachsmuth : ἡμιαμβαίων FP : μιμιαμβείων Meineke

Tradução

// ₩ {{ não há nada entre virtude e vício. °° [[Pois todos os seres humanos possuem inclinações para a virtude por natureza, como se fosse um discurso fosse feito de versos semi-iâmbicos (*hēmiambeíōn*), segundo Cleantes:]] donde, quando as inclinações são imperfeitas, são ruins, mas quando perfeitas, são virtuosas. }} ₩ \\ °°

/SVF 1.566
{BS 26.11}
° C 82
* f 87
[LS 61L]

Comentário

b. Sen.Ep.108.8, os homens possuem a semente das virtudes por natureza (= SVF 1.487)

d. ‘ἡμιαμβείων’ é um *hapax legomenon*, segundo o TLG

130. DL 7.89-93

Pearson C 73.2, 78, 79; SVF 1.565, 1.567; LS 61A, 61K; Watanabe f 86, f 88; BS 26.1

§ 89... °° [[{{ τὴν τε ἀρετὴν διάθεσιν εἶναι ὁμολογουμένην· καὶ αὐτὴν δι’ αὐτὴν εἶναι αἰρετὴν, οὐ διὰ τινὰ φόβον ἢ ἐλπίδα ἢ τι τῶν ἑξωθεν· ἐν αὐτῇ τε εἶναι τὴν εὐδαιμονίαν, ἅτε οὕση ψυχῇ πεποιημένη πρὸς τὴν ὁμολογίαν παντὸς τοῦ βίου.]] διαστρέφεσθαι δὲ τὸ λογικὸν ζῶον, ὅτε μὲν διὰ τὰς τῶν |5|ἑξωθεν πραγμάτων πιθανότητας, ὅτε δὲ διὰ τὴν κατήχησιν τῶν συνόντων· ἐπεὶ ἡ φύσις ἀφορμὰς δίδωσιν ἀδιαστροφους.

° C 73.2
[LS 61A]
{BS 26.1}

°° §90 ἀρετὴ δὲ ἡ μὲν τις κοινῶς παντὶ τελείωσις [...] ὥσπερ ἀνδριάντος καὶ ἡ ἀθεώρητος ὥσπερ ὑγίεια καὶ ἡ θεωρηματικὴ ὡς φρόνησις. φησὶ γὰρ ὁ Ἑκάτων ἐν τῷ πρώτῳ “Περὶ ἀρετῶν” ἐπιστημονικὰς μὲν εἶναι καὶ |10|θεωρηματικὰς τὰς ἐχούσας τὴν σύστασιν ἐκ θεωρημάτων ὡς φρόνησιν καὶ δικαιοσύνην· ἀθεωρήτους δὲ τὰς κατὰ παρέκτασιν θεωρουμένας ταῖς ἐκ τῶν θεωρημάτων συνεστηκυίαις καθάπερ ὑγίειαν καὶ ἰσχύν. τῇ γὰρ σωφροσύνη τεθεωρημένη ὑπαρχούσῃ συμβαίνει ἀκολουθεῖν καὶ παρεκτείνεσθαι τὴν ὑγίειαν, καθάπερ τῆς ψαλίδος οἰκοδομία τὴν ἰσχὺν |15|ἐπιγίνεσθαι. §91 καλοῦνται δ’ ἀθεώρητοι ὅτι μὴ ἔχουσι συγκαταθέσεις,

ἀλλ' ἐπιγίνονται καὶ περὶ φαύλους γίνονται ὡς ὑγεία, ἀνδρεία.
τεκμήριον δὲ τοῦ ὑπαρκτὴν εἶναι τὴν ἀρετὴν φησιν ὁ Ποσειδώνιος ἐν τῷ
πρώτῳ “τοῦ Ἡθικοῦ λόγου” τὸ γενέσθαι ἐν προκοπῇ τοὺς περὶ Σωκράτη,
Διογένη, Ἀντισθένη. εἶναι δὲ καὶ τὴν κακίαν ὑπαρκτὴν διὰ τὸ ἀντικεῖσθαι
[20]τῇ ἀρετῇ.

°° // [[διδακτὴν τε εἶναι αὐτὴν, λέγω δὲ τὴν ἀρετὴν, καὶ Χρύσιππος ἐν τῷ ° C 79
πρώτῳ Περὶ τέλους φησὶ καὶ Κλεάνθης καὶ Ποσειδώνιος ἐν τοῖς / SVF 1.567
Προτρεπτικοῖς \\ °° καὶ Ἐκάτων· ὅτι δὲ διδακτὴ ἐστὶ, δῆλον ἐκ τοῦ [LS 61K]
γίνεσθαι ἀγαθοὺς ἐκ φαύλων.]]

[25] §92 ¶ Παναίτιος μὲν οὖν δύο φησὶν ἀρετάς, θεωρητικὴν καὶ
πρακτικὴν· ἄλλοι δὲ λογικὴν καὶ φυσικὴν καὶ ἠθικὴν· τέτταρας δὲ οἱ περὶ ° C 78
Ποσειδώνιον καὶ °° // πλείονας οἱ περὶ Κλεάνθην καὶ Χρύσιππον καὶ / SVF 1.565
Ἀντίπατρον. \\ °° ὁ μὲν γὰρ Ἀπολλοφάνης μίαν λέγει, τὴν φρόνησιν. ¶
τῶν δ' ἀρετῶν τὰς μὲν πρώτας, τὰς δὲ ταύταις ὑποτεταγμένας. πρώτας μὲν
[30]τὰςδε, φρόνησιν, ἀνδρείαν, δικαιοσύνην, σωφροσύνην· ἐν εἵδει δὲ
τούτων μεγαλοψυχίαν, ἐγκράτειαν, καρτερίαν, ἀγχίνοιαν, εὐβουλίαν. καὶ
τὴν μὲν φρόνησιν εἶναι ἐπιστήμην κακῶν καὶ ἀγαθῶν καὶ οὐδετέρων ἴτην
δὲ δικαιοσύνην ἐπιστήμην ὧν αἰρετέον καὶ εὐλαβητέον καὶ οὐδετέρων†
§93 τὴν δὲ μεγαλοψυχίαν ἐπιστήμην <ῆ> ἔξιν ὑπεράνω ποιοῦσαν τῶν
[35]συμβαίνόντων κοινῇ φαύλοις τε καὶ σπουδαίοις· τὴν δὲ ἐγκράτειαν
διάθεσιν ἀνυπέρβατον τῶν κατ' ὀρθὸν λόγον ἢ ἔξιν ἀήττητον ἡδονῶν. τὴν
δὲ καρτερίαν ἐπιστήμην ἢ ἔξιν ὧν ἐμμενετέον καὶ μὴ καὶ οὐδετέρων. τὴν
δὲ ἀγχίνοιαν ἔξιν εὐρετικὴν τοῦ καθήκοντος ἐκ τοῦ παραχρῆμα· τὴν δὲ
εὐβουλίαν ἐπιστήμην τοῦ σκοπεῖσθαι ποῖα καὶ πῶς πράττοντες πράξομεν
[40]συμφερόντως.

ἀνὰ λόγον δὲ καὶ τῶν κακιῶν τὰς μὲν εἶναι πρώτας, τὰς δὲ ὑπὸ ταύτας·
οἷον ἀφροσύνην μὲν καὶ δειλίαν καὶ ἀδικίαν καὶ ἀκολασίαν καὶ ἀκρασίαν
καὶ βραδύνοιαν καὶ κακοβουλίαν ἐν ταῖς ὑπὸ ταύτας· εἶναι δὲ ἀγνοίας τὰς
κακίας, ὧν αἱ ἀρεταὶ ἐπιστῆμαι. } }

Aparato¹⁹¹

2 αὐτὴν F² : αὐ- BPF¹ ἀρετὴν B 4 ὅτε B, Suda : ὅτε F : ποτὲ P 5 πραγμάτων F : -ματειῶν BP,
Suda ὅτε B, Suda : ὅτε F : ποτὲ P 6 ἀδιαστρόφως F 7 δέ τοι B κοινῶς παντὶ BP : παντὶ κ. F :
κ. παντὸς Hirzel, Unters. II, p. 332 : κ. <ἐν> παντὶ Marcov. lac. post τελείωσις ind. M.
Giusta, Doss. di etica II, 1967, p. 27 qui <ῆ δὲ ἀνθρωπίνῃ ιδίῳ τοῦ λόγου τελείωσις> suppl.,
praeunte Arnim I, xxxix (<ῆ δὲ τις ἀνθρώπων ἰ. τοῦ λ. τ.>) : <ῆ δὲ τῆς ψυχῆς διττῶς λέγεται>
R. Philippson, *Philologus*, v. 85, 1930, p. 374 : <ῆ δὲ τις ιδίῳ ἀνθρώπου *> Marcov. 593 ἢ
ὑγεία F, ὑγεία Suda 8 (φησὶ)-9 (ἀρετῶν) suppl. F²mg 10 θεωρητικὰς F τὴν om. Suda 11 τὰς
BP : τοὺς F 11 θεωρουμένας BP : -ους F : συνθεωρουμένας Kuehn 12 ὑγεία(v) Suda γὰρ F,
Suda : γ' B : om. P 13 σωφροσύνη Aldobr. : ἀφροσύνη BP, γρ F²mg, Suda : εὐ- F¹ |
θεωρηματικῇ Usener ap. H. N. Fowler, *Panaetii et Hecat. fragm.* (1885) 49 (ad fr. 1) 14 τῆς
BP¹F, Suda : τῇ Px | οἰκονομία in mg cum γρ F² 15 ἐπιγίνεσθαι BP 16 ἐπιγίνονται BP
καὶ—γίνονται PF : om. B, Suda : secl. Sedley*, καὶ—ἀνδρεία secl. V. d. Muehl γίνονται
BP : γίν- F : secl. Cob. ὑγεία F, Suda | ἀνδρία P 17 τοῦ BF : τὸ P εἶναι τὴν suppl. B²mg 17
(φησιν)-18 (λόγου) om. Suda 18 ἐκ προκοπῆς Suda σωκράτη B (comp.), PF : -ην Suda
διογένη B (comp.), PF : -ην Suda ἀντισθένη B, P (comp.), F : -ην Suda 21 αὐτὴν, λέγω δὲ
om. Suda δὲ PF : διῆ B 21 (καὶ)-23 (Ἐκάτων) suppl. F²mg 22-23 δῆλον ἐν τοῖς
προτρεπτικοῖς καὶ τοῦ F 23 γίνεσθαι BP : γίνεσθαι <τινας> Marcov. ἀγαθοὺς
<διδασκομένους> F. H. Sandbach ap. I. Kidd, *Posid. II*, 1, 1988, p. 100 25 οὖν suppl. F²mg
27-28 καὶ Ἀντίπατρον suppl. F²mg μὲν γὰρ] μέντοι Patillon ap. Goulet, p. 937 30 ἀνδρείαν
φρόνησιν Suda ἀνδρίαν P | ἐν εἵδει] εἵδη Reiske, p. 317, sed vid. § 46 (94) 31 ἀγχίνοιαν
εὐβουλίαν om. B 32-33 mutila indic. K. Fr. A. Beier, *Cic. Of.* 1, 1820, p. 332 : οὐδετέρων.
<τὴν δὲ ἀνδρείαν...> τὴν δὲ δικαιοσύνην... <τὴν δὲ σωφροσύνην> ἐπιστήμην V. d. Muehl:

¹⁹¹ Aparato apud DL (ed. Dorandi), p. 526-529.

ἐπιστήμην <ἀπονεμητικὴν τοῦ κατ' ἄξίαν ἐκάστω, τὴν δὲ σωφροσύνην ἐπιστήμην> ὧν αἰρ. κ. εὐλ. κ. οὐδ. <τὴν δὲ ἀνδρείαν ἐπιστήμην δεινῶν καὶ οὐ δεινῶν καὶ οὐδετέρων> Ebbesen per litt. ad Marcov. datas: ἀγαθῶν <καὶ οὐδετέρων> τὴν δὲ ἀνδρείαν ἐπιστήμην δεινῶν καὶ οὐ δεινῶν> καὶ οὐδετέρων· τὴν δὲ δικ. <ἐπιστήμην ἀπονεμητικὴν τῆς ἀξίας ἐκάστω· τὴν δὲ σωφροσύνην> ἐπιστ. Mansfeld, *Mnemosyne*, v. 42, 1989, p. 88–9 **33** καὶ ὧν εὐλ. F **34** ἢ add. K. Fr. Hermann 106 ἔξιν del. Usener, Kl. Schr. I, p.349 (a. 1889), 'possis delere eodem modo ἐπιστήμην' V. d. Muehl οὔσαν ὑπεράνω τῶν συμβ. F **35** φαύλοις τε καὶ σπουδαίοις Madvig, Adv. I, p. 715 : φαύλων τε καὶ σπουδαίων BPF, Suda: φαύλω τε καὶ σπουδαίῳ Usener **36** λόγον <φανέντων> Marcov. | ἀήττητον <ὕφ'> Marcov. **38** δὲ om. F **39** πράξωμεν P¹(Q) **41** ἀνὰ λόγον Cob. : ἀνάλογον BPF | 635 ταῦταις B² (ις in ras.) **42** post ἀκολασίαν add. ἐν ταῖς πρώταις rec. ἀκрасiя δὲ rec., om. καὶ³ **43** ταῦτας P⁴ : ταῦταις B²P¹F : ταῦτα B¹

Tradução

§ 89... °° [[{{ (declaram que) a virtude é uma disposição concordante e que ela deve ser escolhida por si mesma, não por qualquer medo ou esperança ou propósito exterior (a ela). Nela está a eudaimonia, dado que ela é a alma pronta para a concordância durante toda a vida. O animal racional, porém, se extravia, seja pelas convicções oriundas de fatos exteriores, seja pela influência de quem o circunda. As tendências, a natureza as dá, no entanto, inextraviadas. °° §90 A virtude é, num sentido geral, uma certa perfeição de cada coisa, tal como de uma estátua, para algo não-intelectual, como a saúde, ou (ela é) intelectual, como a prudência. Pois Hecáton diz, no primeiro (livro) de “Sobre as virtudes”, que são científicas e intelectuais aquelas baseadas na consistência a partir de teoremas, caso da prudência e da justiça. As não-intelectuais, porém, são aquelas observadas segundo sua coextensão por estarem em paralelo às intelectuais, tal como a saúde e a força. Pois a saúde segue e é à co-extensiva à virtude intelectual da prudência, do mesmo modo a força do arco resulta da construção. §91 São chamadas de não-intelectuais porque não contam com assentimentos (da alma), porém ocorrem também nos homens vis, caso da saúde e valentia.

Posidônio diz no primeiro livro do “Tratado de Ética” que a prova de que a virtude existe é o progresso moral daqueles que seguiam Sócrates, Diógenes e Antístenes. A prova de que o vício existe resulta de ser oposto à virtude.

// [[Crisipo diz , no primeiro livro de seu “Sobre o fim” , que a virtude é ensinável, Cleantes também e Posidônio em seus respectivos livros chamados “Protréptico” \\\ e Hecáton. É evidente que ela é ensinável pelo fato de homens ruins se tornarem bons.]]

//§92 ≡ Panécio, ademais, disse haver duas virtudes, teórica e prática; outros, porém, (disseram haver as virtudes) lógica, a física e a ética; os discípulos de Posidônio, contudo, (disseram haver) quatro e os de °° // Cleantes, Crisipo e Antípatro, mais de quatro virtudes.\\°° Apolofanes diz ser uma, a prudência. ≡

Dentre as virtudes algumas são primárias, e as outras lhes são subordinadas. Eis as que são primárias: prudência, coragem, justiça e temperança. As espécies submetidas a essas são: magnanimidade, autocontrole, perseverança, sagacidade e bom juízo. E a prudência é a ciência dos males e dos bens e do que não é nem um e nem outro; a justiça (a ciência) das coisas a serem escolhidas e evitadas. §93 A magnanimidade é a ciência ou o hábito que faz do indivíduo superior aos acontecimentos, tanto os ruins como os bons igualmente. A continência (é) um estado que em nenhum caso ultrapassa a linha da reta razão ou um hábito imune aos prazeres. A fortaleza é uma ciência ou hábito em relação a quais coisas se deve perseverar, em quais não e em quais é indiferente. A sagacidade é um hábito que inquire sobre o que é a ação adequada a cada momento. O bom juízo é a ciência de focar quais são e como praticaremos as ações de modo proveitoso. Analogamente em relação aos vícios, uns são primários, outros são subordinados. Por exemplo a imprudência, a covardia, a injustiça e a incontinência (são primárias), a estupidez e a falta de juízo são subordinadas. Os vícios são formas de ignorância a respeito de assuntos, sobre os quais as virtudes são as ciências pertinentes. }}

Comentário

b. Ver também SVF 1.19, 1.481

c. “Παναίτιος μὲν οὖν δύο φησὶν ἀρετάς,... πλείονας οἱ περὶ Κλεάνθην καὶ Χρύσιππον...” pode ser comparado ao texto seguinte (Suid. ‘Ἀρετή’, alpha 3830): “εἰσὶ δὲ δύο ἀρεταί, θεωρητικὴ καὶ πρακτικὴ. οἱ δὲ γ’, λογικὴν, φυσικὴν, ἠθικὴν, οἱ δὲ περὶ Ποσειδώνιον δ’, οἱ δὲ πλείονας, οἱ δὲ μίαν, τὴν φρόνησιν.”

d. (l. 15-16) “ἐπιγίνονται καὶ περὶ φαύλους γίνονται ὡς ὑγίεια, ἀνδρεία”: provavelmente por um lapso do compilador ou já dos originais estudados, Diógenes menciona “ἀνδρεία” (“coragem”) num contexto

° C 73.2

[LS 61A]

{BS 26.1}

° C 79

/ SVF 1.567

[LS 61K]

° f 86

° C 78

/ SVF 1.565

de subsidiariedade das virtudes não-intelectuais, por isso a tradução neste contexto por “valentia”. Esta palavra reaparece (l. 31) já no contexto de um conceito forte de virtude; (l. 25-28)

131. DL 7.127-129

Pearson C 80, 81; SVF 1.568, 1.569; LS 61I; Watanabe f 89(1), f 89(2); BS 26.31

[{ §127 ἀρέσκει δὲ αὐτοῖς μηδὲν μεταξύ τι εἶναι ἀρετῆς καὶ κακίας, τῶν Περιπατητικῶν μεταξύ ἀρετῆς καὶ κακίας εἶναι λεγόντων τὴν προκοπὴν· ὥς γὰρ δεῖν φασιν ἢ στρεβλὸν εἶναι ξύλον ἢ ὀρθόν, οὕτως ἢ δίκαιον ἢ ἄδικον, οὔτε δικαιότερον οὔτε ἀδικώτερον, καὶ ἐπὶ τῶν ἄλλων ὁμοίως.][°] // καὶ μὴν τὴν ἀρετὴν Χρύσιππος μὲν ἀποβλητὴν, Κλεάνθης δὲ ἀναπόβλητον· ὁ μὲν ἀποβλητὴν διὰ μέθην καὶ μελαγχολίαν, ὁ δὲ ἀναπόβλητον διὰ βεβαίους καταλήψεις. \ \ [°] καὶ αὐτὴν δι’ αὐτὴν αἵρετὴν εἶναι· αἰσχυρόμεθα γοῦν ἐφ’ οἷς κακῶς πράττομεν, ὥς ἂν μόνον τὸ καλὸν εἰδότες ἀγαθόν.

[10] αὐτάρκη τε εἶναι αὐτὴν πρὸς εὐδαιμονίαν, καθά φησι Ζήνων καὶ Χρύσιππος ἐν τῷ πρώτῳ Περι ἀρετῶν καὶ Ἑκάτων ἐν τῷ δευτέρῳ Περι ἀγαθῶν.] §128 ‘εἰ γάρ,’ φησὶν, ‘αὐτάρκης ἐστὶν ἡ μεγαλοψυχία πρὸς τὸ πάντων ὑπεράνω ποιεῖν, ἔστι δὲ μέρος τῆς ἀρετῆς, αὐτάρκης ἐστὶ καὶ ἡ ἀρετὴ πρὸς εὐδαιμονίαν καταφρονούσα καὶ τῶν δοκούντων ὀχληρῶν.’ ὁ [15] μὲντοι Παναίτιος καὶ Ποσειδώνιος οὐκ αὐτάρκη λέγουσι τὴν ἀρετὴν, ἀλλὰ χρεῖαν εἶναί φασι καὶ ἰσχύος καὶ ὑγιείας καὶ χορηγίας.][°] // ἀρέσκει δ’ αὐτοῖς καὶ διὰ παντὸς χρῆσθαι τῇ ἀρετῇ, ὥς οἱ περὶ Κλεάνθην φασιν· ἀναπόβλητος γάρ ἐστι καὶ πάντοτε τῇ ψυχῇ χρῆται ὁ σπουδαῖος οὔση τελεία. \ \ [°] φύσει τε τὸ δίκαιον εἶναι καὶ μὴ θέσει, ὥς καὶ [20] τὸν νόμον καὶ τὸν ὀρθὸν λόγον, καθά φησι Χρύσιππος ἐν τῷ Περι τοῦ καλοῦ. §129 δοκεῖ δὲ αὐτοῖς μήτε <διὰ> τὴν διαφωνίαν ἀφίστασθαι φιλοσοφίας, ἐπεὶ τῷ λόγῳ τούτῳ προλείψειν ὅλον τὸν βίον, ὥς καὶ Ποσειδώνιος φησιν ἐν τοῖς Προτρεπτικοῖς. εὐχρηστεῖν δὲ καὶ τὰ ἐγκύκλια μαθήματα φησιν ὁ Χρύσιππος.

[LS 61I]
{BS 26.31}

[°] C 80
/ SVF 1.568

[°] C 81
/ SVF 1.569

Tradução

[{ §127 Eles acreditam não haver nada entre a virtude e o vício, ao passo que os peripatéticos afirmam (haver) o avanço entre vício e virtude. Pois dizem que assim como a madeira é torta ou reta, do mesmo modo ou se é injusto ou justo, não havendo algo um pouco mais justo nem um pouco mais injusto. E de modo semelhante para os outros casos.][°] // E com efeito Crisipo dizia ser a virtude algo suscetível de perda, enquanto Cleantes dizia ser insuscetível de perda, um dizendo ser suscetível de perda pela ebriedade e depressão, o outro, insuscetível de perda por causa da firmeza das cognições. \ \ [°] E ela é escolhida por ela mesma: logo nos envergonhamos diante dos males que praticamos, porque sabemos que somente o belo é bom.

Ademais ela é autossuficiente para (alcançar) a felicidade, conforme diz Zenão e Crisipo no primeiro (livro) “Sobre as virtudes” e Hecáton no segundo livro de “Sobre os bens”.] §128 Ele diz: “Pois se a magnanimidade é autossuficiente para realizar as todas as obras supremas, e ela é uma parte da virtude, a virtude também será auto,suficiente para a felicidade também desprezando os aparentes empecilhos”. Panécio e Posidônio, todavia, não dizem que a virtude é auto,suficiente, mas afirmam ser útil também a força, a saúde e a abundância.]

// Apetece-lhes ainda dizer que a virtude está em uso continuamente, como dizem os discípulos de Cleantes. Pois ela é insuscetível de perda; e em todos os momentos o homem virtuoso se vale de sua alma, a qual é perfeita. \ \ O justo é por natureza e não por convenção, assim como a lei e a reta razão, como diz Crisipo em seu “Sobre o belo”. §129 Eles opinam ademais que por causa do debate sem concórdia da filosofia não se deve rechaçar (a virtude), pois a consequência desse raciocínio seria a de abandonar a vida de

[LS 61I]
{BS 26.31}

[°] C 80
/ SVF1.568

/ SVF 1.569

todo, como Posidônio diz em seus “Protrépticos”. Crisipo diz que um currículo básico de estudos já é prestativo (*tá enkýklia mathēmata*).

132. Gal. PHP 5.6.32.1-43.1

Pearson C 84; SVF 1.570; LS 65I; Watanabe *f* 90, *f* 91; BS 25.19

{{ 32.1 φαίνεται γὰρ τοῦτο πολλάκις γιγνόμενον καὶ οἷ γε παιδεύοντες τὰ νέα τῶν ζώων ἐπιτρέψαντες αὐτοῖς κάμνουν τε ἅμα καὶ ἐμπλησθῆναι κατὰ τὰς ἐκφόρους κινήσεις, ὕστερον ἐπιτίθενται. ᾤ περί τε οὖν τῶν τοιούτων ἡπόρησεν ὁ Χρύσιππος ὡς ἂν οὐ δυνάμενος εἰς τὸ παθητικὸν τῆς ψυχῆς ἀναφέρειν αὐτῶν τὰς αἰτίας, καὶ προσέτι, [[καὶ γὰρ καὶ τοῦτο δείκνυσιν ἐν τοῖς ἐξῆς ὁ Ποσειδώνιος, οὐ τοῖς φαινομένοις μόνοις ἀλλὰ καὶ Ζήνωνι καὶ Κλεάνθει διαφέρεται. °° // τὴν μὲν οὖν τοῦ Κλεάνθους γνώμην ὑπὲρ τοῦ παθητικοῦ τῆς ψυχῆς ἐκ τῶνδε φαίνεσθαι φησι τῶν ἐπῶν.

Λογισμός. τί ποτ' ἔσθ' ὃ βούλει, θυμέ; τοῦτό μοι φράσον.

Θυμός. [ς]έ γ', ὃ λογισμέ, πᾶν ὃ βούλομαι ποιεῖν.

Α. βασιλικὸν [εἶ]πε[ς]· πλὴν ὁμῶς εἶπὼν πάλιν.

Θ. ὦν ἂν ἐπιθυμῶ, ταῦθ' ὅπως γενήσεται.

ταυτὶ τὰ ἀμοιβαῖα Κλεάνθους φησὶν εἶναι Ποσειδώνιος ἐναργῶς ἐνδεικνύμενα τὴν περὶ τοῦ παθητικοῦ τῆς ψυχῆς γνώμην αὐτοῦ, εἴ γε δὴ πεποιήκε τὸν Λογισμὸν τῷ Θυμῷ διαλεγόμενον ὡς ἕτερον ἐτέρῳ. ᾤ °° ὁ δὲ Χρύσιππος οὐθ' ἕτερον εἶναι νομίζει τὸ παθητικὸν τῆς ψυχῆς τοῦ λογιστικοῦ καὶ τῶν ἀλόγων ζώων ἀφαιρεῖται τὰ πάθη φανερώς ἐπιθυμία τε καὶ θυμῷ διοικουμένων, ὡς καὶ ὁ Ποσειδώνιος ὑπὲρ αὐτῶν ἐπὶ πλεον διεξέρχεται.]] ὅσα μὲν οὖν τῶν ζώων δυσκίνητά τ' ἐστὶ καὶ προσπεφυκότα δίκην φυτῶν πέτραις ἢ τισιν ἑτέροις τοιούτοις, ἐπιθυμία μόνῃ διοικεῖσθαι λέγει [αὐτά], τὰ δ' ἄλλα τὰ ἄλογα σύμπαντα ταῖς δυνάμεσιν ἀμφοτέραις χρῆσθαι, τῇ τ' ἐπιθυμητικῇ καὶ τῇ θυμοειδεῖ, τὸν ἄνθρωπον δὲ μόνον ταῖς τρισί, προσειληφέναι γὰρ καὶ τὴν λογιστικὴν ἀρχήν. ταῦτά τε οὖν ὀρθῶς εἴρηται τῷ Ποσειδωνίῳ καὶ ἄλλα ἀμύπολλα καθ' ὅλην τὴν “Περὶ τῶν παθῶν” πραγματείαν. ὥσπερ οὖν ὁ Χρύσιππος ἐσφαλμένος ἐν αὐτοῖς, ὡς ἂν τις εἴποι, τοῖς στοιχείοις τῆς περὶ τῶν παθῶν θεωρίας ἐξ ἀνάγκης ἀμύπολλα κακῶς εἶπεν, οὕτως ἀνάγκη τὸν ἀληθέσι ταῖς ἀρχαῖς χρῆσάμενον εἰ μὲν ἀκριβῶς φυλάξειε τὸ πρὸς αὐτὰς ἀκόλουθον, ἅπαν εἰπεῖν ὀρθῶς, εἰ δ' οὐκ ἀκριβῶς ἀλλὰ τὰ γε πλεῖστα κατορθῶσαι. }}

ᾤ Δοκῶ μοι καταπαύσειν ἤδη τὸν ἐνεστῶτα λόγον ἐν τῷδε. Τὸ γὰρ ἐπισκέπτεσθαι νῦν ὁποίας τινὸς ἔχεται γνώμης ὁ Ζήνων οὐ κατὰ τὸν ἐξ ἀρχῆς ἂν μοι προτεθέντα γίγνοιτο σκοπόν. ἔνεκα γὰρ τοῦ μὴ μακρολογεῖν ἀποχωρήσειν μὲν ἔφην τῶν ἄλλων Στωϊκῶν, ἐξετάσειν δὲ μόνον τὰ Χρυσίππου. καὶ γὰρ οὐδὲ τί ποτε ἕκαστος ἐγίγνωσκε τῶν φιλοσόφων ὑπὲρ ψυχῆς ὑπεσχόμεν ἐν τῇδε τῇ πραγματείᾳ διελθεῖν ἀλλ' ὅπως ἀληθείας ἔχει τὰ Πλάτωνός τε καὶ Ἱπποκράτους δόγματα διασκέψασθαι. ὥστε καὶ τὰ πρὸς τὸν Χρύσιππον ἀντειρημένα μοι διὰ τὸ προκείμενον ἐγένετο, καὶ Ζήνων, εἰ μὲν τὰ αὐτὰ βούλοιο Χρυσίππῳ, τοῖς αὐτοῖς ἐγκλήμασιν ὑπεύθυνος καθεστήξεται, εἰ δὲ ταῖς τοῦ Πλάτωνος ἀρχαῖς ἔποιτο Κλεάνθει τε καὶ Ποσειδωνίῳ παραπλησίως, τῆς ἡμετέρας ἂν οὕτω μετέχοι φιλοσοφίας, εἰ δ', ὅπερ ἐγὼ πείθομαι, κρίσειν ἐπιγίνεσθαι τὰ πάθη νομίζοι, μέσος ἂν εἴη τῆς τε χειρίστης ὑπὲρ αὐτῶν αἰρέσεως τῆς Χρυσίππου καὶ τῆς ἀρίστης ἣν Ἱπποκράτης τε καὶ Πλάτων ἀπάντων πρῶτοι μετεχειρίσαντο.ᾤ

{BS 25.19}

^wf 90

[LS 65I]

° C 84
/SVF 1.570

^wf 91

Aparato

9 ἑταῖρον ἑταίρῳ Pearson : ἕτερον ἑτέρῳ SVF

Tradução

{{ 32.1 Isso parece então ocorrer várias vezes, e ao menos quem treina as crias de animais, depois que passam a confiar neles, se aplicam posteriormente em cansá-los e saturá-los 33.1 seguindo seus movimentos destrambelhados. ¶ Pois então, sobre esses assuntos Crisipo não encontrou uma solução (*êpórêsen*), porque era incapaz de remeter suas causas à parte emocional (*tò pathêtikòn*) da alma. E ademais [[Posidônio também o demonstra no que vem a seguir, não diverge apenas do que (a realidade) aparenta, mas também de 34.1 Zenão e Cleantes. °° // Então, em relação ao pensamento de Cleantes sobre a parte emocional (*toû pathêtikoû*) da alma, com esse diálogo ele diz o que parece ser (a realidade):

"Raciocínio: O que é então que queres, paixão? Me digas o que é?

Cólera: Que tu, raciocínio, faças tudo o que quero.

Raciocínio: dizes algo próprio de um rei. Diz de novo de todo modo.

Cólera: tudo o que desejo, que tudo se torne realidade."

Posidônio diz que este diálogo em forma de alteração é de Cleantes, demonstrando claramente seu pensamento sobre o aspecto emocional da alma, se de fato compôs esse raciocínio dialogando com o impulso como dois personagens distintos. ¶ °° 37.1 Crisipo, por outro lado, não considerava que a parte emocional da alma fosse diferente da racional. Ele elimina as emoções dos animais irracionais conspicuamente governados pelo apetite e pela paixão, tal como Posidônio explicou a respeito 38.1 do tema minuciosamente.]] Ele diz então que os animais que mal se movem e estão aderidos às pedras à guisa das plantas, ou outros tantos em situação parecida, são governados somente pelo apetite. Todos os demais seres irracionais, contudo, utilizam ambas as faculdades, a apetitiva e a irascível, enquanto somente o ser humano (utiliza) as três, pois também está acrescido de uma instância racional. Essas coisas, portanto, e outras tantas foram ditas por Posidônio corretamente em seu tratado "Sobre as emoções" como um todo. Pois bem, como se diria, tal como Crisipo, falhando nos elementos mesmos da teoria sobre as emoções, incorre necessariamente em erro sobre outros tantos assuntos, do mesmo modo é necessário a quem se utiliza dos princípios verdadeiros, se ele puder observar acuradamente as consequências (argumentativas) que decorrem, dizer tudo corretamente. E se não (observou) com acurácia, pelo menos acertará na maior parte. }}

¶ Parece-me que é o momento de interromper a presente discussão neste ponto, pois uma investigação agora sobre qual é a posição de Zenão no assunto não estaria de em conformidade com o escopo estabelecido desde o início. Então, com o fito de evitar me estender eu disse que me manteria longe dos demais estoicos, para examinar somente o que Crisipo pensa. E não fiz qualquer promessa de revisar o que cada um dos filósofos notou sobre a alma neste tratado, senão somente para investigar se as doutrinas tanto de Platão como de Hipócrates tem algo de verdadeiro. Onde o que por mim dito em refutação a Crisipo, o foi por causa do propósito estabelecido. E Zenão, se ele quiser dizer com Crisipo as mesmas coisas, às mesmas críticas estará suscetível. Se seguisse os princípios platônicos mais próximo a Cleantes e Posidônio, tomaria parte em nossa filosofia, se ele acreditasse, no entanto, tal como eu estou convencido, que as emoções sobrevêm aos juízos, seria um ponto médio entre a pior posição de sua escola sobre o assunto, a de Crisipo, e a melhor, a de Hipócrates e Platão. Dentre todos, os dois foram os primeiros a utilizá-la.¶

Comentário

b. esse fragmento deve ser lido em conjunto com o seguinte e com o texto de Miguel Coniates (Ad SVF Cl.eth.2).

133. Gal. PHP 8.1.14.9-15.1

Pearson C 85; SVF 1.571

°° // Ποσειδώνιος ... δείκνυσιν ἐν τῇ περὶ παθῶν πραγματείᾳ διοικουμένους ἡμᾶς ὑπὸ τριῶν δυνάμεων, ἐπιθυμητικῆς τε καὶ θυμοειδοῦς καὶ λογιστικῆς· τῆς δὲ αὐτῆς δόξης ὁ Ποσειδώνιος ἔδειξεν εἶναι καὶ τὸν Κλεάνθην. ¶ °°

° C 85
/SVF 1.571

Tradução

°° // Posidônio...mostra em seu tratado "Sobre as emoções" que nós somos providos de ° C 85
três faculdades, apetitiva, irascível e racional: Posidônio mostrou que Cleantes era de /SVF 1.571
mesma opinião. \\ °°

Comentário

b. esse fragmento deve ser lido em conjunto com anterior e com o texto de Miguel Coniates (Ad SVF Cl.eth.2).

134. Gal. PHP 3.5.46.3-4

Pearson C 87; SVF 1.210, 1.572; Watanabe f93

°° // καὶ μηκέτι παρ' ἡμῶν ἑτέραν ἐπιζητεῖν ἀπόδειξιν ὑπὲρ τοῦ τοὺς ° C 87
φόβους καὶ τὰς λύπας καὶ πάνθ' ὅσα τοιαῦτα πάθη κατὰ τὴν καρδίαν /SVF 1.210
συνίστασθαι. ἀλλὰ τοῦτο μὲν καὶ παρ' αὐτῶν ὁμολογούμενον λαμβάνεται
τῶν Στωϊκῶν· // οὐ μόνον γὰρ Χρύσιππος ἀλλὰ καὶ Κλεάνθης καὶ Ζήνων /SVF 1.572
ἐτοίμως αὐτὸ τιθέασιν. \\ \\ °°

Tradução

// e não mais investigam entre nós outra prova sobre o relativo aos medos e às dores e ° C 87
todas tais as emoções, quantas houver, que se concentram em torno do coração. Porém, /SVF 1.210
isso também é considerado assim entre os estóicos. °° // Pois não somente Crisipo, mas /SVF 1.572
também Cleantes e Zenão propuseram-no suficientemente. \\ \\ °°

135. Stob. Ecl. 3.6.3.2

Pearson C 95; SVF 1.573

°° // ὅστις ἐπιθυμῶν ἀνέχετ' αἰσχροῦ πράγματος, ° C 95
οὗτος ποιήσει τοῦτ', ἐὰν καιρὸν λάβῃ. \\ °° /SVF 1.573

Tradução

// aquele que desejando se abstem de uma má ação ° C 95
esse a praticará, se a ocasião se apresentar. \\ /SVF 1.573

136. Stob. Ecl. 3.6.4.1

Pearson C 110; SVF 1.583

°° // πόθεν ποτ' ἄρα γίνεται μοιχῶν γένος; ° C 110
ἐκ κριθιῶντος ἀνδρὸς ἐν ἀφροδισίοις. \\ °° /SVF 1.583

Tradução

°° // Donde nasce a estirpe dos adúlteros? ° C 110
Da devassidão do homen nos deleites sexuais. \\ °° /SVF 1.583

137. SE. AM 11.73.4-6

Pearson C 88; SVF 1.574

°° // ἀλλὰ Κλεάνθης μὲν μήτε κατὰ φύσιν αὐτὴν (scil. τὴν ἡδονὴν) εἶναι ° C 88
 μήτ' ἄξιαν ἔχειν αὐτὴν ἐν τῷ βίῳ, καθάπερ δὲ τὸ κάλλυντρον κατὰ φύσιν /SVF 1.574
 μὴ εἶναι. \\ °°

Tradução

°° // Mas Cleantes não acredita que ele (o prazer) existe de acordo com a natureza, nem ° C 88
 possui valor para a vida, tal como uma brocha não existe de acordo com a natureza. \\ °° /SVF 1.574

Comentário

b. Apresenta-se aqui uma analogia entre o prazer e a brocha (pincel) baseada no fato de ambas serem meros instrumentos, portanto, meios, e de não serem de acordo com a natureza, o que é explicado como “não ter valor para a vida”. A passagem não apresenta uma prova de que o prazer é tal, somente uma analogia a partir da afirmação de que ele seja tal. Deve ser lido em conjunto com os textos de polêmica contra o prazer como um bem e finalidade (SVF 1.553ab, 1.556)

d. κάλλυντρον, traduzido aqui por ‘brocha’, ‘pincel’, deve indicar um objeto que é apenas um instrumento servindo a um fim não-natural, cosmético, donde se traduzir por ‘brocha’ e não ‘vassoura’, outra opção possível.

138. Stob. Ecl. 4.31d.124.3

Pearson C Apophthegma 18; SVF 1.617

°° // Κλεάνθης, ἐρωτώμενος πῶς ἂν τις εἴη πλούσιος, εἶπεν “εἰ τῶν ° C Apoph18
 ἐπιθυμιῶν εἴη πένης.” \\ °° /SVF 1.617

Tradução

°° // Cleantes, perguntado sobre como alguém poderia ser rico, disse "se for carente dos ° C Apoph18
 desejos" \\ °° /SVF 1.617

139. Stob. Ecl. 4.44.59.4

Pearson C 86; SVF 1.575

°° // ὁ δὲ Κλεάνθης ἔλεγε τὴν λύπην ψυχῆς παράλυσιν. \\ °° ° C 86
 /SVF 1.575

Tradução

°° // Cleantes dizia que a dor é um bloqueio da alma. \\ °° ° C 86
 /SVF 1.575

140. Cic. Tusc. 3.76.1-3

Pearson C 93; SVF 1.576

°° // sunt qui unum officium consolantis putent “malum illud omnino non ° C 93
 esse,” ut Cleanthi placet. \\ °° /SVF 1.576

Tradução

°° // Existem aqueles que reputam ser a única incumbência ao consolar dizer que "o mal ° C 93
 não existe em absoluto", como opina Cleanthes \\ °° /SVF 1.576

Comentário

c. a postura de Cleanthes ao oferecer uma terapia das emoções é radical e nega completamente a existência do mal que causa a crença objeto da emoção. O único mal é vício moral. Nesse sentido sua postura deve ser contrastada com a Crisipo, que prefere atacar a irracionalidade da crença que subjaz às emoções (“caput esse censet in consolandodetrahare illam opinionem maerenti”, Tusc.3.76).

141. Cic. Tusc. 3.77-78

Pearson C 94; SVF 1.577; Watanabe f 98

°° // nam Cleanthes quidem sapientem consolatur, qui consolatione non eget. nihil enim esse malum, quod turpe non sit, si lugenti persuaseris, non tu illi luctum, sed stultitiam detraxeris; alienum autem tempus docendi. et tamen non satis mihi videtur vidisse hoc Cleanthes, suscipi aliquando [5]aegritudinem posse ex eo ipso, quod esse summum malum Cleanthes ipse fatebatur. \\ °° Quid enim dicemus, cum Socrates Alcibiadi persuasisset, ut acceperimus, eum nihil hominis esse nec quidquam inter Alcibiadem summo loco natum et quemvis baiulum interesse, cum se Alcibiades adflicteret lacrimansque Socrati supplex esset, ut sibi virtutem traderet turpitudinemque depelleret, quid dicemus, Cleanthe?

° C 94
/SVF 1.577

Tradução

°° // pois Cleantes na verdade consola o sábio, o qual não carece de consolo. Pois [ao dizer que] o mal não existe, a não ser as torpezas, se tentares persuadir alguém aos prantos, tu não lhe subtrairás o sofrimento, mas a ignorância; o tempo de ensinar, contudo, não é este. E, todavia, me parece que Cleantes não teria visto a questão satisfatoriamente, em algum momento uma tristeza pode ocorrer por causa do que Cleantes mesmo reconhecia como o mal no grau mais elevado. \\ °° O que diríamos, quando Sócrates houver convencido Alcebiades, como ficamos sabendo, de que ele não seria um homem e de que nem haveria diferença entre Alcebiades, nascido em posição social elevada, e um porteiro qualquer, com o que Alcebiades se afligiria e chorando teria suplicado a Sócrates que lhe ensinasse a virtude e afastasse a torpeza, o que diríamos, Cleantes?

° C 94
/SVF 1.577

Comentário

c. ver comentário acima.

142. Sen. Ben. 6.12.2.3-13.1.1

Pearson C 99a; SVF 1.578a

// Ille, qui totus ad se spectat et nobis prodest, quia aliter prodesse sibi non potest, eo mihi loco est, quo (...) qui captivos suos, ut commodius veneant, pascit (...) °° multum, ut ait Cleanthes, a beneficio distat negotiatio. \\ °°

/SVF 1.578a
° C 99a

Tradução

// Aquele que se volta todo para si mesmo e nos é útil ocupa, na minha opinião, o mesmo lugar (...) de quem dá de comer aos escravos para que se vendam mais caro (...) °° Como diz Cleanthes, o negócio está muito distante do benefício. \\ °°

/SVF 1.578a
° C 99a

143. Sen. Ben. 2.31.2.6-7

Pearson C 99b; SVF 1.578b

°° // non enim in vicem aliquid sibi reddi voluit (qui beneficium dat), aut non fuit beneficium, sed negotiatio. \\ °°

° C 99b
/SVF 1.578b

Tradução

°° // não queria receber algo em troca (quem dá o benefício), ou não se trata de um

° C 99b

144. Sen. Ben. 6.10.2.3-11.3.1

Pearson C 98; SVF 1.579

°° // beneficium voluntas nuda non efficit: sed quod beneficium non esset, si optima ac plenissima voluntati fortuna defuisset, id aequè beneficium non est, nisi fortunam voluntas antecessit; non enim profuisse te mihi oportet, ut ob hoc tibi obliget, sed ex destinato profuisse. Cleanthes [5] exemplo eiusmodi utitur: “ad quaerendum,” inquit, “et accersendum ex Academia Platonem duos pueros misi; alter totam porticum perscrutatus est, alia quoque loca, in quibus illum inveniri posse sperabat, percucurrit, et domum non minus lassus quam irritus redit: alter apud proximum circulatorem resedit, et, dum vagus atque erro vernaculis congregatur et [10] ludit, transeuntem Platonem, quem non quaesierat, invenit. illum, inquit, laudabimus puerum, qui, quantum in se erat, quod iussus est fecit: hunc feliciter inertem castigabimus.” \\ °°

° C 98
/SVF 1.579**Tradução**

°° // a mera vontade não produz o benefício: entretanto esse benefício não se daria, se a fortuna carecesse da mais nobre e plena vontade, o que igualmente não seria uma boa ação/um benefício, se a vontade não antecederesse a fortuna; pois não te basta fazer algo por mim, para que eu me sinta obrigado por isso, mas fazer algo por mim propositadamente. Cleanthes utiliza um exemplo deste modo: “mandei dois rapazes procurarem Platão e fazerem, no vir da Academia; um deles perscrutou todos os pórticos, bem como percorreu os locais, nos quais ele esperava poder encontrá-lo, mas retornou a casa desiludido e não menos cansado”. O outro se acomodou junto ao primeiro transeunte, e, enquanto se juntava a esmo e sem rumo a qualquer um e se divertia, encontrou Platão passando, que não buscara. Louvaremos aquele rapaz que fez o que mandaram na medida de suas forças. Repreenderemos o que não fez nada, ainda que tenha sido mais feliz.” \\ °°

° C 98
/SVF 1.579**145. Sen. Ben. 5.14.1.1-3.1**

Pearson C 97; SVF 1.580; Watanabe f 99

°° // ¶ Cleanthes vehementius agit: “licet,” inquit, “beneficium non sit, quod accepit, ipse tamen ingratus est, quia non fuit redditurus, etiam si accepisset. sic latro est, etiam antequam manus inquinet: quia ad occidendum iam armatus est et habet spoliandi atque interficiendi [5] voluntatem. exercetur et aperitur opere nequitia, non incipit. sacrilegi dant poenas, quamvis nemo usque ad deos manus porrigat.” ¶ \\ °°

° C 97
/SVF 1.580
w f 99**Tradução**

°° // ¶ Cleanthes defende isto de maneira mais veemente: “Pode não se tratar de um benefício, o que foi recebido. Todavia, ainda que fosse recebida como tal, ele não é um benfeitor, já que ele não obterá nada em troca. Do mesmo modo se é ladrão também antes de fazer o gesto comprometedor, porque a mão já está armada para trucidar e tem desejo de espoliar e assassinar. A nequícia se empreende e revela na obra, mas não começa com ela. Os sacrílegos cumprem suas penas, ainda que ninguém levante as mãos para os céus. ¶ \\ °°

° C 97
/SVF 1.580
w f 99**Comentário**

d. Segundo Watanabe (p. 222-225) haveria nesse texto uma teoria da intenção.

146. Stob. Ecl. 3.28. 17.2

Pearson C 96; SVF 1.581

°° // Κλεάνθης ἔφη τὸν ὀμνύοντα ἥτοι εὐορκεῖν ἢ ἐπιορκεῖν, καθ' ὃν ὀμνυσι χρόνον. ἐὰν μὲν γὰρ οὕτως ὀμνύῃ ὥς ἐπιτελέσων τὰ κατὰ τὸν ὄρκον, εὐορκεῖν, ἐὰν δὲ πρόθεσιν ἔχων μὴ ἐπιτελεῖν, ἐπιορκεῖν. \ \ °° ° C 96 /SVF 1.581

Tradução

°° // Cleantes disse sobre quem jura que, no momento do juramento, já é leal ou comete perjúrio. Se se ele jurar com o fim de cumprir o objeto da jura, é leal, se tiver a intenção de não cumprir, comete perjúrio. \ \ °° ° C 96 /SVF 1.581

Comentário

d. esse fragmento pode ser lido no contexto da discussão lógica sobre o assentimento

147. Sen. Ep. 94.4

Pearson C 92; SVF 1.582

°° // Cleanthes utilem quidem iudicat et hanc partem (scil. philosophiae, quae dat propria cuique personae praecepta, nec in universum componit hominem, sed marito suadet quomodo se gerat adversus uxorem, patri quomodo educet liberos, domino quomodo servos regat), sed imbecillam |5|nisi ab universo fluit, nisi decreta ipsa philosophiae et capita cognovit.\ \ °° ° C 92 /SVF 1.582

Tradução

°° // Cleantes julga de fato também útil esta parte (da filosofia, que dá os preceitos apropriados a cada pessoa, e não relaciona cada homem com o universo, mas tenta persuadir o marido sobre o modo de se portar perante a esposa, o pai sobre o modo de educar os filhos, o senhor sobre como gerenciar os servos), contudo ela é fraca se não é derivada do conhecimento do universo, se não estudou os dogmas mesmos da filosofia e de seus princípios. \ \ °° ° C 92 /SVF 1.582

Os fragmentos de textos incluídos neste anexo citam o filósofo de Assos nominalmente, logo devem ser incluídos no *corpus*. Não existe justificativa para não atribuir a Cleantes um papel no debate sobre o conceito de οἰκείωσις.

Os demais fragmentos devem acompanhar a leitura e estudo dos textos sobre a definição cleanteana de virtude e a alma. Clemente (Ad SVF Cl.eth.3) apresenta um debate sobre a definição de virtude, o que deve ser lido sistematicamente com os fragmentos SVF 1.552-556, onde Cleantes parece adicionar à expressão “viver em concordância”, de Zenão (SVF 1.552a) o acordo com a natureza, embora o testemunho seguinte atribui tal adição a próprio Zenão.

O texto de Miguel Coniates (Ad SVF Cl.eth.2) reproduz o diálogo entre o raciocínio e a emoção utilizado por Galeno para comprovar a polêmica interna ao estoicismo entre uma visão platonizante sobre a alma, de Posidônio, e a visão ortodoxa, identificada como de Crisipo (SVF 1.570-571). Nesse debate não está claro o que o próprio Cleantes afirma, porém está claro que Posidônio o evocava como autoridade para admitir a tripartição da alma como tese estoica.

148. Hierocl. Elem.eth. col.7.48-8.27 (ed. Ramelli)

Watanabe f 4; Ad SVF 1.552-588 (1)

(...) διὸ φαίνεται τὸ ζῶον ἅμα
τῇ γενέσει αἰσθάνεσθαι τε αὐτοῦ καὶ οἰκειοῦσθαι ἑαυτῷ καὶ τῇ ἑαυτοῦ [50]
συστάσει·
ἐνταῦθα δὲ τοῦ λόγου γενόμενος οὐκ ἂν ἀκαίρως διασαφησαίμην τῆς
φαντασίας τὸν τρόπον. οὕτως οὖν ἐπειδὴν πολὺ αὐξάνηται τὸ ζῶον ἀνὰ χρόνον
μὲν .. καὶ ο .. τ..... ς ἤδη τῆς διαρθρώσεως, τρανῆς ἢ φαντασία γίνεται καὶ
δηκριβωμένη ητ...
[55] ..ου.....οτητα τρανότητος μόνον ἀλλὰ καὶ..... μετὰ ρώμης
διατετορευμένη πως καὶ διὰ σαφῶν τύπων ἢ ἀντίληψις τῶν ιδιωμάτων
ἀποτελεῖται·
τὸ δὲ κατ' ἀρχὰς κἂν τῇ πρώτῃ γενέσει οὐχ οὗτος ἐστὶν ὁ τρόπος τῆς
φαντασίας οὔτε τῆς αἰσθήσεως ἀλλὰ [60]καὶ συγκεχυμένος ὁλοσχερεῖ
τε τῇ τ[υπώσει χρώμεν]ος· καὶ μάλ' εἰκότως· αὐτὴ τε γὰρ
[1a] θ
[1b] εὐνοητικῶς ἑαυτῷ το ζῶον
[VIII] ἢ ἐκτύπωσις ἔτι παχεῖα καὶ οὔσα τα
..... οὐκ ἰσχυράν· δευτερον δὲ σκαθ .
.....μάτων διὰ τὴν σύγχυσινστησις ᾤτριβῆς καὶ ἀγύμναστος ως ... α
...σην τὸ [5] αἰσθητὸν αὐτοῦ περιδράξασθαι ὡς ἀκριβῶς ἐντὸς γενέσθαι
πραγμάτων· διὰ ταῦτα τοίνυν ἢ φαντασία ἀοριστώδης [μένει]. τηνικαῦτα η
.....νυ... αἰσθησις ἀνὰ μέσον ἔχουσα καὶ δίχ[α ἐπιρρέπει ὡς] τοιάδε καὶ ὡς

^wf 4

πρὸς τοιόνδε.

εἰκασίαις δὲ διαφόροις περὶ τούτου τοῦ [10] συμβαίνοντος ἐμβαλοῦσι δὴ
ἄνδρες γενναῖοι τῆς αἰρέσεως, Χρύσιππός τε καὶ Κλεάνθης, ὧν ὁ μὲν Χρύσιππος

.....

ἂν μέρος τι τῶν ἑαυτοῦ

μὲν γὰρ ἄλεινόν

. ἡ σαρκίνο .. ἡ

[15]ερ δε ... αι πουση ετε[

. τούτων ἀοριστώδης ἢ τε φαντασία ᾤ και ἡ ἀντίληψις

Tradução

(...) por isso ao animal aparece concomitantemente ao seu nascimento a sensação de si e o familiarizar-se consigo e com sua própria constituição (*oikeoústhai heautōi kai tēi heautōi sustásei*). Depois, portanto, de atingir no argumento, não seria inoportuno esclarecer sobre o modo da apresentação (*phantasia*). Destarte, portanto, assim que o animal tiver crescido mais com o tempo (...) e a apresentação de sua articulação já se torna clara e precisa (...)

(...) não só da clareza mas também (...) esculpida com força de algum modo, e por causa de impressões claras a apreensão de suas propriedades é acabada.

Mas no momento inicial, ainda nos primeiros momentos do nascimento, não é essa a maneira da apresentação (*phantasia*) nem da sensação, senão que (...) e ambas confundindo-se inteiramente e utilizando-se da impressão; e muito plausivelmente, pois ela (...) o impresso, sendo ainda grosseiro e (...) não forte. Em segundo lugar, então, (...) por causa da confusão (...) ᾤ sem treino e sem prática como (...) o objeto sensível (...) compreendê-lo como se viesse a estar dentro das coisas de modo preciso. Por causa disso, todavia, a apresentação permanece indefinida. Nesse momento (...) a sensação, estando em uma condição intermediária, dubiamente se balança como sendo tal e como em relação a tal coisa.

om diferentes conjecturas a respeito desse acontecimento dois nobres homens desta escola, Crisipo e Cleantes, dos quais Crisipo (...)

uma parte do que é dele (...) pois no ensolarado (...) feito de carne (...) desses, a apresentação é indefinida ᾤ e a apreensão

Comentário

d. “dubiamente se balança”, vocabulário helenístico para epistemologia, segundo Ramelli, ad loc.

^{wf}4

149. Michael Choniates. Prosopopoeiae, col. 1347 (falsa adscripta Gregorio Palamas)

Ad SVF 1.552-588 (2)

ᾤ Ἀμοιβαίους δὲ λόγους ψυχῆς τε καὶ σώματος, εἴτ' οὖν τοῦ λογιστικοῦ τε καὶ παθητικοῦ, ἀμυρδῶς συνέθετο Κλεάνθης ὁ Στωικὸς, οὕτω ποιήσας:

Τί ποτ' ἔσθ' ὃ βούλει, θυμέ; τοῦτό μοι φράσον.

Ἐγώ, λογισμέ, πᾶν ὃ βούλομαι ποιεῖν.

Νῆ βασιλικὸν γε· πλὴν ὅμως εἰπὸν πάλιν.

Ὡς ἂν ἐπιθυμῶ, ταῦθ' ὅπως γενήσεται. ᾤ

Tradução

ᾤCleantes, o estoico, compôs toscamente as razões trocadas entre a alma e o corpo, logo então entre a parte racional e a afetiva, assim fazendo:

O que é então que queres, paixão? Me digas o que é?

Eu, raciocínio, que faças tudo o que quero.

Dizes algo próprio de um rei. Diz de novo de todo modo.

Tudo o que deseje, que isso se torne realidade.ᾤ

Comentário

b. este texto deve ser lido com o apoi de SVF 1.570-571.

c. ver o poema é reproduzido em Marc. gr. 11,22 exstat. Par. gr. 2465, que contem os dois primeiros versos e um hemistíquio.

d. Segundo Watanabe (213-214), a versão registrada acima dirime a questão sobre a sílaba faltante no terceiro verso, restando decidir-se entre *vai* e *vῆ*.

150. Clem.Al. Strom. 2.21.129.1.1-10.3

Watanabe *f* 73(a¹); Ad SVF 1.552-588 (3)

ᾤ Πάλιν δ' αὖ Ζήνων μὲν ὁ Στωϊκὸς τέλος ἡγεῖται τὸ κατ' ἀρετὴν ζῆν, ^{Wf 73(a¹)}
Κλεάνθης δὲ τὸ ὁμολογουμένως τῇ φύσει ζῆν, Διογένης δὲ τὸ τέλος
κεῖσθαι ἡγεῖτο ἐν τῷ εὐλογιστεῖν, ὃ ἐν τῇ τῶν κατὰ φύσιν ἐκλογῇ κεῖσθαι
διελάμβανεν. ὃ τε Ἀντίπατρος ὁ τούτου γνώριμος τὸ τέλος κεῖσθαι ἐν τῷ
διηνεκῶς καὶ ἀπαραβάτως ἐκλέγεσθαι μὲν τὰ κατὰ φύσιν, ἀπεκλέγεσθαι δὲ
τὰ παρὰ φύσιν ὑπολαμβάνει. Ἀρχέδημος τε αὖ οὕτως ἐξηγεῖτο εἶναι τὸ
τέλος, <ζῆν> ἐκλεγόμενον τὰ κατὰ φύσιν μέγιστα καὶ κυριώτατα, οὐχ οἶόν
τε ὄντα ὑπερβαίνειν. πρὸς τούτοις ἔτι Παναίτιος τὸ ζῆν κατὰ τὰς
δεδομένας ἡμῖν ἐκ φύσεως ἀφορμὰς τέλος ἀπεφάνητο· ἐπὶ πᾶσι τε ὁ
Ποσειδώνιος τὸ ζῆν θεωροῦντα τὴν τῶν ὅλων ἀλήθειαν καὶ τάξιν καὶ
συγκατασκευάζοντα αὐτὴν κατὰ τὸ δυνατόν, κατὰ μηδὲν ἀγόμενον ὑπὸ
τοῦ ἀλόγου μέρους τῆς ψυχῆς. τινὲς δὲ τῶν νεωτέρων Στωϊκῶν οὕτως
ἀπέδωκαν, τέλος εἶναι τὸ ζῆν ἀκολουθῶς τῇ τοῦ ἀνθρώπου κατασκευῇ. τί
δὲ σοι Ἀρίστωνα <ἄν> καταλέγοιμι; τέλος οὗτος εἶναι τὴν ἀδιαφορίαν
ἔφη, τὸ δὲ ἀδιάφορον ἀπλῶς ἀδιάφορον ἀπολείπει· ἢ τὰ Ἡρίλλου εἰς μέσον
παράγοιμι; τὸ κατ' ἐπιστήμην ζῆν τέλος εἶναι τίθησιν Ἡρίλλος. τοὺς γὰρ
ἐκ τῆς Ἀκαδημίας νεωτέρους ἀξιοῦσιν τινες τέλος ἀποδιδόναι τὴν ἀσφαλῆ
πρὸς τὰς φαντασίας ἐποχὴν. *vai* μὲν Λύκων ὁ Περιπατητικὸς τὴν ἀληθινὴν
χαρὰν τῆς ψυχῆς τέλος ἔλεγεν εἶναι, ὥς † Λεύκιμος τὴν ἐπὶ τοῖς καλοῖς.
Κριτόλαος δέ, ὁ καὶ αὐτὸς Περιπατητικὸς, τελειότητα ἔλεγεν κατὰ φύσιν
εὐροοῦντος βίου, τὴν ἐκ τῶν τριῶν γενῶν συμπληρουμένην τριγενικὴν
τελειότητα μηνύων. ᾤ

Tradução

ᾤ E de novo, por outro lado, Zenão, o estoico, acredita que a finalidade da vida é viver de acordo com a virtude, Cleantes, por sua vez, que é o viver de acordo com a natureza, Diógenes considerou que a finalidade consistia no uso correto da razão, o que ele compreendia como consistindo na seleção das coisas de acordo com a natureza. E Antípatro, conhecido desse, supõe que a finalidade consistia em selecionar continuamente e sem se desviar o que é de acordo com a natureza, e rejeitar o que é contrário à natureza. Arquedemo, por sua vez, explicou que a finalidade da vida é viver a selecionar as maiores e mais importantes coisas de acordo com a natureza, não havendo o que as superasse. Além deles ademais Panécio pronunciava que a finalidade era o viver de acordo com as inclinações que nos foram dadas pela natureza; Posidônio, finalmente, dizia ser o viver contemplando a verdade e ordem do todo e se promovendo-a na medida do possível, em nenhuma parte levado pela parte irracional da alma. Alguns dos estoicos mais novos definiam que a finalidade é o viver em conformidade com os meios dados ao ser humano. Por que então te mencionaria Aríston? Ele disse que a finalidade é a indiferença, o que é indiferente ele abandona como absolutamente indiferente. Deveria trazer à baila as posições de Herilo? Herilos estabeleceu que a finalidade é viver de acordo com a ciência. Com efeito, alguns dos mais recentes da Academia pensam definir a finalidade como a infalível suspensão do juízo diante das apresentações (*pròs tās phantasías*). De fato sim o peripatético Lico dizia ser a finalidade a alegria verdadeira da alma, como Leucimo, que era a alegria sobre as coisas belas. Critolau, que também era peripatético, dizia ser a perfeição da vida fluindo bem de acordo com a natureza, citando a tríplice perfeição alcançada a partir dos três tipos de vida. ᾤ ^{Wf 73(a¹)}

Comentário

O presente comentário trata do conceito de οἰκείωσις.

Em relação ao ponto ao texto de Hierocles (Elem.eth. col. 7-8) ¹⁹² é o único testemunho de que o conceito de οἰκείωσις¹⁹³ (familiarização) era debatido no Pórtico pelo estoicismo antigo não só a partir de Crisipo. É a única evidência de que Cleantes também afirmava tal teoria. A teoria do que é familiar (τὸ οἰκεῖον) ao organismo animal, no caso estoico dotado distintamente de sensação e impulso, e da familiarização (οἰκείωσις) é estudada no âmbito da gênese das faculdades mencionadas. A explicação estoica do que é o bem fundamental perseguido pelo organismo animal depende da teoria sobre a percepção originária, ou seja, o impulso primordial de autoconservação é condicionado pela percepção que ele tem de seus próprios sentidos e dessa consciência. O texto considerado canônico é o seguinte:

Τὴν δὲ πρώτην ὁρμήν φασι τὸ ζῶον ἴσχειν ἐπὶ τὸ τηρεῖν ἑαυτό, οἰκειούσης αὐτὸ τῆς φύσεως ἀπ' ἀρχῆς, καθά φησιν ὁ Χρύσιππος ἐν τῷ πρώτῳ Περὶ τελῶν, πρῶτον οἰκεῖον λέγων εἶναι παντὶ ζῶῳ τὴν αὐτοῦ σύστασιν καὶ τὴν ταύτης συνείδησιν¹⁹⁴. (DL 7.85)

O principal problema filosófico colocado aqui é o da definição do que é o bem fundamental para o ser vivo, se o prazer, se a autoconservação. Após desenvolver a teoria estoica sobre as formas como as sensação e a consciência da sensação determinam o impulso primário de autoconservação, Hierocles passa a abordar os três fatores que explicam por que a apresentação (φαντασία) ainda não está amadurecida no começo da

¹⁹² Cf. Brink, 1956; Graeser, 1975; Inwood, 1985; esp. BS, 482-528.

¹⁹³ A palavra é de difícil tradução, optou-se em geral por vertê-la como 'familiarização' e 'familiaridade' e, neste contexto de discussão, verter os verbos correlatos como 'familiarizar-se com'. Infelizmente não existe um termo que exponha todos os significados do termo estoico. A tradição moderna trata de maneira diversa esta tradução, vertendo como 'asociación', 'apego', 'cercanía', 'proximidad', 'pertenencia', 'familiaridad', 'inclinación', 'atracción', 'appropriateness', 'appropriation', 'attachment', 'affiliation', 'belonging', 'familiarization', 'instinct', 'inclination', 'orientation' (BS: 495). As noções de 'familiarização' e 'familiaridade' devem remeter ao οἶκος (casa) como base primeiramente humana e comum para uma rede organizada em círculos concêntricos que não implicam somente o indivíduo e sua família, senão o que lhe é familiar (próprio, próximo, adequado, conveniente) enquanto ser humano racional: uma tendência à autoconservação inicialmente, a qual, traduzida em termos plenamente desenvolvidos da razão madura, é uma inclinação para a manutenção da humanidade, em última instância.

¹⁹⁴ "Eles dizem que o animal mantém o impulso primordial para a autoconservação, com a natureza familiarizando-os desde o início, conforme o que diz Crisipo no primeiro livro 'Sobre os fins', ao dizer que a primeira coisa familiar a todo animal é a sua própria constituição e a consciência que tem dela."

vida, sendo o primeiro fator a espessura da impressão (παχέϊα); em segundo lugar, a confusão e a terceira a falta de treino e de experiência (ἀτριβῆς καὶ ἀγύμναστος). Como ocorre em outros casos, a menção aos dois nomes vem associada a alguma polêmica: “εἰκασίαις δὲ διαφόροις περὶ τοῦ/ συμβαίνοντος ἐμβάλλουσι δύο ἄνδρες ἀπὸ τῆς αἰρέσεως, Χρῦ-/σιππός τε καὶ Κλεάνθης.” (Elem.eth.col.8.4).

É prova textual suficiente para que se afirme a origem pré-crisipeana da teoria ou, pelo menos, sua origem já no contexto de colaboração Cleantes-Crisipo.

Entretanto, em relação a Zenão, se ele tem uma teoria da οἰκείωσις, a prova é mais difícil. Watanabe menciona o texto de Cícero (Luc.131.15-132.1) para provar o fundador da escola já trata do assunto: “honeste autem vivere, quod ducatur a conciliatione naturae, Zeno statuit finem esse bonorum, qui inventor et princeps Stoicorum fuit.¹⁹⁵” Não está claro, no entanto, se esse texto não é apenas uma paráfrase de uma das definições estoicas da finalidade da vida, p. ex.:

“Τέλος δέ φασιν εἶναι τὸ εὐδαιμονεῖν, οὗ ἕνεκα πάντα πράττεται, αὐτὸ δὲ πράττεται μὲν οὐδενὸς δὲ ἕνεκα· τοῦτο δὲ ὑπάρχειν ἐν τῷ κατ’ ἀρετὴν ζῆν, ἐν τῷ ὁμολογουμένως ζῆν, ἔτι, ταῦτοῦ ὄντος, ἐν τῷ κατὰ φύσιν ζῆν¹⁹⁶.”

Caso esta leitura esteja certa, e não a de Watanabe, e assumindo o texto de Estobeu acima como paradigmático, “honeste... vivere”, *definiens* do ‘finis bonorum’, traduz “κατ’ ἀρετὴν ζῆν”, *definiens* de “τὸ εὐδαιμονεῖν”, por sua vez em relação predicativa com τέλος. E, enquanto o texto ciceroniano explica¹⁹⁷ o viver virtuosamente (*honeste*) com a expressão “*quod* ducatur a conciliatione naturae”, a antologia de Estobeu equipara três definições para o ser feliz:

- “τοῦτο [τὸ εὐδαιμονεῖν] δὲ ὑπάρχειν”
- (i) “ἐν τῷ κατ’ ἀρετὴν ζῆν”
 - (ii) “ἐν τῷ ὁμολογουμένως ζῆν”
 - (iii) “ἔτι, ταῦτοῦ ὄντος, ἐν τῷ κατὰ φύσιν ζῆν”

É razoável pensar que as três expressões equiparadas ‘i’, ‘ii’, ‘iii’ são alternativas postas no mesmo patamar, reciprocamente intercambiáveis, apresentadas assindeticamente, com paralelismo quase completo, salvo pelo advérbio “ἔτι” e a parentética “ταῦτοῦ ὄντος”. Portanto, viver segundo a virtude equivale a viver segundo a natureza¹⁹⁸.

¹⁹⁵ “Por outro lado, Zenão, o qual foi o fundador e mentor dos estoicos, estabeleceu que o fim último de todos os bens é viver virtuosamente, porque conduzido pela conciliação da natureza”. Trad. nossa, não literal. *Conciliatio* não é traduzido por familiarização, pois esse é um ponto disputável.

¹⁹⁶ “Eles dizem que a finalidade da vida é o ser feliz (τὸ εὐδαιμονεῖν). Tudo o mais é feito tendo, a em vista, ao passo que ela não é feita tendo em vista outra coisa: ela está no viver segundo a virtude, no viver de acordo, e ainda – o que é a mesma coisa –, no viver segundo a natureza.” Stob.Ecl. 2.7.6e.1-18.

¹⁹⁷ O uso de ‘quod’ com subjuntivo seria a marca de um emprego como conjunção explicativa (Lewis-Short, s.v.)

¹⁹⁸ Ad SVF Cl.eth.3, segundo Clemente Zenão afirmava ser a finalidade da vida viver de acordo com a virtude, Cleantes, de acordo com a natureza.

Uma objeção deve ser levada em conta: o texto ciceroniano especifica a relação entre um e outro, pois o fim último é viver virtuosamente porque conduzido pela conciliação da natureza.

Apesar disso deve-se apontar que a οἰκεῖωσις e seus cognatos, οἰκειῶσαι, τὸ οἰκεῖον, em obras em grego antigo, não aparecem em contexto específicos de definição do τέλος estoico. É de esperar que suas traduções, *conciliatio*, *commendatio*, *conciliare/-ari*, *commendare/-ari*, não apareçam em discussões sobre a finalidade da vida e, no entanto, é precisamente o que o texto ciceroniano faz. A afinidade temática entre a teleologia moral da vida e a descrição psicológica do impulso primordial é mediada pelo papel duplo, físico e axiológico, que o conceito de natureza cumpre no sistema estoico. Não por acaso, portanto, o tema era abordado em obras sobre a finalidade da vida.

Especificamente no caso do ser humano maduro redundava em afirmar a identidade entre viver em concordância com a natureza, racional, e viver segundo a virtude, viver para conservar as faculdades mais distintas. Esse texto é uma exposição sistemática do conceito, no contexto do estudo sobre a gênese e desenvolvimento das faculdades anímicas humanas – αἴσθησις-sensação e ὁρμή-impulso – em que a familiarização do ser humano com seus sentidos se dá pela percepção e pela autopercepção. A partir disso e por causa disso o ser humano é impelido a conservar seu organismo. Um problema importante para a Estoá concerne a definição do que é indiferente, preferível ou não; neste caso a busca pela autopreservação do organismo está condicionada ainda pela imaturidade da razão nele, que ainda é incapaz de discernir completamente o bem.

Por último, cabe notar que o texto está muito fragmentado no ponto em que se introduz a discordância entre Cleantes e Crisipo, se sobre especificamente a terceira razão pela qual as apresentações são imaturas ou sobre a teoria da percepção como um todo¹⁹⁹.

Como última nota, a pequena prece a Zeus e ao destino (= SVF 1.527ab) também merece lugar próprio na lista, pelo papel que desempenha no debate sobre as causas, sobre a noção de ressalva (ὑπεξαίρεσις) e de destino. O engajamento ativo do estoico na realidade, enquanto projeto e governo da razão, deus, para o universo, é bem resumido no quinto verso da versão senequiana (SVF 1.527b), “ducunt volentem fata, nolentem trahunt” (“o fado guia quem o quer, arrasta quem não quer”). Tradicionalmente tal família de textos cleanteanos é lida em conjunto com o fragmento que contém a alegoria

¹⁹⁹ Ramelli, 2009, p. 58-59.

do cão atado a um carro, SVF 2.975²⁰⁰: καθ' εἰμαρμένην εἶναι πάντα (...) ὥσπερ ὀχήματος ἐὰν ἢ ἐξηρητημένος κύων, ἐὰν μὲν βούληται ἔπεσθαι, καὶ ἔλκεται καὶ ἔπεται(...) ἐὰν δὲ μὴ βούληται ἔπεσθαι, πάντως ἀναγκασθήσεται. O pequeno hino a Zeus e ao Destino (SVF 1.527a-f) demonstra a força com que sua concepção do divino guia as reflexões de quem pretende atingir a sabedoria e se ressalvar. Não assentir a um impulso desinformado é o obrigatório para quem deve considerar todos os aspectos de um objeto.

É mais um modo de garantir que não se está contrariando os desígnios de Zeus e do destino, para não ser arrastado como um cão nem ser atirado sempre à direção contrária, como uma pedra rolada.

²⁰⁰ O texto também é citado na discussão propriamente filológica do poema cleanteano, especificamente por conter uma espécie de paráfrase do que deve ter sido o texto original de “ducunt volentem fata, nolentem trahunt” – v. comentário a SVF 1.527a, esp. ‘d’.

V. Política e outros

151. Theoph. Ad Aut. 3.5.1-5

SVF 1.584

// τί σοι ἔδοξε τὰ Ζήνωνος ἢ τὰ Διογένους καὶ Κλεάνθους, ὅποσα περιέχουσιν αἱ βίβλοι αὐτῶν διδάσκουσαι ἀνθρωποβορίας, πατέρας μὲν ὑπὸ ἰδίων τέκνων ἔψεσθαι καὶ βιβρώσκεσθαι καί, εἴ τις οὐ βούλοιτο ἢ μέρος τι τῆς μυσαρᾶς τροφῆς ἀπορρίψειεν, αὐτὸν κατεσθίεσθαι τὸν μὴ φαγόντα; \\\n

/SVF 1.584

Tradução

// O que te parecem os ditos de Zenão ou os ditos de Diógenes e Cleantes, que estão contidos em seus livros, ensinando canibalismo? Pais poderiam ser cozinhados por e alimentar os próprios filhos e, se alguém não quisesse ou jogasse fora uma parte do banquete hediondo, quem não tivesse comido poderia devorá-lo. \\\n

/SVF 1.584

Comentário

b. Única referência no *corpus* cleanteano à defesa do canibalismo como parte de sua teoria política.

152. SE. PH 3.199.1-200.3

Pearson C 109 (=Z 182); SVF 1.585

// παρ' ἡμῖν μὲν αἰσχρόν, μᾶλλον δὲ καὶ παράνομον νενόμισται τὸ τῆς ἀρρενομιξίας, παρὰ Γερμανοῖς δέ, ὡς φασίν, οὐκ αἰσχρόν (...) °° καὶ τί θαυμαστόν, ὅπου γε καὶ οἱ ἀπὸ τῆς κυνικῆς φιλοσοφίας καὶ οἱ περὶ τὸν Κιτιέα Ζήνονα καὶ Κλεάνθην καὶ Χρύσιππον ἀδιάφορον τοῦτο εἶναι φασίν; \\\n °°

/SVF 1.585

° Z 182

Tradução

// para nós a sodomia é considerada vil, e sobretudo algo proibido como contra a lei, porém para os germânicos, segundo dizem, não é vil (...) °° e por que é de se admirar, só porque os filósofos cínicos e os seguidores de Zenão de Cício, de Cleantes e Crisipo afirmem que isso é indiferente? \\\n °°

/SVF 1.585

° Z 182

153. Stob. Ecl. 3.42.2.2-4

Pearson 103; SVF 1.586

°° // κακουργότερον οὐδὲν διαβολῆς ἔστι πω·
λάθρα γὰρ ἀπατήσασα τὸν πεπεισμένον
μῖσος ἀναπλάττει πρὸς τὸν οὐδὲν αἷτιον. \\\n °°

° C 103

/SVF 1.586

Tradução

°° // nada é mais maléfico do que a calúnia:
pois sorrateira engana a quem convence
fabrica um ódio contra quem não é em nada responsável. \\\n °°

° C 103

/SVF 1.586

154. Stob. Ecl. 2.7.11d.33-11k.11

Ar.Did. De phil. sec.80.col.2.4; Pearson C 104; SVF 1.587; LS 67I; BS 30.16

{{ 11d.33 Τόν τε νόμον σπουδαῖον εἶναί φασι, λόγον ὀρθὸν ὄντα προστακτικὸν μὲν ὧν ποιητέον, ἀπαγορευτικὸν δὲ ὧν οὐ ποιητέον. Τοῦ δὲ νόμου ἀστείου ὄντος καὶ ὁ νόμιμος ἀστεῖος ἂν εἴη· νόμιμον μὲν γὰρ εἶναι ἄνδρα καὶ ἀκολουθητικὸν τῷ νόμῳ καὶ πρακτικὸν τῶν ὑπ' αὐτοῦ |5|προσταττομένων· νομικὸν δὲ τὸν ἐξηγητικὸν τοῦ νόμου. Μηδένα δὲ τῶν φαῦλων μῆτε νόμιμον εἶναι μῆτε νομικόν. (...) }

{BS 30.16}

11i.27 Τοῦ δὲ νόμου ὄντος σπουδαίου, καθάπερ εἵπομεν, ἐπειδὴ λόγος ὀρθὸς ἐστὶ προστακτικὸς μὲν ὧν ποιητέον, ἀπαγορευτικὸς δὲ ὧν οὐ ποιητέον, μόνον τὸν σοφὸν εἶναι λέγουσι νόμιμον, πρακτικὸν ὄντα τῶν |10|ὑπὸ τοῦ νόμου προσταττομένων καὶ μόνον ἐξηγητικὸν τούτου, δι' ὃ καὶ νομικὸν εἶναι· τοὺς δ' ἡλιθίους ἐναντίως ἔχειν.

Ἀστείοις δ' ἔτι καὶ τὴν ἀρχικὴν κατανέμουσιν ἐπιστάσιαν καὶ τὰ ταύτης εἶδη, βασιλείαν, στρατηγίαν, ναυαρχίαν καὶ τὰς ταύταις παραπλησίους. Κατὰ τοῦτο δὴ καὶ μόνος ὁ σπουδαῖος ἄρχει καὶ εἰ μὴ πάντως |15|κατ'ἐνέργειαν, κατὰ διάθεσιν δὲ καὶ πάντως. Καὶ πειθαρχικὸς μόνος ὁ σπουδαῖός ἐστιν, ἀκολουθητικὸς ὧν ἄρχοντι. Τῶν δ' ἀφρόνων οὐδεὶς τοιοῦτος· οὔτε γὰρ ἄρχειν οὔτ' ἄρχεσθαι οἷός τ' ἐστὶν ὁ ἄφρων, αὐθάδης τις ὧν καὶ ἀνάγωγος. (...)

11i.58 Λέγουσι δὲ καὶ φυγάδα πάντα φαῦλον εἶναι, καθ'ὅσον στέρεται |20|νόμου καὶ πολιτείας κατὰ φύσιν ἐπιβαλλούσης. Τὸν γὰρ νόμον εἶναι, καθάπερ εἵπομεν, σπουδαῖον, ὁμοίως δὲ καὶ τὴν πόλιν. °° // [I ἱκανῶς δὲ καὶ Κλεάνθης περὶ τὸ σπουδαῖον εἶναι τὴν πόλιν λόγον ἠρώτησε τοιοῦτον. πόλις μὲν <εἰ> ἔστιν οἰκητήριον κατασκευάσμα, εἰς ὃ καταφεύγοντας ἔστι δίκην δοῦναι καὶ λαβεῖν, οὐκ ἀστεῖον δὴ πόλις ἐστίν; ἀλλὰ μὴν τοιοῦτόν |25|ἐστὶν ἢ πόλις οἰκητήριον· ἀστεῖον ἄρ' ἔστιν ἢ πόλις.]] \ \ °° Τριχῶς δὲ λεγομένης τῆς πόλεως, τῆς τε κατὰ τὸ οἰκητήριον καὶ τῆς κατὰ τὸ σύστημα τῶν ἀνθρώπων καὶ τρίτον τῆς κατ' ἀμφοτέρω τούτων, κατὰ δύο σημανόμενα λέγεσθαι τὴν πόλιν ἀστείαν, κατὰ τε τὸ σύστημα τῶν ἀνθρώπων καὶ κατὰ τὸ συναμφοτέρον διὰ <τὴν εἰς> τοὺς ἐνοικοῦντας |30|ἀναφοράν.

° C 104
/SVF 1.587
[LS 67I]

11k.1 Φασὶ δὲ καὶ ἄγροικον εἶναι πάντα φαῦλον· τὴν γὰρ ἀγροικίαν ἀπειρίαν εἶναι τῶν κατὰ πόλιν ἐθῶν καὶ νόμων· ἥ πάντα φαῦλον ἔνοχον ὑπάρχειν. εἶναι δὲ καὶ ἄγριον, ἐναντιωτικὸν ὄντα τῇ κατὰ νόμον διεξαγωγῇ καὶ θηριώδη καὶ βλαπτικὸν ἄνθρωπον. Τὸν δ' αὐτὸν τοῦτον καὶ ἀνήμερον |35|ὑπάρχειν καὶ τυραννικόν, οὕτως διακείμενον ὥστε δεσποτικὰ ποιεῖν, ἔτι δὲ ὠμὰ καὶ βίαια καὶ παράνομα καιρῶν ἐπιλαβόμενον. Εἶναι δὲ καὶ ἀχάριστον, οὔτε πρὸς ἀνταπόδοσιν χάριτος οἰκείως ἔχοντα οὔτε πρὸς μετάδοσιν διὰ τὸ μῆτε κοινῶς τι ποιεῖν μῆτε φιλικῶς μῆτ' ἀμελετήτως. }}

Tradução

{{ 11d.33 Eles dizem que a lei é excelente, ela é a razão correta prescritiva do que se deve fazer e proibitiva do que não se deve fazer. Dado que a lei é civilizada, também quem cumpre as leis seria civilizado. Pois o homem cumpridor da leis tanto é um seguidor dela como alguém disposto a realizar o que ela prescreve. O intérprete dela é um homem da lei (*nomikòn*). Quem é vil não é nem cumpridor nem homem da lei. (...) }

{BS 30.16}

11i.27 Como dissemos, a lei é excelente, dado que é a razão correta prescritiva do que se deve fazer e proibitiva do que não se deve fazer. Dizem que somente o sábio é cumpridor da lei, ele realiza o que pela lei é prescrito e somente ele pode interpretá-lo. Por isso ele é homem da lei; os ignorantes são o contrário.

Ademais eles assignam aos civilizados a autoridade basilar e suas espécies: reino, generalato, almirantado (*nauarkhían*) e as similares a essas. Em conformidade com isso,

com efeito, somente o homem excelente governa e embora não o faça em todos os casos efetivamente, em cada caso ele o faz de acordo com sua disposição. Também somente o homem excelente é obediente, porque ele está disposto a seguir quem governa. Nenhum dos estúpidos é desse modo, pois o estúpido é tal que nem governa, nem se deixa governar, é alguém teimoso e intratável. (...)

11i.58 Eles dizem também que todo homem vil é um exilado, na medida em que está privado de lei e de uma forma de governo apropriada segundo a natureza. Conforme dissemos, a lei é excelente, do mesmo que a cidade também o é. °° // [[Cleantes indagou suficientemente com o seguinte argumento sobre a cidade ser uma coisa boa: se a cidade é um local preparado para moradias, onde aqueles que tem nela sua acolhida vem para receber e exigir punição (ou seja para que se administre justiça), não é com efeito a cidade algo nobre? Mas a cidade é exatamente tal local para moradias (etc.), logo a cidade é algo nobre.]] \\ °° A cidade é dita em três sentidos: primeiro como um complexo de edifícios e moradias; depois como um conjunto de seres humanos; em terceiro como ambos os anteriores, ou seja, segundo os dois sentidos em que a cidade é dita 'civilizada', segundo o conjunto de seres humanos e combinando os dois sentidos, por meio da referência aos que nela habitam.

° C 104
/SVF 1.587
[LS 67I]

11k.1 Eles dizem também que todo indivíduo vil é rude, pois a rudeza é a inexperiência nos costumes e leis da cidade, donde o vil estar desguarnecido para tudo. É um selvagem também, porque é avesso à maneira de se portar conforme a lei e um ser humano brutal e danoso. Esse mesmo homem é também indômito e tirânico, de tal maneira disposto que age como um déspota. E mais, ele aproveita todas as oportunidades para praticar ações cruéis, violentas e ilegais. É ainda mal agradecido, não tendo o hábito de agradecer os favores recebidos nem de retribuir os favores trocados, porque não age em prol de um interesse comum, nem amigavelmente, nem desinteressadamente. }}

Comentário

b. Sobre 'ἀπειρίαν'(1.32) também ver v.33 do *Hino a Zeus* (SVF 1.537).

155. Sen. Tranq. 1.10.5-11.1

Pearson C 105; SVF 1.588

°° // promptus compositus sequor Zenona, Cleanthem, Chrysippum, quorum tamen nemo ad rem publicam accessit, at nemo non misit. \\ °°

° C 105
/SVF 1.588

Tradução

°° // Sigo Zenão, Cleanthes, Crisipo sem hesitar e integralmente, nenhum dos quais, no entanto, foi convocado à vida pública, mas não deixou de recomendá-la a ninguém. \\ °°

° C 105
/SVF 1.588

156. Phld. Phil.hist. col.13.21-25

Pearson C 113; SVF 1.590

°° // κ[αὶ Κλ]εάνθης ἐν [τῷ] περὶ στ[ήλη]ς [ώ]ς Διογένης αὐτῆ[ς] μνη[μονεύ]ει καὶ ἐπαινεῖ καὶ [μικρὸν] ὕστε[ρ]ον ἐν αὐτ[ῷ] τούτ[ῳ] καθά[περ ἐτ]έρ[ω]θ' ἐνίων [ἐ]χθεσι[ν] [ποι]ε[ῖ]ται. \\ °°

° C 113
/SVF 1.590

Aparato

1 στ[ήλη]ς : στ[ολή]ς Mansfeld, 1986, p.349

Tradução

°° // E Cleanthes em seu "Sobre a lápide" assim a menciona e elogia (a "República") de Diógenes, e pouco depois no mesmo livro, assim como alhures, faz uma exposição. \\ °°

° C 113
/SVF 1.590

157. DL 7.173

Pearson C Apophthegma 20; SVF 1.618

°° // λέγεται δέ, φάσκοντος αὐτοῦ κατὰ Ζήνωνα καταληπτὸν εἶναι τὸ ἦθος °C Apoph 20
ἐξ εἰδούς, νεανίσκους τινὰς εὐτραπέλους ἀγαγεῖν πρὸς αὐτὸν κίμαιδον / SVF 1.618
ἐσκληραγωγημένον ἐν ἀγρῷ καὶ ἀξιοῦν ἀποφαίνεσθαι περὶ τοῦ ἦθους· τὸν
δὲ διαπορούμενον κελεῦσαι ἀπιέναι τὸν ἄνθρωπον. ὥς δ' ἀπὼν ἐκεῖνος
|5|ἔπταρεν, 'ἔχω,' εἶπεν, 'αὐτόν,' ὁ Κλεάνθης, 'μαλακός ἐστι.' \ \ °°

Tradução

°° // Diz-se que, afirmando ele (Cleantes) conforme Zenão ser cognoscível o caráter a partir do °C Apoph 20
aspecto, alguns jovens espertos trouxeram-lhe um catamita embrutecido pelo trabalho no campo, e / SVF 1.618
requeriam uma juízo sobre o caráter dele, mas, sem resposta, ele mandou que o homem fosse
embora. Como partisse aquele espirrou e Cleantes disse "Já sei! Ele é afeminado." \ \ °°

Comentário

A seção política do *corpus* cleanteano é provavelmente a menor de todo o conjunto de textos genuínos. Aqui, no entanto, está uma passagem sobre a nobreza da cidade, dentro de um texto maior sobre o conceito de lei e de obediência civil, sobre constituição política. O argumento diz o seguinte, numa figura de argumento hipotético:

se (p) a cidade é o local preparado para moradias, onde os refugiados vem dar e receber justiça,
então (q) ela é nobre ($p \rightarrow q$)

Ora, 'p'

Então, 'q'

Chama atenção, nesse argumento teleológico para a prova da nobreza da cidade, o foco específico na administração da justiça para classe dos refugiados (καταφεύγοντας) é um teste para a nobreza da cidade. Tal teste está baseado na hospitalidade tradicional helênica antiga, provavelmente reinterpretada e absorvida em alguma versão inicial da doutrina da οἰκείωσις. No texto maior, o sábio novamente tem um papel normativo, como único genuíno conhecedor e intérprete das leis e logo o seu único cumpridor.

Um fragmento mencionando a avaliação positiva da “República” por parte de Cleantes pode ser visto superficialmente como mais um marcador cinicizante de seu pensamento. O programa do movimento cínico contem a crítica radical aos valores estabelecidos e de estudo e a adoção da natureza como objeto privilegiado, normativo, para seu modo de vida²⁰¹. A partir Desde Diógenes de Sínope e o tabu do canibalismo

²⁰¹ Dudley, 1937; Goulet-Cazé, 2005.

associado à obra, bem como os temas do exílio e do amor à pátria, sodomia, o tema já debatido da familiarização na seção ética.

O elogio à obra política do pensador cínico (SVF 1.584), fonte de inspiração para a obra homônima do próprio Zenão, deve equivaler ou não a recomendar a opção radical pela constituição civil democrática, o fim do matrimônio, a formação das crianças em comum, o furto aos templos, o consumo de qualquer tipo de carne, o canibalismo (DL 6.71-74)? Infelizmente oferecer uma resposta a cada um desses pontos não é possível²⁰². A neutralidade em relação à sodomia (SVF 1.585). Nada mais palpável se retira do *corpus*.

No último fragmento (SVF 1.618), em seu nome e no de Zenão afirma categoricamente que “καταληπτὸν εἶναι τὸ ἥθος ἐξ εἶδους”, sugere a possibilidade de que o caráter humano seja um objeto como outro qualquer, submetido ao mesmo critério de verdade, a apresentação cognitiva. A anedota, neste caso, confirma sua teoria.

²⁰² Sobre sistemas de educação e sobre como educar as crianças, preocupação constante no estoicismo primevo, a julgar pelas listas transmitidas por Diógenes Laércio, encontram-se: “República”, “Sobre a educação helênica”, DL 7.4 = SVF 1.41); Perseu escreveu obras sobre a monarquia, sobre o regime político dos lacedemônios, contras as “Leis” de Platão (DL 7.36 = SVF 1.435); Herilo, escreveu “Περὶ ἀσκήσεως”, “Legislador”, um “Διδάσκαλος” (DL 7.166) e Esfero, discípulo de Zenão e Cleantes, escreveu sobre o regime lacedemônio, sobre Licurgo e Sócrates, sobre monarquia, lei (DL 7.178). O foco parece o estudo comparativo entre sistemas de educação e entre formas de constituição.

VI. Física

158. DL 7.134; 7.136.11-137.2

Pearson C 12; SVF 1.493; LS 44B; FDS 744; BS 14.1

°° // [[„, {{ §134 δοκεῖ δ' αὐτοῖς ἀρχὰς εἶναι τῶν ὅλων δύο, τὸ ποιοῦν καὶ τὸ πάσχον. τὸ μὲν οὖν πάσχον εἶναι τὴν ἄποιον οὐσίαν, τὴν ὕλην, τὸ δὲ ποιοῦν τὸν ἐν αὐτῇ λόγον, τὸν θεόν· τοῦτον γὰρ αἰδῖον ὄντα διὰ πάσης αὐτῆς δημιουργεῖν ἕκαστα. τίθησι δὲ τὸ δόγμα τοῦτο Ζήνων μὲν ὁ Κιτιεὺς |5| ἐν τῷ “Περὶ οὐσίας”, Κλεάνθης δὲ ἐν τῷ “Περὶ τῶν ἀτόμων”, \ \ °° Χρύσιππος δὲ ἐν τῇ πρώτῃ “τῶν Φυσικῶν” πρὸς τῷ τέλει, Ἀρχέδημος δ' ἐν τῷ “Περὶ στοιχείων” καὶ Ποσειδώνιος ἐν τῷ δευτέρῳ τοῦ “Φυσικοῦ λόγου”. διαφέρειν δὲ φασιν ἀρχὰς καὶ στοιχεῖα· τὰς μὲν γὰρ εἶναι ἀγενήτους καὶ ἀφθάρτους, τὰ δὲ στοιχεῖα κατὰ τὴν ἐκπύρωσιν φθείρεσθαι. |10| ἀλλὰ καὶ σωμάτια εἶναι τὰς ἀρχὰς καὶ ἀμόρφους, τὰ δὲ μεμορφῶσθαι.}}]]

§136... ἔστι δὲ στοιχεῖον ἐξ οὗ πρώτου γίνεται τὰ γινόμενα καὶ εἰς ὃ ἔσχατον ἀναλύεται. §137 τὰ δὲ τέτταρα στοιχεῖα εἶναι ὁμοῦ τὴν ἄποιον οὐσίαν, τὴν ὕλην·,

° C 12
/ SVF 1.493
[LS 44B]
,FDS 744.1
{BS 14.1}

Tradução

°° // [[„, {{ Parece-lhes haver dois princípios de todas as coisas, o que age e o que sofre a ação. Portanto, o que sobre a ação é a substância não-qualificada, a matéria, enquanto o que age é o logos nela, o deus. Pois esse, sendo eterno, fabrica cada coisa através dela inteira. Estabelece essa doutrina Zenão de Cício em seu “Sobre a substância”, Cleantes em seu livro “Sobre os indivisíveis”, \ \ °° Crisipo no fim do primeiro livro da “Física”, Arquedemo em seu “Sobre os elementos” e Posidônio no segundo livro da “Ciência física”. Dizem diferir os princípios e os elementos, pois os primeiros são não-gerados e indestrutíveis, os elementos no momento da conflagração – ao contrário – são destruídos. Ademais são corpos os princípios, e amorfos, ao passo que os elementos possuem forma. }}]]

§136... um item a partir do qual primeiramente cada coisa vem a ser, e o último em que cada uma se resolve. §137 A junção dos quatro elementos constitui a substância não-qualificada, a matéria,,

° C 12
/ SVF 1.493
[LS 44B]
,FDS 744
{BS 14.1}

159. Syr. In Arist.Met. 105.19-30; 106.5-8

Pearson C 6; SVF 1.494, 2.364, 3 Archedemus 3; LS 30H; FDS 318A; BS 4.5

„, {{ 105 Ἄλλ' ἵνα μὴ νῦν περὶ τὴν ἱστορίαν φανεράν οὔσαν διατρίβωμεν, ῥητέον ἓνα λόγον περὶ Σωκράτους καὶ Πλάτωνος καὶ τῶν Παρμενιδείων τε καὶ Πυθαγορείων πρὸς αὐτόν, °° // [[ὥς ἄρα τὰ εἶδη παρὰ τοῖς θεοῖς τούτοις ἀνδράσιν οὔτε πρὸς τὴν χρῆσιν τῆς τῶν ὀνομάτων συνηθείας παρήγετο, ὥς Χρύσιππος καὶ Ἀρχέδημος καὶ οἱ πλείους τῶν Στωικῶν ὕστερον ᾤθησαν (πολλαῖς γὰρ διαφοραῖς διέστηκε τὰ καθ' αὐτὰ εἶδη τῶν ἐν τῇ συνηθείᾳ λεγομένων), οὔτε]] τοῖς λεκτοῖς τοῖς πολυθρυλήτοις ἀνάλογον τῷ νῷ παρυφίσταται, ὥς ἡρεῖτο Λογγῖνος πρεσβεύειν· οὐδὲν γὰρ ὅλως παρυφίσταται τῷ νῷ, εἴπερ ἀνοούσιον ἔστι τὸ παρυφιστάμενον· πῶς δ' ἂν τὸ αὐτὸ νοητόν τε εἴη καὶ παρυφίσταται; οὐ μὴν οὐδ' ἐννοήματά εἰσι παρ' αὐτοῖς αἱ ιδέαι, ὥς Κλεάνθης ὕστερον εἶρηκεν, οὐδ', ὥς Ἀντωνῖνος μὲν τὴν Λογγίνου καὶ Κλεάνθους δόξαν, τῷ νῷ παρυφίστανται κατὰ τὰς ἐννοητικὰς ιδέας. „, οὐ μὴν οὐδ' ἐννοήματά εἰσι παρ' αὐτοῖς αἱ ιδέαι, ὥς

,FDS 318A
{BS 4.5}

° C 6
/SVF 1.494
LS 30H

Κλεάνθης ὕστερον εἶρηκεν. \\ °° οὐδ', ὡς Ἀντωνῖνος μινὺς τὴν Λογγίνου καὶ Κλεάνθους δόξαν, τῷ νῷ παρυφίστανται κατὰ τὰς ἐννοητικὰς ιδέας „
106... παραφέρεται δὲ καὶ Βοηθὸς ὁ περιπατητικὸς ἐκ τῶν παρὰ τῷ Ἀριστοτέλει κατηχήσεων εἰς ταὐτὸν ἄγων τοῖς γενικοῖς τὰς ιδέας· ᾧ καὶ τὸν Κορνοῦτον συντάττειν εὐλογον, οὐ πόρρω καὶ αὐτὸν ταύτης ὑπενεχθέντα τῆς δόξης }}

Tradução

„ {{ 105 Porém para que não percamos tempo com uma história conhecida, visto que é clara, deve-se mencionar um argumento sobre Sócrates, Platão, os seguidores de Parmênides e de Pitágoras contra ele (Aristóteles), °° // [[de que as Formas, para esses homens divinos, não foram introduzidas para o uso de convenções em relação aos nomes, como Crisipo e Arquedemos e a maioria dos estoicos posteriormente acreditaram (pois as Formas por si mesmas são distintas em muitos quesitos dos predicados utilizados por convenção) e tampouco]] subsistem na mente em analogia aos alardeados dizíveis (*lektá*), como Longino preferia. Com efeito, nada subsiste exclusivamente na mente, se aquilo a que se refere (*tò paruphistámenon*) carecer de existência. Como seria possível que o mesmo ente mental (*tò autò noētón*) simultaneamente fosse e subsistisse? Tampouco as ideias para eles são concepções (*ennoēmátá*), como Cleantes posteriormente disse.\\°°
Nem seria possível – como Antonino disse misturando a opinião de Longino e de Cleantes – que eles subsistissem na mente conforme as ideias conceituais „
106... Boeto – o peripatético – também é desencaminhado pelas instruções de Aristóteles, ao comparar as ideias às noções genéricas. Cornuto pode ser posto a seu lado com razão, pois ele não está longe de se deixar levar pela mesma opinião }}

,FDS 318A
{BS 4.5}
° C 6
/SVF 1.494
LS 30H

Comentário

b. este fragmento é o único a reportar a posição cleanteana a respeito desse assunto - cf. Pearson, p.239-240; BS, p.84-89 (“la teoria estoica de las cualidade parece *postular* entidades genéricas, mientras que la teoria estoica de los universales parece *excluir* tales entidades de la ontología”, p. 89).
c. outros textos importantes para o debate são: Stob. Ecl. 1.136.21-137.6 (= SVF 1,65; LS 30A; FDS 316; BS 4.1); Aët. 1.10.3-5 (= SVF 1.65, 2.360; FDS 317; BS 4.2); Alex. Aphr. In Top. 359.10-16 (= SVF 2.329; LS 30D; FDS 709; BS 4.3); Simpl.in cat. 105.7-21 (= SVF 2.278; LS 30E; FDS 1247; BS 4.4); SE. AM 11.8-11 (= SVF 2.224; LS 30I; FDS 629).

160. Herm. Irrisio gentilium philosophorum, 14 (DDG 654.26-31)

Pearson C 21; SVF 1.495

°° // ἀλλ' ὁ Κλεάνθης ἀπὸ τοῦ φρέατος ἐπάρας τὴν κεφαλὴν καταγεῖλαι σου τοῦ δόγματος καὶ αὐτὸς ἀνιμᾷ τὰς ἀληθεῖς ἀρχάς, θεὸν καὶ ὕλην. καὶ τὴν μὲν γῆν μεταβάλλειν εἰς ὕδωρ, τὸ δὲ ὕδωρ εἰς ἀέρα, τὸν δὲ ἀέρα <ἄνω> φέρεσθαι, τὸ δὲ πῦρ εἰς τὰ περίγεια χωρεῖν, τὴν δὲ ψυχὴν δι' ὅλου τοῦ |5|κόσμου διήκειν, ἧς μέρος μετέχοντας ἡμᾶς ἐμψυχοῦσθαι. \\ °°

° C 21
/SVF 1.495

Tradução

°° // Mas Cleantes, erguida a cabeça do poço, ri de tua doutrina (de Epicuro) e carrega a água dos princípios verdadeiros, deus e matéria. E segundo ele a terra se transforma em água, a água, por sua vez, em ar, o ar é carregado para cima, o fogo se encontra ao redor da terra, a alma perpassa pelo universo inteiro, de cuja parte nossas próprias almas participando são animadas. \\ °°

° C 21
/SVF 1.495

161. Prob. Vergil. Buc. 6.31

Pearson C 20; SVF 1.496

°° // Omnem igitur hanc rerum naturae formam tenui primum et inani mole dispersam refert (scil. Vergilius) in quattuor elementa concretam et ex his

° C 20
/SVF 1.496

omnia esse postea effigiata. Ita Stoici tradunt Zenon Citiaeus et Chrysippus
Soleus et Cleanthes Assius. \ \ °°

Tradução

// Toda esta forma da natureza que, primeiramente, estava em uma massa sutil e sem consistência, Virgílio conta que foi condensada em quatro elementos e foi reunida, e a partir deles posteriormente todas as coisas são forjadas. Assim ensinam os estóicos Zenão de Cítio e Crisipo de Sólis e Cleantes de Assos. \ \ ° C 20 /SVF 1.496

Comentário

Probo comenta os versos 31,40 da sexta bucólica de Virgílio, nos quais encontra semelhanças com a doutrina da origem dos elementos estóica. Em seguida Probo associa essa doutrina à de Empédocles, citando seus versos (DK 6).

162. Aët. Plac. 1.14.1-7

DDG 312.11-313.2; Stob. Ecl. 1.15.6a7-8; Pearson C 26; SVF 1.498; Watanabe f 19

Περὶ σχημάτων

Σχήμά ἐστιν ἐπιφάνεια καὶ περιγραφὴ καὶ πέρας σώματος.
Οἱ ἀπὸ Πυθαγόρου τὸν κόσμον σφαῖραν κατὰ σχῆμα τῶν τεττάρων
στοιχείων· μόνον δὲ τὸ ἀνώτατον πῦρ κωνοειδές.
Οἱ ἀπὸ Λευκίππου τὰ ἄτομα πολυσχήμονα.
Ἀναξαγόρας τὰ ὁμοιομερῆ πολυσχήμονα.
°° // § Κλεάνθης μόνος τῶν Στωικῶν τὸ πῦρ ἀπεφήνατο κωνοειδές. § \ \ °°
Ζήνων ἔφασκε τὸ πῦρ κατ' εὐθείαν κινεῖσθαι.

° C 26
/SVF 1.498
wf 19

Tradução

Sobre as figuras

Uma figura é a superfície, a circunscrição e o limite de um corpo.
Os discípulos de Pitágoras (dizem) que o universo é esférico conforme a figura dos quatro elementos. Somente o fogo mais elevado é cônico.
Os discípulos de Leucipo (dizem) que os átomos são de muitas figuras.
Anaxágoras (afirma) que as partículas são de muitas figuras.
°° // § Cleantes é o único dos estóicos para quem o fogo era cônico. § \ \ °° Zenão disse
que o fogo se move em linha reta.

° C 26
/SVF 1.498
wf 19

163. Ar.Did. Phys. fr. 29.25-30

Eus. PE 15.15.7.1-3; Pearson C 28a; SVF 1.499a; Watanabe f 20(a¹)

°° // § ἡγεμονικὸν δὲ τοῦ κόσμου Κλεάνθει μὲν ἤρεσε τὸν ἥλιον εἶναι διὰ
τὸ μέγιστον τῶν ἄστρον ὑπάρχειν καὶ πλεῖστα συμβάλλεσθαι πρὸς τὴν τῶν
ὄλων διοίκησιν, ἡμέραν καὶ ἐνιαυτὸν ποιοῦντα καὶ τὰς ἄλλας ὥρας. \ \ °°
τισὶ δὲ τῶν ἀπὸ τῆς αἰρέσεως ἔδοξε γῆν τὸ ἡγεμονικὸν εἶναι τοῦ κόσμου,
Χρυσίππῳ δὲ τὸν αἰθέρα τὸν καθαρώτατον καὶ εἰλικρινέστατον, ἅτε
πάντων εὐκίνητότατον ὄντα καὶ τὴν ὅλην περιάγοντα τοῦ κόσμου φοράν. §
Aparato
1 Κλεάνθει μὲν ἤρεσε : Κλεάνθει μὲν εἶπε Β

° C 28a
/SVF 1.499a
wf 20(a¹)

Tradução

°° // § Cleantes foi da opinião de que a parte governante (*hegemonikón*) do universo era o ° C 28a

Sol, porque é o maior dos astros e contribui para a administração de todas as coisas por excelência, ao produzir dia e ano e as demais estações. \ \ °° Para certos integrantes da escola parecia ser a terra a parte governante do universo, para Crisipo era o éter mais puro e mais absoluto, na medida em que é o mais facilmente móvel e em que põe a girar o todo do deslocamento do universo. \ \

/SVF 1.499a

^wf 20(a¹)

Comentário

c. ver também o texto de Hisdóso anexado a esta seção (= Ad SVF Cl.phys.4): “Alii autem dicunt quod mundi medietas est sol, quem cor totius mundi esse volunt”

164. Ps-Cens. Epit.disc. 1.61-62

Pearson C 28b; SVF 1.499b

stoicorum opinio probanda, qui, cum arte conpositum opus mundi considerarent, introduxerunt naturam providam ac sapientem, quam ordo inpermutabilis ostenderet, <et> industria factum pronuntiaverunt. sive perpetuus sive longaeus est mundus, et in flammis abit, et vicissim ex [5]flammis renovatur ac restituitur, durantibus tamen principiis; nec recidere ad nihilum videri potest, quod in se deficit <et> in se regignitur. °° // et constat quidem quattuor elementis, terra, aqua, igne, aere. cuius principalem solem quidam putant, ut Cleanthes, \ \ °° et Chrysippus aethera, cuius motu perenni subiecta tenentur et administrantur, et ipse §62 quidem [10]aether nihil patitur. aer aethera supra, infra aquam; aera supra aquam, infra terram. terra omnia ex se omnium permixtione progignit, et temperantia fovetur, intemperantia laeditur. invicem porro elementa succedere et interitu singulorum universa fieri sempiterna manifestum est.

° C 28b

/SVF 1.499b

Tradução

A opinião dos estóicos deve ser comprovada, os quais uma vez que consideraram o conjunto do universo uma composição feita com arte, introduziram a ideia de uma natureza providente e sábia, que exibiria uma organização imutável, e industriosamente expuseram seu caso. Ou bem o universo é perpétuo ou bem é longo e desaparece nas chamas, e de novo a partir das chamas se renova e se restitui, todavia os princípios perduram entre os ciclos. E não pode ser visto retornar ao nada aquilo que desaparece em si e se regenera em si. °° // E de fato o universo consta de quatro elementos: terra, água, fogo e ar. Dos quais alguns consideram principal o Sol, como Cleanthes, \ \ °° e Crisipo o éter, por cujo movimento perene são mantidas e administradas. E o éter mesmo de fato não sofre nada. Em relação ao ar o éter (está) acima, a água abaixo; em relação à água o ar (está) acima, abaixo a terra. Na terra tudo se produz a partir de si pela mistura de todas as coisas, e a mistura equilibrada medra, enquanto a desequilibrada fenece. Isso é manifesto (pois) alternada e repetidamente os elementos se sucedem e pela destruição das coisas particulares o universo se refaz eternamente.

° C 28b

/SVF 1.499b

165. DL 7.139

Pearson C 28c (p. 257); SVF 1.499c; Watanabe f 20 (a²)

§139 \ \ Τὸν δὲ κόσμον διοικεῖσθαι κατὰ νοῦν καὶ πρόνοιαν, καθά φησι Χρύσιππος τ' ἐν τῷ πέμπτῳ Περὶ προνοίας καὶ Ποσειδώνιος ἐν τῷ τρισκαιδεκάτῳ Περὶ θεῶν, εἰς ἅπαν αὐτοῦ μέρος διήκοντος τοῦ νοῦ, καθάπερ ἐφ' ἡμῶν τῆς ψυχῆς· ἀλλ' ἤδη δι' ὧν μὲν μᾶλλον, δι' ὧν δὲ ἥττον. δι' ὧν μὲν γὰρ ὡς ἕξις κεχώρηκεν, ὡς διὰ τῶν ὀστέων καὶ τῶν νεύρων· δι' ὧν δὲ ὡς νοῦς, ὡς διὰ τοῦ ἡγεμονικοῦ. οὕτω δὲ καὶ τὸν ὅλον κόσμον ζῶον ὄντα καὶ ἔμψυχον καὶ λογικόν, ἔχειν ἡγεμονικὸν μὲν τὸν αἰθέρα, καθά φησιν Ἀντίπατρος ὁ Τύριος ἐν τῷ ὀγδόῳ Περὶ κόσμου. // Χρύσιππος δ' ἐν

^wf 20 (a²)

τῷ πρώτῳ “Περὶ προνοίας” καὶ Ποσειδώνιος ἐν τῷ “Περὶ θεῶν” τὸν οὐρανὸν φασι τὸ ἡγεμονικὸν τοῦ κόσμου, Κλεάνθης δὲ τὸν ἥλιον. \ \ ὁ μέντοι Χρῦσιππος διαφορώτερον πάλιν τὸ καθαρώτατον τοῦ αἰθέρος ἐν ταύτῳ, ὃ καὶ πρῶτον θεὸν λέγουσιν αἰσθητικῶς ὥσπερ |5|κεχωρηκέναι διὰ τῶν ἐν ἀέρι καὶ διὰ τῶν ζώων ἀπάντων καὶ φυτῶν· §140 διὰ δὲ τῆς γῆς αὐτῆς καθ’ ἑξιν. ᾤ

/SVF 1.499c

Tradução

§139 ᾤ O universo é administrado conforme a mente e a providência, segundo o que diz Crisipo no quinto livro “Sobre a providência” e Posidônio no décimo terceiro livro “Sobre os deuses”, a parte sua que perpassa em tudo é a mente, assim como em nós é a alma; porém ele perpassa mais por umas, por outras menos. Por umas, com efeito, ele se aloja como disposição (*hēksis*), como pelos ossos e tendões; por outras como mente, como pela parte governante (*hēgemonikōn*). Desse modo, de fato, todo o universo é um ser vivo e possui alma e é racional, e tem sua parte governante que é o éter, como diz Antípatro de Tiro no oitavo livro “Sobre o universo”. // Crisipo no primeiro livro de seu “Sobre a providência” e Posidônio em seu “Sobre os deuses” dizem que o céu é o parte governante (*hegemonikon*) do universo, Cleantes diz que é o Sol. \ \ Crisipo, todavia, novamente no mesmo (livro diz haver) uma parte do éter mais diferenciada e a mais pura, e o qual é o deus primeiro que eles dizem existir no mundo dos sentidos, como se ele coabitasse as coisas do ar e os os animais e vegetais; também a terra mesma segundo sua disposição (*kath’ hēksin*). ᾤ

^wf 20 (a²)

/SVF 1.499c

Comentário

b. ver também a respeito Ad SVF Cl.log.2

166. Aët. Plac. 2.4.15-17

DDG 332b.18-27; Stob. Ecl. 1.21.6d1-e5; Pearson C 28d; SVF 1.499d; Watanabe f 20(a³)

Ποῦ ἔχει τὸ ἡγεμονικὸν ὁ κόσμος.

Φιλόλαος τὸ [δὲ] ἡγεμονικὸν ἐν τῷ μεσαιοτάτῳ πυρί, ὅπερ τρόπεως δίκην προὔπεβάλετο τῇ τοῦ παντὸς σφαίρᾳ ὁ δημιουργὸς θεός.

°°//ᾤΚλεάνθης ὁ Στωικὸς ἐν ἡλίῳ ἔφησεν εἶναι τὸ ἡγεμονικὸν τοῦ κόσμου.\ \ °°

° C 28d

/SVF 1.499d

^wf 20(a³)

Ἀρχέδημος τὸ ἡγεμονικὸν τοῦ κόσμου ἐν γῇ ὑπάρχειν ἀπεφήνατο.ᾤ

Tradução

Onde está o *hēgemonikōn* do universo

Filolau acredita que a parte governante (*hēgemonikōn*) está no fogo localizado precisamente no centro (do universo), como que à guisa de quilha que deus demiurgo lançou como base para a esfera do todo.

°° // ᾤ Cleantes, o estóico, disse que a parte governante (*hēgemonikōn*) do universo está no Sol. \ \ °°

° C 28d

/SVF 1.499d

^wf 20(a³)

Arquedemo declarou estar a parte governante (*hēgemonikōn*) do universo na terra. ᾤ

167. Cic. Luc. 126.13-15

Pearson C 28e; SVF 1.499e

°° // Cleanthes, qui quasi maiorum est gentium Stoicus, Zenonis auditor, solem dominari et rerum potiri putat. \ \ °°

° C 28e

/SVF 1.499e

Tradução

°° // Cleanthes, que dentre os estóicos é praticamente da primeira geração, ouvinte direto de

° C 28e

168. Plut. De fac. 923a1-6

Pearson C 27; SVF 1.500

°° ὥσπερ // Ἀρίσταρχον ᾧετο δεῖν Κλεάνθης τὸν Σάμιον ἀσεβείας προσκαλεῖσθαι τοὺς Ἕλληνας, ὡς κινουῦντα τοῦ κόσμου τὴν ἐστίαν, ὅτι <τὰ> φαινόμενα σώζειν ἀνὴρ ἐπειρᾶτο, μένειν τὸν οὐρανὸν ὑποτιθέμενος, ἐξελίττεσθαι δὲ κατὰ λοξοῦ κύκλου τὴν γῆν, ἅμα καὶ περὶ τὸν αὐτῆς ἄξονα δινουμένην.\ \ °°

° C 27
/SVF 1.500**Tradução**

°° Assim como // Cleantes acreditava ser preciso acusar Aristarco de Samos de impiedade diante dos gregos, por mover a lareira do universo, porque, mero homem, tentou salvar os fenômenos, supondo que o céu fique parado e a terra rode segundo um ciclo elíptico, ao mesmo tempo turbilhonando em torno de seu eixo. \ \ °°

° C 27
/SVF1.500**169. Stob. Ecl. 1.25.3**Aët. Plac. 2.20.3-16; DDG 349b-351b11; Pearson C 29a; SVF 1.501a; Watanabe f 22(a¹)**Περὶ οὐσίας ἡλίου**

348b13 <Θεόφραστος vel Ξενοφάνης> ἐν “τοῖς Φυσικοῖς” γέγραφεν ἐκ πυριδίων μὲν τῶν συναθροιζομένων <ἐκ> τῆς ὑγρᾶς ἀναθυμιάσεως, συναθροιζόντων δὲ τὸν ἥλιον.

[5] 349b4 °° // ᾧ Κλεάνθης ἀναμμα νοερὸν τὸ ἐκ θαλάττης τὸν ἥλιον. \ \ °° –
Περὶ δὲ τῶν τροπῶν φασὶ κατὰ τὸ διάστημα τῆς ὑποκειμένης τροφῆς ὠκεανὸς δ' ἐστὶ ** ἥς τὴν ἀναθυμίασιν ἐπινέμεται. Συγκαταφέρεσθαι δὲ τὸν ἥλιον κινούμενον ἔλικα ἐν τῇ σφαίρᾳ, ἀπὸ τοῦ ἰσημερινοῦ ἐπὶ τε ἄρκτου καὶ νότου, ἅπερ ἐστὶ πέρατα τῆς ἔλικος· ᾧ ἄλλοι δὲ ἐπ' εὐθείας αὐτὸν κινεῖσθαι τὴν ἔλικα οὐ περὶ σφαῖραν ποιοῦντα, περὶ δὲ κύλινδρον.
(...)

° C 29a
/SVF 1.501a
w f 22(a¹)

351b9 Ἡράκλειτος καὶ Ἐκαταῖος ἀναμμα νοερὸν τὸ ἐκ θαλάττης εἶναι τὸν ἥλιον.

Aparato

d. “Theophrasti nomen, cuius de Xenophanem sententiam addiderat Aëtius, ab illo inepte seiunxit Stobaeus” (DDG, 348b comm. in l.11)

Tradução

Sobre a substância do Sol

348b13 <Teofrasto ou Xenofanes> em seus “Tratados de ciências físicas” escreveu que a partir das faíscas, que são coletadas a partir da exalação úmida, e que por sua vez se coletam, se forma o Sol.

34ab9 °° // ᾧ Cleantes diz ser o Sol uma massa ígnea e inteligente que se constitui a partir do mar.\ \ °° - dizem sobre as variações (do Sol, que ele aquece) de acordo com a distância do alimento: é o oceano ** de cuja exalação ele se nutre. Fazem o Sol baixar movendo-se em espiral na esfera, a partir do equinócio sobre a Ursa (sc. o Norte) e o Sul, as quais são os limites da espiral; ᾧ Outros dizem que se move sobre uma linha reta fazendo a espiral não ao redor de uma esfera, mas ao redor de um cilindro. (...)

° C 29a
/SVF 1.501a
w f 22(a¹)

351b9 Heráclito e Hecateu dizem ser o Sol uma massa ígnea e inteligente, a qual se

constitui a partir do mar.

Comentário

b. SVF 1.481 menciona uma obra de autoria de Cleantes chamada “Περὶ τροπῶν”; o grupo SVF 1.499a-e, 500, 501a-d, 505, 507a-b, trata da teoria cleantena do papel e ciclo solar, seu movimento e nutrição, no universo durante o período cosmológico entre conflagrações.

170. Cic. ND 3.37.1-7

Pearson C 29c; SVF 1.501b; Watanabe f 22(a³)

°° // ^w Quid enim? non eisdem vobis placet omnem ignem pastus indigere ° C 29c
nec permanere ullo modo posse, nisi alitur: ali autem solem, lunam, reliqua /SVF 1.501b
astra aquis, alia dulcibus, alia marinis? eamque causam Cleanthes adfert ^w f 22(a³)
cur se sol referat nec longius progrediatur solstitiali orbi itemque brumali,
[5]ne longius discedat a cibo. ^w \ \ °°

Tradução

°° // ^w Pois então não opinais vós mesmos que todo fogo carece de repasto e não pode ° C 29c
perseverar de outro modo, senão alimentado? E que o Sol, a Lua, e os demais astros se /SVF 1.501b
alimentam das águas, uns astros de águas doces, outros astros de águas salgadas? Cleanthes f 22(a³)
aduz essa causa para que o Sol se retraia sem avançar para mais longe do que a órbita dos
solstícios de verão e de inverno, para não se afastar demais dos nutrientes. ^w \ \ °°

Comentário

b. ver comentário em SVF 1.501a acima.

171. Macrob. Sat. 1.23.2

Pearson C 29d; SVF 1.501c

°° // ideo enim, sicut et Posidonius et Cleanthes affirmant, solis meatus a ° C 29d
plaga, quae usta dicitur, non recedit, quia sub ipsa currit Oceanus, qui /SVF 1.501c
terram ambit et dividit, \ \ °° omnium autem physicorum adsertione constat
calorem umore nutrir.

Tradução

°° // pois por esse motivo, assim como Posidônio e Cleanthes afirmam, o curso do Sol não ° C 29d
retrocede da região, a qual se diz tórrida, porque sob essa corre o oceano, que abrange e /SVF 1.501c
divide a terra. \ \ °° Ademais o calor de tudo o que é físico – segundo consta – se nutre de
líquido.

Comentário

b. ver comentário em SVF 1.501a acima.

172. Aët. Plac. 2.23.5

DDG 353a8; Pearson C 29b; SVF 1.501d

°° // Οἱ Στωϊκοὶ κατὰ τὸ διάστημα τῆς ὑποκειμένης τροφῆς διέρχεσθαι τὸν ° C 29b
ἥλιον· ὥκεανὸς δέ ἐστιν ἢ γῆ, ἣς τὴν ἀναθυμίασιν ἐπινέμεται. \ \ °° /SVF 1.501d

Aparato

1 additur post 358b7 ‘Κλεάνθης’ (pro ‘Οἱ Στωϊκοί’)

Tradução

°° // Os estóicos (acreditam que) o Sol faz seu percurso de acordo com a distância do ° C 29b
alimento: seja oceano ou terra, de cuja exalação se nutre. \ \ °° /SVF 1.501d

Comentário

b. ver comentário em SVF 1.501a acima.

173. Cic. ND 2.40.1-41.12

Pearson C 30; SVF 1.504; Watanabe f 24B; BS 15.12

¶ Atque hac mundi divinitate perspecta tribuenda est sideribus eadem divinitas; quae ex mobilissima purissimaque aetheris parte gignuntur, neque ulla praeterea sunt admixta natura, totaque sunt calida atque perlucida, ut ea quoque rectissime et animantia esse et sentire atque intellegere dicantur. °° // {{ atque ea quidem tota esse ignea duorum sensuum testimonio confirmari Cleanthes putat, tactus et oculorum. nam solis et candor illustrior est quam ullius ignis, quippe qui immenso mundo tam longe lateque colluceat, et is eius tactus est, non ut tepefaciat solum, sed |5|etiam saepe comburat. quorum neutrum faceret, nisi esset igneus. “ergo,” inquit “cum sol igneus sit Oceanique alatur humoribus, quia nullus ignis sine pastu aliquo posset permanere, necesse est aut ei similis sit igni, quem adhibemus ad usum atque victum, aut ei, qui corporibus animantium continetur. 41 atqui hic noster ignis, quem usus vitae requirit, |10|confector est et consumptor omnium idemque, quocumque invasit, cuncta disturbat ac dissipat. contra ille corporeus vitalis et salutaris omnia conservat, alit, auget, sustinet sensuque adficit.” negat ergo esse dubium, horum ignium sol utri similis sit, cum is quoque efficiat, ut omnia floreat et in suo quaque genere pubescant. quare cum solis ignis similis eorum |15|ignium sit, qui sunt in corporibus animantium, solem quoque animantem esse oportet, et quidem reliqua astra, quae oriantur in ardore caelesti, qui aether vel caelum nominatur. ¶ }} \ \ °°

° f 24B

° C 30
/SVF 1.504
{BS 15.12}

Tradução

¶ Ora, reconhecida esta condição divina ao universo, há de ser atribuída a mesma divindade aos astros. Eles surgem da parte a mais móvel e a mais pura do éter, e ademais não estão misturados a qualquer outro elemento e são totalmente quentes e translúcidas, de modo que diz-se delas muito corretamente que também possuem alma e tanto podem sentir quanto inteligir. °° // {{ E estas constelações todas serem ígneas Cleanthes reputa confirmar-se pela evidência de dois dos nossos sentidos, o tato e a visão. Pois o brilho do Sol é mais brilhante do que o de qualquer outro fogo, na medida em que ilumina a uma distância tão longa e amplam o universo sem medida, e seu toque é tal que não só esquentam, como também muitas vezes destrói pelo fogo. Não seria capaz de realizar nenhuma das duas ações se não fosse ígneo. Diz ele “logo, como o Sol é ígneo, é nutrido pelos fluídos do Oceano, porque nenhum fogo pode perseverar sem algum tipo de alimento, é necessário ou que ele seja semelhante ao fogo, o qual exploramos para nosso uso e sustento, ou ao que no corpos das coisas animadas está contido. 41 Ora este nosso fogo, demandado pela vida cotidiana, destrói e consome todas as coisas e do mesmo modo, para onde quer que se lance, põe em desordem todas as coisas e dissipa tudo. Em contrapartida a esse, aquele fogo que está no corpo, vital e que traz saúde, conserva todas as coisas, alimenta, aumenta, sustenta e dá sensação.” Logo, ele nega haver dúvida sobre o tipo de fogo ao qual dos dois o Sol é semelhante, já que ele também faz com que todas as coisas floresçam e amadureçam de acordo com o gênero de cada uma. Por essa razão, uma vez tendo em vista que o fogo do Sol é semelhante aos fogos que estão nos corpos dos seres vivos, o Sol necessariamente deve ser animado, e de fato os demais astros, originados no ardor celeste que chamamos de ‘éter’ ou ‘céu’. }} \ \ °°¶

° f 24B

° C 30
/SVF 1.504
{BS 15.12}

174. Gem. Elem. astr. 16.21.1-3

Pearson C 35; SVF 1.505

°° // ὑπὸ τὴν διακεκαυμένην ζώνην τινὲς τῶν ἀρχαίων ἀπεφάναντο, ὧν ° C 35
ἐστὶ καὶ Κλεάνθης ὁ Στωικὸς φιλόσοφος, ὑποκεχύσθαι μεταξὺ τῶν /SVF 1.505
τροπικῶν τὸν ὠκεανόν. \\ °°

Tradução

°° // Alguns dos antigos, dentre os quais está também Cleantes o filósofo estóico, ° C 30
consideravam que o oceano se espalhava entre os trópicos, na zona tórrida. \\ °° /SVF 1.505

175. Ar.Did. Phys. fr. 34.1-3

Stob. Ecl. 1.26.1i.2-5; DDG 467.16; SVF 1.506; Watanabe f 26

Ῥζήνων τὴν σελήνην ἔφησεν ἄστρον νοερὸν καὶ φρόνιμον, πύρινον δὲ ° f 26
πυρὸς τεχνικοῦ. /SVF 1.506
// Κλεάνθης πυροειδῆ τὴν σελήνην, πιλοειδῆ δὲ τῷ σχήματι. Ῥ\\

Tradução

Ῥ Zenão afirmou que a Lua é uma estrela pensante e inteligente, e ígnea no sentido de feita ° f 26
de fogo artifício. /SVF 1.506
// Cleantes afirma que a Lua tem a forma do fogo, com a figura de um chapéu. Ῥ\\

176. Aët. Plac. 2.16.1

DK Anaxagoras T78; DDG 345a16; Ps.-Plut. Plac. 889c2-3; Pearson C 34a; SVF 1.507a

°° // Ἀναξαγόρας Δημόκριτος Κλεάνθης ἀπὸ ἀνατολῶν ἐπὶ δυσμὰς ° C 34a
φέρεισθαι πάντας τοὺς ἀστέρας. \\ °° /SVF 1.507a

Tradução

°° // Anaxágoras, Demócrito, Cleantes (dizem) que todos os astros movem-se do Oriente ° C 34a
ao Ocidente. \\ °° /SVF 1.507a

177. Ps.-Gal. HP 58

DDG 625.9-10; Pearson C 34b; SVF 1.507b

°° // Ἀναξαγόρας καὶ Δημόκριτος καὶ Κλεάνθης ἀπὸ ἀνατολῶν εἰς δυσμὰς ° C 34b
φέρεισθαι τοὺς ἀστέρας νομίζουσιν. \\ °° /SVF 1.507b

Tradução

°° // Anaxágoras, Demócrito, Cleantes consideram que os astros movem-se do Oriente ao ° C 34b
Ocidente. \\ °° /SVF 1.507b

178. Aët. Plac. 2.14.1-2

Stob. Ecl. 1.24.2d2-3; DDG 343b18-344b1; Pearson C 33a; SVF 1.508a; Watanabe f 28(b')

°° // ῥ οἱ μὲν ἄλλοι Στωικοὶ σφαιρικοὺς αὐτοὺς, Κλεάνθης δὲ κωνοειδεῖς (scil. τοὺς ἀστέρας). ῥ \\ °° ° C 33a /SVF 1.508a ^wf 28(b¹)

Tradução

°° // ῥ Enquanto alguns estóicos dizem que eles são esféricos, Cleantes diz que (os astros) são cônicos. ῥ \\ °° ° C 33a /SVF 1.508a ^wf 28(b¹)

Comentário

c. ver também SVF 2.867

d. SVF 1.508d abaixo também é reproduzido por Diels como um fragmento aeciano (DDG 344.2, De placitis reliquiae, Theodoretii et Nemesii excerpta)

179. Ps.-Gal. HP 56a (DDG 624.20-24)

Pearson C 33b; SVF 1.508b

Οἱ Στωικοὶ σφαιρικοὺς τοὺς ἀστέρας καθάπερ τὸν κόσμον οἶονται καὶ ἥλιον καὶ σελήνην. °° // Κλεάνθης κωνοειδεῖς. \\ °° ° C 33b /SVF 1.508b

Tradução

Os estóicos acreditam que os astros são esféricos, assim como o universo, o Sol e a Lua. °° // Cleantes acredita que são cônicos. \\ °° ° C 33b /SVF 1.508b

180. Ach. Tat. Intr. Arat. 12

Pearson C 33c; SVF 1.508c; Watanabe f 28(a⁴)

Περὶ σχήματος ἀστέρων.

°° // ῥ Κλεάνθης αὐτοὺς κωνοειδὲς ἔχειν σχῆμά φησι \\ °°, τινὲς δὲ πετάλοις ἐοικέναι ἐκτύροις βάθος οὐκ ἔχοντας, ἀλλ' ὥσπερ γραφὰς εἶναι, τινὲς δὲ πυραμίδας. οἱ δὲ Στωϊκοὶ σφαιρικὸν ἔχειν σχῆμα λέγουσι, καθάπερ καὶ τὸν ἥλιον καὶ τὸν περιέχοντα οὐρανόν. ῥ

Aparato

1 φησιν om. V 3 ἔχειν σχῆμα λέγουσι om. V 4 καὶ prius om. M

Tradução

Sobre o formato dos astros

°° // ῥ Cleantes diz que eles são caráter cônico \\ °° alguns os comparam a folhas conflagradas sem ter profundidade, como se fossem desenhos (ou seja, bidimensionais), outros (comparam) a pirâmides. Os estóicos afirmam que eles possuem a figura esférica, assim como também o Sol e o céu que abrange (os astros). ῥ °C 33c /SVF 1.508c ^wf 28(a⁴)

181. Theod. GAC 4.20.1-4

DDG 344.2; SVF 1.508d; Watanabe f 28(b²)

ῥ Ἡρακλείδης δὲ καὶ ἄλλοι τῶν Πυθαγορείων τινὲς ἕκαστον τῶν ἀστέρων κόσμον ὑπάρχειν φασί, γῆν περιέχοντα καὶ ἀέρα· καὶ οἱ μὲν σφαιροειδεῖς τούτους (i.e. τοὺς ἀστέρας) εἰρήκασιν // κωνοειδεῖς δὲ Κλεάνθης ὁ Στωικός. ῥ \\ /SVF 1.508d ^wf 28(b²)

Tradução

¶Heraclides e alguns outros pitagóricos dizem que cada um dos astros é um universo (próprio), contendo terra e ar; enquanto alguns declaram que eles são esféricos, // segundo /SVF 1.508d
Cleantes, o estóico, são cônicos. ¶\

Comentário

d. Este fragmento foi considerado por Diels um excerto de Aécio (DDG 344.2, De placitis reliquiaie, Theodoret et Nemesii excerpta).

182. Cic. ND 2.23.5-31.1

Pearson C 42a, 42b; SVF 1.513a, 1.513b; LS 47C; BS 15.7

°° // ¶ { §23.5 Sic enim res se habet, ut omnia, quae alantur et quae crescant contineant in se vim caloris, sine qua neque ali possent nec crescere. Nam omne, quod est calidum et igneum, cietur et agitur motu suo; quod autem alitur et crescit, motu quodam utitur certo et aequabili; qui quam diu remanet in nobis, tam diu sensus et vita remanet; refrigerato autem et extincto calore §24 occidimus ipsi et extinguimur. ¶ °° °° // quod quidem Cleanthes his etiam argumentis docet, quanta vis insit caloris in omni corpore: negat enim esse ullum cibum tam gravem, quin is nocte et die concoquatur; cuius etiam in reliquiis inest calor iis, quas natura espuerit. ¶ °° iam vero venae et arteriae micare non desinunt quae quodam igneo motu, animadversumque saepe est cum cor animantis alicuius evolsum ita mobiliter palpitaret ut imitaretur igneam celeritatem. Omne igitur quod vivit, sive animal sive terra editum, id vivit propter inclusum in eo calorem. ex quo intellegi debet eam caloris naturam vim habere in se vitalem per omnem mundum pertinentem.

° C 42b
/SVF 1.513b
[LS 47C]
{BS 15.7}

° C 42a
/SVF 1.513a

§25 Atque id facilius cernemus toto genere hoc igneo quod tranat omnia subtilius explicato. Omnes igitur partes mundi (tangam autem maximas) calore fultae sustentur. Quod primum in terrena natura perspici potest. nam et lapidum conflictu atque tritu elici ignem videmus et recenti fossione terram fumare calentem, atque etiam ex puteis iugibus aquam calidam trahi, et id maxime fieri temporibus hibernis, quod magna vis terrae cavernis contineatur caloris eaque hieme sit densior ob eamque causam calorem insitum §26 in terris contineat artius. longa est oratio multaeque rationes, quibus doceri possit omnia quae terra concipiat semina quaeque ipsa ex se generata stirpibus infixae contineat ea temperatione caloris et oriri et augescere. Atque aquae etiam admixtum esse calorem primum ipse liquor aquae declarat et fusio, quae neque congelaretur frigoribus neque nive pruinaque concreveret, nisi eadem se admixto calore liquefacta et dilapsa diffunderet; itaque et aquilonibus reliquisque frigoribus adiectis durescit umor, et idem vicissim mollitur tepefactus et tabescit calore. atque etiam maria agitata ventis ita tepescunt ut intellegi facile possit in tantis illis umoribus esse inclusum calorem; nec enim ille externus et adventicius habendus est tepor, sed ex intumidis maris partibus agitatione excitatus, quod nostris quoque corporibus contingit cum motu atque exercitatione recalescunt. Ipse vero aer, qui natura est §27 maxime frigidus, minime est expers caloris; ille vero et multo quidem calore admixtus est: ipse enim oritur ex respiratione aquarum; earum enim quasi vapor quidam aer habendus est, is autem existit motu eius caloris qui aquis continetur, quam similitudinem cernere possumus in his aquis quae effervescunt subiectis ignibus. Iam vero reliqua quarta pars mundi: ea et ipsa tota natura fervida

est et ceteris naturis omnibus §28 salutarem inpartit et vitalem calorem. Ex quo concluditur, cum omnes mundi partes sustineantur calore, mundum etiam ipsum simili parique natura in tanta diuturnitate servari, eoque magis quod intellegi debet calidum illud atque igneum ita in omni fusum esse natura, ut in eo insit procreandi vis et causa gignendi, a quo et animantia omnia et ea quorum stirpes terra continentur et nasci sit necesse et augescere. }}

§29 Natura est igitur quae contineat mundum omnem eumque tueatur, et ea quidem non sine sensu atque ratione. Omnem enim naturam necesse est, quae non solitaria sit neque simplex sed cum alio iuncta atque conexa, habere aliquem in se principatum, ut in homine mentem, in belua quiddam simile mentis unde oriantur rerum adpetitus; in arborum autem et earum rerum quae gignuntur e terra radicibus inesse principatus putatur. principatum autem id dico quod Graeci ἡγεμονικὸν vocant, quo nihil in quoque genere nec potest nec debet esse praestantius. ita necesse est illud etiam in quo sit totius naturae principatus esse omnium optimum omniumque rerum potestate §30 dominatuque dignissimum. videmus autem in partibus mundi (nihil est enim in omni mundo quod non pars universi sit) inesse sensum atque rationem. in ea parte igitur, in qua mundi inest principatus, haec inesse necessest, et acriora quidem atque maiora. quocirca sapientem esse mundum necesse est, naturamque eam quae res omnes complexa teneat perfectione rationis excellere, eoque deum esse mundum omnemque vim mundi natura divina contineri.

Atque etiam mundi ille fervor purior perlucidior mobiliorque multo ob easque causas aptior ad sensus commovendos quam hic noster calor, quo haec quae §31 nota nobis sunt retinentur et vigent.]]

Tradução

°° // [[{{ §23.5 Pois a situação é tal que, todas as coisas que se alimentam e crescem, contem em si a energia do calor, sem a qual nem poderiam se alimentar nem crescer. Pois tudo que é quente e ígneo é estimulado e conduzido por seu próprio movimento. O que ademais é nutrido e cresce utiliza-se de um movimento constante e uniforme. Enquanto ele permanecer em nós, os sentidos e a vida permanecem. Uma vez resfriado, porém, e extinto o calor, §24 morremos nós próprios e nossa chama se extingue. \\ °° °° // É algo que Cleantes mostra também com estes argumetos sobre a quantidade de energia de calor está presente em todo corpo. Pois nega haver um alimento tão pesado, que não seja digerido no período de uma noite e um dia, cujo calor ainda está presente nos resíduos, que a natureza expele. \\ °° Já as veias e as artérias de fato não deixam de vibrar como se movidas de certo modo pelo fogo. E se tem observado muitas vezes como, quando o coração de um animal é arrancado, continuaria a palpitar rápido, como se imitasse a pulsação do fogo. Portanto, tudo o que está vivo, seja animal ou vegetal, deve sua vida ao calor que possui dentro de si. Disso decorre que a natureza do calor detem em si a energia vital que pervade todo o mundo.

§25 E mais facilmente entendemos isso, tendo sido explicado de modo mais sutil todo esse gênero de fogo, o qual permeia todas as coisas. Portanto, todas as partes do mundo são suportadas pelo do sustento do calor. Abordarei, no entanto, somente as mais relevantes. Isso pode ser percebido primeiramente no elemento da terra, já que vemos surgirem chispas de fogo pela batida e atrito de pedras e subir a fumaça da terra quente em um fosso recém,cavado. E também vemos água quente ser extraída dos poços de água corrente, e isso ocorre principalmente durante o inverno, porque um montante grande de energia em termos de calor está contido nas entranhas da terra, o qual é mais denso no inverno e por causa disso contem §26 na terra um calor mais compacto. Somente com um longo discurso e com muitos argumentos se pode mostrar que cada uma das sementes que a terra faz brotar, e cada uma das espécies (de plantas) geradas a partir de si mesma e fixamente enraizadas, tem origem e podem crescer graças ao seu calor equilibrado. Por

° C 42b
/SVF 1.513b
[LS 47C]
{BS 15.7}

° C 42a
/SVF 1.513a

outro lado, a prova de que a água é uma mistura de calor é primeiramente seu estado líquido e fluido. A água nem congelaria pelo frio, nem se solidificaria em neve e geadas, se ela mesma não derretesse ao ser liquefeita e dissolvida pela mistura de calor. E assim a umidade se enrija ao ser exposta ao vento norte e a outros climas frios, e novamente amolece ao ser aquecido e evapora com o calor. Também o mar – agitado pelo vento – se aquece, de modo a ser facilmente compreensível que haja calor em tamanho volume de líquido. Porém não se deve supor que essa tepidez é advinda de algo externo e adventício, sendo antes resultado da agitação das partes inferiores do mar, assim como o que sucede a nossos corpos, quando eles se reaquecem pelo movimento e o exercício. O próprio ar, no entanto, que é por natureza §27 o mais frio, não está despido de calor; ele na verdade está misturado com o calor e por certo com uma grande quantidade de calor, pois ele mesmo é originado da exalação das águas, dado que o que deve ser concebido praticamente como o vapor oriundo delas. Esse vapor, todavia, existe graças ao movimento daquele calor que está contido nas águas. Podemos discernir essa semelhança na água que ferve ao ser posta sobre o fogo. Resta abordar o quarto elemento do mundo, todavia, por sua natureza mesma é ardente em sua totalidade e fornece §28 aos demais elementos todos o calor vital e salutar. A partir disso se pode concluir que, levando-se em conta que todas as partes do mundo são sustentadas pelo calor, o próprio mundo é conservado pela ação diuturna de tal elemento ou de um similar. E ainda mais porque se deve entender que este elemento cálido e ígneo permeia todas as coisas, de tal modo que nele está presente a força para a procriação e a causa da geração. E por ele é necessário nascer e crescer tudo, sejam animais ou seja aquilo cujos tipos estão fixados na terra (ou seja, plantas). } }

§29 Existe uma natureza, portanto, que abrange o mundo inteiro e que o protege, e ela, de fato, não é privada de sensação e razão. Pois é necessário a toda a natureza, que não é uniforme e simples, porém composta e complexa, que possua em si algum ponto principal, por exemplo no homem a mente, na fera algo semelhante à mente, donde origina o apetite pelas coisas. Nas árvores, no entanto, e nos seres que são gerados da terra se presume estar seu ponto principal nas raízes. Com ‘parte governante’ (*principatum*) me refiro aos que os gregos chamam ‘ἡγεμονικόν’ (*hêgemonikón*), ao qual nada nem pode nem deve ser superior. Assim é necessário que o elemento em que a o *hêgemonikón* de toda natureza está, também seja o mais excelente de todos e o mais eminente por sua autoridade e §30 domínio entre todas as coisas. Vemos, todavia, nas partes do mundo – pois não existe nada em todo o mundo que não seja uma parte do universo – a sensação e razão presentes. Logo, na parte em que está presente a parte governante (*hêgemonikón*) do mundo, é necessário que ambas sejam nele presentes e, de fato, que sejam ambas mais agudas e mais amplas. Onde é necessário que o mundo seja sábio, e o elemento que contém todas as coisas seja excelente pela perfeição abrangente de sua razão. E por essa razão o mundo é deus e todas as forças no mundo são mantidas pela natureza divina. Ademais aquele ardor mais puro, mais luzidio e móvel do mundo, e por essas características mais adequado para o estímulo dos sentidos do que este nosso calor, pelo qual §31 as coisas por nós conhecidas são mantidas e revigoradas.]]

183. Clem.Al. Strom. 8.9.25.1.1-26.1.7; 26.3.1-27.1.1; 27.1.2-28.1.4; 28.3.3-28.5.3; 28.6.1-29.2.3; 30.1.1-30.3.5; 31.1.1-31.5.4; 32.7.1-33.9.7

Pearson C 7; SVF 1.488; LS 55C, 55D, 55I; FDS 763, 764; BS 14.11

25.1.1 {{ Τῶν αἰτίων τὰ μὲν προκαταρκτικά, τὰ δὲ συνεκτικά, τὰ δὲ {BS 14.11} συνεργά, τὰ δὲ ὧν οὐκ ἄνευ. προκαταρκτικὰ μὲν τὰ πρῶτως ἀφορμὴν παρεχόμενα εἰς τὸ γίγνεσθαι τι, καθάπερ τὸ κάλλος τοῖς ἀκολάστοις τοῦ ἔρωτος· ὀφθὲν γὰρ αὐτοῖς τὴν ἐρωτικὴν διάθεσιν ἐμποιεῖ μόνον, οὐ μὴν κατηναγκασμένως. συνεκτικά δὲ ἄπερ συνωνύμως καὶ αὐτοτελῇ καλεῖται, ἐπειδήπερ αὐτάρκως δι' αὐτῶν ποιητικά ἐστὶ τοῦ ἀποτελέσματος. ἐξῆς δὲ πάντα τὰ αἶτια ἐπὶ τοῦ μανθάνοντος δεικτέον. ὁ μὲν πατήρ αἰτίον ἐστὶ προκαταρκτικὸν τῆς μαθήσεως, ὁ διδάσκαλος δὲ συνεκτικόν, ἡ δὲ τοῦ μανθάνοντος φύσις συνεργὸν αἶτιον, ὁ δὲ χρόνος τῶν ὧν οὐκ ἄνευ λόγον

ἐπέχει.

„ Αἴτιον δὲ κυρίως λέγεται τὸ παρεκτικόν τινος ἐνεργητικῶς, ἐπεὶ καὶ τὸν σίδηρον τμητικὸν φαμεν εἶναι οὐ μόνον ἐν τῷ τέμνειν, ἀλλὰ καὶ ἐν τῷ μὴ τέμνειν· οὕτως οὖν καὶ τὸ παρεκτικὸν ἄμφω σημαίνει καὶ τὸ ἤδη ἐνεργοῦν καὶ τὸ μηδέπω μὲν, δυνάμει δὲ κεκρημένον τοῦ ἐνεργῆσαι. „

,FDS 764

26.1.1 „ Οἱ μὲν οὖν σωμάτων, οἱ δ' ἀσωμάτων φασὶν εἶναι τὰ αἴτια· οἱ δὲ τὸ μὲν σῶμα κυρίως αἰτιόν φασι, τὸ δὲ ἀσώματον καταχρηστικῶς καὶ οἷον αἰτιωδῶς· ἄλλοι δ' ἔμπαλιν ἀναστρέφουσι, τὰ μὲν ἀσώματα κυρίως αἴτια λέγοντες, καταχρηστικῶς δὲ τὰ σώματα, οἷον τὴν τομὴν ἐνέργειαν οὔσαν ἀσώματον εἶναι καὶ αἰτίαν εἶναι τοῦ τέμνειν, ἐνεργείας οὔσης καὶ ἀσωμάτου, καὶ τοῦ τέμνεσθαι ὁμοίως τῇ τε μαχαίρᾳ καὶ τῷ τεμνομένῳ σώμασιν οὖσιν.

,FDS 763

Τὸ «τινῶν ἐστὶν αἴτιον» λέγεται τριχῶς, τὸ μὲν ὃ ἐστὶν αἴτιον, οἷον ὁ ἀνδριαντοποιός, τὸ δὲ οὗ ἐστὶν αἴτιον, <οἷον> τοῦ γίνεσθαι τὸν ἀνδριάντα, τὸ δὲ ᾧ ἐστὶν αἴτιον, ὥσπερ τῇ ὕλῃ· τῷ χαλκῷ γὰρ αἰτιός ἐστι τοῦ γίνεσθαι τὸν ἀνδριάντα. [τὸ γίνεσθαι οὖν καὶ τὸ τέμνεσθαι, τὰ οὗ ἐστὶν αἴτιον, ἐνέργειαι οὔσαι ἀσώματοι εἰσιν. Εἰς ὃν λόγον κατηγορημάτων ἢ, ὥς τινες, λεκτῶν °° // λεκτὰ γὰρ τὰ κατηγορήματα καλοῦσι Κλεάνθης καὶ Ἀρχέδημος. \ \ °° <αἴτια> τὰ αἴτια· ἢ, ὅπερ καὶ μᾶλλον, τὰ μὲν κατηγορημάτων αἴτια λεχθήσεται, οἷον τοῦ «τέμνεται», οὗ πτώσις τὸ τέμνεσθαι, τὰ δ' ἀξιωματῶν, ὡς τοῦ «ναῦς γίνεται», οὗ πάλιν [ἢ] πτώσις ἐστὶ τὸ ναῦν γίνεσθαι·] Ἀριστοτέλης δὲ προσηγοριῶν, οἷον τῶν τοιούτων, οἰκίας, νεῶς, καύσεως, τομῆς. ἢ πτώσις δὲ ἀσώματος εἶναι ὁμολογεῖται· διὸ καὶ τὸ σόφισμα ἐκεῖνο οὕτως λύεται· «ὃ λέγεις, διέρχεται σου διὰ τοῦ στόματος», ὅπερ ἀληθές, «οἰκίαν δὲ λέγεις, οἰκία ἄρα διὰ τοῦ στόματός σου διέρχεται», ὅπερ ψεῦδος· οὐδὲ γὰρ τὴν οἰκίαν λέγομεν σῶμα οὔσαν, ἀλλὰ τὴν πτώσιν ἀσώματον οὔσαν, ἥς οἰκία τυγχάνει. „ (...)

[LS 55C]

° C 7
/SVF 1.488

27.1.2 τὸ γὰρ ποιοῦν ἐνεργείας δηλωτικὸν ὑπάρχει. οὐκ ἔστι δὲ ἐτέρου μὲν τὸ ποιοῦν, ἐτέρου δὲ τὸ αἴτιον, ἀλλὰ ταυτοῦ [τῆς χλαμύδος καὶ τῆς οἰκίας]· καθ'ὃ γὰρ αἰτιὸς τοῦ γίνεσθαι, κατὰ τοῦτο καὶ ποιητικὸς ἐστὶ τοῦ γίνεσθαι. τὸ [δὲ] αὐτὸ ἄρα αἴτιον καὶ ποιητικόν [καὶ δι' ὃ]. καὶ εἰ μὲν τί ἐστὶν αἴτιον καὶ ποιητικόν, τοῦτο πάντως ἐστὶ καὶ δι' ὃ, εἰ δὲ τί ἐστὶ δι' ὃ, οὐ πάντως τοῦτο καὶ αἴτιον. πολλὰ γοῦν ἐφ' ἐν ἀποτέλεσμα συντρέχει, δι' ᾧ γίνεται τὸ τέλος, ἀλλ' οὐκ ἔστι πάντα αἴτια. οὐ γὰρ ἂν ἐτεκνοκτόνησεν Μήδεια, εἰ μὴ ὠργίσθη, οὐδ' ἂν ὠργίσθη, εἰ μὴ ἐζήλωσεν, οὐδὲ τοῦτο, εἰ μὴ ἠράσθη, οὐδὲ τοῦτο, εἰ μὴ Ἰάσων ἔπλευσεν εἰς Κόλχους, οὐδὲ τοῦτο, εἰ μὴ Ἀργὼ κατεσκευάσθη, οὐδὲ τοῦτο, εἰ μὴ τὰ ξύλα ἐκ τοῦ Πηλίου ἐτμήθη. ἐν τούτοις γὰρ ἅπασιν τοῦ «δι' ὃ» τυγχάνοντος οὐ πάντα τῆς τεκνοκτονίας αἴτια τυγχάνει, μόνη δὲ ἡ Μήδεια.

[Διὸ] τὸ μὴ κωλῦον ἀνενέργητόν ἐστιν, διὸ οὐκ ἔστιν αἴτιον τὸ μὴ κωλῦον, ἀλλὰ τὸ κωλῦον. ἐν γὰρ τῷ ἐνεργεῖν καὶ δρᾶν τι τὸ **28.1.1** αἴτιον νοεῖται. ἔτι τὸ μὴ κωλῦον κεχώρισται τοῦ γινομένου (διὰ τοῦτο γοῦν ἐπιτελεῖται, ὅτι τὸ δυνάμενον κωλύειν οὐ πάρεστιν), τὸ δὲ αἴτιον πρὸς τὸ γινόμενον· οὐκ ἂν οὖν εἴη αἴτιον τὸ μὴ κωλῦον. (...)

28.3.3 πᾶν γὰρ οὗ χωρὶς οὐκ ἐνδεχόμενον γενέσθαι τὸ ἀποτέλεσμα, κατὰ ἀνάγκην ἐστὶν αἴτιον, αἴτιον δὲ οὐχ ἀπλῶς. οὐ γὰρ ἐστὶ συνεκτικὸν τὸ οὗ μὴ ἄνευ, συνεργὸν δέ. πᾶν τὸ ἐνεργοῦν παρέχει τὸ ἀποτέλεσμα μετ' ἐπιτηδειότητος τοῦ πάσχοντος· διατίθησι μὲν γὰρ τὸ αἴτιον, πάσχει δὲ ἕκαστον εἰς ὃ πέφυκέν τι, παρεκτικῆς τῆς ἐπιτηδειότητος οὔσης καὶ τῶν ὧν οὐκ ἄνευ λόγον ἐπεχούσης. ἄπρακτον οὖν τὸ αἴτιον ἄνευ τῆς

ἐπιτηδειότητος, οὐκ ἔστιν δὲ αἰτία, ἀλλὰ συνεργός, ἐπεὶ πᾶν αἴτιον ἐν τῷ δρᾶν νοεῖται. (...)

28.6.1 καταγέλαστον δὲ τὸ λέγειν μὴ τὸ πῦρ αἴτιον τῆς καύσεως, ἀλλὰ τὰ ξύλα, μηδὲ τὴν μάχαιραν τῆς τομῆς, ἀλλὰ τὴν σάρκα, μηδὲ τοῦ καταπαλαισθῆναι τὸν ἀθλητὴν τὴν ἰσχὺν τοῦ ἀντιπάλου, τὴν ἑαυτοῦ δὲ ἀσθένειαν.

Τὸ συνεκτικὸν αἴτιον οὐ δεῖται χρόνου· τὸ γὰρ καυτήριον ἅμα τῷ κατὰ τῆς σαρκὸς ἐπηρεισθῆναι τὴν ἀλγηδόνα παρέχει. τῶν προκαταρκτικῶν τὰ μὲν χρόνου δεῖται, ἄχρις ἂν γένηται τὸ ἀποτέλεσμα, τὰ δὲ οὐ δεῖται, ὥς ἡ πτῶσις τοῦ κατάγματος. μὴ τι οὖν οὐ κατὰ στέρησιν χρόνου ἄχρονα λέγεται ταῦτα, ἀλλὰ κατὰ μείωσιν, ὥς καὶ τὸ ἐξαίφνης, μηδὲ αὐτὸ χωρὶς χρόνου γενόμενον.

29.1.1 Πᾶν αἴτιον ὥς αἴτιον <διπλῇ> διανοίᾳ ληπτὸν τυγχάνει, ἐπεὶ τινὸς καὶ πρὸς τινι νοεῖται, τινὸς μὲν, τοῦ ἀποτελέσματος, καθάπερ ἡ μάχαιρα τοῦ τέμνειν, πρὸς τινι δέ, [καθάπερ] τῷ ἐπιτηδεῖως ἔχοντι, καθάπερ τὸ πῦρ τῷ ξύλῳ· τὸν ἀδάμαντα γὰρ οὐ καύσει. τὸ αἴτιον τῶν «πρὸς τι»· κατὰ γὰρ τὴν πρὸς ἕτερον νοεῖται σχέσιν, ὥστε δυεῖν ἐπιβάλλομεν, ἵνα τὸ αἴτιον ὥς αἴτιον νοήσωμεν. (...)

[LS 55D]

30.1.1 [[Ἀλλήλων οὐκ ἔστι τὰ αἴτια, ἀλλήλοις δὲ αἴτια. ἡ γὰρ σπληνικὴ διάθεσις προϋποκειμένη οὐ πυρετοῦ αἴτιος, ἀλλὰ τοῦ γίνεσθαι τὸν πυρετόν· καὶ ὁ πυρετὸς προϋποκείμενος οὐ σπληνός, ἀλλὰ τοῦ αὔξεσθαι τὴν διάθεσιν. οὕτως καὶ αἱ ἀρεταὶ ἀλλήλαις αἴτιαι τοῦ μὴ χωρίζεσθαι διὰ τὴν ἀντακολουθίαν, καὶ οἱ ἐπὶ τῆς ψαλίδος λίθοι ἀλλήλοις εἰσὶν αἴτιοι τοῦ μένειν κατηγορήματος, ἀλλήλων δὲ οὐκ εἰσὶν αἴτιοι, καὶ ὁ διδάσκαλος δὲ καὶ ὁ μαθητὴς ἀλλήλοις εἰσὶν αἴτιοι τοῦ προκόπτειν κατηγορήματος. λέγεται δὲ ἀλλήλοις αἴτια ποτὲ μὲν τῶν αὐτῶν, ὥς ὁ ἔμπορος καὶ ὁ κάπηλος ἀλλήλοις εἰσὶν αἴτιοι τοῦ κερδαίνειν, ποτὲ δὲ ἄλλου καὶ ἄλλου, καθάπερ ἡ μάχαιρα καὶ ἡ σάρξ· ἡ μὲν γὰρ τῇ σαρκὶ τοῦ τέμνεσθαι, ἡ σὰρξ δὲ τῇ μαχαίρᾳ τοῦ τέμνειν.] (...)

31.1.1 Ἔτι ζητεῖται εἰ πολλὰ κατὰ σύνοδον ἑνὸς αἴτια γίνεται <αἴτια> πολλὰ. οἱ γὰρ ἄνθρωποι <οἱ> συνελθόντες αἰτιοὶ εἰσι τοῦ καθέλκεσθαι τὴν ναῦν· <ἀλλ' οὐχ ἕκαστος κατ' ἰδίαν αἴτιος,> ἀλλὰ σὺν τοῖς ἄλλοις, εἰ μὴ τι καὶ τὸ συναίτιον αἴτιον. ἄλλοι δὲ φασιν, εἰ πολλὰ αἴτια, κατ' ἰδίαν ἕκαστον ἑνὸς αἴτιον γίνεται. τοῦ γοῦν εὐδαιμονεῖν ἑνὸς ὄντος αἴτιαι τυγχάνουσιν αἱ ἀρεταὶ πολλαὶ οὔσαι, καὶ τοῦ θερμαίνεσθαι καὶ τοῦ ἀλγεῖν ὁμοίως πολλὰ τὰ αἴτια. μὴ τι οὖν αἱ πολλαὶ ἀρεταὶ μία ἐστὶ κατὰ δύναμιν καὶ τὰ θερμαίνοντα καὶ τὰ ἀλγύνοντα. καὶ τὸ πλῆθος δὲ τῶν ἀρετῶν κατὰ γένος ἐν τυγχάνον ἑνὸς αἴτιον γίνεται τοῦ εὐδαιμονεῖν. τῷ ὄντι δὲ προκαταρκτικὰ μὲν αἴτια ἑνὸς γίνεται πλείονα κατὰ γένος καὶ κατ' εἶδος, καὶ κατὰ γένος μὲν τοῦ νοσεῖν ὁπωσοῦν, οἷον ψύξις, ἔγκαυσις, κόπος, ἀπεψία, μέθη, κατ' εἶδος δὲ τοῦ πυρετοῦ. τὰ δὲ συνεκτικὰ αἴτια κατὰ γένος μόνον, οὐκέτι δὲ καὶ κατ' εἶδος. τοῦ γὰρ εὐωδιάζεσθαι κατὰ γένος ἑνὸς ὄντος πολλὰ τὰ αἴτια [κατ' εἶδος], οἷον λιβανωτός, ρόδον, κρόκος, στύραξ, σμύρνα, μύρον· τὸ γὰρ ρόδον οὐκ ἂν οὕτως εὐώδες εἴη ὥς ἡ σμύρνα. (...)

32.7.1 Καὶ τὰ μὲν προκαταρκτικά, τὰ δὲ συνεκτικά, τὰ δὲ συναίτια, τὰ δὲ συνεργά. καὶ τὰ μὲν τοῦ κατὰ φύσιν, τὰ δὲ τοῦ παρὰ φύσιν, τὰ δὲ νόσου, καὶ κατὰ τὸ ὑποβεβηκὸς τὰ μὲν παθῶν, τὰ δὲ τοῦ μεγέθους αὐτῶν, τὰ δὲ χρόνων καὶ καιρῶν.

[LS 55I]

33.1.1 [[Τῶν μὲν οὖν προκαταρκτικῶν αἰρομένων μένει τὸ ἀποτέλεσμα, συνεκτικὸν δὲ ἐστὶν αἴτιον, οὗ παρόντος μένει τὸ ἀποτέλεσμα καὶ

ιρομένου αἴρεται. τὸ δὲ συνεκτικὸν συνωνύμως καὶ αὐτοτελὲς καλοῦσιν, ἐπειδὴ αὐτάρκως δι' αὐτοῦ ποιητικόν ἐστὶ τοῦ ἀποτελέσματος. εἰ δὲ τὸ <αὐτοτελὲς> αἴτιον αὐτοτελοῦς ἐνεργείας ἐστὶ δηλωτικόν, τὸ συνεργὸν ὑπηρεσίαν σημαίνει καὶ τὴν σὺν ἐτέρῳ λειτουργίαν. εἰ μὲν οὖν μηδὲν παρέχεται, οὐδὲ συνεργὸν λεχθήσεται, εἰ δὲ παρέχεται, τούτου πάντως γίνεται αἴτιον οὗ καὶ παρέχεται, τουτέστιν τοῦ δι' αὐτοῦ γινομένου. ἔστιν οὖν συνεργὸν οὗ παρόντος ἐγένετο τὸ ἀποτέλεσμα, προδήλῳ μὲν οὖν παρόντος <προδήλου>, ἀδήλῳ δὲ ἀδήλου. καὶ τὸ συναίτιον δὲ ἐκ τοῦ γένους ἐστὶ τῶν αἰτίων, καθάπερ ὁ συστρατιώτης στρατιώτης καὶ ὁ συνέφηβος ἔφηβος. τὸ μὲν οὖν συνεργὸν αἴτιον τῷ συνεκτικῷ πρὸς τὴν ἐπίτασιν βοηθεῖ τοῦ ὑπ' αὐτοῦ γινομένου, τὸ δὲ συναίτιον οὐκ ἐπὶ τῆς αὐτῆς ἐστὶν ἐννοίας· δύναται γὰρ συναίτιον ὑπάρχειν, κἂν μὴ συνεκτικὸν αἴτιον ᾗ τι. νοεῖται γὰρ σὺν ἐτέρῳ τὸ συναίτιον οὐδ' αὐτῷ δυναμένῳ κατ' ἰδίαν ποιῆσαι τὸ ἀποτέλεσμα, αἴτιον ὃν σὺν αἰτίῳ. διαφέρει δὲ τοῦ συναίτιου τὸ συνεργὸν ἐν τῷ τὸ μὲν συναίτιον <μεθ' ἐτέρου> κατ' ἰδίαν μὴ ποιοῦντος τὸ ἀποτέλεσμα παρέχειν, τὸ δὲ συνεργὸν [ἐν τῷ] κατ' ἰδίαν μὴ ποιεῖν, ἐτέρῳ δὲ προσερχόμενον τῷ κατ' ἰδίαν ποιοῦντι συνεργεῖν <ν> αὐτῷ πρὸς τὸ σφοδρότερον γίνεσθαι τὸ ἀποτέλεσμα. μάλιστα δὲ τὸ ἐκ προκαταρκτικοῦ συνεργὸν γεγονέναι <πρὸς τὸ συνεργὸν> τὴν τοῦ αἰτίου διατείνειν δύναμιν παρίστησιν.]] }}

Tradução

25.1.1 {{ Dentre as causas umas são preliminares (*prokatartiká*), umas são coesivas (*synektiká*), umas são auxiliares (*synergá*) e outras são condições *sine qua non*. As preliminares são as que fornecem prioritariamente o ponto de partida (*aphormên*) para que algo venha a ser. Tal como a beleza para os incontinentes do amor, pois uma vez vista somente produz neles a disposição erótica (*tên erôtikên diáthesin*), decerto não por necessidade. Coesivas são as chamadas também de perfeitas por sinonímia, precisamente tendo em vista que elas, de modo autossuficiente por si mesmas, são produtoras (*poiêtiká*) do resultado (*apotelésmatos*). Em seguida se deve expor todas as causas a respeito daquele que aprende: o pai é a causa preliminar da aprendizagem; o mestre é a coesiva; a natureza de quem aprende é a causa auxiliar; o tempo explica as condições *sine qua non*. ,BS 14.11}

„ Uma causa em sentido próprio se diz do que é capaz de produzir (*tò parektikón*) algo ativamente, já que dizemos ser o aço capaz de cortar não somente ao cortar, mas também quando não está cortando. De mesmo modo, portanto, o que é capaz de produzir algo também significa ambas as coisas, tanto ser o que já atua quanto o que ainda não o faz, mas tem a capacidade de atuar. „ ,FDS 764

26.1.1 „ Alguns dizem então que as causas são corpos e outros que são incorpóreas. Os que dizem que o corpo é a causa em sentido próprio, dizem que o incorpóreo o é em sentido mais frouxo e à maneira de causa. Outros, ao contrário, invertendo as proposições, dizem ser os incorpóreos as causas em sentido próprio, enquanto os corpos o seriam em sentido mais frouxo. Por exemplo: o corte sendo uma atividade, é incorpóreo e é causa do cortar, pois é uma atividade e é um incorpóreo. Também é causa do ser cortado igualmente tanto para a faca quanto para o objeto cortado, que são corpos. ,FDS 763

A expressão ‘ser causa de algo’ (*tinôn estin aition*) é dita de três maneiras, o ‘o quê’ é causa, como o escultor; o ‘de quê’ é causa, por exemplo “de ser gerada uma escultura”; o ‘com o quê’ é causa, como com o material, pois “com bronze” é causa do ser gerada a escultura. [[Ser gerado e ser cortado então, aquilo de que há causa, sendo atividades são incorpóreas. Sobre esse argumento dizem que são causas de predicados ou, como preferem alguns, de dizíveis (*lektôn*) °// (pois Cleantes e Arquedemo chamam as proposições de ‘dizíveis’ (*lektá*)) \ \ ° e as causas chamam de causas. E além disso, umas serão chamadas ‘causas de predicados’, como por exemplo ‘é cortado’, cujo caso não-declinado (*ptôsis*) é ‘ser cortado’, outras, contudo, serão chamadas de ‘causas de proposições’, como por exemplo, de ‘uma nau é gerada’, cujo caso não-declinado (*ptôsis*) é ‘gerar uma nau’.]] Aristóteles, porém, pensa que as causas o são de termos como os seguintes: ‘casa’, ‘nau’, ‘queimadura’, ‘corte’. Ele concorda que os casos são incorpóreos [LS 55C] ° C 7 /SVF 1.488

(*ptôsis dè asômatos êinai*). É por essa razão que ele resolve aquele sofisma deste modo: “o que dizes passa por ti por meio de tua boca”, o que é de fato verdadeiro, “dizes ‘casa’, logo uma casa passa por ti por meio de tua boca”, o que é indubitavelmente falso. Pois não falamos ‘a casa’ no sentido em que é um corpo, senão de um caso nominal que é incorpóreo, no qual a casa ocorre. ., (...)

27.1.2 O ativo, com efeito, indica a atividade. Não é cabível que o ativo seja de uma coisa e a causa de outra, senão que o são do mesmo, [em relação a um manto e a uma casa]. Com efeito, conforme uma parte do argumento, é causa (*aitios*) do ‘ser gerado’, conforme outra, é também o agente (*poiêtikós*) desse ‘ser gerado’. Donde serem o mesmo a causa, o agente [e o ‘por que’]. E se algo é causa e agente, em todos os casos também será um ‘por que’, contudo se algo é um ‘por que’, não em todos os casos ele é também uma causa. Muitas coisas, pelas quais uma finalidade se consuma, decerto concorrem para um único efeito, porém nem todas são causas. Pois Medeia não mataria seus filhos, se não estivesse enfurecida, e não estaria enfurecida, se não sentisse ciúme, nem sentiria isso, se não se apaixonasse, e não o teria feito, se Jasão não navegasse até Colco. E ele não o teria feito, se a Argo não fosse construída, e a Argo não estaria pronta, se as madeiras não fossem cortadas do Pelion. Então, nesses casos todos o ‘por que’ ocorre, mas não todos eles resultam ser causas do assassinato das crianças, somente Medeia.

Por essa razão o que não impede é inativo, por essa razão o que não impede não é causa, senão o que impede. A causa é concebida então no atuar e no 28.1.1 realizar algo. Ademais o que não impede está separado do que sucede, é por isto decerto que ele leva a cabo (algo): por que o que é capaz de impedir não está presente, mas a causa se dá em relação ao sucedido. Portanto o que não impede não seria uma causa. (...)

28.3.3 Pois tudo por cuja ausência não é possível gerar o efeito, necessariamente é causa, ainda que não inqualificadamente. Porque a condição *sine qua non* não é uma causa coesiva, mas auxiliar. Tudo o que atua produz o efeito associado à aptidão do que o sofre. A causa cria a disposição, mas cada algo sofre essa ação na medida de sua própria natureza, a aptidão é produtora e fornece a explicação das condições *sine qua non*. Portanto a causa sem essa aptidão é inefetiva (*áprakton*), (essas aptidões) não são causas, senão auxiliares, já que toda causa é concebida na realização de algo (...)

28.6.1 É ridículo dizer que o fogo não é causa da queimadura, senão a lenha, e dizer que a faca não o é do corte, senão a carne, e dizer que a força do oponente não o é da submissão do lutador, senão sua própria fraqueza.

A causa coesiva não requer tempo, pois a brasa produz a dor simultaneamente ao impacto pela carne. Das causas preliminares umas requerem tempo até que se gere o efeito, enquanto outras não o requerem, como o caso da fratura. Consequentemente elas não são chamadas ‘atemporais’ por estarem privadas de tempo, senão por serem breves, como o repentino também, ele mesmo não se gera separado do tempo.

29.1.1 Toda causa enquanto causa é apreensível por um pensamento duplo, dado ser concebida (como causa) ‘de algo’ e ‘em relação a algo’. É ‘de algo’, (causa) do efeito, como a faca o é do cortar; é ‘em relação a algo’ – por outro lado – como para o que está apto (a algo), como o fogo para a madeira – pois ele não queimará o diamante. A causa está entre os relativos, pois é concebida conforme a condição em relação a outra coisa, de modo a recairmos em dois aspectos para concebermos a causa enquanto causa. (...)

30.1.1 [[As causas não são causas umas das outras, mas umas para as outras. Pois a disposição biliosa pré,existente não é causa da febre, porém (o é) do gerar,se a febre; a febre pré,existente tampouco (é causa) da bile, contudo (o é) do aumentar essa disposição. Do mesmo modo também as virtudes são causas umas para as outras de não se separarem, porque elas se implicam mutuamente. Também as pedras de uma abóboda são umas para as outras causa do predicado ‘permanecer firmes’, embora não sejam causas umas das outras. E tanto o mestre como o que aprende são um para o outro causas do predicado ‘progredir’. São ditas umas para as outras por vezes causas de mesmo efeito, como o fornecedor e o varejista são causas do lucrar; outras vezes de efeitos diferentes, como a faca e a carne. Pois a faca é causa para a carne do ser cortada, e a carne é causa para faca do cortar.]]

[LS 55D]

31.1.1 [[Além disso se investiga se muitas causas, por sua confluência, se tornam múltiplas de um único efeito. Pois os homens se reunindo são causas de ‘arrastar a nau’, todavia cada um em particular não é causa, senão juntos dos demais, se a concausa for também uma causa. Outros dizem que, quando as causas são muitas, cada uma em particular se torna causa de um único efeito. Decerto, para o ‘ser feliz’ (*eudaimoneîn*), que

[LS 55I]

é um único efeito, as virtudes, que são muitas, são causas. Para o ‘ser aquecido’ e para o ‘estar dolorido’ igualmente muitas são as causas. Pois então, as muitas virtudes não são algo único enquanto sua capacidade (*dýnamis*), nem o que aquece nem o que faz doer. A multiplicidade de virtudes, resultando em uma coisa só segundo o gênero, se torna a causa de um único (efeito), (a saber), do ‘ser feliz’. Mas, na realidade, as causas preliminares se tornam múltiplas em gênero e espécie de um único efeito: em gênero são causas do ‘adoecer de um modo qualquer’, por exemplo um resfriado, queimadura, prostração, indigestão, embriaguez; em espécie são causas de uma febre. As causas coesivas, por outro lado, são muitas somente em gênero, nunca em relação à espécie. Pois muitas são as causas, em relação à espécie, do ‘estar perfumado’, que é um em gênero, por exemplo, incenso, rosa, açafrão, estoraque, mirra, unguento; a rosa, de fato, não seria tão perfumada quanto a mirra. (...)

32.7.1 Umas causas são preliminares, umas são coesivas, outras são concausas (*synaitia*) e outras são auxiliares. Umas são do que é conforme a natureza, outras do que é contra a natureza, outras da doença, e subsumidas nessas (*katà tò hypobebêkòs*) há as causas das emoções (*pàthôn*), as causas da intensidade, as das durações e das ocasiões delas.

33.1.1 Uma vez eliminadas as causas preliminares, o efeito permanece. A causa é coesiva, entretanto, se enquanto estiver presente permanece o efeito e quando for eliminada, desaparece. Chamam por sinonímia a coesiva também de ‘perfeita em si mesma’, dado que ela produz autossuficientemente por si mesma o efeito. Se a causa perfeita em si mesma é indicativa de uma atividade perfeita em si mesma, então o auxiliar significa um serviço, uma colaboração com outra causa. Ora, se nada se produz, não se há de falar em auxiliar, mas se algo se produz, então ele se torna causa em todos os casos em que se produz, ou seja, do que se está gerando por meio dela. Pois então, é auxiliar se enquanto estava presente o efeito era gerado. Portanto, quando está presente em um efeito evidente, é evidente, quando em um inevidente, ela é inevidente. E a concausa também é oriunda do gênero das causas, assim como o cossoldado é soldado e o cosserviçal é um serviçal. Ora, a causa auxiliar presta apoio à coesiva com vistas à intensidade do que está sendo gerado; à concausa, no entanto, não se aplica a mesma noção, pois a concausa é capaz de existir, ainda que não haja qualquer causa coesiva. Pois a concausa é concebida junto a outra, a qual não é capaz de produzir individualmente o efeito: é uma causa com outra causa. A concausa e o auxiliar diferem nisto: a concausa produz o efeito com outra causa que individualmente não o faria; o auxiliar individualmente não o produz, mas concorre com outra, que o produz individualmente, para auxiliá-la a gerar o efeito mais robusto. Sobretudo, o fato de um auxiliar haver surgido de uma preliminar contribui para que o auxiliar estenda o poder da causa.]] }}

Comentário

c. uma explicação do que é o λεκτόν se encontra em Sexto Empírico AM 8.11 (= SVF 2.166). Ver também AM 8.70 (= SVF 2.187), Sen. Ep. 117.13²⁰³, onde distingue 3 constituintes da teoria do significado, τὸ σημαίνόμενον, o significado, τὸ σημαῖνον, o som que significa algo, e τὸ τυγχάνον, o fato exterior. Dos três pólos da relação de significação, dois são corpóreos, o som e o fato exterior, um é incorpóreo, o primeiro. Sexto afirma que o significado é o estado de coisas exibido pelo som (αὐτὸ τὸ πρᾶγμα τὸ ὑπ’ αὐτῆς δηλούμενον) e que o intelecto percebe como subsistente. E ao final da passagem, ele esclarece que o significado é o estado de coisas, ou seja, o λεκτόν e que, das três coisas, somente a essa classe se aplica a verdade e a falsidade – cf. BS, p.174-214;

d. dizer quão desenvolvida era a teoria dos λεκτά de Cleantes, parece especulativo

184. Stob. Ecl. 1.17.3.2-4.10

Ar. Did. Phys. fr. 38.7; DDG 470.5-15; Pearson C 24; SVF 1.497; BS 15.5

{{ Ζήνωνα δὲ οὕτως ἀποφαίνεσθαι διαρρήδην· “τοιαύτην δὲ δεήσει εἶναι {BS 15.5} ἐν περιόδῳ τὴν τοῦ ὅλου διακόσμησιν ἐκ τῆς οὐσίας, ὅταν ἐκ πυρὸς τροπῇ εἰς ὕδωρ δι’ ἀέρος γένηται, τὸ μὲν τι ὑφίστασθαι καὶ γῆν συνίστασθαι, [καὶ] ἐκ τοῦ λοιποῦ δὲ τὸ μὲν διαμένειν ὕδωρ, ἐκ δὲ τοῦ ἀτμιζομένου ἀέρα [5] γίνεσθαι, λεπτυνομένου δὲ τοῦ ἀέρος πῦρ ἐξάπτεσθαι, τὴν δὲ μῖζιν <καὶ> κρᾶσιν γίνεσθαι τῇ εἰς ἄλληλα τῶν στοιχείων μεταβολῇ σώματος ὅλου δι’ ὅλου τινὸς ἐτέρου διερχομένου.”

^{οο} // Κλεάνθης δὲ οὕτω πῶς φησιν· ἐκφλογισθέντος τοῦ παντὸς συνίζειν τὸ μέσον αὐτοῦ πρῶτον, εἶτα <κατὰ> τὰ ἐχόμενα ἀποσβέννυσθαι δι' ὅλου. τοῦ [10] δὲ παντὸς ἐξυγρυνθέντος, τὸ ἔσχατον τοῦ πυρός, ἀντιτυπήσαντος αὐτῷ τοῦ μέσου, τρέπεσθαι πάλιν <ποιεῖν> εἰς τοῦναντίον, εἴθ' οὕτω τρεπομένου ἄνωθεν φησιν αὔξεσθαι καὶ ἄρχεσθαι διακοσμεῖν τὸ ὅλον· καὶ τοιαύτην περίοδον αἰεὶ καὶ διακόσμησιν ποιουμένου τὸν ἐν τῇ τῶν ὅλων οὐσίᾳ τόνον μὴ παύεσθαι. ὥσπερ γὰρ ἐνός τινος τὰ μέρη πάντα φύεται ἐκ [15] σπερμάτων ἐν τοῖς καθήκουσι χρόνοις, οὕτω καὶ τοῦ ὅλου τὰ μέρη, ὧν καὶ τὰ ζῶα καὶ τὰ φυτὰ ὄντα τυγχάνει, ἐν τοῖς καθήκουσι χρόνοις φύεται. καὶ ὥσπερ τινὲς λόγοι τῶν μερῶν εἰς σπέρμα συνιόντες μίγνυνται καὶ αὖθις διακρίνονται γινομένων τῶν μερῶν, οὕτως ἐξ ἐνός τε πάντα γίνεσθαι καὶ ἐκ πάντων <εἰς> ἐν συγκρίνεσθαι, ὁδῷ καὶ συμφώνως διεξιούσης τῆς [20] περιόδου \\ ^{οο}
Χρύσιππος δὲ τοιοῦτόν τι διεβεβαιούτο· εἶναι τὸ ὄν πνεῦμα κινεῖν ἑαυτὸ πρὸς ἑαυτὸ καὶ ἐξ αὐτοῦ, ἢ πνεῦμα ἑαυτὸ κινεῖν πρόσω καὶ ὀπίσω· πνεῦμα δὲ εἴληπται διὰ τὸ λέγεσθαι αὐτὸ ἄερα εἶναι κινούμενον· ἀνάλογον δὲ γίνεσθαι καπὶ τοῦ αἰθέρος, ὥστε καὶ εἰς κοινὸν λόγον πεσεῖν αὐτόν. Ἡ [25] τοιαύτη δὲ κίνησις κατὰ μόνους γίνεται τοὺς νομίζοντας τὴν οὐσίαν πᾶσαν μεταβολὴν ἐπιδέχεσθαι καὶ σύγχυσιν καὶ σύστασιν καὶ σύμμιξιν καὶ σύμφυσιν καὶ τὰ τοῦτοις παραπλήσια. }}

^{οο} C 24
/SVF 1.497

^w f 18

Tradução

{{ Zenão deste modo se expressa abertamente: “será necessário haver periodicamente a seguinte reordenação (*diakósmêsin*) do todo a partir da substância: quando ocorrer a conversão da substância do fogo, em água passando pelo ar, uma parte sedimenta e constitui a terra, e do que resta uma parte permanece como água, outra – a partir do evaporado – se torna ar, e uma vez rarefeito o ar, o fogo se inflama. A mescla e a mistura se produzem com a transformação recíproca dos elementos, a totalidade de um corpo perpassando a totalidade de outro.”

{BS 15.5}

^{οο} // Cleantes se posiciona deste modo: uma vez ardido em chamas completamente o tudo (*toû pantôs*) seu meio é o primeiro a se assentar, então partindo da camada que o contém começa a resfriar inteiramente. Agora, liquefazendo o tudo, a camada mais externa do fogo contra o núcleo produzindo uma ação oposta, volta a agir em direção contrária. Desse modo dizem que [o núcleo] está voltado para o alto, cresce e começa a reordenar o todo. E realizando sempre o mesmo ciclo e a mesma reordenação, o tónus na substância de todas as coisas não é interrompido. Pois da mesma forma como de algo único todas as partes nascem a partir de sementes no tempo incumbente, dessa forma também (nascem) as partes do todo, dentre elas estão os animais, as plantas, que nascem no tempo conveniente. E da mesma forma como algumas razões das partes se misturam nas sementes, elas também voltam a se distinguir uma vez que as partes venham a ser, dessa forma a partir de um único tudo vem a ser e a partir desse tudo um único se reúne, percorrendo o ciclo harmonicamente e com método. \\ ^{οο}

^{οο} C 24
/SVF 1.497

^w f 18

Crisipo asseverava algo como o seguinte: o que é *pneûma* movendo a si, rumo a si, a partir de si, ou *pneûma* que se move para frente e para trás. O *pneûma* é tomado (como o que é) por que ele é dito ser ar que se move a si mesmo. Algo análogo acontece a respeito do éter, de modo que recaem sob a mesma definição comum. Tal movimento ocorre somente segundo os que pensam que a transformação de toda substância admite co-fusão, constituição, co-mescla, co-nascimento e processos similares a esses. }}

Comentário

d. essa passagem contém material heracliteano certamente (Long, 2001, p. 35-57)

185. Ph. Prov. 2.48-49 (ed. Aucher)

SVF 1.509

// Age interim ponamus inter nos universum ingenitum ac sempiternum, /SVF 1.509
iuxta illud quod suggerit sermo celeberrimorum philosophantium, sicut
conscribunt Parmenides, Empedocles, Zeno, Cleanthes alique divi
homines ac velut verus quidam proprieque sacer coetus. Atqui ex ingenita
[5]materia quid miramur si pars aliqua generetur aut corrumpatur, partim
per providentiam dei, partim ob rerum ordinem? Namque et ceterorum
artificum unus quisque materiem generare haud solet, sed quam sibi sumit,
eam figurat formatque et artis ordinem ei imponit. (...) Quare iuxta
huiusmodi hypothesin deus materiam primam non generavit sempiternae,
[10]sed materia ad usum sumpta, per eam caelum et terram atque species
animalium plantarumque et omnia fecit (...). Quod nihilominus nullatenus
impedit esse providentiam, etsi una cum materia mundus ingenitus
supponatur. (...) §49. Quomodo? Quia non solum creare et edere materiam
proprium est providentiae, verum etiam conservare moderarique, quod est
[15]factum. \\\

Tradução

// Enquanto isso suponhamos entre nós que o universo é não-gerado e eterno. Isso segue /SVF 1.509
de perto o que se sugere com palavras dos mais célebres dos que filosofaram, tais como
escrevem Parmênides, Empédocles, Zenão, Cleantes e outros homens divinos, e um tal
conjunto de opiniões praticamente sagrado é plausivelmente verdadeiro. Ademais, se ele
advem da matéria não-gerada, por que nos admiramos que uma parte seja gerada ou
corrompida, por um lado pela providência divina, por outro pela ordem das coisas
mesmas? Pois também cada um dos demais artífices não só gerar a matéria, mas àquilo
que toma para si dá figura e forma e lhe impõe uma organização que provem da arte. (...)
Portanto, segundo essa hipótese, deus não gerou eternamente a matéria primeira, mas a
matéria voltada ao uso, por meio dela fez o céu e a terra, bem como os tipos de animais e
de plantas e todas as coisas (...). Isso, não obstante, não impede de qualquer modo que
haja uma providência, ainda que se suponha que o mundo, unido à matéria, seja
não-gerado. (...) §49. Como? Porque não só criar e destruir a matéria é próprio da
providência, mas ainda conservar e regular aquilo que se fez. \\\

Comentário

d. A tradução realizada por Jean-Baptiste Aucher do armênio para o latim não traz o mesmo texto que hoje se considera o “De providentia” de Filon, tal como está disponível no Thesaurus Linguae Graecae, por exemplo.

186. Plut. CN 1075d3-e1

Pearson C 25; SVF 1.510; LS 46L BS 15.11

°° // [[{{ ἔτι τοίνυν ἐπαγωνιζόμενος ὁ Κλεάνθης τῇ ἐκπύρῳσει λέγει τὴν ° C 25
σελήνην καὶ τὰ λοιπὰ ἄστρα τὸν ἥλιον <ὡς ἡγεμονικὸν> ἐξομοιώσαι /SVF 1.510
πάντα ἑαυτῷ καὶ μεταβαλεῖν εἰς ἑαυτόν.]] °° ἀλλ' ὅτι <καὶ> οἱ ἀστέρες, [LS 46L]
θεοὶ ὄντες, πρὸς τὴν ἑαυτῶν φθορὰν συνεργοῦσι τῷ ἡλίῳ, συνεργοῦντές τι {BS 15.11}
πρὸς τὴν ἐκπύρῳσιν. πολλὸς ἂν <οὔν> εἴη γέλως ἡμᾶς περὶ σωτηρίας αὐτοῖς
προσεύχεσθαι καὶ σωτῆρας ἀνθρώπων νομίζειν, οἷς κατὰ φύσιν ἐστὶ τὸ
σπεύδειν ἐπὶ τὴν αὐτῶν φθορὰν καὶ ἀναίρεσιν. }} \\\

Aparato

2 ἐξομοιώσαι Westmann : ἐξομοιώσειν SVF

Tradução

°° // [[{{ Logo, ainda contendendo, Cleanthes declara que pela conflagração o Sol, como ° C 25
hegemonikón , assimilará a lua e o resto dos astros, todas as coisas estarão nele mesmo, e /SVF 1.510

ele as transformará nele. }} ° Mas porque os astros, por serem deuses, auxiliam com sua autodestruição no Sol, auxiliam de certo modo com a conflagração. Portanto seria risível lhes rezar empós de nossa salvação e julgar que eles são os salvadores dos homens, para quem, segundo a natureza, é dado apressar,se rumo a própria consumação e destruição.}}\\

[LS 46L]
{BS 15.11}

187. Ph. Aet. 86.1-93.4

Pearson C 23; SVF 1.511; BS 18.4

{{ §86 τὸν δὲ λόγον ἀκριβέστερον ὧδε διερευνητέον· πυρὸς τριττὸν εἶδος· τὸ μὲν ἄνθραξ, τὸ δὲ φλόξ, τὸ δὲ αὐγή. ἄνθραξ μὲν οὖν ἐστὶ πῦρ ἐν οὐσίᾳ γεώδει, ὃ τρόπον ἕξεως πνευματικῆς πεφώλευκε καὶ ἐλλοχᾷ δι' ὅλης ἄχρι περάτων τεταμένον· φλόξ δὲ ἐστὶν ὅπερ ἐκ τροφῆς αἴρεται μετεωρίζόμενον· αὐγή δὲ τὸ ἀποστελλόμενον ἐκ φλογός, συνεργὸν ὀφθαλμοῖς εἰς τὴν τῶν ὀρατῶν ἀντίληψιν. μέσην δὲ χώραν αὐγῆς τε καὶ ἄνθρακος εἴληχε φλόξ· σβεσθεῖσα μὲν γὰρ εἰς ἄνθρακα τελευτᾷ, ζωπυρουμένη δ' ἔχει φέγγος, ὃ τὴν καυστικὴν ἀφηρημένον δύναμιν ἀστράπτει. §87 εἰ κατὰ τὴν ἐκπύρωσιν οὖν τὸν κόσμον ἀναλύεσθαι φαῖμεν, ἄνθραξ μὲν οὐκ ἂν γένοιτο, διότι παμπληθὲς ὑπολείπεται τοῦ γεώδους, ὃ τὸ πῦρ ἐγκατελιφθαι συμβέβηκεν, ἀρέσκει δὲ μηδὲν τότε τῶν ἄλλων ὑφεστάναι σωμάτων, ἀλλὰ γῆν καὶ ὕδωρ καὶ ἀέρα εἰς ἄκρατον πῦρ ἀναλελύσθαι. §88 καὶ μὴν οὐδὲ φλόξ· ἄμμα γὰρ τροφῆς ἐστὶ, μηδενὸς δὲ καταλειφθέντος, ἀτροφήσασα αὐτίκα ἀποσβεσθήσεται. τούτοις ἔπεται τὸ μὴδ' αὐγὴν ἀποτελεῖσθαι· καθ' ἑαυτὴν γὰρ ὑπόστασιν οὐκ ἔχει, ρεῖ δὲ ἀπὸ τῶν προτέρων, ἄνθρακος καὶ φλογός, ἀφ' οὗ μὲν ἐλάττων, πολλὴ δ' ἀπὸ φλογός· χεῖται γὰρ ἐπὶ μήκιστον· ἐκείνων δ', ὡς ἐδείχθη, κατὰ τὴν ἐκπύρωσιν οὐκ ὄντων, οὐδ' ἂν αὐγὴ γένοιτο· καὶ γὰρ ἡ μεθημερινὴ πολλὴ καὶ βαθεῖα αὐγή, τὸν ὑπὸ γῆς ἡλίου δρόμον ἰόντος, εὐθὺς ἀφανίζεται νυκτὶ καὶ μάλιστα ἀσελήνῳ. | οὐ τοίνυν ἐκπυροῦται ὁ κόσμος, ἀλλ' ἐστὶν ἄφθαρτος· εἰ δ' ἐκπυρωθήσεται, ἕτερος οὐκ ἂν γένοιτο.

{BS 18.4}

§89 Διὸ καὶ τινες τῶν ἀπὸ τῆς Στοᾶς ὀξυδερκέστερον ἐκ μακροῦ θεασάμενοι τὸν ἐπιφερόμενον ἔλεγχον ἠξίωσαν ὥσπερ θανατῶντι κεφαλαίῳ βοηθήματα προευντρεπίζεσθαι· τὰ δ' οὐδὲν ἦν ὄφελος. ἐπειδὴ γὰρ αἴτιον κινήσεως ἐστὶ τὸ πῦρ, κινήσεις δὲ γενέσεως ἀρχή, γενέσθαι δ' ἄνευ κινήσεως ὅτιοῦν ἀδύνατον, ἔφασαν ὅτι μετὰ τὴν ἐκπύρωσιν, ἐπειδὴ ὁ νέος κόσμος μέλλῃ δημιουργεῖσθαι, σύμπαν μὲν τὸ πῦρ οὐ σβέννυται, ποσὴ δὲ τις αὐτοῦ μοῖρα ὑπολείπεται· πάνυ γὰρ ἡύλαβήθησαν, μὴ σβεσθέντος ἀθρόου μείνη τὰ πάντα ἡσυχάσαντα ἀδιακόσμητα, τοῦ τῆς κινήσεως §90 αἰτίου μηκέτ' ὄντος. εὐρεσιλογούντων δὲ πλάσματα ταῦτ' ἐστὶ καὶ κατὰ τῆς ἀληθείας τεχνάζοντων. τί δήποτε; ὅτι τὸν κόσμον ἐκπυρωθέντα γενέσθαι μὲν ἄνθρακι παραπλήσιον ἀμήχανον, ὡς δέδεικται, γεώδους πολλῆς ἂν ὑπολειφθείσης οὐσίας, ἣ δεήσει τὸ πῦρ ἐλλοχᾷ, ἴσως δ' οὐδ' ἐκπυρώσεως τότε κρατούσης, εἴ γε μένει τὸ στοιχείων βαρύτατον καὶ δυσαναλωτότατον ἔτι, γῆ μὴ διαλυθεῖσα, ° // μεταβάλλειν δὲ ἢ εἰς φλόγα ἢ εἰς αὐγὴν ἀναγκαῖον, εἰς μὲν φλόγα, ὡς ὤρετο Κλεάνθης, εἰς δ' αὐγὴν, §91 ὡς ὁ Χρύσιππος. \\ ° ἀλλ' εἴ γε φλόξ γίνεται, τραπομένη πρὸς σβέσιν ἅπαξ οὐκ ἐκ μέρους ἀλλ' ἄθροα σβεσθήσεται· συνυπάρχει γὰρ τῇ τροφῇ· διὸ πολλῆς μὲν οὔσης ἐπιδίδωσι καὶ χεῖται, στελλομένης δὲ μειοῦται. τεκμηριώσαιο δ' ἂν τις ἀπὸ τῶν παρ' ἡμῖν τὸ γινόμενον· ὁ λύχνος, ἕως μὲν τις ἔλαιον ἄρδει, περιφεγεστάτην δίδωσι φλόγα, ἐπειδὴν

° C 23
/SVF 1.511

δ' ἐπίσχη, δαπανήσας ὅσον τῆς τροφῆς λείψανον αὐτίκα κατεσβέσθη, μηδὲν μέρος §92 ταμειυσάμενος τῆς φλογός. εἰ δὲ μὴ τοῦτο ἄλλ' αὐγὴ γίνεται, πάλιν ἄθροα μεταβάλλει. διὰ τί; ὅτι ὑπόστασιν ἰδίαν οὐκ ἔχει, γεννᾶται δ' ἐκ φλογός, ἧς ὅλης δι' ὅλων σβέσιν λαμβανούσης, ἀνάγκη καὶ τὴν αὐγὴν μὴ κατὰ μέρος ἄλλ' ἄθροαν ἀναιρεῖσθαι· ὁ γὰρ πρὸς τροφὴν φλόξ, τοῦτο αὐγὴ πρὸς φλόγα· καθάπερ οὖν τροφῇ συναναιρεῖται φλόξ, καὶ §93 αὐγὴ φλογί. ὥστ' ἀμήχανον παλιγγενεσίαν τὸν κόσμον λαβεῖν, μηδενὸς ἐντυφομένου σπερματικοῦ λόγου, πάντων δὲ δαπανηθέντων, τῶν μὲν ἄλλων ὑπὸ πυρός, αὐτοῦ δ' ὑπ' ἐνδείας. ἐξ ὧν ἐστὶ δῆλον, ὅτι ἀγέννητος καὶ ἄφθαρτος ὧν διατελεῖ. }}

Tradução

{ { §86 Deve-se, no entanto, pesquisar o assunto mais acurácia do seguinte modo: o fogo tem três classes, a brasa, a labareda e o fulgor. Ora, a brasa é o fogo sob a forma substancial da terra, que manteve à espreita um tipo de condição pneumática e atocaiia quando se estende através de toda a substância até os limites. A labareda é precisamente aquele fogo que se eleva pelos ares a partir de seu alimento. O fulgor, por último, é emitido a partir da labareda, um auxiliar para os olhos na captação dos objetos visíveis. À labareda coube o espaço mediano entre o fulgor e a brasa, pois uma vez extinta termina em brasa, e reavivada tem um esplendor, o qual chispéia também na ausência de combustível. §87 Pois bem, se disséssemos que durante a conflagração (*katà tēn ekpýrōsin*) o universo se dissolve, então ele não se transformaria em brasa, porque a totalidade terrestre – dentro da qual ocorre de o fogo estar preso – se tornará resíduo. Parece-lhes que nesse momento nenhum dos demais corpos restará, senão os elementos terra, água, ar dissolvendo-se em fogo sem mescla. §88 Tampouco se transformaria em labareda, pois ela é um só com seu alimento, e não sobrando nada ela se extinguirá novamente sem alimento. Segue-se disso que tampouco acabará em fulgor, pois ele não mantém sua subsistência por si só, ela decorre dos anteriores, brasa e labareda, em menor medida a partir daquele primeiro, e mais a partir da labareda, pois ela é despejada sobre uma distância grandíssima. Se, como se mostrou, aqueles dois primeiros não existem durante a conflagração, então tampouco o universo se transformaria em fulgor. Basta ver que o fulgor abundante e intenso diurno, quando o Sol segue seu caminho sob a terra, logo é ocultado pela noite e, sobretudo, na ausência da Lua. Donde o universo não ser conflagrado, senão incorruptível; pois se ele fosse conflagrado, não surgiria outro. §89 É por isso que alguns estoicos, enxergando de modo mais agudo e contemplando com distanciamento a referida refutação, julgaram-na de grande peso, por exemplo, decidiram preparar uma lista de argumentos em ajuda ao fundamento que viam ameaçado. Porém esse recurso não foi de nenhuma valia, já que a causa do movimento é o fogo, e o movimento é o princípio da geração. Porque é impossível gerar-se algo sem movimento, diziam que após a conflagração, quando o novo universo estava a ponto de ser remontado, o fogo todo não se apaga e resta uma certa quantia e porção dele. Eles foram então precavidos em evitar que, com o fogo repentinamente apagado, todas as coisas em repouso permanecessem sem ordem, já que não haveria §90 nenhuma causa para o movimento. Essas são as ficções desses inventores de argumentos engenhosos obrando em detrimento da verdade. E por quê? Porque não é viável o universo conflagrando-se vir a ser semelhante à brasa, como ficou demonstrado, se assim fosse restaria uma enorme quantidade de terra, à qual o fogo estará obrigado a subjazer. Talvez, não sendo a conflagração poderosa então, se pelo menos o mais pesado e inconsumível dos elementos ainda resta, a terra não é dissolvida. °° // É necessário nesse caso que o universo se transforme ou em labareda ou em fulgor, em labareda, como cogitou Cleantes, e em fulgor, §91 como cogitou Crisipo. \ \ °° Contudo, se ele se torna labareda, voltando-se à sua completa extinção não se extinguirá por partes, senão subitamente, pois somente existe com seu alimento. É por isso que, sendo abundante o alimento do fogo, ele expande e se difunde, mas sendo escasso, ele mingua. Se poderia comprová-lo a partir do que sucede a cada um de nós: enquanto alguém embeber a tocha com azeite, ela dará a luz mais iluminante, e quando isso cessar, após embeber-se de quanto sobrou de alimento, ela começa a se apagar novamente, sem ter uma parte de reserva de labareda. Se não se transforma nisso, mas em fulgor, de novo se transforma subitamente. Por qual causa?

{BS 18.4}

° C 23
/SVF 1.511

Porque não tem uma existência independente, pois é oriunda da labareda, e uma vez essa totalmente extinta, é necessário ao fulgor ser destruído não parcialmente, senão absolutamente. Pois a labareda está para o alimento, assim como o fulgor está para a labareda. Portanto, assim como a labareda desaparece com o alimento, também §93 o fulgor com a labareda. De tal modo a ser inviável ao universo retomar sua retrogênese, já que não há sequer fumaça de razão seminal (*spermatikoû lógou*), tudo já consumido, o restante pelo fogo, e o fogo mesmo pela falta (de alimento). A partir disso é evidente, que (o universo) sendo não gerado e incorruptível persevera. }}

Comentário

b. os versos 9-11 do “Hino a Zeus” (SVF 1.537) fazem referência ao raio fogo (‘‘πυρόεντα κεραυνόν’’) como instrumento de Zeus, embora a passagem deva ser lida como uma hipálage entre atributo e substantivo (Thom, 2005 ad loc.).

188. Stob. Ecl. 1.20.1e.2-7

Pearson C 22; SVF 1.512; Watanabe f 32(a¹)

°° // ᾤ Ζήνωνι καὶ Κλεάνθει καὶ Χρυσίπῳ ἀρέσκει τὴν οὐσίαν μεταβάλλειν οἶον εἰς σπέρμα τὸ πῦρ, καὶ πάλιν ἐκ τούτου τοιαύτην ἀποτελεῖσθαι τὴν διακόσμησιν, οἷα πρότερον ἦν. ᾤ°° ° C 22 /SVF 1.512

Tradução

°° // Zenão, Cleantes e Crisipo creem que a substância se transforma como fogo em semente, e de volta a partir desse perfaz a reordenação das coisas, tal como havia antes.°° ° C 22 /SVF 1.512

Comentário

b. v. ainda Eus. PE 15.18.3.1-6 (= Ar. Did. Phys. fr. 36.col. 1.20-30; Ad SVF Cl. phys. 8)

c. sobre a comparação do fogo a uma semente: Ph. Aet. 94; Plut. CN 1077b (= SVF 2.618a). Cf. Plut. Aquane an ignis sit utilior, 955e.

189. Plut. CN 1075a12-c3

Pearson C 47; SVF 1.536

°° // ἀλλὰ Χρύσιππος καὶ Κλεάνθης ἐμπεπληκότες, ὥς ἔπος εἶπεῖν, τῷ λόγῳ θεῶν τὸν οὐρανόν, τὴν γῆν, τὸν ἀέρα, τὴν θάλατταν, οὐδένα τῶν τοσούτων ἄφθαρτον οὐδ' αἰδίων ἀπολελοίπασι, πλὴν μόνου τοῦ Διός, εἰς ὃν πάντας καταναλίσκουσι τοὺς ἄλλους ... ταῦτα δὲ οὐ ... τοῖς δόγμασιν ἔπεται, ἀλλ' αὐτοὶ μέγα βοῶντες ἐν τοῖς περὶ θεῶν καὶ προνοίας εἰμαρμένης τε καὶ φύσεως γράμμασι διαρρήδην λέγουσι, τοὺς ἄλλους θεοὺς ἅπαντας εἶναι γεγονότας καὶ φθαρησομένους ὑπὸ πυρός, τηκτοὺς κατ'αὐτοὺς ὥσπερ κηρίνους ἢ καττιτερίνους ὄντας. °° ° C 47 /SVF 1.536

Tradução

°° // Mas Crisipo e Cleantes saturando-se, como se diz, pelo argumento dos deuses, nem o céu, a terra, o ar, o mar, nenhum desses fica de fora como indestrutível ou eterno, com a exceção somente de Zeus, no qual todos os demais se consomem... Isso, no entanto, não... se segue das teorias, contudo eles expressamente o dizem clamando muito em seus livros sobre os deuses, sobre a providência, o destino e a natureza. Os demais deuses todos são gerados e destruídos pelo fogo, dissolvíveis por si mesmos, tais como se fossem de cera ou estanho. °° ° C 47 /SVF 1.536

190. Plut. De soll. an. 967e1-f2

Pearson C 45a; SVF 1.515a

°° // ὁ μὲν οὖν Κλεάνθης ἔλεγε, καίπερ οὐ φάσκων μετέχειν λόγου τὰ ζῷα, τοιαύτη θεωρία παρατυχεῖν· μύρμηκας ἐλθεῖν ἐπὶ μυρμηκίαν ἐτέραν μύρμηκα νεκρὸν φέροντας· ἀνιόντας οὖν ἐκ τῆς μυρμηκιᾶς ἐτέρους οἶον ἐντυγχάνειν αὐτοῖς καὶ πάλιν κατέρχεσθαι· καὶ τοῦτο δις ἢ τρίς γενέσθαι· |5|τέλος δὲ τοὺς μὲν κάτωθεν ἀνενεγκεῖν ὥσπερ λύτρα τοῦ νεκροῦ σκώληκα, τοὺς δ' ἐκεῖνον ἀραμένους, ἀποδόντας δὲ τὸν νεκρὸν οἴχεσθαι.\\°°

° C 45a
/SVF 1.515a

Tradução

// Cleantes dizia, ainda que sem afirmar que os animais participassem da razão, que calhou de estar presente para observar o seguinte: formigas irem a um outro formigueiro carregando uma formiga morta; outras formigas subirem, que as encontraram e voltaram a descer. E isso se passar duas ou três vezes. O objetivo das que vinham de baixo era carregar para cima uma larva, resgate pelo morto, ao passo que os outros traziam, no, uma vez entregue o morto partiram. \\

/SVF 1.515a

191. Ael. NA 6.50.1-16

Pearson C 45b; SVF 1.515b

°° // Κλεάνθην τὸν Ἀσσιον κατηνάγκασε καὶ ἄκοντα εἶξαι καὶ ἀποστῆναι τοῖς ζῷοις τοῦ καὶ ἐκεῖνα λογισμοῦ μὴ διαμαρτάνειν, ἀντιλέγοντα ἰσχυρῶς καὶ κατὰ κράτος, ἱστορία τοιαύτη, φασίν. ἔτυχεν ὁ Κλεάνθης καθήμενος καὶ μέντοι καὶ σχολὴν ἄγων μακροτέραν ἄλλως· οὐκοῦν μύρμηκες παρὰ |5|τοῖς ποσὶν ἦσαν αὐτῷ πολλοί· ὁ δὲ ἄρα ὁρᾷ ἐξ ἀτραποῦ τινος ἐτέρας νεκρὸν μύρμηκα μύρμηκας ἄλλους κομίζοντας εἰς οἶκον ἐτέρων καὶ ἑαυτοῖς οὐ συντρόφων, καὶ ἐπὶ γε τῷ χεῖλει τῆς μυρμηκιᾶς ἐστῶτας αὐτῷ νεκρῷ, καὶ ἀνιόντας κάτωθεν ἐτέρους καὶ συνόντας τοῖς ξένοις ὥς ἐπὶ τινι, εἶτα κατιόντας τοὺς αὐτούς, καὶ πλεονάκεις τοῦτο· καὶ τελευτῶντας |10|σκώληκα, οἶονεὶ λύτρα, κομίσει· τοὺς δὲ ἐκεῖνον μὲν λαβεῖν, προέσθαι δὲ ὄνπερ οὖν ἐπήγοντο νεκρόν· καὶ ἐκεῖνους ὑποδέξασθαι ἀσμένως, ὥς υἱὸν κομιζομένους ἢ ἀδελφόν. \\ °°

° C 45b
/SVF 1.515b

Tradução

°° // Isso constrangeu Cleantes de Assos a contra a vontade resignar, se e comparar aqueles aos animais de raciocínio para não se equivocar, contradizendo vigorosamente e com convicção a observação atenta (dos fatos), dizem. Ocorreu que, estando Cleantes sentado e extraordinariamente fazendo uma pausa mais longa, eis que formigas, muitas, estavam junto ao seu pé; então ele vê de uma trilha algumas delas trazendo uma formiga morta à morada de outras, das quais não eram condôminas. E estacadas sobre o limiar do formigueiro com o cadáver, outras vinham de baixo até ali e se uniam àquelas, às estranhas, como por algum motivo, depois desciam e isso se passou várias vezes. Ao fim trouxeram uma larva como resgate. Aquelas a pegaram, entregaram o cadáver que traziam. Essas o acolheram com presteza, como se carregassem um filho ou um irmão. \\°°

° C 45b
/SVF 1.515b

192. Clem. Strom. 7.6.33.1-3

Pearson C 44; SVF 1.516

°° ὅθεν καὶ ὁ Αἰσωπος οὐ κακῶς ἔφη τοὺς ὕς κεκραγένοι μέγιστον, ὅταν ἔλκωνται· συνειδέναι γὰρ αὐτοῖς εἰς οὐδέν ἄλλο χρησίμοις πλὴν εἰς τὴν

° C 44
/SVF 1.516

θυσίαν. // διὸ καὶ Κλεάνθης φησὶν ἀνθ' ἁλῶν αὐτοὺς ἔχειν τὴν ψυχὴν, ἵνα μὴ σαπῇ τὰ κρέα. \ \ °°

Tradução

°° Por isso também Esopo não foi infeliz ao dizer que os suínos guincham alto, quando são arrastados, pois entendem que não servem para outra coisa, exceto o sacrifício. // É por isso que Cleantes diz em relação a eles que a alma lhes substitui o sal, a fim de que suas carnes não apodreçam. \ \ °° ° C 44 /SVF 1.516

Comentário

Cf.. SVF 2.1152 (Porfírio. Sobre a abstinência, 3, 20, 1, 3. Ele comenta que cada animal foi criado para o consumo e auxílio do homem, por isso deus misturou alma aos corpos dos porcos como sal); Cf.. Cícero, ND 2.160, a mesma tese é atribuída a Crisipo.

193. Stob. Ecl. 3.4.89.1-2

Pearson C 106; SVF 1.517a

Βίωνος.

Βίων ἐρωτηθεὶς τί ἐστὶν ἄνοια, εἶπε ‘προκοπῆς ἐμπόδιον’.

Στίλπωνος Σωκρατικοῦ.

Στίλπων ἐρωτηθεὶς τί ἰσχυρότερον ἀνδριάντος, εἶπεν ἄνθρωπος ἀναίσθητος’.

Κλεάνθους.

°° // ᾤ Κλεάνθης ἔφη τοὺς ἀπαιδεύτους μόνῃ τῇ μορφῇ τῶν θηρίων διαφέρειν. ᾤ \ \ °° ° C 106 /SVF 1.517a ^wf 36

διαφέρειν. ᾤ \ \ °°

Aparato

7 ἔφη Arnim : εἶπε Gnom. vat.

Tradução

De Bión.

Bión após ser perguntado sobre o que é a loucura, disse ‘um obstáculo ao progresso’.

De Estílpon, o socrático.

Stílpon após ser perguntado sobre o que é mais duro do que uma estátua, disse ‘um homem insensível’.

De Cleantes.

°° // ᾤ Cleantes disse que os ignorantes diferem das bestas somente pelo aspecto. ᾤ \ \ °° ° C 106 /SVF 1.517a ^wf 36

Comentário

a. O fragmento acima é retirado de uma sequência de citações indiretas e diretas tratando de equívocos para alcançar a finalidade da vida, portanto, o apotegma de Estílpon deve ser lido pejorativamente. A máxima de Cleantes neste contexto ecoa a anterior. Um fragmento de Favorino e dois de Epicteto seguem ao texto acima.

b. Texto idêntico ao apresentado acima aparece em Stob. Ecl. 2.31.64.1-2 (SVF 1.517b, 1.612), em passagem tratando especificamente de educação. Lá a citação de Cleantes compõe um conjunto com Diógenes, Platão e Demócrito sobre a importância de buscar o aprendizado e sobre o que buscar aprender. Aqui, além do cínico Bión e do megárico Estilpo, professor de Zenão, Cleantes é antecedido por Diógenes de Sinope (“τοὺς ἀνθρώπους... τὰ δὲ πρὸς τὸ εὖ ζῆν οὐ πορίζεσθαι”, 85.1-3) e Aristóteles (“τοὺς τὰ ἐναργῆ πράγματα πειρωμένους δεικνύναι ὅμοιον ἔφη ποιεῖν τοῖς διὰ λύχνου τὸν ἥλιον φιλοτιμουμένοις δεικνύναι.”, 86.1-4).

194. Tert. DA 5

Pearson C 36a; SVF 1.518a; FDS 426; BS 13.8

„ §1 Accerseri<n>t Eubulum aliquem et Critolaum et Xenocraten et isto in loco amicum Platonis Aristotelen. Fortassean extruentur magis ad auferendam animae corpulentiam, si non alios e contrario inspexerint, et quidem plures, corpus animae uindicantes. §2 Nec illos dico solos qui eam [5]de manifestis corporalibus effingunt, ut Hipparchus et Heraclitus ex igni, .FDS 426

ut Hippon et Thales ex aqua, ut Empedocles et Critias ex sanguine, ut Epicurus ex atomis (si et atomi corpulentias de coitu suo cogunt), ut Critolaus et Peripatetici eius ex quinta nescio qua substantia (si et illa corpus, quia corpora includit), {{ sed etiam Stoicos allego, qui spiritum [10]praedicantes animam paene nobiscum, qua proxima inter se flatus et spiritus, tamen corpus animam facile persuadebunt. §3 Denique Zeno consitum spiritum definiens animam hoc modo instruit. Quo, inquit, digresso animal emoritur, corpus est; consito autem spiritu digresso animal emoritur, ergo consitus spiritus corpus est; ergo corpus est anima. °° // §4 [15]vult et Cleanthes non solum corporis lineamentis, sed et animae notis similitudinem parentibus in filios respondere de speculo, scilicet morum et ingeniorum et adfectuum: corporis autem similitudinem et dissimilitudinem capere: et animam itaque corpus, similitudini vel dissimilitudini obnoxiam. §5 item corporalium et incorporeorum passiones [20]inter se non communicare. porro et animam compati corpori, cui laeso ictibus, vulneribus, ulceribus condolescit, et corpus animae, cui adflictae cura, angore, amore coaegrescit, per detrimentum socii vigoris, cuius pudorem et pavorem rubore atque pallore testetur. igitur anima corpus ex corporalium passionum communione. \\ °° §6 Sed et Chrysippus manum ei [25]porrigit constituens corporalia ab incorporeis derelinqui omnino non posse, quia nec contingantur ab eis (unde et Lucretius: “tangere enim et tangi nisi corpus nulla potest res”), derelicto autem corpore ab anima affici morte. Igitur corpus anima, quae nisi corporalis corpus non derelinquet.}} „

Aparato

10 commutatione Pearson : communicatione SVF : communione Waszink

Tradução

„ §1 Se convocassem um Eubulo, um Critolau, Xenócrates a este local, ou o amigo de Platão, Aristóteles, talvez eles se esforçassem muito para retirar a corporeidade da alma, se não divisassem outros em sentido contrário, e de fato numerosos, reivindicando a corporeidade da alma. §2 E não digo somente aqueles que a forjam a partir de manifestos elementos corpóreos, como Hiparco e Heráclito a partir do fogo, como Hipon e Tales a partir da água, como Empédocles e Critias a partir do sangue. Ou como o fez Epicuro a partir dos átomos, se também os átomos formam massas corpóreas por reunião a partir de seu encontro. Ou como Critolau e seus peripatéticos (propuseram) a partir de uma quinta substância que desconheço, se ela puder ser dita corpórea, porque abrange os corpos. {{ Refiro-me ainda aos estóicos, que tratam do espírito quase em nossos termos, na medida em que um hálito e um sopro estão mutuamente próximos, facilmente nos persuadirão de que a alma é corpórea. §3 E finalmente Zenão, definindo a alma como o sopro cossemeado (scil. semeado conjuntamente), argumenta deste modo: aquilo por cuja partida, afirma, um ser vivo morre, é corpóreo; se pela partida do sopro cossemeado o ser vivo morre, logo esse espírito é corpóreo. Logo a alma é corpórea. °° // Quer também Cleantes que não somente os traços corporais, mas também as marcas da alma refletem uma semelhança dos filhos em relação aos pais, o que implica caráter e inteligência e afecções. Do corpo, todavia, se pega a semelhança ou dessemelhança. E a alma, como um corpo, está sujeita à semelhança ou dessemelhança. Do mesmo modo, as afecções entre os corpóreos e incorpóreos não se comunicam entre si. Ademais a alma sente junto com o corpo, quando está machucado por golpes ou ferimentos, ela se condói pelas ulcerações e o corpo [por aquelas] da alma, aflita por uma preocupação, por angústia, amor sofrer junto pela debilidade do vigor da companhia, que se identifica pelo rubor e palor correspondentes ao pudor e pavor dela. Portanto pela comunhão das afecções da alma em relação ao corpo, [se segue que são] corpóreas. \\ °° §6 Mas Crisipo também lhe estende a mão julgando que de nenhum modo é possível os corpóreos estarem separados dos incorpóreos, já que não são contidos por eles. Donde Lucrécio dizer “pois tocar e ser tocado nada pode senão um corpo”. No entanto, o corpo abandonado pela alma é tocado

pela morte. Portanto a alma é corpórea, a qual não abandonaria o corpo se não fosse corpórea. } } ,,

Comentário

c. (1.26-27) Luc.RN 1.305

195. Nem. NH 2.115-122; 2.136-140; 2.163-167

Pearson C 36b; SVF 1.518b; LS 45C; FDS 427; Watanabe *f* 37(a³); BS 13.16

„ ^w { { ἐπειδὴ δὲ καὶ Κλεάνθους τοῦ Στωϊκοῦ καὶ Χρυσίππου φέρονται λόγοι τινὲς οὐκ εὐκαταφρόνητοι, ἐκθετέον καὶ τούτων τὰς λύσεις ὡς ἐπέλυσαν οἱ ἀπὸ Πλάτωνος. °° // ὁ Κλεάνθης τοιόνδε πλέκει συλλογισμόν· οὐ μόνον, φησίν, ὅμοιοι τοῖς γονεῦσι γινόμεθα κατὰ τὸ σῶμα ἀλλὰ καὶ κατὰ τὴν |5|ψυχὴν τοῖς πάθεσι, τοῖς ἡθεσι, ταῖς διαθέσεσι. σώματος δὲ τὸ ὅμοιον καὶ τὸ ἀνόμοιον, οὐχὶ δὲ ἀσωμάτου, σῶμα ἄρα ἢ ψυχὴ ... [I] ἔτι φησίν· οὐδὲν ἀσώματον συμπάσχει σώματι, οὐδὲ ἀσωμάτῳ σῶμα, ἀλλὰ σῶμα σώματι· συμπάσχει δὲ ἢ ψυχὴ τῷ σώματι νοσοῦντι καὶ τεμνομένῳ· καὶ τὸ σῶμα τῇ ψυχῇ· αἰσχυνομένης γοῦν ἐρυθρόν γίνεται καὶ φοβουμένης ὥχρόν· σῶμα |10|ἄρα ἢ ψυχὴ.]] ^w \ \ °° ... Χρύσιππος δὲ φησιν· ὁ θάνατός ἐστι χωρισμός ψυχῆς ἀπὸ σώματος· οὐδὲν δὲ ἀσώματον ἀπὸ σώματος χωρίζεται· οὐδὲ γὰρ ἐφάπτεται σώματος ἀσώματον· ἢ δὲ ψυχὴ καὶ ἐφάπτεται καὶ χωρίζεται τοῦ σώματος· οὐκ ἄρα ἀσώματος ἢ ψυχῆ. } } ,,

,FDS 427

^w *f* 37(a³)

{BS 13.16}

° C 36b

/SVF 1.518b

[LS 45C]

Aparato

1 καὶ ante Κλεάνθους om. B

3 Κλεάνθης add. δὲ B

6 καὶ ἀνόμοιον F

7 σώματι add. συναλγεῖ τι B

10 ὁ χωρισμός K

11 ἀπὸ τοῦ σώματος P : ἀσωμάτως B | οὐδὲν B

13 σῶμα ἄρα D : ἄρα σῶμα F

Tradução

„ ^w { { Dado que alguns argumentos não desdenháveis de Cleantes e Crisipo são reportados, deve-se expor também suas soluções, tal como os platônicos as resolveram. °° // Cleantes tece o seguinte silogismo: nos tornamos semelhantes aos pais não só em relação ao corpo, mas também em relação à alma pelas emoções, caráter, disposições. Do corpo se diz que algo é ou semelhante ou dessemelhante, mas não do incorpóreo, logo a alma é corpo... [I] E Cleantes diz ainda: nenhum incorpóreo sofre junto com o corpo, nenhum corpo junto com um incorpóreo, mas corpo com corpo: como a alma sofre junto com corpo adoentado e ferido, o corpo também (sofre junto) com a alma. Pois, quando ela se envergonha, ele se torna enrubecido e, tomada pelo medo, ele empalidece: logo a alma é corpo.]] ^w \ \ °° ... Crisipo diz: a morte é a separação da alma em relação ao corpo; ora nenhum incorpóreo se separa de um corpo; pois um incorpóreo não pode estar em contato com um corpo. A alma, no entanto, tanto se separa como entra em contato com o corpo, logo a alma não é incorpórea. } } ,,

,FDS 427

^w *f* 37(a³)

{BS 13.16}

° C 36b

/SVF 1.518b

[LS 45C]

Comentário

b. duas provas da corporalidade da alma, primeiro pela premissa "somente o corpo se diz semelhante e dessemelhante", segundo pela premissa "somente o corpo sofre junto com o corpo".

196. Tert. DA 25.9

Pearson C 36c; SVF 1.518c

°° // unde, oro, similitudine animae quoque parentibus de ingeniis respondemus secundum Cleanthis testimonium, si non et ex animae semine educimur? \ \ °°

° C 36c

/SVF 1.518c

Aparato

1 unde oro te similitudine SVF : unde, oro, similitudine Waszink | 2 si non ex SVF : si non et ex Waszink

Tradução

°° // Donde vem, rogo , a semelhança da alma e também a respeito das capacidades com os genitores , respondemos segundo o testemunho de Cleantes, se não somos formados também pela semente da alma? \\ °° ° C 36c /SVF 1.518c

197. Eus. PE. 15.20.1.1-7.4

Ar.Did. Phys. fr. 39.10; SVF 1.128, 1.141 (=1.519), 1.519 (=1.141), 2.809; LS 53W; FDS 423; Watanabe 38; BS 13.6

// {} “Τὸ δὲ σπέρμα φησὶν ὁ Ζήνων εἶναι ὁ μεθίσιν ἄνθρωπος πνεῦμα μεθ' ὑγροῦ, ψυχῆς μέρος <καὶ> ἀπόσπασμα καὶ τοῦ σπέρματος τοῦ τῶν προγόνων κέρασμα καὶ μίγμα τῶν τῆς ψυχῆς μερῶν συνεληλυθός· ἔχον γὰρ τοὺς λόγους τῷ ὅλῳ τοὺς αὐτοὺς τοῦτο, ὅταν ἀφεθῇ εἰς τὴν μήτραν, συλληφθὲν ὑπ' ἄλλου πνεύματος μέρος ψυχῆς τῆς τοῦ θήλεος καὶ συμφυρὲς γενόμενον κρυφθέν τε φύει κινούμενον καὶ ἀναρριπιζόμενον ὑπ' ἐκείνου, προσλαμβάνον αἰεὶ εἰς τὸ ὑγρὸν καὶ αὐξόμενον ἐξ ἑαυτοῦ.” \\

/SVF 1.128
{BS 13.6}

Καὶ μετὰ βραχέα ἐπιλέγει·

// // „ § περὶ δὲ ψυχῆς Κλεάνθης μὲν τὰ Ζήνωνος δόγματα παρατιθέμενος πρὸς σύγκρισιν τὴν πρὸς τοὺς ἄλλους φυσικοὺς φησιν, ὅτι Ζήνων τὴν ψυχὴν λέγει αἰσθητικὴν ἀναθυμίασιν, καθάπερ Ἡράκλειτος. βουλόμενος γὰρ ἐμφανίσει, ὅτι αἱ ψυχαὶ ἀναθυμιάμεναι νοεραὶ αἰεὶ γίνονται, εἵκασεν |5| αὐτὰς τοῖς ποταμοῖς λέγων οὕτως “ποταμοῖσι τοῖσιν αὐτοῖσιν ἐμβαίνουσιν ἕτερα καὶ ἕτερα ὕδατα ἐπιρρεῖ.” καὶ “ψυχαὶ δὲ ἀπὸ τῶν ὑγρῶν ἀναθυμιάσιν.” ἀναθυμίασιν μὲν οὖν ὁμοίως τῷ Ἡρακλείτῳ τὴν ψυχὴν ἀποφαίνει Ζήνων· αἰσθητικὴν δὲ αὐτὴν εἶναι διὰ τοῦτο λέγει ὅτι τυποῦσθαι τε δύναται τὸ μέρος τὸ ἡγούμενον αὐτῆς ἀπὸ τῶν ὄντων καὶ ὑπαρχόντων διὰ τῶν αἰσθητηρίων καὶ παραδέχεσθαι τὰς τυπώσεις. ταῦτα γὰρ ἴδια ψυχῆς ἐστὶ.” § „ \\ \\

/SVF 1.141
/SVF 1.519
,FDS 423
° f 38

Καὶ μεθ' ἕτερα·

“Εἶναι δὲ ψυχὴν ἐν τῷ ὅλῳ φασίν, ὁ καλοῦσιν αἰθέρα, καὶ ἀέρα κύκλῳ περὶ τὴν γῆν καὶ θάλασσαν, καὶ ἐκ τούτων ἀναθυμιάσεις· τὰς δὲ λοιπὰς ψυχὰς προσπεφυκέναι ταύτῃ, ὅσαι τε ἐν ζώοις εἰσὶ καὶ ὅσαι ἐν τῷ περιέχοντι· διαμένειν γὰρ ἔτι τὰς τῶν ἀποθανόντων ψυχὰς. ἔνιοι δὲ τὴν μὲν τοῦ ὅλου αἴδιον, τὰς δὲ λοιπὰς συμμίγνυσθαι ἐπὶ τελευτῇ εἰς ἐκείνην. ἔχειν δὲ πᾶσαν ψυχὴν ἡγεμονικόν τι ἐν αὐτῇ, ὃ δὴ ζωὴ καὶ αἴσθησις ἐστὶ καὶ ὁρμή.”

Καὶ ἔτι μετ' ὀλίγα·

// [] “Τὴν δὲ ψυχὴν γενητὴν τε καὶ φθαρτὴν λέγουσιν· οὐκ εὐθὺς δὲ τοῦ σώματος ἀπαλλαγεῖσιν φθείρεσθαι, ἀλλ' ἐπιμένειν τινὰς χρόνους καθ' ἑαυτήν, τὴν μὲν τῶν σπουδαίων μέχρι τῆς εἰς πῦρ ἀναλύσεως τῶν πάντων, τὴν δὲ τῶν ἀφρόνων πρὸς ποσοὺς τινας χρόνους. τὸ δὲ διαμένειν τὰς ψυχὰς οὕτως λέγουσιν, ὅτι διαμένομεν ἡμεῖς ψυχαὶ γενόμενοι τοῦ σώματος χωρισθέντες καὶ εἰς ἐλάττω μεταβαλόντες οὐσίαν τὴν τῆς ψυχῆς. τὰς δὲ τῶν ἀφρόνων καὶ ἀλόγων ζώων ψυχὰς συναπόλλυσθαι τοῖς σώμασι.” } } [] \\

/SVF 2.809
[LS 53W]

Tradução

// {{ “Zenão diz que a semente (*spérma*) – que o ser humano dispara – é *pneûma* com umidade, uma parte e fragmento da alma, uma mistura da semente de seus pais e um composto que combina as partes da alma. Pois , contendo as mesmas razões que o todo , quando é liberado no ventre, uma vez reunido a outro *pneûma* e se tornando uma parte co,natural da alma da fêmea, movimentado e reaceso por aquele (outro *pneûma*) brota escondido. Ele sempre multiplica na umidade e é aumentado a partir de si mesmo.” \\

/SVF 1.128
{BS 13.6}

E agrega depois de um assunto breve:

// // „ ☞ A respeito da alma, para estabelecer uma comparação entre Zenão e os demais filósofos da natureza, Cleantes diz que Zenão afirma ser a alma uma exalação sensível, assim como Heráclito. Pois querendo enfatizar que as almas exaladas sempre são dotadas de inteligência, as comparou aos rios dizendo o seguinte: "eles entram nos mesmos rios, (mas) outras e outras águas refluem" e "as almas são exaladas a partir da umidade". Portanto , semelhantemente a Heráclito , Zenão declara que a alma é exalação. Por essa razão ele diz que ela é sensível, porque uma parte sua pode ser marcada – o *hêgemonikón* – pelas coisas existentes, ou seja reais, por meio dos órgãos dos sentidos. E (assim) ela pode admitir os processos que resultam em marcas (*typôseis*), pois eles são uma particularidade da alma. ☞ „ \\ \\

/SVF 1.141
,SVF 1.519
,FDS 423
*f 38

E depois de outro assunto:

“Eles dizem haver uma alma no todo, a isso chamam ‘éter’, e que o ar circula a terra e o mar, e a partir desses surgem as exalações. As demais almas estão naturalmente aderidas àquela, tanto as que estão nos seres vivos como as que estão no meio circundante, pois as almas dos mortos permanecem por algum tempo. Alguns (dizem) que a (alma) do todo é eterna, enquanto as demais são misturadas a essa ao final (de um ciclo cósmico). Toda alma possui alguma parte governante (*hêgemonikón*) em si, que obviamente é vida, sensação e impulso.”

E pouco depois:

// [[“Eles dizem que a alma é gerada e destrutível. Ela não é destrutível logo após distanciar,se do corpo, senão que permanece por algum tempo por si mesma. A alma dos virtuosos (permanecem) até a dissolução de tudo em fogo, ao passo que a dos insensatos por uma certa quantidade de tempo. Da permanência das almas eles falam deste modo: que nos tornando almas nós permanecemos apartados do corpo e convertidos na menor substância da alma. As almas dos insensatos e dos animais irracionais perecem com seus corpos.” }}]]

/SVF 2.809
[LS 53W]

198. Eus. PE. 15.21.3.1-3

SVF 1.520a; Watanabe f 39(a¹)

// ☞ Ζήνωνι μὲν γὰρ καὶ Κλεάνθει νεμεσήσειέ τις ἂν δικαίως οὕτω σφόδρα ὑβριστικῶς περὶ αὐτῆς (scil. ψυχῆς) διαλεχθεῖσι καὶ ταὐτὸν ἄμφω τοῦ στερεοῦ σώματος εἶναι τὴν ψυχὴν ἀναθυμίασιν φήσασι. ☞ \\

/SVF 1.520^a
*f 39(a¹)

Tradução

// ☞ Alguém poderia se indignar justamente com razão com Zenão e Cleantes por tamanha arrogância ao debaterem sobre ela (a alma) e afirmarem ambos algo idêntico: ser a alma uma exalação do corpo sólido. ☞ \\

/SVF 1.520^a
*f 39(a¹)

199. Theod. GAC 5.27.1-28.1

SVF 1.520b

Καὶ ὁ Λογγῖνος δὲ αὐτῶν ἀντικρὺς κατηγορεῖ, ὧδε γράψας· “Ζήνωνι μὲν γὰρ καὶ Κλεάνθει νεμεσήσειεν ἂν τις δικαίως, οὕτω σφόδρα ὑβριστικῶς περὶ τῆς ψυχῆς διαλεχθεῖσιν. // ἄμφω γὰρ τοῦ στερεοῦ σώματος εἶναι τὴν ψυχὴν ἀναθυμίασιν \\ ἔφασαν.”

/SVF 1.520b

Tradução

E Longino os acusa diretamente, escrevendo assim: “Alguém poderia se indignar justamente com com Zenão e Cleantes, por tamanha arrogância ao debaterem sobre a alma. // Ambos afirmaram que a alma é uma exalação do corpo sólido. \\\

/SVF 1.520b

200. Gal. PHP 2.8.48

SVF 1.521

// εἰ δέ γε ἔποιτο (scil. Διογένης ὁ Βαβυλώνιος) Κλεάνθει καὶ Χρυσίππῳ καὶ Ζήνωνι τρέφεσθαι μὲν ἐξ αἵματος φήσαντι τὴν ψυχὴν, οὐσίαν δ' αὐτῆς ὑπάρχειν τὸ πνεῦμα, \\\ πῶς ἔτι ταὐτὸν ἔσται τὸ τρέφον τε καὶ κινοῦν εἴπερ τρέφει μὲν τὸ αἷμα κινεῖ δὲ τὸ πνεῦμα;

/SVF 1.521

Tradução

// Se (Diógenes da Babilônia) dissesse, com Cleantes, Crisipo e Zenão que afirmam nutrir-se a alma de sangue, e ser sua substância constituída do sopro vital (*pneûma*), \\\ como ainda será idêntio o nutriente e o movente, se de fato o sangue nutre, mas o sopro vital move?

/SVF 1.521

201. DL 7.156-157

Pearson C 41; SVF 1.522; LS 53N; FDS 421; BS 13.3

§ 156 ... ,, {{ δοκεῖ δὲ αὐτοῖς τὴν μὲν φύσιν εἶναι πῦρ τεχνικόν, ὁδῶ βαδίζον εἰς γένεσιν, ὅπερ ἐστὶ πνεῦμα πυροειδὲς καὶ τεχνοειδὲς· τὴν δὲ ψυχὴν αἰσθητικήν. ταύτην δ' εἶναι τὸ συμφυὲς ἡμῖν πνεῦμα· διὸ καὶ σῶμα εἶναι καὶ μετὰ τὸν θάνατον ἐπιμένειν· φθαρτὴν δὲ ὑπάρχειν, τὴν δὲ τῶν |5|ὄλων ἄφθαρτον, ἧς μέρη εἶναι τὰς ἐν τοῖς ζώοις. §157 Ζήνων δὲ ὁ Κιτιεὺς καὶ Ἀντίπατρος ἐν τοῖς Περὶ ψυχῆς καὶ Ποσειδώνιος πνεῦμα ἔνθερμον εἶναι τὴν ψυχὴν· τούτῳ γὰρ ἡμᾶς εἶναι ἔμπνοους καὶ ὑπὸ τούτου κινεῖσθαι. °° // Κλεάνθης μὲν οὖν πάσας ἐπιδιαμένειν <τὰς> μέχρι ἐκπυρώσεως, Χρυσίππος δὲ τὰς τῶν σοφῶν μόνων. ,, \\\ °° |10|μέρη δὲ ψυχῆς λέγουσιν ὀκτώ, τὰς πέντε αἰσθήσεις καὶ τοὺς ἐν ἡμῖν σπερματικοὺς λόγους καὶ τὸ φωνητικὸν καὶ τὸ λογιστικόν. [| ὁρᾶν δὲ τοῦ μεταξὺ τῆς ὀράσεως καὶ τοῦ ὑποκειμένου φωτὸς ἐντεινομένου κωνοειδῶς, καθά φησι Χρυσίππος ἐν β' “τῶν Φυσικῶν” καὶ Ἀπολλόδωρος. γίνεσθαι μὲν τὸ κωνοειδὲς τοῦ ἀέρος πρὸς τῇ ὄψει, τὴν δὲ |15|βάσιν πρὸς τῷ ὁρωμένῳ· ὥς διὰ βακτηρίας οὖν τοῦ ταθέντος ἀέρος τὸ βλεπόμενον ἀναγγέλλεσθαι.]] §158 ἀκούειν δὲ τοῦ μεταξὺ τοῦ φωνοῦντος καὶ τοῦ ἀκούοντος ἀέρος πληττομένου σφαιροειδῶς, εἴτα κυματομένου καὶ ταῖς ἀκοαῖς προσπίπτοντος, ὥς κυματοῦται τὸ ἐν τῇ δεξαμενῇ ὕδωρ κατὰ κύκλους ὑπὸ τοῦ ἐμβληθέντος λίθου. τὸν δὲ ὕπνον γίνεσθαι |20|ἐκλυομένου τοῦ αἰσθητικοῦ τόνου περὶ τὸ ἡγεμονικόν. αἰτίας δὲ τῶν παθῶν ἀπολείπουσι τὰς περὶ τὸ πνεῦμα τροπάς. }}

.FDS 421
{BS 13.3}

° C 41
/SVF 1.522

[LS 53N]

Aparato

1 Ζήνων—Ποσειδόνιος (sic) suppl. F^{2mg}, sequebantur alia multa, quae nunc erasa sunt Ζήνων—Ποσειδόνιος] οἱ δὲ φασὶ Φ | 5 τὰς—ἐκπυρώσεως om. Φ τὰς del. et post μέχρι add. τῆς Meibom. 5 μόνας τὰς τῶν σοφῶν Φ μόνον Cob. | 21 ἀπολείπουσι Hicks : πολείπουσι Dorandi

Tradução

§ 156 ... ,, {{ eles opinam que a natureza é um fogo artífice (*pyr tekhnikón*), que com método se encaminha até a geração, ou seja é um sopro com caráter ígneo e de artesanato. A alma, por sua vez, é dotada de sensação, ela é o sopro conatural a nós. Por isso também é corpo e permanece depois da morte. Ela é destrutível, porém a alma de tudo, da qual as

.FDS 421
{BS 13.3}

que estão nos seres vivos são uma parte, é indestrutível. §157 Zenão de Cício e Antípatro em seus livros “Sobre a alma” e Posidônio sustentam que a alma é um hálito cálido, pois com ele nós somos animados (*émpnoous*) e por ele movidos. °° // Cleantes ademais diz que todas permanecem até a conflagração, mas Crisipo [dizia] que somente as dos sábios.,, \\ °°

° C 41
/SVF 1.522

Dizem ser oito as partes da alma, os cinco sentidos e as razões seminais em nós, a fonadora e a racional.

[I Ver ocorre quando a luz se estende conicamente entre a visão e o objeto visto, segundo diz Crisipo no segundo livro da “Física” e Apolodoro. O cone se forma no ar apontado para a vista, sua base apoiada no objeto visto. Como por um bastão, portanto, o que é olhado se comunica pelo ar tensionado.] §158 Ouvir ocorre quando o ar é tangido esfericamente entre o que soa e o que escuta, então no ar se formam ondulações alcançando a audição, como quando a água em uma cisterna é ondulada em círculos pela pedra lançada adentro. O sono ocorre pelo afrouxamento do tônus dos sentidos em volta do hegemonikón. Em relação às causas das paixões sugerem que sejam as variações em torno do sopro (*pneûma*). }}

[LS 53N]

202. Aët. Plac. 4.5.11

DK Xenocrates F205; DDG 392b1-3; Stob.Ecl. 1.48.7.2-3; Pearson C 37; SVF 1.523; Watanabe f42

°° // Ξ Πυθαγόρας, Ἀναξάγορας, Πλάτων, Ξενοκράτης, Κλεάνθης θύραθεν εἰσκρίνεσθαι τὸν νοῦν. Ξ \\ °°

° C 37
/SVF 1.523
wf42

Tradução

°° // Ξ Pitágoras, Anaxágoras, Platão, Xenócrates, Cleantes acreditavam que a mente penetrasse de fora para dentro. Ξ \\ °°

° C 37
/SVF 1.523
wf42

Comentário

c. ver DDG 392a12-14 (4.5.6) “Περὶ τοῦ ἡγεμονικοῦ... Οἱ Στωικοὶ πάντες ἐν ὅλῃ τῇ καρδίᾳ ἢ τῷ περὶ πνεύματι.” (“Sobre onde está o *hēgemonikón*... Os estoicos todos dizem estar em todo o coração ou em torno do *pneûma*”); v. também Arist. GA 736b28 (λείπεται δὴ τὸν νοῦν μόνον θύραθεν ἐπεισιέναι καὶ θεῖον εἶναι μόνον) d. Verbeke, ad loc.

203. Sen. Ep. 113.23

Pearson C 43a; SVF 1.525; Watanabe f44

Ne putes autem primum <me> ex nostris non ex praescripto loqui sed meae sententiae esse, °° // inter Cleanthem et discipulum eius Chrysippum non convenit quid sit ambulatio: Cleanthes ait spiritum esse a principali usque in pedes permissum; Chrysippus ipsum principale. \\ °° Quid est ergo cur non ipsius Chrysippi exemplo sibi quisque se vindicet et ista tot animalia quot mundus ipse non potest capere derideat?

° C 43a
/SVF 1.525

Tradução

Não creias que <eu> seja o primeiro dentre os estoicos a não falar se acordo com a doutrina transmitida e a exprimir um pensamento pessoal, °° // entre Cleanthes e seu discípulo Crisipo não houve acordo sobre o que era o caminhar: Cleanthes diz que é o sopro lançado desde a parte governante até os pés; Crisipo diz ser a própria parte governante. \\ °° Por que então cada um, a exemplo do próprio Crisipo, não reivindica um pensamento independente e não ri desses animais, que são tantos que nem podem caber no mundo?

° C 43a
/SVF 1.525

Comentário

a. trata-se de passagem da carta 113, em que se discute a natureza da virtude como qualidade da alma; nesse ponto, Sêneca está interessado no exemplo da virtude que não pode caminhar.

204. Anon. Scholia et glossae in Nicandri theriaca (scholia vetera et recentiora)
447c1-7

Pearson C 114; SVF 1.524; Watanabe f 43

ῥ ὑπὸ κρατῆρος· °°// κραντῆρες λέγονται οἱ ὕστερον ἀναβαίνοντες ὀδόντες ῥ f 43
παρὰ τὸ κραίνειν καὶ ἀποπληροῦν τὴν ἡλικίαν. νεωτέρων γὰρ ἤδη ἡμῶν ° C 114
γενομένων φύονται οἱ ὀδόντες οὗτοι. Κλεάνθης δὲ σωφρονιστῆρας αὐτοὺς /SVF 1.524
καλεῖ. νῦν ἀπλῶς τοὺς ὀδόντας. σωφρονιστῆρες δὲ διὰ τὸ ἅμα τῷ ἀνιέναι
αὐτοὺς καὶ |5|τὸ σῶφρον τοῦ νοῦ λαμβάνειν ἡμᾶς. ῥ \\ °°

Aparato

3 Κλεάνθης Keil : Κλέαρχος Wehrli : Κλεάνθης Crugnola

Tradução

ῥ sobre a caldeira: °°// Os dentes que nascem posteriormente são ditos 'do siso' ῥ f 43
correspondendo ao tornar-se ajuizado e ao atingimento de uma certa idade. Pois uma vez ° C 114
que já não sejamos mais tão novos esses dentes nascem. Cleantes, porém, os chamava 'os /SVF 1.524
da temperança': 'dentes', por razões óbvias; 'da temperança', porque o nascimento deles é
concomitante à conquista por nós da capacidade de moderação do pensamento. ῥ \\ °°

Fragmentos adicionados a 'VI. Física'

O primeiro ponto a notar sobre os fragmentos incluídos aqui é a afinidade de argumento e tese entre Alexandre, abaixo, e aos fragmentos 1.501b, 1.504, 1.513ab, todos de Cícero. O argumento considerado indutivo por Alexandre, é recorrente nos fragmentos mencionados, em que Cleantes utiliza eventos da natureza relacionados ao calor e ao fogo para sustentar as teses estóicas a respeito dos ciclos cósmicos, conflagração e reordenação.

Hisdóso e Fílon (= Ad SVF Cl.phys.4-5), embora não mencionem explicitamente Cleantes, reproduzem a tese de que o Sol é a parte governante do universo, seu coração, o que está em acordo com o grupo SVF 1.499a-e. Ademais, a leitura em conjunto de ambos fornece uma quadro sintético sobre o funcionamento do Sol, com seu ciclo próprio, o que deve entrar para o grupo SVF 1.498-1.513.

Miguel Pselo, Lactânio, Galeno, Eusébio (= Ad SVF Cl.phys.2-3, 7-8) citam nominalmente Cleantes e atendem o critério de Arnim, que também é adotado nesta tese. Por isso foram incluídos no *corpus*.

205. Alex.Aphr. In mete. 61.34-62.11

SVF 2.594; BS 18.3; Ad SVF Cleanthis physicam (1)

// {{ Ὅθεν τοὺς ἐπὶ μικρὸν βλέποντάς φησι καὶ ἀπὸ τῶν μικρῶν περὶ τῶν ὅλων πειρωμένους λέγειν τῆς τοιαύτης κατὰ τὴν γῆν μεταβολῆς, καθ' ἣν τὰ μὲν ἐλώδη καὶ ὑγρὰ οἰκήσιμά τε καὶ σύμμετρα γίνεται διὰ ξηρότητα, τὰ δὲ πρότερον συμμέτρως ἔχοντα ἀοίκητα διὰ τὴν τῆς ξηρότητος ἐπίτασιν, αἰτίαν λέγειν εἶναι τὴν τοῦ ὅλου μεταβολὴν τε καὶ φθοράν. ἡγοῦνται γὰρ σημείοις τούτοις χρώμενοι ἐκπύρωσιν γίνεσθαι τοῦ ὅλου, ὥς Ἡράκλειτος μὲν πρὸ αὐτοῦ καὶ οἱ τῆς ἐκείνου δόξης, οἱ δὲ ἀπὸ τῆς Στοᾶς μετ' αὐτόν, καὶ ἐκ τούτου λέγουσιν ὡς ὄντος γενητοῦ τε καὶ φθαρτοῦ τοῦ παντός. οὐ μὴν τοῦ τῆς γῆς τὰ μὲν ξηραίνεσθαι, τὰ δὲ πάλιν ἐξυγραίνεσθαι αἰτίαν χρῆ τὴν τοῦ κόσμου γένεσιν ἡγεῖσθαι· ἄτοπον γὰρ διὰ βραχείας μεταβολᾶς κινεῖν τὸ πᾶν καὶ γενητόν τε καὶ φθαρτόν ποιεῖν. τὸ γὰρ τῆς γῆς μέγεθος οὐδὲν ἐστὶν ὡς πρὸς ὅλον τὸν οὐρανὸν παραβαλλόμενον· κέντρον γοῦν αὐτὴν λόγον ἔχειν φασὶν ὡς πρὸς τὸ πᾶν. }} \\

/SVF 2.594
{BS 18.3}

Tradução

// {{ Donde ele (Aristóteles) dizer que aqueles que observam o detalhe tentando a partir dos detalhes falar do todo, afirmam que a mudança e a destruição do todo é a causa da tal mudança na terra. Segundo ela, locais pantanosos e úmidos se tornam habitáveis e equilibrados por causa da secura, enquanto outros que antes eram equilibrados se tornam inabitáveis pela intensidade da secura. Eles então, valendo-se dessas provas, acreditam que a conflagração (*ekpyrôsin*) do todo ocorre, como Heráclito antes e os que compartilhavam de sua opinião. Os estoícos depois dele também estão de acordo, e a partir dessa convicção dizem que o tudo é gerado e destrutível. E que é necessário acreditar que a gênese do universo é deveras a causa de uma parte da terra ressecar-se e umidecer-se novamente. Contudo é absurdo mover o tudo (*tò pân*) e fazê-lo gerar-se e destruir-se por causa de mudanças sutis. Pois a dimensão da terra não é nada comparada à de todo o céu. Eles sustentam a tese de que pelo menos em relação ao tudo ela, a terra, ocupa o centro. }} \\

/SVF 2.594
{BS 18.3}

206. MPsel. OD 33

Watanabe *f* 37(b); Ad SVF Cleanthis physicam (2)

ῥ οἱ δὲ περὶ Κλεάνθην καὶ σῶμα ταύτην ἀποφαίνονται, δυναμένην μέντοι γέ ποτε καὶ τοῦ φαινομένου χωρίζεσθαι σώματος. ῥ

wf 37(b)

Tradução

ῥ os que concordam com Cleantes também demonstram ser ela [a alma] corpo, ela é certamente capaz a qualquer momento de se separar do corpo aparente ῥ

wf 37(b)

207. Lactant. DI 3.18.5

Watanabe *f* 41(2); Ad SVF Cleanthis physicam (3)

ῥ multi ergo ex iis qui aeternas esse animas suspicabantur, tanquam in caelum migraturi essent, sibi ipsi manus intulerunt, ut Cleanthes, ut Chrysippus, ut Zenon, ut Empedocles ῥ

wf 41(2)

Aparato

1 iis ex his R : his | qui : quia S 2 luceantes B¹ : corrigit B³

Tradução

¶ consequentemente muitos dentre eles acreditavam que as almas eram eternas, como se ^{wf} 41(2) estivessem no céu havendo de migrar, introduzidas por suas próprias mãos, como Cleantes, como Crisipo, como Zenão, como Empédocles ¶

Comentário

b. Ver o fragmento de Lactâncio sobre o desprezo à morte e casos de suicídios filosóficos (Ad SVF Cl.vit.29); o paralelo textual entre os que “sibi ipsi manus intulerunt” aqui e os que “voluntariam necem sibi intulerunt” lá ajuda a esclarecer quais almas eternas os filósofos mencionados aqui estão a introduzir no céu. Não é possível afirmar que somente as almas dos filósofos, enquanto sábios, sobreviveriam até a conflagração. Ver também DL 7.156-157 (= SVF 1.522).

208. Hisdosus. *De anima mundi Platonica*, cod.Par.Lat.8624 f. 17v, v. 18s²⁰⁴

Watanabe f 20(a⁶); Ad SVF Cleanthis physicam (4)

¶ Alii autem dicunt quod mundi medietas est sol, quem cor totius mundi ^{wf} 20(a⁶) esse volunt. Quemadmodum enim, inquiunt, anima hominis sedem et domicilium in corde habet, unde per membra corporis vires suas spargens in omnibus corporis membris tota sua membra vegetat, ita vitalis calor a sole procedens omnibus quae vivunt vitam subministrat. ¶

Tradução

¶ Outros, no entanto, dizem que o ponto médio do universo é o Sol, o qual querem que ^{wf} 20(a⁶) seja o coração de todo o universo. Assim como, por exemplo, dizem que a alma do ser humano tem sua sede e domicílio no coração, de onde espargindo suas forças pelos membros do corpo em todas as partes do corpo revigora todos os seus membros, assim o calor vital proveniente do Sol fornece a vida a todas os seres que vivem. ¶

Comentário

b. ver também os fragmentos que tratam do Sol como parte governante do universo, SVF 1.499a-e.

209. Ph. Prov. 2.64 (ed. Aucher, p. 89)

Watanabe ad f 23(a¹⁻⁴); Ad SVF Cleanthis physicam (5)

¶ Sol, quem nonnulli rectorem esse dixerunt, eo quod largitur necessaria, ^{wf} adf 23(a¹⁻⁴) ex mari, inquiunt, nutritur, quippe purgatissimas partes humidi elementi ad se trahens sorbet. Pro indicio sit praeter alia, quod per anni tempestates in contrarium tendit cursus Solaris, aestate per Cancrum et hieme per Capricomum. nam circumambulans Sol aeternos illos terminos haud transgreditur.¶

Tradução

¶ O Sol, o qual não poucos disseram ser o condutor do universo (*rectorem*), por ele que ^{wf} adf 23(a¹⁻⁴) as coisas necessárias são regaladas, a partir do mar, segundo dizem, ele é nutrido, na medida em que, após atrair para si as partes as mais purificadas do elemento úmido, as sorve. Sirva como indício, entre outros, o fato de que o curso solar distribui estações opostas ao longo do ano, enquanto no Trópico de Câncer é verão, é inverno no de Capricórnio. Com efeito, o Sol circunavegando aqueles limites eternos não os transgride. ¶

210. Clem.Al. *Eclogae prophetae* 26.1.1-5.5

Watanabe comm. ad f 24B; Ad SVF Cleanthis physicam (6)

¶ Οὕτως γοῦν καὶ ὅταν ὁ θεὸς λέγῃται «πῦρ καταναλίσκον», οὐ κακίας, ^{wf} adf 24B

²⁰⁴ Citado o texto tal como o reproduz Marcovich em sua edição de Heráclito F 115.

ἀλλὰ δυνάμεως ὄνομα καὶ σύμβολον ἐκδεκτέον· ὥς γὰρ τὸ πῦρ ἰσχυρότατον τῶν στοιχείων καὶ πάντων κρατοῦν, οὕτω καὶ ὁ θεὸς παντοδύναμος καὶ παντοκράτωρ, ὁ δυνάμενος κρατῆσαι, κτίσαι, ποιῆσαι, τρέφειν, αὔξειν, σφῆζειν, σώματος καὶ ψυχῆς ἐξουσίαν ἔχων. ὥς οὖν τῶν στοιχείων ὑπερέχει τὸ πῦρ, οὕτως θεῶν τε καὶ δυνάμεων καὶ ἀρχῶν ὁ παντοκράτωρ. διπλῇ τε ἡ δύναμις τοῦ πυρός, ἡ μὲν πρὸς δημιουργίαν καὶ πέπαυσιν καρπῶν καὶ ζώων γενέσιν καὶ τροφὴν ἐπιτήδειος, ἥς εἰκὼν ὁ ἥλιος, ἡ δὲ πρὸς ἀνάλωσιν καὶ φθοράν, ὥς τὸ πῦρ τὸ ἐπίγειον. «πῦρ» οὖν ὅταν λέγεται ὁ θεὸς »καταναλίσκων«, δύναμις ἰσχυρὰ καὶ ἀπροσάντητος, ἣ μὴδὲν ἀδύνατον, ἀλλὰ καὶ τὸ ἀπολέσαι δυνατόν. περὶ τοιαύτης δυνάμεως καὶ ὁ σωτὴρ λέγει «πῦρ ἦλθον βαλεῖν ἐπὶ τὴν γῆν», δηλονότι δυνάμει τῶν μὲν ἀγίων καθαρτικῇ, τῶν δὲ ὑλικῶν, ὥς μὲν ἐκεῖνοί φασιν, ἀφανιστικῇ, ὥς δὲ ἡμεῖς ἂν φαίμεν, παιδευτικῇ. ἔχει δὲ καὶ φόβον τὸ πῦρ καὶ διάχυσιν τὸ φῶς. ^W

Tradução

^W Desse modo, portanto, também quando se disser que o deus é «fogo que consome», não se deve admiti-lo como um defeito, senão como denominação e prova de uma capacidade, pois assim como o fogo é dos elementos o mais forte, ou seja pode a todos dominar, assim também deus onipotente e todo-dominante, o que pode submeter, edificar, realizar, nutrir, aumentar, salvar, que possui a autoridade sobre o corpo e a alma. O fogo, portanto, é superior aos elementos da mesma forma como existe o deus todo-dominante, dentre deuses e capacidades e poderes. A capacidade do fogo é dupla, uma é o fogo conveniente para a criação e à colheita dos frutos e ao nascimento e à nutrição dos animais, cuja imagem é o Sol; outra para a consunção e destruição, tal como o fogo na terra. «Fogo que consome», portanto, quando se referir a deus, é uma capacidade poderosa e amena, para a qual nada é impossível, senão que pode também destruir. Sobre tal capacidade o salvador também diz: “o fogo veio se alastrar sobre a terra”, é evidente que a capacidade dos santos é purificante, a dos mundanos, como aqueles dizem, destruidora, mas como nós opinamos, educadora. Em relação ao fogo mantens o temor e o júbilo em relação à luz. ^W

^w adf 24B

211. Gal. Adv. Jul. 18a.269.10-270.3

Watanabe ^f 46; Ad SVF Cleanthis physicam (7)

^W τὸ μέντοι γε τοῦ σώματος ἡμῶν τὴν φύσιν ἦτοι γε ἐξ ἀέρος καὶ πυρὸς ὕδατός τε καὶ γῆς ἢ ἐξ ὑγροῦ καὶ ξηροῦ καὶ θερμοῦ καὶ ψυχροῦ συμμετρῶς ἀλλήλοις κεκραμένων γεγονέναι διαπεφώνηται μὲν, ἀλλ' οὐκ εἰς τοσοῦτον, ὅσον αἱ Θεσσαλοῦ κοινότητες, εἴ γε καὶ Πλάτων καὶ Ζήνων Ἀριστοτέλης τε καὶ Θεόφραστος Εὐδημὸς τε καὶ Κλεάνθης καὶ Χρύσιππος ἅμα πολλοῖς φιλοσόφοις, ὧν οἱ μὲν Στωϊκοὺς οἱ δὲ Περιπατητικοὺς οἱ δὲ Πλατωνικοὺς ἑαυτοὺς ὠνόμασαν, ὁμολογοῦσιν ἀμφ' αὐτά· ^W

^w f 46

Tradução

^W relativo, todavia, à natureza do nosso corpo, persiste a disputa sobre se fomos criados misturando balanceadamente uns aos outros ou bem ar e fogo bem como água e terra, ou úmido e seco e quente e frio, porém não tanto quanto a respeito das qualidades comuns de Tessalo, se de fato concordaram com ambas tanto Platão quanto Zenão, Aristóteles e Teofrasto, tanto Eudemo quanto Cleantes e Crisipo em conjunto com muitos filósofos, dos quais uns se chamam de estoicos, outros de peripatéticos e outros de platônicos. ^W

^w f 46

Comentário

c. ver também SVF 2.414

d. sobre as três qualidades comuns de Tessalo, trata-se das três qualidades comuns investigadas pelos médicos metódicos ao diagnosticar uma doença (Watanabe, p.133, n.125) – cf. Celsus. De medicina, 1.pr.54.1-55.3

212. Eus.PE 15.18.3.1-6

= Ar.Did. Phys. fr.36.col.1.20-30; Watanabe *f* 32 (a²); Ad SVF Cleanthis physicam (8)

ῤ ἀρέσκει γάρ τοῖς Στωϊκοῖς φιλοσόφοις τὴν ὅλην οὐσίαν εἰς πῦρ ^{wf32 (a²)}
μεταβάλλειν, οἷον εἰς σπέρμα, καὶ πάλιν ἐκ τούτου αὐτὴν ἀποτελεῖσθαι τὴν
διακόσμησιν, οἷα τὸ πρότερον ἦν. καὶ τοῦτο τὸ δόγμα τῶν ἀπὸ τῆς
αἰρέσεως οἱ πρῶτοι καὶ πρεσβύτατοι προσήκοντο, Ζήνων τε καὶ Κλεάνθης
καὶ Χρύσιππος. τὸν μὲν γὰρ τούτου μαθητὴν καὶ διάδοχον τῆς σχολῆς
Ζήνωνά φασιν ἐπισχεῖν περὶ τῆς ἐκπυρώσεως τῶν ὅλων. ῤ

Tradução

ῤ Apetece aos filósofos estoicos, então, que a substância inteira se transforme em fogo, ^{wf32 (a²)}
como em uma semente, e a partir dela novamente perfaça esta reordenação (*diakósmēsin*),
tal qual havia anteriormente. E este dogma dentre os desta escola os primeiros e mais
velhos o admitiram, Zenão bem como Cleantes e Crisipo. Dizem então que o discípulo
desse e sucessor na escola, Zenão de Tarso, tinha restrições em relação à conflagração do
todo. ῤ

Comentário

b. v. ainda SVF 1.512

c. sobre a comparação do fogo a uma semente: Ph. Aet.94; Plut. CN 1077b (= SVF 2.618a). Cf. Plut. Aquane an ignis
sit utilior, 955e.

Comentário

Existe em Cleantes uma teoria articulada sobre o funcionamento do universo estoico, da qual se aborda uma parte. A nomeação de uma parte governante do universo como seu ἡγεμονικόν²⁰⁵, e as consequências disso para seu pensamento, parece ser um uso original de Cleantes para a noção, pois Zenão antes dele utilizava o termo, segundo os textos disponíveis, para se referir à parte governante da alma humana²⁰⁶. A reinterpretação do papel do Sol na organização do universo, empreendida por Cleantes, não se restringe ao estudo de seus epítetos e à proposta de alegorias para sua atividade. A concepção cleanteana da função solar e preeminência do fogo é coadjuvada por uma teoria sobre a luz e o calor, o ciclo de vida do Sol, associado por analogia ao ciclo de vida da alma.

Hisdóso, cujo texto é adicionado já por Watanabe ao *corpus* cleanteano, diz o seguinte textualmente, sem identificar o autor da ideia:

²⁰⁵ SVF 1.499abc.

²⁰⁶ SVF 1.143ab, 1.150, 1.202.

o ponto médio do universo é o Sol, o qual querem que seja o coração de todo o universo. Assim como, por exemplo, dizem que a alma do ser humano tem sua sede e domicílio no coração, de onde espargindo suas forças pelos membros do corpo em todas as partes do corpo revigora todos os seus membros, assim o calor vital proveniente do Sol fornece a vida a todas os seres que vivem.

Não pode haver muita dúvida de que o resumo se refere a Cleantes, que identificava o Sol como parte governante do universo (SVF 1.499).

O principal ponto de querela sobre a teoria do calor vital (*Wärmelehre*) é relativo a sua evolução e autoria, basicamente se Cleantes a teria proposto na versão mais complexa transmitida. Antes de passar a isso, no entanto, é útil explicar o que tal teoria diz; em passagem em que o único pensador citado é Cleantes, Cícero diz o seguinte reportando a doutrina do Pórtico:

omnia, quae alantur et quae crescant contineant in se vim caloris, sine qua neque ali possent nec crescere (...) quam diu remanet in nobis, tam diu sensus et vita remanet. (...) Omne igitur quod vivit, sive animal sive terra editum, id vivit propter inclusum in eo calorem. ex quo intellegi debet eam caloris naturam vim habere in se vitalem per omnem mundum pertinentem.²⁰⁷

Ou seja, o calor é a energia que sustenta e propicia a vida e, especialmente no seres com alma, os dota de sensação e impulso para buscar a autoconservação. No caso dos seres humanos, tal calor os dota de razão também. E a passagem é longa sobre a natureza desse calor salutar e vital, culminando em uma prova de que o mundo todo é permeado por um calor que comunica sensação e razão em todas partes. Nessa versão mais consolidada e geral sobre o calor, o universo todo é animado pelo calor, princípio vital de tudo.

É problemático, contudo, atribuir essa última parte também a Cleantes. A partir dessa analogia, segundo a qual o calor é o princípio vital dos organismo, por um lado, enquanto distingue dois tipos de calor, o salutar e o destrutivo, atribuindo ao calor do Sol a característica salutar.²⁰⁸

Ambos, Sol e alma, são alimentados por exalações, o primeiro por exalações oriundas do oceano, a segunda por exalações do sangue. Vê-se que a expansão do conceito zenoniano de parte governante, justificada por uma analogia entre a alma humana, microcosmo, e o macrocosmo, é proposta em um conjunto de muitos textos (SVF 1.499a-d).

²⁰⁷ “todas as coisas que se alimentam e crescem, contem em si a energia do calor, sem a qual nem poderiam se alimentar nem crescer. (...) Enquanto ele permanecer em nós, os sentidos e a vida permanecem. (...) Portanto, tudo o que está vivo, seja animal ou vegetal, deve sua vida ao calor que possui dentro de si. Disso decorre que a natureza do calor detem em si a energia vital que pervade todo o mundo.” (Cic. ND 2.23.5-31.1 = Pearson C 42a, 42b; SVF 1.513a, 1.513b; LS 47C; BS 15.7)

²⁰⁸ Watanabe: 5-6. (Watanabe f 24A, 24B).

VII. Teologia

(*Physicae fundamenta; De mundo et meteoris; De natura deorum; De providentia et divinatione*)

213. Phld. Piet. 13.16-26 (DDG 547b.15-25)

Pearson C 54; SVF 1.539

°° // ἐν δὲ τῷ δευτέρῳ] (scil. περὶ θεῶν Χρύσιππος) τὰ τ[ε] εἰς Ὀρφέα [καὶ ° C54
Μ]ουσαῖον ἀναφε[ρόμ]ε[ν]α καὶ [τ]ὰ παρ' [Ὀ]μήρῳ καὶ Ἡσιόδ[ω] καὶ /SVF 1.539
Εὐρι[π]ίδῃ καὶ ποιηταῖς ἄλλοις, [ώ]ς κα[ὶ] Κλεάνθης, [π]ειράτα[ι]
συν]οικειοῦ[ν] ταῖς δόξαις αὐτῶ[ν]. \ \ °°

Tradução

°° // em seu segundo livro ("Sobre os deuses" de Crisipo), tenta se apropriar em suas ° C54
teorias da tradição que remete a Orfeu e Museu, bem como as correspondentes a Homero /SVF 1.539
e Hesíodo e Eurípides e demais poetas, como faz Cleantes. \ \ °°

Comentário

d. A edição mais atualizada da obra – de Obbink (1996) – não lê o fragmento tal como o fez von Arnim.

214. Clem. Strom. 5.8.48.1-2

Pearson C 31; SVF 1.502a

°° // οὐκ ἀνέγνωσαν δ' οὗτοι Κλεάνθην τὸν φιλόσοφον, ὃς ἄντικρυς ° C 31
πλήκτρον τὸν ἥλιον καλεῖ· ἐν γὰρ ταῖς ἀνατολαῖς, ἐρείδων τὰς αὐγὰς, οἷον /SVF 1.502a
πλήσσω τὸν κόσμον εἰς τὴν ἐναρμόνιον πορείαν τὸ φῶς ἄγει· \ \ ἐκ δὲ τοῦ
ἡλίου σημαίνει καὶ τὰ λοιπὰ ἄστρα °°

Tradução

°° // Eles não reconheceram Cleantes, o filósofo, que chama o Sol de ‘plectro em riste’: ° C 31
pois no oriente, despedindo os feixes de luz, ele conduz a luz à trilha harmônica /SVF 1.502a
percutindo o universo: \ \ ele quer dizer que os demais astros também se originam do Sol.
°°

215. Plut. De Pyth. or. 402a8-b1

SVF 1.502b

// ὕστερον μέντοι πλήκτρον ἀνέθηκαν τῷ θεῷ χρυσοῦν, ἐπιστήσαντες, ὥς /SVF 1.502b
ἔοικε, Σκυθίνῳ λέγοντι περὶ τῆς λύγας,

“(…) ἦν ἀρμόζεται

Ζηνὸς εὐειδῆς Ἀπόλλων, πᾶσαν ἀρχὴν καὶ τέλος

|5|συλλαβῶν· ἔχει δὲ λαμπρὸν πλήκτρον ἡλίου φάος.” \ \

Tradução

// Posteriormente atribuíram ao deus um plectro de ouro, cientes ao que parece do que a /SVF 1.502b
respeito dos crepúsculos diz Escutino:

“(…) ele o harmonizará,

de Zeus filho, Apolo bela-forma, todo princípio e fim

coligando; ele possui o plectro radiante, a luz do Sol.” \ \

216. Corn.TCG 67.11-68.3

SVF 1.503, 1.542c

ἐλέχθη δὲ καὶ ὁ τόπος [sc. Δελφοί] ὁμφαλὸς τῆς γῆς οὐχ ὡς μεσαίτατος ὢν αὐτῆς, ἀλλ' ἀπὸ τῆς ἀναδιδομένης ἐν αὐτῷ ὁμφῆς, ἥτις ἐστὶ θεία φωνή. // /SVF 1.542c
λοξῶν δὲ καὶ περισκελῶν ὄντων τῶν χρησμῶν, οὓς δίδωσι, λοξίας ὀνόμασται[· ἢ ἀπὸ τῆς λοξότητος τῆς πορείας, ἣν ποιεῖται διὰ τοῦ ζωδιακοῦ κύκλου].\| //μουσικὸς δὲ καὶ κιθαριστὴς παρεισῆκται τῷ κρούειν ἐναρμονίως πᾶν μέρος τοῦ κόσμου καὶ συνῳδὸν αὐτὸν πᾶσι τοῖς ἄλλοις μέρεσι ποιεῖν, μηδεμιᾶς αὐτῶν ἐκμελείας ἐν τοῖς οὗσι /SVF 1.503
θεωρουμένης, ἀλλὰ καὶ τὴν τῶν χρόνων πρὸς ἀλλήλους συμμετρίαν ἐπ' ἄκρον ὡς ἐν ῥυθμοῖς τηροῦντος αὐτοῦ καὶ τὰς τῶν ζώων φωνάς, ὡς αὐτὸς τῶν ἄλλων σωμάτων ψόφους, ἰδίᾳ διὰ τὸ ξηραίνεσθαι χρυσίμως ὑπ' αὐτοῦ τὸν ἄερα ἀποδιδόντος καὶ δαιμονίως ἡρμόσθαι πρὸς τὰς ἀκοὰς ποιοῦντος. \|

Tradução

E também se disse que o lugar [Delfos] é o umbigo da terra não porque está mais ao meio dela, senão porque nele o oráculo, o qual é a voz divina, é distribuído. // Como as respostas oraculares, que são fornecidas, são oblíquas e muito duras, é dito (Apolo) “oblíquo”[; ou é pela obliquidade de seu caminho feito através do ciclo do zodíaco].\| // O Sol é apresentado inspirado pelas Musas (*mousikōs*) e também citarista, pelo golpear harmonicamente o feixe de luz por toda parte do universo e fazer todas elas afinarem-se com ele, sem se observar qualquer dissonância dentre elas, porém mantendo a simetria dos intervalos de tempo recíprocas ao máximo como em cadências rítmicas, também as vozes dos seres animados, bem como ainda os ruídos dos demais corpos, particularmente exibindo o ar por causa do útil ressecamento produzido por ele e fazendo com que estejam harmonizados divinamente aos ouvidos. \|

Comentário

a. Cornuto entre 65-69 expõe a interpretação das etiologias e etimologias ligadas ao deus Apolo

217. Corn. TGC 62.23-64.17

Pearson C 62; SVF 1.514

// Ἡρακλῆς δ' ἐστὶν ὁ ἐν τοῖς ὅλοις τόπος, καθ' ὃν ἡ φύσις ἰσχυρὰ καὶ /SVF 1.514
κραταιὰ ἐστίν, ἀνίκητος καὶ ἀπεριγένητος οὔσα, μεταδοτικὸς ἰσχύος καὶ τοῖς κατὰ μέρος καὶ ἀλκῆς ὑπάρχων. (deinde de Alcumene et Amphitryonis filio disputat, cuius facta a recentioribus cum dei factis |5|permixta sint, ὥστε δυσδιάκριτα γεγονέναι τὰ τοῦ θεοῦ ἴδια ἀπὸ τῶν περὶ τοῦ ἥρωος ἱστορουμένων) τάχα δ' ἂν ἡ λεοντὴ καὶ τὸ ρόπαλον ἐκ τῆς παλαιᾶς θεολογίας ἐπὶ τοῦτον μετενηνεγμένα εἴη. (...) σύμβολον δ' ἂν ἐκάτερον εἴη ῥώμης καὶ γενναιότητος· ὁ μὲν γὰρ λέων τὸ ἀλκιμώτατον τῶν θηρίων ἐστὶ, τὸ δὲ ρόπαλον τὸ καρτερώτατον τῶν ὀπλῶν. καὶ τοξότης δ' ἂν |10|ὁ θεὸς παρεισάγοιτο κατὰ τε τὸ πανταχοῦ διῖκνεῖσθαι καὶ κατὰ τὸ ἔντονόν τι ἔχειν καὶ τὴν τῶν βελῶν φοράν.(...) οἰκείως δὲ παρέδοσαν αὐτὸν Κῶοι τῇ Ἥβῃ συνοικοῦντα, ὡς λощерέστερον αὐτὸ σῶμα ἢ τὴν διάνοιαν ὄντα. ὡς γὰρ φησιν ὁ Εὐριπίδης νέων τι δρᾶν μὲν <εὐτονώτερα> χέρεις, ψυχὰς δ' ἀμείνους τῶν γεραιτέρων πολὺ. ὑπονοῶ δὲ καὶ τὴν παρ' |15|Ὀμφάλῃ λατρείᾳ ἐκείνῳ πιθανώτερον εἶναι προσήκειν, ἐμφαινόντων πάλιν διὰ τούτου τῶν παλαιῶν ὅτι καὶ τοὺς ἰσχυροτάτους ὑποτάττειν δεῖ ἑαυτοὺς τῷ λόγῳ καὶ τὰ ὑπὸ τούτου προσταττόμενα ποιεῖν, εἰ καὶ θηλύτερόν τι κατὰ τὴν θεωρίαν καὶ τὴν λογικὴν σκέψιν προσπίπτει, τῆς

ὁμῶς, ἣν οὐκ ἀτόπως ἂν δόξαιεν Ὅμφαλῃν προσηγορευκέναι. °° Τοὺς ° C 62
 [20]δὲ δώδεκα ἄθλους ἐνδέχεται μὲν ἀναγαγεῖν οὐκ ἄλλοτρίως ἐπὶ τὸν
 θεόν, ὥς καὶ Κλεάνθης ἐποίησεν· οὐ δεῖ δὲ δοκεῖν πανταχοῦ τὸ
 εὐρεσίλογον πρεσβεύειν. \ \ °°

Aparato

1 τόνος Arnim : λόγος Lang

Tradução

// Héracles é o tónus nas coisas por inteiro, conforme o qual a natureza é forte e poderosa, /SVF 1.514
 sendo ela invencível e imbatível, por ele possuir a capacidade de dotá-la de força e vigor
 até as suas partes... de modo que resultam indistinguíveis as particularidades do deus em
 relação àquelas observadas concernindo o herói. Provavelmente a pele de leão e a clava,
 atribuídas pelas antigas teologias, seriam traduções disso. Cada um seria um símbolo de
 poderio e nobreza; pois o leão é a mais vigorosa das bestas, a clava a mais poderosa das
 armas. E o próprio deus seria apresentado como arqueiro tanto por atravessar todos os
 lugares como por lhe ser própria uma tensão do arco e a carga dos disparos. (...) Atribuíram-lhe
 adequadamente a convivência com Cós e Hebes, porque o corpo seria mais
 íntegro do que a inteligência. Pois como diz Eurípides os jovens fazem as coisas com
 mãos mais tónicas, mas as almas dos velhos são muito melhores. Suponho também ser
 plausível atribuir àquele ao deus o serviço prestado a Omphalos, como os antigos expõem
 de novo com isso que também os mais fortes devem se submeter à razão e fazer o que ele
 ordena, embora algo muito frutífero decorra da investigação pela contemplação e pela
 lógica, o que ordena a voz divina (*omphê*), em relação a qual não pareceria absurdo ° C 62
 denominar 'omphalê'. °° Não é aceitável remeter os doze trabalhos senão ao próprio deus,
 assim como Cleantes fez: não se deve parecer de nenhum modo privilegiar a facúndia. \ \ °°

218. Cic. ND 2.12-15

Pearson C 52a; SVF 1.528a; LS 54C; Watanabe f 49(a¹)

[[itaque inter omnis omnium gentium summa constat; omnibus enim [LS 54C]
 innatum est et in animo quasi insculptum esse deos. Quales sint varium est,
 esse nemo negat. °° // ¶ Cleanthes quidem noster quattuor de causis dixit in ° C 52a
 animis hominum informatas deorum esse notiones. primam posuit eam, /SVF 1.528a
 [5]de qua modo dixi, quae orta esset ex praesensione rerum futurarum; ° f 49(a¹)
 alteram, quam ceperimus ex magnitudine commodorum, quae percipiuntur
 caeli temperatione, fecunditate terrarum, aliarumque commoditatum
 complurium copia; 14 tertiam quae terreret animos fulminibus,
 tempestatibus, nimbis, nivibus, grandinibus, vastitate, pestilentia, terrae
 [10]motibus et saepe fremitibus, lapideisque imbribus et guttis imbrium
 quasi cruentis, tum labibus aut repentinis terrarum hiatibus, tum praeter
 naturam hominum pecudumque portentis, tum facibus visis caelestibus,
 tum stellis iis, quas Graeci cometas, nostri cincinnatas vocant, quae nuper
 bello Octaviano magnarum fuerunt calamitatum praenuntiae, tum sole
 [15]geminato, quod ut e patre audiui Tuditano et Aquilio consulibus
 venerat, quo quidem anno P. Africanus sol alter extinctus est, quibus
 exterriti homines vim quandam esse caelestem et divinam suspicati sunt;
 15 quartam causam esse, eamque vel maximam, aequabilitatem motus
 conversionum<que> caeli, solis, lunae, siderumque omnium distinctionem,
 [20]varietatem, pulchritudinem, ordinem, quarum rerum aspectus ipse satis
 indicaret non esse ea fortuita. \ \ °° ut, si quis in domum aliquam aut in
 gymnasium aut in forum venerit, cum videat omnium rerum rationem
 modum disciplinam, non possit ea sine causa fieri iudicare, sed esse
 aliquem intellegat qui praesit et cui pareatur, multo magis in tantis

[25]motionibus tantisque vicissitudinibus, tam multarum rerum atque tantarum ordinibus, in quibus nihil umquam immensa et infinita vetustas mentita sit, statuatur necesse est ab 16 aliqua mente tantos naturae motus gubernari.¶]]

Tradução

[[E assim entre todos os homens de todos os povos se está de acordo sobre o principal. Pensar que há deuses é decerto algo inato e como que insculpido na alma de todos. De que tipo são é objeto de disputa, porém que existam ninguém nega. °° // ¶ Cleantes, de nossa escola, tratou das quatro causas para haver as noções dos deuses delineadas nas almas dos homens. Propôs como primeira, de que tratei há pouco, a qual teria se originado do pressentimento das coisas futuras; outra, a captaríamos a partir da abrangência de nossas facilidades, que são percebidas pelo clima temperado, pela fecundidade das terras, e pela abundância de outras várias facilidades; 14 a terceira, a que aterrorizaria as mentes pelos raios, tempestades, enxurradas, neves, granizos, desolação, pestilência, terremotos e frequentes estrondos, chuvas de pedra e de gotas de chuva como se fossem de sangue, mas também pelos deslizamentos de terras ou abismos repentinos, também pelos prodígios sobrenaturais de homens e bichos, ainda pelos fachos visíveis dos astros celestes, e também pelas estrelas as quais os gregos chamam 'cometas', por nós chamadas de 'estrelas com cachos'. Essas recentemente foram prenúncios de enormes calamidades durante a guerra causada por Otaviano. Também aterrorizaria pelo Sol geminado, que segundo ouvi de meu pai ocorrera, sendo consules Tuditano e Aquílio, no ano em que P. Africano, o outro sol romano, se extinguiu. Por essas coisas os homens, aterrados, supuseram haver alguma força celeste e divina. 15 A quarta causa, de longe a mais importante, é a uniformidade do movimento e da rotação do céu, do Sol, da Lua, a nitidez, variedade, beleza e ordem de todos os astros. Coisas cuja aparência mesma indicaria satisfatoriamente que não se dão fortuitamente. ¶°° Como se alguém entrasse em alguma casa ou ginásio ou foro e, ao observar o padrão, medida, disciplina de tudo o que se passa, não pudesse julgar que aquilo fosse feito sem uma causa. Porém ele deduziria haver alguém, que preside e a quem se obedece. Diante de movimentos tamanhos e alterações tantas, assim como diante da regularidade de coisas tão plurais e grandes, com relação às quais a imensa e infinita antiguidade jamais se equivocou, determine que é necessário que tão grandes movimentos da natureza sejam controlados por alguma inteligência. ¶]]

[LS 54C]

° C 52a
/SVF 1.528a
¶ f 49(a¹)

219. Cic. ND 3.16.1-7

Pearson C 52b; SVF 1.528b; Watanabe f 49(a²)

°° // ¶ nam Cleanthes, ut dicebas, quattuor modis formatas in animis hominum putat deorum esse notiones. unus is modus est de quo satis dixi, qui est susceptus ex praesensione rerum futurarum. alter ex perturbationibus tempestatum et reliquis motibus. tertius ex commoditate [5]rerum quas percipimus et copia. quartus ex astrorum ordine caelique constantia. ¶ ¶°°

° C 52b
/SVF 1.528b
¶ f 49(a²)

Tradução

°° // ¶ pois Cleanthes, como dizias, considera que as noções de deuses eram formadas na mente dos homens de quatro maneiras. Uma maneira é – a respeito dela falei bastante – pelo reconhecimento a partir do pressentimento das coisas futuras. Outra a partir dos temores causados pelas tempestades e outras intempéries. Terceira a partir dos benefícios e da abundância de recursos que constatamos. Quarta a partir da ordem dos astros e da constância do céu. ¶ ¶°°

° 52b
/SVF 1.528b
¶ f 49(a²)

220. SE. AM 9.88-91

Pearson C 51; SVF 1.529a; BS 12.15

°° // {{ ὁ δὲ Κλεάνθης οὕτως συνηρώτα· εἰ φύσις φύσεώς ἐστι κρείττων, εἴη ἂν τις ἀρίστη φύσις· εἰ ψυχὴ ψυχῆς ἐστι κρείττων, εἴη ἂν τις ἀρίστη ψυχὴ· καὶ εἰ ζῶν τοίνυν κρείττον ἐστὶ ζῶου, εἴη ἂν τι κράτιστον ζῶον. οὐ γὰρ εἰς ἄπειρον ἐκπίπτειν πέφυκε τὰ τοιαῦτα. ὥσπερ οὖν οὔτε ἡ φύσις [5] ἐδύνατο ἐπ' ἄπειρον αὔξεσθαι κατὰ τὸ κρείττον οὔθ' ἡ ψυχὴ, οὐδὲ τὸ ζῶον. §89 ἀλλὰ μὴν ζῶον ζῶου κρείττον ἐστίν, ὥς ἵππος χελώνης, εἰ τύχοι, καὶ ταῦρος ὄνου καὶ λέων ταύρου· πάντων δὲ σχεδὸν τῶν ἐπιγείων ζῶων καὶ σωματικῇ καὶ ψυχικῇ διαθέσει προέχει τε καὶ κρατιστεύει ὁ ἄνθρωπος. τοίνυν κράτιστον ἂν εἴη ζῶον καὶ ἄριστον. §90 καί<τοι> οὐ πάνυ τι ὁ [10] ἄνθρωπος κράτιστον εἶναι δύναται ζῶον, οἷον εὐθέως ὅτι διὰ κακίας πορεύεται τὸν πάντα χρόνον, εἰ δὲ μή γε, τὸν πλεῖστον (καὶ γὰρ εἴ ποτε περιγένοιτο ἀρετῆς, ὅψ' καὶ πρὸς ταῖς τοῦ βίου δυσμαῖς περιγίγνεται), ἐπὶ κηρόν τ' ἐστὶ καὶ ἀσθενὲς καὶ μυρίων δεόμενον βοηθημάτων, καθάπερ τροφῆς καὶ σκεπασμάτων καὶ τῆς ἄλλης τοῦ σώματος ἐπιμελείας, πικροῦ [15] τινοῦ τυράννου τρόπον ἐφεστώτος ἡμῖν καὶ τὸν πρὸς ἡμέραν δασμὸν ἀπαιτοῦντος, καὶ εἰ μὴ παρέχοιμεν ὥστε λούειν αὐτὸ καὶ ἀλείφειν καὶ περιβάλλειν καὶ τρέφειν, νόσους καὶ θάνατον ἀπειλοῦντος. ὥστε οὐ τέλειον ζῶον ὁ ἄνθρωπος, ἀτελεῖς δὲ καὶ πολὺ κεχωρισμένον τοῦ τελείου. §91 τὸ δὲ τέλειον καὶ ἄριστον κρείττον μὲν ἂν ὑπάρχοι ἀνθρώπου καὶ [20] πάσαις ταῖς ἀρεταῖς συμπεπληρωμένον καὶ παντὸς κακοῦ ἀνεπίδεκτον· τοῦτο δὲ οὐ διοίσει θεοῦ. ἔστιν ἄρα θεός. }} \\ °°

° C 51
/SVF 1.529a
{BS 12.15}

Tradução

°° // {{ Cleantes assim raciocinava: se existe uma natureza superior à natureza, deveria haver uma natureza excelente; se existe uma alma superior à alma, deveria haver uma alma excelente. E se do mesmo modo existe um animal superior, deveria haver um animal poderosíssimo. Pois esses raciocínios não procedem por natureza ao infinito. Portanto, assim como a natureza não pode aumentar, pelo critério de superioridade, até o infinito, nem o pode a alma, tampouco o animal. §89 Entretanto de fato um animal é superior a outro, por exemplo o cavalo à tartaruga, e o touro ao asno e o leão ao touro. O ser humano se eleva e predomina sobre quase todos os animais terrestres seja pelas disposições corporais seja pelos anímicas. Nesse sentido seria o animal mais poderoso e o melhor. §90 Todavia o ser humano não pode ser o mais poderoso em sentido absoluto, por exemplo constantemente porque todo o tempo é frequente no vício, e se não todo, a maior parte dele (pois também se alguma vez conquistaria a virtude, seria tardiamente, e a conquista próximo ao ocaso da vida). Ele é perecível e débil, precisando de mil auxílios, tais como de comida e de roupas e dos demais cuidados corporais, essa espécie de tirano amargo que nos é imposto e cobrando dia após dia seu tributo, e se não o provemos sob forma de banhos e unguentos e vestimentas e alimentos, é ameaçado pelas doenças e pela morte. Desse modo o ser humano não é perfeito, é imperfeito e distando muito da perfeição. §91 O animal perfeito e excelente seria superior ao homem e abundaria em todas as virtudes e não albergando nenhum dos vícios. Mas isso não diferirá de deus. Há, portanto, deus. }} \\ °°

° C 51
/SVF 1.529a
{BS 12.15}

Comentário

b. Este fragmento é considerado a prova cleanteana e *gradibus entium* para a existência de deus. Nesse sentido precisamente se trataria de um texto diferente e que se destaca dentro do *corpus*, pois enquanto outros fragmentos buscam explicar a origem da noção de deus(es), este texto ofereceria propriamente um argumento sobre um assunto diferente.

d. v. também Watanabe f 49-50 e comentário ad loc.; Meijer, 2007.

221. Cic. ND 2.33.1-36.5

SVF 1.529b

33 // Atque etiam si a primis incohatisque naturis ad ultimas perfectasque /SVF 1.529b
volumus procedere, ad deorum naturam perveniamus necesse est. Prima
enim animadvertimus a natura sustineri ea quae gignantur e terra, quibus
natura nihil tribuit amplius quam ut ea alendo atque augendo tueretur.
[5]§34 bestiis autem sensum et motum dedit et cum quodam adpetitu
accessum ad res salutare a pestiferis recessum. hoc homini amplius, quod
addidit rationem, qua regerentur animi adpetitus, qui tum remitterentur tum
containerentur. quartus autem est gradus et altissimus eorum qui natura boni
sapientesque gignuntur, quibus a principio innascitur ratio recta
[10]constansque, quae supra hominem putanda est deoque tribuenda id est
mundo, in quo necesse est perfectam illam atque absolutam inesse
rationem. Neque enim dici potest in ulla rerum institutione non esse aliquid
extremum atque perfectum. ut enim in vite ut in pecude, nisi quae vis
obstitit, videmus naturam suo quodam itinere ad ultimum pervenire, atque
[15]ut pictura et fabrica ceteraeque artes habent quendam absoluti operis
effectum, sic in omni natura ac multo etiam magis necesse est absolvi
aliquid ac perfici. etenim ceteris naturis multa externa quo minus
perficiantur possunt obsistere, universam autem naturam nulla res potest
impedire propterea quod omnis naturas ipsa cohibet et continet. Quocirca
[20]necesse est esse quartum illum et altissimum gradum quo nulla vis
possit accedere. is autem est gradus in quo rerum omnium natura ponitur;
quae quoniam talis est ut et praesit omnibus et eam nulla res possit
impedire, necesse est intellegendam esse mundum et quidem etiam
sapientem. \\\

Tradução

// E ainda se queremos proceder dos seres primeiros e fundamentais até os últimos e /SVF
perfeitos, necessariamente chegaremos à natureza dos deuses. Pois notamos que os 1.529b
primeiros a serem produzidos pela natureza são aqueles brotados da terra, aos quais a
natureza não conferiu nenhuma outra coisa senão que dela cuidasse nutrindo e fazendo
crescer. Deu às bestas ademais sensação e movimento e de certo modo com o apetite um
caminho às coisas salutares e uma fuga das coisas nocivas. Essas capacidades são mais
amplas no homem, porque adicionou, lhe a razão, pela qual os apetites da alma seriam
governados. Eles seriam ora permitidos, ora reprimidos. O quarto e mais elevado nível,
todavia, é aquele dos que são gerados pela natureza bons e sábios, nos quais desde o
princípio existe uma razão reta e constante. Essa razão é tida por superior à humana, e é
atribuída a deus – ou seja, ao universo, no qual é necessário haver a razão perfeita e
absoluta. E certamente não se pode dizer que haja qualquer sistema orgânico sem algo
mais alto e perfeito. Assim como nas vides e no gado, se alguma força não a impedir,
vemos a natureza alcançar por uma certa tendência sua o ponto último. E assim como a
pintura, o artesanato, as demais artes tem um certo propósito de completar uma obra, de
mesmo modo é muito mais necessário, no entanto, em toda a natureza que algo seja
completo e perfeito. E certamente muitos fatores externos podem impedir que os demais
seres cheguem à completude, nenhuma coisa pode, contudo, impedir a natureza universal,
porque ela mesma abarca e contém todos os seres. Por esse argumento é necessário haver
o quarto e mais elevado nível, ao qual nenhuma outra força pode aceder. Esse é o nível no
qual a natureza de todas as coisas se coloca. Na medida em que ela é tanto superior às
demais coisas, quanto não pode ser impedida por nenhuma outra, segue-se
necessariamente que o universo é por certo inteligente e sem dúvida também é sábio. \\\

222. Cic. ND 1.36.6-41.9

Pearson C 14b, 15a, 16b, 17, 46; SVF 1.530, 1.531b, 1.532b, 1.534a; LS 54B; Watanabe f 51A; BS 17.1

§36... {{ atque hic idem alio loco aethera deum dicit: si intellegi potest nihil sentiens deus, qui numquam nobis occurrit neque in precibus neque in optatis neque in votis. aliis autem libris rationem quandam per omnium naturam rerum pertinentem vi divina esse adfectam putat. idem astris hoc idem tribuit, tum annis mensibus annorumque mutationibus. cum vero Hesiodi Theogoniam id est originem deorum interpretatur, tollit omnino usitatas perceptasque cognitiones deorum; neque enim Iovem neque Iunonem neque Vestam neque quemquam qui ita appelletur in deorum habet numero, sed rebus inanimis atque mutis per quandam significationem haec docet §37 tributa nomina. Cuius discipuli Aristonis non minus magno in errore sententia est, qui neque formam dei intellegi posse censeat neque in dis sensum esse dicat dubitetque omnino deus animans necne sit. ° C 17 /SVF 1.530 °°//^wCleanthes autem, qui Zenonem audivit una cum eo, quem proxime nominavi, tum ipsum mundum deum dicit esse, °° °°// tum totius naturae menti atque animo tribuit hoc nomen, \\°° °°// tum ultimum et altissimum atque undique circumfusum et extremum omnia cingentem atque complexum ardorem, qui aether nominetur, certissimum deum iudicat; \\°° °° idemque quasi delirans in iis libris, quos scripsit contra voluptatem, tum fingit formam quandam et speciem deorum, tum divinitatem omnem tribuit astris, °° // tum nihil ratione censet divinius. \\ \\°° °° ita fit ut deus ille, quem mente noscimus atque in animi notione tamquam in vestigio volumus reponere, nusquam prorsus appareat. ^w §38 At Persaeus eiusdem Zenonis auditor eos esse habitos deos a quibus aliqua magna utilitas ad vitae cultum esset inventa, ipsasque res utiles et salutare deorum esse vocabulis nuncupatas, ut ne hoc quidem diceret, illa inventa esse deorum, sed ipsa divina; quo quid absurdius quam aut res sordidas atque deformis deorum honore adficere aut homines iam morte deletos reponere in deos, quorum omnis cultus esset futurus in §39 luctu. Iam vero Chrysippus, qui Stoicorum somniorum vaferrimus habetur interpret, magnam turbam congregat ignotorum deorum, atque ita ignotorum ut eos ne coniectura quidem informare possimus, cum mens nostra quidvis videatur cogitatione posse depingere. [[ait enim vim divinam in ratione esse positam et in universae naturae animo atque mente, ipsumque mundum deum dicit esse et eius animi fusionem universam, tum eius ipsius principatum qui in mente et ratione versetur, communemque rerum naturam universam atque omnia continentem, tum fatalem [†]umbram et necessitatem rerum futurarum, ignem praeterea et eum quem ante dixi aethera, tum ea quae natura fluerent atque manarent, ut et aquam et terram et aera, solem lunam sidera universitatemque rerum qua omnia containerentur, atque etiam homines eos qui immortalitatem essent §40 consecuti.]] idemque disputat aethera esse eum quem homines Iovem appellarent, quique aer per maria manaret eum esse Neptunum, terramque eam esse quae Ceres diceretur, similique ratione persequitur vocabula reliquorum deorum. idemque etiam legis perpetuae et aeternae vim, quae quasi dux vitae et magistra officiorum sit, Iovem dicit esse, eandemque fatalem necessitatem appellat sempiternam rerum futurarum veritatem; quorum nihil tale est ut in eo vis divina inesse §41 videatur. et haec quidem in primo libro “De natura

{BS 17.1}

° C 17
/SVF 1.530
^wf 51A
° C 14b
/SVF 1.532b
° C 15a
/SVF 1.534a

° C 46

° C 16b
/SVF 1.531b

[LS 54B]

deorum”; in secundo autem volt Orphei Musaei Hesiodi Homerique fabellas accommodare ad ea quae ipse primo libro de deis immortalibus dixerit, ut etiam veterrimi poetae, qui haec ne suspicati quidem sint, Stoici fuisse videantur. Quem Diogenes Babylonius consequens in eo libro qui inscribitur “De Minerva” partum Iovis ortumque virginis ad physiologiam traducens deiungit a fabula. }}

Tradução

36... {{ porém em outro lugar (Zenão diz que o éter é deus: se é que se pode compreender {BS 17.1} um deus sem sensação, que nunca se apresenta a nós nem com preces, com súplicas ou votos. No entanto, em outros livros ele acredita que uma certa razão, que permeia toda a natureza, é tocada por uma força divina. Ele mesmo atribui a mesma coisa aos astros, depois aos anos, meses, às estações dos anos. Na verdade, quando interpreta a Teogonia , ou seja, a “origem dos deuses” , de Hesíodo, rejeita totalmente os conhecimentos usuais e concebidas dos deuses. Pois ele não admite no grupo dos deuses nem Júpiter, nem Juno, nem Vesta, nem qualquer dos que são denominados assim, senão que ensina serem esses nomes atribuíveis a coisas inanimadas e carentes de linguagem em §37 virtude de seu significado. O pensamento de seu discípulo Aríston não se vê longe de um enorme equívoco, pois ele estima que não se pode entender a forma de deus e nem admite haver sensação nos deuses e duvida absolutamente se deus é animado ou não. ° C 17 /SVF 1.530 porém, que foi discípulo de Zenão, pensa o mesmo que esse que acabei de nomear ° f 51A (Aríston). Então diz que o universo mesmo é deus, ° C 14b depois atribui esse nome à /SVF 1.532b mente e à alma de toda a natureza, ° C 15a em seguida julga ser deus indubitável o ardor /SVF 1.534a mais elevado e alto, por toda parte difundido e extremo, abrangendo e abraçando todas as ° C 46 coisas, a que se denomina 'éter'; ° C 16b de mesmo modo como que delirando em seus /SVF 1.531b livros, os quais escreveu contra o prazer, então inventa uma forma e aspecto dos deuses, então atribui a absoluta divindade aos astros, ° por fim acredita não haver nada mais divino do que a razão. ° E assim se faz com que desapareça por completo aquele deus, a quem conhecemos com a mente e queremos que corresponda na alma a uma noção tal qual um vestígio. §38 E Perseu, por sua vez outro ouvinte de Zenão, (diz que) são considerados deuses aqueles graças a quem alguma grande utilidade para o aprimoramento da vida é descoberta, e que as próprias coisas úteis e salutares são chamadas com nomes divinos, de modo a não dizer nem que elas são descobertas divinas, senão que são elas mesmas divinas. Mas o que haveria de mais absurdo do que conceder honras divinas a coisas sórdidas e deformadas ou fazer corresponder a deuses os homens já desaparecidos pela morte, cujo culto típico se consumaria em um §39 funeral? Pois bem Crisipo, que dentre estoícos é considerado o intérprete dos sonhos mais sagaz, amontoa uma grande turba de deuses desconhecidos, e tão desconhecidos que nem sequer uma conjectura podemos formular, ao mesmo tempo em que nossa mente é capaz de reproduzir pelo pensamento o que quer que ela veja. [[Com efeito, ele afirma estar a força divina na razão e na alma e mente da natureza universal. Ele diz que deus é o próprio mundo e a difusão universal de sua alma. Depois (ele diz) que é seu próprio *hêgemonikón*, natureza comum e universal das coisas e abrangendo tudo, pois (ele) opera na mente e na razão. Em seguida, (que deus é) o vulto do destino e a necessidade das coisas futuras. Além disso ele vê como ígneo o éter de que falei antes, e também aquelas coisas que por natureza fluem e manam, por exemplo tanto a água, como a terra, como o ar, o Sol, a Lua, as estrelas e o conjunto das coisas no qual todas elas estão contidas, assim como aqueles homens que conseguiram atingir §40 a imortalidade.]] Igualmente argumenta que o que os homens chamam de Júpiter é o éter, e que Netuno é o ar que se difunde através do mar, a terra é o que se dirá “Ceres”, com uma razão semelhante ele investiga os nomes dos demais deuses. Igualmente ele diz ser Júpiter a força da lei perpétua e eterna, a qual é como um guia da vida e uma mestra para as ações devidas, a essa ele chama também de “necessidade do destino” e “sempiterna verdade das coisas futuras”. Dessas coisas nenhuma é tal que pareça possuir a força divina §41 inerentemente. E esse é de fato o assunto no primeiro livro “Sobre a natureza dos deuses”, no segundo, por outro lado, deseja tornar compatíveis os cantos de Orfeu, Museu, Hesíodo e Homero e as doutrinas que ele mesmo apresentara no primeiro livro sobre os deuses imortais, de modo que os poetas mais antigos – que decerto não teriam a menor suspeita do que ele tratava – parecessem estoícos. Diógenes da Babilônia, seguindo essa mesma trilha, no livro que

escreveu “Sobre Minerva” separa do mito o parto de Júpiter e o nascimento da virgem, transferindo (o assunto) ao estudo da fisiologia. }

Comentário

b. ver também o fragmento de Filodemo anexado abaixo (Piet. col.1.1-2.28 = Ad SVF Cl.phys.theo.16)

d. Watanabe lê “cum eo, quem proxime nominavi” como referindo-se a Perseu, a ser mencionado depois, embora o perfeito deva se referir a alguém já citado, no caso Ariston, como Arnim sugere.

223. Phld. Piet. 9.11-12 (DDG 544b.1-2)

Pearson 16a; SVF 1.531a

°° // λόγον ἡγούμ[ενον τῶν] ἐν [τ]ῷ κόσ[μ]ῳ. \ \ °°

° C 16a
/SVF 1.531a

Tradução

°° // a razão (é) a governante das coisas no universo. \ \ °°

° C 16a
/SVF 1.531a

Comentário

d. A edição mais atualizada da obra – de Obbink (1996) – não lê o fragmento tal como o fez von Arnim.

224. Aët. Plac. 1.7.17

DDG 302b15-16; Stob. Ecl. 1.1.29b.14-15; Pearson 14a; SVF 1.532a; Watanabe *f* 55

°° // ὦ Διογένης καὶ Κλεάνθης καὶ Οἰνοπίδης (τὸν θεὸν) τὴν τοῦ κόσμου
ψυχὴν. ὦ \ \ °°

° C 14a
/SVF 1.532^a
^w *f* 55

Tradução

°° // ὦ Διόgenes e Cleantes e Enopides (dizem ser deus) a alma do universo. ὦ \ \ °°

° 14a
/SVF 1.532^a
^w *f* 55

Comentário

c. menção a posição de Posidônio, 1.7.19 (DDG 302b23-303b2); Heráclito, 1.7.22 (DDG 303b8-10); Zenão, 1.7.23 (DDG 303b11-12); estóicos sem distinção, 1.7.33 (DDG 305b15-306b8)

225. Min.Fel. Oct. 19.10

Pearson 14c; SVF 1.532c

°° // Theoprastus et Zeno et Chrysippus et Cleanthes sunt et ipsi
multiformes, sed ad unitatem providentiae omnes revolvuntur. Cleanthes
enim mentem, modo animum, modo aethera, plerumque rationem Deum
disseruit. \ \ °°

° C 14c
/SVF 1.532c

Tradução

°° // Teofrasto e Zenão e Crisipo e Cleantes são, eles mesmos, de opiniões variadas, mas
todos eles confluem em relação à unidade da providência. Pois Cleantes sustenta que deus
é ora a mente, ora a alma, ou o éter e a maioria das vezes razão. \ \ °°

° C 14c
/SVF 1.532c

226. Tert. Apol. 21.10

Pearson C 13; SVF 1.533; Watanabe *f* 53

ὦ ἡμῶν diximus deum universitatem hanc mundi verbo et ratione et virtute
molitum. apud vestros quoque sapientes λόγον, id est sermonem atque
rationem, constat artificem videri universitatis. Hunc enim Zeno determinat

^w *f* 53
C 13
/SVF 1.533

factitorem, qui cuncta in dispositione formaverit; eundem et fatum vocari
[5] et deum et animum Iovis et necessitatem omnium rerum.^{oo} // haec
Cleanthes in spiritum congerit quem permeatorem universitatis
affirmat.^W \ \^{oo}

Aparato

6 spiritum : spiritu D | congerit : contingerit M | permeatorem *hapax legomenon* est

Tradução

^W Já dissemos que deus é este conjunto do universo empreendido com palavra e razão e
virtude. Junto aos vossos sábios também é o λόγον, ou seja discurso e razão, consta que o
consideram o artífice desse conjunto. Zenão de fato o define como um fazedor, que
formará a integralidade das coisas em sua organização; e ao mesmo ser nomearam como
fado e deus e mente de Zeus e necessidade de todas as coisas. ^{oo} // Essas coisas Cleanthes
recolhe no sopro (*spiritum*), o qual permeia o universo. ^W \ \^{oo}

^Wf 53
C 13
/SVF 1.533

227. Lactant. Div.inst. 1.5

Pearson C 15b; SVF 1.534b

^{oo} // Cleanthes et Anaximenes aethera dicunt esse summum Deum. \ \^{oo}

^o C 15b
/SVF 1.534b

Tradução

^{oo} // Cleanthes e Anaxímenes dizem que o éter é deus supremo. \ \^{oo}

^o C 15b
/SVF 1.534b

228. Plut. Poet.aud. 31d13-e9

Pearson 55a; SVF 1.535a

^{oo} // δεῖ δὲ μηδὲ τῶν ὀνομάτων ἀμελῶς ἀκούειν, ἀλλὰ τὴν μὲν Κλεάνθους
παιδίαν παραιτεῖσθαι. κατειρωνεύεται γὰρ ἔστιν ὅτε προσποιούμενος
ἐξηγεῖσθαι τὸ (Γ 320)

^o C 55a
/SVF 1.535a

Ζεῦ πάτερ Ἰδηθεν μεδέων

καὶ τὸ (Π 233)

Ζεῦ ἄνα Δωδωναῖε

κελεύων ἀναγιγνώσκειν ὑφ' ἑν, ὥς τὸν ἐκ τῆς γῆς ἀναθυμιάμενον ἀέρα διὰ
τὴν ἀνάδοσιν ἀναδωδωναῖον ὄντα. \ \^{oo}

Tradução

^{oo} // É preciso, por um lado, não ouvir as palavras descuidadamente, mas declinar da
brincadeira de Cleanthes. Pois ele zomba por exemplo ao pretender interpretar o verso

^o C 55a
/SVF 1.535a

"Zeus pai protetor vindo do Ida"

e o verso

"Zeus rei dodoneu"

mandando reconhecer como uma única palavra, assim o ar exalado da terra por causa da
distribuição é "anadodoneu" \ \^{oo}

229. Anon. Scholia in Iliadem (scholia vetera) 16.233a.8

Pearson C 55b; SVF 1.535b; Watanabe ad f 56

^{oo} // “Ζεῦ ἄνα Δωδωναῖε”
τινὲς δὲ ἀναδωδωναῖε ὑφ' ἑν παρὰ τὴν ἀνάδοσιν τῶν ἀγαθῶν. \ \^{oo}

^o C 55b
/SVF 1.535b

Tradução

°° // Zeus rei dodoneu ° C 55b
alguns leem "anadodoneu" como uma única palavra por conta de ele distribuir os bens /SVF 1.535b
(*parà tèn anádosin tòn agathôn*). \\ °°

Comentário

b. o texto acima faz parte do debate entre monoteísmo e panteísmo estoico, entre haver somente um deus com muitos nomes e atributos ou deificar cada um dos atributos do universo, veja-se o conjunto de etimologias filosóficas de Cleantes (SVF 1.535, 538, 540-547, Ad SVF Cl.phys.theo.10, 16); juntando-se a tais textos outros dois especificamente de etimologia (SVF 1.591ab).

230. Epiph. Adv.haeres. 3.508.25-28

Pearson C 53; SVF 1.538

°° // Κλεάνθης τὸ ἀγαθὸν καὶ καλὸν λέγει εἶναι τὰς ἡδονάς, καὶ ἄνθρωπον ° C 53
ἐκάλει μόνην τὴν ψυχὴν, καὶ τοὺς θεοὺς μυστικὰ σχήματα ἔλεγεν εἶναι καὶ /SVF 1.538
κλήσεις ἱεράς, καὶ δαδοῦχον ἔφασκεν εἶναι τὸν ἥλιον, καὶ τὸν κόσμον
μυστήριον καὶ τοὺς κατόχους τῶν θείων τελεστὰς ἔλεγε. \\ °°

Tradução

°° // Cleantes, em relação aos prazeres, também diz ser belo o bem, e chama de humano ° C 53
somente a alma. E dizia que os deuses eram figuras místicas (*mystikà*) e apelações /SVF 1.538
sagradas, e declarava que o Sol era o porta-tocha ritual, dizia que o universo é um ritual
religioso secreto (*mystérion*) e os devotos dos deuses são os iniciados. \\ °°

Comentário

b. o fragmento é um dos que apresentaria o filósofo como uma figura religiosa, de iniciado, fazendo parte de uma discussão sobre a sequência de ensino da filosofia e a comparação, hiperbólica, da filosofia física e teológica da Estoá a uma iniciação (SVF 1.482, Ad SVF Cl.vit.49-50); o texto acima também faz parte do debate entre monoteísmo e panteísmo estoico, veja-se o conjunto de etimologias filosóficas de Cleantes (SVF 1.535, 538, 540-547, Ad SVF Cl.phys.theo.10, 16);

c. ver também Sen.Ep.76.9-10 (= SVF 3.200a; LS 63E, 63D)

d. μυστήριον ; τελεστὰς (μύστης)

231. Macrob. Sat. 1.17.8

Pearson C 58; SVF 1.540

°° // Cleanthes (Apollinem) ὥς ἀπ' ἄλλων καὶ ἄλλων τόπων τὰς ἀνατολὰς ° C 58
ποιούμενον, quod ab aliis atque aliis locorum declinationibus faciat /SVF 1.540
ortus.\\ °°

Tradução

°° // Cleanthes (diz que o nome 'Apolo' vem do fato de) que ele faz suas alvoradas em ° C 58
lugares sempre diversos, porque tem sua origem em inclinações sempre diversas. \\ °° /SVF 1.540

232. Macrob. Sat. 1.17.31

Pearson C 60a; SVF 1.542a

°° // Λοξίας cognominatur, ut ait Oenopides, ὅτι ἐκπορεύεται τὸν λοξὸν ° C 60a
κύκλον ἀπὸ δυσμῶν ἐπ' ἀνατολὰς fragmenta κινούμενος, id est quod /SVF 1.542a
obliquum circulum ab occasu ad orientem pergit: aut, ut Cleanthes scribit,
ἐπειδὴ καθ' ἑλίκας κινεῖται, λοξαὶ γάρ εἰσι καὶ αὗται, quod flectuosum iter

|5| pergít \ \ °°

Tradução

°° // (Apolo) tem por alcunha 'Oblíquo' ('Loxías'), como diz Enopides, porque percorre um caminho oblíquo (*loxón kýklon*) do ocidente ao oriente, ou seja porque percorre um ciclo oblíquo do ocaso ao oriente ou , como escreve Cleantes , já que se move em espirais, pois elas são oblíquas, porque elas procedem por uma via inclinada \ \ °°

Comentário

b. SVF 1.542a-c (ver acima SVF 1.503) são testemunhos muito semelhantes sobre a explicação cleanteana a respeito da causa do epíteto Λοξίας (Oblíquo) de Apolo.

233. Anon. I.5 (in Ach. Tat. Intr. Arat. p. 96.10-13)

Pearson C 60b; SVF 1.542b

°° // ὁ γοῦν ζῳδιακός καὶ λοξίας ὑπὸ τινων καλεῖται, ἐπειδὴ ἥλιος τὰς ὁδοὺς ἐν αὐτῷ πορεύεται λοξάς. ἐν δὲ τῷ ἡλίῳ ὁ Ἀπόλλων, ὃς καλεῖται Λοξίας ὑπὸ τῶν ποιητῶν, εἶναι πιστεύεται. \ \ °°

Tradução

°° // Em todo caso o zodíaco também é chamado de oblíquo por alguns, já que o Sol o percorre por caminhos oblíquos. No Sol se acredita estar Apolo, o qual é chamado de Oblíquo pelos poetas. \ \ °°

Comentário

234. Macrob. Sat. 1.17.36

Pearson C 59; SVF 1.541

°° // Cleanthes Lycium Apollinem appellatum notat quod, veluti lupi pecora rapiunt, ita ipse quoque humorem eripit radiis. \ \ °°

Tradução

°° // Cleantes nota que o Apolo é chamado de 'Lobo' ('Lycium') porque ele com seus raios leva embora a umidade, assim como os lobos raptam as ovelhas. \ \ °°

235. Phot. Lex. 'λέσχει'

Pearson 61a; SVF 1.543a

λέσχας ἔλεγον δημοσίους τινὰς τόπους, ἐν οἷς σχολὴν ἄγοντες ἐκαθέζοντο πολλοί· Ὅμηρος· “Οὐκ ἐθέλεις εὖδεν χαλκήϊον ἐς δόμον ἐλθὼν, Ἡέ που ἐς λέσχην.” °° // Κλεάνθης δὲ φησιν ἀπονενεμῆσθαι τῷ Ἀπόλλωνι τὰς λέσχας, ἐξέδραις δὲ ὁμοίας γίνεσθαι, καὶ αὐτὸν δὲ τὸν |5| Ἀπόλλω παρ' ἐνίοις Λεσχηνόριον ἐπικαλεῖσθαι. \ \ °°

Aparato

5 Λεσχηνόριον SVF et Pearson : λέσχην ὄρειον Porson

Tradução

Chamavam de 'átrios' certos lugares públicos, nos quais muitos dos que tinham tempo livre se sentavam para conversar. Homero diz “Não queres ir dormir na casa de um ferreiro, em vez de ir ao átrio” °° // Cleantes diz que os átrios são dedicados a Apolo, que são semelhantes aos salões, e Apolo mesmo é denominado de acordo com alguns o

'Guardião-do-átrio' ('Leskhenórion').\| °°

Comentário

d. “Οὐδ’ ἐθέλεις εὐδειν χαλκήϊον ἐς δόμον ἐλθὼν, ἥε που ἐς λέσχην” (Od. 17, v.327-328)

236. Suid. ‘λέσχει’

Pearson 61b; SVF 1.543b

λέσχας ἔλεγον δημοσίους τινὰς τόπους, ἐν οἷς σχολὴν ἄγοντες ἐκαθέζοντο πολλοί. Ὅμηρος: οὐ θέλεις εὐδειν χαλκήϊον ἐς δόμον ἐλθὼν, ἥε που ἐς λέσχην. °° // Κλεάνθης δέ φησιν ἀπονενεμῆσθαι τῷ Ἀπόλλωνι τὰς λέσχας, ἐξέδραις δὲ ὁμοίας γίνεσθαι. καὶ αὐτὸν δὲ τὸν Ἀπόλλω παρ’ ἐνίοις Λεσχηνόριον ἐπικαλεῖσθαι. \| °° Λέσχει καὶ ποιήματα Ἡρακλείδου τοῦ Ποντικοῦ, μέτρῳ Φαλαικίῳ ἥτοι Σαπφικῷ γραφέντα.

°C61b
SVF1.543b

Tradução

Chamavam de ‘átrios’ certos lugares públicos, nos quais muitos dos que tinham tempo livre se sentavam para conversar. Homero diz “Não queres ir dormir na casa de um ferreiro, em vez de ir ao átrio” °° // Cleantes diz que os átrios são dedicados a Apolo, que são semelhantes aos salões, e Apolo mesmo é denominado de acordo com alguns o ‘Guardião-do-átrio’ ('Leskhenórion').\| °° “Átrios” é o nome do conjunto de poemas de Heráclides de Ponto, escritos em metro falécio ou provavelmente em sáfico.

°C61b
SVF1.543b

237. Harp. Lex. ‘λέσχει’

Pearson 61c; SVF 1.543c

Ἀντιφῶν ἐν τῷ πρὸς Νικοκλέα. λέσχας ἔλεγον δημοσίους τινὰς τόπους, ἐν οἷς σχολὴν ἄγοντες ἐκαθέζοντο πολλοί. Ὅμηρος οὐδ’ ἐθέλεις εὐδειν χαλκήϊον ἐς δόμον ἐλθὼν ἥε που ἐς λέσχην. °° // Κλεάνθης ἐν τῷ περὶ θεῶν ἀπονενεμῆσθαι τῷ Ἀπόλλωνι τὰς λέσχας φησὶν, ἐξέδραις δὲ ὁμοίας γίνεσθαι αὐτάς, καὶ παρ’ ἐνίοις τὸν θεὸν λεσχηνόριον ἐπικαλεῖσθαι.\| °°

°C61c
/SVF1.543c

Aparato

5 Λεσχηνόριον SVF et Pearson : λέσχην ὄρειον Porson

Tradução

Antífon em seu “Contra Nicocles”. Chamavam de ‘átrios’ certos lugares públicos, nos quais muitos dos que tinham tempo livre se sentavam para conversar. Homero diz “Não queres ir dormir na casa de um ferreiro, em vez de ir ao átrio” °°// Cleantes em seu livro “Sobre os deuses” diz que os átrios são dedicados a Apolo, que são semelhantes aos salões, e Apolo mesmo é denominado de acordo com alguns o ‘guardião-do-átrio’ ('leskhenórion').\|°°

°C61c
/SVF1.543c

238. Corn. TGC 32. 69.14-17

Pearson C 61d; SVF 1.543d

°° // καὶ λεσχηνόριον δ' αὐτὸν (Ἀπόλλωνα) προσηγόρευσαν διὰ τὸ τὰς ἡμέρας ταῖς λέσχαις καὶ τῷ ὁμιλεῖν ἀλλήλοις συνέχεσθαι τοὺς ἀνθρώπους, τὰς δὲ νύκτας καθ' ἑαυτοὺς ἀναπαύεσθαι. \| °°

° C 61d
/SVF 1.543d

Tradução

°° // e chamaram-no (Apolo) de guardião-do-átrio ('leskhenorion') porque os homens se reúnem durante o dia nos átrios para se entreterem reciprocamente, enquanto à noite repousam cada um na própria casa. \| °°

° C 61d
/SVF 1.543d

239. Plut. De Ei apud Delphos, 385b6-c2

Pearson C 61d; SVF 1.543e; Watanabe f 67

Ὅτι μὲν γὰρ οὐχ ἦττον ὁ θεὸς (Ἀπόλλων) φιλόσοφος ἢ μάντις, ἐδόκει πᾶσιν ὀρθῶς πρὸς τοῦτο τῶν ὀνομάτων ἕκαστον Ἀμμώνιος τίθεσθαι καὶ διδάσκειν, ὥς Πύθιος μὲν ἐστὶ τοῖς ἀρχομένοις μανθάνειν καὶ διαπυνθάνεσθαι, Δῆλιος δὲ καὶ Φαναῖος οἷς ἤδη τι δηλοῦται καὶ ὑποφαίνεται τῆς ἀληθείας, Ἰσμήνιος δὲ τοῖς ἔχουσι τὴν ἐπιστήμην, καὶ °°//ῶ Λεσχηνόριος ὅταν ἐνεργῶσι καὶ ἀπολαύωσι χρώμενοι τῷ διαλέγεσθαι καὶ φιλοσοφεῖν πρὸς ἀλλήλους. ῶ \ \ °°

° C 61e
/SVF 1.543e
w f 67

Tradução

°° // ῶ Porque, com efeito, não menos então é o deus (Apolo) filósofo ou adivinho, a todos corretamente parecia ser prova disso cada um dos epítetos Amônio ao estabelecer e ensinar, como Pítio é para os seguidores aprenderem e investigarem seus ditos, Délio e Fanêo nas situações em que algo da verdade já é evidenciado e exibido, Ismênio para os que tem a ciência e Guardião-do-átrio (*Leskhenorion*) quando seus consulentes estão em atividade e fruem uns com os outros do diálogo e do filosofar. ῶ \ \ °°

° C 61e
/SVF 1.543e
w f 67

240. Athen. Deipn. 13.31.12-23

Pearson C 64; SVF 1.545

°° // πόρνης δὲ Ἀφροδίτης ἱερὸν ἐστὶ παρὰ Ἀβυδηνοῖς, ὥς φησι Πάμφιλος· κατεχομένης γὰρ τῆς πόλεως δουλεία τοὺς φρουροὺς τοὺς ἐν αὐτῇ ποτε θύσαντας, ὥς ἱστορεῖ Κλεάνθης ἐν τοῖς Μυθικοῖς, καὶ μεθυσθέντας ἐταίρας πλείονας προσλαβεῖν· ὧν μίαν, κατακοιμηθέντας αὐτοὺς ἰδοῦσαν, |5|ἀνελομένην τὰς κλεῖς καὶ τὸ τεῖχος ὑπερβᾶσαν, ἀπαγγεῖλαι τοῖς Ἀβυδηνοῖς. τοὺς δ' αὐτίκα μεθ' ὅπλων ἀφικομένους, ἀνελεῖν μὲν τοὺς φύλακας, κρατήσαντας δὲ τῶν τειχῶν καὶ γενομένους ἐγκρατεῖς τῆς ἐλευθερίας χαριστήρια τῇ πόρνη ἀποδιδόντας Ἀφροδίτης Πόρνης ναὸν ἰδρύσασθαι. \ \ °°

° C 64
/SVF 1.545

Aparato

3 Κλεάνθης SVF : Νεάνθης Kaibel

Tradução

°° // há um templo de Afrodite Prostituta (*Pórnēs*) junto aos Abidenos, como diz Panfilo. Quando foi sujeita a cidade à escravidão, os soldados que nela então celebravam, como testemunha Cleantes em seu "Livro das lendas", se inebriando completamente resolveram agarrar algumas cortesãs. Dentre elas havia uma que, vendo-os caírem no sono, apanhando as chaves e escalando o muro, avisou os Abidenos. Eles chegaram imediatamente com suas armas, mataram os vigias, dominando os muros e voltando a estar no controle da própria liberdade, dando um sinal de agradecimento à cortesã, construíram um templo consagrado a Afrodite Prostituta (*Pórnēs*). \ \ °°

° C 64
/SVF 1.545

Comentário

d. Arnim (ad loc.) suspeita que este fragmento seja espúrio, por se referir a uma obra mais bem atribuída a Neantes de Cizico.

241. Macro. Sat. 1.18.14

Pearson C 57; SVF 1.546

°° // unde Cleanthes ita cognominatum scribit (Dionysum) ἀπὸ τοῦ διανύσαι, quia cotidiano impetu ab oriente ad occasum diem noctemque

° C 57
/SVF 1.546

faciendo caeli conficit cursum. \ \ °°

Tradução

°° // donde Cleantes escrever ser ele alcunhado assim (Dioniso), a partir de ‘*dianúsai*’ ° C 57
(‘percorrer’), porque realiza , por um impulso cotidiano , o curso celeste desde o oriente ao /SVF 1.546
ocaso para fazer o dia e a noite. \ \ °°

242. Plut. De Is. et Os. 377d9-11

Pearson C 56; SVF 1.547

°° // Φερσεφόνην δὲ φησί που Κλεάνθης τὸ διὰ τῶν καρπῶν φερόμενον καὶ ° C 56
φονευόμενον πνεῦμα. \ \ °° /SVF 1.547

Tradução

°° // Cleantes de certo modo diz que 'Perséfone' é (o nome resultante de) 'o sopro trazido e ° C 56
assassinado através dos frutos' ('*tò dià tōn karpōn pherómenon kai phoneuómenon* /SVF 1.547
pneûma'). \ \ °°

243. Stob. Ecl. 1.1.12 “Hino a Zeus”

Pearson C 48; SVF 1.537; Festa 1; LS 54I; Watanabe f 57; BS 17.2

°°// F [[W { { Κύδιστ' ἀθανάτων, πολυώνυμε, παγκρατὲς αἰεὶ, °C 48
Zeῦ, φύσεως ἀρχηγέ, νόμου μέτα πάντα κυβερνῶν, /SVF 1.537
χαῖρε· σὲ γὰρ πάντεσσι θέμις θνητοῖσι προσαυδᾶν. F 1
ἐκ σοῦ γὰρ γενό'μεσθα θεοῦ † μίμημα λαχόντες [LS 54I]
5 μούνοι, ὅσα ζῶει τε καὶ ἔρπει θνήτ' ἐπὶ γαῖαν· °f 57
τῷ σε καθυμνήσω καὶ σὸν κράτος αἰὲν αἰεῖδω. {BS 17.2}
σοὶ δὴ πᾶς ὁδε κόσμος, ἐλισσόμενος περὶ γαῖαν,
πείθεται, ἧ κεν ἄγης, καὶ ἐκὼν ὑπὸ σεῖο κρατεῖται·
τοῖον ἔχεις ὑποεργὸν ἀνικῆτοισι ὑπὸ χερσὶν
10 ἀμφήκη, πυρόεντα, ἀειζώνοντα κεραυνόν·
τοῦ γὰρ ὑπὸ πληγῆς φύσεως πάντ' ἔργα [τελεῖται]·
ᾧ σὺ κατευθύνεις κοινὸν λόγον, ὃς διὰ πάντων
φοιτᾷ, μιγνύμενος μεγάλοις μικροῖς τε φάεσσι·
ᾧ σὺ τόσος γεγαῶς ὑπατος βασιλεὺς διὰ παντός.
15 οὐδέ τι γίγνεται ἔργον ἐπὶ χθονὶ σοῦ δίχα, δαῖμον,
οὔτε κατ' αἰθέριον θεῖον πόλον οὔτ' ἐνὶ πόντῳ,
πλὴν ὅποσα ῥέζουσι κακοὶ σφετέραισιν ἀνοίαις·
ἀλλὰ σὺ καὶ τὰ περισσὰ ἐπίστασαι ἄρτια θεῖναι,
καὶ κοσμεῖν τᾶκοσμα καὶ οὐ φίλα σοὶ φίλα ἐστίν.
20 ὦδε γὰρ εἰς ἓν πάντα συνήρμοκας ἐσθλὰ κακοῖσιν,
ὥσθ' ἓνα γίνεσθαι πάντων λόγον αἰὲν ἐόντα,
ὃν φεύγοντες ἐῷσιν ὅσοι θνητῶν κακοὶ εἰσι,
δύσμοροι, οἳ τ' ἀγαθῶν μὲν αἰεὶ κτῆσιν ποθέοντες
οὔτ' ἐσορῶσι θεοῦ κοινὸν νόμον, οὔτε κλύουσιν,
25 ᾧ κεν πειθόμενοι σὺν νῷ βίον ἐσθλὸν ἔχοιεν.
αὐτοὶ δ' αὐθ' ὀρμῶσιν ἄνοι κακὸν ἄλλος ἐπ' ἄλλο,
οἱ μὲν ὑπὲρ δόξης σπουδὴν δυσέριστον ἔχοντες,

30

 3π

corr. Ursinus **36** ἀμειβόμεθα F : ἀμειβόμεσθα corr. Ursinus **38** οὔτοι F : οὔτε corr. Scaliger (?), Cudworth : οὔτοι Ursinus : οὔτι Stephanus | ἄλλοτε F : ἄλλο τι corr. Scaliger acc. Zuntz, Brunck : ἄλλο τε Mosheim

Tradução

	°°// F [[W]]{Gloriosíssimo entre os imortais, de muitos nomes, onipotente sempre	°C 48
	Zeus, fundador da natureza, governante de tudo com lei	/SVF 1.537
	Salve! Pois o lícito é que todos os mortais se dirijam a ti;	F 1
	Já que nascemos de ti, imitação de deus, legatários	[LS 54I]
5	Únicos entre os seres que vivem e se arrastam, mortais sobre a terra;	" f 57
	Por isso te comporei um hino e tua potência sempre canto.	{BS 17.2}
	A ti de fato este universo todo girando ao redor da terra	
	Obedece, aonde quer que o leves, e é voluntariamente dominado por ti;	
	[Dado que] possuis um servidor tal sob as invencíveis mãos,	
10	Bigume, requeimante, sempreviente raio:	
	Por cujo golpe todas as obras da natureza [se completam]	
	Com ele tu diriges a razão comum, que através (<i>dià</i>) de cada coisa	
	Perpassa mesclando grandes aos pequenos lumes,	
	quão supremo te tornaste! Imperador através (<i>dià</i>) de tudo.	
15	Nenhuma obra acontece sobre a terra sem ti, nume,	
	Nem na esfera celestial divina, nem no oceano,	
	Exceto as ações que os maus praticam por sua própria estupidez,	
	Todavia tu tens a ciência de os ímpares arrumar em pares	
	E ordenar o desordenado, e o não amado para ti é amado	
20	Pois assim harmonizaste tudo no Uno, o que é bom com o que é ruim	
	De modo que a razão una e sempiterna de tudo vem a ser,	
	Dela fugindo a abandonam, quantos são os maus entre os mortais,	
	Malfadados, eles almejam sempre a aquisição de bens,	
	E não enxergam a lei comum de deus, nem a escutam,	
25	Se a obedecessem, teriam uma vida boa, com inteligência.	
	Mas de novo eles se precipitam sem virtude cada qual em algo distinto	
	Uns demonstrando um esforço beligerante por fama,	
	Outros convertidos empós do lucro sem qualquer ordem,	
	E os demais à indulgência e às atividades prazerosas do corpo	
30	 e em outro momento são trazidos a outras coisas	
	Arrojando-se, elas se transformam totalmente em suas opostas	
	Zeus, todavia, todo dádiva, de negras nuvens, soberano do raio,	
	Protege os humanos dessa perniciosa ruína,	
	Dispersa,a tu, pai, para longe de nossa alma e dá a capacidade de obter	
35	O bom juízo, pelo qual confiante tu governas tudo com justiça,	
	Para que , honrados , te recompensemos com honra,	
	Hineando tuas obras incessantemente, como parece calhar	
	A um ser mortal; pois não há recompensa maior para os humanos,	
	Nem para os deuses, do que sempre a lei comum com justiça hinear. } }W]] ɳ \\°°	

Comentário

c. (linha 1) “Κύδιστ’ ἀθανάτων, πολυόννυμε, παγκρατὲς αἰεῖ,”: a atribuição de epítetos ao deus endereçado pelo hino é comum é esperada, isso está de acordo com a doutrina estoica, que de fato considerava que Zeus tivesse muitos nomes, como diversos aspectos seus. Isso é o que o texto de DL 7.147 (= SVF 2.102; Ad SVF Cl.phys.theo10) relata, qualificando os distintos usos que os estoicos faziam do nome de deus. - Cf. Arist. Mund. 401a12,14; Corn.TGC 9.1-11.3.

(1. 2) “Ζεῦ, φύσεως ἀρχηγε, νόμου μέτα πάντα κυβερνῶν,”: o segundo hemistíquio explicita o que diz o primeiro, porém o faz dentro de um marco filosófico que evoca claramente a filosofia estoica e suas raízes. As palavras de Heráclito são ecoadas (fr.85 Marcovich: “ἐν τὸ σοφὸν ἐπίστασθαι γνώμην † ὅτε κυβερνῆσαι † πάντα διὰ πάντων210”) bem como as de Parmênidess (28 B, 12.3 DK: “ἐν δὲ μέσῳ τούτων δαίμων ἢ πάντα κυβερναῖ211”). Aqui se poderia mencionar os textos de Minúcio, citando Zenão (Octavius, 19.10): *naturalem legem atque divinam... omnium esse principium*. Cf. Crisipo (SVF 3.4): “ὁ νόμος ὁ κοινός, ὅσπερ ἐστὶν ὁ ὀρθὸς λόγος διὰ πάντων ἐρχόμενος, ὁ αὐτὸς ὢν τῷ Διῖ, καθηγεμόνι τούτῳ τῆς τῶν ὄντων διοικήσεως ὄντι.” Diogenes de Apolonia, 64 B 5 DK; Luc. RN. 1.21; Manílio. *Astronomicas*, 2.82.

(1. 4-5): “ἐκ σοῦ γὰρ γενόμεσθα θεοῦ μίμημα λαχόντες/ μόννοι, ὅσα ζῶει τε καὶ ἔρπει θνήτ’ ἐπὶ γαῖαν”: aquí o poeta-filósofo, nominalmente *non* marco estóico, afirma a afinidade entre os seres humanos e os deuses. O seguinte texto de Plutarco é quase uma glosa deste verso (*De virtute morali*, 441f: “ἢ τ’ ἀνθρώπου ψυχὴ μέρος τι ἢ μίμημα τῆς τοῦ παντὸς οὐσᾶ”) e Ário Didímo (= Eus. PE

210 “a sabedoria é una: conhecer o desígnio, o qual governa o todo através de todas as coisas.”

211 “no meio de” ἐν δὲ μέσῳ τούτων δαίμων ἢ πάντα κυβερναῖ

15.15.5: “κοινωνίαν δ’ ὑπάρχειν πρὸς ἀλλήλους [θεοὺς καὶ ἀνθρώπους] διὰ τὸ λόγου μετέχειν, ὅς ἐστι φύσει νόμος” = SVF 2.528)²¹².

(l. 7) “ἐλισσόμενος περὶ γαῖαν”, segundo Meijer (2007, p. 213), a adição do movimento do universo ao redor da Terra seria redundante e só se justifica se Cleantes conhecer a obra de Aristarco de Samos, contra quem redigiu uma obra, segundo DL 7.174-175 (= SVF 1.481) e a quem acusava de impiedade (SVF 1.500);

(l. 7-8) “σοὶ δὴ πᾶς ὁδε κόσμος, ἐλισσόμενος περὶ γαῖαν,/ πείθεται, ἧ κεν ἄγης, καὶ ἐκὼν ὑπὸ σεῖο κρατεῖται”: muito próximo – pelo pensamento expresso – dos primeiros versos do pequeno hino a Zeus e ao destino (Epicteto. *Manual*, 53: “ἄγου δέ μ’, ὦ Ζεῦ, καὶ σὺ γ’ ἡ πεπρωμένη,/ ὅποι ποθ’ ὑμῖν εἰμὶ διατεταγμένος,/ ὡς ἔψομαί γ’ ἄοκνος” = SVF 1.527a)²¹³

(l. 10-11) “ἀμφήκη, πυρόντα, αἰεζώοντα κεραυνόν/ τοῦ γὰρ ὑπὸ πληγῆς φύσεως πάντ’ ἔργα <τελεῖται>”: lido em cotejo com o fragmento 51 Marcovich de Heráclito, “πῦρ αἰεζών” – pode ser sugerido de maneira forte que o raio é aqui um avatar do fogo. Outros dois fragmentos Marcovich parecem aqui ecoados: 79 (“τὰ δὲ πάντα οἰακίζει κεραυνός”) e 80 (“πᾶν γὰρ ἐρπετὸν πληγῇ νέμεται”)²¹⁴

(l. 12-13) “ὃ σὺ κατευθύνεις κοινὸν λόγον, ὅς διὰ πάντων/ φοιτᾷ, μιγνύμενος μεγάλοις μικροῖς τε φάεσσι”: novamente um fragmento de Heráclito é ecoado (fr. 79 Marcovich)²¹⁵.

(l. 12-14) “ὅς διὰ πάντων... βασιλεὺς διὰ παντός”; a preposição “διὰ” pode ser uma figura etimológica especialmente cara ao estoicismo (“Δία μὲν γὰρ φασὶ δι’ ὃν τὰ πάντα” DL 7.147 = Ad SVF Cl.phys.theo10)

(l. 15-16) “οὐδὲ τι γίγνεται ἔργον ἐπὶ χθονὶ σοῦ δίχα, δαῖμον,/ οὔτε κατ’ αἰθέριον θεῖον πόλον οὔτ’ ἐνὶ πόντῳ,”²¹⁶

(l. 17) “πλὴν ὅποσα ῥέζουσι κακοὶ σφετέραισιν ἀνοίαις”: este verso é central para o debate sobre a origem do mal no universo criado e ordenado por Zeus. Segundo a doutrina estoica, assim como o único bem é a virtude, o único mal seria o vício. Zeus, portanto, não poderia ser o responsável pelo mal no universo (SVF 1.529): “τὸ δὲ τέλειον καὶ ἄριστον [θεός]... πάντος κακοῦ ἀνεπίδεκτος”. Cf. SVF 3.265: “εἶναι δ’ ἀγνοίας τὰς κακίας”.

(l. 18-21) “ἀλλὰ σὺ καὶ τὰ περισσὰ ἐπίστασαι ἄρτια θεῖναι,/ καὶ κοσμεῖν τάκοσμα καὶ οὐ φίλα σοὶ φίλα ἐστίν./ ὥδε γὰρ εἰς ἕν πάντα συνήρμοκας ἐσθλὰ κακοῖσιν,/ ὥσθ’ ἕνα γίγνεσθαι πάντων λόγον αἰὲν ἔοντα”: este é o grupo central do hino, que ocupa uma posição que controla e equilibra o poema inteiro. Seu papel, portanto, é expor a noção de que Zeus – em tanto que razão comum – harmoniza tudo. Isso remete muito diretamente a Heráclito (fr. 1, 23, 25, 26, 27 Marcovich), onde essa noção está expressa: fr. 1, “τοῦ δὲ λόγου τοῦδ’ ἐόντος αἰεὶ ἄξυνετοι γίνονται ἄνθρωποι καὶ πρόσθεν ἢ ἀκούσαι καὶ ἀκούσαντες τὸ πρῶτον”; fr. 23, “διὸ δεῖ ἐπεσθαι τῷ <ξυνῶι, τουτέστι τῷ> κοινῷ· ξυνὸς γὰρ ὁ κοινός. τοῦ λόγου δ’ ἐόντος ξυνοῦ ζώουσιν οἱ πολλοὶ ὡς ἰδίαν ἔχοντες φρόνησιν”; fr. 25, “ἐκ πάντων ἕν καὶ ἐξ ἐνὸς πάντα”; fr. 26, “οὐκ ἐμοῦ ἀλλὰ τοῦ λόγου ἀκούσαντας ὁμολογεῖν σοφὸν ἐστὶν ἕν πάντα εἶναι”; 27, “παλίντονος ἁρμονίη ὅκωσπερ τόξου καὶ λύρης.” Cf. Heráclito fr. 77 e 91; Diógenes Crisóstomo. *Orat.* 36.29 (SVF 2.1130.12,14); Cícero. *República*, 3.33 (SVF 3.325).

(l. 22-26) “ὃν φεύγοντες ἐῷσιν ὅσοι θνητῶν κακοὶ εἰσι,/ δῦσμοροι, οἳ τ’ ἀγαθῶν μὲν αἰεὶ κτήσιν ποθέοντες/ οὔτ’ ἐσορῶσι θεοῦ κοινὸν νόμον, οὔτε κλύουσιν,/ ὃ κεν πειθόμενοι σὺν νῶ βίον ἐσθλὸν ἔχουσιν./ αὐτοὶ δ’ αὐθ’ ὁρμῶσιν ἄνοι κακὸν ἄλλος ἐπ’ ἄλλο,”: Heráclito fr. 2 Marcovich “ἄξυνετοι ἀκούσαντες κωφοῖσιν ἐοίκασιν”; frs. 23 e 24²¹⁷.

(l. 27) “οἱ μὲν ὑπὲρ δόξης σπουδὴν δυσέριστον ἔχοντες,” Cf. SVF 1.560.

(l. 29) “ἄλλοι δ’ εἰς ἀνεσιν καὶ σώματος ἡδέα ἔργα.” Cf. SVF 1.562 e 1.583 – recusa pela busca de riqueza e de prazeres sexuais.

(l. 32-34) “ἀλλὰ Ζεῦ πάνδωρε, κελαινεφές, ἀρχικέραυνε,/ ἀνθρώπους <μὲν> ῥύου ἀπειροσύνης ἀπὸ λυγρῆς,/ ἦν σὺ, πάτερ, σκέδασον ψυχῆς ἄπο, δὸς δὲ κυρῆσαι” Cf. SVF 2.458

(l. 35) “γνώμης, ἧ πίσυνος σὺ δίκης μετὰ πάντα κυβερνᾷς,” (Heráclito fr. 85 Marcovich), ver comentário ao v.2.

²¹² Cf. Pl. *Prot.*, 322a; Arist. *PA*, 656a,7,8; Manfílio. *Astronomica*, 4.895; Dio. *Or.* 30.26.

²¹³ Cf. Sen. *Ep.* 107.11; Luc. *RN* 1.16.

²¹⁴ Cf. Plut. *SR* 7, 1034d: “ὁ δὲ Κλεάνθης ἐν “ὑπομνήμασι φυσικοῖς” εἰπὼν ὅτι “πληγὴ πυρὸς ὁ τόνος ἐστὶ, καὶ ἰκανὸς ἐν τῇ ψυχῇ γένηται πρὸς τὸ ἐπιτελεῖν τὰ ἐπιβάλλοντα” (= SVF 1.563).

²¹⁵ V. também SVF 1.158 (“διὰ πάσης οὐσία πεφοιτηκέναι τὸν θεόν”), 1.159 (“διὰ πάσης ὕλης... τὸ θεῖον διήκειν”), 1.161 (“rationem quandam pr omnem naturam rerum pertinentem vi divina esse affectam putat”), 1.499 (“ἡγεμονικὸν δὲ τοῦ κόσμου Κλεάνθει μὲν ἦρσε τὸν ἥλιον εἶναι διὰ τὸν μέγιστον τῶν ἄστρον ὑπάρχειν”), 1.513 (“eam caloris naturam vim habere in se vitalem per omnem mundum pertinentem” = BS 15.7), 2.442 (“τὸ πνεῦμα γεγονὸς ἐκ πυρὸς τε καὶ ἀέρος διὰ πάντων πεφοιτήκε τῶν σωματίων <τῷ> πᾶσιν αὐτοῖς κεκράσθαι”), 2.599 (“ὁ κοινὸς λόγος καὶ <ἡ> κοινὴ φύσις”). Cf. Marco Aurélio. *Meditações*, 4.29; 8.54.

²¹⁶ cf. Luc. *RN* 1.21-23); Evangelho de João 1.3 (“πάντα δι’ αὐτοῦ ἐγένετο, καὶ χωρὶς αὐτοῦ οὐδὲ ἓν”)

²¹⁷ Ver o comentário aos versos 18,21.

244. Epict. Ench. 53

Pearson C 91a; SVF 1.527a; LS 62B; Watanabe f 47 (a¹)

ᾠ Ἐπὶ παντὸς πρόχειρα ἐκτέον ταῦτα·
°°//[[ἄγου δέ μ', ὦ Ζεῦ, καὶ σύ γ' ἡ πεπρωμένη,
ὅποι ποθ' ὑμῖν εἰμὶ διατεταγμένος,
ὥς ἔψομαί γ' ἄοκνος· ἦν δέ γε μὴ θέλω
|5| κακὸς γενόμενος, οὐδὲν ἥττον ἔψομαι. ᾠ]]\°°

^w f 47 (a¹)
° C 91a
/SVF 1.527a
[LS 62B]

Tradução

ᾠEm todas as ocasiões é bom ter à mão estas palavras:

°° // [[Guia-me, ó Zeus, e tu destino também,
Aonde quer que eu seja disposto por vós,
que seguirei preste; se acaso eu não quiser
|5| vindo a ser mau, não menos seguirei.]]\°°

^w f 47 (a¹)
° C 91a
/SVF 1.527a
[LS 62B]

Comentário

a. A citação se encontra ao final do “Manual” de Epicteto, acompanhada de uma passagem de Eurípides e duas de Platão (ver abaixo).

b. Os 4 versos acima são ou não a totalidade do poema? É possível que o poema fosse maior (SETAIOLI, 1979, p. 722-726 e referências em ‘d’ abaixo) e que já fizesse parte de antologias. Esse texto deve ser lido com os mencionados abaixo (SVF 1.527b-f) e com os anexos abaixo de Vetio Valente, do anônimo “De scientia politica” e de Agostinho (= Ad SVF Cl.phys.theo. 11-13);

c. Esse poema tem sido lido em conjunto com a famosa alegoria do cão e do carro (SVF 2.975), ambas úteis na discussão sobre os conceitos de destino e de liberdade e determinismo estoico. A noção de ressalva (ὑπεξαίρεσις), ou seja, de que o verdadeiro sábio sabe se resguardar em relação a um revés do destino e estabelece uma ressalva para seus impulsos também ; o acervo de provérbios a se ter presente em mente, além do pequeno hino a Zeus e ao destino, inclui um fragmento de Eurípides (“ὅστις δ’ ἀνάγκη συγκεχώρηκεν καλῶς, /σοφὸς παρ’ ἡμῖν, καὶ τὰ θεῶν ἐπίσταται” Nauck 965) e duas passagens de Platão (“ἀλλ’ ὦ Κρίτων, εἰ ταύτῃ τοῖς θεοῖς φίλον, ταύτῃ γενέσθω” Crito 54e; “ἐμὲ δὲ Ἄνυστος καὶ Μέλιτος ἀποκτεῖναι μὲν δύνανται, βλάναι δὲ οὐ.” Apologia 30c). O último verso é citado em versão diferente por Vetio Valente em discussão sobre representar bem o que o destino circunscreveu queira ou não queira (“τὸν αὐτὸν τρόπον καὶ ἡμῶς χρὴ τοῖς τῇ εἰμαρμένης περιτεθειμένοις προσώποις ὑποκρίνασθαι καὶ ἐξομοιοῦσθαι ταῖς τῶν καιρῶν τύχαις οὐ συγγινώσκοντας. εἴν δέ τις μὴ θέλῃ ‘κακὸς γενόμενος αὐτὸ τοῦτο πείσεται’ ” 221.5-6), em 261.20-27 e 271.32-35 Vetio cita o poema integralmente, atribuindo-o a Eurípides na primeira passagem (ver abaixo o fragmento ‘Ad SVF Cl.phys.(5)). Cf. Corpus Hermeticum 12.6-7.

d. Segundo Praechter (1899, 1908) e Wilamowitz (1902), esses versos são reminiscências dos versos de outra tragédia de Eurípides²¹⁸, Dalfen (1971, p. 179 s.) aponta que a atitude resignada de Polixena é distinta da atitude estoica. – Cf. Eur.Hec. v.43-44, v.369, Eur. fr. 132; ver Watanabe (p. 133-141) para a discussão filológica do poema.

245. Sen. Ep. 107.10

Pearson C 91b; SVF 1.527b

°° // et sic adloquamur Iovem cuius gubernaculo moles ista dirigitur, quemadmodum Cleanthes noster versibus disertissimis adloquitur; quos mihi in nostrum sermonem mutare permittitur Ciceronis disertissimi viri exemplo. si placuerint, boni consules; si displicuerint, scies me in hoc |5|secutum Ciceronis exemplum.

° C 91b
/SVF 1.527b

duc, o parens celsique dominator poli,
quocumque placuit; nulla parendi mora est.
adsum impiger. fac nolle, comitabor gemens,

²¹⁸ Hécuba, v. 346-349:

ὥς ἔψομαί γε τοῦ τ' ἀναγκαίου χάριν
θανεῖν τε χρήζουσ'· εἰ δὲ μὴ βουλήσομαι,
κακὴ φανοῦμαι καὶ φιλόψυχος γυνή.
τί γάρ με δεῖ ζῆν;

malusque patiar, quod pati licuit bono.
[10]ducunt volentem fata, nolentem trahunt. \ \ °°

Tradução

// E assim nos endereçaremos a Zeus, por cujo volante esta ingente massa é dirigida, como de algum modo Cleantes, um dos nossos, se endereçou com versos muito inteligentes, os quais me é permitido, seguindo o exemplo de Cícero, homem versadíssimo, traduzir para nossa língua. Se agradarem, são bons conselheiros; se desagradarem, sabes que nisso sigo o exemplo de Cícero.

° C 91b
/SVF 1.527b

Guia, me, pai dominador dos pólos celestes,
aonde que te apraza; não há demora no obedecer.
Estou aqui expedito. Faz sem eu querer, gemendo cometerei,
E sofrerei sendo mau o que convinha sofrer ao bom.
O fado guia quem o quer, arrasta quem não quer. \ \

Comentário

- b. esse texto deve ser lido com os mencionados abaixo (SVF 1.527b-f) e com os anexos abaixo de Vetio Valente, do anônimo “De scientia politica” e de Agostinho (= Ad SVF Cl.phys.theo. 11-13)
c. Setaioli faz a recensão meticulosa das versões coexistentes do poema de Cleantes e das origens do quinto verso presente nesta tradução senequiana (1979, passim);
d. sobre a história desse poema, ver comentário acima.

246. Epict. Diss. 2.23.42.1-9

SVF 1.527c

Ἄνθρωπε, τὸ προκείμενον ἦν σοι κατασκευάσαι σαυτὸν χρηστικὸν ταῖς προσπιπτούσαις φαντασίαις κατὰ φύσιν, ἐν ὁρέξει ἀναπότευκτον, ἐν δ' ἐκκλίσει ἀπερίπτωτον, μηδέποτε ἀτυχοῦντα, μηδέποτε δυστυχοῦντα, ἐλεύθερον, ἀκώλυτον, ἀνανάγκαστον, συναρμόζοντα τῇ τοῦ Διὸς διοικήσει, ταύτῃ πειθόμενον, ταύτῃ εὐαρεστοῦντα, μηδένα μεμφόμενον, μηδέν' αἰτιώμενον, δυνάμενον εἰπεῖν τούτους τοὺς στίχους ἐξ ὅλης ψυχῆς
//ἄγου δέ μ', ὦ Ζεῦ, καὶ σύ <γ> ἢ Πεπρωμένη.\ \

/SVF 1.527c

Tradução

Homem, teu propósito estabelecido era útil para te preparares a ti mesmo nas apresentações casuais (*taís prospiptoúsas phantasíais*), conforme a natureza, sem se frustrar em teu desejo, sem cair em algo que repugnas, sem ser nunca desafortunado, nunca infeliz, livre, sem impedimentos, incoercível, harmonioso com a administração de Zeus, obediente a ela, a ela complacente, em nada recriminando-a, de nada acusando-a, capaz de dizer esses versos com toda a alma:

/SVF 1.527c

//Guia-me, ó Zeus, e tu destino também,\ \

Comentário

- a. A citação do primeiro verso ocorre em capítulo sobre a capacidade de falar.
b. esse texto deve ser lido com os mencionados abaixo (SVF 1.527b-f) e com os anexos abaixo de Vetio Valente, do anônimo “De scientia politica” e de Agostinho (= Ad SVF Cl.phys.theo. 11-13)

247. Epict. Diss. 3.22.95.1-96.1

SVF 1.527d

ὅταν ἴδῃ[ς], ὅτι ὑπερηγρύπνηκεν ὑπὲρ ἀνθρώπων καὶ πεπόνηκεν καὶ καθαρὸς μὲν κεκοί-μηται, καθαρώτερον δ' αὐτὸν ἔτι ὁ ὕπνος ἀφῆκεν, ἐντεθύμηται δ', ὅσα ἐντεθύμηται ὡς φίλος τοῖς θεοῖς, ὡς ὑπηρέτης, ὡς μετέχων τῆς ἀρχῆς τοῦ Διός, πανταχοῦ δ' αὐτῷ πρόχειρον τὸ
[5] //ἄγου δέ μ', ὦ Ζεῦ καὶ σύ γ' ἢ Πεπρωμένη,\ \
καὶ ὅτι εἰ ταύτῃ τοῖς θεοῖς φίλον, ταύτῃ γινέσθω

/SVF 1.527d

Tradução

Quando vires que velou diligentemente sobre os seres humanos e por eles se esforçou e que se deitou puro, e ainda mais puro o sono o deixou, e , καθαρώτερον δ' αὐτὸν ἔτι ὁ ὕπνος ἀφῆκεν, e as coisas que pondera, as pondera como amigo dos deuses, como servidor, como participante do poder de Zeus, em toda parte tendo à mão o verso que diz:

// “Guia-me, ó Zeus, e tu destino também,” \\

E que “se assim apetece aos deuses, que assim suceda”.

/SVF 1.527d

Comentário

b. esse texto deve ser lido com os mencionados abaixo (SVF 1.527b-f) e com os anexos abaixo de Vetio Valente, do anônimo “De scientia politica” e de Agostinho (= Ad SVF Cl.phys.theo. 11-13)

d. A citação “εἰ ταύτη τοῖς θεοῖς φίλον, ταύτη γινέσθω” (l. 6 do texto grego acima) é oriunda de Pl.Crit. 43d.

248. Epict. Diss. 4.1.128.1-132.2

SVF 1.527e

Ἄγε οὖν ἐπέλθωμεν τὰ ὁμολογημένα. ὁ ἀκώλυτος ἄνθρωπος ἐλεύθερος, ὃ πρόχειρα τὰ πράγματα ὡς βούλεται. ὃν δ' ἔστιν ἢ κωλύσαι ἢ ἀναγκάσαι ἢ ἐμποδίσαι ἢ ἄκοντα εἶς τι ἐμβαλεῖν, δοῦλός ἐστιν. τίς δ' ἀκώλυτος; ὁ μηδενὸς τῶν ἀλλοτρίων ἐφιέμενος. τίνα δ' ἀλλότρια; ἃ οὐκ ἔστιν ἐφ' ἡμῖν οὔτ' ἔχειν οὔτε μὴ ἔχειν οὔτε ποιᾶ ἔχειν ἢ πῶς ἔχοντα. οὐκοῦν τὸ σῶμα ἀλλότριον, τὰ μέρη αὐτοῦ ἀλλότρια, ἡ κτῆσις ἀλλοτρία. ἂν οὖν τι τούτων ὡς ἰδίῳ προσπαθῇς, δώσεις δίκας ἃς ἄξιον τὸν τῶν ἀλλοτρίων ἐφιέμενον. αὕτη <ή> ὁδὸς ἐπ' ἐλευθερίαν ἄγει, αὕτη μόνη ἀπαλλαγὴ δουλείας, [μόνη] τὸ δυνηθῆναί ποτ' εἰπεῖν ἐξ ὅλης ψυχῆς τὸ

// ἄγου δέ μ', ὦ Ζεῦ, καὶ σύ γ' ἡ Πεπρωμένη,

ὅποι ποθ' ὑμῖν εἰμι διατεταγμένος. \\

Ἀλλὰ τί λέγεις, φιλόσοφε; καλεῖ σε ὁ τύραννος ἐροῦντά τι ὧν οὐ πρέπει σοι.

/SVF 1.527e

Tradução

Vamos, revisemos o que foi acordado. O ser humano sem impedimentos é livre, para quem as coisas que quer estão à mão. Aquele a quem se pode ou impedir ou obrigar ou atraparalhar ou empurrar a algo involuntariamente, é um escravo. E quem é sem impedimentos? Aquele que não anseia por nada de alheio. E o que é o alheio? As coisas que não estão em nosso poder nem possuir nem não possuir, nem possuir de certas qualidades nem possuir em determinada relação. Por conseguinte, o corpo é alheio, suas partes são alheias, a propriedade é alheia. Se a alguma dessas coisas, como própria, te afeioas, pagarás a pena cabível a quem anseia algo de alheio. Este caminho leva à liberdade, somente ele afasta da escravidão, somente por ele se pode um dia dizer com toda a alma que

// Guia-me, ó Zeus, e tu destino também,

Aonde quer que eu seja disposto por vós, \\

Que dizes, no entanto, filósofo? O tirano te chama para que digas algo do que não te convêm.

Comentário

b. esse texto deve ser lido com os mencionados abaixo (SVF 1.527b-f) e com os anexos abaixo de Vetio Valente, do anônimo “De scientia politica” e de Agostinho (= Ad SVF Cl.phys.theo. 11-13)

249. Epict. Diss. 4.4.33.1-34.2

SVF 1.527f

Οὐ πολλάκις ἤκουσας, ὅτι ὀρεξιν ἄραί σε δεῖ παντελῶς, τὴν ἐκκλίσιν ἐπὶ μόνῃ τρέψαι τὰ προαιρετικά, ἀφεῖναί σε δεῖ πάντα, τὸ σῶμα, τὴν κτῆσιν,

τὴν φήμην, τὰ βιβλία, θόρυβον, ἀρχάς, ἀναρχίαν; ὅπου γὰρ ἂν κλίνης,
ἐδούλευσας, ὑπετάγης, κωλυτὸς ἐγένου, ἀναγκαστός, ὅλος ἐπ' ἄλλοις.
ἀλλὰ τὸ Κλεάνθους πρόχειρον

// ἄγου δέ μ', ὦ Ζεῦ, καὶ σύ γ' ἢ Πεπρωμένη. \

/SVF 1.527f

Tradução

Não escutaste muitas vezes que a tí é preciso arrancar o desejo completamente, e repugnar somente o que depende de um propósito, que te hás de desprender de tudo, do corpo, da propriedade, da fama, dos livros, do barulho, dos cargos, da ausência de cargos? Seja lá ao que te inclines, te fazes de escravo, te subordinas, te submetes a impedimentos, a coerções, estás inteiro em poder do que é alheio. À mão debes ter o verso de Cleantes:

// Guia-me, ó Zeus, e tu destino também\

/SVF 1.527f

Comentário

b. esse texto deve ser lido com os mencionados abaixo (SVF 1.527b-f) e com os anexos abaixo de Vetio Valente, do anônimo “De scientia politica” e de Agostinho (= Ad SVF Cl.phys.theo. 11-13)

250. Ph. Prov. 2.74

SVF 1.548

// Numerus autem planetarum prodest universo; verum hominum est otio
praeditorum dinumerare singulorum utilitatem. Haec autem °° nota sunt
non solum ratione, verum etiam sensu, ita movente providentia, quae, ut
dicit Chrysippus et Cleanthes, nihil praetermisit pertinentium ad certiore[m]
[5]utilioremque dispensationem. quod si aliter melius esset dispensari res
mundi, eo modo sumpsisset compositionem, qua tenus nihil occurreret ad
impediendum deum. \ °°

/SVF 1.548
° C 19

Tradução

// O conjunto dos planetas rende frutos ao universo; mas é próprio dos homens com tempo
livre para previsões catalogar a utilidade de cada um deles. Todavia essa °° é perceptível
não só pela razão, mas também pelos sentidos, como diz Crisipo e Cleanthes, pois a
providência ao mover as coisas não pretere nada do que é pertinente para uma distribuição
mais correta e útil de tudo. Se houvesse, por conseguinte, outro modo melhor de distribuir
as coisas do mundo, de tal modo assumiria a (nova) composição que nada se interporia
para impedir a obra de deus. \ °°

/SVF 1.548
° C 19

251. Anon. Scholia in Homeri Odysseam (scholia vetera) 1.52.3-4

Pearson C 65a; SVF 1.549a; Watanabe f 70(a')

°°// ᾤ (ὀλοοφρόνος) Κλεάνθης δασύνει τοῦ περὶ τῶν ὅλων
φρονοῦντος.ᾤ\ °°

° C 65a
/SVF 1.549a
w f 70(a')

Tradução

°°//ᾤ Cleanthes lê com o espírito rude (sobre 'oloo-phronos', 'sagaz'): o que pensa no todo
(holon phronountos) ᾤ\ °°

° C 65a
/SVF 1.549a
w f 70(a')

252. Eustat. Com.Hom.II. 1.17.23-27

Pearson C 65b; SVF 1.549b

°° // τὸν Ἄτλαντα (...) οἱ μὲν ἀλληγοροῦσιν εἰς τὴν ἀκάματον καὶ

° C 65b
/SVF 1.549b

ἀκοπίατον πρόνοιαν, τὴν πάντων αἰτίαν, καὶ ὀλοόφρονα τὸν τοιοῦτον Ἄτλαντα νοοῦσιν, ὥς τὸν ὑπὲρ ὅλων φρονοῦντα ἡγουν τῶν ὅλων φροντιστικόν. διὸ καὶ ὁ Κλεάνθης, ὥς φασιν, ἐδάσυνε τὸ ὁ τῆς ἀρχούσης. \\ °°

Tradução

°°// Sobre Atlas (...) alguns interpretam alegoricamente como a providência incansável e incessante, a causa de tudo, e pensam este mesmo Atlas sagaz, como quem pensa sobre todas as coisas ou melhor reflete sobre todas as coisas. Por isso também Cleantes, conforme dizem, lia o 'o' do começo da palavra com espírito rude. \\ °° ° C 65b /SVF 1.549b

253. Corn. TGC 48.15-17

Pearson C 65c; SVF 1.549c

°°// ὀλοόφρονα δ' αὐτὸν (Ἄτλαντα) εἰρηῆσθαι διὰ τὸ περὶ τῶν ὅλων φροντίζειν καὶ προνοεῖσθαι τῆς πάντων αὐτοῦ τῶν μερῶν σωτηρίας. \\ °° ° C 65c /SVF 1.549c

Tradução

°° // Ele (Atlas) era dito 'sagaz' (*holoophron*) por pensar no todo e prover a salvação de todas as partes dele. \\ °° ° C 65c /SVF 1.549c

254. Cic. Div. 1.6.1-4

SVF 1.550

// Sed cum Stoici omnia fere illa defenderent, quod et Zeno in suis commentariis quasi semina quaedam sparsisset et ea Cleanthes paulo uberiora fecisset \\ /SVF 1.550

Tradução

// Os estóicos, no entanto, defenderiam praticamente todas aquelas opiniões, porque Zenão também em seus comentários como que as teria espalhado como se fossem sementes e Cleanthes as teria feito um pouco mais férteis. \\ /SVF 1.550

255. Chalcid. In Tim. 144

Pearson C 18; SVF 1.551, 2.933; LS 54U

// [[itaque non nulli putant praesumi differentiam providentiae fatique, cum reapse una sit. Quippe providentiam dei fore voluntatem, voluntatem porro eius seriem esse causarum. Et ex eo quidem, quia voluntas, providentia est. Porro quia eadem series causarum est, fatum cognominatum. °° // ex quo fieri ut, quae secundum fatum sunt, etiam ex providentia sint, eodemque modo quae secundum providentiam, ex fato, ut Chrysippus putat. alii vero quae quidem ex providentiae auctoritate, fataliter quoque provenire, nec tamen quae fataliter, ex providentia, ut Cleanthes.]] \\ \\ °° /SVF 2.933 [LS 54U] ° C 18 /SVF 1.551

Tradução

// [[E assim alguns consideram ao tratar da diferença entre providência e destino, como /SVF 2.933 [LS 54U]

se na realidade fossem ambas uma única coisa. Decerto a providência há de ser a vontade de deus, por sua vez a vontade dele é a série das causas. E desse argumento sem dúvida se segue que, porque é vontade, é providência. Ademais, porque ela mesma é a série das causas, se denomina ‘destino’. °° // Disso decorre que o que se passa segundo o destino, também ocorre por causa da providência, e de mesmo modo o que se passa segundo a providência, também ocorre por causa do destino, como acredita Crisipo. Mas para alguns o que é causado sob o comando da providência, também advem por força do destino, sem que, todavia, o que ocorra por força do destino seja causado pela providência, como opina Cleantes.]] \\ °°

° C 18
/SVF 1.551

Comentário

b. deve-se ter em mente a posição radicalmente distinta da crisipeana no que tange à existências de possibilidades não realizadas no passado, conforme Epicteto e Cícero (SVF 1.489ab), para pensar na questão sobre se Cleantes distingue providência de destino; sua resposta ao argumento do senhor, de Diodoro Crono, segue sem mais testemunhos; para o que seriam mais provas de que sim ele os distingue, ver ‘d’ abaixo;

d. segundo Thom (2005, p. 109-110), o uso que Cleantes faz dos tempos e aspectos verbais em seus dois principais poemas (SVF 1.537, SVF 1.527a-f e Ad SVF Cl.phys.theo.11-13) apoiaria uma interpretação forte a respeito da distinção entre providência e destino – cf. Forschner, 1995, p. 108.

Fragmentos adicionados a ‘VII. Teologia’

Os textos adicionados abaixo se dividem entre os que não correspondem a um autor estoico específico e aos que remetem nominalmente ao filósofo Assio e, novamente, foram deixados fora de SVF sem justificativa. Os fragmentos do último grupo prescindem de outra justificativa, já que o citam por nome.

Em relação ao primeiro grupo, alguns textos são versões do pequeno hino a Zeus e ao Destino (SVF 1.527a-f) acima²¹⁹; o fragmento de Filodemo (= Ad SVF Cl.phys.theo.16), que Watanabe reproduz também²²⁰, sob o argumento de que o assunto e a extensão do fragmento teria um paralelismo com Cic. ND 1.36.6-41.9²²¹, especialmente o parágrafo 37, donde Pearson, Arnim e Watanabe destacam seus textos. Aceitando os mesmos argumentos, expostos por Henrichs (1974) em sua edição de Filodemo, se considera a passagem como contendo material cleanteano, especialmente a que se inicia na col.2.8-28.

DL 7.135-136 e 7.147²²² abaixo, onde não há menção a Cleantes, são passagens muito afins a outros textos. Em um caso, ao tratar dos muitos nomes de Zeus deve ser aceito, pelo menos, como texto reminiscente do primeiro verso do “Hino”, bem como de Cícero (ND 1.37), mencionado acima para justificar a inserção de Filodemo. Cabe notar, no entanto, que nem todo o fragmento abaixo é cleanteano. No segundo caso, ao expor de

²¹⁹ De Vetio Valente, do anônimo “De scientia politica” e de Agostinho (= Ad SVF Cl.phys.theo. 11-13).

²²⁰ Watanabe, p. 152-154.

²²¹ SVF 1.530, 1.531b, 1.532b, 1.534a; Watanabe f 51A; BS 17.1

²²² = Ad SVF Cl.phys.theo.9-10.

maneira sintética uma sequência de etimologias estoicizantes dos nomes divinos, deve ser visto em paralelo com o material exposto por Cornuto sobre Héracles (TGC 62.23²²³), ou sobre Apolo em Macróbio (Sat. 1.17.8²²⁴).

256. DL 7.135.9-136.1

SVF 1.102b; 2.580; LS 46B; BS 15.3; ad SVF Cleanthis physicam et theologiam (9)

// // [[{{ ἔν τε εἶναι θεὸν καὶ νοῦν καὶ εἰμαρμένην καὶ Δία· πολλὰς τε /SVF 1.102b
 ἑτέραις ὀνομασίαις προσονομάζεσθαι. §136 κατ' ἀρχὰς μὲν οὖν καθ' /SVF 2.580
 αὐτὸν ὄντα τρέπειν τὴν πᾶσαν οὐσίαν δι' ἄερος εἰς ὕδωρ· καὶ ὥσπερ ἐν τῇ [LS 46B]
 γονῇ τὸ σπέρμα περιέχεται, οὕτω δὲ καὶ τοῦτον, σπερματικὸν λόγον ὄντα {BS 15.3}
 τοῦ κόσμου, τοιοῦτο ὑπολείπεσθαι ἐν τῷ ὑγρῷ, εὐεργὸν αὐτῷ ποιοῦντα
 τὴν ὕλην πρὸς τὴν τῶν ἐξῆς γενέσιν· εἶτα ἀπογεννᾶν πρῶτον τὰ τέτταρα
 στοιχεῖα, πῦρ, ὕδωρ, ἀέρα, γῆν.]] λέγει δὲ περὶ αὐτῶν Ζήνων τε ἐν τῷ
 “Περὶ τοῦ ὅλου” \\\\ καὶ Χρύσιππος ἐν τῇ πρώτῃ τῶν “Φυσικῶν” καὶ
 Ἀρχέδημος ἐν τῷ “Περὶ στοιχείων”.
 ἔστι δὲ στοιχεῖον ἐξ οὗ πρῶτον γίνεται τὰ γινόμενα καὶ εἰς ὃ ἔσχατον
 ἀναλύεται. §137 τὰ δὲ τέτταρα στοιχεῖα εἶναι ὁμοῦ τὴν ἄποιον οὐσίαν, τὴν
 ὕλην· εἶναι δὲ τὸ μὲν πῦρ τὸ θερμόν, τὸ δὲ ὕδωρ τὸ ὑγρόν, τὸν τε ἀέρα τὸ
 ψυχρόν, καὶ τὴν γῆν τὸ ξηρόν. οὐ μὴν ἀλλὰ καὶ ἔτι ἐν τῷ ἀέρι εἶναι τὸ αὐτὸ
 μέρος. ἀνωτάτω μὲν οὖν εἶναι τὸ πῦρ, ὃ δὲ αἰθέρα καλεῖσθαι, ἐν ᾧ πρώτην
 τὴν τῶν ἀπλανῶν σφαῖραν γεννᾶσθαι, εἶτα τὴν τῶν πλανωμένων· μεθ' ἧν
 τὸν ἀέρα, εἶτα τὸ ὕδωρ, ὑποστάθμην δὲ πάντων τὴν γῆν, μέσσην ἀπάντων
 οὐσαν. \\\\ }}

Tradução

// // [[{{ São um o deus, a inteligência, o destino e Zeus; e com muitas outras /SVF 1.102b
 denominações é denominado. §136 No começo ele existe por si mesmo; ele fez toda a /SVF 2.580
 substância transformar-se em água, passando pelo ar. E assim como na geração dos seres [LS 46B]
 vivos a semente é esparsa em um meio úmido, do mesmo modo deus, que é a razão {BS 15.3}
 seminal do universo, deixando para trás no úmido, é agente que adapta a matéria a seus
 desígnios em prol da etapa seguinte da criação. Então ele gerou primeiramente os quatro
 elementos, fogo, água, ar e terra.]] Zenão os discute em seu “Sobre o Todo” \\\\, assim
 como Crisipo no primeiro livro de sua “Física” e como Arquedemo em seu “Sobre os
 elementos”.

Um elemento é o item primeiro a partir do qual cada coisa vem a ser, e o último em que
 cada uma se resolve. §137 A junção dos quatro elementos constitui a substância não-
 qualificada, a matéria. O fogo é o quente, a água, o úmido, o ar é o frio, a terra, o seco.
 Com efeito essa mesma parte, ou seja o seco, também está no ar. O fogo está, portanto, no
 local mais elevado, o qual é chamado “éter” também, no qual a primeira esfera das
 estrelas fixas foi gerada. Em seguida vem a esfera dos planetas. Depois está a camada de
 ar, então a água, e sob todas elas sedimentada a terra, que está no centro.. \\\\ }}

²²³ SVF 1.514

²²⁴ SVF 1.540.

257. DL 7.147

Ad SVF Cleanthis physicam et theologiam (10)

§147 θεὸν δ' εἶναι ζῶον ἀθάνατον, λογικόν, τέλειον {ἢ νοερὸν} ἐν εὐδαιμονίᾳ, κακοῦ παντὸς ἀνεπίδεκτον, προνοητικὸν κόσμου τε καὶ τῶν ἐν κόσμῳ· μὴ εἶναι μέντοι ἀνθρωπόμορφον. εἶναι δὲ <αὐ>τὸν μὲν δημιουργὸν τῶν ὅλων καὶ ὥσπερ πατέρα πάντων, κοινῶς τε καὶ τὸ μέρος αὐτοῦ τὸ διῆκον διὰ πάντων, ὃ πολλαῖς προσηγορίαις προσονομάζεται κατὰ τὰς δυνάμεις. Δία μὲν γάρ φασι δι' ὃν τὰ πάντα, καὶ Ζῆνα καλοῦσι παρ' ὅσον τοῦ ζῆν αἰτίος ἐστίν ἢ διὰ τοῦ ζῆν κεχώρηκεν, Ἀθηνᾶν δὲ κατὰ τὴν εἰς αἰθέρα διάτασιν τοῦ ἡγεμονικοῦ αὐτοῦ, Ἥραν δὲ κατὰ τὴν εἰς ἀέρα, καὶ Ἥφαιστον κατὰ τὴν εἰς τὸ τεχνικὸν πῦρ, καὶ Ποσειδῶνα κατὰ τὴν εἰς τὸ ὑγρὸν, καὶ Δήμητραν κατὰ τὴν εἰς γῆν· ὁμοίως δὲ καὶ τὰς ἄλλας προσηγορίας ἐχόμενοί τινος οἰκειότητος ἀπέδοσαν.

Tradução

§147 deus é um ser vivo imortal, racional, perfeito ou inteligente em felicidade, não admitindo qualquer mal, providente em relação ao universo e às coisas no universo. Ele não é, contudo, antropomorfo. Ele é o artífice do todo e como um pai de tudo, tanto em geral como em sua parte que é permeadora através de tudo, a qual é denominada com muitos nomes conforme seus poderes. Dizem-no 'Día' ('Zeus' no caso acusativo) pois por sua causa (*di'ōn*) tudo (vem a ser) e o chamam de 'Zēna' (forma alternativa para Zeus no caso acusativo) na medida em que é causa da vida (*toū zēn aitiós estin*) ou por ter morada em cada ser vivo. Dizem-no 'Atena' conforme a extensão de sua parte governante (*hēgemonikón*) que chega ao éter, 'Hera' conforme sua extensão por todo o ar, e 'Hefesto' conforme sua extensão até o fogo artífice (*tò tekhnikòn pyr*), e 'Posêidon' porque se estende até o úmido, e 'Deméter', porque se estende até a terra. De modo semelhante lhe deram ainda outros nomes, levando em conta peculiaridades suas.

Comentário

b. pode ser útil também analisar o conjunto de etimologias filosóficas de Cleantes (SVF 1.538, 540-547, Ad SVF Cl.phys.theo.16)

258. Vetio Valente. Anthologium, 6.9, p.261.20-27

Ad SVF Cleanthis physicam et theologiam (11)

ἂν δέ τις ἀληθινὸν ἀναλαβὼν φρόνημα τὴν ἐξουσίαν τῶν πρασσομένων ἑαυτῷ ἀπονέμη, ἐλεγχόμενος ὑπὸ τοῦ μὴ δύνασθαι καὶ μάτην καταγέλαστος γενόμενος μιμήσεται τὸν τραγικὸν Εὐριπίδην λέγων·

ἄγου δέ μ' ὦ Ζεῦ καὶ σύ γ' ἢ πεπρωμένη,
|5|ὅποι ποθ' ὑμῖν εἰμι διατεταγμένος,
ὥς ἔψομαί γε κἂν ὀκνῶ· κἂν μὴ θέλω,
κακὸς γενόμενος αὐτὸ τοῦτο πείσομαι.

Aparato

4 ἄγου δέ μ' ὦ Ζεῦ καὶ σύ γ' ἢ πεπρωμένη : ἀγούμενος Ζεῦ καὶ σύ γ' ἢ V

5 εἰμι : εἰμη V

6 γε κἂν ὀκνῶ : γ' ὀκνος in 7.2 (p.271) | κἂν : ἂν δὲ in 7.2 (p.271)

7 κακὸς : κακῶς V

Tradução

E se alguém assumindo o genuíno pensamento de que o poder para o que se lhe faz resida em si, refutado por sua incapacidade e se tornando ridículo em vão imitará o trágico Eurípides dizendo:

Guia-me, ó Zeus, e tu destino também,
Aonde quer que eu seja disposto por vós,
que seguirei ainda se hesito, e se não quero,

vindo a ser mau, essa coisa igual me ocorrerá.

Comentário

b. ver acima a família de textos contendo versões integrais e citações de versos do poema (SVF 1.527a-f); ver os fragmentos abaixo do anônimo “De scientia política” e Agostinho (= Ad SVF Cl.phys.theo. 12-13)

d. Em 7.2 (p.271.26-35), Vetio cita a mesma versão do poema, desta vez sem atribuí-lo a ninguém, apenas recomendando tê-lo em mente. Em vez de aborrecer-se com as próprias expectativas, é melhor reconhecer a dimensão da criação e alinhar-se nobremente e de maneira indolor aos ditames do acaso (τοῖς καιροῖς) “ὥστε οὐ δεῖ μέμψεσθαι τοὺς χρόνους οὔτε ἐμαυτῷ οὔτε τῇ προγνώσει, ἀλλὰ καταμαθόντα τὸ μέγεθος τῆς ἐαυτοῦ γενέσεως συστρατεύεσθαι τοῖς καιροῖς γενναίως καὶ ἀλύπως (οὐδὲν γὰρ ἀνύει μοχθηρῶς διάγων καὶ ἐτέρων τύχαις ἐξισοῦσθαι βουλόμενος ἐαυτόν), ἔχειν δὲ κατὰ νοῦν τὸ τοιοῦτον” [citação do hino novamente]” (= Watanabe f 47(a²)).

259. Anon. De scientia política, p.670 (ed. Mai, 1827)

Watanabe f 47(a³); Ad SVF Cleanthis physicam et theologiam (12)

ῬΜηνόδωρος. Καὶ ὃ θαυμάσιε τὸ ἐν λιταῖς Σωκράτους ὑπολεγόμενον οὐκ ἄνάγκη οὐδ’ἀπροαιρέτως, φυσικῇ δὲ μᾶλλον τινι καὶ αὐτομάτῳ κινήσει κατορθούμενον ὑπ’αὐτοῦ φανήσεται.

Θαυμάσιος. Τί μήν;

Μ. Ἄγεις με, φησιν, ὃ Ζεῦ καὶ σύ γ’ὃ πεπρωμένη, ὅποι ποτ’ἂν ὑμῖν εἰμι διατεταγμενος· ὥς ἔψομαί γε πρόθυμος, ἦν δὲ μὴ θέλω κακὸς γενόμενος, οὐδὲν γ’ἥττον ἔψομαι. Ῥ

Aparato

1 ὑπολεγόμενον : ὑπο λεγόμενον Brinkmann

7 ἔψομαι : ἤψομαι Watanabe

Tradução

ῬMenodoro. Também, Thaumasio, o que está dito na entrelinha nos rogos de Sócrates que não é por necessidade e nem contra sua escolha, que será considerado por ele levado a bom termo antes por natureza de algum modo e por um movimento espontâneo.

Thaumasio. Qual é então esse dito?

Μ. Diz “me guias, Zeus, e tu também Destino, aonde quer que eu seja disposto por vós, que pelo menos seguirei de bom grado, e se eu não quero, vindo a ser mau, em nada menos seguirei.” Ῥ

Comentário

b. deve ser lido com os fragmento imediatamente anteriores de Vetio Valente e de Agostinho (Ad SVF Cl.phys.theo 11 e 13); ver acima a família de textos contendo versões integrais e citações de versos do poema (SVF 1.527a-f).

260. August. CD 5.8

Watanabe f 47(b²); Ad SVF Cleanthis physicam et theologiam (13)

Ῥ Ipsam itaque praecipve Dei summi voluntatem, cuius potestas insuperabiliter per cuncta porrigitur, eos appellare fatum sic probatur.

Annaei Senecae sunt, nisi fallor, hi versus:

Duc, summe pater altique dominator poli,
quocumque placuit, nulla parendi mora est.
adsum impiger: fac nolle, comitabor gemens
malusque patiar, facere quod licuit bono.

Ducunt volentem fata nolentem trahunt.

Nempe evidentissime -hoc ultimo versu ea fata appellavit, quam supra dixerat summi patris voluntatem; cui paratum se oboedire dicit, ut volens ducatur, ne nolens trahatur; quoniam scilicet.

Ducunt volentem fata nolentem trahunt.Ῥ

Tradução

¶Assim é precipuamente a vontade deus sumo, cujo poder se prolonga por todas as coisas, ^w f 47(b²)
o qual se mostrou que eles chamavam de fado. São de Eneu Sêneca, se não me engano,
este versos:

Guia, sumo pai dos céus e dominador do pólo,
aonde que te apraza; não há demora no obedecer.
Estou aqui expedito. Faz sem eu querer, gemendo cometerei,
E sofrerei sendo mau o que convinha sofrer ao bom.
O fado guia quem o quer, arrasta quem não quer.

De modo o mais evidenciante, neste último verso chamou de fado, o que anteriormente
dissera ser a vontade do sumo pai; à qual se diz preparado a obedecer, como quem o quer
ele é guiado, como quem não quer é arrastado, pois, bem entendido:

O fado guia quem o quer, arrasta quem não quer.¶

Comentário

b. ver acima a família de textos contendo versões integrais e citações de versos do poema (SVF 1.527a-f); ver
fragmentos imediatamente anteriores de Vetio Valente e o anônimo “De scientia politica” (= Ad SVF Cl.phys.theo. 11-
12).

261. Eus. PE. 6.7.38.2-41.4

Watanabe f 48; Ad SVF Cleanthis physicam et theologiam (14)

ἀλλ' οὐ σπεύδομεν, ὦ Ἄπολλον, ἀλλ' ἐλαινόμεθα, οὐδὲ ἀτασθαλίαις, ἀλλὰ
τῇ ὑμετέρᾳ ἀνάγκῃ. τὸν δὲ Λυκοῦργον ἐκεῖνον πῶς, ὦ Ἄπολλον, ἐπαινεῖς,
ὃς οὐκ ἦν ἀγαθὸς οὔτε ἐκὼν οὔθ' ἐλόμενος, ἀλλ' ἄκων; εἶπερ που καὶ
γίνεται τις ἀγαθὸς ἄκων. ἔοικε δὲ ὁ νῦν ποιεῖτε, ὥς εἴ τις τοὺς μὲν καλοὺς
τὰ σώματα ἐπαινοῖ καὶ γεραίροι, τοὺς δὲ αἰσχροὺς ψέγοι καὶ κολάζοι.
¶δίκαια γὰρ εἶποien ἂν πρὸς ὑμᾶς οἱ πονηροί, ὅτι οὐκ ἐπετρέψατε ἡμῖν, ὦ
θεοί, ἀγαθοῖς γίνεσθαι, οὐ μόνον δέ, ἀλλὰ καὶ ἐβιάσασθε εἶναι πονηροὺς·
οἱ τε ἀγαθοὶ εἰ ἐξηγκωνισμένοι περιπατοῖεν, οὐκ ἐπιτρέψει τις αὐτοῖς, ἀλλὰ
φήσει· ὦ Χρύσιππε τε καὶ Κλέανθες καὶ ὅσοι τούτου τοῦ χοροῦ (ὕμεῖς γὰρ
πεποίησθε εἶναι ἀγαθοί), ἐγὼ μὲν ἀρετὴν ἐπαινῶ, ὑμᾶς δὲ τοὺς ἐναρέτους
οὐκ ἐπαινῶ.¶

Tradução

Não nos apressamos, Apolo, contudo, senão que somos arrastados, e não pela loucura,
mas por vossa necessidade. E como, Apolo, elogias aquele Licurgo, o qual não era bom
voluntariamente e por escolha, senão involuntariamente? Isso se, todavia, jamais alguém
tenha se tornado bom involuntariamente. O que ora fazeis, parece, é como se alguém
elogiasse e premiasse os belos em relação ao corpo, e culpasse e castigasse os feios. ¶ Os
maus vos diriam, com efeito, coisas justas assim, que “não nos permitis, deuses, que nos
tornemos bons, e não só isso, como que nos forçastes a ser maus.” E os virtuosos, se
andarem por aí fazendo volteios, alguém não os permitirá, mas dirá: “Crisipo e Cleantes e
quantos forem desse bando, vós fostes feitos então para serem bons, e eu elogio a virtude,
porém não vos elogio, portadores da virtude.¶

262. Lactant. Epitome divinarum institutionum 4

Watanabe f 54(a²); Ad SVF Cleanthis physicam et theologiam (15)

¶ longum est recensere quae de summo deo vel Thales vel Pythagoras et ^w f 54(a²)
Anaximenes antea vel postmodum Stoici, Cleanthes et Chrysippus et
Zenon, vel nostrorum Seneca Stoicos secutus et ipse Tullius praedicaverint,
cum hi omnes et quid sit deus definire temptaverint et ab eo solo regi
mundum adfirmaverint nec ulli subiectum esse naturae, cum ab ipso sit
omnis natura generata.¶

Aparato

3 praedicaverint : praedicaverunt H

4 cum hi : eum hii T

6 post generata intercidisse docuerint vel dixerint Brit.

Tradução

W é longo retomar o que se terá predicado sobre o deus ou por Tales ou Pitágoras e Anaxímenes antes ou posteriormente os estoicos, Cleantes e Crisipo e Zenão, ou um dos nossos, Sêneca que seguiu os estoicos, e de mesmo modo Túlio, enquanto todos eles tentarão definir o que deus é e afirmarão que o universo é regido somente por ele e que ele não é submetido a nenhum outro ser, enquanto toda a natureza é por ele mesmo gerada. W ^w f 54(a²)

263. Phld. Piet. col.1.1-2.28

Watanabe f 51B, f 51B(1)(2); ad SVF Cleanthis physicam et theologiam (16)

W [col.1.1]

^w f 51B(1)

Ἀφρο-]

δείτην δύναμιν

οὔσαν συναπτικὴν

οἰκείως τῶν μερῶ[v]

πρὸς ἄλληλα καὶ ἐκ

[.....]ων, τὴν δ' ἀνα-

[τολὴν το]ῦ ἡλ[ι]ου καὶ κυ-

[κλοτε]ρῇ περίοδ[o]ν

[Ἀπόλλ]ωνα, τὸ δρε ἦν[

[.....] κοινὸν ἔχον [

[.....]αι τ. μετὰ ῥευ- W

W[col.1.31] πον Διόν[υσον], τ[ο]ῦς

δὲ ὀρθοὺς λ[όγ]ους καὶ

^w f 51B(2)

σπουδαίας διαθέ-

σεις Διοσκούρους,

τὸ δὲ ἤδη δύνασ-

θαι λέγειν Λήδαν

ἀντὶ τοῦ Λεγέδαν

[....] σπουδίαν

ζ[ήτησι]ν καθ.ελεῖν

[.....]ευγε

ν[.....] [.] ιταιW

^w f 51B

W[col.2.8]

[...γ]ράψας Κλεάν-

[θης...] σα ο δ' Ἀπόλ-

[λ-.....] ε [.] [.]ε

[...]ετ[...] γιν[.]λ[

[.....] [.] ας

[.....]αποτ [

]αιτον[

]νθ [

[.....]

[.....]

[.....]

[col.2.19]

] σωτήρας
] τασεδε
] ζωῆι παρ
] σα [.....]νευ
] [.]φι[.....]ν θυσι
 Λόγον ηγου[....]πασε[
 ἐν [τ]ῷ κόσμ[...]
 καὶ τὸν ενα[...]
 πον αποτ [....]
 θαι. Περσσαι[ῖος δὲ δ]ῆ-ῶ

Aparato
 Col.2 l.16-18 desunt

Tradução

ῶ [col.1.1] Afrodite é normalmente a capacidade ajustadora das partes umas às outras e a partir (...) o nascer do Sol e (chama de) Apolo o ciclo circular, (...) tendo o comum as ῶ (...)

^w ad f51B(1)

ῶ[col.1.31] (chama de) Dionísio os discursos corretos e as disposições honestas, (chama de) Dióscuros, e a já em relação à capacidade de falar, (chama de) Leda, em lugar de “Fala, Zeus” (*Legé Dan*) (...) busca expedita a investigação ῶ (...)

^w ad f51B(2)

ῶ[col.2.8] Cleantes, tendo escrito, (...) Apolo (...) [col.2.19] salvadoras (...) destas (...) viva junto a (...) a Razão governante (...) no universo (...) e o uno (...). Perseu decertoῶ

^w f 51B

Comentário

b. segundo Watanabe (p. 151-154), esse fragmento deve ser lido como contendo material similar ao de Cic. 1.36-41 (= SVF 1.530, 1.531b, 1.532b, 1.534a; LS 54B; Watanabe f 51A; BS 17.1); no entanto, neste caso, pode ser útil também analisar o conjunto de etimologias filosóficas de Cleantes (SVF 1.538, 540-547, Ad SVF Cl.phys.theo.10)

d. Δάν = Ζεῦς, LSJ s.v.

264. Cic. ND 2.63

Watanabe f 60¹; Ad SVF Cleanthis physicam et theologiam (17)

ῶ Alia quoque ex ratione et quidem physica magna fluxit multitudo deorum, qui induti specie humana fabulas poetis suppeditaverunt, hominum autem vitam superstitione omni referserunt. atque hic locus a Zenone tractatus post a Cleanthe et Chrysippo pluribus verbis explicatus |5|est. Nam vetus haec opinio Graeciam opplevit, esse exsectum Caelum a filio Saturno, vinctum autem Saturnum ipsum a filio Iove: physica ratio non inelegans inclusa est in impias fabulas. ῶ

^w f 60¹

Aparato

1 quidem est B² : quid est B¹

2 induti dett. Rom. : inducti cett.

3 vitam : vita H

4 tractatus: tractatur F

5 Graeciam : Graecia N opplevit esse coni. Plasberg ex Heinsii : opplevisse V¹ : opplevisset AHBFM : opplevit PV³ : opplevit scilicet dett. Rom., Ven. : opplevit sed V²N | Caelum : Caelium V²

6 Satumo : Saturnum B¹

7 inelegans : elegans B 1 | inclusa : incussa B¹ : incussa est D²F | impias : impia H | fabulas : fabula H²

Tradução

ῶ A partir de outro raciocínio também, decerto com uma grande ciência física, fluiu uma multidão de deuses, os quais, revestidos com um aspecto humano, supriram os poetas com enredos, porém abarrotaram a vida dos homens com todo tipo de superstições. Pois bem, este tema foi tratado por Zenão, e depois com um número maior de palavras Cleantes e Crisipo o desenvolveram. Então encheu a Grecia a antiga crença de que o Céu foi castrado por seu filho Saturno, e que, por sua vez, Saturno foi acorrentado por seu filho Júpiter. Em enredos ímpios se confinou um raciocínio físico em nada deselegante. ῶ

^w f 60¹

265. Cic. ND 3.63

Watanabe *f* 60²; Ad Cleanthis physicam et theologiam (18)

W Magnam molestiam suscepit et minime necessariam primus Zeno post *w f* 60²
Cleanthes deinde Chrysippus, commenticiarum fabularum reddere
rationem, vocabulorum cur quidque ita appellatum sit causas explicare. W

Aparato

3 cur add sup. B | quidque ex quique B : quique NHPVN | appellatus P : appellatus ex appellantur V :
appellati sint N

Tradução

W Uma grande moléstia e a mais desnecessária Zenão promoveu, depois Cleantes e *w f* 60²
finalmente Crisipo, ao oferecer razões para fábulas fictícias, ao explicar as causas dos
vocábulos, o porque de cada coisa se chamar assim. W

Comentário

Por uma questão de brevidade, deve-se concentrar em alguns fragmentos apenas:

- (a) “Hino a Zeus” como poema filosófico em diálogo os “Versos dourados pitagóricos”;
- (b) cosmologia cleanteana e Heráclito;

(a) O “Hino a Zeus” é a maior porção de texto transmitida até a Modernidade de autoria de um estóico antigo. É uma composição de natureza mista e bipartite – filosófica e religiosa – em que a linguagem metrificada e o repertório oriundo dos mitos servem como elemento de transição e sustentação²²⁵. A noção mesma de ‘hino’ neste contexto é suficiente para evocar a religião, o culto e uma determinada tradição literária. No que toca à estrutura, como ocorre em outros hinos, existe uma tripartição básica: invocação; argumento (e narrativa); prece com pedidos. Cada uma dessas partes possui uma função específica²²⁶:

²²⁵ Thom (2005, *passim*) prefere tratar do poema como uma composição tripartite (filosófica, religiosa e literária), porém os aspectos relativos à tradição hínica dactílica gregas apenas com um esforço de abstração poderia ser descolada do contexto religioso e mítico. Essa abstração é desnecessária e a própria obra de Thom prescinde dessa divisão. Tal afirmação não deve ser lida como excluindo uma tradição hínica não-dactílica. Sobre as hipóteses de reconstrução do v.30, Thom, 2005, *ad loc*. A proximidade de conteúdo e paralelismo de argumentos entre os versos 24-30 “Hino” e os versos 54-58 “Versos dourados pitagóricos” ainda fazem com que a melhor escolha seja pensar que quem persegue falsos bens é lançado como pedra rolada de um lado ao outro.- cf. Thom, 1994.

²²⁶ Baseado em Thom (2005, p.14-15) com pequena modificação.

Versos	tema	subtema
1-6	1. Invocação: louvor a Zeus	
1-3a		A. Zeus como governante
1-2a		A.1. Epítetos de sua sublimidade
2b		A.2. Descrição do governo: pela lei
3a		A.3. Cumprimento hínico
3b-6		B. Louvor é a resposta adequada ao governo de Zeus
3b		B.1. Nossa obrigação de direito de endereçá-lo
4-5		B.2. Razão: a posição privilegiada dos humanos na natureza
6		B.3. Consequência: o poeta louva o poder de Zeus
7-31	2. Argumento: o governo de Zeus e a recalcitrância humana	
7-17		A. Descrição do governo de Zeus
7-14		A.1. A obediência da natureza
15-17		A.2. Transição: contraste entre a natureza e o comportamento humano
18-21		B. Zeus restaura a ordem e cria harmonia a partir do conflito
18-19		B.1. Ordem a partir da desordem
20-21		B.2. Unidade na pluralidade, a razão universal
22-31		C. A recalcitrância humana
22-25		C.1. As pessoas vis rejeitam a razão universal
26-31		C.2. A busca contínua por objetivos de vida divergentes e equivocados
32-39	3. Prece: liberação e compreensão (<i>insight</i>)	
32-35		A. Rogo por liberação e compreensão
32		A.1. Epítetos exprimindo o poder e a beneficiência de Zeus
33-35		A.2. Petição
36-39		B. O propósito da prece por liberação e compreensão
		B.1. Honrar a Zeus pela honra que nos foi conferida
		B.2. Maneira: louvor constante de suas obras
		B.3. Razão: dever do mortal e altíssimo privilégio de louvar a lei universal

As modificações propostas ao esquema apresentado por Thom serviriam mais para enfatizar o sentido de composição em anel (*Ringskomposition*), B.1-B.3 sendo praticamente um convite a recomençar o hino. Em relação à forma de endereçamento ao deus, o poeta o faz diretamente (*Du-Stil*)²²⁷. Está composto, portanto, em 39 versos de hexâmetros, dos quais quase todos estão preservados²²⁸. Cleantes lança mão de elementos tradicionais dos hinos para enfatizar a sinergia existente entre suas soluções teológicas e a

²²⁷ Macedo, 2010, p. 204.

²²⁸ Com exceção do v. 11, onde falta uma *mora* no quinto pé e o último pé, e do v.30, onde falta o primeiro hemistíquio.

forma de culto consolidada nos hinos²²⁹. Os aspectos hínicos a que se faz referência são métrica e dicção²³⁰, estrutura²³¹. E a estrutura é aquela apresentada anteriormente.

Nos dois hinos contidos nesse *corpus* (SVF 1.527a-f, 537) a forma de endereçamento ao deus sugere proximidade. Nessa forma de diálogo com Zeus, utilizando a segunda pessoa do singular, o eu-lírico (poeta-filósofo ou sacerdote-filósofo) sistematicamente insta e se aproxima ao máximo de Zeus. No caso do pequeno hino, logo no primeiro verso um imperativo endereçado a Zeus, “ἄγου δέ μ’”, e uma invocação ao destino pelo pronome de 2ª pessoa, “σύ”.

No “Hino a Zeus” dirige-lhe três imperativos (v.33-4): “ρύου”, infectum imperativo médio-passivo, “σκέδασον”, aoristo imperativo ativo, “δός”, aoristo imperativo ativo. Esses usos estariam reforçados pelos vocativos: v.1-2: “Κύδιςτ’... πολυώνυμε, παγκρατὲς /Ζεῦ... ἀρχηγέ”; v.32 “Ζεῦ πάνδωρε, κελαινεφές, ἀρχικέραυνε”²³². A análise isolada da prece (v. 32-39) levaria a crer se tratar aqui de uma prece de tipo *da ut dem*, pois as recompensas em honra e cantos dependeria concretamente da proteção e auxílio dados por Zeus. Todavia a leitura mais atenta neste caso mostra a dependência de todo comércio cultural entre homens e Zeus condicionada pela afirmação de que somos de sua estirpe (v.4). Portanto, o mais correto seria pensar em um pedido de primeiro tipo, justificado por uma relação de reciprocidade que transcende o marco tradicional.

A interlocução entre o poema épico astronômico de Arato de Sólis²³³, “Fenômenos”, e o “Hino a Zeus” serve como introdução às bases filosóficas da composição cleanteana.

²²⁹ Um exemplo muito claro disso é o uso do *tópos* hínico da coincidência e união entre opostos (tempos e lugares cosmológicos opostos unificados no momento e local do culto e do hino) em sinergia com a doutrina estoica da harmonia de contrários no universo pela ação da razão divina. Outro exemplo seria o uso feito por Cleantes.

²³⁰ Em relação à dicção, o hino religioso da tradição grega é marcado pelo uso de vocabulário arcaizante e de flexões nominais remissivas dos versos hexâmetros de Homero e do dialeto jônico. São exemplos de flexões nominais arcaicas do dativo plural: πάντεσσι e θνητοῖσι (v.3), φάεσσι (v.13) σφετέραισιν (v.17) κακοῖσιν (v.20). É um exemplo de forma épica do pronome σύ o genitivo σεῖο (v.8). O comentário feito diretamente fragmento mostra outros exemplos de interlocução entre este poema helenístico e a tradição poética prévia, especialmente os “Hinos Homéricos”.

²³¹ O manual de West sobre metro grego (1982) é a principal referência aqui; sobre hinos gregos, especificamente, utilizou-se dos textos de Furley sobre tipos de hinos gregos (1986) e seu livro publicado com Jan Bremer sobre hinos (2001).

²³² A divisão proposta por Bremer (1981: 196) para analisar os pedidos presentes nos hinos se reduz a dois tipos: *da quia dedisti* (“dá, porque ou como outrora me deste”); *da ut dem* (“dá para que eu te dê”) ou *da ut dare possim* (“dá para que eu possa dar”). Esses tipos servem para identificar a estratégia de fundamentação do pedido ao deus endereçado em cada hino. Enquanto o primeiro tipo de pedido se baseia em algum pacto estabelecido entre as partes no passado para rogar por uma nova dádiva no presente, o segundo tipo está calcado na retribuição futura.

²³³ Arato é um escritor filo-estoico, cuja formação se deu em Atenas no Liceu e no Pórtico.

Arato é um poeta em atividade na corte de Antígono, em Pela. Seu poema certamente foi lido na escola. Dionísio trânsfuga imita seu estilo (DL 7.166). Ambos os poemas encerram pontos de doutrina estoica: a tensão entre politeísmo e monoteísmo, resolvida com a noção de que Zeus é a divindade que comanda tudo e tem muitos aspectos²³⁴. Ele fixou um plano, indicado pelos verbos no perfeito, cabe aos verdadeiros amantes do saber interpretar seus sinais.

Κύδιστ' ἀθανάτων, πολυώνυμε, παγκρατὲς αἰεῖ,
(...)
τῷ σε καθυμνήσω καὶ σὸν κράτος αἰὲν αἰῶδω.
(...)
οὐδέ τι γίγνεται ἔργον ἐπὶ χθονὶ σοῦ δίχα, δαῖμον,
οὔτε κατ' αἰθέριον θεῖον πόλον οὔτ' ἐνὶ πόντῳ,
(...)
ἀλλὰ σὺ καὶ τὰ περισσὰ ἐπίστασαι ἄρτια θεῖναι,
καὶ κοσμεῖν τᾶκοσμα καὶ οὐ φίλα σοὶ φίλα ἐστίν.
ὧδε γὰρ εἰς ἓν πάντα συνήρμοκας (...)
ὥσθ' ἓνα γίγνεσθαι πάντων λόγον αἰὲν ἔόντα,
ὄν φεύγοντες ἑῶσιν ὅσοι θνητῶν κακοὶ εἰσι,
δύσμοροι, οἳ τ' ἀγαθῶν μὲν αἰεὶ κτῆσιν ποθέοντες
οὔτ' ἐσορῶσι θεοῦ κοινὸν νόμον, οὔτε κλύουσιν,
ὅ κεν πειθόμενοι σὺν νῷ βίον ἐσθλὸν ἔχοιεν.

Gloriosíssimo entre os imortais, de muitos nomes, onipotente sempre (...) Por isso te comporei um hino e tua potência sempre canto. (...) Nenhuma obra acontece sobre a terra sem ti, nune, /Nem na esfera celestial divina, nem no oceano,(...) Todavia tu tens a ciência de os ímpares arrumar em pares /E ordenar o desordenado, e o não amado para ti é amado/ Pois assim harmonizaste tudo no Uno, (...)/ De modo que a razão una e sempiterna de tudo vem a ser./ Dela fugindo a abandonam, quantos são os maus entre os mortais, /Malfadados, eles almejam sempre a aquisição de bens, /E não enxergam a lei comum de deus, nem a escutam, /Se a obedecessem, teriam uma vida boa, com inteligência.

(Hino a Zeus, v. 1, 6, 15-16, 18-25)

Ἐκ Διὸς ἀρχώμεσθα, τὸν οὐδέποτ' ἄνδρες ἐῷμεν
ἄρρητον· μεστὰ δὲ Διὸς πᾶσαι μὲν ἀγυαί,
πᾶσαι δ' ἀνθρώπων ἀγοραί, μεστή δὲ θάλασσα
καὶ λιμένες· πάντα δὲ Διὸς κεχρήμεθα πάντες.
(...)
Αὐτὸς γὰρ τά γε σήματ' ἐν οὐρανῷ ἐστήριζεν
ἄστρα διακρίνας, ἐσκένατο δ' εἰς ἐνιαυτὸν
ἀστέρας οἳ κε μάλιστα τετυγμένα σημαίνουσιν
ἀνδράσιν ὥρων, ὅφρ' ἔμπεδα πάντα φύωνται.
Τῷ μιν αἰεὶ πρῶτόν τε καὶ ὕστατον ἰλάσκονται.

Por Zeus começemos, que os homens nunca deixamos inominado. Providos de Zeus todos os caminhos e estão todos os foros humanos, e provido é o mar e portos; a todo momento, Zeus demandamos todos. (...)

Com efeito, ele firmou os sinais no céu separando constelações, previu para a passagem anual estrelas, e as mais fornidas sinalizassem aos homens as estações, de modo que tudo cresça como de raízes. Por isso a ele sempre ofertamos do princípio ao fim.

(Fenômenos, v. 1-4; 10-14)

Ambos os poemas, de formas diferentes, propõem a confluência em um único deus de todos os atributos e competências cosmológicos. Primeiramente, um deus que está em todas partes Há menção explícita aos sinais enviados por ele aos seres humanos, e há a noção, comum aos dois poemas, de que o homem pertence ao mesmo gênero de Zeus, “Τοῦ γὰρ καὶ γένος εἰμέν.” (Arat. v.5) *versus* “ἐκ σοῦ γὰρ γενόμεσθα” (SVF 1.537 v.4). Mais do que uma interlocução, tais elementos credenciam Arato como filo-estoico que exprime o conceito de deus da escola, ainda que sem o vocabulário heraclitiano de Cleantes, como se verá abaixo.

²³⁴ SVF 1.499c, Ad SVF Cl.phys.theo.9-10.

Os “Versos dourados pitagóricos” se comunicam fortemente com outra parte do “Hino” Sem discutir aspectos relativos à datação da composição pitagórica²³⁵. A composição pitagórica também consola o ser humano dizendo que ele pertence à estirpe de Zeus, “ἀλλὰ σὺ θάρσει, ἐπεὶ θεῖον γένος ἐστὶ βροτοῖσιν” (v. 63). Cleantes pede a Zeus entendimento, bom julgamento, γνώμη (v. 35), enquanto a composição pitagórica promete a γνώμη a quem seguir seus preceitos, como um auriga de sua alma (v.69). A afinidade é palpável ao reler as passagens anteriores do “Hino” e comparar também os grupos:

αὐτοὶ δ' αἰὲρ ὁρμῶσιν ἄνοι κακὸν ἄλλος ἐπ' ἄλλο,
οἱ μὲν ὑπὲρ δόξης σπουδὴν δυσέριστον ἔχοντες,
(...)

..... ἐπ' ἄλλοτε δ' ἄλλα φέρονται
σπεύδοντες μάλα πάμπαν ἐναντία τῶνδε
γενέσθαι./ ἀλλὰ Ζεῦ πάνδωρε, κελαινεφές,
ἀρχικέραυνε, / ἀνθρώπους [μὲν] ῥύου
ἀπειροσύνης ἀπὸ λυγρῆς, / ἦν σὺ, πάτερ,
σκέδασον ψυχῆς ἄπο, δὸς δὲ κυρῆσαι / γνώμης, ἣ
πίσυνος σὺ δίκης μέτα πάντα κυβερνᾷς,

Mas de novo eles se precipitam sem virtude cada qual em algo distinto/ Uns demonstrando um esforço beligerante por fama, (...)

..... **e em outro momento são trazidos a outras coisas** / Arrojando-se, elas se transformam totalmente em suas opostas/ Zeus, todavia, todo dádiva, de negras nuvens, soberano do raio./ Protege os humanos dessa perniciosa ruína./ Dispersa-a tu, pai, para longe de nossa alma e dá a capacidade de obter/ O bom juízo, pelo qual confiante tu governas tudo com justiça,

(Hino a Zeus, v. 26-27, 30-35)

Τούτων δὲ κρατήσας
γνώσει αἰθανάτων τε θεῶν θνητῶν τ' ἀνθρώπων
σύστασιν, ἣ τε ἕκαστα διέρχεται, ἣ τε κρατεῖται.
γνώσῃ δ', ἣ θέμις ἐστί, φύσιν περὶ παντός ὁμοίην,
(...)
γνώσῃ δ' ἀνθρώπους αὐθαίρετα πῆματ' ἔχοντας
τλήμονας, οἷτ' ἀγαθῶν πέλας ὄντων οὔτ' ἐσορῶσιν
οὔτε κλύουσι, λύσιν δὲ κακῶν παῦροι συνιᾷσιν.
τοίῃ Μοῖρᾳ αὐτῶν βλάπτει φρένας· οἱ δὲ κύλινδροι
ἄλλοι ἐπ' ἄλλα φέρονται ἀπείρονα πῆματ' ἔχοντες.
λυγρὰ γάρ συνοπαδὸς Ἴρις βλάπτουσα λέληθεν
σύμφυτος, ἦν οὐ δεῖ προάγειν, εἰκοντα δὲ φεύγειν.
Ζεῦ πάτερ, ἣ πολλῶν γε κακῶν λύσειας ἅπαντας,
εἰ πᾶσιν δείξαις, οἷψ τῷ δαίμονι χρῶνται.

Uma vez dominadas tais coisas/ Conhecerás dos imortais deuses e dos mortais humanos /a constituição, como ela pervade cada coisa bem como a domina./ Conhecerás, o que é direito, a natureza semelhante acerca de tudo, (...) Conhecerás que os humanos tem seus sofrimentos por escolha própria / Miseráveis, os quais, embora perto do que é bom, nem o veem / Nem o ouvem, poucos compreendem a solução dos males. /Tal Fado prejudica suas mentes; **e as pedras roladas /De um lado para o outro carregadas** tem sofrimentos infindos. /Pois a arruinadora companheira, Discórdia que os prejudica, sedissimula/ Em inata, não se deve preferir-la , senão fugir-lhe voluntariamente. / Zeus pai, se tu liberasses a todos dos decerto muitos males, /Se a todos mostrasses o nume tamanho que lhes coube.

(Versos dourados, v. 49b-52, 55-63)

São paralelos os seguintes temas: o ser humano tem algo em comum com deus, é de sua estirpe; o mal humano é causado por sua própria estupidez (ignorância); é possível conhecer o plano, a lei e a razão divina, desde que o ser humano se volte para eles, para contemplar e ativamente se engajar em sua realização, no caso estoico.

²³⁵ Ou eles antedatam o “Hino” (hipótese de Thom, 1994, p. 48-58) ou não, caso em que há um terceiro poema pitagórico no qual o “Hino” e os “Versos” se inspiraram (hipótese de Dragona-Monachou, 1971).

VIII. Fragmentos espúrios (SVF *Spuria*)

Esta seção não tem comentário, mas ainda é preciso justificar a inclusão dos fragmentos abaixo nesta tese, já que eles são considerados espúrios desde von Arnim. Primeiramente, por uma razão simples, como primeiro tratamento do *corpus* cleanteano em tradução comentada, julgou-se útil traduzí-los, por serem poucos e por não serem sem interesse para o estudo do resto dos textos.

São de interesse, em segundo lugar, justamente por mostrar como seu estudo não se restringe a enredos, lendas e mitos envolvendo heróis, semideuses e deuses, senão que podiam tratar de vidas e ditos de personagens históricas, já com o interesse moralizante²³⁶. No estoicismo primevo, segundo o testemunho de Diógenes Laércio, se escreveu sobre obras antigas, mas também sobre personagens: sobre questões homéricas (Zenão, Cleantes); comentários à Teogonia (Zenão); sobre Licurgo e Sócrates (Esfero); explicações de Heráclito (Cleantes, Esfero); sobre temas pitagóricos (Zenão). O grupo SVF 1.592-593abc,

O grupo SVF 1.594-596, de etiologias, são fragmentos provavelmente de Neantes de Cizico, um escritor contemporâneo de Aristóteles e discípulo do próprio Isócrates; também é o nome de outro escritor, contemporâneo do rei Atálo I²³⁷. A obra sobre lendas talvez seja mais bem atribuída a ele e em razão disso, von Arnim (ad loc.) suspeita que SVF 1.545 seja espúrio também.

(266) Anon. Certamen 19

Pearson C 67; SVF 1.592

°° // Ἑλλάνικος μὲν γὰρ καὶ Κλεάνθης Μαίονα λέγουσι (πατέρα Ὀμήρου).\\°° ° C 67 /SVF 1.592

Tradução

°° // Pois Helânico e Cleantes dizem que é Maíon (o pai de Homero) \\ °° ° C 67 /SVF 1.592

Comentário

c. Esse fragmento ecoa outras duas passagens de Proclo: “οἱ μὲν οὖν Σμυρναῖον αὐτὸν ἀποφαινόμενοι Μαίονος μὲν πατὴρ λέγουσιν εἶναι, γεννηθῆναι δὲ ἐπὶ Μέλῃτος τοῦ ποταμοῦ, ὅθεν καὶ Μελησιγενῆ ὀνομασθῆναι, δοθέντα δὲ Χίοις εἰς ὁμηρεῖαν Ὀμηρον κληθῆναι”, Chrestomatia (Dub) Epitome 2.13-16; “Ἑλλάνικος δὲ καὶ Δαμάστις καὶ Φερεκύδης εἰς Ὀρφέα τὸ γένος ἀνάγουσιν αὐτοῦ. Μαίονα γὰρ φασὶ τὸν

²³⁶ Em seu “Sobre o bronze” (DL 7.14 = SVF 1.589), fazia observações muito minuciosas sobre seu mestre a fim de mostrar como se comportava em multidão.

²³⁷ Brill’s New Pauly “Neanthes”, 2011 (online).

Ὁμήρου πατέρα καὶ Δῖον τὸν Ἡσιόδου γενέσθαι Ἀπέλλιδος τοῦ Μελανώπου τοῦ Ἐπιφράδεος τοῦ Χαριφήμου τοῦ Φιλοτέρπεος τοῦ Ἰδμονίδεω τοῦ Εὐκλέος τοῦ Δωρίωνος τοῦ Ὀρφέος.”, Chrestomatia (Dub) Epitome 2.19-23

(267) Porph. VP. 1.4-2.10

Pearson C 68a; SVF 1.593a

°° // Κλεάνθης ἐν τῷ πέμπτῳ τῶν fragmenta Μυθικῶν Σύρον, ἐκ Τύρου τῆς Συρίας (scil. Mnesarchum, patrem Pythagorae). σιτοδείας δὲ καταλαβούσης τοὺς Σαμίους προσπλεύσαντα τὸν Μνήσαρχον κατ' ἐμπορίαν μετὰ σίτου τῇ νήσῳ ἀποδόμενον τιμηθῆναι πολιτείᾳ. Πυθαγόρου |5|δ' ἐκ παίδων εἰς πᾶσαν μάθησιν ὄντος εὐφυοῦς, τὸν Μνήσαρχον ἀπαγαγεῖν αὐτὸν εἰς Τύρον, ἐκεῖ δὲ τοῖς Χαλδαίοις συστάντα μετασχεῖν τούτων ἐπὶ πλεῖον ποιῆσαι, ἐπανελθόντα δ' εἰς τὴν Ἰωνίαν ἐντεῦθεν τὸν Πυθαγόραν πρῶτον μὲν Φερεκύδη τῷ Συρίῳ ὁμιλῆσαι, δεύτερον δ' Ἑρμοδάμαντι τῷ Κρεωφυλείῳ ἐν Σάμῳ ἤδη γηράσκοντι. λέγει δ' ὁ |10|Κλεάνθης ἄλλους εἶναι οἱ τὸν πατέρα αὐτοῦ Τυρρηγνὸν ἀποφαίνονται τῶν τὴν Λῆμνον ἐποικισάντων, ἐντεῦθεν δὲ κατὰ πρᾶξιν εἰς Σάμον ἐλθόντα καταμεῖναι καὶ ἀστὸν γενέσθαι. πλέοντος δὲ τοῦ Μνησάρχου εἰς τὴν Ἰταλίαν συμπλεύσαντα τὸν Πυθαγόραν νέον ὄντα κομιδῇ σφόδρα οὕσαν εὐδαίμονα καὶ τόθ' ὕστερον εἰς αὐτὴν ἀποπλεῦσαι. καταλέγει δ' αὐτοῦ καὶ ἀδελφοὺς δύο, Εὐνοστον καὶ Τυρρηγνὸν πρεσβυτέρους. \ \ °°

° C 68a
/SVF 1.593a

Aparato

1 Κλεάνθης SVF : Νεάνθης Nauck

10 Κλεάνθης SVF : Νεάνθης Nauck

Tradução

°° // Cleantes em seu quinto livro dos “Mítico (fragmentos)”, dizia ser de Tiro na Síria (Mnesarco, pai de Pitágoras). Quando uma carestia arrebatou os habitantes de Samos, Mnesarco desembarcou na ilha para o comércio de grãos, uma vez tudo vendido, foi honrado pela cidade. Pitágoras tinha talento para aprender em todos os campos desde a infância, Mnesarco o levou a Tiro e lá o confiou aos Caldeus, ele tirou muito proveito frequentando-os. Retornando à Jônia de lá, Pitágoras primeiro se associou a Ferecides, da Síria, depois em Samos a Hermodamas, de Creofila, já em idade avançada. Cleantes diz também haver alguns que acreditavam ser tirreno o pai dele, dos que colonizaram Lemno, de lá partindo a negócios para Samos, onde permaneceu e se tornou cidadão. Quando Mnesarco navegou rumo a Itália o jovem Pitágoras ia junto, encontrou um lugar certamente muito próspero, assim como (Pitágoras) quando posteriormente retornou para lá. É dito ademais por ele que tinha dois irmãos, Eunosto e Tirreno, mais velhos. \ \ °°

° C 68a
/SVF 1.593a

(268) Clem. Strom. 1.14.62.1.1-3.1; 63.2.1;

Pearson C 68b; SVF 1.593b; Watanabe t 5(2)

⚭ Φιλοσοφίας τοίνυν μετὰ τοὺς προειρημένους ἄνδρας τρεῖς γεγόνασι διαδοχαὶ ἐπώνυμοι τῶν τόπων περὶ οὓς διέτριψαν, Ἰταλικὴ μὲν ἢ ἀπὸ Πυθαγόρου, Ἰωνικὴ δὲ ἢ ἀπὸ Θαλοῦ, Ἑλεατικὴ δὲ ἢ ἀπὸ Ξενοφάνους. Πυθαγόρας μὲν οὖν Μνησάρχου Σάμιος, ὥς φησιν Ἰππόβοτος, ὥς δὲ Ἀριστόξενος ἐν τῷ Πυθαγόρου βίῳ καὶ † Ἀρίσταρχος καὶ Θεόπομπος, Τυρρηγνὸς ἦν °° // ὥς δὲ Κλεάνθης. Σύριος ἢ Τύριος \ \ °°, ὥστε εἶναι κατὰ τοὺς πλείστους τὸν Πυθαγόραν βάρβαρον τὸ γένος. (...) Ἀναξίμανδρος δὲ Πραξιάδου Μιλήσιος Θαλῆν διαδέχεται (...) Κράτητος δὲ Ζήνων ὁ Κιτιεὺς ὁ τῆς Στωϊκῆς ἄρξας αἰρέσεως γίνεται μαθητής. τοῦτον διαδέχεται

⚭ t 5(2)

° C 68b
/SVF 1.593b

Κλεάνθης, ὃν Χρύσιππος καὶ οἱ μετ' αὐτόν.ῥ

Aparato

3 Νεάνθης Stählin et Watanabe : Κλεάνθης Pearson et SVF

Tradução

ῥ Donde a filosofia após os homens mencionados anteriormente haver se consolidado em três linhas sucessórias, batizadas segundo os lugares nos quais elas perduraram, itálica é aquela oriunda de Pitágoras, jônica é oriunda de Tales, eleática oriunda de Xenófanes. Pitágoras, portanto, era filho de Mnesarco de Samos, como diz Hipóboto, assim como Aristóxeno em seu “Vida de Pitágoras” e Aristarco e Teopompo, era tirreno (etrusco) °//como diz Cleantes. Era da Síria ou de Tiro \ \ ° de tal modo a ser Pitágoras bárbaro, segundo a maioria, em relação a sua estirpe. (...) O milésio Anaximandro, filho de Praxiádes, sucedeu a Tales (...) Zenão, o citieu, iniciador do estoicismo (*ho tēs Stōikēs árksas hairéseōs*) se tornou discípulo de Crates. Cleantes sucedeu a esse, o qual Crisipo sucedeu e os que vieram depois dele. ῥ

ῥ t 5(2)

° C 68b

/SVF 1.593b

Comentário

d. Arnim, provavelmente influenciado pelos fragmentos imediatamente anterior e posterior (1.593a e 1.593c), passa por alto o ponto final proposto por Stählin, entre ‘Νεάνθης’ e ‘Σύριος’.

(269) Theod. GAC 1.24.7-8

Pearson C 68c; SVF 1.593c

°° // ὁ δὲ Κλεάνθης Τύριον (Πυθαγόραν) ὀνομάζει. \ \ °°

° C 68c

/SVF 1.593c

Aparato

1 Κλεάνθης SVF : Νεάνθης Canivet

Tradução

°° // Cleantes alcunhava (Pitágoras) como 'de Tiro'. \ \ °°

° C 68c

/SVF 1.593c

(270) Ps-Plut. De fluv. 5.3

Pearson C 69; SVF 1.594

°° // παράκειται δ' [αὐτῷ] τὸ Καυκάσιον ὄρος· ἐκαλεῖτο δὲ τὸ πρότερον Βορέου κοίτη δι' αἰτίαν τοιαύτην. Βορέας δι' ἐρωτικὴν ἐπιθυμίαν Χιόνην ἀρπάσας, τὴν Ἀρκτούρου θυγατέρα, κατήνεγκεν εἰς τινὰ λόφον, Νιφάντην καλούμενον, καὶ ἐγέννησεν ἐκ τῆς προειρημένης υἱὸν Ὑρπακα, τὸν |5| διαδεξάμενον Ἡνιόχου τὴν βασιλείαν. μετωνομάσθη δὲ τὸ ὄρος κοίτη Βορέου. προσηγορεύθη δὲ Καύκασος διὰ περίστασιν τοιαύτην. μετὰ τὴν γιγαντομαχίαν Κρόνος, ἐκκλίνων τὰς Διὸς ἀπειλὰς, ἔφυγεν εἰς τὴν ἀκρόρειαν Βορέου κοίτης, καὶ εἰς κροκόδειλον μεταμορφωθείς ἔλαθεν· ὁ δὲ Προμηθεὺς ἕνα τῶν ἐγχωρίων ποιμένα, Καύκασον, ἀναταμών, καὶ |10| κατανοήσας αὐτοῦ τὴν διάθεσιν τῶν σπλάγχνων, εἶπεν οὐ μακρὰν εἶναι τοὺς πολεμίους. ὁ δὲ Ζεὺς ἐπιφανεὶς τὸν μὲν πατέρα δῆσας πλεκτῷ ἐρίῳ κατεταρτάρωσε· τὸ δ' ὄρος εἰς τιμὴν τοῦ ποιμένου Καύκασον μετονομάσας, προσέδωκεν αὐτῷ τὸν Προμηθεῖα καὶ ἠνάγκασεν αὐτὸν ὑπὸ σπλαγχνοφάγου ἀετοῦ βασανίζεσθαι, ὅτι παρηνόμησεν εἰς τὰ σπλάγχνα, |15| ὥς ἴστωρεῖ Κλεάνθης ἐν γ' θεομαχίας γεγραφώς. \ \ °°

° C 69

/SVF 1.594

Tradução

°° // diante dele se ergue o Monte Cáucaso. Teria sido chamado em primeiro lugar de 'leito

° C 69

de Bóreas' por esta causa: Bóreas por desejo sexual raptou Quione, a filha de Arcturo, carregando,a até um cume, chamado Nifante, concebeu com a mencionada o filho Hirpax, que sucedera a Enioco (Auriga) no reino. O monte foi renomeado 'Leito de Bóreas'. Foi nomeado Cáucaso pela seguinte circunstância: Cronos, após a gigantomaquia, evitando as ameaças de Zeus, fugiu até o platô do leito de Bóreas, e metamorfoseado em crocodilo passou despercebido. Tendo morrido um dos pastores locais, [de nome] 'Cáucaso', Prometeu investigou a situação de suas vísceras e disse que os culpados não estavam longe. Zeus apresentou,se e amarrou o pai com uma corda robusta, o lançou no Tártaro. O monte em homenagem ao pastor foi renomeado 'Cáucaso', ao qual ele acorrentou Prometeu e o submeteu ao suplício da águia que lhe devorava as vísceras, porque descumpriu a norma em relação ao exame das vísceras, como observa Cleantes no terceiro livro de seu escrito "Teomaquia". \

/SVF 1.594

(271) Ps-Plut. De fluv. 5.4

Pearson C 70; SVF 1.595

°° // γεννᾶται δ' ἐν αὐτῷ (Caucaso) βοτάνη Προμήθειος καλουμένη, ἣν Μήδεια συλλέγουσα καὶ λειοτριβοῦσα πρὸς ἀντιπαθείας τοῦ πατρὸς ἐχρήσατο, καθὼς ἱστορεῖ ὁ αὐτός (scil. Cleanthes). \

° C 70
/SVF 1.595

Tradução

°° // nascia nele (Cáucaso) uma grama chamada 'Prometeia', a qual Medeia colheu e reduziu a pó, utilizando então como antídoto para o sofrimento paterno, conforme ele (Cleanthes) diz. \

° C 70
/SVF 1.595

(272) Ps-Plut. De fluv. 17.4

Pearson C 71; SVF 1.596

°° // γεννᾶται δ' ἐν αὐτῷ (Taygeto) βοτάνη καλουμένη Χαρισία ἣν <αἱ> γυναῖκες ἕαρος ἀρχομένου τοῖς τραχήλοις περιάπτουσι καὶ ὑπὸ τῶν ἀνδρῶν συμπαθέστερον ἀγαπῶνται· καθὼς ἱστορεῖ Κλεάνθης ἐν α' περὶ ὀρῶν. \

° C 71
/SVF 1.596

Tradução

°° // nascia nele (Taigeto) uma grama chamada Carísia, com a qual as mulheres no começo da primavera cingiam o colo e eram amadas com mais ardor pelos homens, conforme Cleanthes diz no primeiro livro de "Sobre os montes". \

° C 71
/SVF 1.596

CONCLUSÃO

Muito resta ainda a ser feito para acabar uma visão completa sobre o pensamento e a obra de Cleantes de Assos. Espera-se, com esta tese, haver contribuído para retomar a visão do conjunto de seus textos de maneira sistemática. A consolidação de todos os textos que o citam feita aqui é tributária de todos os estudiosos que precederam. A abordagem propriamente filosófica de todos os textos coletados nesta tese precisa de aprimoramento, como já se disse.

Duas conclusões gerais devem ser retiradas deste trabalho: o filósofo Assio não é mais não é mais teólogo do que investigador teológico. A proficiência que demonstra no uso das formas literárias, especialmente aquelas conectadas à tradição religiosa helênica, deve ser vista como realização de um programa mais amplo. Dentro dele, se trata de refundamentar e redirecionar o propósito daquelas formas literárias postas em xeque desde Platão. O “Hino a Zeus”, com justiça visto como exposição sintética da teologia e teodiceia estoicas, é dependente de uma visão sistemática e racional concomitantemente sobre retórica-poética, sobre física e sobre ética.

Em segundo, há pistas que apontam para a existência de um ramo historiográfico antigo que o associa à filosofia cínica antiga. Com isso, os dois maiores discípulos de Zenão, os dois maiores líderes da escola em meados do séc. 2 a.E.c., Aríston e Cleantes, ainda lidam com uma herança ambivalente, cínico-estoica. No caso de Cleantes:

(...) foi discípulo de Crates e depois de Zenão, do qual também se tornou sucessor, (...) e vindo a Atenas se tornou amante da filosofia, **e foi tão amante dos labores, que também era chamado de “segundo Héracles”** ²³⁸

Goulet-Cazé (2001, p.163-172), entre muitas coisas, faz uma sugestão interessante sobre a proximidade entre Héracles, como herói cínico desde Antístenes, e o conceito de virtude cleanteano como uma certa força, um vigor e tônus na alma. O uso do herói como alegoria do conceito de tônus, agora aplicado a todo o universo (Corn. TGC 62.23 = SVF 1.514), típica proposta de explicação de enredos míticos por razões físicas, é mais bem vista como desafio à ortodoxia cínica?

²³⁸ Suid. ‘Κλεάνθης’ (Adler, kappa 1711) (=Ad SVF Cl.vit.11).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS²³⁹

I. Edições de obras de autores antigos

AÉCIO DOXÓGRAFO

Placita

DIELS, H. (ed.) *Doxographi Graeci*. Berlin: Reimer, 1879 (repr. Berlin: De Gruyter, 1965)

ALEXANDRE DE AFRODÍSIA

In Aristotelis metereologicum libros commentaria

HAYDUCK, M. (Ed.) *Alexandri Aphrodisiensis in Aristotelis meteorologicorum libros commentaria* (Commentaria in Aristotelem Graeca 3.2). Berlin: Reimer, 1899.

In topicorum

WALLIES, M. (ed.) *Alexandri Aphrodisiensis in Aristotelis topicorum libros octo commentaria* (Commentaria in Aristotelem Graeca 2.2). Berlin: Reimer, 1891.

ANÔNIMO, AUTORIA INCERTA OU COLETIVA, COLETÂNEAS

Anthologia Palatina

PATON, W. R. (Ed.) *The Greek Anthology*, with an English translation. 5 vols. London: Heinemann, 1915-1927.

Certamen Homeri et Hesiodi

ALLEN, T.W. (Ed.) *Homeri opera*, v. 5. Oxford: Clarendon Press, 1912 (repr. 1969).

Corpus paroemiographorum Graecorum

LEUTSCH, Ernst von (Ed.). *Corpus paroemiographorum Graecorum*. 2 vols. Göttingen: Vandenhoeck et Ruprecht, 1851.

De scientia politica

MAI, A. (ed.) *Scriptorum veterum Nova Collectio e Vaticanis codicibus*. Tomus II. Roma, 1827.

MAZZUCCHI, C. M. (ed.) *Menae patricii cum Thoma referendario De scientia politica dialogus*, quae exstant in codice Vaticano palimpsesto. 2.ed. Milano: Università Cattolica del Sacro Cuore, 2002 (1.ed. 1982).

Gnomologium Vaticanum

STERNBACH, L. (ed.) *Gnomologium Vaticanum e codice Vaticano Graeco 743* (Texte und Kommentare 2). Berlin: De Gruyter, 1887 (repr. 1963).

239 Seguiu-se como modelo para a organização da bibliografia de autores antigos a coletânea de Boeri e Salles. A maioria das edições consultadas está de acordo com o canone do *Thesaurus Linguae Graecae* (TLG) e do *Packard Humanities Institute* (PHI). Sobre a transliteração e conversão de nomes antigos para o português moderno, em alguns casos não converto o fonema antigo ‘ti’ deliberadamente, nem as terminações em ‘-íon’.

Presocraticorum philosophorum fragmenta

DIELS, H.; KRANZ, W. (eds.) *Die Fragmente der Vorsokratiker*. 3 vols. 6. ed. Berlin: Weidmann, 1903. (reimp. 1912)

(Pseudo-Censorino) Censorini Fragmentum (epitome disciplinarum)

SALLMANN, Nicolaus (Ed.) *Censorini de die natali liber ad Q. Caerellium accedit anonymi cuiusdam epitoma disciplinarum*. Leipzig: B. G. Teubner, 1983.

(Pseudo-Galeno) Galeni De Historia Philosophica

DIELS, H. (ed.) *Doxographi Graeci*. Berlin: Reimer, 1879 (repr. Berlin: De Gruyter, 1965): 597-648. [=DDG]

(Pseudo-Galeno) Galeni Definitiones Medicae

KÜHN, C. G. (ed.) *Claudii Galeni opera omnia*, v. 19. Leipzig: Knobloch, 1830 (repr. Hildesheim: Olms, 1965): 346-462.

(Pseudo-Luciano) Luciani Macrobii

HARMON, A. M. (Ed.) *Lucian: Works with an English translation*. Cambridge, MA: Harvard University Press; London: Heinemann, 1913 (repr. 1961).

(Pseudo-Nonno) Scholia mythologica

SMITH, J. N. (ed.) (1992). *Pseudo-Nonniani in iv orationes Gregorii Nazianzeni commentarii*. Turnhout: Brepols.

(Pseudo-Plutarco) Plutarchi de fluviorum nominibus

MAUSSAC, Philippe Jacques de (Ed.) *Plutarchi Libellus de fluviorum et montium nominibus et de his, quae in illis inveniuntur*. Toulouse: Bosc, 1615

MÜLLER, K. (Ed.) *Geographi Graeci minores*, v. 2. Paris: Didot, 1861 (repr. Hildesheim: Olms, 1965).

(Pseudo-Plutarco) Placita philosophorum

MAU, J (ed.) *Plutarchi moralia*, v. 5.2.1. Leipzig: Teubner, 1971, p. 50-153.

Scholia in Dionysii Thracis artem grammaticam

HILGARD, A. (ed.) *Scholia in Dionysii Thracis artem grammaticam*. Leipzig: Teubner, 1901.

Scholia et glossae in Nicandri theriaca (scholia vetera et recentiora)

KEIL, H. (ed.) *Scholia in Nicandri theriaca*. Leipzig: Teubner, 1856.

CRUGNOLA, A. (ed.) *Scholia in Nicandri theriaca*. Milan: Istituto Editoriale Cisalpino, 1971.

Scholia in Iliadem (scholia vetera)

ERBSE, H. (ed.) *Scholia Graeca in Homeri Iliadem (scholia vetera)*, vols. 1-5, 7. Berlin: Gruyter, 1969-1988.

Scholia in Iliadem (scholia vetera) (= D scholia)

HEYNE, C. G. (ed.) *Homeri Ilias*. 2 vols. Oxford: Oxford University Press, 1834.

Scholia in Homeri Odysseam (scholia vetera)

DINDORF, W. (ed.) *Scholia Graeca in Homeri Odysseam*, 2 vols. Oxford: Oxford University Press, 1855 (repr. Amsterdam: Hakkert, 1962).

Tragicorum Graecorum fragmenta

NAUCK, A. (ed.) *Tragicorum Graecorum fragmenta*. Leipzig: Teubner, 1889 (repr. Hildesheim: Olms, 1964).

APÍON GRAMÁTICO

Fragmenta

STURZ, F. W. (ed.) *Etymologicum Graecae Linguae Gudianum et alia grammaticorum scripta e codicibus manuscriptis nunc primum edita*. Leipzig: Weigel, 1818 (repr. Hildesheim: Olms, 1973).

APOLÔNIO SOFISTA

Lexikon homericum

BEKKER, Immanuel (ed.) *Apollonii sophistae lexicon homericum*. Berlin: Reimer, 1833.

AQUILES TÁTIO

Isagoga in Arati Phaenomena

MAASS, Ernst (ed.) *Commentariorum in Aratum reliquiae*. Berlin: Weidmann, 1898.

ARATO

Fenômenos

BEKKER, I. (ed.) *Aratus cum Scholiis*. Berlin: G. Reimer, 1828.

DORDA, E. C. (ed.) *Arato, Fenómenos. Gémino, Introducción a los Fenómenos*. Madrid: Gredos, 1993.

KIDD, D. (ed.) *Aratus, Phaenomena*. Edited with introduction, translation and commentary. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

MAIR, G. R. (ed.) *Callimachus, Lycophron, Aratus*. London; New York: Heinemann; Putnam's Son, 1921.

MARTIN, J. (ed.) *Arati phaenomena*. Florence: La Nuova Italia Editrice, 1956.

ÁRIO DÍDIMO

Physica (fragmenta)

DIELS, H. (ed.) *Doxographi Graeci*. Berlin: Reimer, 1879 (repr. Berlin: De Gruyter, 1965), p. 447-472. [= DDG]

Liber de philosophorum sectis (epitome apud Stobaeum)

MULLACH, F. W. (ed.) *Fragmenta philosophorum Graecorum*, v. 2. Paris: Didot, 1867, p. 53-101.

ARISTÓTELES

Analytica priora et posteriora

ROSS, W. D. (ed.) *Aristotelis analytica priora et posteriora*.. Oxford: Clarendon Press, 1964 (repr. 1968)

De anima

HICKS, R. D. (ed.) *Aristotle De Anima with Translation, Introduction, and Notes*. Cambridge: Cambridge University Press, 1907 (repr. New York: Olms, 1970).
ROSS, W. D. (ed.) *Aristotle. De anima*. Oxford: Clarendon Press, 1961 (repr. 1967)

De philosophia

ROSS, W. D. (ed.) *Aristotelis fragmenta selecta*. Oxford: Clarendon Pres, 1955.

Ethica Eudemia

SUSEMIHL, F. (ed.) *Aristotelis ethica Eudemia*. Leipzig: Teubner, 1884 (repr. Amsterdam: Hakkert, 1967).

Éthica Nicomachea

BYWATER, J. (Ed.) *Aristotelis Ethica Nicomachea*. Oxford: Clarendon Press, 1894.

Metaphysica

ROSS, W. D. (ed.) *Aristotle's metaphysics*, 2 vols. Oxford: Clarendon Press, 1924 (repr. 1970 [1953 corr. ed.]).

Parva naturalia

ROSS, W. D. (ed.) *Aristotle. Parva naturalia*. Oxford: Clarendon Press, 1955 (repr. 1970).

Physica

ROSS, W. D. (ed.) *Aristotelis physica*. Oxford: Clarendon Press, 1950 (repr. 1966 (1.ed. corr.)).

Poetica

KASSEL, R. (ed.) *Aristotelis de arte poetica liber*. Oxford: Clarendon Press, 1965 (repr. 1968 [1966 ed. corr.]).

Politica

ROSS, W. D. (ed.) *Aristotelis politica*. Oxford: Clarendon Press, 1957 (repr. 1964)

Rhetorica

BEKKER, I. (ed.) *Aristotelis opera Tomus XI – De rhetorica libri III; De rhetorica ad Alexandrum; De poetica*. Oxford: Clarendon Press, 1837.
ROSS, W. D. (ed.) *Aristotelis ars rhetorica*. Oxford: Clarendon Press, 1859 (reimp. 2008).

Scholia in Aristotelem

BRANDIS, A. (ed.) *Aristotelis opera*. Volumen quartum: scholia in Aristotelem. Berlin: G. Reimer, 1836.

ATENÁGORAS

Legatio sive supplicatio pro christianis

SCHOEDEL, W. R. (ed.) *Athenagoras. Legatio and De resurrectione*. Oxford: Clarendon Press, 1972.

ATENEU DE NAUCRATIS

Deipnosophistae

KAIBEL, G. (ed.) *Athenaei Naucraticae Deipnosophistarum*, 3 vols. Leipzig: Teubner, 1887-1962.

AULO GÉLIO

Noctes atticae

MARSHALL, K. (ed.) *A. Gellii Noctes Atticae 1–20*, 2 vols. Oxford: Clarendon Press, 1968.

AUSÔNIO

Commemoratio Professorum Burdigalensium

GREEN, R. P. H. (ed.) *The Works of Ausonius*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

BASÍLIO DE CESAREIA

Epistulae

COURTONE, Y. (ed.) *Saint Basile. Lettres*, 3 vols., Paris: Les Belles Lettres, 1957-1966.

CALCÍDIO

Comentário ao Timeu

WASZINK, J. H. (Ed.) *Timaeus a Calcidio translatus commentario que instructus* (Plato Latinus v. 4). London: The Warburg Institute, 1962.

CENSORINO

De die natali

HULTSCH, F. (Ed.) *De die natali liber*. Leipzig: Teubner, 1867.

CÍCERO

Cato maior vel de senectute

SIMBECK, K. (ed.) *Cato Maior de Senectute* (M. Tulli Ciceronis Scripta Quae Manserunt Omnia. Fasc. 47, ed. K. Simbeck, 1917)

De divinatione

MÜLLER, C. F. W. (Ed.) *De Divinatione* (M. Tullius Cicero Scripta Quae Manserunt Omnia). Leipzig: Teubner, 1915.

De Fato

MÜLLER, C. F. W. (Ed.) *De Fato* (M. Tullius Cicero Scripta Quae Manserunt Omnia). Leipzig: Teubner, 1915

De Finibus

SCHICHE, T (Ed.). *De Finibus Bonorum et Malorum libri quinque*. Leipzig: Teubner, 1915.

De Natura Deorum

AX, W. (Ed.) *De Natura Deorum* (M. Tullius Cicero Scripta Quae Manserunt Omnia). Leipzig: Teubner, 1917.

De Oratore

WILKINS, A.D. (Ed.) *De Oratore* (M. Tulli Ciceronis Rhetorica). Oxford: Clarendon Press, 1902 (reimp. 1951).

Libri academici

PLASBERG, O (Ed.) *Academicorum reliquiae cum Lucullo* (M. Tullius Cicero Scripta Quae Manserunt Omnia). Leipzig: Teubner, 1922.

Orator

REIS, P. (Ed.) *Orator* (M. Tulli Ciceronis Scripta Quae Manserunt Omnia). Leipzig: Teubner, 1932.

Paradoxa Stoicorum

MUELLER, C. F. W (ed.) *Paradoxa Stoicorum* (M. Tulli Ciceronis Scripta Quae Manserunt Omnia). Leipzig: Teubner, 1890.

Tusculanae Disputationes

POHLENZ, M. (ed.) *Tusculanae Disputationes* (M. Tullius Cicero Scripta Quae Manserunt Omnia). Leipzig: Teubner, 1918.

CÍNICOS E CINISMO ANTIGO

Fragmenta

CAIZZI, F. Decleva (ed.) *Antisthenis fragmenta*. Milano: Istituto Editoriale Cisalpino, 1966.

PAQUET, L. (ed.) *Les Cyniques Grecs: fragments et témoignages*. Ottawa: Les Presses de l'Université d'Ottawa, 1975.

Teletis reliquiae

HENSE, O. (ed.) *Teletis reliquiae*. 2. Ed. Tübingen: Mohr, 1909 (repr. Hildesheim: Olms, 1969)

CLAUDIO ELIANO

De natura animalium

HERCHER, R. (ed.) *Claudii Aeliani de natura animalium libri xvii, varia historia, epistolae, fragmenta*, 2 vols. Leipzig: Teubner, 1864.

Fragmenta

HERCHER, R. (ed.) *Claudii Aeliani de natura animalium libri xvii, varia historia, epistolae, fragmenta*, v. 2. Leipzig: Teubner, 1866.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA

Protréptico

BUTTERWORTH, G.W. (ed.) *Clement of Alexandria*, with an English Translation. William Heinemann: London, 1919.

Stromata

STÄHLIN, Otto (ed.) *Clemens Alexandrinus*, vols. 2-3. Leipzig: Hinrichs, 1905–1909.

A. CORNELIO CELSO

De medicina

MARX, F. (ed.) *A. Cornelius Celsus. De Medicina* (Corpus Medicorum Latinorum. v.1). Leipzig: Teubner, 1915.

CORNUTO

Theologiae Graecae Compendium (De natura deorum)

LANG, C. (ed.) *Cornuti Theologiae Graecae Compendium*. Leipzig: Teubner, 1881.

DIODORO SÍCULO

Bibliotheca historica (lib. 1-20)

FISCHER, K. T.; VOGEL, F. (eds.) *Diodori bibliotheca historica*. 5 vols. Leipzig: Teubner, 1888-1906.

DIÓGENES LAÉRCIO

Vidas dos filósofos ilustres

DORANDI, T. (ed.) *Diogenes Laertius: Lives of eminent philosophers*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

LONG, H. S. (Ed.) *Diogenis Laertii vitae philosophorum*. 2 vols. Oxford: Clarendon Press, 1964 (repr. 1966)

MARCOVICH, M. (Ed.) *Diogenes Laertius: Vitae philosophorum*. 2 vols. Berlin: Walter de Gruyter, 2008.

DÍON CRISÓSTOMO

Orationes

ARNIM, H. von (Ed.) *Dionis Prusaensis quem vocant Chrysostomum quae exstant omnia*, vols. 1-2. Weidmann: Berlin, 1893.

EPICTETO

Dissertationes

SCHENKL, H. (Ed.) *Epicteti Dissertationes ab Arriano digestae*. Leipzig: Teubner. 1916.

Encheiridion

SCHENKL, H. (Ed.) *Epicteti Dissertationes ab Arriano digestae*. Leipzig: Teubner. 1916.

EPICURO

Epistulae

ARRIGHETTI, G. (ed.) *Epicuro. Opere*. 2. ed. Turin: Einaudi, 1973, p. 35-73 (ad Herodotum), p. 77-103 (ad Pythoclem), p. 107-117 (ad Menoeceum).

Fragmentos

USENER, H. (ed.) *Epicurea*. Leipzig: Teubner, 1887.

ARRIGHETTI, G. (ed.) *Epicuro. Opere*. 2. ed. Turin: Einaudi, 1973, p. 161-418 (deperditorum librorum), p. 421-476 (epistularum fragmenta), p. 479-481 (incerta sedis fragmenta).

Gnomologium Vaticanum Epicureum

ARRIGHETTI, G. (ed.) *Epicuro. Opere*. 2. ed. Turin: Einaudi, 1973, p. 141-157.

Kuriai Doxai

ARRIGHETTI, G. (ed.) *Epicuro. Opere*. 2. ed. Turin: Einaudi, 1973, p. 121-137.

EPIFÂNIO

Panarion sive adversus haereses

HOLL, K. (Ed.) *Epiphanius*, 2 vols. Leipzig: Hinrich, 1915-1922.

ESTEFANO DE BIZÂNCIO

Ethnica (epitome)

MEINEKE, .A. (ed.) *Stephan von Byzanz. Ethnika*. Berlin: Reimer, 1849.

ESTOBEU

Eclogae

WACHSMUTH, C; HENSE, O. (eds.) *Ioannes Stobaeus: Anthologium*, 5 vols. Berlin: Weidmann, 1884-1912.

ESTOICISMO E CLEANTES

Stoicorum fragmenta

ARNIM, Hans Friedrich August von (ed.) *Stoicorum veterum fragmenta*. 4 vols. Leipzig: Teubner, 1905-1924.

BOERI, M. D.; SALLES, R. (eds.) *Los filósofos estoicos: ontología, lógica, física y ética*. Santiago de Chile: Universidad Alberto Hurtado, 2012.

HÜLSER, K. (ed.) *Die Fragmente zur Dialektike der Stoiker*. 4 vols. Stuttgart: Frommann-Holzboog, 1987-1988.

LONG, A.A.; SEDLEY, D. N. (eds.) *The Hellenistic philosophers*. 2 vols. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

Cleanthis fragmenta et editiones

PEARSON, A. C. (ed.) *The fragments of Zeno and Cleanthes: with introduction and explanatory notes*. New York: Cambridge University Press, 1891.

THOM, J. C. *Cleanthes' Hymn to Zeus*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005.
WATANABE, A. T. *Cleanthes, fragments: Text and Commentary*. Diss. University of Illinois at Urbana-Champaign, 1988.

Panaetii fragmenta

VAN STRAATEN, M. *Panaetii Rhodii fragmenta*. München: Brill, 1952.

Posidonii fragmenta et testimonia

THEILER, W. (ed.) *Posidonios. Die Fragmente*, v. 1. Berlin: De Gruyter, 1982.
JACOBY, F. (ed.) *Die Fragmente der griechischen Historiker*. Leiden: Brill, 1923-1958 (rep. 1954-1969), p. 222-224 (testimonia); p.225-317 (fragmenta).

ESTRABÃO

Geographica

MEINEKE, A. (ed.) *Strabonis geographica*, 3 vols. Leipzig: Teubner, 1877.

EURÍPIDES

Fabulae

DIGGLE, J. (ed.) *Euripidis fabulae*, 3 vols. Oxford: Clarendon Press, 1981-1994.

EUSÉBIO DE CESARÉIA

Praeparatio evangelica

MRAS, K. (Ed.) *Eusebius Werke* (Band 8: Die Praeparatio evangelica) (Die griechischen christlichen Schriftsteller 43.1-43.2). Berlin: Akademie Verlag, 1954-1956.

EUSTÁTIO DE TESSALÔNICA

Commentarii ad Homeri Iliadem

VALK, M. van der (Ed.) *Eustathii archiepiscopi Thessalonicensis commentarii ad Homeri Iliadem pertinentes*, 4 vols. Leiden: Brill, 1971-1987.

FILODEMO DE GÁDARA

De Musica

DELATTRE, D. (ed.) *Philodème de Gadara. Sur la musique, Livre IV*, 2 tomes. Paris: Les Belles Lettres, 2007.

KEMKE, I. (ed.) *Philodemi de Musica Librorum quae exstant*. Leipzig Teubner 1884.

NEUBECKER, A. J. (ed.) *Philodemus: Über die Musik*, v. 4 (La Scuola di Epicuro 4). Napoli: Bibliopolis, 1986.

De pietate

OBBINK, D. (ed.) *Philodemus On piety, part 1: critical text with commentary*. Oxford: Clarendon Press, 1996. (PHerc 229, 247/242, 437/452, 1077, 1610, 1788)

HENRICHS, A. (ed.) *Philodemus Περί εὐσεβείας. Cronache ercolanesi* 4, 1974, p. 5-32. (PHerc 1428)

De rhetorica

SUDHAUS, S. (ed.) *Philodemi Volumina Rhetorica*, 2 vols. Leipzig, 1892-96.

Stoicorum Historia

DORANDI, T. (Ed.) *Filodemo: Storia dei filosofi – La Stoà da Zenone a Panezio (PHerc. 1018)*. Leiden: Brill, 1994.

Philosophorum Historia

ROSSINO, C. M. (Ed.) *Herculanensium voluminum quae supersunt*, vol. 8. Nápoles: Regia Typographia, 1844.

GOMPERZ, T. “Eine verschollene Schrift des Stoikers Kleanthes, der ‘Staat’ und die sieben Tragödien des Cynikers Diogenes.” in: DORANDI, T. (Ed.) *Theodor Gomperz. Eine Auswahl herkulanischer kleiner Schriften (1864-1909)*. Leiden: Brill, 1993.

FÍLON DE ALEXANDRIA

De Providentia

AUCHER, J.-B. (ed.) *Philonis Judaei opera omnia*. v. 7. Leipzig: Schwickerti, 1830.

COLSON, F. H. (ed.) *Philo*, v. 9. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1941 (repr. 1967)

De aeternitate mundi

COHN, L.; REITER, S. (eds.) *Philonis Alexandrini opera quae supersunt*, v. 6, Berlin: Reimer, 1915 (repr. Berlin: De Gruyter, 1962)

Quod deus sit immutabilis

WENDLAND, P. (ed.) *Philonis Alexandrini opera quae supersunt*, v. 2, Berlin: Reimer, 1897 (repr. Berlin: De Gruyter, 1962): 56-94.

Quis rerum divinarum heres sit

WENDLAND, P. (ed.) *Philonis Alexandrini opera quae supersunt*, v. 3, Berlin: Reimer, 1898 (repr. Berlin: De Gruyter, 1962): 1-71.

FLÁVIO JOSEFO

Contra Apionem (= De Judaeorum vetustate)

NIESE, B. (ed.) *Flavii Iosephi opera*, v. 5. Berlin: Weidmann, 1889 (repr. 1955), p. 3-99.

FÓTIO

Lexicon (A—Δ)

THEODORIDIS, C. (Ed.) *Photii patriarchae lexicon (A—Δ)*, v. 1, Berlin: De Gruyter, 1982.

Lexicon (E—Ω)

PORSON, R. (Ed.) *Φωτίου τοῦ πατριάρχου λέξεων συναγωγή*, 1-2, Cambridge: Cambridge University Press, 1822.

FRONTO

Ad Antonin. Imp. De Eloquentia

VAN DEN HOUT, M. P. J. (ed.) *M. Cornelii Frontonis epistulae*. Leiden: Brill, 1954.

GALENO

Quod qualitates incorporea sint

WESTENBERGER, J. (ed.) *Galenus qui fertur De qualitatibus incorporeis libellus*. phil. Diss. Marburg 1906.

KÜHN, C. G. (ed.) *Claudii Galeni opera omnia*, vol. 4, Leipzig: Knobloch, 1822. (repr. Hildesheim: Olms, 1964)

De placitis Hippocratis et Platonis

LACY, P.H. De (ed.) *Galen. On the doctrines of Hippocrates and Plato* (Corpus medicorum Graecorum vol. 5.4.1.2, pts. 1-2). Berlin: Akademie Verlag, 1978.

GEMINO DE RODES

Elementa Astronomiae

AUJAC, G. (Ed.) *Géminos. Introduction aux phénomènes*. Paris: Les Belles Lettres, 1975

GEORGIO SINCELO

Ecloga Chronographica

MOSSHAMMER, A. A. (ed.) *Georgius Syncellus. Ecloga chronographica*. Leipzig: Teubner, 1984.

GREGORIO NAZIANZENO

Carmina moralia

MIGNE, J.-P. (ed.) *Patrologiae cursus completus* (series Graeca) (MPG 37). Paris: Migne, 1857-1866, p. 521-968.

Funebris in laudem Caesaris fratris oratio (orat. 7)

BOULENGER, F. (ed.) *Grégoire de Nazianze. Discours funèbres en l'honneur de son frère Césaire et de Basile de Césarée*. Paris: Picard, 1908.

Contra Iulianum imperatorem 1 (orat. 4)

MIGNE, J.-P. (ed.) *Patrologiae cursus completus* (series Graeca) (MPG 35). Paris: Migne, 1857-1866, p. 532-664

HARPOCRATIO

Lexicon in decem oratores

KEANEY, J. J. (Ed.) *Harpocratio: Lexeis of the Ten Orators*, Amsterdam: Hakkert, 1991.

HELÂNICO HISTORIADOR

Testimonia et fragmenta

JACOBY, F. (ed) *Die Fragmente der griechischen Historiker*. Leiden: Brill, 1923-1958 (repr. 1954-1969)

HERÁCLITO

Coletânea

MARCOVICH, M. (ed.) *Heraclitus: Greek text with short commentaries*. Merida, Venezuela: Los Andes University Press, 1967. (edición en castellano, 1968).

KAHN, C. H. (ed.) *The art and thought of Heraclitus: an edition of the fragments with translation and commentary*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

HERMIAS APOLOGETA

Irrisio gentilium philosophorum

DIELS, H. (Ed.) *Doxographi Graeci*, Berlin: Reimer, 1879 (repr. Berlin: De Gruyter, 1965) [= DDG]

HERODIANO

Περὶ Ὀδυσσεϊακῆς προσῳδίας

LENTZ, A. (ed.) *Grammatici Graeci*, v. 3.2. Leipzig: Teubner, 1870 (repr. Hildesheim: Olms, 1965), p. 129-165.

Fragmentum grammaticum quod incipit a vocibus ζητοῦμεν καὶ τὴν τοῦ Ἄρηος [Sp.] (e cod. Barocc. 76)

CRAMER, J. A. (ed.) *Anecdota Graeca e codd. manuscriptis bibliothecarum Oxoniensium*, v. 3. Oxford: Oxford University Press, 1836 (repr. Amsterdam: Hakkert, 1963), p. 237-245.

HESÍODO

Theogonia

WEST, M. L. (ed.) *Hesiod. Theogony*. Oxford: Clarendon Press, 1966.

SOLMSEN, F. (ed.) *Hesiodi Opera*. Oxford: Clarendon Press, 1970.

HESÍQUIO DE MILETO

Fragmenta

MÜLLER, K. *Fragmenta historicorum Graecorum* 4. Paris: Didot, 1841-1870, p. 145-177.

HIÉROCLES

Elementa ethica

ARNIM, H. (ed.) *Hierokles. Ethische Elementarlehre (Berliner Klassikertexte 4: Papyrus 9780)*. Berlin: Weidmann, 1906.

BASTIANINI, G.; LONG, A. A. (eds.) *Hierocles. Corpus dei papiri filosofici greci e latini*. Parte I: autori noti. V. 1**. Firenze: L. S. Olschki, 1992, p. 268-451.

RAMELLI, I. (ed.) *Hierocles the Stoic. Elements of Ethics, Fragments, and Excerpts*. Trans. D. Konstan. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2009.

AOIZ, J; DENIZ, D.; CELLI, B. B. (eds) Elementos de ética, extractos de Estobeo y glosas de la Suda de Hierocles el Estoico. Edición bilingüe griego-español, con introducción y comentario. *Helmantica: Revista de Filología Clásica y Hebrea* de la Universidad Pontificia de Salamanca, Salamanca, v. 65, enero-junio 2014.

HIPÓLITO

Refutatio omnium haereium (= Philosophumena)

MARCOVICH, M. (ed.) *Hippolytus. Refutatio omnium haeresium* (Patristische Texte und Studien 25). Berlin: De Gruyter, 1986.

HISDÓSO ESCOLÁSTICO

De anima mundi Platonica

HICKS, A. (ed.) Hisdosus Scholasticus *De anima mundi Platonica*: an edition. *Mediaeval Studies*, v. 78, 2016, p. 1-64

HOMERO

Ilias

ALLEN, T. W. (ed.) *Homeri Ilias*, 2 vols. Oxford: Clarendon Press, 1931.

JUVENAL

Saturae

CLAUSEN, W. V. (ed.) *A. Persi Flacci et D. Iuni Iuvenalis Saturae*. Oxford: Oxford University Press, 1959.

LACTÂNCIO

Divinae Institutiones

BRANDT, S.; LAUBMANN, G. (eds.) *Divinae institutiones*. Praha; Wien; Leipzig: Teubner, 1890.

MIGNE, J. P. (Ed.) *Lucii Caecilii Firmiani Lactantii Opera Omnia* (Patrologiae Cursus Completus, Series Latina v.6). Paris, 1844.

Epitome divinarum institutionum

LUCIANO

Fugitivi

HARMON, A. M. *Lucian*, v. 5. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1936 (repr. 1972), p. 54-98.

Symposion

MACLEOD, M. D. (ed.). *Luciani opera*, v. 1. Oxford: Clarendon Press, 1972, p.144-163.

MACRÓBIO

Saturnália

EYSENHARDT, F. (Ed.) Macrobius. Leipzig: Teubner, 1868.

MARCO AURÉLIO

Meditationes

LEOPOLD, Jan Hendrik (Ed.) *M. Aurelius Imperator Ad Se Ipsum*. Leipzig: Teubner, 1908.

FARQUHARSON, A. S. L. (Ed.) *The meditations of the emperor Marcus Aurelius*, vol. 1. Oxford: Clarendon Press, 1944 (repr. 1968).

MIGUEL CONIATES

Prosopopoeiae (falsa adscripta Gregorio Palamas)

MIGNE, J. P. (ed.) *Patrologiae Cursus Completus*, Series Graeca v. 150. Paris, 1865, col. 1347-1372.

MIGUEL PSELO

De omnifaria doctrina

WESTERINK, L. G. (ed.) *De omnifaria doctrina: critical text and introduction*. Nijmegen : Centrale Drukkerij, 1948.

MINÚTIO

Octavius

GLOVER, T.R.; RENDALL, Gerald H. (Eds.) *Tertullian's Apology ; Minucius Felix' Octavius*. London: Heinemann, 1931.

MUSÔNIO RUFO

Dissertationum a Lucio digestarum reliquiae

LUTZ, C. E. (ed.) *Musonius Rufus "The Roman Socrates"*. New Haven: Yale University Press, 1947, p. 32-128.

NEMÉSIO DE EMESA

De natura hominis

MORANI, Moreno (Ed.) *Nemesii Emeseni de natura hominis*. Leipzig: Teubner, 1987.

OLIMPIODORO

Commentaria in Platonis Gorgiam

WESTERINK, L.G. (Ed.) *Olympiodori in Platonis Gorgiam commentaria*. Leipzig: Teubner, 1970.

ORFISMO E MISTÉRIOS

Edições modernas de testemunhos e fragmentos órficos

BERNABÉ, A. (Ed.) *Orphicorum et orphicis similia testimonia et fragmenta*. 2 partes. München; Leipzig: K. G. Saur, 2004.

KERN, O. (Ed.) *Orphicorum fragmenta*. Berlin: Weidmann, 1922.

Seleção de textos sobre mistérios e orfismo

TONELLI, A. (Cur.) *Eleusis e orfismo: i Misteri e la tradizione iniziatica greca*. Milano: Feltrinelli, 2015

ORÍGENES

Contra Celsum

BORRET, M. (ed.) *Origène. Contre Celse*, 4 vols. (Sources chrétiennes 132, 136, 147, 150). Paris: Éditions du Cerf, 1967-1969

PITÁGORAS E ESCRITOS PITAGÓRICOS

Carmen aureum

THOM, J. C. (Ed.) *The Pythagorean Golden Verses with Introduction and Commentary*. Leiden; New York; Köln: Brill, 1994.

VAN DER HORST, P. C. *Les vers d'ors Pythagoriciens*, édités avec une introduction et un commentaire. Leiden: Brill, 1932.

PÉRSIO

Saturae

CLAUSEN, W. V. (ed.) *A. Persi Flacci et D. Iuni Iuvenalis Saturae*. Oxford: Oxford University Press, 1959.

PLATÃO

Edições modernas completas

BURNET, J. (ed.) *Platonis opera*. 5 vols. Oxford: Clarendon Press, 1922.

PLUTARCO

Alcebiades

ZIEGLER, K. (ed.) *Plutarchi vitae parallelae*, v. 1.2. 3.ed. Leipzig: Teubner, 1964

Quomodo adolescens poetas audire debeat

BABBITT, F.C. (ed.) *Plutarch's moralia*, v. 1. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1927 (repr. 1969), p. 74-196.

De recta ratione audiendi

BABBITT, F.C. (ed.) *Plutarch's moralia*, v. 1. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1927 (repr. 1969), p. 204-258.

Quomodo adulator ab amico internoscatur

BABBITT, F.C. (ed.) *Plutarch's moralia*, v. 1. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1927 (repr. 1969), p. 264-394.

De Iside et Osiride

SIEVKING, W. (ed.) *Plutarchi moralia*, v. 2.3. Leipzig: Teubner, 1935 (repr. 1971), p. 1-80.

De Pythiae oraculis

SIEVKING, W. (ed.) *Plutarchi moralia*, v. 3. Leipzig: Teubner, 1929 (repr. 1972), p. 1-24

De virtute morali

POHLENZ, M. (ed.) *Plutarchi moralia*, v. 3, Leipzig: Teubner, 1929 (repr. 1972), p. 127-156.

De vitando aere alieno

FOWLER, H. N. (ed.) *Plutarch's moralia*, v. 10. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1936 (repr. 1969), p. 316-338.

De facie in orbe lunae

POHLENZ, M. (ed.) *Plutarchi moralia*, v. 5.3. 2.ed. Leipzig: Teubner, 1960, p. 31-89

Aquane an ignis sit utilior

HUBERT, C. (ed.) *Plutarchi moralia*, vol. 6.1, Leipzig: Teubner, 1954 (repr. 1959), p. 1-10.

De sollertia animalium

HUBERT, C. (ed.) *Plutarchi moralia*, v. 6.1. Leipzig: Teubner, 1954 (repr. 1959), p. 11-75.

De stoicorum repugantiis

WESTMAN, R. (ed.) *Plutarchi moralia*, v. 6.2. 2.ed. Leipzig: Teubner, 1959, p. 2-58.
BERNARDAKIS, G. N. (ed.) *Plutarchi moralia*, v. 6. Leipzig: Teubner, 1895.

De communibus notitiis adversus stoicos

WESTMAN, R. (ed.) *Plutarchi moralia*, vol. 6.2. 2.ed. Leipzig: Teubner, 1959, p. 62-122.

POLIENO

Stratagemata

MELBER, J.; WOELFFLIN, E. (ed.) *Polyaeni strategematon libri viii*. Leipzig: Teubner, 1887.

PORFÍRIO DE TIRO

Vita Pythagorae

NAUCK, A. (ed.) *Porphyrii Philosophi Platonici Opuscula Selecta*. Leipzig: Teubner, 1886.

PROBO

Comentaria in Virgilii Bucolicas

KEIL, H. (ed.) *M. Valerii Probi in Vergilii bucolica et georgica commentarius, accedunt scholiorum veronensium et aspri quaestionum vergilianarum fragmenta*. La Halle: Anton, 1848.

PROCLO

Chrestomatia

SEVERYNS, A. (ed.) *Recherches sur la Chrestomathie de Proclus*, v. 4, Paris: Les Belles Lettres, 1963.

In Platonis Timaeum commentaria

DIEHL, E. (ed.) *Procli Diadochi in Platonis Timaeum commentaria*, 3 vols. Leipzig: Teubner, 1903-1906 (repr. Amsterdam: Hakkert, 1965)

QUINTILIANO

Institutionis Oratoriae

BUTLER, Harold E. (ed.) *Quintilian with An English Translation*. Cambridge. Cambridge, Mass.: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1922.

WINTERBOTTOM, M. (ed.) *M. Fabi Quintiliani Institutionis Oratoriae Libri Duodecim*. Vols. 1–2. Oxford: OUP, 1970.

(SANTO) AGOSTINHO

De civitate dei

MIGNE, J. P. (ed.) *Sancti Aurelii Augustini Hipponensis Episcopi Opera Omnia*. v. 7 (Patrologiae Cursus Completus, Series Latina v. 41). Paris, 1844–64.

SÊNECA FILÓSOFO

Cartas morais a Lucílio

REYNOLDS, L.D. (ed.) *L. Annaei Senecae ad Lucilium Epistulae Morales*. 2 vols. Oxford: Oxford University Press, 1965.

De beneficiis

HOSIUS, C (ed.) *L. Annae Senecae Opera Quae Supersunt*. v. 1, Fasc. 2. Leipzig: Teubner, 1900.

De otio

REYNOLDS, L. D. (ed.) *L. Annaei Senecae Dialogorum Libri Duodecim*. Oxford: Oxford University Press, 1977, p. 198-206

De tranquillitate animi

REYNOLDS, L. D. (ed.) *L. Annaei Senecae Dialogorum Libri Duodecim*. Oxford: Oxford University Press, 1977, p.207-238.

Tragédias

ZWIERLEIN, O. (ed.) *L. Annaei Senecae Tragoediae, Incertorum Auctorum Hercules, Oetaeus, Octavia*. Oxford: Oxford University Press, 1987.

TARRANT, R. J. (ed.) *Agamemnon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

SÊNECA RHETOR

Controversiae et suasoriae

HÅKANSON, L. (ed.) *L. Annaeus Seneca Maior: Oratorum et rhetorum sententiae, divisiones, colores*. Leipzig: Teubner, 1989.

SEXTO EMPÍRICO

Adversus mathematicos

MAU, J.; MUTSCHMANN, H. (eds.) *Sexti Empirici opera*, v. 2-3. 2. ed. Leipzig: Teubner, 1914-1961

Pyrrhonieae hypotyposes

MUTSCHMANN, H. (ed.) *Sexti Empirici opera*, v. 1. Leipzig: Teubner, 1912

SIMPLÍCIO

In Aristotelis categorias commentarium

KALBFLEISCH, K. (ed.) *Simplicii in Aristotelis categorias commentarium* (Commentaria in Aristotelem Graeca 8). Berlin: Reimer, 1907.

SIRIANO DE ALEXANDRIA

Commentaria in Aristotelis Metaphysica

KROLL, W. (ed.) *Syriani in metaphysica commentaria* (Commentaria in Aristotelem Graeca 6.1). Berlin: Reimer, 1902

SÓCRATES E SOCRÁTICOS

Socratis et Socraticorum Reliquiae

GIANNANTONI, G. (ed.) (1990): *Socratis et Socraticorum Reliquiae*, 4 vols. Napoli: Bibliopolis.

Reliquiae Megaricorum

DÖRING, K. (ed.) *Die Megariker: kommentierte Sammlung der Testimonien*. Amsterdam: Grüner, 1972.

SÓFOCLES

Fragmenta

PAGE, D. L. (ed.) *Poetae melici Graeci*. Oxford: Clarendon Press, 1962 (repr. 1967).

RADT, S. (ed.) *Tragicorum Graecorum fragmenta*, v. 4. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1977.

WEST, M. L. (ed.) *Iambi et elegi Graeci*, v. 2. Oxford: Clarendon Press, 1972.

SUDA

Lexicon

ADLER, A. (Ed.) *Suidae lexicon*. 4 vols. (Lexicographi Graeci 1.1-1.4). Leipzig: Teubner, 1928-1935.

TEMÍSTIO DA PAFLAGÔNIA

Orationes

DOWNEY, P. G.; NORMAN, A. F.; SCHENKL, H. (eds.) *Themistii orationes quae supersunt*. 3 vols. Leipzig: Teubner, 1965-1974.

TEODORETO DE CIRRO

Graecarum affectionum curatio

CANIVET, P. (Ed.) *Théodore de Cyr Thérapeutique des maladies helléniques*. 2 vols. (Sources chrétiennes v.57). Paris: Éditions du Cerf, 1958.

TEÓFILO DA ANTIÓQUIA

Ad Autolycum

GRANT, R. M. (Ed.) *Theophilus of Antioch Ad Autolycum*. Oxford: Clarendon Press, 1970.

TEOFRASTO

De sensu et sensibilibus (fr. 1 Wimmer)

DIELS, H. *Doxographi Graeci*. Berlin: Reimer, 1879 (repr. Berlin: De Gruyter, 1965), p. 499-527

WIMMER, F. *Theophrasti Eresii opera, quae supersunt, omnia*. Paris: Didot, 1866.

TERTULIANO

De anima

WASZINK, J. H. (Ed.) *Quinti Septimi Florentis Tertulliani De anima*. Amsterdam : J.M. Meulenhoff, 1947.

Apologeticus pro Christianis

BECKER, C. (Hrsg.) *Tertullians Apologeticum (Verteidigung des Christentums)*. Lateinisch und Deutsch übersetzt und erläutert v. Carl Becker. München, Kösel 1961

VALÉRIO MÁXIMO

Factorum et Dictorum Memorabilium

KEMPF, C. (Ed.) *Valerii Maximi Factorum et Dictorum Memorabilium Libri Novem cum Iulii Paridis et Ianuarii Nepotiani Epitomis*. Stuttgart: Teubner, 1888.

VARRÃO

De Lingua latina

GOETZ, G.; SCHOELL, F. (eds.) *M. Terenti Varronis De Lingua Latina Quae Supersunt*. Leipzig: Teubner, 1910.

SPENGEL, L; SPENGEL, A. (eds.) *M. Terenti Varronis De Lingua Latina*. Berlin:
Weidmann, 1885.

VETIO VALENTE

Anthologiarum libri ix

PINGREE, D. (ed.) *Vettii Valentis Antiocheni anthologiarum libri novem*. Leipzig:
Teubner, 1986.

II. Traduções e monografias sobre autores antigos

- ARNIM, H. F. A. (ed.) *Stoici antichi: tutti frammenti, introduzione, traduzione, note ed apparati a cura di Roberto Radice*. Milano: Bompiani, 2002.
- ATHANASSAKIS, A. N. *The Homeric hymns*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1976.
- BLAKENEY, E. H. *The hymn of Cleanthes*. Texts for students 26. London: SPCK, 1921.
- BOSTOCK, D. *Plato's "Theaetetus"*. Oxford: Clarendon, 1988.
- BRÉHIER, E. *Les stoïciens*. Paris: Gallimard, 1962.
- BRINKMANN, A. *Klassische Reminiscenzen*. RM, v. 60, 1905, p. 630.
- BRUNO, H. *Pérsio: introdução, tradução e notas*. 198 p. Universidade de São Paulo, 1980.
- BURKERT, W. *Lore and science in Ancient Pythagoreanism*. Trans. E. L. Minar Jr. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1972.
- CALCIDIO. *Commentario al «Timeo» di Platone*. Testo latino a fronte a cura di Claudio Moreschini. Milano: Bompiani, 2003.
- COXE, A. C. (ed.) *Hermas, Tatian, Athenagoras, Theophilus, and Clement of Alexandria*. Ante-Nicene Fathers of the Second Century, v.2. Trans. P. Schaff. Edinburgh: T. & T. Clark, 1885.
- CALCIDIO. *Commentario al «Timeo» di Platone*. Testo latino a fronte a cura di Claudio Moreschini. Milano: Bompiani, 2003.
- CICERO, M. T. *De Officiis* (Loeb Classical Library). With an English translation by Walter Miller. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1913.
- _. *De oratore 1; De oratore 2* (Loeb Classical Library). Translated by E. W. Sutton and H. Rackham. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1942 (reimp. 1988)
- _. *De oratore 3; De fato; Paradoxa Stoicorum; De partitione oratória* (Loeb Classical Library). Translated by H. Rackham. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1942 (reimp. 1992)
- DAVIDSON, T. Hymn to Jupiter. In: _. Kleanthês. *The Radical*, v. 2, August 1867, p. 726-31.
- DELATTE, A. *Études sur la littérature pythagoricienne*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1912.
- DIOGENE LAERZIO. *Vita dei filosofi*, a cura de Marcello Gigante. Bari: Laterza, 1962.
- DIOGENES LAERCIO. *Vidas de los filósofos ilustres*. Traducción, introducción y notas de Carlos García Gual. Madrid: Alianza, 2007.
- DIOGENES LAERTIUS. *Leben und Meinungen berühmter Philosophen*, 2 Bände. Übersetzt und erläutert von O. Apelt. Leipzig: Felix Meiner, 1921.
- _. *Lives of eminent Philosophers*. Translated by R.D. Hicks. 2 vols. London: Heinemann, 1925.
- DIRKZWAGER, A. Ein Abbild der Gottheit haben und das Schicksal und Weiteres zum Kleanthes-Hymnus. *Rheinisches Museum für Philologie*, v. 123, 1980, p.359-360.
- ÉSQUILO. *Tragédias*. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iuminuras, 2009.
- ESTRABÓN. *Geografía*. 5 vols. Introducción, traducción y notas de J. García Blanco y J. L. García Ramón (vol.1), M.^a J. Meana y F. Piñero (vol.2), J. V. Tejada e J. G. Artal (vol.3), J. J. T. Esbarranch (vol.4), M.^a P. H. García-Bellido (vol.5). Madrid: Gredos, 1991-2008.
- FESTA, N. (ed.) *I frammenti degli stoici antichi*. 2 vols. Bari: Laterza, 1932-1935.
- FESTUGIÈRE, A.-J. *La révélation d'Hermès Trimégiste*. 4 vols. Paris: Belles Lettres, 1983

- GOULD, J.B. *The philosophy of Chrysippus*. Leiden: Brill, 1970.
- GRAESER, A. *Zenon von Kition: Positionen und Probleme*. Berlin: Walter de Gruyter, 1975.
- GRÉGOIRE DE NAZIANZE. *Discours 4-5*. Introduction, texte critique, traduction et notes par J. Bernardi. Paris: Les Éditions du Cerf, 1983.
- HÉRACLITE. *Fragments*. Texte établi, traduit, commenté par Marcel Conché. 5e. éd. Paris: 2011 (3e. tirage 2014).
- HESÍODO. *Os trabalhos e os dias* (primeira parte). Tradução, introdução e comentários de M. C. N. Lafer. 2.ed. São Paulo: Iluminuras, 2019.
- HOMER (*sp.*) *The Homeric Hymns and Homerica* with an English Translation by H. G. Evelyn-White. Cambridge, MA; London: Harvard University Press; W. Heinemann, 1914.
- HOMERO. *Hinos homéricos I e IV a XXXIII*. Introdução, tradução e estudo de Luiz Alberto Machado Cabral. São Paulo: Odysseus, 2010.
- HIRZEL, *Untersuchungen zu Ciceros philosophischen Schriften*, 3 Bände. Leipzig, 1877-1883 (reprod. Hildesheim: Georg Olms, 1964).
- JAMES, A. W. The Zeus Hymns of Cleanthes and Aratus. *Antichthon*, v. 6, 1972, p. 28-39.
- JESUS, C. R. R. *Orator e a prosa rítmica: introdução, tradução e notas*. 191 p. Dissertação de mestrado – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2008.
- JUVENAL; PERSIUS. *Works* with an English translation by G. G. Ramsay. London; New York: W. Heinemann; G. P. Putnam's Sons, 1928 (1918).
- KIRK, G. S.; RAVEN, J. E. *Os filósofos pré-socráticos*. Tradução de C. A. L. Fonseca et al. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.
- LELLI, E.; PISANO, G. (coord.) *Plutarco, tutti i moralia*. Milano: Bompiani, 2017.
- LUCRECIO. *De la natura de las cosas*. Introducción, versión rítmica y notas de R. B. Nuño. 2.ed. Ciudad de Mexico: UNAM, 2013.
- MACROBIUS. *Saturnalia*. Columbia: Columbia University Press, 1969.
- MARC-AURÈLE. *Écrits pour lui-même*. 2 tomes. Édition et traduction de P. Hadot, avec la collaboration de C. Luna. Paris: Les Belles Lettres, 1998.
- MEERWALDT, J. D. Cleanthes I. *Mnemosyne*, v. 4, 1951, p.40-69.
- _. Cleanthes II. *Mnemosyne*, v. 5, 1952, p.3-12.
- MOHNIKE, G. C. F. *Kleanthes der Stoiker*. Greifswald: E. Mauritius, 1814.
- NEWMAN, F. W. Hymn to Jupiter. In: _. *The Soul*, 3. ed. 1852.
- PEREIRA, M. H. R. Hélade. *Antologia da Cultura Grega*. Lisboa: ASA, 2005, p. 472-3.
- PÉRSIO. *Sátiras*. Introdução, tradução e notas de F. Cairolli. Itanhaém: Assimetria, 2019.
- PHILO JUDAEUS. *Volume IX: Every good man is free. On the contemplative life. On the eternity of the World. Against Flaccus. Apology for the Jews. On providence*. Trans. F. H. Colson. Loeb Classical Library v. 363. Cambridge, Mss.: Harvard University Press, 1941.
- PHILODEMUS. *The Rhetorica*, transl. and commentary by H. M. Hubbel. New Haven, Connecticut: Connecticut Academy of Arts and Sciences; Yale University Press, 1920.
- PLATÃO. *Górgias*. Tradução, ensaio introdutório e notas de Daniel R. N. Lopes. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- PLATÃO. *Protágoras*. Tradução, estudo introdutório, comentários e notas de Daniel R. N. Lopes. São Paulo: Perspectiva, 2017.

- PLATO. *Plato in Twelve Volumes*, v. 12, translated by Harold N. Fowler. London: Heinemann, 1921.
- PLATO. *The Theaetetus of Plato*, with a translation of Plato's *Theaetetus* by M. J. Levett, revised by Myles Burnyeat. Indianapolis: Hackett, 1990.
- PLATON. *Euthyphron*. Textes établi et traduit par M. Croiset. Paris: Belles Lettres, 1970.
- _. *Protagoras*. Texte établi et traduit par Alfred Croiset. Paris: Belles Lettres, 1997.
- _. *Gorgias*. Traduction par Alfred Croiset. Paris: Belles Lettres, 2002.
- _. *Phèdre*. Traduction par Claude Moreschini. Paris: Belles Lettres, 2002.
- _. *Philèbe*. Traduction et présentation par Jean-François Pradeau. Paris: GF Flammarion, 2002.
- PLATONE. *La Repubblica* a cura di Giuseppe Lozza. Milano: Mondadori, 2009.
- PLUTARCO. Sobre a face visível no orbe da Lua (Obras Morais). Tradução do grego, introdução e notas de Bernardo Mota. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.
- POPPELREUTER, H. *Die Erkenntnislehre der Stoiker Zenon und Kleanthes*. Coblenz: Städtliche Realgymnasium zu Coblenz, 1891.
- REALE, G. (cur.) *Seneca tutte le opere: dialoghi, trattati, letteri e opere in poesia*. Milano: Bompiani, 2000.
- RIBEIRO JR., W. A. Cleante / Hino a Zeus. *Portal Graecia Antiqua* (online), São Carlos. Disponível em: <greciantiga.org/arquivo.asp?num=0523>. Acesso em: 12 de julho de 2018.
- RUBARTH, S. Review "Johan C. Thom, Cleanthes' Hymn to Zeus. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005. Pp. 200. ISBN 3-16-148660-9. €50.00.", *Bryn Mawr Classical Review* (online), 2007.07.62. Disponível em: <<http://bmcr.brynmawr.edu/2007/2007-07-62.html>>. Acesso em: 3 de março de 2017.
- SENECA. *Moral essays*. 3 vols. (Loeb Classical Library). Translated John W. Basore. London: William Heinemann, 1928.
- SÊNECA. *Agamêmnon*. Introdução, tradução, notas e comentários de J. E. Lohner. São Paulo: Globo, 2009.
- _. *Da ira; Da tranquilidade da alma*. Introdução, tradução e notas de J. E. Lohner. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- _. *Tiestes*. Tradução de J. E. Lohner (em fase de revisão). São Paulo: s/d.
- SENECA THE ELDER. *The elder Seneca declamations*. Translated by M. Winterbottom. Cambridge, Mass.; London: Harvard University Press, 1974.
- SÉNÈQUE LE RHÉTEUR. *Controverses et suasoires*. Texte et traduction par H. Bornecque. Paris: Garnier, 1932.
- SERRA, Ordep (ed.) *Hinos órficos: perfumes*. Tradução, comentário e notas de Ordep Serra. São Paulo: Odysseus, 2015.
- THOM, J. C. Kleantes se Himne aan Zeus. *Akroterion*, 41, v. 1-2, 1996, 44-57.
- VERBEKE, G. *Kleanthes van Assos*. Brussel: Koninklijke Vlaamse Academie van België, 1949.
- WACHSMUTH, C. *Commentationes de Zenone Citiensi et Cleanthe Assio*, partes I et II. Göttingen: Officina Academica Dieterichiana, 1874-1875.
- WEBB, M. O. *Cicero's Paradoxa Stoicorum: a new translation with philosophical commentary*. 87 p. Thesis for a Master of Arts Degree in Classical Studies - Graduate Faculty of Texas Tech University. Lubbock: 1985. Disponível em <<https://ttu-ir.tdl.org/ttu-ir/bitstream/handle/2346/13953/31295003909982.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

ZUNTZ, G. Zum Kleanthes-Hymnus. *Harvard Studies in Classical Philology*, Department of the Classics, Harvard University, v. 63, 1958, p. 289-308.
Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/310862> > Acesso em: 7 mai 2015.

III. Bibliografia secundária

- ACKRILL, J. Plato on False Belief: Theaetetus 187-200. *The Monist*, v. 50, n. 3, jul. 1966, p. 383–402. Disponível em <<https://doi.org/10.5840/monist196650328>> Acessado em: 21 nov. 2017.
- ALBINI, F. Osservazioni sull’Inno a Zeus di Cleante. *PP*, v. 40, 1985, p. 275-280.
- _. In margine a Cleante, Inno a Zeus. *SIFC*, v. 8, 1990, p. 192-197.
- ALGRA, K. et al. (eds.) *The Cambridge History of Hellenistic Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- _. Comments or commentary? Zeno of Citium and Hesiod’s Theogonia. *Mnemosyne*, v. 54, n.5, 2001.
- ÁLVAREZ, M. A. S. La inteligencia de Zeus en el poema órfico de Derveni (OF 18.1): ζφρήν ο νοῦς? in: MARTÍNEZ, M. J. A.; HERNÁNDEZ, R. M.; LEYRA, I. P. (Eds.) *Estudios papirológicos: textos literarios y documentales del siglo IV a.C. al IV d.C.* Madrid: Fundación Pastor de Estudios Clásicos, 2017, p. 55-81.
- _. La catábasis de Pitágoras. *Emerita*, Revista de Lingüística y Filología Clásica, v. 84, n. 1, 2016, p. 31-50. Disponível em: < doi: 10.3989/emerita.2016.02.1424>. Acesso em: 9 de abril de 2019.
- AMIT, Nili Alon. Diogene di Babilonia sulla sede e sulla natura dello ‘hēgemonikon’. *Magazzino di filosofia: quadrimestrale di informazione, bilancio ed esercizio della filosofia*, v.31, anno XI, apr.2018, p. 185-200.
- ANNAS, J. E.; BARNES, J. *The modes of Scepticism*. Cambridge: CUP, 1985.
- ANNAS, J. E. *Hellenistic Philosophy of Mind*. Berkeley: University of California Press, 1992.
- _. *Virtue & Law in Plato & Beyond*. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- ANTUNES, C. L. B. Ritmo e sonoridade na poesia grega antiga. Abril de 2009, 136 p. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- ARNIM, H. F. A. in: *Realencyclopädie der classischen Altertumwissenschaft*, B. 11, 1921, col. 560-568.
- ASMIS, E. Myth and Philosophy in Cleanthes’ Hymn to Zeus.’ *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, v. 47, 2007, p. 413-428.
- BAJONI, M. G. Respect de la tradition et nouvelle sensibilité dans la Commemoratio Professorum Burdigalensium d'Ausone. *Revue des Études Anciennes Année*, v. 103, n. 3-4, 2001, p. 509-517. Disponível em:< www.persee.fr/doc/rea_0035-2004_2001_num_103_3_4844>. Acesso em: 4 de dezembro de 2019.
- BALOT, R.K. (Ed.) *A companion to Greek and Roman political thought*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.
- BARACAT JÚNIOR, J. C. (Org.) Arato, Fenômenos. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, v.38, jan-jun 2016, p. 1-84.
- BARTH, P. *Die Stoa*. Stuttgart: Frommanns Verlag, 1941.
- BÉNATOUIL, T. Logos et Scala naturae dans le Stoicism de Zénon et Cléanthe. *Elenchos*, v. 2, 2002, p. 297-331.
- _. Cléanthe contre Aristarque. Stoïcisme et astronomie à l’époque hellénistique. *Archives de Philosophie*, v.68, n.2, 2005, p. 207-222.
- BOBONICH, C. Review Julia Annas, *Virtue & Law in Plato & Beyond*, Oxford University Press, 2017, vi + 234pp., \$24.95, ISBN 0198755740. *Notre Dame Philosophical Reviews* (online), 2018.07.03. Disponível em: <

- <https://ndpr.nd.edu/news/virtue-and-law-in-plato-and-beyond/>. Acesso em: 9 de novembro de 2018.
- BOBZIEN, S. Stoic Syllogistic. *Oxford Studies in Ancient Philosophy*, v.14, 1996.
- _. *Determinism and Freedom in Stoic Philosophy*. Oxford: OUP, 1998.
- _. Did Epicurus discover the Free-Will Problem? *Oxford Studies in Ancient Philosophy*, v. 19, 2000.
- BOERI, M. D. The Stoics on Bodies and Incorporeals. *The Review of Metaphysics*, v. 54, 2001, p. 723-752.
- _. Innateness, Universal Reason, and Self-Preservation: Making Room for Stoicism in John Locke. In: VIGO, A. G. (ed.) *Oikeiosis and the Natural bases of Morality. From Classical Stoicism to Modern Philosophy*. Hildesheim: Georg Olms Verlag, 2012, p. 193-230.
- BRANCACCI, A. Antisthène et le stoïcisme: la logique. In: GOURINAT, J.-B. (éd) *Les stoïciens*. Paris: Vrin, 2005.
- _. 25. Le Ekphraseis di Zenone, Cleante e Crisippo. In: XENIS, Georgios A. (ed.) *Literature, Scholarship, Philosophy, and History Classical Studies in Memory of Ioannis Taifacos*. Stuttgart: Franz Steiner, 2015, p. 421-440.
- BREMER, J. M. Zeus' lightning in early Greek myth and in Kleanthes' Hymn. *Rocznik Humanistyczne*, v. LIV-LV, zeszyt 3, 2006-2007. Disponível em <https://www.kul.pl/files/409/public/RH54-55z3/RH_54-55z3_03-Bremer.pdf> Acessado em: 1º set. 2016.
- BRENNAN, T. Reservation in Stoic Ethics. *Archiv für Geschichte der Philosophie* 82. Bd., S. 149-177.
- BRINK, C. O. Οἰκείωσις and Οἰκειότης: Theophrastus and Zeno on Nature in Moral Theory. *Phronesis*, v. 1, n. 2, p. 123-145, May, 1956. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4181603>> . Acesso em: 20 de agosto de 2019.
- BRINKMANN, A. Luckenbüsser. *Rheinisches Museum für Philologie*, v. 72, 1917-18, p. 639-40.
- BRUNSCHWIG, J. (ed.) *Les stoïciens et leur logique* (Actes du Colloque de Chantilly, 18-22 Septembre 1976). Paris: Vrin, 1978.
- BRYAN, J.; WARDY, R.; WARREN, J. (eds.) *Authors and authorities in ancient philosophy*. Cambridge: CUP, 2018.
- BURKERT, W. Antike Mysterien: Funktion und Gehalt. München: H. C. Beck, 1990.
- CAIZZI, Fernanda Decleva. Un convegno internazionale su « Diogene Laerzio storico del pensiero antico» (Napoli-Amalfi 30.9-3.10.1985). *Rivista Di Storia Della Filosofia*, v. 41, n. 2, 1986, p. 341-45. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/44022372>> . Acesso em: 5 de maio de 2017.
- CASADESÚS, F. The transformation of the initiation language of mystery into Philosophical terminology. In: MARTÍN-VELASCO, J.; BLANCO, M. J. G. (eds.). *Greek Philosophy and Mystery Cults*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2016, p.1-26.
- CASAMENTO, Alfredo. *Finitimus oratori poeta: declamazioni retoriche e tragedie senecane*. Palermo: Flaccovio, 2002.
- CHOUINARD, I. *La conception de la liberté chez les premiers Cyniques*. Mémoire de maîtrise. Centre d'études classiques, Faculté des art et des sciences de l'Université de Montréal. Montréal, 2016.
- CLAY, J. "The Homeric hymns as genre" in: FAULKNER, A. (Ed.) *Homeric hymns: interpretative essays*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

- CONTE, B. L. *A Doxa no poema de Parmênides: uma investigação a partir dos testemunhos doxográficos*. 2016, 209 p. Tese (Doutorado). - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.
- CROISSANT, Jeanne. Gérard Verbeke, Kleanthes von Assos. *L'antiquité classique*, Tome 20, fasc. 2, 1951. p. 528-530. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/antiq_0770-2817_1951_num_20_2_3197_t1_0528_0000_2>. Acesso em: 24 de janeiro de 2017.
- CRÖNERT, W. *Kolotes und Menedem*. Leipzig: Teubner, 1904
- DAHLMANN, H. Nochmals 'Ducunt volentem fata, nolentem trahunt'. *Hermes*, v. 105, 1977, 342-351.
- DALFEN, Joachim. Das Gebet des Kleanthes an Zeus und das Schicksal. *Hermes*, v. 99, n. 2, 1971, p. 174-183. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4475677>>. Acesso em: 17 de setembro de 2017.
- DAMSCHEIN, Gregor; HEIL, Andreas (eds.) *Brill's Companion to Seneca: philosopher and dramatist*. Leiden: Brill, 2014.
- DECLERCK, J. (1976). Five unedited Greek Scholia of Ps-Nonnos. *L'Antiquité Classique*, v.45, n.1, pp. 181-189.
- DEICHGRÄBER, K. Bemerkungen zu Diogenes Bericht über Heraklit. *Philologus*, v. 93, 1938/1939, p. 12-30.
- DEITZ, L. *Kleanthes*. In: LUTZ, B. (eds) *Metzler Philosophen Lexikon*. Stuttgart: J.B. Metzler, 1995. DOI: <https://doi.org/10.1007/978-3-476-03642-1_151>. Acesso em: 4 de outubro de 2018.
- DINUCCI, A. O conceito estoico de phanasia: de Zenão a Crisipo. *Archai*, v.21, set.-dec. 2017, p. 15-38. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316.2/42793>>. Acessado em: 28 de fevereiro de 2019.
- DOMARADZKI, M. From Etymology to Ethnology. On the Development of Stoic Allegorism. *Archiwum historii filozofii i myśli społecznej*, v.56, 2011, p. 83-86.
- _. Theological Etymologizing in the Early Stoa. *Kernos*, v.25, 2012, p.125-148.
- _. Chrysippus on the Hierogamy of Zeus and Hera. *Studia Philosophica Wratislaviensia* (English Edition), 2014, p. 8-12.
- DORANDI, T. Diogenes Laertius. In: *The Encyclopedia of Ancient History* (online), 2012. Disponível em <[10.1002/9781444338386.wbeah0909](https://doi.org/10.1002/9781444338386.wbeah0909)> Acesso em: 3 abr. 2017.
- DÖRRIE, H. in: *Realencyclopädie der classischen Altertumwissenschaft*, Supplementband 12, 1970, col. 1706.
- DRAGONA-MONACHOU, M. 'Ο ' Ὑμνος στὸ Δία ' καὶ τὰ Χρῦσα ἔπη Ἡ ποιητικὴ θεολογία τοῦ Κλεάνθη καὶ ἡ ὀρφικο-πυθαγορικὴ παράδοση. *Philosophia*, v.1, 1971, p.339-378. [*O Hymnos stō Dīa kai tὰ Khrúsa épē Hē poiētiké theología toû Kleánthē kai hē orphiko-pythagoriké parádosē*]
- _. *The Stoic arguments for the Existence and Providence of the Gods*. Athens: ?, 1976.
- DUDLEY, D. R. *A History of Cynicism: from Diogenes to the 6th century A.D.* London: Methuen, 1937.
- ESPÍNDOLA, L. L. G. *Responsabilidade moral y destino en el estoicismo temprano*. Ciudad de México: Instituto de Investigaciones Filosóficas, 2016.
- FERREIRA, P. F. T. Chrysippus on Retribution and Rehabilitation. *doisipontos*, Curitiba, São Carlos, v. 10, n. 2, out. 2013, p. 109-134.
- _. *Boulder Stone and Whipping Top: Chrysippus on Fate, Effective Exhortation, and Desert*. PhD Dissertation. Faculty of Philosophy, Languages, and Human Sciences. Department of Philosophy, University of São Paulo, 2016.

- FESTA, N. Ortodossia e propaganda nello stoicismo antico. *Mélanges offerts à M. Octave Navarre par élèves et ses amis*. Toulouse: Édouard Privat, 1935, p. 169-80.
- FLÜCKIGER, H. Sexto Empírico: pensador sem posição. In: ERLER, M.; GRAESER, A. (orgs.) *Filósofos da Antiguidade 2: do helenismo à Antiguidade tardia*. Trad. N. Schneider. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2002, pp. 197-214.
- FONTECEDRO, E. A. La traduzione "infedele" di Seneca della preghiera di Cleante. *AMArc*, v. III 8, 1986-1987, 361-406.
- _. A proposito di πείσομαι in una variante di un verso di Cleante. *Sileno*, v.19, 1993, p.377-379.
- FORSCHNER, M. *Die stoische Ethik*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1995.
- FREDE, F.; LAKS, A. (eds.) *Traditions of Theology: Studies in Hellenistic Theology, its Background and Aftermath* (Symposium Hellenisticum 1998, Villeneuve-D'Ascq, France). Leiden: Brill, 2001.
- FURLEY, W. Types of Greek hymns. *Eos* 81, 1993, p.21-41.
- _.; BREMER, J. M. *Greek Hymns: Selected Cult Songs from the Archaic to the Hellenistic Period* (Studies in Antiquity & Christianity). 2 vols. Tübingen: Mohr Siebeck, 2001.
- _. Homeric and Un-Homeric hexameter hymns: a question of type. In: FAULKNER, A. (ed.) *Homeric hymns: interpretative essays*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- GAZOLLA, R. *O ofício do filósofo estóico: o duplo registro do discurso da Stoa*. São Paulo: Loyola, 1999.
- GELINAS, L. The Stoic Argument Ex Gradibus Entium. *Phronesis*, v.51, n.1, 2006, p.49-73.
- GEORGANTZOGLU, N. Miscellanea: ἐν βίβλοις γράφων (D.CHR. 7.102): Dio's 'extempore' art and Cleanthes' παραδιωρθώσεις. *Mnemosyne*, v. 56, n. 6, 2003, p. 732-728
- GIGANTE, Marcello. Sēmantikón Poíēma: contributo alia storia dell' estetica antica. *PP*, v. 16, 1961, p. 40-53.
- _. Biografia e dossografia in Diogene Laerzio. *Elenchos*, v. 7, 1986, p. 7-102. Disponível em <<http://lexicon.cnr.it/index.php/DDI/article/view/287/214>>. Acessado em: 13 jun. 2017.
- GILL, M. L. *Self-Motion from Aristotle to Newton*. Princeton: Princeton University Press, 1994.
- GOLDSCHMIDT, V. *Le Système stoïcien et l'idée de temps*. Paris: Vrin, 1953.
- _. Hyparchein et hyphestanai dans la philosophie stoïcienne. *Revue des Etudes Grecques*, v. 85, 1972, p. 331-444.
- GOMPERZ, T. Zur Chronologie des Zeno und Kleanthes. *Rheinisches Museum für Philologie*, v. 34, 1879, p. 154-156.
- GOULET-CAZÉ, M.-O.; GOULET, R. (eds.) *Le cynisme ancien et ses prolongements: Actes du Colloque International du CNRS* (Paris, 22-25 juillet 1991). Paris: Presses Universitaires de France, 1993.
- _. Une liste de disciples de Cratès le Cynique en Diogène Laërce 6,95. *Hermes*, n.114/2, jun-ago 1986, p. 247-252.
- _. *L'ascèse cynique: un commentaire de Diogène Laërce VI 70-71*. 2.ed. Paris: Vrin, 2016 (2001).
- _. Le cynisme ancien : entre authenticité et contrefaçon. *Aitia* (en ligne), n.5. 2005.
- GOURINAT, J.-B. (ed.) *Les stoïciens*. Paris: Vrin, 2005.
- _.; BARNES, J. (eds.) *Lire les stoïciens* (Quadrige). Paris: PUF, 2009.

- HADOT, P. *Exercices spirituels et philosophie antique*. Paris: Études augustinienes 1981.
- _. *La citadelle intérieure, introduction aux Pensées de Marc-Aurèle*. Paris: Fayard, 1992.
- _. *Qu'est-ce que la philosophie antique?* Paris: Gallimard, 1995. [1995a]
- _. *Philosophy as a way of life: spiritual Exercises from Socrates to Foucault*. Edited with an introduction by A. I. Davidson. Translated by M. Chase. Oxford: Blackwell, 1995. [1995b]
- _. *Études de philosophie ancienne*. Paris: Les Belles Lettres, 1998.
- _. *La philosophie comme manière de vivre*. Paris: Albin Michel, 2001.
- HOCK, Ronald F. Simon the Shoemaker as an Ideal Cynic. *Greek, Roman and Byzantine Studies*, v. 17, n. 1, p. 41-53, 1976. Disponível em: <<http://grbs.library.duke.edu/article/viewFile/8281/4759>>. Acesso em: 22 de agosto de 2018.
- HOÏSTAD, R. *Cynic hero and Cynic king: studies in the Cynic conception of man*. Diss. Uppsala Universitet. Lund: Carl Bloms Boktryckeri, 1948.
- HORN, C. Was weiß der stoische Weise? Zur Epistemologie der stoischen Ethik. In: RAPP, C.; WAGNER, T. (Eds.) *Wissen und Bildung in der antiken Philosophie*. Stuttgart: J.B. Metzler, 2006, p. 341-357.
- HUNTER, R. L. Written in the stars: poetry and Philosophy in the *Phaenomena* of Aratus. *Arachnion – A Journal of Ancient Literature and History on the Web*, v.2, 1995. Disponível em: <<http://www.cisi.unito.it/arachne/num2/hunter.html>>. Acesso em: 20 de março de 2019.
- IERODIAKONOU, K. *Topics in Stoic Philosophy*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- ILDEFONSE, F. *Os estóicos I: Zenão, Cleantes e Crisipo*. Tradução de Mauro Pinheiro. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.
- INWOOD, B. *Ethics and Human Action in Early Stoicism*. Oxford: Clarendon Press, 1985.
- INWOOD, B.; MANSFELD, J. *Assent and Argument, Studies in Cicero's Academic Books*. Leiden: Brill, 1997.
- _. (org.) *Os estóicos*. Tradução de Paulo F. T. Ferreira e Raul Fiker. São Paulo: Odysseus, 2006.
- IOPPOLO, A. M. *Aristone di Chio e lo stoicismo antico*. Napoli: Bibliopolis: 1980.
- _. Presentation and Assent: A Physical and Cognitive Problem in Early Stoicism. *The Classical Quarterly*, New Series, v. 40, n. 2, 1990, p. 433-449. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/639102>>. Acessado em: 28 de fevereiro de 2019.
- _. Il concetto di causa nella filosofia ellenistica e romana. In: *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, II.36.7, Berlin and New York, 1994, 4491-545, 4511-23.
- _. Gli academici “νεώτεροι” nel secondo secolo d.C. *Méthexis*, v.15, 2002, p.45-70.
- _. Il concetto di piacere nella filosofia di Aristone di Chio. *Elenchos*, v.33, n.1, 2012, p. 43-68.
- _. *Dibattiti filosofici ellenistici: dottrina delle cause, stoicismo, Accademia scettica*. Sankt Augustin: Academia, 2013.
- JOLY, Robert. Jørgen Mejer, Diogenes Laertius and his Hellenistic Background. *L'antiquité classique*, Tome 49, 1980. p. 352. Disponível em <www.persee.fr/doc/antiq_0770-2817_1980_num_49_1_1984_t1_0352_0000_2> Acessado em: 13 jun. 2017.
- JOSSERAND, C. Ragnar Höistad, Cynic Hero and Cynic King. Studies in the Cynic Conception of Man. Diss. Lund, Carl Bloms Boktryckeri, 1948. *L'antiquité classique*, n.20/2, 1951, p. 527-528.

- KAHN, C. H. *Pythagoras and the Pythagoreans: a brief History*. Indianapolis: Hackett Pub., 2001.
- KINDSTRAND, Jan Fredrik. Diogenes Laertius and the chreia tradition. *Elenchos*, v.7, n.1-2, p. 219-243, 1986. Disponível em: <<http://151.100.146.63/ojs/index.php/DDL/article/view/289/216>>. Acesso em: 3 de agosto de 2018
- KISO, A. Sophocles, Aleadae: a Reconstruction. *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, v. 17, 1976, p. 5-21.
- KLEYWEGT, A. J. Cleanthes and the vital heat. *Mnemosyne*, v.37, n.1-2, 1984, p.
- KOTZIA-PANTELI, P. Das Fragment 570 des Stoikers Kleanthes und die Prosopopoiie des Michael Choniates im Codex Marc. Gr. XI, 22. *EE Thess.* v. 20, 1981, p. 176-77.
- KRANZ, W. Die Prosopopoiie des Gregorius Palamas und Democrit. *Rheinisches Museum für Philologie*, v. 98, 1955, p. 275-78.
- LEITE, Danilo Costa Nunes Andrade. A vida cínica de Cleantes de Assos. *Phaos*, 2019. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/phaos/article/view/9828>>. Acesso em: 20 de setembro de 2019.
- LÉVY, C. “Rhétorique et philosophie : la monstruosité politique chez Cicéron”, *Revue des Études Latines*, 76, 1998, p. 139-157.
- _. 23. The New Academy and its Rivals. In: GILL, M. L.; PELLEGRIN, P. (eds.) *A companion to Ancient Philosophy*. Malden, MA: Blackwell, 2006, pp.448-464.
- LICANDRO, O. Il trattato περί πολιτικῆς ἐπιστήμης ovvero del *princeps* ciceroniano nell’età dell’assolutismo. Concezioni e dibattito sull’idea imperiale e sulle *formae rei publicae* alla corte di Giustiniano (Vat. Gr. 1298). *Iura Rivista Internazionale di Diritto Romano e Antico*, v.64, 2016, 183-256.
- LIMA, S. C. de. *A exposição da ética de Epicuro no ‘De finibus’ de Cícero*. Dissertação de mestrado – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2004.
- LONG, A. A. The Stoic concept of evil. *Philosophical Quarterly*, v.18, 1968, p. 329-43.
- _. *Stoic studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- _. *Epictetus: a Stoic and Socratic guide to life*. Oxford: Clarendon Press, 2001.
- _. *From Epicurus to Epictetus: studies in Hellenistic and Roman philosophy*. Oxford: Clarendon Press, 2006.
- _. Chapter 12. In and out of the Stoa: Diogenes Laertius on Zeno. In: BRYAN, J.; WARDY, R.; WARREN, J. (eds.) *Authors and authorities in ancient philosophy*. Cambridge: CUP, 2018, p.242-262.
- LONG, A. G. (ed.) *Plato and the Stoics*. Cambridge: CUP, 2013.
- _. Sophists, Epicurean and Stoics. In: CANEVARO, Mirko; GRAY, Benjamin (eds.) *The Hellenistic Reception of Classical Athenian Democracy and Political Thought*. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- _. *Death and immortality in Ancient Philosophy*. Cambridge: CUP, 2019.
- MALHERBE, A. J. *Light from the gentiles: Hellenistic philosophy and early Christianity*. Edited by Carl R. Holladay et al. Leiden: Brill, 2014.
- MANSFELD, Jaap. Zeno of Citium. Critical Observations on a Recent Study. *Mnemosyne*, v. 31, 1978, p. 134-178.
- _. Techne: A New Fragment of Chrysippus. *GRBS*, v. 24, 1983, p. 57-65.
- _. Diogenes Laertius on Stoic philosophy. *Elenchos*, v. 7, 1986, p. 297-382. Disponível <<http://lexicon.cnr.it/index.php/DDL/article/view/291/218>> Acessado em: 13 jun. 2017.

- _. Diogenes Laertius 7.83. *Mnemosyne*, Fourth Series, v. 53, n. 5, 2000. p. 592-97.
Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/4433144>> Acessado em: 13 jun. 2017.
- MARCOVICH, M. On the origin of Seneca's 'ducunt volentem fata' CPh 54, 1959,
- MAY, J. M. Cicero and the beasts. *Syllecta Classica*, Vol. 7, 1996, p. 143-153.
- _. (ed.) *Brill's Companion to Cicero: oratory and rhetoric*. Leiden: Brill, 2002.
- MAYER, A. Die Chronologie des Zenon und Kleanthes. *Philologus*, v. 71, 1912, 220-221.
- MEJER, Jürgen. *Diogenes Laertius and his Hellenistic Background*. Wiesbaden, Franz Steiner, 1978.
- MEIJER, P. A. Kleanthes' Loflied op Zeus: Kunt ge nog zinge, zing dan mee. *Lampas*, v. 16, 1983, p.16-32.
- _. Γέρας in the Hymn of Cleanthes on Zeus. *Rheinisches Museum für Philologie*, v. 129, 1986, p. 31-36.
- _. *Stoic Theology: proofs for the existence of the Cosmic God and of the Traditional Gods*. Delft: Eburon, 2007.
- MERITT, B. D. Athenian Archons 347/6-48/7 B.C. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, n. 26/2, mai-ago 1977, p. 161-191.
- MERLAN, P. Minor Socratics. *Journal of the History of Philosophy*, n. 10, 1972, p. 143-52.
- MODRAK. Perception and judgement in the *Theaetetus*. *Phronesis*, v. 26, n. 1, 1981, p. 35-54. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/4182109>> Acessado em: 20 nov. 2017.
- MORETTI, G. *Acutum dicendi genus: brevità, oscurità, sottigliezze e paradossi nelle tradizioni retoriche degli stoici*. Bologna: Pátron, 1995.
- MUELLER,, I. Stoic and Peripatetic Logic. *Archiv für Geschichte der Philosophie*, v. 51, 1969, p. 173-87.
- NAVIA, L. E. *Classical cynicism: a critical study*. Westport, Connecticut: Greenwood Press, 1996.
- _. *Diogenes of Sinope: the man in the tub*. Westport, Connecticut: Greenwood, 1998.
- NEUSTADT, E. Der Zeushymnos des Kleanthes. *Hermes*, v.66, 1931, p.387-401.
- NIGHTINGALE, A; SEDLEY, D. (ed) *Ancient models of mind: Studies in Human and Divine Rationality*. Cambridge: CUP, 2010.
- NORDEN, E. *Agnostos Theos: Untersuchungen zur Formengeschichte religiöser Rede*. Leipzig: Teubner, 1923.
- ONFRAY, M. *Cinismos: retrato de los filósofos llamados 'perros'*. Traducción de Alcira Bixio. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- PIRE, G. *Stoïcisme et pédagogie, de Zénon à Marc-Aurèle, de Sénèque à Montaigne et à J.-J. Rousseau*. Liège; Paris: Éditions Classique H. Dessain; Vrin, 1958.
- POHLENZ, M. *Die Stoa*. 2 Bände. Gottingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1948-55.
- _. Kleanthes Zeushymnus. *Hermes*, v.75, 1940, p. 117-123.
- _. *La Stoa, storia di un movimento spirituale*. 2 vols. Firenze: La Nuova Italia, 1967
- PORTER, J. I. Stoic interpretations of Homer. In: FINKELBERG, M. (ed.) *The Homer Encyclopedia*. Malden, MA; Oxford: Blackwell, 2011.
- PREUS, A. (Ed.) *Historical Dictionary of Ancient Greek Philosophy*. 2. Ed. Lanham: Rowman & Littlefield, 2015.
- PROTOPAPAS-MARNELLI, Maria. Les traits de Zeus Pandoros, selon l'Hymne à Zeus de Cléanthe. *Kernos* (en ligne),v. 16, 2003, p. 191-195. Disponível em: <<http://kernos.revues.org/822>>. Acesso em: 13 out. 2018.
- PULLEYN, S. *Prayer in Greek Religion*. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- RIST, J. M. *Stoic Philosophy*. London: Cambridge University Press, 1969.

- ROSS, D. *Passion et raison dans le stoïcisme*. 142 fls. Mémoire de maîtrise en philosophie – Faculté des Arts et des Sciences de l'Université de Montréal. Montréal: 2008.
- ROSSETTI, L. Sócrates y la cultura del autocontrol. *LIMES: Centro de Estudios Clásicos Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación*, n.20, 2008, p. 39–52.
- ROSSINO, C. M. (ed.) *Herculaneum voluminum quae supersunt*. v. 8. Nápoles: Regia Typographia, 1844.
- ROWETT, Catherine. The Pythagorean society and politics. In: HUFFMAN, C. A. (ed.) *A History of Pythagoreanism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- RUBARTH, Scott. Stoic Philosophy of Mind. In: FIESER, J.; DOWDEN, B. (eds.) *The Internet Encyclopedia of Philosophy*. < <http://www.iep.utm.edu/stoicmind/> > Acessado em: 17 jul. 2018.
- SALLES, R. La compleja armonía entre física y ética en la filosofía estoica. *Méthexis*, v.13, 2000, p. 129-138.
- _. 'Εκπύρωσις and the Goodness of God in Cleanthes. *Phronesis*, v. 50, n. 1, 2005, p. 56-78. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/4182767>>. Acessado em: 29 fev. 2016.
- _. (ed.) *God and cosmos in Stoicism*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- _. Chapter I - Two early Stoic theories of cosmogony. In: MARMODORO, A.; PRINCE, B. D. (eds.) *Causation and creation in Late Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- _. “'Εκπύρωσις and the Goodness of God in Cleanthes”, *Phronesis*, Vol. 50, No. 1, 2005, pp. 56-78. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/4182767>>. Acessado em: 29 fev. 2016.
- _. Why is the Cosmos Intelligent? (1). *Rhizomata*, v.6, n.1, 2018, 40 p.
- _; ARAÍZA, J.; MOLINA, J. Ortodoxia y heterodoxia en la idea estoica del eterno retorno. *Nova Tellus*, v. 20, 2002, p. 125-181.
- SANDBACH, F. H. Phantasia kataleptike. In: LONG, A. A. (ed.) *Problems in Stoicism*. London: Athlone Press, 1971.
- SCATOLIN, A. *A invenção no 'Do Orador' de Cícero: um estudo à luz de 'Ad Familiares I, 9, 23'*. 313 p. Tese de doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2009.
- SCHUHL, P.-M. *Le Dominateur et les possibles*. Paris: PUF, 1960.
- SEDLEY, D. N. Diodorus Cronus and Hellenistic Philosophy. *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, v. 203, 1977, p. 74-120.
- _. Philosophical allegiance in the Greco- Roman world. In: BARNES, J.; GRIFFIN, M. (eds.) *Philosophia Togata I*. Oxford: Clarendon Press, 1989, p. 97– 119.
- _. La definition de la phantasía katalêptikê par Zénon. In: GOURINAT, J.-B. (ed.) *Les stoïciens*. Paris: Vrin, 2005, p. 75-92.
- SELLARS, J. What is Philosophy as a way of life? *parrhesia*, v.28, 2017, p.40-56.
- SETAIOLI, A. La traduzione senecana dei versi di Cleante a Zeus e al fato. In: VÁRIOS. *Studi di poesia latina in onore di Antonio Traglia*. 2 vols. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1979, p.719-730.
- _. Due messe a ponto senecane: 1. La traduzione dei versi di Cleante a Zeus e al Fato 2. Seneca e il sublime. *Prometheus*, v. 17, 1991, p. 137-154.
- _. Ancora sulla traduzione senecana dei versi di Cleante a Zeus ed al fato. *Prometheus*, v. 28, 2002, p.171-178.
- _. *Facundus Seneca*, aspetti della lingua e dell'ideologia senecana, Bologna: Pàtron, 2000.

- _. Interpretazioni stoiche ed epicuree in Servio e la tradizione dell'esegesi filosofica del mito e dei poeti a Roma (Comuto, Seneca, Filodemo), I. *International Journal of the Classical Tradition*, v. 10, n. 3, 2004, p. 335-376.
- SIDER, David; OBBINK, Dirk (ed.) *Doctrine and Doxography: Studies on Heraclitus and Pythagoras*. Berlin: de Gruyter, 2013.
- SIEBECK, H. Die Entwicklung der Lehre vom Geist (Pneuma) in der Wissenschaft des Altertums. *Zeitschrift für Volkerpsychologie und Sprachwissenschaft*, 1880, p. 361-407.
- SOLMSEN, F. *Cleanthes or Posidonius? The basis of Stoic Physics*. Mededelingen der Koninklijke Nederlandse Akademie van Wetenschappen, Letterkunde Nieuwe Reeks, v. 24, n.9. Amsterdam: N. V. Noord-Hollandsche Uitgevers Maatschappij, 1961.
- SONNY, A. Michael Akominatos - Autor der dem Gregorios Palamas zugeschriebenen Prosopopoie. *Vizantijskoe Obozrenije*, v. 1, n. 1, 1915, p. 104-16.
- SORABJI, R. *The Philosophy of the Commentators, 200-600 AD – A Sourcebook*. Volume 1. Psychology (with Ethics and Religion). Ithaca: Cornell University Press, 2005.
- _. *Animal minds and human morals : the origins of the Western debate*. London: Duckworth, 1993.
- _. *Emotion and Peace of Mind: from stoic agitation to christian temptation*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- STEINMETZ, P. Allegorische Deutung und allegorische Dichtung in der alten Stoa. *Rheinische Museum für Philologie*, v. 129, 1981, 18-30.
- Столяров, А. А. Клеанф. In: Стёпин, В. С. (пред. науч.-ред. Совета). *Новая философская энциклопедия*. Москва: Мысль, 2010. Disponível em <<https://iphlib.ru/greenstone3/library/collection/newphilenc/document/HASH0132ab5ab36b27f745fd8532>>. Acesso em: 18 de setembro de 2018. [STOLIAROV, A. A. Kleanf. In: STIOPIN, B. C. (ed.) *Novaia filosofskaia entsiklopediia*. 4 vols. 2.ed. Moskva: Mysl, 2010.]
- STRIKER, G. *Essays on Hellenistic Epistemology and Ethics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- SWIGGERS, P. Logica en grammatica bij de Stoa. *Tijdschrift voor Filosofie*, 45ste Jaarg., n. 2, jun. 1983, pp. 256-260. Stable URL: <<http://www.jstor.org/stable/40884253>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2016.
- THESLEFF, H. *An Introduction to the Pythagorean Writings of the Hellenistic Period*. Åbo: Åbo Akademi, 1961.
- THOM, J. C. The problem of evil in Cleanthes' *Hymn to Zeus*. *Acta Classica*, 41, 1998, 45-57.
- _. Cleanthes, Chrysippus and the Pythagorean *Golden Verses*. *Acta Classica*, 44, 2001, 197-219. (2001a)
- _. Cleanthes' *Hymn to Zeus* and Early Christian Literature. In: COLLINS< A. Y.; MITCHELL, M. M. (eds.) *Antiquity and Humanity*. Essays on Ancient Religion and Philosophy presented to Hans Dieter Betz in his 70th birthday. Tübingen: Mohr Siebeck, 2001, p. 477-499. (2001b)
- TIELEMAN, T. *Galen and Chrysippus on the Soul: Argument and Refutation in the de Placitis Books II-III*. Leiden: Brill, 1996.
- _. *Chrysippus' on Affections: Reconstruction and Interpretations*. Leiden: Brill, 2003.
- TOOHEY, P. *Epic lessons: an Introduction to Ancient Didactic Poetry*. London; New York: Routledge, 1996

- TRAINA, A. *Lo stile 'drammatico' del filosofo Seneca*. 4. ed. 3. ristampa. Bologna: Patron, 1974 (2011).
- VERBEKE, G. *L'évolution de la doctrine du pneuma: du stoïcisme a Saint Augustin*; Paris; Louvain: Desclée de Brower; Editions de l'Institut Supérieur de Philosophie, 1945.
- VOSS, B. R. Die Keule der Kyniker. *Hermes*, v. 95, n. 1, 1967, p. 124-125. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4475450>> Acessado em: 19/07/2018.
- WAERDT, P. A. V. *The Socratic Movement*. Ithaca: Cornell University Press, 1994.
- WEIHER, Anton (Ed.). *Homerus: homerische Hymnen*. 6 Aufl. (Sammlung Tusculum). München; Zürich: Artemis-Verlag, 1989.
- WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, U. Kleanthes und Aristarch. *Hermes*, v. 20, 1885, p. 631.
- _. Apollo. *Hermes*, v. 38, 1903, p. 575-86.
- _. *Griechisches Lesebuch*, Erläuterungen II. Berlin: Weidmann, 1902.
- _. Kleanthes' Zeushymnus. In:_. *Hellenistische Dichtung in der Zeit des Kallimachos*. Berlin: , 1924, p. 257-61.
- ZHMUD, Leonid. Physis in the Pythagorean Tradition. *Philologia Classica*, v.13, n.1, 2018, p. 50–68. DOI: <<https://doi.org/10.21638/11701/spbu20.2018.104>> . Acesso em: 15 de setembro de 2018.

IV. Obras de referência e varia

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. 5. ed. Trad. A. Bosi et al. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALLEN, J. H.; GREENOUGH, J. B. *Allen & Greenough's New Latin Grammar for Schools and Colleges* (College Classical Series). Edited by J. B. Greenough et al. Boston: Gin & Co., 1939 (1888).
- ANNIS, W. S. Introduction to Greek meter. *Aoidoi.org* (online), jan. 2006. Disponível em <<http://www.aoidoi.org/articles/meter/intro.pdf>>. Acesso em: 24 de março de 2017.
- BAILLY, A. *Dictionnaire grec-français*. 26.ed. Paris: Hachette, 1965
- BARDON, H. *Le vocabulaire de la critique littéraire chez Sénèque le Rhéteur*. Paris: Belles Lettres, 1940.
- BEEKES, R. S. P. *Etymological Dictionary of Greek*, 2 vols. Leiden: Brill, 2010.
- BENVENISTE, E. *Noms d'agent et noms d'action en indo-européen*. Paris: Adrien-Maisonneuve, 1948.
- BERTI, E. *Scholasticorum studia: Seneca il Vecchio e la cultura retorica e letteraria della prima età imperiale*. Pisa: Giardini, 2007.
- BONIFAZI, Anna; DRUMMEN, Annemieke; KREIJ, M. *Particles in Ancient Greek discourse: five volumes exploring particle use across genres*. Hellenic Studies Series 74. Washington, DC: Center for Hellenic Studies, 2016. Disponível em <http://nrs.harvard.edu/urn-3:hul.ebook:CHS_BonifaziA_DrummenA_deKreijM.Particles_in_Ancient_Greek_Discourse.2016> Acessado em: 13 dez. 2016.
- BONNER, S. F. *Roman declamation in the late republic and early empire*. Liverpool: Liverpool University Press, 1949 (1969).
- BOYS-STONES, G. R. (ed.) *Metaphor, Allegory and the Classical Tradition: Ancient Thought and Modern Revisions*. Oxford: OUP, 2003.
- _. *Oxford Companion Hellenic Studies*. Oxford: OUP, ?
- BRANDÃO, J. L. *Antiga musa (arqueologia da ficção)*. 2.ed. Belo Horizonte: Relicário, 2015 (2005).
- BRÉHIER, E. *Histoire de la philosophie*. Paris: PUF, 2004 (1930-1964).
- BREMER, J. N. *Greek Religion*. Oxford: Oxford University Press, 1994.
- BRYAN, J.; WARDY, R.; WARREN, J. (eds.) *Authors and authorities in ancient philosophy*. Cambridge: CUP, 2018.
- BUFFIÈRE, . *Les mythes d'Homère et la Pensée Grecque*.
- BYWATER, I. *The Erasmian pronunciation of Greek and its Precursors: Jerome Aleander, Aldus Manutius, Antonio of Lebrixa*. Oxford: Oxford University Press, 1908.
- CAVALLO, A. G. Conservazione e perdita dei testi greci: fattori materiali, sociali e culturali. in: GIARDINA, A. (cur.) *Società romana e impero tardoantico IV: Tradizioni dei classici, tra informazioni della cultura*. Roma-Bari 1986, p. 83-172. 246-271.
- CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: histoire des mots*, 4 vols. Paris: Éditions Klincksieck, 1968-1980.
- CIVILLERI, G. O. *Nomi deverbali nel continuum nome/verbo: il caso del greco antico*. 264 p. Tesi (dottorato di ricerca in Linguistica Sincronica, Diacronica e Applicata, XXIII Ciclo). Roma Tre, Roma, 2010.

- CLARK, Donald Lemen. *Rhetoric in Greco-Roman education* (cap. VII: “Declamation”). New York: Columbia University Press, 1957.
- CLAYMAN, Dee L. Philosophy and Philosophers in Greek Epigram. In: BING, P.; BRUSS, J. (eds.) *Brill’s Companion to Hellenistic Epigram*. Leiden: Brill, 2007, p. 497-517.
- DEKKER, E. *Illustrating the Phaenomena: Celestial Cartography in Antiquity and the Middle Ages*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- DENNISTON, J. D. *The Greek Particles*. 2.ed. Oxford: Clarendon Press, 1954.
- DORANDI, T. 1. Tradierung der Text in Altertum; Buchwesen. In: _; NESSELRATH, H.-G. (Hrgg.) *Einleitung in die griechische Philologie*. Vieweg: Teubner, 1997, p. 3-16.
- DOWDEN, K. *Zeus*. London; New York: Routledge, 2006.
- DUHOUX, Y. *Le verbe grec ancien: éléments de morphologie et de syntaxe historiques*. 2. ed. Leuven: Peeters, 2000.
- DUNLOP, J. *History of Roman Literature, from its earliest period to the Augustan Age*. 2 vols. Philadelphia; New York: E. Littell; G & C. Carvill.
- EMILSSON, Eyjólfur. Porphyry. In: ZALTA, Edward N. (ed) *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Summer 2015 Edition), Disponível em <<http://plato.stanford.edu/archives/sum2015/entries/porphyry/>> Acesso em: 28 nov. 2016.
- FAIRWEATHER, J. “The elder Seneca and declamation”,
- FERNANDES, E. Zoroastro, o grego. Zaratustra na percepção grega e helenística. CORNELLI, G.; FIALHO, M. C.; LEÃO, D. (coords.) *Cosmópolis: mobilidades culturais às origens do pensamento antigo*. Belo Horizonte; Coimbra: Annablume; Imprensa da Universidade de Coimbra, ??, p. 109-131.
- FERNANDES, M. V. *Manílio: Astronômicas, tradução, introdução e notas*. 2006, 292 p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- _ . *As faces da razão: instrução e mimese nas Astronômicas de Manílio*. 2012, 312 p. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- FERREIRA, P. EE II 2 1220a39-b6. *Archai*, v. 20, may-aug. 2017, p. 123-140. DOI: <https://doi.org/10.14195/1984-249X_20_5>. Acesso em: 22 de julho de 2018.
- FORTENBAUGH, William W. “Theophrastus, Fragment 65 Wimmer: Is It Important for Understanding Peripatetic Rhetoric?”, *The American Journal of Philology*, The Johns Hopkins University Press, v. 111, n. 2, 1990, p. 168-175. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/294972>> Acessado em: 9 jan. 2017
- _.; HUBY, P.M.; SHARPLES, R.W. et al. (eds.). *Theophrastus of Eresus: sources for his life, writings, thought and influence*. Leiden: Brill, 1992.
- GAGARIN, M. (Ed.) *The Oxford Encyclopedia of Ancient Greece and Rome*. 7 vols. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- GENTILE, Bruno; LOMENTO, Liana. *Metrica e rítmica*. Milano: Mondadori Università, 2003.
- GLARE, P. G. W. (ed.) *Oxford Latin Dictionary*. 2.ed. Oxford: Clarendon Press, 2012.
- GORDLEY, M. E. *Teaching through Song in Antiquity: Didactic Hymnody among Greeks, Romans, Jews, and Christians*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2011.
- HADJITTOFI, F. Zeus nos Fenómenos de Arato:um deus democrata? In: PIMENTEL, M. C.; ALBERTO, P. F. (eds.) *Vir bonus peritissimus aequae*. Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2013, p.157-64.

- HALPORN, J. W.; OSTWALD, M.; ROSENMEYER, T. G. *The meters of Greek and Latin poetry*. Suffolk: Richard Clay & Co, 1963.
- HARVEY, P. *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Zahar, 1987 (1937).
- HEATH, Malcom. *Interpreting classical texts*. London Duckworth, 2002.
- HÖFFE, O. *Aristoteles-Lexikon*. Stuttgart: Kröner, 2005.
- HOPKINSON, N. (ed.) *A Hellenistic anthology*. Cambridge: CUP, 1988.
- HUNGER, H. *Lexikon der griechischen und römischen Mythologie*. Wien: ?, 1958.
- HUTCHINSON, G. O. *Hellenistic poetry*. Oxford: Clarendon Press, 1988.
- JAEGER, W. *Paideia*. Trad. Ciudad de Mexico: Fondo de Cultura, 1967.
- KAHN, C. The Greek verb 'to be' and the concept of being. *Foundation of Language*, v.2, n.3, Aug.1966, p.246-261.
- KINZL, K. H. *A Companion to the Classical Greek World*. ??: Wiley, ??
- KNEALE, W.; KNEALE, M. *The Development of Logic*. Oxford, 1972.
- KORZENIEWSKI, D. *Griechische Metrik*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1968.
- KRAUT, R. (ed.) *The Cambridge Companion to Plato*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- LEITE, Danilo Costa Nunes Andrade. Resenha crítica de 'Aristotle on Emotion' de William Fortenbaugh. *Hypnos*, v.29, n.2, 2012. Disponível em: <>. Acesso em: 28 de maio de 2017.
- LEWIS; SHORT.
- LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon*. Revised and augmented throughout by Sir Henry Stuart Jones with assistance of Roderick McKenzie. Oxford: Clarendon Press, 1940.
- LONSDALE, S. H. "Homeric Hymn to Apollo: prototype and paradigm of choral performance", *Arion*, third series, v. 3, n. 1, set. 1994-mar.1995, p. 25-40. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/20163563>> Acessado em: 1º set. 2016.
- MACEDO, J.M. *Palavra ofertada: um estudo retórico dos hinos gregos e indianos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- MALLOY, J. P.; ADAMS, D. Q. (Eds.). *Encyclopedia of Indo-European Culture*. London, Chicago 1997
- MAROUZEAU, J. *Index des périodiques dépouillés dans la Collection de bibliographie classique et dans la Revue des comptes rendus des ouvrages relatifs à l'antiquité classique et index de leurs sigles*. Compilés et complétés par Peter Rosumek. Paris: Les Belles lettres, 1982.
- MAAS, P. *Textkritik*. 2.Aufl. Leipzig: Teubner, 1960.
- MILES, M. M. Chapter 15 – The interiors of Greek temples. In: __ (Ed.) *A companion do Greek architecture*. Chichester, West Sussex: Wiley-Blackwell, 2016.
- MUELLNER, L. *The meaning of Homeric Εὔχομαι through its formulas*. Innsbruck, 1976. Disponível em < <https://chs.harvard.edu/CHS/article/display/6049>> Acesso em: 7 nov. 2017.
- NAGY, G. *Homeric Questions*. Austin: University of Texas Press, 1996.
- _. *The Ancient Greek hero in 24 hours*. Cambridge, Mass.: harvard University Press, 2013.
- NUSSBAUM, M.C. *Upheavals of Thought: the intelligence of emotions*. New York: Cambridge University Press, 2006.
- NUYENS, F. *De ontwikkelingsmomenten in de zielkunde van Aristoteles*. Louvain: 1939.
- PEREIRA, B. F.; VÁRZEAS, M. (orgs.) *Retórica e teatro: a palavra em ação*. Porto: Universidade do Porto Editorial, 2010.

- POWER, Timothy. *The Culture of Kitharôidia*. *Hellenic Studies Series* 15. Washington, DC: Center for Hellenic Studies, 2010. Disponível em: <http://nrs.harvard.edu/urn-3:hul.ebook:CHS_Power.The_Culture_of_Kitharoidia.2010>. Acesso em: 23 de maio de 2018.
- QUILES, C. ; LOPEZ-MENCHERO, F. *A grammar of Modern Indo-European*. 2. ed. Madrid: DNGHU, 2009.
- RAVEN, D.S. *Greek meter, an introduction*. London: Faber & Faber, 1962.
- REALE, G. *História da filosofia antiga*, v.2: Platão e Aristóteles. Trad. H. C. L. Vaz e M. Perine. São Paulo: Loyola, 1994.
- RICHARDSON, N. *The Iliad: a commentary*, volume 6 (books 21-24). G. S. Kirk (General Editor). Cambridge: CUP, 2000 (1993).
- RIJKSBARON, A. *The syntax and semantics of the verb in classical greek: an introduction*. Chicago: University of Chicago Press, 2006.
- RIX, H. (Hrsgb.) *Lexikon der indogermanischen Verben*. Die Wurzeln und ihre Primärstammbildungen. Wiesbaden: Dr.-Ludwig-Reichert-Verlag, 1998.
- ROCCI, L. *Vocabolario greco-italiano*. 41.ed.. Roma, Società editrice Dante Alighieri, 2008.
- RODÓ, J. E. *Ariel*. Montevideu: Cervantes Uruguay, 1911 (1900).
- ROTTA, P. *I socratici minori*. Brescia: Scuola, 1948.
- RUSSELL, D. A. *Greek declamation*. London: Cambridge University Press, 1984.
- SETAIOLI, A. Seneca e lo stile. *ANRW II*, 32.2, 1985, p. 776-858.
- SMYTH, H. W. *Greek Grammar*. Cambridge: Harvard University Press, 1956 (1920).
- SLOTEDIJK, P. *Critique of Cynical Reason*. Minneapolis: Minnesota University Press, 1988.
- STAFFORD, E. *Herakles*. London; New York: Routledge, 2011.
- STARR, Raymond J. The Circulation of Literary Texts in the Roman World. *The Classical Quarterly*, New Series, v. 37, n. 1, 1987, p. 213-223. Stable URL: <<http://www.jstor.org/stable/639358>>. Acesso em: 31 de maio de 2012.
- TARN, W. W. *The Hellenistic civilization*. London: ??, 1940.
- TOOHEY, P. *Epic lessons: an Introduction to Ancient Didactic Poetry*. London; New York: Routledge, 1996.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS DA USP. *Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP : parte I (ABNT)*. Vânia Martins Bueno de Oliveira Funaro (coord.). 3.ed. rev. ampl. mod. São Paulo, 2016.
- VARIOS. *Collectanea Alexandrina cum apparato critico a J. Powell*. Oxford: Oxford University Press, 1925.
- VASCONCELOS, B. A. Ciência do bem dizer: a concepção de retórica de Quintiliano em Instituto oratória, II, 11-21. São Paulo: Humanitas, 2005.
- VERMASEREN, M. J. (ed.) *Studies in Hellenistic Religions*. Leiden: Brill, 1979.
- VIANO, C. Vertus naturelles et unité des vertus: Alexandre et le modèle de la mixis. *Revista Filosófica de Coimbra*, v.20, n. 39, mar.2011, ?
- WALBANK, F. W. et al. (Eds.) *The Cambridge Ancient History*. 2.ed. 14 vols. Cambridge: Cambridge University Press, 1970-2005.
- WATMOUGH, M. M. T. The Suffix -tor-: Agent-Noun Formation in Latin and the Other Italic Languages. *Glotta*, 73. Bd., 1./4. H., 1995/1996, p. 80-115. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/40267017>>. Acesso em: 24 nov. 2016.
- WEHRLI, F. (ed.) Klearchos. In: __. *Die Schule des Aristoteles*, vol. 3. 2. ed. Basel: Schwabe, 1969, p. 9-40.
- WEST, M. L. *Greek metre*. Oxford: Clarendon Press, 1982.

- _. *Crítica textual e técnica editorial*. Trad. A. M. R. Rebelo. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2002.
- WHIBLEY, L. (ed.) *Companion to Greek studies*. Cambridge: CUP, 1916.
- WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, U. von. *Griechische Verskunst*. Berlin: Weidmannische Buchhandlung, 1921.

APÊNDICES À TESE

I. Glossários

I.I. Glossário de termos gregos e de conceitos estoicos

α

ἀδιάφορον, τὸ (*tò adiáphoron* [translit.]; neutrum [lat.]): indiferente, conceito importante na teoria ética estoica, constituído pelo que não é nem o bem, a virtude e a felicidade, nem o mal, o vício.

αἵρεσις (*haíresis* [translit.]): escolha, eleição, propósito; seita, escola de pensamento. Ver Περὶ αἱρέσεων abaixo

ἀποτέλεσμα, τὸ (*tò apotélesma* [translit.]): efeito

ἀσώματον, τὸ (*tò asōmaton* [translit.]): incorpóreo; cf. τὸ σῶμα

ἀφορμή (*aphormé* [translit.]): inclinação

δ

διάθεσις (*diáthesis* [translit.]): disposição

διακόσμησις (*diakósmēsis* [translit.]): reordenação cósmica, oposta à ἐκπύρωσις

διάνοια (*diánoia* [translit.]): mente

διοίκησις (*dioikēsis* [translit.]): administração, governo. Cognatos: διοικεῖσθαι (v. inf. m.-p.); διοικουμέν-ος-η-ον (part. m.-p.);

ε

ἐκπύρωσις (*ekpýrōsis* [translit.]): conflagração, oposta à διακόσμησις

ἐγκράτεια (*enkrateia* [translit.]): autocontrole

⇒ Pearson C 76; SVF 1.200, 1.563, 3.258; LS 61C; BS 26.17

ἐννοήματά: concepções

η

ἡγεμονικὸν (*hēgemonikōn* [translit.]; principatum, principale, rector [lat.]; Zentralsorgan [ale.]): parte governante, diretiz, governante.

⇒ Cf. Cic. ND 2.29; Ph. Prov. 2.64 (ed. Aucher) (= Ad Cleant. physic. (5))

κ

καθῆκον, τὸ (*tò kathēkon* [translit.]; officium [lat.]): a ação incumbente, a incumbência.

⇒ Cf. Cic. Fin. 2.69.3-15; 3.20.11-12.

κατάληψις (*katalēpsis* [translit.]; comprehensio [lat.]): cognição

καταληπτικὴ φαντασία (*katalēptikē phantasia* [translit.]; comprehendibile visum [lat.]): impressão cognitiva. Na epistemologia estoica zenoniana, a

κοσμός (*kosmós* [translit.]; mundus [lat.]): universo

κυριεύων λόγος, ὁ (*ho kyrieúōn lógos* [translit.]): “O argumento do senhor”, criado por Diodoro Crono, filósofo dialético e professor de Zenão, no âmbito de sua lógica modal, para comprovar sua definição de ‘possível’. Trata-se da exposição de um problema oriundo da incompatibilidade lógica entre três proposições aceitas pelo senso comum.

⇒ Ref. Sedley, 1977, passim (esp. p. 115 n.132)

λ

λεκτόν, τὸ (*tò lektón* [translit.]): dizível, *definiens* de τό σημαίνόμενον (ver abaixo), somente a essa classe se aplica a verdade e a falsidade

⇒ Cf; SE. AM 8.11 (= SVF 2.166), 8.70 (= SVF 2.187), Sen. Ep. 117.13.

λυπή (*lupé* [translit.]; aegritudo [lat.]): dor como evento psicossomático (afecção) e como emoção. No sentido específico de ‘emoção’, λ. é um dos quatro gêneros de emoção, aquelas associadas ao assentimento à opinião de que há um mal presente.

μ

μεταγράφειν (*metagráphein* [translit.]): reescrita ou correção; feita por um dos estóicos a uma passagem, um verso ou mais, da literatura herdada a fim de expor seu pensamento filosófico; v. παραδιόρθωσις abaixo.

ο

οἰκείωσις (*oikeiōsis* [translit.]; conciliatio, commendatio [lat.]; appropriateness, appropriation, attachment, familiarization, inclination, instinct, orientation, self-preserving disposition [eng.]; afinidad, apego, apropiación, asociación, cercanía, familiaridad, pertenencia, proximidad, sentido de parentesco [esp.]): familiarização ou familiaridade, tendência natural humana para a autoconservação a ligada à percepção e autopercepção, tendência que é egoísta no indivíduo humano imaturo e altruísta no ser humano racional, então constituída por círculos de pertencimento concêntricos (indivíduo, família, parentes, cidade, nação, humanidade). O conceito é a base psicomoral do cosmopolitismo associado tradicionalmente ao estoicismo. Cognatos: οἰκεῖωσαι (verbo); τὸ οἰκεῖον (objeto da οἰκείωσις);

⇒ cf. Hieroc. Elem.eth. col.1-8 (= BS 22.5); DL 7.85; Cic.Fin. 3.21.1-2

ὅλον, τό (*hólon* [translit.]): o todo, traduzido por vezes na literatura como ‘universo’. Trata-se de um conceito a ser entendido como parte de τὸ πᾶν – tudo – e em oposição ao tudo. *Hólon* inclui todos os corpóreos e rigorosamente é o conjunto de todos os elementos do universo que existem.

⇒ Ref. Long, 2018, p. 244.

ὁρμή (*hormḗ* [translit.]): impulso, faculdade para o impulso, evento psicofísico singular correspondente a tal faculdade. Trata-se de uma das faculdades básicas do animal, ao lado da apresentação (ver ‘φαντασία’ abaixo).

π

πᾶν, τό (*tó pān* [translit.]): o tudo; conceito definido em oposição ou em continuidade com *hólon*. Por um lado é o conjunto de todos os corpóreos mais o vácuo que o circunda, ou seja, inclui o todo (*hólon*); por outro, é um conjunto que não se detem somente no que existe, pois inclui um incorpóreo.

παραδιόρθωσις (*paradióρθōsis* [translit.]): correção feita por um dos estóicos a uma passagem, um verso ou mais, da literatura herdada; a noção também é mencionada como ‘μεταγράφειν’. A correção é realizada a fim de destacar um ponto da doutrina estoica ou para alinhar o pensamento literário expresso ao pensamento da escola. Na *scholarship* moderna é debatido a maneira como a correção é feita e disponibilizada, se se trata de um comentário marginal ou interlinear etc. A prática é atestada para os três primeiros líderes do estoicismo. A expressão aparece somente uma vez como tal no *corpus* de autores gregos, é um *hapax legomenon*.

⇒ v. Plut. Poet.aud. 33c-d (=SVF 1.219, 1.562a), Dio. Or. 7.102.2-8 (= SVF 1.562b); Procl. ad Hes. Op. 291, DL 7.25-26 (= SVF 1.235ab); Plut. SR 1039f (= SVF 3.167), cf. 1047E.

⇒ Ref. Watanabe, 201-2; Georgantzoglou, 2003, *passim*.

Περὶ αἰρέσεων (*Perì hairéseōn* [translit.]; De sectis [lat.]): gênero literário antigo que trata das doutrinas das principais escolas filosóficas e médicas; gênero surgido no período helenístico.

⇒ Ref. CHHP, p. 19-23.

πνεῦμα (*pneūma* [translit.]; spiritum [lat.]): sopro (vital)

πόνος (*pónos* [translit.]): labor, conceito chave para Antístenes e os filósofos cínicos

⇒ v. SVF 1.611ab

προκαταρκτικά αίτία, τὰ (*tà prokatarktiká aitía* [translit.]): as causas preliminares

σ

σημαινόμενον, τό (*tò sēmainómenon* [translit.]): significado, constitui ao lado de τὸ σημαῖνον e τὸ τυγχάνον (ver abaixo) a teoria estoica da significação.

σημαῖνον, τὸ (*tò sēmaînon* [translit.]): significante, constitui um dos três pólos da relação de significação, segundo a teoria estoica, ao lado de , τὸ σημανόμενον (ve acima) e de τὸ τυγχάνον (ver abaixo)

σπερματικός λόγος (*spermatikós lógos* [translit.]): razão seminal

⇒ Pearson C 23; SVF 1.511; BS 18.4

στοιχεῖον (*stokheíon* [translit.]; natura [lat., cf. Cic. ND 2.25]): elemento

συγκατάθεσις (*synkatáthesis* [translit.]; assent [ing.]): assentimento

σύνεργον, τό (*tó sýnergōn* [translit.]): o auxiliar, discutido nos textos antigos como “τὰ συνεργά αίτία”

συνέχον, τό (*tó synékhn* [translit.]): causa coesiva τὰ συνεκτικά

συνοικείωσις (*synoikeiōsis* [translit.]; accommodare [lat.]): apropriação por meio de uma reinterpretação alegórica

⇒ v. Cic. ND 1.36.6-41.9 (=SVF 1.530, 1.531b, 1.532b, 1.534a; LS 54B; BS 17.1); Phld. Piet. 13.16-26 (= DDG 547b.15-25; SVF 1.539)

σῶμα (*sōma* [translit.]): corpo, corpóreo; cf. τὸ ἄσώματον

τ

τὰ «πρός τι» (*tà prós ti* [translit.]): os relativos

τὰ ὧν οὐκ ἄνευ (*tà hōn ouk áneu* [translit.])

τὸ τυγχάνον ([]): um fato indicado por um significante, constitui um dos três pólos da relação de significação, segundo a teoria estoica

τύπωσις (*týpōsis* [translit.]): impressão, definiens de *phantasía*. *Týpōsis* é um substantivo deverbal, derivado do verbo τυπόω (*typóō*), ‘formar por impressão’, ‘formar’, ‘moldar’, ‘modelar’, que por sua vez é um verbo denominativo, derivado de τύπος (*týpos*)

⇒ Beekes s. v.; Chantraine s.v.

υ

ὑπεξαίρεσις (*hupeksáiresis* [translit.]; exceptio [lat.]; reservation [eng.]; circumspección [esp.]): ressalva, conceito com uma aplicação psicológica, relativa à teoria das emoções, e lógica, pois formulada de uma maneira precisa, como proposição condicional. A junção de uma condição a um impulso a que se deu assentimento garante que o agente, o sábio sobretudo, conhece e pensa sobre os empecilhos aos seus desejos. Essa cláusula, sob forma de uma proposição condicional, garante logicamente que o raciocínio do sábio estabeleça a relação correta entre seu impulso e a realidade.

⇒ cf. Epict. Ench. 2; Marco Aurélio. Meditações, 4.1, 5.20, 5.50, 11.37.1; Sen. Ben. 4.34, 39, Tranq. 13.2; Stob. Ecl. 2.115 (5 W) (= SVF 3.564)

⇒

φ

φαντασία, ἡ (*phantasía* [translit.]; visum [lat]): apresentação, representação, como um evento psicofísico singular e como faculdade da alma responsável por tal evento. Trata-se de uma das faculdades básicas do animal, ao lado do impulso (ver ‘ὁρμή’ acima). A mesma palavra é utilizada pelos filósofos estoicos para designar um evento psicofísico singular correspondente à faculdade.

⇒ cf. Cic.Luc.18]:

φαντασία καταληπτική: ver ‘καταληπτική φαντασία’ acima

φάντασμα (*phántasma* [translit.]): ficção

φανταστόν (*phantastón* [translit.]): objeto que causa a impressão

I.II. Glossário de termos relevantes em latim e de termos técnicos

aegritudo: dor

beneficium: benefício

comprehensio: cognição

commendatio (*oikeiōsis* [gre.]): ver ‘conciliatio’

conciliatio (*oikeiōsis* [gre.]): familiarização ou familiaridade

corpus (*sōma* [gre.]): lit. ‘corpo’, termo importante para a discussão de ontologia estóica; no contexto dos estudos clássicos, significa o conjunto de obras completas ou de fragmentos de texto de um determinado autor.

cupido, -inis: desejo

exceptio (hupeksafresis [gre.]): ressalva

placita: gênero literário surgido no período helenístico que visa compilar ditos e argumentos de pensadores, filósofos e escritores, sobre um determinado tema. Seu foco em geral é a discordância entre os autores citados.

⇒ CHHP, p.27.

Quellenforschung: ale. lit. ‘pesquisa de fontes’, campo de estudo constituído a partir da filologia científica do séc. 19 e da crítica textual para reconhecer e restituir as citações feitas em coletâneas

vis caloris (): a energia do calor

visum (*phantasia* [translit.]): apresentação; cf. φαντασία. Cícero define da seguinte maneira (Acad. pr. 2. 18 = SVF 1.59): “impressum effectumque ex eo, unde esset, quale esse non posset ex eo unde non esset”

II. Tradução dos fragmentos do Adendo 2 à introdução

Os seguintes fragmentos, ausentes de SVF, não puderam ser organizados a tempo²⁴⁰:

1. DL 1.15: “Εἰς δὲ Χρύσιππον οὕτω καταλήγει Σωκράτους Ἀντισθένης, οὗ Διογένης ὁ κύων, οὗ Κράτης ὁ Θηβαῖος, οὗ Ζήνων ὁ Κιτιεύς, οὗ Κλεάνθης, οὗ Χρύσιππος.” (“Até Crisipo a sucessão se deu assim: Antístenes sucedeu Sócrates, Diógenes o cão o sucedeu, Crates veio então, o tebano, a quem Zenão sucedeu, depois Cleantes, depois Crisipo.”) (= Ad SVF Cl.vit.1, já no corpus)

2. Marcos Argentário. Anthologia Graeca 11.28

ΑΡΓΕΝΤΑΡΙΟΥ

Πέντε θανὼν κείσῃ κατέχων πόδας, οὐδὲ τὰ τερπνὰ
ζωῆς οὐδ' αὐγὰς ὄψεαι ἡελίου·
ὥστε λαβὼν Βάκχου ζωρὸν δέπας ἔλκε γεγηθώς,
Κίγκιε, καλλίστην ἀγκὰς ἔχων ἄλοχον.
εἰ δέ σοι ἀθανάτου σοφίης νόος, ἴσθι, Κλεάνθης
καὶ Ζήνων Αἰδὴν τὸν βαθὺν ὡς ἔμολον.

Tradução

DE ARGENTÁRIO

deitarás morrendo a possuir cinco pés, e nem a parte contente
da vida nem os raios do Sol verás;
para pegar o cálice sem mescla de Baco, arrebatado o jubiloso,
Cíncio, tendo nos braços a mais bela das concubinas.
E se a mente da sabedoria é para ti cabe a um imortal, saibas que Cleantes
e Zenão já partiram ao profundo Hades.

Comentário

a. trata-se de uma seção de epigramas literários colecionados por Filipe, sec.1 E.c.; Marcos Argentário poderia ser o personagem histórico mencionado muitas vezes por Sêneca *Rhetor* como um orador esperto, fluente e capcioso; seus epigramas são considerados mais próximos dos modelos helenísticos do que de poetas contemporâneos, “na elegant composer, picturesque and lucid”; os temas de seus trinta epigramas são predominantemente satíricos e amorosos. Cf. Gow&Page, v.2, 182-3.

b. esse epigrama faz parte da fortuna literária de Cleantes como personagem para a posteridade. Ver SVF, SVF 1.463a (Tímon), 1.603 (Sositeu), SVF 1.470-1 (Baton), Anthologia Graeca 5.134 (Posídipo), Pérsio (Sat. 5. 62-72), Ausônio (Prof. 15, v.1-14), Juvenal (Sat. 2.1-7), Gregorius Nazyanzenus (Carmina moralia, col.700, v.12-14), Luciano de Samósata (Symp. 30.1-32.9; Fug. 31.5-13)

d. na seção de Argentário corresponde ao epigrama 30 da coletânea de Gow&Page.

3. Plut. De exil. 605b1-7

εἰ τὴν Περιπατητικὴν ἀσπάζῃ μάλιστα καὶ τεθαύμακας, Ἀριστοτέλης ἦν ἐκ
Σταγίρων, Θεόφραστος ἐξ Ἑρέσου, Στράτων ἐκ Λαμψάκου, Λύκων ἐκ
Τρωάδος, Ἀρίστων ἐκ Κέω, Κριτόλαος Φασηλίτης· εἰ τὴν Στωικὴν, Ζήνων
Κιτιεύς, Κλεάνθης Ἄσσιος, Χρύσιππος Σολεύς, Διογένης Βαβυλώνιος,

²⁴⁰ De acordo com busca feitas tanto no TLG (‘Κλεάνθ-’) quanto no PHL (‘Cleanth-’). Foram incluídos somente referências ao filósofo de Assos, excluindo-se homônimos: Cleantes de Tarso, Cleantes de Corinto. Os fragmentos de Helânico (ed. Jacoby), dois ao todo, são recortados de fragmentos cleanteanos: 1a.4.T26.6-7 (= SVF 1.489a); 1a.4f.5c.2-3 (= SVF 1.592)

Ἀντίπατρος Ταρσεύς, ὁ δ' Ἀθηναῖος Ἀρχέδημος εἰς τὴν Πάρθων μεταστὰς ἐν Βαβυλῶνι Στωικὴν διαδοχὴν ἀπέλιπε.

Tradução

Se dás muito boas-vindas e te maravilhas com a escola peripatética, Aristóteles era de Estagira, Teofrasto de Ereso, Estráton de Lâmpsaco, Lico da Tróade, Aríston de Quió, Critolau de Faselis; se acolhes a escola estoica, Zenão era de Cítio, Cleantes era ássio, Crisipo de Sólis, Diógenes babilônio, Antípatro de Tarso, e o ateniense Arquedemo transpôs na Babilônia, para a terra dos partos deixou a sucessão estoica.

4. Athen. Deipn. (epitome) 2.1.141.9-12 (Ed. Peppink, Leiden: Brill, 1937-39)

ὁ δὲ Γαίσιων, οὗ Ἀρχέστρατος μνημονεύει, ἡ Γαισιωνὶς λίμνη ἐστὶ μεταξύ Πριήνης καὶ Μιλήτου ἡνωμένη τῇ θαλάσσει, ὥς φησι Κλεάνθης ὁ Κυζικηνός, ὥς δ' Ἐφορος ποταμὸς περὶ Πριήνην, ὃς εἰσρεῖ εἰς λίμνην.

Aparato

2-3 Νεάνθης ὁ Κυζικηνὸς ἱστορεῖ ἐν τῇ ζ' τῶν Ἑλληνικῶν. Ἐφορος δ' ἐν τῇ πέμπτῃ ποταμὸν εἶναι φησι τὸν Γαίσιωνα περὶ Πριήνην, ὃν εἰσεῖν εἰς λίμνην. FHG et Kaibel

Tradução

O (rio) Gaeson, do qual Arquestrato se lembra, e o lago Gaesonis está entre Priene e Mileto unido ao mar, tal como diz Cleantes de Cízico, assim Éforo diz ser um rio ao redor de Priene, que corre lago adentro.

Comentário

b. provavelmente espúrio, cf. SVF 1.592-596; Neantes é o autor com quem ele é mais confundido.

d. fragmento provavelmente espúrio, ou seja, com atribuição incorreta a Cleantes, tendo em vista a atribuição incorreta de sua origem em Cízico. Ver Athen. Deipn. 1.87.15-29, onde a leitura oferecida no aparato acima é adotada por Kaibel.

5. Gal. PHP 2.8.48: “εἰ δὲ γε ἔπειτο Κλεάνθει καὶ Χρυσίππῳ καὶ Ζήνωνι τρέφεσθαι μὲν ἐξ αἵματος φήσαντι τὴν ψυχὴν, οὐσίαν δ' αὐτῆς ὑπάρχειν τὸ πνεῦμα, πῶς ἔτι ταῦτόν ἐστι τὸ τρέφον τε καὶ κινεῖν εἴπερ τρέφει μὲν τὸ αἷμα κινεῖ δὲ τὸ πνεῦμα;” (sobre a unidade da alma como o que se nutre e o que se move, enquanto se alimenta de sangue e movimenta o *pneûma*) (= SVF 1.521, já no corpus)

6. Gal. PHP 3.5.45.1-46.6: “ἀλλὰ τοῦτο μὲν καὶ παρ' αὐτῶν ὁμολογούμενον λαμβάνεται τῶν Στωϊκῶν· οὐ μόνον γὰρ Χρυσίππος, ἀλλὰ καὶ Κλεάνθης καὶ Ζήνων ἐτοίμως αὐτὰ τιθέασιν· ἐκεῖνο δ' ἐπισκέπτεσθαι χρὴ μόνον ἐν ᾧ τὴν πᾶσαν ἀμφισβήτησιν εἶναι συμβέβηκεν, εἰ καὶ τὸ λογιζόμενόν ἐστιν ἐνταῦθα.” (passagem iniciando nova investigação sobre ponto de discordância; Crisipo, Cleantes e Zenão concordam que as emoções se dão em torno do coração) (= SVF 1.572, já no corpus)

7. Aelius Herodianus et Pseudo-Herodianus. Fragmentum grammaticum quod incipit a vocibus ζητοῦμεν καὶ τὴν τοῦ Ἀρης [Sp.] (e cod. Barocc. 76)

τὸ μέντοι Εὐφράτου παραλογίται, καὶ τὸ Κλεάνθους·

Tradução

O caso do genitivo de ‘Eufrates’, todavia, foge à regra, e do genitivo de ‘Cleantes’

Comentário

a. o autor discute exemplos de palavras da terceira declinação nominal com casos genitivos distintos;

d. sem interesse filosófico direto, citado aqui para manter a exaustividade da lista

8. Ps.-Gal. HP 3.27-3.31

ἡγοῦμαι δὲ τῶν Σωκρατικῶν Ἀντισθένην πάνυ πολλῶν γενομένων οὐδενὸς ἥσσονα εἶναι [καταδεέστερος δὲ], ὃς τὴν Κυνικὴν εἰς τὸν βίον παρήγαγεν. οὗ Διογένης γέγονε ζηλωτὴς προσομοιωθεὶς κατὰ τὰ ἐπιτηδεύματα. τούτου δὲ Ζήνων ὁ Κιτιεὺς ἀκήκοεν, ὃς τὴν Στωικὴν φιλοσοφίαν ἐξεῦρεν. οὗ μετελήφει τῶν λόγων Κλεάνθης. καὶ τούτου Χρύσιππος ἀκροώμενος τὴν ὁμοίαν ἀγωγὴν μετελήλυθε.

Tradução

Creio que dentre os realmente muitos socráticos surgidos, Antístenes não é em nada pior, nem mais fraco, ele converteu sua vida à filosofia cínica. Dele Diógenes se tornou ciosa semelhança, segundo seu modo de vida. Zenão de Cítio foi seu aluno, o qual fundou a filosofia estoica. Cleantes, por sua vez, tomou parte em seus ensinamentos. E Crisipo, discípulo dele, perseguiu direção semelhante.

9. Musônio Rufo. *Dissertationum a Lucio digestarum reliquiae*, 1.53-64

ἢ οὐ τοιοῦτος παῖς ἐκεῖνος ὁ Λάκων, ὃς Κλεάνθην τὸν φιλόσοφον ἠρώτησεν, εἰ ἀγαθὸν ὁ πόνος ἐστίν; οὕτω γὰρ ἐκεῖνος φαίνεται φύσει πεφυκῶς καλῶς καὶ τεθραμμένος εὖ πρὸς ἀρετὴν, ὥστε ἐγγύτερον εἶναι νομίζειν τὸν πόνον τῆς τάγαθοῦ φύσεως ἢ τῆς τοῦ κακοῦ· ὃς γε ὡς ὁμολογουμένου τοῦ μὴ κακὸν ὑπάρχειν αὐτόν, εἰ ἀγαθὸν τυγχάνει ὦν, ἐπυνθάνετο. ὅθεν καὶ ὁ Κλεάνθης ἀγασθεὶς τοῦ παιδὸς εἶπεν ἄρα πρὸς αὐτόν·

αἵματος εἷς ἀγαθοῖο, φίλον τέκος, οἷ' ἀγορεύεις.

πῶς οὖν ὁ τοιοῦτος οὐ ῥαδίως ἐπέισθη ἂν μήτε πενίαν μήτε θάνατον δεδιέναι μήτ' ἄλλο μηδὲν τῶν δοκούντων φοβεῶν, μηδ' αὖ διώκειν πλοῦτον ἢ ζῶην ἢ ἡδονήν;

Tradução

Ou não é o tal rapaz, aquele espartano, o qual perguntou a Cleantes o filósofo se o labor é um bem. Ele aparenta tanto haver nascido bom por natureza e bem nutrido para a virtude, que está mais perto de considerar que o labor é da natureza do bem do que do mal. Ele pelo menos assim inquiria sobre se Cleantes concordava que não é um mal, se lhe ocorre de ser um bem. Donde também Cleantes, rejubilando-se com o rapaz, lhe disse:

“és de bom sangue, caro menino”, pelo que respondes.

Como então o tal rapaz não facilmente se convenceu a não temer nem pobreza, nem a morte, nem qualquer outro dos medos aparentes, senão a perseguir riqueza, vida ou prazer?

Comentário

a. Musônio Rufo discute nesse ponto a melhor maneira de ensinar, com um exemplo de dois rapazes espartanos que escutem os mesmos discursos, mas os recebem diferentemente, um é mais preguiçoso, é lento e precisa de muitos argumentos antes de concordar levemente; o outro está pronto a admitir o dito como apropriado e relevante. Musônio então, neste caso, se refere ao primeiro no trecho citado (ἐκεῖνος).

b. essa parábola é contada outras 3 vezes a respeito de Cleantes, SVF 1.611ab;

d. “αἵματος εἷς ἀγαθοῖο, φίλον τέκος, οἷ' ἀγορεύεις” (Od. 4.611)

10. Posídipo. *Anthologia graeca* 5.134

ΠΟΣΕΙΔΙΠΠΟΥ

Κεκροπί, ῥαῖνε, λάγυνε, πολύδροσον ἱκμάδα Βάκχου,
ῥαῖνε, δροσιζέσθω συμβολικὴ πρόποσις.

σιγάσθω Ζήνων ὁ σοφὸς κύκνος ἃ τε Κλεάνθους
μοῦσα· μέλοι δ' ἡμῖν ὁ γλυκύπικρος Ἔρως.

Tradução

DE POSIDIPO

Cecrópio frasco, asperge a multi-orvalhada tumidez de Baco,
Asperge, orvalhe-se o convencional brinde prévio.
Cale-se Zenão, o sábio cisne, e de Cleantes os dizeres
sua musa; e que nos cuide o doceamargo Eros

Comentário

a. os epigramas literários de Posídipo foram colecionados por Meleagro; o quinto livro da coletânea contava com epigramas eróticos e simposiais;
b. esse epigrama faz parte da fortuna literária de Cleantes como personagem para a posteridade. Ver SVF , SVF 1.463a (Tímon), 1.603 (Sositeu), SVF 1.470-1 (Baton), Anthologia Graeca 11.28 (Posídipo), Pérsio (Sat. 5. 62-72), Ausônio (Prof. 15, v.1-14), Juvenal (Sat. 2.1-7), Gregorius Nazyanzenus (Carmina moralia, col.700, v.12-14), Luciano de Samósata (Symp. 30.1-32.9; Fug. 31.5-13).

11. Epiph. Adv.haer. 1.183.12-184.3

Καὶ Στωϊκοὶ μὲν φρονοῦσι περὶ θεότητος τοῦτο· φάσκουσιν εἶναι νοῦν τὸν θεὸν ἢ παντὸς τοῦ ὁρωμένου κύτους, οὐρανοῦ δὲ φημι καὶ γῆς καὶ τῶν ἄλλων, ὥς ἐν σώματι ψυχὴν. μερίζουσι δὲ οἱ αὐτοὶ τὴν μίαν θεότητα εἰς πολλὰς μερικὰς οὐσίας, εἰς ἥλιον καὶ σελήνην καὶ ἄστρα, εἰς ψυχὴν καὶ ἄερα καὶ τὰ ἄλλα· μεταγγισμούς τε ψυχῶν καὶ μετενσωματώσεις ἀπὸ σώματος εἰς σῶμα, καθαιρομένων <ψυχῶν ἀπὸ> σωμάτων ἢδ' αὖ πάλιν εἰσδουουσῶν καὶ ἀνάπαλιν γεννωμένων, διὰ πολλῆς αὐτῶν πλάνης ταύτην τὴν ἀσέβειαν παρυφαίνοντες. μέρος δὲ θεοῦ καὶ ἀθάνατον τὴν ψυχὴν ἡγοῦνται. ἔσχον δὲ Ζήνωνα ἀρχηγὸν τῆς Στοᾶς, περὶ οὗ πολὺς θρυλεῖται λόγος. οἱ μὲν γὰρ αὐτὸν ἔφασαν Κλεάνθου<ς> τινὸς τοῦ ἀπὸ Τύρου ὁρμωμένου, ἄλλοι δὲ φάσκουσιν αὐτὸν Κιτιέα τῆς Κύπρου νησιώτην, ἐν Ῥώμῃ δὲ βεβιωκέναι χρόνον, ὕστερον δὲ ἐν Ἀθήναις προστησάμενον τουτὶ τὸ δόγμα ἐν τῇ Στοᾷ οὕτω καλουμένη, τινὲς δὲ φασὶ δύο Ζήνωνας εἶναι, τὸν τε Ἐλεάτην καὶ τὸν προειρημένον· ὅμως οἱ ἀμφοτέρωι ἴσως ἐδογμάτισαν, εἰ καὶ δύο εἶεν.” (sumário de doutrinas físicas e cosmológicas estoicas)^{W W \/\^o}

Tradução

E os estoicos pensam sobre a divindade isto: dizem que deus é antes uma inteligência de todo o orbe visível, digo do céu e da terra e das demais partes, como a alma no corpo. Eles mesmos repartem a divindade única em muitas substâncias parciais, em Sol, Lua e estrelas, em alma, ar e as demais coisas. Adicionam a esse tecido esta impiedade por meio de muitas vagar confuso - transmigrações de almas e transencorporações de corpo em corpo, as almas purificadas dos corpos que já se revestem novamente (de um corpo) e de novo são engendradas. E ela é uma parte de deus, e acreditam que a alma é imortal. Tiveram Zenão por fundador da Estoá, sobre quem muito burburinho circula. Uns dizem que ele foi seguido avidamente por um Cleantes de Tiro, outros dizem que ele era oriundo da cidade de Cítio em Chipre, que viveu algum tempo em Roma, depois estabelecendo em Atenas essa doutrina na Estoá, como era chamada (Pórtico), alguns dizem que houve dois Zenões, o eleático e esse antes mencionado; ambos de modo semelhante igualmente criaram doutrinas, se é que foram dois de fato.

Comentário

d. “seguido avidamente” traduz “ὁρμωμένου” uma escolha curiosa de palavras, já que ὁρμή (impulso) é um conceito central para a teoria estoica da alma; pela sequência do texto, aparentemente, as fontes de Epifânio talvez não fossem as mais confiáveis.

12. Gregorius Nazianzenus. Or. 7.20.5.1

Οὐ καλλωπιεῖται τοῖς Πλάτωνος καὶ Ἀριστοτέλους καὶ Πύρρωνος καὶ Δημοκρίτοις δὴ τισι καὶ Ἡρακλείτοις καὶ Ἀναξαγόραις, Κλεάνθαις τε καὶ Ἐπικούροις, καὶ οὐκ οἶδ' οἷστισι τῶν ἐκ τῆς σεμνῆς Στοᾶς καὶ Ἀκαδημίας· ἀλλ' οὐδὲ φροντίζει ὅπως διαλύσῃ τούτων τὰς πιθανότητας.

Tradução

Ninguém deve se enfeitar com os escritos de Platão, de Aristóteles e de Pirro e se vangloriar diante de uns demócritos e heráclitos e anaxágoras, cleantes bem como epicuros, sem saber quem eram os integrantes da sagrada Estoá e da Academia, e nem pensar na maneira como se deva refutar o que eles tem de convincente.

13. Orígenes. Contra Celsum, 2.12.25-31

Ἀλλὰ καὶ ὁ Χρύσιππος πολλαχοῦ τῶν συγγραμμάτων αὐτοῦ φαίνεται καθαπτόμενος Κλεάνθους, καινοτομῶν παρὰ τὰ ἐκείνῳ δεδογμένα, γενομένῳ αὐτοῦ διδασκάλῳ ἔτι νέου καὶ ἀρχὰς ἔχοντος φιλοσοφίας. Καίτοι γε Ἀριστοτέλης [μὲν εἵκοσιν ἔτεσι λέγεται πεφοιτηκέναι Πλάτωνι, οὐκ ὀλίγον δὲ χρόνον καὶ ὁ Χρύσιππος παρὰ τῷ Κλεάνθει πεποιῆσθαι τὰς διατριβάς

Tradução

Crisipo, contudo, também parece em muitos lugares lançar mão dos escritos do próprio Cleantes, trazendo um olhar novo para além do que aprendeu junto dele, que se tornou seu professor quando Crisipo ainda era novo, e dele reteve os princípios da filosofia. E ademais se Aristóteles é dito haver frequentado Platão durante vinte anos, não por pouco tempo se diz que Crisipo também realizou sua formação junto a Cleantes.

14. Himerius. Declamationes et orationes, 48.265-273

πρεσβεύει μὲν οὖν τὴν Πλάτωνος καὶ Ἀριστοτέλους δόξαν καὶ ἐπὶ ταῖς τούτων φιλοσοφίαις ἐσπούδακεν· ἐπῆει δὲ καὶ τὰ τούτων συγγράμματα. οἶδεν ὅσα περὶ τὴν στοᾶν ἐφιλοσόφησαν Ζήνωνες τε καὶ Κλεάνθαι, ἔτι δὲ Χρύσιπποί τε καὶ ὅσοι τὴν ἄλογον πρᾶξιν λόγῳ κοσμήσαντες, ἐξ ἐτέρας εἰς ἐτέραν τὴν ἑαυτῶν φιλοσοφίαν μετεκόσμησαν. οἶδε δὲ καὶ τὰς κοινὰς Ἐπικούρου τε καὶ Δημοκρίτου δόξας καὶ ὃν τρόπον ἐκεῖνοι περὶ τῆς φύσεως ἐφαντάσθησαν·

Tradução

Ele (o interessado em filosofia) põe em primeiro lugar, portanto, a opinião de Platão e Aristóteles e se esmera no estudo da filosofia deles; então ele se volta também para seus escritos. Ele sabe quantas coisas os Zenões e os Cleantes filosofaram em torno do pórtico, e ainda Crisipos e quantos fizeram o arranjo da ação irracional com a razão, e rearranjanram a partir de outras filosofias a sua própria. Ele sabe as doutrinas básicas tanto de Epicuro quanto de Demócrito e o modo pelo qual eles representaram a teoria da natureza.

Comentário

b. também deve ser lido com os fragmentos anteriores, e de Crisipo os fragmentos 2.1067-78, onde fica claro todo o programa de reinterpretção racionalizante e apropriação estoica de outros filósofos.

15. Simplicius. Commentarius in Epicteti enchiridion, 137.11-38

Ἐπειδὴ τοὺς κατὰ διέξοδον ἡμῖν παραδοθέντας παιδευτικοὺς λόγους συνηρημένως τινὲς τῶν παλαιότερων παραδεδώκασι, συμβουλευεὶ πρόχειρα ἔχειν ἐκεῖνα πανταχοῦ· ὥς ἅμα μὲν εὐμνημόνευτα, ἅμα δὲ τῇ μαρτυρίᾳ τῶν κλεινῶν ἀνδρῶν, καὶ τῶν εὐστόχως ἀποφανθέντων, βεβαιοῦντα ἡμῶν τὴν ἐπὶ τοῖς παρηνημένοις πεποίθησιν. Τὸ μὲν οὖν πρῶτον, Κλεάνθους ἐστὶ τοῦ Στωϊκοῦ, τοῦ ἀπὸ τῆς Ἀσσοῦ· ὃς μαθητὴς μὲν ἐγένετο Ζήνωνος, διδάσκαλος δὲ Χρυσίππου. Τούτου καὶ ἀνδριάντα θαυμαστὸν ἐν αὐτῇ τῇ Ἀσσοῦ ἔθεασάμην, δόγματι τῆς Ῥωμαίων συγκλήτου πρὸς τιμὴν τοῦ ἀνδρὸς ἀνατεθέντα. Εὕχεται δὲ οὗτος ἐν τοῖς ἱαμβείοις τούτοις, ἄγεσθαι ὑπὸ θεοῦ, καὶ τῆς ἀπ' αὐτοῦ διὰ πάντων ἐν τάξει φοιτώσης αἰτίας ποιητικῆς τε καὶ κινητικῆς· ἣν Πεπρωμένην καὶ Εἰμαρμένην ἐκάλει· ἐπαγγελλούμενος, ἄκνος καὶ ἐκὼν ἔψεσθαι. Ἄν γὰρ ἀντιτείνω, φησὶ, μόνον ὅτι κακὸς ἔσομαι, καὶ οἰμῶζων καὶ στένων ἀκολουθήσω. Ἀνάγκη γὰρ ἀκολουθεῖν τὸ ἀσθενέστερον τῷ ἰσχυροτέρῳ, καὶ τὸ αἰτιατὸν τῷ αἰτίῳ. Τοῦτο δὲ καὶ αὐτὸς ὁ Ἐπίκτητος ἐνεδείξατο διὰ τοῦ κεφαλαίου, ἐν ᾧ ἔλεγε, Μὴ ζῆτει τὰ γινόμενα γίνεσθαι ὥς θέλεις, ἀλλὰ θέλε τὰ γινόμενα ὥς γίνεται, καὶ εὐροήσεις. Συνεκτικὸν δὲ ἐστὶ τοῦτο πάσης εὐαγωγίας, τὸ συντάττειν ἑαυτὸν τοῖς ὅλοις, καὶ θέλειν ὅλον εἶναι μετ' ἐκείνων, ἀλλὰ μὴ ἑαυτὸν ἀπὸ τοῦ ὅλου ἀποσπῶντα, καὶ εἰς μικρὸν καὶ οὐδὲν περιγράφοντα, ἀντιτείνειν τοῖς ὅλοις, καὶ βούλεσθαι καὶ τὰ ὅλα τῷ οὕτως εὐτελεῖ μέρει ἀκολουθεῖν.

Tradução

Já que alguns dos mais antigos transmitiram tratados da tradição para ensino nos descrevendo os passos resumidamente, é aconselhado tê-los em mãos a todo momento; assim são em parte obras para refrescar a memória, e em parte pelo testemunho desses homens renomados e de suas declarações certas, servem para dar firmeza em nossa auto-confiança sobre o que eles recomendam. O primeiro, portanto, é Cleantes, o estoico de Assos: ele se tornou discípulo de Zenão, e professor de Crisipo. Também pude contemplar uma maravilhosa estátua dele em Assos mesmo, erigida em sua honra pela assembleia convocada de cidadãos romanos, por sua teoria. Ele reza com esses versos jâmbicos, (sobre) ser guiado por deus, e pela causa tanto criadora como motora, a qual a partir dele perpassa por tudo ordenadamente. Chamou-a de Destino e Fado, prometendo haver de acompanhá-lo sem hesitação e voluntariamente. “Pois se resisto”, diz “porque somente serei mau, lamuriando e choramingando seguirei. É necessidade, com efeito, para o mais fraco seguir o mais forte, e para o causado sua causa. Isso o próprio Epicteto também demonstrou por meio do tópico, no qual dizia que “não busques que os acontecimentos ocorram como desejas, mas deseja os acontecimentos como ocorrem, e entrarás numa corrente favorável da vida. E isso é crucial para toda a boa educação, o conformar-se a todas as coisas e desejar ser todo com aquelas coisas, e não se arrancar desse todo, desejá-lo amiúde e não corrigir nada nele, nem resistir a todas as coisas, e querer também seguir todas elas como uma delas parte deveras.

Comentário

b. este fragmento precisa ser lido no contexto dos debates dos fragmentos 1.527a-f.

d. única menção no *corpus* a uma estátua do filósofo erigida por uma assembleia de cidadãos romano em Assos e ainda em riste ao tempo de Simplicio (cerca de 490-560 E.c.), “ἐν αὐτῇ τῇ Ἀσσοῦ”, seu testemunho é pessoal neste ponto, “ἀνδριάντα θαυμαστὸν ... ἔθεασάμην”.

16. Phot. Bibliotheca (Codex 167, Bekker), p.114a17-b15

ὁ Ἰωάννης (παρατίθησιν) ἔκ τε τῶν ἐκλογῶν καὶ τῶν ἀποφθεγμάτων καὶ τῶν ὑποθηκῶν δόξας τε καὶ χρήσεις καὶ χρείας. Ἀγείρει δὲ ταύτας ἀπὸ μὲν

φιλοσόφων, ἀπό τε Αἰσχίνου τοῦ Σωκρατικοῦ... Ἀριστοτέλους, Ἀναξιμάνδρου, Ἀναξιμένους, Ἀρχελάου, Ἀναξαγόρου... Καρνεάδου, Κλεάνθους, Καλλιμάχου... Πυθαγόρου, Πλουτάρχου, Πεμπέλου, Πλάτωνος, Παναιτίου, Ποσειδωνίου...

Tradução

João [Estobeu] justapõe opiniões, bem como citações e máximas a partir tanto das coleções, dos apotegmas e dos registros. Junta-os a partir dos filósofos, a partir de Ésquines, o socrático... de Aristóteles, Anaximandro, Anaxímenes, de Arquelaus, Anaxágoras... de Carnéades, Cleantes, Calímaco... de Pitágoras, Plutarco, Pempelo, Platão, Panécio, de Posidônio

17. Phot. Bibliotheca, p.167.114b28-115a24

Ποιηταὶ δὲ ... Ἀρχίλοχος, Ἀχαιοὺς, Αἰσχύλος, Ἀγάθων... Ἄρατος ... Βακχylίδης, ...Βάθων, ...Εὐριπίδης, ... Ἡσίοδος, ... Θεόγνις, Θεόκριτος, Θελέροφος, ... Ἴων, Κλεάνθης, Κλεαίνετος, Καλλιμάχος,... Μίμνερμος, ... Ξενοφάνης, Ξέναρχος, Ὅμηρος, Ὀρφεύς, Ὀλυμπιάς, Πίνδαρος, Παρμενίδης, Ποσίδιππος, ... Σοφοκλῆς, ... Σιμωνίδης,... Σωσίθεος, ...Τυρταῖος... Ἀλλὰ καὶ ποιηταὶ ὧν χρήσεις τοῖς κεφαλαίοις παρέθηκεν, οὗτοι.

Tradução

Os poetas (que colecionam são)... Arquíloco, Aqueu, Ésquilo, Agáton,... Arato... Baquilides, ...Báton, ...Eurípides, ...Hesíodo, ...Teógnis, Teócrito, Teléforos, ... Íon, Cleantes, Kleeneto, Calímaco, ...Mimnermo, ...Xenófanes, Xenarco, Homero, Orfeu, Olimpíades, Píndaro, Parmenides, Posidipom ...Sófocles, ... Simônides, ... Sositeu, ... Tirteu... E esses são, todavia, os poetas, cujas citações ele justapõe em capítulos.

18. Scholia in Aristophanem, in equites, 1.2.Argumentum-dramatis personae-scholion sch eq, section-verse 84c1-8

ἱστορία ὅπως ἀπέθανε Θεμιστοκλῆς. Θεμιστοκλῆς ὁ καταναυμαχήσας ἐν τῇ περὶ Σαλαμῖνα ναυμαχίᾳ Ξέρξην καὶ τοὺς σὺν αὐτῷ βαρβάρους, ψευδῶς ἐπὶ προδοσίᾳ διαβληθεὶς ὑπ' Ἀθηναίων φυγὼν πρὸς Ἀρταξέρξην τὸν Ξέρξου παῖδα καὶ διδάξας αὐτὸν ὅπως ἔσωσε τὸν πατέρα αὐτοῦ Ξέρξην μὴ συγχωρήσας τοῖς Ἑλλησι διαλυθῆναι τὰ ἐπὶ Σηστοῦ καὶ Ἀβύδου διαζεύγματα οὕτως ἐτιμήθη παρ' αὐτοῦ μεγαλοπρεπῶς, ὥς καὶ τρεῖς πόλεις λαβεῖν, Μαγνησίαν μὲν εἰς σῖτον, Λάμψακον δὲ εἰς οἶνον, Μυοῦντα δὲ εἰς ὄψα· ὥς δὲ Κλεάνθης φησί, καὶ Περκώτην εἰς στρωμνὴν καὶ τὴν Παλαίσκησιν εἰς στολήν.

Tradução

história sobre como morreu Temístocles: Temístocles, o que foi o almirante na batalha naval na região de Salamina contra Xerxes e os bárbaros que o acompanharam. Após cair em desgraça aos olhos dos atenienses por traição, falsamente, fugindo para Artaxerxes, o filho de Xerxes, e após haver-lhe ensinado, salvou Xerxes, pai dele, por não ter concordado com os gregos sobre a destruição da ponte de barcas entre Sestos e Abidos, foi honrado junto ao rei de maneira tão magnificente, que recebeu três cidades, Magnésia pelo trigo, Lâmpsaco pelo vinho e Mios pela cozinha; e como Cleantes diz, também recebeu Percote pelo colchão e Palesquepsis pela indumentária.

19. Quint. Inst. 12.1.18.1-19.1

Quod si defuit his uiris summa uirtus, sic quaerentibus an oratores fuerint respondebo quo modo Stoici, si interrogentur an sapiens Zenon, an Cleanthes, an Chrysippus ipse, respondeant, magnos quidem illos ac uenerabiles, non tamen id quod natura hominis summum habet consecutos.

Tradução

Na medida em que, se a máxima excelência falta a estes homens, assim aos que perguntem se teriam sido oradores responderei por qual modo os estoicos, se fossem interrogados sobre se era sábio Zenão ou Cleantes ou o próprio Crisipo, responderiam que, ainda que eles fossem grandes e veneráveis, não atingiram, todavia, isto, que a natureza do homem possui de supremo.

20. Cic. ND 3.5.8-18

ego vero eas defendam semper semperque defendi, nec me ex ea opinione, quam a maioribus accepi de cultu deorum immortalium, ullius umquam oratio aut docti aut indocti movebit. sed cum de religione agitur, Ti. Coruncanium P. Scipionem P. Scaevolam pontifices maximos, non Zenonem aut Cleanthen aut Chrysippum sequor, habeoque C. Laelium augurem eundemque sapientem quem potius audiam dicentem de religione in illa oratione nobili quam quemquam principem Stoicorum.

Tradução

Eu, no entanto, sempre as defenderei e sempre defendi, e dessa essa opinião, a qual recebi dos mais velhos sobre o culto dos deuses imortais, nunca um discurso seja de qualquer douto ou indouto me moverá. Quando, todavia, se trata de religião sigo T. Corucanio, P. Cipião, P. Cévola, pontífices máximos, e não Zenão ou Cleantes ou Crisipo, e considero C. Lélvio um áugure e o próprio sábio, a quem ouvirei de mais bom grado a falar de religião em seu estilo de discurso nobre do que qualquer dos principais estoicos.

21. Cic. ND 3.16.7-18.1

De praesensione diximus. De perturbationibus caelestibus et maritimis et terrenis non possumus dicere cum ea fiant non esse multos qui illa metuant et a dis immortalibus fieri existunt; sed non id quaeritur, sintne aliqui qui deos esse putent: di utrum sint necne sint quaeritur. Nam reliquae causae quas Cleanthes adfert, quarum una est de commodorum quae capimus copia, altera de temporum ordine caelique constantia, tum tractabuntur a nobis, cum disputabimus de providentia deorum, de qua plurima a te Balbe dicta sunt;

Tradução

Já abordamos o presságio. Sobre os temores pelas coisas celestes e marítimas e terrenas não somos capazes de dizer se quando elas se deem não haverá muitos que as temam e as considerem ser produzidas pelos deuses imortais. Não se busca, no entanto, essa resposta, sobre se há alguns que acreditam existir deuses, senão que se busca saber se eles existem ou não. Em relação às restantes causas aduzidas por Cleantes, com efeito, uma delas trata das comodidades, cuja abundância percebemos, a outra trata da ordem dos ciclos cronológicos e da constância do céu, elas serão abordadas por nós enquanto discutiremos sobre a providência dos deuses, a respeito do que, Balbo, tu já disseste muitas coisas;

Comentário

a. esse trecho, que deveria estar incluído em SVF 1.528b pelo critério estrito de citação, continua o parágrafo que resume as quatro origens da noção de deuses.

22. Eus. PE 15.31.1

ΠΕΡΙ ΣΧΗΜΑΤΟΣ ΑΣΤΕΡΩΝ

w
o
/

Οἱ Στωϊκοὶ σφαιρικοὺς τοὺς ἀστέρας, καθάπερ τὸν κόσμον καὶ ἥλιον. Ἀναξιμένης ἥλων δίκην καταπεπηγμένους τῷ κρυσταλλοειδεῖ. ἔνιοι δὲ πέταλα πύρινα εἶναι, ὥσπερ ζωγραφήματα.

Τοιαῦτα τοῖς θαυμαστοῖς φιλοσόφοις τὰ περὶ ὧν φασὶ φαινομένων θεῶν ἐξευρέματα. οἷα δὲ καὶ περὶ τοῦ παντὸς διειλήφασιν, ἐκ τῆς αὐτῆς μάθανε τοῦ Πλουτάρχου φωνῇ·

Tradução

SOBRE A FIGURA DAS ESTRELAS

Os estoicos afirmavam serem esféricas as estrelas, tal como o universo e o Sol. Anaxímenes acreditava que, ao modo dos pregos, estavam pregados fixamente à esfera cristalina. Alguns diziam ser uma folha de fogo, assim como as pinturas. Tais coisas opinavam os admiráveis filósofos, que dizem sobre elas serem revelações dos deuses visíveis. Eles distinguem essas coisas também sobre o tudo, ouve agora a própria voz de Plutarco [citação de Plutarco]

23. Eus. PE 15.47.1

ΠΕΡΙ ΤΗΣ ΤΩΝ ΑΣΤΡΩΝ ΦΟΡΑΣ ΚΑΙ ΚΙΝΗΣΕΩΣ

Ἀναξαγόρας, Δημόκριτος, Κλεάνθης ἀπ' ἀνατολῶν ἐπὶ δυσμὰς φέρεσθαι πάντας τοὺς ἀστέρας.

Ἀλκμαίων καὶ οἱ μαθηματικοὶ τοὺς πλανήτας τοῖς ἀπλανέσιν ἀπὸ δυσμῶν ἐπ' ἀνατολὰς ἀντιφέρεσθαι.

Ἀναξίμανδρος ὑπὸ τῶν κύκλων καὶ τῶν σφαιρῶν, ἐφ' ὧν ἕκαστος βέβηκε, φέρεσθαι.

Ἀναξιμένης οὐχ ὑπὸ τὴν γῆν, περὶ αὐτὴν δὲ στρέφεσθαι τοὺς ἀστέρας.

Πλάτων καὶ οἱ μαθηματικοὶ ἰσοδρόμους εἶναι τὸν ἥλιον, τὸν Φωσφόρον, τὸν Στίλβοντα.

Tradução

SOBRE O LUGAR E O MOVIMENTO DAS ESTRELAS

Anaxágoras, Demócrito, Cleantes relatam que todas as estrelas nascem no nascente e se põem no poente.

Alcmêon e os matemáticos relatam que os astros errantes (lit. planetas), ao contrário, nascem sem falhas no poente e se põem no nascente.

Anaximandro relata que por ciclos e por esferas, nas quais cada um progride, eles se movem.

Anaxímenes afirma que não passam sob a terra, mas que as estrelas giram em torno dela.

Platão e os matemáticos afirmam que o Sol, Vênus e Mercúrio são de percursos comparáveis.

24. Eustat. Ad Odysseam 1.17.26-32

Τὸν δὲ Ἄτλαντα ὃς πατὴρ εἶναι λέγεται τῆς σωματικῆς Καλυψοῦς καὶ

θαλάσσης πάσης βένθεα οἶδε, καὶ κίονας ἔχει αἱ γῆν τε ἐπὶ μέσου συνέχουσιν καὶ οὐρανὸν ἀνέχουσιν, οἱ μὲν, ἀλληγοροῦσι εἰς τὴν ἀκάματον καὶ ἀκοπίαν πρόνοιαν τὴν πάντων αἰτίαν. καὶ ὀλοόφρονα τὸν τοιοῦτον Ἄτλαντα νοοῦσιν, ὥς τὰ ὑπὲρ ὅλων φρονοῦντα ἡγουν τῶν ὅλων φροντιστικόν. διὸ καὶ ὁ Κλεάνθης ὥς φασιν, ἐδάσυνε τὸ <ο> τῆς ἀρχούσης. καὶ οὐδὲ ἡμεῖς καινοπραγοῦμεν, ψιλοῦντες αὐτό. οἷγε καὶ τὸ Ὀλυμπος λέγοντες γίνεσθαι παρὰ τὸ ὀλολαμπής, ὅμως ψιλοῦμεν Αἰολικῶς αὐτὸ καὶ οὐ δασύνομεν. καὶ οὕτω μὲν τινες. Ἄλλοι δὲ Ἄτλαντα, τὸν νοητὸν ἄξονα νοοῦσι τὸν διὰ μέσης τῆς γῆς ἐληλαμένον. καὶ ἀπὸ τοῦ βορείου εἰς τὸν νότιον πόλον καθήκοντα. περὶ ὃν ὥς καὶ τῷ Ἀράτῳ δοκεῖ, οὐρανὸς εἰλεῖται. εὐθεΐαν ἀσώματόν τινα ὄντα καὶ ἀόρατον, συνεκτικὴν τοῦ παντός. ὥς συνεχῆς μὲν ἐστὶ κατὰ τὴν ὁλότητα καὶ εἷς.

Tradução

Em relação a Atlas se diz que é o pai de Calipso corpórea e conhece as profundezas de todo o mar, e possui colunas, as quais mantem a terra no meio e sustentam sobre ela o céu, alguns, interpretando alegoricamente como a providência incansável e insucumbível, a causa de todas as coisas. E pensam que Atlas é tal enquanto “sagaz-no-destruir” (*oloóphrona*), como quem pensa sobre todas as coisas ou melhor reflete sobre todas as coisas. Por isso também Cleantes, conforme dizem, lia o 'o' do começo da palavra com espírito rude. E em nada inovamos ao torná-lo suave novamente. Alguns, por sua vez, dizem ter surgido o nome “Olimpo” derivado de “brilha-sobre-tudo” (*hololampés*), mas igualmente o lemos com espírito suave ao modo dos eólios e não com o rude. E de igual modo outros fazem. Outros pensam ser Atlas o eixo pensante que é o pivô atravessando a terra. E está encaixado a partir da região de Bóreas (Norte) em direção ao poloixo Norte-Sul

Comentário

b. Deve ser lido com o conjunto que acompanha o fragmento 1.549b;

25. Phld. Mus. 4.col.53

[.] ἐν γὰρ εἰδητ[.]ι
 [- circa 9 litteris caret -] ἱρασσεῖς πλει-
 [- circa 9 - φ]θόγων τὰς
 [-circa 9 -] αμενον ἐρεῖν
 [-circa 11 -] σπουδαίου
 [-circa 11 -] ἡτα ἀγν[.]
 [- circa 11 -ο]υν κἀντευ-
 [· παρ]ὰ γὰρ Κλεάν-
 [θει.] ου καίπερ ὄν-
 [τ- circa 9 -] ἡμιτελέως
 [- circa 10 -] τι οὐδὲ παῖ[ς]
 [6 lineis caret]

Tradução

[sem proposta de tradução]

Comentário

b. única passagem em que a forma ‘ἡμι’, como prefixo, está em Stob. Ecl. 2.7.5b8.1-5 (=SVF 1.566) “οἷονεὶ τὸν τῶν ἡμιαμβείων λόγον ἔχειν”. Ali se aborda a tendência natural à virtude, comparável a um verso iâmbico pronto pela metade.

26. Phld. Stoic.hist. coll.8, 10-18, 21, 23, 25

col. 8

“κατ[...].τε[...ποιή]σειν
 γὰρ ἀδολε[σχοῦν]τα παι-
 δία καὶ τ[οὺς ἀπα]ντῶν-
 τας ἐπὶ τὴν θύραν· δια-
 πορῶν δ’ ὅπου σε θῆι, μό-
 λισ ἂν φησι χαλκιοφύ-
 λακα καταστῆσαι. καὶ
 γὰρ οὕτω κακὸν οὐκ ἔ-
 σεσθαι ν[ου]θετεῖν [τοὺς
 παραχύ[τα]ς. καὶ ὁ Ζ[ή]-
 νων πρὸς τοὺς ξέν[ους
 ἀπο[βλέ]ψας· τί λέ[γετε,
 [ἔφη...

col. 10

ἐ||πιφανεῖς, [ὡς νῦν δέδοκ-
 ται. Κλεάν[θ]ης Φαινίου
 Ἄσσιος, ὁ καὶ τ[ῆν] σχολὴν
 παραλαβὼν· Διονύσι-
 ος Θεοφάντου, κα[θ]άπερ
 Ἀντίγονος ἔγραψεν, Ἡρα-
 κλεώτης, ὁ Μεταθέμε-
 νος· Ἀρίστων Μιλτιάδου
 Χῖος, ὁ τὴν ἀδιαφορίαν
 τέλος ἀποφηνάμενος,
 ἐ]ν δὲ τοῖς ἄλλοις ἀκο-
 λουθε]ῖν οἰόμενος τῷ
 καθη]γητῇ[ι....]οσι

col. 11

ἐπαι-
 ωοῦμενον βιβλίον·
 Ζήνων Σιδώ[νιος ὁ (-)
 λεγόμενος ὑ[πὸ τινων
 ὡς καὶ Χρύς[ιππος αὐ]-
 τὸν ἐν [τῷ περὶ τ]ο[ῦ διαλε-
 ληθότ[ος καλ]ε[ῖ] ...
 πτειν[....]ιλεγε[
 εμητ[..]ρα[.]ιτος[.
 νος[.
 Ζήνω[ν
 .]ατο[

col. 12

Ἀθηνόδωρος [Σ]ολεύ[ς ..
 Ἑκαταῖος Σπινθ[άρου ἀ-
 πέδωκεν. μάλιστα μὲν

οὖν τῶν μαθητῶν
 ὑπὸ τοῦ Ζήνωνος ἡ-
 γαπᾶτο ὁ Περσαῖος, ἀλλὰ
 καὶ σθωεβίου· καὶ
 τέθραπται δ' ὑπ' αὐτοῦ
]αι πρὸς ἐνίων
]αι οἰκογένης
] Διογένης
]ρι.χε[...].iei

col.13

αἷ||τιον [ἐγ]ένετο τούτου
 καὶ τὸ χωρισθῆναι Ζή-
 νωνος ὄντος ἔτι πολ-
 λοῦ, [σ]ὺν Ἀντιγόνῳ καὶ
 ἄ]μα περιπλανᾶσθαι τὸ[ν
 αὐλικὸν οὐ τὸν φιλό[σ]ο-
 φον ἢ<ι>ρημένον βίον.
 ἐξ οὗ καὶ [τῶν ἀν]θρώ-
 πων αὐ[τὸν καὶ τῶν
 πόλεων [
 κοπαι[
 ο[.]ναυ[

col.14

Ἀν||τίγονον ἀποδημή-
 σ]αν[α]τος αὐτοῦ ...α
 καί[πε]ρ Ἀριστοφῶν-
 τα παραιτουμένου
 συγγώμην τα[..]οτι
 ..].εχει[..]ετ.[..]οισε
]ων οὐκ ἐχρῆν
].. [..]σο[.]γο[
].θη[.].του
]σινεκ[
]ονα
]η

col.15

.πῶι ταύταις ἀμυ-
 ν[ό]μενος τοὺς θρᾷκας
 ἐξέβ]αλεν. πλειόνων
 δ' ἐπεισελθόντων καὶ
 πανταχόθεν αὐτῷ
 περιστάντων πολλὰ
 τραύματα λαβὼν [
 ρηξεν αὐτὸν καὶ τὸν
 βίον ἐξέλιπεν. [ἐλ]ε-
 ξαν δέ τινε[ς ὅτ]ι τ[ῆς χώ-
 ρας ἐπιπλ[

π[ρ]ὸς ἐν[

col.16

σαμένωι πρὸς εὐφη-
μίαν Ἑρ]μίππωι γρά-
φεται ἐν] τῷ περὶ τῶν
ἀ[πὸ φιλ]οσοφίας εἰς δυ-
να[στεί]ας με[τ]αστάν-
τω[ν], τόν τε [βίω]ν τοῦ
]οδε Ζήνω-
νος μὲν μα]θητῆς ὦν
]του βα
].ει

col.17

>-----]ουτο[
σ[..... δ]υνα.ε[
ον[.... τ]ῶν [τ'] ἄλλων
τῶ[ν τοῦ Ζήν]ωνος μαθη-
τῶ[ν τῶν τ]ε Κλεάνθου
κα[ὶ Χρυσίπ]που καὶ μάλισ-
τ[α] δ'[ἔοικε]ν ἐπιδραμεῖν
τ[ο]ὺς α[.....] ὑπὸ Στρα-
τοκλέους τοῦ Ῥοδίου
διακη[κοό]τος δὲ Πα-
ναιτίο[υ γ]εγραμμένους.
φησὶ δὲ [..]οτ[

col.18

χοντος τι[ἐ]-
πιτιμήσει []
ονδε.[.].σιν.[]
α[ὐ]τὸς ἀνθρωπ.[]
ἄνδρα [..]τοα[]
σχολη[]
πος[]

col.21

μι]||κρὸν ἔμπροσθε λογ[ιζό-
μενος καὶ τῇ γνώ[μηι
τῶν πολλῶν διδο[ὺς ἐ-
αυτὸν ὑπεύθυνον ο[ὕ],
φησι τοὺς σ[..]μεν[]
προσνοῆς[...].οε[]
μηναι[]
παρον[]
τε[]

col.23

καιπο[....]δ..τητιδη

..]ιο[.]ζο[.....]εμε.με
].λεγ.
]εαν
]οις..
]εινω
].ια.
]...[

col.25

π[ρο]τρέψασθαι δυνάμε-
 νον [κ]αὶ πάλιν ἐξέστ[ρε-
 φεν πρὸς ἑαυτὸν. [οἱ
 δὲ νομίζουσιν αὐ[τὸν
 αὐστηρὸν μ[ε]ν γεγον[ότα
 καὶ βάρος ἐν[....] τι
 διδασκ[
 .τ.ε[
 [
 στ[

Aparato

col.8 1 Arnim **3** Comparetti **9** Arnim **10** παραχύ[τας Grilli **10-11** Comparetti **12** Buecheler (ἀπο[στρέ]ψας Comparetti) **13** Buecheler **col.10** 1 Arnim **12-13** Comparetti **col.11** 1 Comparetti **2** Σιδώ[νιος ὁ Comparetti **3** Comparetti **4-6** Comparetti **6** καλ[έ]ι Croenert **10 D col.12** 1 Comparetti; [ὥς] Comparetti, [ὄν] Croenert et Traversa **2** sq. Comparetti **8** sq. Buecheler **col.13** 1, **8-9** Comparetti, αὐτὸν vel αὐτῶι Buecheler* **col.14** 1-2 Comparetti **9-11** Traversa **col.15** 2-3, **9-10** Comparetti **col.16** Ante l.am **1** οὐ διηγ[η]σαμένωι vel χαρι[σ]αμένωι Comparetti **2-6** Comparetti **7 D**. Περσαίου ὥς] ὅδε Comparetti **8** Comparetti **col.17** 2-6 Comparetti **5** Κλεάνθου Croenert (Κλεάνθους Comparetti) **7** Croenert **8-11** Comparetti (**9** ἄ[νωθεν] Croenert, νεωστί Comparetti) **col.18** 1 sq. Comparetti **3** [φ]ησὶν Buecheler **5** Traversa **col.21** Ante Lam **1** συμ[ι]κρόν Comparetti **1-5** Comparetti **4** ὑπεύθυνεν Traversa **col.25** 1-6 Comparetti **8 D**

Tradução

col. 8 “(...) pois (Zenão) fará até dos que frequentam a corte todos garotos imaturos. Sem saber onde te por, dificilmente – ele (Antígono) diz – te colocaria como responsável pelo dinheiro nos banhos, e porque alguém tão ruim não será capaz de castigar nem os carregadores de água ali”. E Zenão voltando seu olhar aos estrangeiros “que dizeis – disse - ...”

col. 10 Famosos, como os que ora se expõem. Cleantes, filho de Fainia, de Assos, e o que assumiu a escola. Dionísio, filho de Teofanto, como escreveu Antígono, de Heracleia, dito o ‘transfuga’. Ariston, filho de Miltiade, de Quios, que declarava ser a finalidade da vida a indiferença, acreditando seguir o mestre nas demais questões...

col. 11 livro elogiado; Zenão de Sidon, chamado por alguns (...), que também Crisipo o dizia em seu *Sobre o sofisma do ‘escondido’* (...) Zenão ...

col. 12 Atenodoro de Sólis (...) Hecateu de Espintaro. Dentre os discípulos amava acima de todos a Perseu, e ademais viveu com ele. E (Perseu) foi criado por ele (...) era escravo nascido em sua casa (...) Diógenes...

col.13 A causa disso foi o fato de (Perseu) se afastar de Zenão, enquanto ele ainda vivia, por muito tempo, para com Antígono viajar em sua companhia escolhendo a vida de cortesão em vez de filósoso, a partir do que tanto em relação aos homens quanto às cidades ...

col.14 Antígono, uma vez deixando de frequentá-lo (...) embora tenha pedido perdão a Aristofonte...

col.15 (Perseu) vindo em socorro repeliu os trácios. Eram muitos e o acometeram de todas as partes cercando-o, ele recebeu muitos ferimentos (...) e abandonou a vida. Disseram, porém, alguns que fugiu em um navio da região...

col.16 (sem se ocupar) de sua boa reputação, está escrito por Hermipo em seu *Sobre os que mudaram de posição entre a filosofia ao poder*, a vida de (...) sendo discípulo de Zenão...

col.17 e dos outros discípulos de Zenão, de Cleantes e de Crisipo. E sobretudo parece

oportuno discorrer sobre (...) os escritos de Estratocles de Rodes, seguidor de Panécio. Ele diz de fato...

col.18 (sem proposta de tradução)

col.21 (Cleantes) refletindo um pouco antes e oferecendo a si próprio como responsável à consideração da maioria disse: “Não, ...”

col.23 (sem proposta de tradução)

col.25 que podia ser convertido e novamente o fez voltar contra si mesmo. Os que pensam que ele era severo e grave...

Comentário

b. as colunas acima devem ser lidas com os demais fragmentos 1.468, .473, 471, .472, 476ab, 477ab;

d. embora Dorandi em seu comentário não mencione a possibilidade de que a coluna 8 contenha uma referência velada a Cleantes, o exemplo dos banhos e dos carregadores de água que aí trabalham, e sobretudo a incapacidade que Zenão teria aperfeiçoá-los (por censuras e castigos) parecem sugerir tal referência. Ver por exemplo 1.463, 495, ad Cleanthis vitam 11, 12, 15, 17, 28. O paralelismo não é perfeito, no entanto, porque a palavra utilizada para poço e carregador de água de poço é diferente da palavra aqui para os servos que carregavam águas nos banhos.

27. Aelius Herodianus. Περὶ Ὀδυσσειακῆς προσφῳδίας 3.2.130.10-13

<ὀλοόφρονος:> Κλεάνθης δασύνει τοῦ περὶ τῶν ὅλων φρονούντος ἴδιον οὕτως νοήσας. ἄμεινον δὲ ψιλοῦντας ἀκούειν τοῦ τὰ ὀλέθρια καὶ δεινὰ φρονήσαντος· εἷς γὰρ τῶν Τιτάνων ὁ Ἄτλας ἱστορεῖται. H.

Tradução

‘oloóphronos’ (sagaz-no-destruir): Cleantes, de maneira singular pensou assim, lê com espírito rude a palavra com sentido de “quem sabe sobre os todos”. Melhor é – lendo com espírito suave – entender Atlas como “quem soube das coisas destrutivas e terríveis”, pois Herodiano testemunha somente um único dos Titãs.

~~28. Dio. Orat. 30.2~~ (incluído no *corpus* de Watanabe e aqui como Ad Cleanthis vitam (31))

~~29. Phld. De pietate col. 6.16-26~~ (= SVF 1.539)

III. Correspondências: páginas e fragmentos de Cleantes em coletâneas modernas

Autor	Obra	folha	Pearson	SVF	LS	FDS	Watanabe	BS
Aécio <i>Aëtius</i> <i>Doxographus</i>	Placita 1.7.17	206	C 14a	1.532a			<i>f</i> 55	
	Placita 1.14.1-7	162	C 26	1.498				
	Placita 1.25.3	165-166	C 29a	1.501a			<i>f</i> 22(a ¹)	
	Placita 2.4.15-17	164	C 28d	1.499d				
	Placita 2.14.1-2	169	C 33a	1.508a				
	Placita 2.16.1	168	C 34a	1.507a				
	Placita 2.20.3-16		C 29a	1.501a			<i>f</i> 22(a ¹)	
	Placita 2.23.5	167	C 29b	1.501d				
	Placita 4.5.11	190	C 37	1.523			<i>f</i> 42	
	Placita 4.11.1		C 4a					
Alexandre <i>Alexander</i> <i>Aphrodisiensis</i>	In Aristotelis metereologicum libros commentaria 61.34-62.11	192		Ad SVF Cl.phys.1				18.3
Anônimo e vários (autoria indefini- da e coletiva)	Anthologia graeca 5, epigramma 134	38		Adendo 2 n.10				
	Anthologia graeca 11, epigramma 28	37		Adendo 2 n.2				
	Certamen Homeri et Hesiodi 19	234-235	C 67	1.592				
	Corpus paroemiographorum Graecorum 2.757.6-7 (Mantissa 1.85)	134	C 102	1.561			<i>f</i> 82	
	De scientia politeia, p. 607	224		Ad Cl.phys.theo.12			<i>f</i> 47(a ³)	
	Epitome Firmiani Lactanti institutionum 34						<i>t</i> 18	
	Gnomologium Vaticanum 369	70		Ad SVF Cl.vit.25			<i>t</i> 8(4)	
	Scholia et glossae in Nicandri theriaca (scholia vetera et recentiora) 447c1-7	191	C 114	1.524			<i>f</i> 43	
	Scholia In Aristophanem, Scholia in equites, 84c1-8	39		Adendo 2 n.18				
	Scholia in Iliadem (scholia vetera) 16.233a.8	207-208	C 55b	1.535b				
	Scholia in Iliadem (scholia vetera) (= D scholia) 3.64.8-10	53	C 63	1.544			<i>f</i> 65	
	Scholia in Homeri Odysseam (scholia vetera) 1.52.3-4	220	C 65a	1.549a			<i>f</i> 70(a ¹)	

Apíon gramático <i>Apion</i> <i>Grammaticus</i>	Fragmenta, 2.12	79			Ad SVF Cl.vit.43			
Apolônio <i>Apollonius Rhodius</i>	Lexikon homericum 114.24-26	120	C 66	1.526			f 45	
Aquiles Tátio <i>Achilles Tatius</i>	Introductio in Arati Phaenomena 12	169-170	C 33c	1.508c			f 28(a ⁴)	
	Anon. I.5 (in Ach. Tat. Intr. Arat. p. 96.10-13)	209	C 60b	1.542b				
Ário Dídimo <i>Arius Didymus</i>	Physica (fragmenta) fr.29.25	162		1.499a				
	Physica (fragmenta) fr.34.1-3	168		1.506			f 26	
	Physica (fragmenta) fr.36.col1.27							
	Physica (fragmenta) fr.36.col2.1			1.107a				
	Physica (fragmenta) fr. 38.7	178-179	C 24	1.497			f 18	15.5
	Physica (fragmenta) fr.39.10	187-188		1.128	53W	423	f 38	13.6
				1.141				
				1.519				
				2.809				
Ateneu de Náucratis <i>Athenaeus</i> <i>Naucratis</i>	Deipnosophistae 8.36.24							
	Deipnosophistae 8.50.32	110		Ad SVF Cl.log.5				
	Deipnosophistae 11.32.8-10	119-120	C 11a	1.591a			f 13(a)	
	Deipnosophistae 11.41.30-36	120	C 11b	1.591b			f 13(b)	
	Deipnosophistae 13.31.12-23	211	C 64	1.545				
	Deipnosophistae (epitome) 2.1.141.1	37		Adendo 2 n.4				
Ausônio <i>Ausonius</i>	Professores 15.1-14	65-66		Ad SVF Cl.vit.16			t 43	
Basílio da Cesareia	Epistulae 4	66		Ad SVF Cl.vit.17			t 10(4)	

*Basilus
Caesariensis*

Calcídio
Chalcidius Timaeus a Calcidio translatus commentario 144

221

C 18

1.551
2.933

54U

f 69

Censorino
Censorinus De die natali 15.3

62-63

Ad SVF Cl.vit.9

t 19)

Cícero
Cicero Academica posteriora (Lucullus) 73.6
Academica posteriora (Lucullus) 126.13-15
Academica posteriora (Lucullus) 142-144
De divinatione 1.6.1-4
De fato 12.4-15.8

50

165

109-110

220

99-100

C 28e

C 8b

1.480
1.499e
Ad SVF Cl.vit.4

1.550

1.489b

38E

826
989

t 28
f 20(a⁴)

f 10

f 71

f 9(4)

9.16

De finibus 2.69.3-15
De finibus 4.7.1-7
De legibus 1.24-25
De legibus 1.33.10-16
De natura deorum 1.36.6-41.9

128-129

116

136-137

133-134

204-206

C 90a

C 14b

C 15a

C 16b

C 17

C 46

C 52a

C 42a

C 42b

1.553a

1.492

1.564c

1.558c

1.530

1.531b

1.532b

1.534a

54B

f 76(a¹)

f 12(2)

f 51A

17.1

De natura deorum 2.12-15
De natura deorum 2.23.5-31.1

200-201

C 52a

C 42a

C 42b

1.528a

1.513a

1.513b

1.529b

54C

47C

f 49(a¹)

f 24A

15.7

De natura deorum 2.33.1-36.5
De natura deorum 2.40.1-41.12
De natura deorum 2.63
De natura deorum 3.5.8-18
De natura deorum 3.16.1-7
De natura deorum 3.37.1-7
De natura deorum 3.37.7-18.1
De natura deorum 3.63
De officiis 3.11.4-12.1

203

167-168

228

39

166

39

228

133

C 30

C 52b

C 29c

1.504
Ad Cl.phys.theo.17
Adendo 2 n.20

1.528b

1.501b

Adendo 2 n.21
Ad Cl.phys.theo.18

1.558b

f 24B

f 60(1)

f 49(a²)

f 60(2)

15.12

	De senectute (vel Cato maior) 23	80		Ad SVF CL.vit.44				<i>t</i> 14
	Tusculanae disputationes 2.60.7-61.1	50	C Ap 11	1.607				<i>t</i> 15
	Tusculanae disputationes 3.76.1-3	145	C 93	1.576				<i>f</i> 97
	Tusculanae disputationes 3.77.6-13	145	C 94	1.577				<i>f</i> 98
	Tusculanae disputationes 5.107	80		Ad SVF Cl.vit.45				<i>t</i> 29(1)
Clemente de Alexandria	Eclogae propheticae 26.3	194		Ad SVF Cl.phys.6				<i>f</i> 24B
	Protrepticus 6.72.1-2	130-131	C 75	1.557	60Q			<i>f</i> 78(a ¹)
<i>Clemens Alexandrinus</i>	Stromateis 1.14.62.1-64.1	235-236	C 68b	1.593b				<i>f</i> 81(a ²)
	Stromateis 2.21.129	150-150		Ad SVF Cl.eth.3				<i>t</i> 5(2)
	Stromateis 2.22.131.3-4	133	C 77	1.558				<i>f</i> 73(a ¹)
	Stromateis 5.3.17.6	134	C 100	1.559				<i>f</i> 79
	Stromateis 5.8.48.1-2	198	C 31	1.502a				<i>f</i> 80
	Stromateis 5.14.110.3	131-132	C 101	1.560				<i>f</i> 23
	Stromateis 5.15.110.2							<i>f</i> 81(a ¹)
	Stromateis 6.7.57.2-3	69		Ad SVF Cl.vit.22				<i>f</i> 78(a ²)
	Stromateis 6.18.167.2	69		Ad SVF Cl.vit.23				<i>t</i> 7(1)
	Stromateis 7.6.33.1-3	184	C 44	1.516				<i>t</i> 7(2)
	Stromateis 8.9.25.1.1-26.1.7; 26.3.1-27.1.1; 27.1.2-28.1.4; 28.3.3-28.5.3; 28.6.1-29.2.3; 30.1.1-30.3.5; 31.1.1-31.5.4; 32.7.1-33.9.7	173-178	C 7	1.488	55C 55D 55I	763 764		<i>f</i> 35
								<i>f</i> 8
								14.11
Cornuto Cornutus	Theologiae Graecae Compendium 48.15-17	220	C 65c	1.549c				
	Theologiae Graecae Compendium 31, 62.23-64.17	199-200	C 62	1.514				<i>f</i> 33
	Theologiae Graecae Compendium 67.17-68.3	199		1.503				
				1.542c				
	Theologiae Graecae Compendium 32, 69.14-17	210	C 61d	1.543d				<i>f</i> 64(2)
Diógenes Laércio Diogenes Laertius	Vita philosophorum 1.15	56		Ad SVF Cl.vit.1				<i>t</i> 5(4)
	Vitae philosophorum 7.14	41	C 112	1.4				<i>t</i> 8(2)
				1.589				
	Vitae philosophorum 7.17.6-9	57		Ad SVF Cl.vit.2				<i>t</i> 8(3)
				1.286				

Vitae philosophorum 7.18-21		-	-	-	-	-
Vitae philosophorum 7.36-38	57		Ad SVF Cl.vit.3			<i>t</i> 6(1)
			1.38			<i>t</i> 20 (1)
			1.301			
Vitae philosophorum 7.39-41	88-89	C 1	1.482			<i>f</i> 1
Vitae philosophorum 7.84	91-92		Ad SVF Cl.vit.49			<i>f</i> 72
Vitae philosophorum 7.87-89	127	C 72b	1.552b	59J		<i>f</i> 73(a ²)
		C 73.1	1.555	63C		<i>f</i> 74
			3.4a			
			3.4b			
			3. Archedemus.19			
			3.Posidonius.426			
Vitae philosophorum 7.89-93	137-140	C 73.2	1.565	61A		<i>f</i> 86
		C 78	1.567	61K		<i>f</i> 88
		C 79	3.Posidonius.435b			
Vitae philosophorum 7.127-129	140-141	C 80	1.568	61I		<i>f</i> 89(1)
		C 81	1.569			<i>f</i> 89(2)
Vitae philosophorum 7. 134; 136.11-137.2	160	C 12	1.493	44B	744	<i>f</i> 14
			3.Posidonius.257			
Vitae philosophorum 7.135.9-136.1	222-223		Ad SVF Cl.phys.theo.9	46B		
Vitae philosophorum 7.139	164	C 28c	1.499c			<i>f</i> 20(a ²)
			3.Posidonius.345			
			3.Posidonius.347			
			3.Posidonius.304			
Vitae philosophorum 7.142			Ad Cl.phys.theo.10			
Vitae philosophorum 7.147	223		1.522			
Vitae philosophorum 7.156-157	189-190	C 41	Ad SVF Cl.vit.5	53N	421	<i>f</i> 41(1)
Vitae philosophorum 7.163	59					
Vitae philosophorum 7.167						<i>t</i> 6(2)
Vitae philosophorum 7.166-173	41-44	C Ap.1a	1.463a			<i>t</i> 1
		C Ap.2a	1.597a			
		C Ap.3	1.598			
		C Ap.4	1.599			
		C Ap.5	1.600			
		C Ap. 7	1.602			
		C Ap. 8	1.603			

			C Ap. 9	1.605	
			C Ap. 10	1.606	
			C Ap. 13	1.609	
			C Ap. 14	1.610	
			C Ap. 17b	1.611b	
			C Ap. 21	1.613	
	Vitae philosophorum 7.173	158	C Ap. 20	1.618	<i>t</i> 1
	Vitae philosophorum 7.174	44	C Ap. 6	1.463b	<i>t</i> 1
			C Ap.16	1.601	
				1.616	
	Vitae philosophorum 7.174-175	89-91		1.481	<i>t</i> 44
	Vitae philosophorum 7.176	53	C Ap. 22a	1.474	<i>t</i> 1
	Vitae philosophorum 7.177	58-59		Ad SVF Cl.vit.4	<i>t</i> 20(2)
	Vitae philosophorum 7.179	58-59		Ad SVF Cl.vit.4	<i>t</i> 20(3)
	Vitae philosophorum 7.182.6	58-59		Ad SVF Cl.vit.4	<i>t</i> 20(4)
	Vitae philosophorum 7.185.7	58-59		Ad SVF Cl.vit.4	
	Vitae philosophorum 9.15	59-60		Ad SVF Cl.vit.6	<i>t</i> 45
	Vitae philosophorum 9.16	59-60		Ad SVF Cl.vit.6	
Díon	Orationes 7.102.2-8	119		1.562b	
<i>Dio Chrysostomos</i>	Orationes 30.2	39		Adendo 2 n.28	<i>t</i> 29(5)
	Orationes 47.1-4	72-73		Ad SVF Cl.vit.31	
Eliano	De natura animalium 4.45	69		Ad SVF Cl.vit.24	<i>t</i> 7(3)
<i>Claudius Aelianus</i>	De natura animalium 6.50.1-16	183-184	C 45b	1.515b	<i>f</i> 34(a ²)
	Fragmenta fr.1.2	80		Ad SVF Cl.vit.46	
Epicteto	Dissertationes 1.17.10.3-12.1	97	C 2	1.48	<i>f</i> 2
<i>Epictetus</i>				1.483	
(Arriano)				2.51	
	Dissertationes 2.19.1.1-34.3	97-99	C 8a	1.489a	<i>f</i> 9(1)
					<i>f</i> 9 (2)
					<i>f</i> 9 (3)
	Dissertationes 2.23.42.1-9			1.527c	

	Dissertationes 3.22.95.1-96.1	218		1.527d			
	Dissertationes 3.23.32	75-76		Ad SVF Cl.vit.36		<i>t</i> 36	
	Dissertationes 3.26.23	70		Ad SVF Cl.vit.26		<i>t</i> 10(3)	
	Dissertationes 4.1.128.1-132.2	218-219		1.527e			
	Dissertationes 4.1.173.3-174.1	100-101	C 107	1.619		<i>t</i> 22	
	Dissertationes 4.4.33.1-34.2	219		1.527f			
	Encheiridion 53(“Pequeno hino a Zeus e ao Destino”)	216	C 91a	1.527a	62B	<i>f</i> 47(a ¹)	
Epifânio	Adversus haereses 1.183.12-184.3	38		Adendo 2 n.11			
<i>Epiphanius</i>	Adversus haereses 3.508.25-28	208	C 53	1.538		<i>f</i> 58	
Estefano de Bizâncio	Ethnica (epitome) s.v. Ἀσσός 136.7-137-2	68-69		Ad SVF Cl.vit.21		<i>t</i> 4(a ²)	
<i>Stephanus Byzantius</i>							
Estobeu	Eclogae 1.1.12 (“Hino a Zeus”)	212-216	C 48	1.537	51I	<i>f</i> 57	17.2
<i>Stobaeus</i>	Eclogae 1.15.6a7-8	162				<i>f</i> 19	
	Eclogae 1.17.3.12-26	178-179	C 24	1.497		<i>f</i> 18	15.5
	Eclogae 1.20.1e.2-7	182	C 22	1.107a		<i>f</i> 32(a ¹)	
				1.512			
	Eclogae 1.21.6d1-e5	164	C 28d	1.499d		<i>f</i> 20(a ³)	
	Eclogae 1.24.2d2-3		C 33a	1.508a		<i>f</i> 28(b ¹)	
	Eclogae 1.25.3	165-166	C 29a	1.501a;		<i>f</i> 22(a ¹)	
	Eclogae 1.26.1i.2-5	168		1.506		<i>f</i> 26	
	Eclogae 1.48.7	190	C 37	1.523		<i>f</i> 42	
	Eclogae 1.1.29b14-15	206	C 14a	1.532a		<i>f</i> 55	
	Eclogae 2.2.16.2	50-51	C Ap.12	1.608		<i>t</i> 23	
	Eclogae 2.7.5b4	135	C 76b	1.563b			
	Eclogae 2.7.5b8	137	C 82	1.566	61L	<i>f</i> 87	26.11
	Eclogae 2.7.6a.1-11	126	C 72a	1.552a		<i>f</i> 73(a ³)	
	Eclogae 2.7.6e.1-18	128	C 74a	1.554a	63A	<i>f</i> 75(A)	
				3.16			

	Eclogae 2.7. 11d.33-11k.11	156-157	C 104	1.587	67I		f 108	30.16
	Eclogae 2.31.61.1-64.2	51-52	C 106	1.517b			t 24	
			C Ap.19	1.612			f 36	
	Eclogae 2.31.125.68	51	C Ap.17a	1.611a			t 25	
	Eclogae 3.4.89.1-2	184-185	C 106	1.517a				
	Eclogae 3.6.3.2	143	C 95	1.573			f 94	
	Eclogae 3.6.4.1	144	C 110	1.583			f 104	
	Eclogae 3.6.66	130	C 89	1.556			f 77	
	Eclogae 3.7.54.2	55	C Ap. 22c	1.604			t 16(2)	
	Eclogae 3.17.28	49		1.469			t 11	
	Eclogae 3.28.17.2	147	C 96	1.581			f 102	
	Eclogae 3.33.8.2	52	C Ap.15	1.615			t 26	
	Eclogae 3.42.2.2-4	155	C 103	1.586			f 107	
	Eclogae 4.31d.124.3	144	C Ap. 18	1.617			t 27	
	Eclogae 4.44.59.4	144	C 86	1.575			f 96	
Estrabão <i>Strabo</i>	Geographica 13.1.57.6-8	54-55		1.479			t 4(a ¹)	
Eusébio <i>Eusebius</i>	Praeparatio evangelica 6.7.40	225-226		Ad Cl.phys.theo.14			f 48	
	Praeparatio evangelica 13.13.37-38	132					f 78(a ³)	
							f 81(a ³)	
<i>Caesariensis</i>	Praeparatio evangelica 15.13.6-9	81-82		Ad SVF Cl.vit.48			t 5(3)	
	Praeparatio evangelica 15.15.7.1-3	162-163	C 28a	1.499a			f 20(a ¹)	
	Praeparatio evangelica 15.18.3	195		Ad SVF Cl.phys.8			f 32(a ²)	
	Praeparatio evangelica 15.20.1.1-7.4	187-188		1.128	53W	423	f 38	13.6
				1.141				
				1.519				
				2.809				
	Praeparatio evangelica 15.21.3.1-3	188-189		1.520a			f 39(a ¹)	
				1.139a				
	Praeparatio evangelica 15.31.1	39		Adendo 2 n.22			f 28(a ²)	
	Praeparatio evangelica 15.47.1	39		Adendo 2 n.23			f 27(a ²)	

Eustátio <i>Eustathius</i> <i>Thessalonicensis</i>	Commentarii ad Homeri Iliadem 1.17.23-27	220	C 65b	1.549b	
	ad Odysseam 1.52	39		Adendo 2 n.24	f 70(a ²)
Filodemo de Gádara <i>Philodemus</i> <i>Gadarensis</i>	De Musica 4 col.28.1-22 (Kemke p.97)	117	C 49	1.486	f 5
	De Musica.Pap.424.fr.2A (Kemke p.57)	39		Adendo 2 n.25	
	De pietate col. 1.1-10	226-227		Ad Cl.phys.theo.16	f 51B(1)
	De pietate col. 1.31-2.7	226-227		Ad Cl.phys.theo.16	f 51B(2)
	De pietate col.2.8;	226-227		Ad Cl.phys.theo.16	f 51B
	De pietate 9.11-12	206	C 16a	1.531a	
	De pietate 13.16-26	198	C 54	1.539	f 59
	De rhetorica F 20	73-74		Ad SVF Cl.vit.32	t 30A
	De rhetorica col. 18	73-74		Ad SVF Cl.vit.32	t 30B
	De rhetorica col. 23	73-74		Ad SVF Cl.vit.32	t 30C
	Philosophorum historia col.13.21-25	157	C 113	1.590	f 109
	Stoicorum historia col.10-12	39		Adendo 2 n.26	t 2
	Stoicorum historia col.17	39		Adendo 2 n.26	t 2
	Stoicorum historia col 18	39		Adendo 2 n.26	t 2
	Stoicorum historia col. 19	47		1.468	t 2
	Stoicorum historia col. 20	47		1.473	t 2
	Stoicorum historia col. 21	39		Adendo 2 n.26	t 2
	Stoicorum historia col. 22	126		1.471	t 2
	Stoicorum historia col.23	39		Adendo 2 n.26	t 2
	Stoicorum historia col. 24	48		1.472	t 2
	Stoicorum historia col. 25	39		Adendo 2 n.26	t 2
	Stoicorum historia col. 26	48		1.476a	t 2
	Stoicorum historia col. 27	48		1.476b	t 2
	Stoicorum historia col. 28	49		1.477a	t 2
	Stoicorum historia col. 29	49		1.477b	t 2
Fílon de Alexandria <i>Philo</i> <i>Alexandrinus</i>	De aeternitate mundi 86.1-93.4	180-182	C 23	1.511	f 31
	De providentia 2.48-49	179		1.509	f 29
	De providentia 2.64	193-194		Ad SVF Cl.phys.5	com. f 22
	De providentia 2.74	219	C 19	1.548	f 68
	Quis rerum divinarum heres sit 181.1-182.1	109	C 4c	Ad SFVF Cl.log.3	

	Quod deus sit immutabilis 43.1-4	108-109	C 4b	Ad SVF Cl.log.2		
Flávio Josefo <i>Flavius Iosephus</i>	Contra Apionem (= De Judaeorum vetustate), 2.135.2	75		Ad SVF Cl.vit.35	<i>t</i> 35	
Fótio <i>Photius</i>	Lexicon (E—Ω): ‘λέσχαι’	209-210	C 61a	1.543a	<i>f</i> 64(a ²)	
	Bibliotheca (Codex 167, Bekker), p.114a17-b6	39		Adendo 2 n.16		
	Bibliotheca, p.167.114b28-115a5	39		Adendo 2 n.17		
Fronto <i>Marcus Cornelius Fronto</i>	Ad Marcum Antonin. De eloquentia 2.14.1	76		Ad SVF Cl.vit.37	<i>t</i> 37	
Galeno <i>Claudius Galenus</i>	Adversus ea quae a Juliano in Hippocratis aphorismos enuntiata sunt libellus, 18a.269.10-270.3	194-195		Ad SVF Cl.phys.7		
	Adversus ea quae a Juliano in Hippocratis aphorismos enuntiata sunt libellus 5.10				<i>f</i> 46	
	De placitis Hippocratis et Platonis 2.8.48.2	37		Adendo 2 n.5	<i>f</i> 40	
	De placitis Hippocratis et Platonis 3.5.45.1-46.6	143	C 87	1.572	<i>f</i> 93	
	De placitis Hippocratis et Platonis 3.8.48	189		1.521		
	De placitis Hippocratis et Platonis 5.6.32.1-40.1	141-143	C 84	1.570	<i>f</i> 90	25.19
				3.Posidonius.417	<i>f</i> 91	
	De placitis Hippocratis et Platonis 5.6.42.5			3.Posidonius.419		
	De placitis Hippocratis et Platonis 8.1.14.9-15.1	143	C 85	1.571		
				3.Posidonius.422b		
	De placitis Hippocratis et Platonis 11.1				<i>f</i> 92	
	Quod qualitates incorporea sint 4.467.8	54		1.478	<i>t</i> 17	
Gemino <i>Geminus Rhodius</i>	Elementa Astronomiae 16.21.1-3	168	C 35	1.505	<i>f</i> 25	
Georgio Sincelo <i>Georgius Syncellus</i>	Ecloga chronographica 333.10	67		Ad SVF Cl.vit.18	<i>t</i> 6(3)	

Gregorio Nazianzeno <i>Gregorius Nazianzenus</i>	Orationes 4, col.35.596.23-597.7	70-71		Ad SVF Cl.vit.27	<i>t</i> 10(5)
	Orationes 7.20.5.1-6	38		Adendo 2 n.12	
	Carmina moralia 700, v.12-14	71		Ad SVF Cl.vit.28	<i>t</i> 10(6)
Harpocrátio <i>Harpocratius</i>	Lexicon in decem oratores: 'λέσχει'	210	C 61c	1.543c	<i>f</i> 64(a ¹)
Hermias <i>Hermias Philosophus</i>	Irrisio gentilium philosophorum 14 (DDG 654.26-31)	161	C 21	1.495	<i>f</i> 16
Herodiano <i>Aelius Herodianus et Pseudo-Herodianus Grammaticus vel Rhetor</i>	Περὶ Ὀδυσσειακῆς προσφῶδιᾶς 3.2.130.10	39		Adendo 2 n.27	
	Fragmentum grammaticum quod incipit a vocibus ζητοῦμεν καὶ τὴν τοῦ Ἄρης [Sp.], 245.9-10	37		Adendo 2 n.7	
Hesíquio <i>Hesychius</i>	Fragmenta, 7.583-605	67-68		Ad SVF Cl.vit.20	
Hierocles <i>Hierocles</i>	Ἠθικὴ στοιχείωσις, col.7-8	148-149		Ad SVF Cl.eth.1	<i>f</i> 4
Himerio <i>Himerius</i>	Declamationes et orationes, 48.265-273	38		Adendo 2 n.14	
Hipólito <i>Hyppolytus</i>	Haer. 21			2.975	
Hisdosio escolático <i>Hisdosius</i>	De anima mundi Plat. (ad Chalcid. In Plat. Tim.) 34b	193		Ad SVF Cl.phys.4	F 20(a ⁶)

Scholasticus

Juvenal <i>D. Iunius Iuvenalis</i>	Satura 2.1-10	67		Ad SVF Cl.vit.19	<i>t</i> 34				
Lactâncio <i>Lactantius</i>	Institutiones divinae 1.5 Institutiones divinae 3.18.5 Lactanti institutionum epitome 4 Lactanti institutionum epitome 34	207 193 226 71	C 15b C 15b	1.534b Ad SVF Cl.phys.3 Ad Cl.phys.theo.15 Ad SVF Cl.vit.29	<i>f</i> 54(a ¹) <i>f</i> 41(2) <i>f</i> 54(a ²)				
Luciano de Samósata <i>Lucianus</i>	Symposium, 30-32 Symposium. Section 32, line 4 Fugitivi, 31.5-13	76-77 77		Ad SVF Cl.vit.38 Ad SVF Cl.vit.37	<i>t</i> 38 <i>t</i> 39				
Macróbio <i>Macrobius</i>	Saturnalia 1.17.7-8 Saturnalia 1.17.30-31 Saturnalia 1.17.36 Saturnalia 1.18.13-14 Saturnalia 1.23.2	208 208-209 209 211-212 166	C 58 C 60a C 59 C 57 C 29d	1.540 1.542 1.541 1.546 1.501c	<i>f</i> 61 <i>f</i> 62 <i>f</i> 63 <i>f</i> 66 <i>f</i> 22(a ⁴)				
Miguel Coniates Michael Choniatas	Prosopoiie (PG, 150, col.1347)	149-150		Ad SVF Cl.eth.2	<i>f</i> 90(a ²)				
Miguel Pselo <i>Michael Psellus</i>	De omnifaria doctrina 33	192		Ad SVF Cl.phys.2	<i>f</i> 37(b)				
Minúcio <i>Minutius</i>	Octavius 19.9-10	206	C 14c	1.532c	<i>f</i> 52				
Musônio Rufo <i>Gaius Musonius Rufus</i>	Dissertationum a Lucio digestarum reliquiae 1.53-64	37-38		Adendo 2 n.9					
Nemésio <i>Nemedius</i>	De natura hominis 32-33, 2.115-122; 2.136-140; 2.163-167	186-187	C 36b	1.518b	45C 427 <i>f</i> 37(a ³) 13.16				

Olimpiodoro <i>Olympiodorus</i>	Commentaria in Platonis Gorgiam 12.1.9-10	101	C 5a	1.490a		<i>f</i> 11(a ¹)	
Orígenes <i>Origenes</i>	Contra Celsum 2.12.25-31	38		Adendo 2 n.13		<i>t</i> 20(5)	
Pérsio <i>Persius</i>	Satura 5	64-65		Ad SVF Cl.vit.14			
Plutarco <i>Plutarchus</i>	Alcebiades 6.2.1, 194b-c	52	C 108	1.614		<i>t</i> 21	
	Quomodo adolescens poetas audire debeat 31d13-e9	207	C 55a	1.535a 2.101		<i>f</i> 56	
	Quomodo adolescens poetas audire debeat 33c2-d2	118-119	C 111	1.562		<i>f</i> 83	
	De recta ratione audiendi 47e1-f3	45		1.464		<i>t</i> 9(1)	
	Quomodo adulator ab amico internoscatur 55c6-9	49		1.470		<i>t</i> 13	
	De Iside et Osiride 377d9-11	212	C 56	1.547		<i>f</i> 67	
	De E apud Delphi 385b-c	211				<i>f</i> 64(1)	
	De Pythiae oraculis 402a8-b1	198		1.502b			
	De exilio 605b4 (599a-607f)	37		Adendo 2 n.3			
	De vitando aere alieno 830c	45	C 1b	1.465 1.597b		?	
	De facie in orbe lunae 923a1-6	165	C 27	1.500		<i>f</i> 21	
	De sollertia animalium (11) 967e1-f2	183	C 45a	1.515a		<i>f</i> 34(a ¹)	
	De stoicorum repugnantiis 1033a1-11	60-62		Ad SVF Cl.vit.7		<i>t</i> 29(4A)	
						<i>t</i> 29(4B)	
						<i>t</i> 29(4C)	
	De stoicorum repugnantiis 1034c6-e1	134-135	C 76	1.200 1.563 3.258	61C	<i>f</i> 84	26.17
	De communibus notitiis adversus stoicos 1075a12-c3	182-183	C 47	1.536		<i>f</i> 30A	
	De communibus notitiis adversus stoicos 1075d3-e1	180	C 25	1.510	46L	<i>f</i> 30B	15.11
Porfírio <i>Porphyrius</i>	Vita Pythagorae 1.4-2.10	235	C 68a	1.593a			
Probo	Comentaria in Virgilii Bucolicas 6.31	162	C 20	1.496		<i>f</i> 17	

<i>Probus</i>					
Proclo <i>Proclus</i>	In Platonis Timaeum commentaria 1.351.12	136		1.564b	
Pseudo-Censorino	Epitoma disciplinarum 1.61-62	163	C 28b	1.499b	<i>f</i> 20(a ⁵)
Pseudo- Galeno	De historia philosophica 3.27-31 De Historia Philosophica 56a.3 De Historia Philosophica 58.2	37 169 168-169	C 33b C 34b	Adendo 2 n.8 1.508b 1.507b	<i>t</i> 5(1) <i>f</i> 28(a ³) <i>f</i> 27(a ³)
Pseudo-Luciano	Macrobiani 19.6-20.1	53-54	C Ap.22b	1.475	<i>t</i> 16(1)
Pseudo-Nono	Scholia mythologica (Oratio 4, historia 35)	65		Ad SVF Cl.vit.15	
Pseudo-Plutarco	De fluviorum nominibus 5.3 De fluviorum nominibus 5.4 De fluviorum nominibus 17.4 Placita philosophorum 889a6 Placita philosophorum 889c2 Placita philosophorum 900b1-4 Placita philosophorum 2.14 Placita philosophorum 2.16 Placita philosophorum 2.20	236-237 237 237 168 108	C 69 C 70 C 71 C 34a C 4a	1.594 1.595 1.596 1.507a Ad SVF Cl.log.1	<i>f</i> 28(a ¹) <i>f</i> 27(a ¹) <i>f</i> 22(a ²)
Quintiliano <i>Quintilianus</i>	Institutionis Oratoriae 2.15.33-34 Institutionis Oratoriae 2.17.41 Institutionis Oratoriae 12.1.18.1-19.1 Institutionis Oratoriae 12.7.9	116 101 39 46	C 9 C 5b	1.491 1.490b Adendo 2 n.19 1.467	<i>f</i> 12(1) <i>f</i> 11(a ²) <i>t</i> 33(1) <i>t</i> 12
(Santo) Agostinho <i>Augustinus</i>	De civitate dei 5.8 De civitate dei 5.20	225 129-130	C 90b	1.553b	<i>f</i> 47(b ²) <i>f</i> 76(a ²)
Sêneca	De beneficiis 2.31.2.6-7	146	C 99b	1.578b	

<i>Seneca Iunior</i>	De beneficiis 5.14.1.1-3.1	147	C 97	1.580	<i>f</i> 99			
	De beneficiis 6.10.2.3-11.3.1	146	C 98	1.579	<i>f</i> 100			
	De beneficiis 6.12.2.3-13.1.1	145-146	C 99a	1.578a	<i>f</i> 101			
	De otio 6.5	71-72		Ad SVF Cl.vit.30	<i>t</i> 29(3)			
	De tranquillitate animi 1.10.5-11.1	157	C 105	1.588	<i>t</i> 29(2)			
	Epistulae morales ad Lucilium 6.5.4-6.8	46		1.466b	<i>t</i> 8(1)			
	Epistulae morales ad Lucilium 33.4, 7-9	74		Ad SVF Cl.vit.33	<i>t</i> 31			
	Epistulae morales ad Lucilium 44.3	46	C Ap. 1e	1.466a	<i>t</i> 10(1)			
	Epistulae morales ad Lucilium 64.9-10	75		Ad SVF Cl.vit.34	<i>t</i> 32			
	Epistulae morales ad Lucilium 94.4	147	C 92	1.582	<i>f</i> 103			
	Epistulae morales ad Lucilium 107.10	217	C 91b	1.527b	<i>f</i> 47(b ¹)			
	Epistulae morales ad Lucilium 108.10	117-118	C 50	1.487	<i>f</i> 6			
	Epistulae morales ad Lucilium 113.23	190-191	C 43a	1.525	<i>f</i> 44			
Sexto Empírico <i>Sextus Empiricus</i>	Adversus mathematicos 7.22	92		Ad SVF Cl.vit.50				
	Adversus mathematicos 7.227.1-241.9	102-104	Z 7a	2.56a	53F	259	<i>f</i> 3(1)	7.10
			C 3a	1.484a				
	Adversus mathematicos 7.372-374	105	C 3b	1.484b	<i>f</i> 3(2)			
				2.56b				
	Adversus mathematicos 7.432-433				<i>t</i> 33(2)			
	Adversus mathematicos 8.400-406	105-106	C 3c	1.484c	<i>f</i> 3(3)			
	Adversus mathematicos 9.88-91	201	C 51	1.529a	<i>f</i> 50			12.15
	Adversus mathematicos 9.92							
	Adversus mathematicos 11.30.9-11	128	C 74b	1.184b	<i>f</i> 75(B)			
				1.554b				
	Adversus mathematicos 11.73.4-6	144	C 88	1.574	<i>f</i> 95			
	Pyrrhoneion Hypotyposeon 2.70-73	106-107	C 3d	1.484d	<i>f</i> 3(4)			
	Pyrrhoneion Hypotyposeon 3.199.1-200.3	155	Z 182	1.249	<i>f</i> 106			
			C 109	1.585				
Simplicio <i>Simplicius</i>	Commentarius in Epicteti enchiridion, 137.11-38	38-39		Adendo 2 n.15				
Siriano <i>Syrianus</i>	Commentaria in Aristotelis Metaphysica 105.19-30; 106.5-8	160-161	C 6	1.494	30H	318A	<i>f</i> 15	4.5

Sudas <i>Suidas</i>	‘Δέλτος’ (Adler, delta 202) ‘Εὐλογον ἄξιωμα’ (Adler, epsilon 3569) ‘Κλεάνθης’ (Adler, kappa 1711) ‘Λέσχει’ ‘Φρεάντλης’ (Adler, phi 696) ‘Χρύσιππος’ (Adler, chi 568)	63 110-111 63 210 63-64 64	C 61b	Ad SVF Cl.vit.10 Ad SVF Cl.log.6 Ad SVF Cl.vit.11 1.543b Ad SVF Cl.vit.12 Ad SVF Cl.vit.13	<i>t</i> 9(2) <i>t</i> 3 <i>f</i> 64(a ³) <i>t</i> 10(7) <i>t</i> 20(6)
Temístio <i>Themistius</i>	Orationes 2, 27c6-10 Orationes 4, 60b-c Orationes 21, 255a8-b3. Orationes 32, 358a	136 77 78 78-79	C 83	1.564 Ad SVF Cl.vit.40 Ad SVF Cl.vit.41 Ad SVF Cl.vit.42	<i>f</i> 85 <i>t</i> 40 <i>t</i> 41 <i>t</i> 42
Teodoreto <i>Theodoretus</i>	Graecarum affectionum curatio 1.24.7-8 Graecarum affectionum curatio 4.20.1-4 Graecarum affectionum curatio 5.27.1-28.1	236 170-172 189	C 68c	1.593c 1.508d 1.520b 1.139b	<i>f</i> 28(b ²) <i>f</i> 39(a ²)
Teófilo <i>Theophilus</i>	Ad Autolycum 3.5.1-5	155		1.254 1.584	<i>f</i> 105
Tertuliano <i>Tertulianus</i>	Apologeticus pro Christianis 21.10 De anima 5 De anima 25.9	206-207 185-186	C 13 C.36a C 36c	1.533 1.518a 1.518c	<i>f</i> 53 <i>f</i> 37(a ¹) <i>f</i> 37(a ²)
Valério Máximo <i>Valerius Maximus</i>	*Facta et dicta memorabilia 8.7(ext).11.1-10				<i>t</i> 10(2)
Varrão <i>Varro</i>	De lingua latina 5.9	116-117		1.485	<i>f</i> 7
Veteio Valente <i>Vetteius Valens</i>	Anthologium, 6.9, p.261.20-27	223-224		Ad Cl.phsy.theo.11	<i>f</i> 47(a ²)

ANEXO À TESE

• | ἑκάτω ~~X~~
 || hinc ad pag. 8 || de
 in edic.
 (vna)
 v.1: "κύδις"
 σπινθηρι:
 μεραυ:
 κλεαυ: